# IN MEMORIAM
# DE CAMILLO

# IN MEMORIAM DE CAMILLO

COORDENADO POR E. A. e V. A.

DIRECÇÃO ARTISTICA DE SAAVEDRA MACHADO




CASA VENTURA ABRANTES
LIVRARIA EDITORA — 80, RUA DO ALECRIM, 82 — LISBOA
MCMXXV

*Á MEMORIA GLORIOSA*
*DE*
*CAMILLO CASTELLO BRANCO*

*D'esta obra fizeram-se duas tiragens: uma, em papel velino, de 150 exemplares numerados e rubricados pelos organizadores; outra, de 1.000 exemplares, em papel vulgar.*



# AOS LEITORES

EM 1916, minha mulher começou a reunir os esparsos camillianos de revistas e jornaes, pretendendo assim iniciar uma Bibliotheca de tudo que tivesse sido publicado e não houvesse ainda sahido em volume.

Não nos foi possivel realizar tal intento, porque a sua Alma partiu, deixando apenas compilados uns artigos que em 1918 sahiram com o titulo *Como Deus Castiga* e *Esparsos*.

O *In Memoriam* de Camillo devia ser o fecho com que os iniciadores pretendiam finalizar a sua empresa, mas faltando o auxilio da sua melhor collaboradora — a quem cabe nesta hora toda a gloria da sua tarefa — a respectiva publicação foi retardada, embora de ha muito tivessemos alguns dos artigos que hoje publicamos.

Assim, este livro que devia sahir ha mais tempo nem por isso perdeu nada da sua opportunidade, antes ganhou, nas pesquisas da iconographia que illustra esta obra.

Se a falta de algum thema aqui se faz sentir, não foi devido a que não tivessemos a lembrança de o solicitar. As vicissitudes, porém, de alguns dos nossos homens de letras não permittiram a sua elaboração, com pesar dos seus desejos e com muito mais pesar dos leitores e do modesto editor.

Bastam no emtanto (se outros attractivos não tivesse este *In Memoriam*) alguns dos artigos assignados pelos mais brilhantes espiritos da geração que passa para o valorizarem, constituindo um cantico unisono ao maior genio da moderna litteratura nacional.

Na hora glorificadora em que dois povos que fallam a mesma lingua festejam a celebração do centenario de Camillo Castello Branco, estes artigos constituem os hymnos propulsores d'uma apotheose forte, enlaçados no mesmo pensamento que, dignificando o genio, avigoram os corações de duas Patrias, irmanados n'essa apotheose.

*

* *

Para os collaboradores que a morte já arrebatou, vae aqui a expressão mais sentida da nossa saudade.

Para aquelles a quem Deus ainda conserva a vida, aqui se renova o nosso maior agradecimento pela valiosissima collaboração que prestaram a esta obra, contribuindo com o prestigio dos seus talentos e dos seus nomes para que fossem estudadas e analysadas muitas das innumeras facetas do genio extraordinario de Camillo.

Entre aquelles que sempre se mantiveram fieis ao desejo

de acompanhar a publicação d'este *In Memoriam* e que mais dedicadamente para elle trabalharam, muito contribuindo para que aqui ficasse recolhida uma parte, sem dúvida importantissima, da iconographia camilliana, merece especial menção Saavedra Machado, espirito delicado e correcto de Artista, de cuja mão saiu toda a graciosa serie de desenhos decorativos que encabeçam e fecham os artigos d'este volume, além de algumas paginas de Arte que muito o embellezam e enriquecem.

A todos os nossos collaboradores e a esse querido Artista, renovamos a sincera expressão do nosso mais profundo agradecimento.

Outubro, 1924.

O Editor.
V. L. A.





DESENHO DE SAAVEDRA MACHADO



# NA MARGEM DE UMA CAMILLIANA

QUEM como Camillo manejou a lingua portugueza dando-lhe articulações novas, modismos inéditos, graça no dizer, sonoridade na phrase, e aquelle sabor *Camilliano* que não se confunde, e que tem feito naufragar tantos imitadores, anda sempre na pratelleira dos *reservados preciosos* d'aquella estante espiritual, que todos trazemos dentro em nós, collocado a par de Antonio Vieira, de Manuel Bernardes, de Frei Luiz de Sousa, de Rodrigues Lobo é de D. Francisco Manuel de Mello.

E, mais espontaneo que qualquer d'elles, Camillo deu á *falla lusa* duas notas que o patriciado dos classicos desconhecera — *O Riso* e *as Lagrimas*.

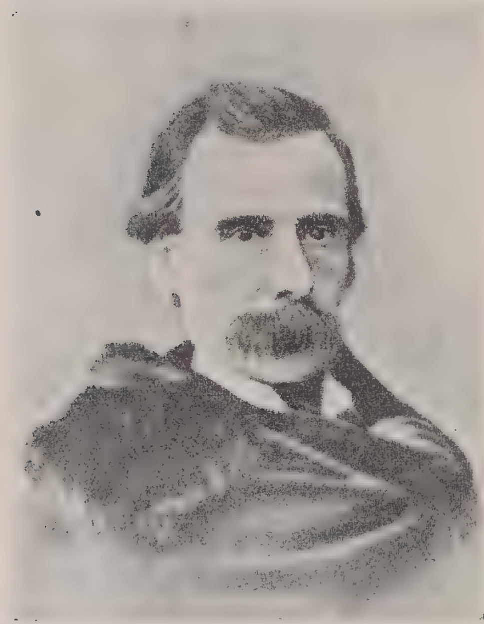
E' que com lunetas feitas de Ironia os seus olhos observaram incisivamente os ridiculos que o rodeiavam.

E' que a sua alma doente ensinou-lhe o segredo de expressar a Dôr.

Riu e chorou!

Foi humano! Foi genialmente humano.

Entre a zombaria e a amargura Camillo abria por vezes parenthesis de affavel sociabilidade que faziam as delicias dos seus intimos, e que eu tive occasião de apreciar, na unica vez que lhe fallei.



FOTOGRAFIA DE CAMILO — 1870

Foi em Coimbra, n'uma casa da Rua Larga, junto á Universidade.

No decorrer da palestra veio a pello fallar-se no romance intitulado: *Lucta de Gigantes,* que elle urdira com antepassados meus.

Sem entrar na critica da obra (eu era então um estudantito, um fedelho, Camillo era uma gloria consagrada) mostrei um leve reparo, extranhando os seguintes periodos que rematam a interessantissima narrativa:

«A lucta, não menos brava, contra os condes de Soure, ramo collateral dos Mascarenhas, acabou tambem por 1730, casando o quarto conde de Soure, D. Henrique Joseph, com D. Thereza Ignacia de Moscoso, filha de Vasco Fernandes Cesar, conde de Sabugosa.

Duas mulheres, com angelicos dedos, aproximaram e identificaram corações inimigos tantos annos!...

Penso que os descendentes destes illustres personagens vivem hoje na mais santa harmonia.

## IN MEMORIAM DE CAMILLO

Para mim é de fé que este livrinho não vae a mãos de S.S. Ex.as. Todavia, se por eventual sorte d'esta livralhada futil, lá chegar isto...

— Pensaria o Mestre, disse-lhe eu, que não houvesse entre a minha gente alguem capaz de o ler?

Elle então, com um sorriso que espiritualisava, n'um geito agradavel de physionomia, aquelle rosto tão feio, respondeu com apparente modestia, cortando a phrase com referencias lisongeiras aos meus:

— « O que eu queria dizer na minha era que não julgava o romance merecedor da attenção dos descendentes d'aquelles que pintei gigantes. »

O Mestre com esta sahida engenhosa, voltava o bico ao prégo, deixando-me captivo e desvanecido.

Já lá vão muitos annos, mas a voz de Camillo sôa ainda na minha memoria auditiva, entre as recordações interessantes que a povoam.

St.º Amaro.

CONDE DE SABUGOSA





# CAMILLO INCOERCÍVEL

A «individualidade de Camilo»[1] faz lembrar uma dessas gigantescas e ruidosas catadupas, nunca serenas nem domáveis, que se despenham de enorme altura, rolando vagalhões espumosos; — catadupas ingentes que, parecendo exprimir um raro capricho da natureza criadora, infundem respeito e admiração, por ventura assombro.

E o tempo vai passando e a cachoeira não deixa de correr e soar, sempre nova e frement, sempre caudalosa e tonitroante, estilhaçando aljofres e cristais, zombando da brevidade dos séculos e das gerações, assombrando os homens que viveram ontem, os que vivemos hoje e os que hão-de viver amanhã.

Tal é Camilo, imortal e rútilo, já estudado e ainda por estudar, já conhecido e ainda por conhecer, Camilo multiforme e nunca suficientemente apreendido, porque todos os

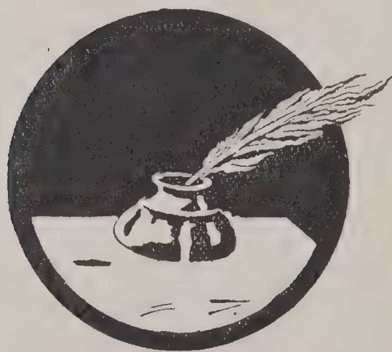
[1] Amplo assunto, vagamente proposto pela Livraria Ventura Abrantes.

dias, a toda a hora, nos aparece coleando sob um novo aspecto, num paradoxo inesperado, numa antinomia flagrante, disperso em retalhos de alma, em dezenas de livros, em confidências epistolares, mas sempre uno e completo — *totus et unus.*

Individualidade poderosa, que no conflito dos seus mesmos factores parece haver modelado a sua ductilidade e retemperado a sua consistência perduráveis, por mais que êle a dispartisse não fazia senão articulá-la complicando-a, desorientando assim os psiquiatras e os psicólogos, os biógrafos e os críticos, os teólogos e os livres-pensadores, os crédulos e os scépticos, pelo que se torna talvez mais fácil romancear a sua lenda do que reconstituir a sua biografia, ou então, mais fácil negar que um homem do século XIX pudesse ter realizado as metamorfoses dos deuses fabulosos do que provar que realmente tivesse existido, vegetando no olimpo mesquinho das letras lusitanas, um homem tal como êle foi

Paço d'Arcos.

ALBERTO PIMENTEL





# AS RUINAS DE S. MIGUEL DE SEIDE

FOI num dia lindo de setembro que visitei Seide, na companhia do sr. José de Azevedo Menezes, escritor e erudito dos mais distintos d'este país e ilustre presidente da Comissão Camiliana de Famalicão. O meu respeitavel amigo e parente pusera ao meu dispôr um automovel que em vinte e cinco minutos transpõe, sem pressa, a distancia que separa a nobre residencia do Vinhal da infortunada casa de Camilo. Pleno Minho, verdejante e claro. D'um lado e d'outro da estrada, festões de vides, floridas de cachos maduros, enroscam-se nas carvalheiras cobertas de poeira e de sol. O percurso é mau, como o da maioria das estradas de Portugal — mas o doce vergel minhoto, enfestado de brenhas e de bouças, sorri na ternura fecunda do estio. O automovel toma por um caminho d'aldeia, entre carumas e casas pobres; detem-se um momento, num desvio d'um portal, sob uma ramada alta,

para dar passagem a um carro de bois que sobe, chiando da labuta dos campos; continua, saltando sobre os pedregulhos e as covas do atalho e, de subito, numa volta, entra numa especie de terreiro ou largo solitario e estaca junto d'um portão envelhecido e triste. E' S. Miguel de Seide. O meu amavel companheiro mostra-me, atrás do portão entreaberto, uma parede enegrecida e esburacada pela devastação d'um incendio. Apeio-me, comovido; olho longamente



JARDIM DA CASA DE CAMILO — S. MIGUEL DE SEIDE

as ruinas humildes, erguidas como uma tragica e sacrilega imprecação, na claridade sem mancha da paisagem. E' o que resta da casa de Camilo. Os meus olhos fixam as ruinas, onde ainda se desenham o perfil chamuscado das janelas, das ombreiras das portas, as escadas de pedra enodoadas pelo sofrimento e pelo tempo, e o boqueirão quadrado, formidavel, sombrio, que o telhado, aluido pelas chamas, deixou voltado para o ceu.

D'essa boca dolorosa e enorme, comida pelo fogo, dir-se-hia que sae um grito rouco de angustia e um halito de

desgraça. E' um esqueleto, aquilo — mas contorce-se, soluça, blasfema, como um uivo de desespero, na ecloga tranquila e terna do horizonte. Desmantelado ninho da fatalidade, que abrigou o genio da maior desventura portuguesa do seu tempo, dilacerado, queimado, quasi informe, a sua agonia enluta e enche o espaço. Contemplo aquela mancha, ruida pelo fogo — e oiço, oiço claramente, no ar diafano e azul, a voz de dôr que d'ela se eleva; sinto-a atravessar os montes e alagar os prados, como um eco de tempestade; sufocar o noivar dos ninhos e inundar as veigas e os pinheirais; rolar na imensidade indiferente da Natureza; abafar como um grito enorme de loucura, a paz vergiliana dos casais e das cearas — estrebuxar, sofrer, gritar o seu agoiro e a sua miseria! Descubro-me, instintivamente; amarrado ao chão, àquele chão sagrado e amargo, não posso desprender os olhos do templo derruido e doloroso.



FACHADA INTERIOR DA CASA DE CAMILO
EM S. MIGUEL DE SEIDE
DEPOIS DO INCENDIO DE 1915

Uma palavra corta o meu torpor e a minha devoção. Ao meu lado está uma neta de Camilo. E' Rachel, filha de D. Ana Correia. A dois passos, conversando com o meu companheiro, um rapaz magro, anguloso, modesto. E' Nuno, outro neto do romancista. Moram ambos com sua mãe na casa fronteira, que Silva Pinto começou a construir, ao lado da habitação do Mestre e que depois, Ana Placido concluiu. Prevenidos da nossa visita, esperavam-nos. Viram o auto-

movel e desceram ao nosso encontro. Estendo a mão aos descendentes de Camilo, examino-os com curiosidade. Não é dificil lêr-lhes no olhar e nas faces o estigma de infortunio, que foi a sua herança.

Atravessamos então o portão e entramos juntos no quintal da casa de S. Miguel de Seide. A' nossa esquerda ergue-se logo a pequena e celebre memoria comemorativa da visita de Castilho e Tomaz Ribeiro á tebaida do escritor. Nem essa pobre coluna foi poupada pelas injurias da adversidade. A furia e o vandalismo de garotos apedrejaram-na, mutilaram-na. Ana Correia mandou-a restaurar, mas as cicatrizes ficaram, rasgadas e visiveis na pedra.



MEMORIA DA VISITA
DE CASTILHO E THOMAZ RIBEIRO
A S. MIGUEL DE SEIDE

Mais meia duzia de passos — e estamos em frente das ruinas da morada do grande escritor do «Amor de Perdição». Uma arvore esbraceja, esguia e melancolica. E' a acacia do Jorge. Percorro com a vista o logar santo.

José de Azevedo Menezes e Rachel vão guiando a minha devoção.

Além era o quarto de Camilo; naquela janela, do outro lado, voltada para a estrada, o seu gabinete de trabalho. Foi ali que, ha vinte e seis anos, numa tarde de Junho, quente e doce como esta, o romancista apontou um revolver á ca-

beça — e se matou. Aquela terra que eu piso, pisou-a ele, outr'ora; diante desta paisagem, em que sorri a graça dos jardins, esmoreceu e apagou-se a luz da sua vista, de infortunio em infortunio e de sombra em sombra! Subo uns degraus — olho o scenario admiravel, iluminado pelo sol de setembro. Além, é Prazins; acolá Landim, Ninães, a montanha de Monte Cordova. Todos estes nomes evocam a obra e a gloria do Morto — são almas que se fundem na recordação imortal da sua alma.



BUSTOS DE HERCULANO E DE RACINE
E A PASTA E «BONETS»
QUE PERTENCERAM A CAMILO

E, nesse momento, parece-me que as velhas paredes desabrigadas se unem, tomam forma, revestem o seu antigo aspecto e a sua antiga vida.



CANDIEIRO, TINTEIRO, PENAS,
CAIXA DE RAPÉ, LENÇO, CARTEIRA, CHAPEU, ETC.,
QUE PERTENCERAM A CAMILO

Vejo Camilo em cima, junto á mesa em que escrevia; descubro sobre a sua cabeça o longo «bonet» de pala que lhe resguarda os olhos. O modesto aposento anima-se da sua

existencia familiar. Sobre a larga mesa, a jarra que esteve em Africa na sepultura de Vieira de Castro; aos lados, os bustos de Herculano, Pascal e Racine que Camilo tinha no seu gabinete; perto da sua mão palida e tremula, o tinteiro, a caneta, a caixa do rapé.

Vejo a poltrona, onde ele se sentava; o divan, que teve depois, durante horas, o seu cadaver. E, como uma sombra que passa, através de uma vidraça no outro extremo da casa, parece-me ver o vulto pesado, sofredor, silencioso, de Ana Placido — que recorda e chora.

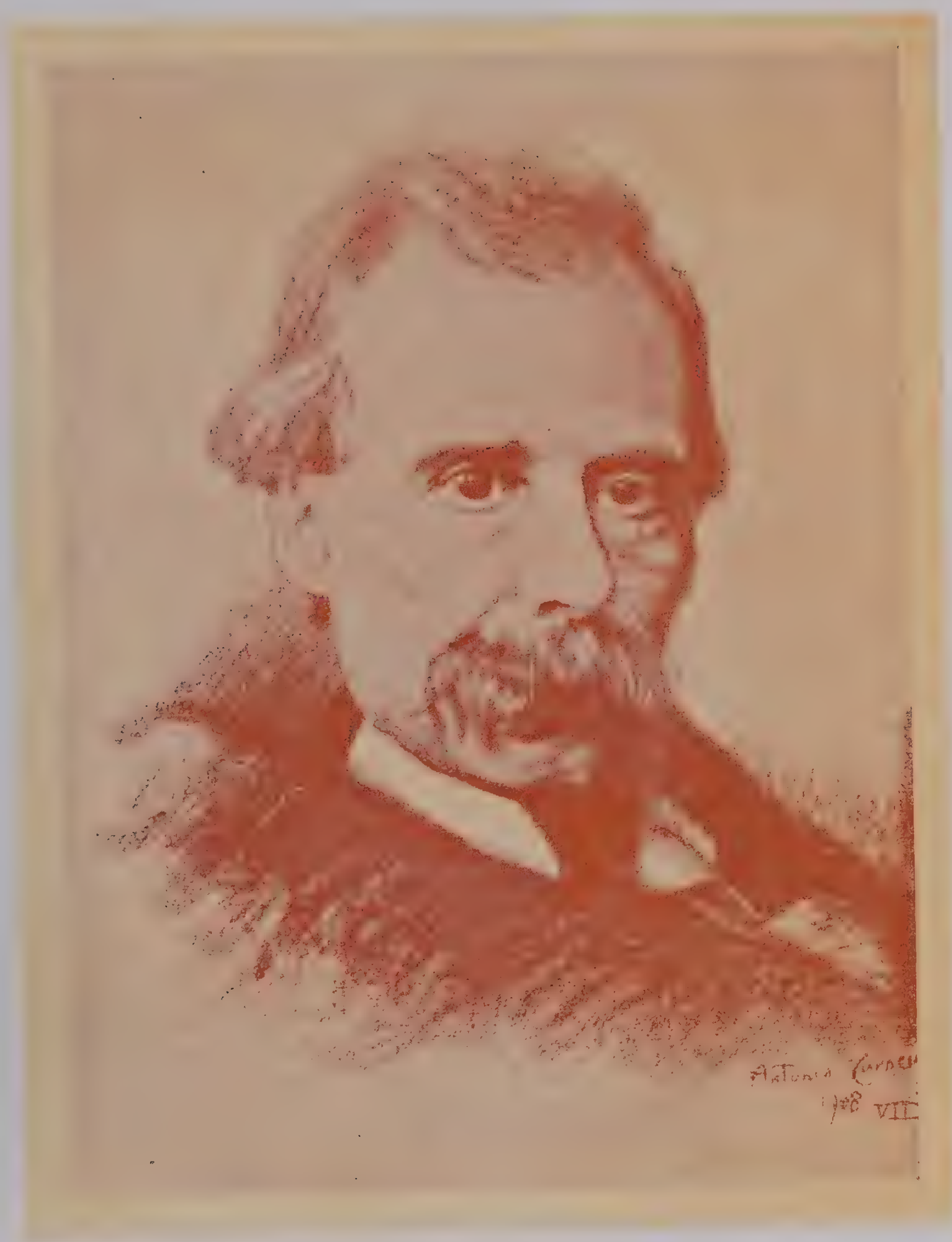
A realidade desfaz as nevoas da minha imaginação. O fantasma das ruinas ergue-se, ante mim, — implacavel e tragico. Deus do ceu, Deus das infinitas amarguras, Deus das lagrimas e do perdão! A casa de S. Miguel de Seide, sepultura viva de dois grandes desgraçados, expia ainda o destino tremendo da dôr sem nome — longa noite sem alvorecer! — que abrigou. Oiço, de novo, a voz fatidica que se ergue das paredes desmoronadas e do silencio das coisas. E' a mesma voz de há pouco, imprecando e soluçando; é a mesma voz que pragueja e implora; é a mesma voz de sombra, estrangulada e rouca! E' a voz da desgraça, presa, agrilhoada áquela morada do genio. Tenho de fugir d'ali, preciso de fugir d'ali — d'aquele espectro de casa em que resôa, eterna, uma alma de castigo e de fatalidade!

... O automovel vôa, na estrada clara, ao lado de vinhedos ternos e arvores em que ruflam asas. E' a georgica, emotiva e doce, do Minho que volta. E só então compreendo bem o sonho encantador do meu amigo José de Azevedo Menezes e dos seus devotos companheiros camilianistas de Famalicão que vão, piedosamente, reconstruir em breve, e reconstituir a casa do romancista, para lá instalar, junto do Museu, com tudo o que resta das recordações do mestre, uma escola de primeiras letras. Sim! Que o esvo-

zear das crianças, despertar inquieto de madrugadas, inunde, como uma chama de sol, aquela morada de expiação! Talvez, quem sabe?—a voz da Inocencia e da Alegria, consiga abafar a voz da Desgraça e da Dôr e resgatar, no sonho e na candura, o longo pesadelo d'aquelas paredes malditas!

AUGUSTO DE CASTRO





CAMILO, SEGUNDO UMA SANGUINEA DO PINTOR ANTONIO CARNEIRO



# SÃO MIGUEL DE SEIDE

O sítio é vulgar e um pouco baixo, embora desafogado a nascente pelos longes dos montes de Vermoim, sôbre o vale em que se esconde a aldeia de Ninães. Em Janeiro, os pinhais do Calvário e de Ruivães, ali próximos, e os de Landim, devem na verdade, «gemer», como, estarrecido, dizia Camilo que em sua alma remordida ouvia, nas vozes da escuridão, sentenças que o condenavam... Então, quando as noites de invernia aí desciam, longas, negríssimas, humidíssimas, a enregelar-lhe o corpo, como se êle estivesse dentro das quatro paredes esverdeadas e gotejantes de uma cisterna, e a anuviar-lhe a alma, como se vivesse num destêrro; — então, o espírito de Camilo, romântico e torturado, a sonhar com o movimento, com o sol, com a vida, havia de sofrer mortais nostalgias, semelhantes, aliás, às que sentiria da solidão, ao ver-se no meio das cidades burguesas e ignaras, que o não amavam nem compreendiam. A multidão irritava-o, o isolamento matava-o.

Assim, nos vaivêns das aspirações contraditórias e da vontade incerta, se debatia, desesperadamente, a alma agitada de Camilo. Por isso, não parava; ora em Seide, ora no Pôrto, na Foz, em Braga, em Coimbra, em Guimarães, em Lisboa, na Póvoa; ora outra vez em Seide, instalando-se, e desalojando-se, passou a vida no deambulismo do exaspêro da insatisfação absoluta.

A casa de Camilo está a desfazer-se.

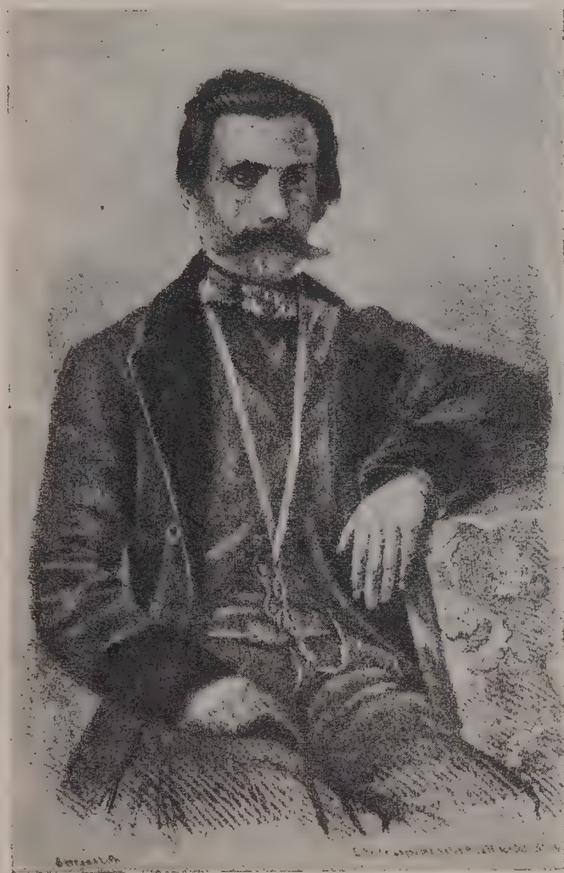
É uma suja mancha amarela, tristíssima, entenebrecendo o ingénuo torrão minhoto que a cerca com suas bouças, videiras de enforcado, lameiros verdes, campos de lavradio, cujas côres param de sorrir, como em montanha cheia de sol aquele trecho que uma nuvem negra ensombrou. A casa, onde morou o génio e a dor, espalha lúgubre sombra. Vendo-a arruinada, silenciosa, morta, estremece-se num arrepio de pavor —tanto essas paredes estão impregnadas de trágicos infortúnios.

*

* *

Desde os quinze anos, aventuras de amor emmaranharam-se nêle, românticamente, desastradamente, atingindo a culminância num drama de adultério escandaloso, que o levou à prisão e de onde Camilo saiu, um ano depois, excruciado de amarguras. Afastou-se. Gastara-se e aprendera; caíra e advertira-se; sofrera e melhorara-se; mas, porque em si a vida irrompia aos borbotões, outra vez se engolfou nela, com novas aspirações e novas desilusões, esperanças festivas e desenganos grosseiros, muito devaneio que transporta a alma, muita adversidade que a derranca. A fé anunciou-lhe o céu, a dúvida anuviou-lhe o cérebro. Foi autor e actor. O escritor do *Romance de um homem rico*,

do *Amor de Perdição*, das *Memórias de Guilherme do Amaral,* interpretou as paixões dos outros, evocando as próprias; e como essa alma era tecida de tragédia e de gargalhada, viu-se, ao lado dos desalentos que a avergavam, enflorar nela muito aspirar altaneiro, e assistiu-se ao sacudido espectáculo de a ver saltar da ternura à troça, da troça às lágrimas. Um genial desequilíbrio de sentimento o enchia todo, e isto bastou para elaborar nêle a sua obra de paixão, e para explicar a versatilidade das suas doutrinas, as intermitências da sua fé, os desvios da sua moral, a inconstância do seu carácter. Muitos dos seus livros são escritos de improviso. São produto de intuição — a flor do génio. A sua obra, como a sua vida, é intensa, desordenada, grande, desigual, alegre e trágica. Com o tempo a todos perdoou, excepto aos desenganos que mais fundo o feriram; e isto fêz dêle próprio o seu maior inimigo: seus sarcasmos teem raízes em lágrimas de fogo e de blasfêmias.



RETRATO DE CAMILO REPRODUZIDO DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO ROMANCE «UM HOMEM DE BRIOS», 1856, DESENHO LITOGRAFICO DE SERRANO

*
* *

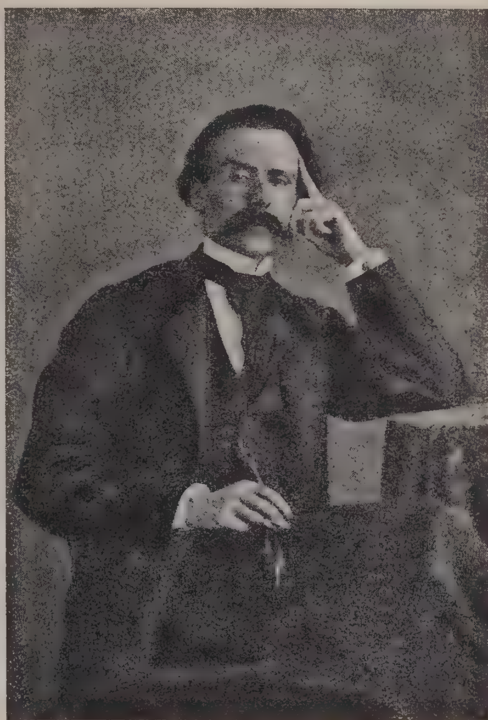
¡Romances de amor!

Vós, mulheres portuguesas, amai-o sempre, porque Camilo foi o mais sagaz e carinhoso intérprete do vosso coração. Elevou-vos. Deveis-lhe as maiores homenagens. Todos os graus do amor, desde que êle não é ainda senão um arfar mais fundo do vosso peito iludido; um olhar mais demorado e já quebrado; uma atitude de cabeça combalida; um gesto de mãos pensativas; uma sombra de melancolia em vosso rosto alegre; desde estes nadas, que são mundos, até às violências da felicidade ou da dor; todos os aspectos: aquele amor tímido que se esconde, e aquele amor vaidoso que se exibe; o amor passivo da mulher meiga, o amor consciente da mulher orgulhosa, e o amor explosão da mulher arrebatada; — todos estes modos de ser do mesmo cuidado, que é prazer e dor, que é vida e morte, Camilo entendeu e exaltou.

Nas mãos dêle andaram os vossos mais bonitos segredos de amor Vivem na sua obra os tipos perfeitos de mulher amorosa dêste amor português que alguns chamam romântico e que eu chamarei divino, ¡porque é divino tudo o que não é dêste mundo! Vão mudados os tempos, bem sei. No amor, o espiritualismo é contido pela análise. A alma de Platão anda arredia das almas modernas...; e se dantes os corações devaneavam em quimeras, os de hoje sofreiam seus ímpetos no cálculo assisado da vida prática. No entanto, ainda por aí freme, em corações moços a ansiar de sonhos, muita insistência de raça afectuosa, muito irredutível atavismo de sentimentalidade que rebenta e estruge em ¡gritos de amor fatal! Essas almas compreenderão as grandes amorosas de Camilo.

# IN MEMORIAM DE CAMILLO

A Virgínia do romance *Memórias de Guilherme do Amaral* é o tipo do amor consciente que, amando sem poder inspirar amor semelhante ao seu, tem o orgulho do que vale e da embriaguez de felicidade que poderia levar a quem desse o seu opulento coração.



CAMILO
SEGUNDO UMA FOTOGRAFIA DE 1860

¡ Incompreendidas, essas mal-aventuradas heroínas acabam por amar a sua dor, e maceram-se a sorrir, bemdizendo o homem mau que as faz sofrer; regeitam consolos à sua amargura; amam o desamparo como amariam a doce companhia sonhada; humilham-se com gôsto; sacrificam orgulho e dignidade; põem prazer em despenharem-se e, cercando o amor de superstição e de fanatismo, quedam-se vencidas por se julgarem condenadas por Deus «ao infinito inferno do amor»! A's vezes, encontram nos afagos da humildade religiosa o deleite dos seus remorsos serenos... A Mariana do *Amor de Perdição* é o tipo do amor impronunciado, que vive oculto no silêncio da alma e que de si próprio se alimenta. Rebuça-se em mistério; é sua divisa desinterêsse e generosidade; e, desejando o infinito, com um nada se contenta: um gesto, um sorriso, o consôlo de um olhar terno... ¡Com um beijo — ¡o primeiro e o último! — dado no cadáver, ainda

quente, de Simão Botelho, Mariana se considerou paga da sua mocidade perdida! ¡Grandes figuras de mulheres, essas, a interrogar o céu, o mar, as coisas, em busca de quem lhes entenda as ânsias divinas das suas almas incendidas e lânguidas, que, por fim, o amor precipita nas catástrofes da loucura ou da morte! ¡E como o escritor é enorme nesses lances de dor ingente! — são sacudidelas bruscas estracinhando o coração em choros e soluços. Camilo, que tinha, com a penetração das lágrimas, aquele gôsto romântico pela desgraça, estudou como ninguêm o amor-paixão que, uma vez estrangulado, nas lágrimas se lava, mata quem o sofre, mas não é vencido. A Isabel do conto *Como ela o amava* atira-se à voragem do Tâmega para se abraçar ao cadáver de João Lôbo, e, mortos, ¡noivarem por entre as raízes dos salgueiros comovidos, nas delícias da noite infinita das aspirações de Tristão e Isolda! Essa amantíssima Maria de Nazaré, da *Doida do Candal*, a quem um duelo de morte roubara dos braços um amante querido, corre louca, por entre as floridas acácias do jardim que a vira feliz, soltando gargalhadas e uivos asfixiados pelos soluços e pelo pranto.

A Albertina, de *A filha do Doutor Negro*, formosa e do mais fidalgo amor, acabou a pedir esmola nas ruas do Pôrto. A Brites tecedeira, do *Segundo Comendador,* definha-se e envelhece esperando quarenta anos por um noivo ausente, com quem ela, aos vinte, trocara certa palavra de amor, por certa noite de luar. A Marta, de *A Brasileira de Prazins,* quando não pode mais chorar nem rezar pelo namorado que a morte lhe levara, endoideceu, e a rir dialogava com o morto como se o vira presente, e dizia-lhe palavras tão cariciosas que parecia falar com os lábios postos na face amada. A Teresa, do *Amor de Perdição*, enclausurada no mosteiro de Monchique, ao abrir de uma

manhã de primavera que enflorava as colinas do Candal, arrasta-se moribunda, até o mirante do seu convento, sôbre o Douro; e, depois de reler, com olhos já sem lágrimas, as cartas mais ternas do seu namorado — aquelas em que melhor brincava o engano das aspirações felizes; depois de as atar com fitas desenlaçadas dos ramos de murchas flores tanta vez beijadas; Teresa crava os olhos num navio escuro que vai descendo o rio, e lhe leva, entre



UM ASPECTO DA CASA DE CAMILO

condenados, o seu Simão; — ¡crava os olhos, e agitando, por entre os ferros das grades, o lenço branco da despedida derradeira, morre a balbuciar, entre lágrimas e sorrisos, o nome do seu amado!

¡E outras, e outras, a quem o amor perdeu!

.......................................................

¡Mulheres de Camilo!

¡Virgínia, Teresa, Mariana, Augusta, Marta, Isabel, Joaquina, Eduarda, Brites, Albertina, Maria da Glória, Maria Moisés, Maria de Nazaré — amorosas de Camilo, almas sem

ventura, no mar das vossas lágrimas desaguarão sempre as enternecidas simpatias dos que vos entendem!

¡Oh Camilo dos raptos e das aventuras; dos duelos galhardos em clareiras doiradas; dos namoros misteriosos na penumbra das grades dos conventos; dos fados chorados em ruelas a horas mortas sob o luar doente; ¡oh Camilo das entrevistas amorosas de corações comovidos de felicidade, vendo perpassar visões amáveis e sentindo os beijos da aragem perfumada! Muito te devem os espiritos que precisam de se alimentar da graça da vida. Tu alindaste as almas, pois o amor abre sorrisos ainda mesmo nas faces dos maus; e porque nas paixões romanescas tanto ama o coração como a fantasia, tu, Camilo, tornaste a vida leve, embriagando os espíritos em devaneios musicais...

Se, com o andar dos tempos, outra idade vier em que os sentimentos se alterem no sentido de atrofiar no coração a doçura de amar, desenvolvendo no cérebro as frias qualidades de juizo reflectido; se o poder dos afectos passar a ser coisa morta, e a inteligência serena a fôrça única nas relações de vida; emfim, se se chegar à falência definitiva do coração, teus livros, Camilo, ficarão entre os grandes documentos da raça latina para mostrar quanto era meigo e forte — quanto valia! — o amor de uma mulher portuguesa.

*

* *

¡E como êle amou a sua língua — a nossa querida língua portuguesa!

A princípio, seu estilo, já rico, tem a sincera ênfase do amor exaltado que êle serve e o precipitado andamento da paixão que não escolhe palavras. Na fase do

romance histórico, a mão que folheia, com vagar, os velhos documentos, folheia tambêm os duros livros de prosa antiga e os intumecidos léxicos portugueses — guardiões da língua na tradição da estrutura e dos termos; e tal é o assombro ante a abundância aí encontrada, que o escritor, aturdido, enterra nela as mãos e, às braçadas, atira para os livros essa fartura de vocabulário, não sem que, nos ímpetos do entusiasmo, consiga esconder a preocupação de passar para os seus romances todo êsse erário de palavras e de sinonímias empilhadas nas altas colunas dos arcaicos glossários. Mas vem, finalmente, um período em que, desaparecendo todos os excessos e guardados todos os equilíbrios, a prosa do mestre atinge, na máxima fôrça sem violência, a máxima expressão com naturalidade, variedade e elegância. Aqui, neste retiro de São Miguel de Seide, entram-lhe pelas janelas da sua sala de trabalho, na onda de vozes várias — no pregão das peixeiras, na gíria dos almocreves, na bulha de palavras e peguilhos de frases entre mulherio desbocado — entram-lhe pelas janelas os plebeísmos grosseiros e caem-lhe nas páginas de prosa clássica em que o escritor gasta seus olhos, esmiolando, por entre períodos seguidos de lial insipidez, perdidos vocábulos de preciosa evidência, ou polido dizer de frade artista. Ficam-lhe nos ouvidos os prebeísmos e nos olhos os



FACHADA EXTERIOR DA CASA DE CAMILO
EM S. MIGUEL DE SEIDE
DEPOIS DO INCENDIO DE 1913

arcaísmos; e a vivacidade de uns e o culteranismo de outros casa-os seu bom gôsto servindo sua prosa; e de tal arte que ela nem fica bafienta das expressões obsoletas que enchem êsses in-fólios, nem charra do calão ouvido aos desordeiros das feiras minhotas, que, à luz apurpurada dos alevantes impulsivos, cospem nas mãos surradas e arrancam contra magotes inimigos, floreando no ar o lódão varredor. Pelo contrário, tem sabor vernáculo sua prosa ennastrada de plebeísmos e de neologismos adrede compostos; e sacudidos requebros ultra-modernos certos períodos tauxiados de palavras em desuso. A's vezes, para marcar irrequietos aspectos da vida de hoje, serve-se das palavras mortas dos livros traçados; outras é com termos e trejeitos de linguagem falada, ouvida à última recoveira, que êle movimenta e ergue diante de nossos olhos, em pé e vivas, essas góticas figuras da lenda antiga, antes emmaranhadas nos elzevires dos nobiliários e das crónicas fastientas; e, repito, de maneira nenhuma sua prosa fica ronceira ou presumida, mas sempre poderosamente expressiva e marcadamente individual.

Nas suas mãos, os termos enfáticos, tratados com urbanidade, parecem naturais; os ásperos amaciam-se na tonalidade bem achada dos que os cercam; os obsoletos perdem rigidez; os vulgares ganham respeito; e foliam entre si, amáveis e tolerantes, as sisudas palavras eruditas com o gaiato tagarelar do povo folgazão. Averba substantivos; latiniza plebeísmos; lusitaniza provincialismos; e na ânsia de agitar expressões marasmadas, de tornar rútilas as esmaecidas, e dúcteis as agrestes, desarticula prefixos, muda desinências, divorcia partículas verbalmente casadas, inventa onomatopeias reflectidoras do som das vozes significadas, e reforça e acelera, com prepositivas, verbos que lhe parecem retardados de movimento; emfim, muda, compõe e cria vocábulos e estruturas, sempre que precisa de realizar

enérgicas expressões de vida, repuxadas pelo seu convulso temperamento de artista exuberante. E em todo êste maciço de palavras — artísticamente equilibado nos seus matizes metálicos, nos largos ritmos em que as frases se ajeitam, nas flexuosidades da sintaxe livre — em todo êste



LARGO FRONTEIRO À CASA DE CAMILO, EM S. MIGUEL DE SEIDE

maciço de palavras não há um desvio de simpatia por termo exótico ou construção bastarda, mas, pelo contrário, mantêm-se íntegro o génio da língua portuguesa.

*

* *

Nesta casa, onde hoje há abandono, frio, noite e espectros, escreveu o mestre as maravilhosas *Novelas do Minho*, ao mesmo tempo, que a sua alma torturada testemunhava, dia a dia, os avanços da loucura do seu amado Jorge que, uma tarde, ¡ameaçou o pai de o correr a ponta-pés de Seide para fora! Riu aqui as troças formidáveis dos

*Críticos do Cancioneiro,* de *A Senhora Ratazzi,* e as chalaças da *Corja* e do *Eusébio Macário,* quando a almn se lhe ennoitava, pressentindo a cegueira próxima. Batia-se gigantescamente nas polémicas da *Questão da Sebenta,* gargalhando alto, do motejo à zombaria, no *O Vinho do Pôrto* e na *Maria da Fonte,* no mesmo período da sua vida em que no coração se lhe mirrava o cadáver de uma



OUTRO ASPECTO DA ACAÇIA DO JORGE, AO FUNDO A CASA DE CAMILO

neta querida que lhe morreu nos braços, poucos dias depois de êle ver agonizar a mãe. Já não amava a mulher por quem cometera as mais desabridas loucuras de paixão, e tinha de viver com ela, lado a lado, sob o mesmo teto, a vida inteira, numa dolorosa atmosfera de recíprocas recriminações, dizendo-se amarguradas ironias, afastando-a de si, ¡ detestando-a talvez! Reconhecia que o seu corpo avelhentava, quando ainda o coração fremia de mocidade amorosa; mas, querendo fugir a tanta angústia, sentia-se agrilhoado; mas, querendo morrer para acabar, ¡ tinha mêdo da morte!

## IN MEMORIAM DE CAMILLO

Nesta casa funesta lutou Camilo com o desamparo e quási com privações; foi enxovalhado pelos medíocres e esquècido por uma geração literária que o desestimou por o não sentir nem o compreender; e ao fim de tanto sofrimento, começou para êle a noite horrível da cegueira, martirizando-o anos seguidos, tendo debaixo do travesseiro um rosário e um revólver, começando o seu dia a orar e terminando-o a imprecar, até que, de tortura em tortura, de desespêro em desespêro, acabou por meter uma bala na cabeça — bala inclemente que prolongou a vida numa lacerante agonia de duas horas.

*

* *

¡Como essa casa é espêssa de dor!; ¡como estas paredes ressumam desgraças! Camilo refugiou-se nela para descansar, «em cata do bálsamo dos pinheirais e das fragâncias das almas inocentes» e, afinal, ¡nunca penou tanto em dias de vida, jamais sentiu maior Inferno!

A casa de Camilo, em Seide, está a desfazer-se. Ainda bem! E eu que, há anos, lancei, pela primeira vez, a ideia de se reconstituir essa morada e nela pôr um Museu Camiliano, semelhante ao de Goethe, em Francfort, ao de Schiller, em Weimar, ao de Hugo, em Paris; Shakespeare, em Strafford; ao de Dante, em Florença, — penso hoje que é de maior caridade e de melhor justiça arrasar esta casa, de maneira a não ficar pedra sôbre pedra, dispersando todos os destroços, queimando todos os vestígios, apagando para sempre e absolutamente as testemunhas materiais das misérias que moraram ali, para que êste bocado de terra inocente que, durante quási meio século, sofreu o immerecido castigo do pêso da dor ingente, descanse, emfim; ¡e, laborada pelo arado honesto

e abençoada pelo semeador, floresça em espigas e dê pão! Não sendo assim, que se escolha êste sítio para levantar um monumento a Camilo, o qual deve ser a ruína da sua própria casa, cercada de alta grade, de cadeia e de cemitério, e depois abandonada às chuvas, aos ventos, aos raios — às tempestades, — a arruìná-la cada vez mais nos telhados, nos sobrados, nas janelas sem vidros, nas portas escancaradas à noite, ao luar, crescrendo, nos beirais, nas paredes fendidas, nos fasquios podres dêste montão de ruínas trágicas, os tortulhos, os ervaçais, as silvas, zambujeiros bravos, onde se acoitam cobras e corujas, em negrumes fundos, para que tanta miseria dê ideia do infortúnio ingente que morou aqui, numa agonia de anos longos como séculos; — e esta será a mais exacta *memória* que se pode erguer ao génio trágico que em São Miguel de Seide penou e resplandeceu.

ANTERO DE FIGUEIREDO





# CAMILLO

*Labor et Dolor.*

É pelo menos de uma grande incoërencia, tanto pela obstinação do incondicional aplauso, como pela grosseira injùstiça do conceito depreciativo, tudo quanto entre nós se tem escrito até agora a respeito de Camillo e da sua Obra.

Representantes de escolas opostas, adventicios das letras e candidatos a mestres, inclinados a dedusir do silencio de um publico indiferente e moralmente exgotado a rasão da indiscutivel autoridade das suas opiniões, todos, uns como sabem, e outros como pódem, teem emitido a respeito de Camillo os mais encontrados e inconciliaveis propósitos. Camillo continúa a ser, pois, para estes bandos em armas, ora a maior personalidade litteraria do seu tempo (1854-1886), ora um mesquinho adelo de romances, sem ideias, quase sem equilibrio mental e sem originalidade.

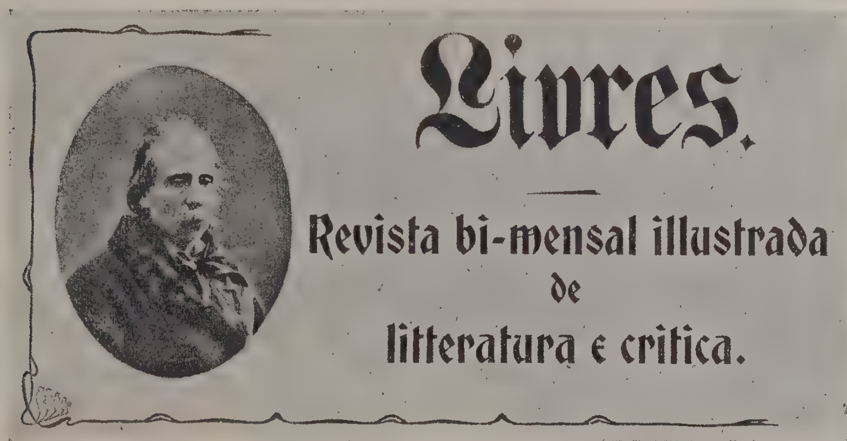
Compreende-se sem grande esfôrço esta deploravel confusão. Ela deriva, em regra, da anarquia mental do nosso tempo, anarquia que, por sua vez, procéde da vagabundagem espiritual de alguns escritores com que o ruido inconstante e versatil do noticiario vae, aqui e acolá, quebrando o silencio comatoso da redusida porção do publico que ainda lê.

Na verdade, a critica exacta e, por assim disermos, scientifica, da complexa e por vezes contradictoria figura litteraria de Camillo — como critico, como artista, como ironista, e, sobre tudo, como romancista — ainda não está feita. Quando se fará? Este é, por emquanto, o aspecto culminante da questão. Pelo menos, por agora, é cêdo. Camillo, como todos os seus grandes modelos de infortunio, desde Cervantes a Heine, feriu muitos vicios, muitas irritantes vaidades, muitos pedantismos de occasião. Nessas execuções, algumas delas memoraveis, chegou a ser cruel, inexoravel, impiedoso, mormente quando (o que nem sempre lhe succedeu) foi justo. Desses golpes formidaveis restam ainda vestigios na memória dos atingidos, e na sensibilidade moral dos comparsas litterarios que hoje os representam. E quando se é cruel com um adversario, e a vára do lictor é, ao mesmo tempo, a vara da Justiça, o vencido, bem como toda a sua geração, não esquecem nem perdoam. É humano.

A sua ironia, porém, tem muito da sua dôr; assim como no seu riso de sarcasmo bárbaro pulsa latente, ás vezes, a crise suprêma das suas lagrimas. Sofreu muito; e é, como documento vivo da sua desgraça, que devemos acceitar, sem protesto, muitas das suas blasfemias, bem como o aparente ilogismo das suas opiniões. Como da misteriosa arvore da Vida não vira ele, jamais, pender, ao seu alcance, o sonhado pômo da piedade, assim o seu protesto

é feito sempre de investidas sangrentas, de sarcasmos, e de arranques crueis. Daqui resulta a pouca fidelidade dos seus retratos, nos quaes é sempre visivel a improvisação aprioristica do eventual pintôr.

Depois, temos ainda a acrescentar o abuso que, entre nós e em regra, se faz da synthese. Ainda se, ao menos, esta tentadôra tendencia dos nossos criticos modernos não fôsse arbitraria, o mal teria no proprio erro as suas




CARTAZ ANUNCIADOR DA REVISTA «LIVRES»
PUBLICADA NO PORTO EM 1903-1907 SOB A DIRECÇÃO DE OLDEMIRO CESAR
ESTE RETRATO FOI PUBLICADO
NOS N.$^{os}$ 7 (1.$^{a}$ SERIE) E 12 (2.$^{a}$ SERIE) DA MESMA REVISTA

justas e naturaes compensações. Alguma coisa de aproveitavel ficaria nos residuos experimentaes dessas tentativas. Mas nem isso! Os systemas são tantos como os individuos, que os poem em circulação. Ha moldes para tudo, dentro dos quaes, com uma leviandade rára, se encaixa a theoria ou a hypothese pessoal, que ha empenho em fixar. A sciencia, neste caso, reveste o aspecto pueril de uma fantasia.

Todavia, este genero de trabalhos é seductor. Os gran-

des modelos que nos chegam de fóra (e este é o mal) atraem-nos e como que nos deslumbram.

Lembremo-nos, para exemplo culminante, do estudo de H. Hettner sôbre a typica idealista da escola romantica [1], verificada nos dois grandes poetas, Goethe e Schiller, no qual avulta, por uma fórma exacta, soberbamente documentada, a influencia que, embora com certas restricções de escola, a esthetica moral de Kant exerceu no espirito de Schiller. Mas estas miragens são perigosas. Sôbre faltarem por cá, e em absoluto, os grandes modelos como esses que o prodigioso critico allemão toma para formular o conceito da sua these, não ha modo de verificar, de portas a dentro, uma disciplina mental de tal equilibrio, que nos permita acceitar sem fundamentadas reservas a realidade e porventura a probidade destas investigações. Cá por casa, infelizmente, tudo é pequeno, limitado e convencional. Desta penuria nasce a confusão das theses, bem como a babel que os nossos filosofos de occasião lançam no diminuto arraial dos seus admiradôres eventuaes. Parece que é o instincto, e só o instincto, quem rége este estado de coisas, em que o equilibrio é feito unicamente de palavras convencionaes. E o instincto nunca foi um poderoso creadôr, que se subordine ao regime das ideas, e se mantenha, disciplinado, adentro de uma determinada concepção artistica, estética ou litteraria.

Em Camillo não se trata, pois, de um romancista que se ocupa de conflictos sociaes em que se revellem [2] «maneiras de experiencias moraes, próprias a serem aproveitadas pela critica dos diversos systemas de moral construi-

[1] *Die romantische Schule in ihrem innern Zusammenhange mit Göthe und Schiller.* Braunschweig, 1850.

[2] L. Arréat, *La morale dans le drame, l'epopée et le roman: Préambule.* Paris, 1884.

dos pelos filosophos.» Nada disso. Camillo é um genial pintôr de episodios da vida portuguesa no seu duplo conjunto aristocratico-burguês, com os seus multiplices preconceitos de heroicidade e de ridiculo, de pedantismos e de sinceridade flagrante; um soberbo paysagista de toda essa formosa região que vae das margens do Minho e do Lima ás serras da Beira e de Tras-os-Montes, do Cávado ao Tamega, dispondo de uma exuberancia de colorido, que nem antes nem depois dele ninguem alcançára, e tudo isto feito num primôr de linguagem portuguesa tão nossa, tão rica, tão bela, que nenhuma saudade nos faz sentir, por vezes, da que se ostenta nas melhores paginas de Bernardes e Fr. Luis de Sousa.



GRUPO EM QUE FIGURAM:

Á ESQUERDA, FRANCISCO CORRÊA DE CARVALHO, O «FISTULA» DO ROMANCE DE CAMILO «EUSEBIO MACARIO»; AO CENTRO, O ACTOR DIAS; Á DIREITA, NUNO PLACIDO CASTELO BRANCO, VISCONDE DE S. MIGUEL DE SEIDE E FILHO DE CAMILO CASTELO BRANCO

É inutil buscar, pois, nas suas concepções artisticas, uma linha de finalidade moral ou filosófica. Umas vezes é

o impulso de um protesto que o lança contra a insolencia dos costumes burgueses, ou contra o pedantismo das confrarias litterárias, não tanto, diga-se, pelo que nelas ha de irritante no dogmatismo impertinente das suas opiniões, senão que pelo espectaculo de subserviencia e de miseria moral que os seus turiferários lhes oferecem na idiotia do seu aplauso. Logo depois é a dôr, a dôr suprêma, como no *Amôr de perdição*, que o faz vibrar. Não poucas vezes, tambem, é a visão de um romanesco passado aristocrático, que o leva a traçar capitulos de uma rára evidencia, como esse, de incomparavel confronto, com que abre *O Santo da Montanha*, e outros, e muitos outros, do *Esqueleto* e do *Senhor do Paço de Ninães*. Ninguem como ele nos apresentou ainda realidades litterarias como essas, por uma alta intuição artistica, arrancadas ao viver intimo dos nossos fidalgos dos seculos XVII até aos principios do seculo que acabou, e que ele lança, com uma fidelidade unica, no côrpo dos seus escritos. Ninguem. Tudo ali é português, tudo, desde a linguagem até ao facto, desde a paysagem até o sentir, o crêr, e o pensar desses tempos. Tudo. Não são figuras que ele inventa, veste e faz falar ao estylo do seu pessoal arbitrio, como depois se fez; são puras ressurreições com que ele nos deslumbra e encanta, em que nada falta ao personagem que ele foi buscar á jazida sepulcral dos seus moimentos, ou ao encêrro dos seus solares ameados, com os seus alterosos portões de dois batentes, encimados dos seus escudos, hirtos ou á walôna, ornamentados de corrêas, paquifes e festões. Depôsto o pincel dessas inimitaveis telas aristocráticas da provincia, não tarda que nos dê, como nas *Novellas do Minho*, toda a vida dessa outra sociedade de artificios galantes e de falsas pompas que, em regra, se exibe nas praias e nas estações d'aguas, nas feiras e nos salões da provincia, pro-

curando, os seus actores, muito menos curar os seus achaques do que achar soluções de remedio aos seus varios desequilibrios orçamentaes. Fixando, em fim, o intitulado *romance moderno*, oferece-nos na *Corja*, na *Brasileira de Prazins* e no *Eusebio Macario*, modelos pelos quaes muito teem a aprender os que se reputam profissionaes no genero.

Mas que distancia, entre este ultimo estadio da sua gloriosa carreira, e aquelle com que ele abre o *Onde está a felicidade?*, a *Carlota Angela* e o *Um homem de brios!* Que foi feito do Porto do seu tempo, quando o romantismo nas letras e nos costumes, o Guilherme do Amaral e a costureira, Augusta, da *rua dos Armenios*, vinham impôr-se ao grande escriptor, como fadados a ofuscar uma sociedade feita de comendadores e barões, que já vinha sendo imposta pelo Destino para vir occupar o campo escalavrado em que, durante um seculo inteiro, se ostentaram fidalgos pimpões, potreiros e analfa-



GRUPO EM QUE FIGURAM:

JULIO CESAR MACHADO, CAMILO CASTELO BRANCO E EDUARDO AUGUSTO VIDAL. — CARICATURA (NÃO DATADA) DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO, REPRODUZIDA DO LIVRO «EM TERRA DE INGRATOS... CAMPANHAS CAMILIANAS»

bétos, começados já a liquidar em feiras, batotas e alcouces? Por que é que o genial artista, depois de ter desenhado figuras como as de Simão Botelho e Balthasar Pereira da Silva veiu a prostituir-se na contemplação do *Fistula?*

Porque já não havia outros exemplares na sociedade portuguesa?

Seria por isso?

Talvez.

*

* *

Todos estes quadros, que são infinitamente belos, não valem, quanto a mim, senão como documentos reveladores do seu grande talento, dados a ser integrados, mais tarde, e por quem o saiba fazer, no estudo da sua personalidade de escritor.

A sua figura moral, de um relevo estranho, dedusida do seu convivio epistolar, intimo, não deve ser esquecida. Ali é que a sua alma, solta emfim de todos os respeitos humanos, se abria, inteira, no coração dos que lhe mereciam as confidencias. Já está feita essa piedosa colheita?

Ha ali, de quando em quando, o mistico e o ateu, lagrimas e protestos de revolta, blasfemias, ironias e orações. Ha sempre, latente, uma grande crise de dôr. Como Cervantes, surpreende-se muitas vezes a dilacerar-se, a rasgar, num riso feito de lagrimas, as suas próprias ilusões na aparente virtualidade dos seus personagens. O seu critério, tanto artistico como litterario, fluctuante e versatil, é sempre um phenomeno de paixão.

Quantas vezes o deixei eu na posse de um conceito que ele me deu como seguro e definitivo, e fui mais tarde




CAMILO VISCONDE EXPULSANDO CAMILO ROMANCISTA — CARICATURA DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO REPRODUZIDA DO JORNAL «PONTOS NOS ii» DE 2 DE JULHO DE 1885

achar esse mesmo conceito totalmente subvertido ao pêso das ironias mais dilacerantes! Conf. *Vinte Cartas de Camîllo. (1876-1885). Porto.*

Claro: eu nunca discutia com ele. Quase sempre me limitava a ouvi-lo, quando na crise maxima das suas execuções. Deste silencio só, em regra, sahia quando ele me ordenava que falasse. E muitas vezes o fiz. Mas o principal motivo do meu silencio era acha-lo rebelde a todo o genero de dialetica. Nele tudo era impeto, arranque, fórmas variaveis e inconsistentes do seu temperamento, o qual, no fundo, tinha uma raiz unica nos seus sentimentos de amôr e de paixão.

Azurara.

JOSÉ CALDAS.

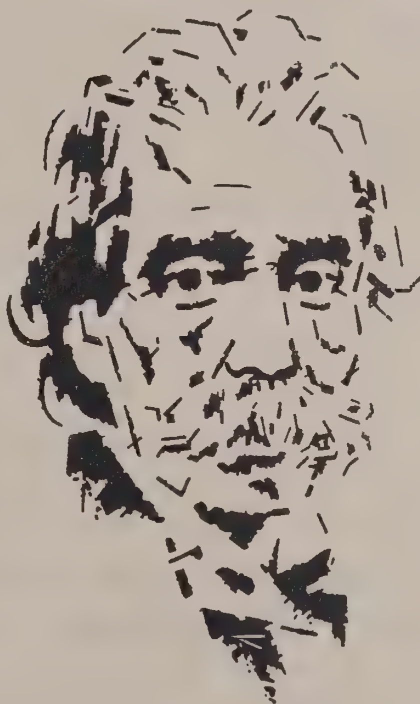




# UM PENSAMENTO

Um pensamento acêrca do eminente prosador Camillo Castello-Branco? Os pensamentos não se procuram; buscam-nos elles. De repente, folheando por acaso um dos meus interessantissimos albums de saudades, deparou-se-me a amigavel saudação, que a meu Pae enviou lá de longe a familia de Camillo em 1868, celebrando-lhe o anniversario natalicio: 26 de Janeiro. Conservo este documento como verdadeira preciosidade.

É uma pagina de cartão,



MÁSCARA DE CAMILO
DESENHO
DE SAAVEDRA MACHADO

de um palmo de altura. Em moldura typographica ornamental colorida a amarello de Napoles, vermelhão, e verde, lê-se em typos varios o seguinte:

26 de Janeiro de 1868.

Ao seu querido amigo
*Antonio Feliciano de Castilho*

Homem bom, não por virtude
Mas por indole e condão,
Bom, como as rolas são meigas,
E as rosas fragrantes são.

Enviam saudades duas almas que lhe querem muito e dous anjos que hão de amar-lhe a memoria

*Anna Augusta Placido*
*Jorge Correia Botelho*
*Nuno Correia Botelho*
*Camillo Castello-Branco*

Em baixo:

Typ. de José Pereira da Silva. Praça de Santa Thereza, 63.

Desgraçado quem não apreciar quanto affecto respira essa espontânea, singela, e eloquente manifestação.

Lumiar.

JULIO DE CASTILHO.



# A NECROFILIA DE CAMILO CASTELO BRANCO

ESCREVER sôbre a obra de Camilo é cometimento difícil. Corre-se o risco de caír na banalidade com que o grande mestre tem sido tratado por alguns dos seus biógrafos. Contudo está quási tudo por fazer.

Sob variadíssimos aspectos, a maior parte inabordados, merece ser apreciado o seu vastíssimo trabalho literário. É indispensável, porém, que a crítica ande sempre acompanhada do estudo das vicissitudes da sua acidentada vida.

Assim apetece rebuscar em obra tão complexa, variada e heterògénea, elementos que sirvam de base a investigações de ordem médica, empreza que exige um profundo exame dos seus romances, das suas apreciações, dos dados autobiográficos, espalhados através dos seus muitos volumes. O que vamos dizer é apenas um rápido escorço de trabalho de maior vulto.

# IN MEMORIAM DE CAMILLO

Desde que Sigmond Freud lançou em Viena as bases dum novo processo scientífico que redundou num vasto sistema filosófico, hoje rudemente atacado, especialmente em França, os trabalhos médico-psicológicos sôbre os mais notáveis escritores e artistas, multiplicam-se dia a dia.

A psico-análise, assim se chama a doutrina de Freud, que, tendo exageros, deixa atrás de si noções que hão de perdurar, firmou-se nos trabalhos de Krafft-Ebing que no campo das preversões sexuais fez a mais racional e interessante catalogação que se conhece, com uma colossal enumeração de casos, alguns minuciòsamente narrados. O novo sistema desceu, no exame da sexualidade, até as suas origens, fazendo recaír a mais acurada interpretação analítica sôbre a idade infantil, procurando descobrir os gérmes sexuais nas suas primeiras fases, disfarçados em manifestações tão distanciadas da primitiva formação que nem de longe poderiam ser suspeitados. São aspectos de um pansexualismo inicial que pouco a pouco se vai orientando, tomando forma, marcando tendências, criando individualidade.

O exame metódico da vida infantil, a interpretação das primitivas manifestações sexuais são as bases estáticas do sistema filosófico. A indagação psíquica através das reminiscências quási sempre esquecidas do adulto e que é possivel exumar do inconsciente em que viveram, por vezes, durante largos anos, representa o dinamismo dêste original processo de sondagem psíquica que consegue mostrar o que nós próprios ignorámos, à luz da consciência.

Não é para o limitado âmbito dêste artigo o dissertar sôbre a doutrina do Mestre de Viena; mas vem a propósito para dízer que o método empregado nas observações e investigações a que nos vimos referindo, nos pode guiar no estudo das obras dos diversos escritores em orientação diversa e mais proveitosa da que, até aqui, tem sido trilhada.

Êsses estudos têm sido feitos não só pelas diversas escolas psico-analíticas dos muitos centros germânicos que se dedicam a tais trabalhos e onde começam a aparecer *nuances* bastante diferençadas marcando correntes diversas em pontos secundários; mas ainda nos paizes da língua inglesa e nomeádamente na América do Norte onde o sistema criou raizes com bibliografia própria.



VILARINHO DE SAMARDÃ — CASA DA MARIA DO ADRO

Temos sôbre a nossa mesa de trabalho uma revista muito documentada que ali se publica sôbre o assunto [1]. Um estudo dêsses feito sôbre alguns dos nossos escritores seria de grande interesse literário e scientífico e ambos se juntam quando o exame se aplica a tal fim. Camilo, Antero de Quental, Júlio Denis, Eça de Queiroz, Antonio Nobre, para citar apenas alguns nomes, dariam revelações curiosíssimas. Mas seriam precisas longas e penosas indagações. Alguns dados temos coligido para tal empreendimento; mas não sabemos se ousaremos levar a termo os estudos encetados [2].

[1] *The Psychoanalytic Review.*

[2] Já depois de escrito êste artigo, que data de 1922, escrevemos a primeira tentativa dêsse género, em Portugal, sôbre «Júlio Denis e a sua obra».

Não foi contudo um trabalho desta profundeza a que nos entregamos para julgar o grande romancista perante a acusação que poderiam fazer-lhe de ter sido um necrófilo.

Esta preversão sexual é felizmeate muito rara. Na sua plenitude é, por certo, a mais repugnante de tôdas as misérias que aviltam e perturbam a vida sexual do homem.

A necrofilia é, como o nome indica, o *amor aos mortos*. Mais explicitamente é a excitação genésica que a vista e particularmente o contacto com os mortos pode provocar em alguns prevertidos sexuais [1].

No livro *A Vida Sexual* fazemos referência a alguns casos típicos [2]. São aberrações do instincto genésico levadas ao máximo. Muitos autores fazem depender a necrofilia do sadismo (juncção do praser sexual á crueldade) mas embora muitas vezes se encontrem pontos de aproximação, em outros casos faltam por completo.

No capítulo dedicado ao estudo desta perversão há nêsse livro uma referência a Camilo que convém recordar:

«Da obra do nosso grande escritor Camilo Castelo Branco poderia deduzir-se que ele tivera tendências necrófilas.

«Transcrevemos a seguinte passagem dum artigo sôbre Camilo publicado numa revista portuense [3].

«A orfandade noviciara-o no amor.

«Dai êsse infortunado casamento em Friume, aos quinze anos, os amores com aquela Luisa de que fala nas Memórias do Cárcere e com uma das sobrinhas do padre que conheceu naquele dia da morte de alguns seus companhei-

[1] Egas Moniz — *A Vida Sexual* — 6.ª edição — Lisboa — 1923, pág. 393.
[2] Vid. Obr. cit. pág. 375.
[3] Germinal, n.º 1, 1.º ano. Pôrto, 1 de Julho de 1901, artigo de Lopes de Oliveira.

ros de «estúrdia» na festa de Nossa Senhora da Aparecida, para quem escreveu a sua primeira poesia entre lágrimas, na serra do Mésio, onde o seu espírito trasladou alguma cousa de «vago e intraduzível» e ainda êsses amores com a Maria do Adro, os mais belos na sua melancolia e simplicidade de quantos eu conheço e tenho visto em livros.



VILARINHO DE SAMARDÃ
UM ASPECTO EXTERIOR DA IGREJA ONDE CAMILO E O DR. AZEVEDO EXHUMARAM MARIA DO ADRO

«A exumação dessa mulher amada, violando a sepultura por uma noite tempestuosa, ao clarão dos relâmpagos, entrando pelas frestas da igreja abalada pelo ribombo dos trovões e reflectindo na cara do cadáver verminado já, a que se seguiu em Camilo uma febre delirante que o prostrou quási de morte, conservando depois sempre junto de si o esqueleto; só isso, horrível e trágico como um conto de lenda, influiria de modo a êle próprio dizer que «estas impressões ao princípio da vida, explicam a agonia das vidas mais dilatadas.

«Devemos notar porém que êle foi levado à exumação do cadáver, no regresso do Porto à sua aldeia, a convite dum médico, seu cunhado.

«Nas *Duas horas de leitura*, [1] e no capítulo XI da *Impressão indelével* (1842) descreve êle como o convite foi feito.

«Eis os termos em que se exprime:

«No dia seguinte, disse-me meu cunhado:

«— Sabe alguma coisa de anatomia?

«— Eu fiz um exame [2].

«— Atreve-se a ajudar-me a preparar um esqueleto?

«— Poderei ajudá-lo.

«— Então guarde segrêdo, porque é preciso que meu mano padre o não saiba. Temos que ir à igreja desenterrar um cadáver duma rapariga que morreu tísica.

«— A Maria do Adro? — Atalhei eu, com extranha vivacidade.

«— Sim: quere?

«— Quero, quero. Vamos hoje mesmo desenterrá-la? Não estará ainda corrompida?

«— Não: como estava muito magra, bem sabe que os tecidos que primeiro se corrompem são celulares... É natural que nem sequer cheire mal. Em todo o caso levaremos água de cal para borrifar o cadáver.

«Da veracidade do facto não pode haver dúvida, e tanto que Alberto Pimentel [3] diz na biografia de Camilo:

«A história dêstes amores é de todo o ponto verídica. Contou-me António de Azevedo Castelo Branco que em casa do padre António de Azevedo estiveram, durante

[1] Pág. 53 da 3.ª ed. Pôrto, 1868.

[2] Camilo tinha feito pouco antes acto de Anatomia na Escola Médica de Lisboa onde foi premiado, segundo a sua frase, com um indulgente R.

[3] O Romance do Romancista. Lisboa, 1890.

alguns anos, os ossos de Maria do Adro, sem que o padre soubesse disso. Foi um acaso que lhos deparou.

« Poderá quando muito, em face dêsses documentos, considerar-se o procedimento de Camilo como menos equilibrado, especialmente se atentarmos na bela descrição que êle nos dá do esqueleto da sua ex-amada e em que parece haver alguma cousa de feiticismo. Diz assim:

« Falta dizer-te, meu caro Barbosa, que o esqueleto de Maria está no quarto de meu cunhado. A caveira é duma alvura de jaspe. Os dentes conservam o verniz do esmalte. As falanges daquelas mãos que eu beijava não têm a mais pequena mancha. O seio onde lhe bateu o coração está vazio; todavia a simétrica inserção das costelas faz-me lembrar a cúpula duma urna onde um anjo do céu veio buscar um coração que não era de cá. »

Retomando de novo a questão voltamos a ler o capítulo admirável a que nos vimos referindo.

Nessas páginas sentidíssimas evoca o seu primeiro amor, no tempo em que, em casa de uma irmã, queriam que êle estudasse com o Padre-Mestre.

O seu melhor divertimento «era então fugir para a serra e pascer o rebanho da casa por aqueles saüdosos vales.»

Foi por êsses montes que se lhe despertou, entre a infância e a adolescência, o primeiro sentimento amoroso.

Descreve Camilo, com precisão o estado prodrómico que deu início a êsse alvorecer passional.

«Passava lá o dia — diz êle, — sentado nas espinhas daqueles alcantís fragosos sempre sósinho, scismando sem saber em quê, engolfada a vista nas gargantas dos despenhadeiros. Neste instante, vejo palmo a palmo aqueles sítios. Se eu ali fôr, vou sentar-me ao pé de uma rocha, no

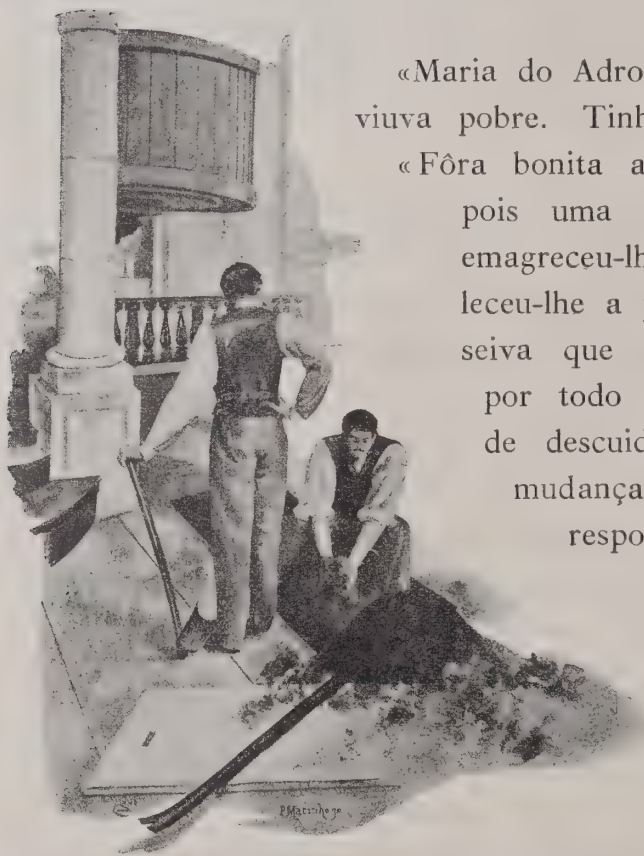
recanto de uma brenha, justamente onde recebi, há quinze anos, dois aneis de missanga.»

E aqui começa a descrição dos seus amores com a Maria do Adro.

Ora Camilo nasceu em 1826, e êste drama singelo, mas talvez o mais intenso, o mais sincero e o mais vibrante da sua vida, passava-se em 1842. Tinha 16 anos de idade. Era o primeiro agitar de um complexo sentimental que tão fortes acidentes havia de trazer-lhe pela vida fora.

E quem era a Maria do Adro?

Responde o Romancista:



EXHUMAÇÃO DE MARIA DO ADRO — AGUARELA ASSINADA C. SILVA, REPRODUZIDA DA PAG. 103, DO LIVRO «OS AMORES DE CAMILO» DE ALBERTO PIMENTEL, 1899

«Maria do Adro era filha de uma viuva pobre. Tinha dezassete anos.

«Fôra bonita até os quinze; depois uma enfermidade grave emagreceu-lhe a face, amareleceu-lhe a pele e sugou-lhe a seiva que viçava em flores por todo aquele rir e olhar de descuidosa inocência. Á mudança de semblante corresponde a da alma.

«Fez-se melancólica e taciturna. Não arranchava para dançar de roda, nem cantava nas espadeladas do linho.

Chamavam-lhe «môna» as azougadas companheiras, e ela o que respondia às provocações era: — Andai, andai raparigas; também me diverti assim quando tinha saúde.

«E muito divertida dizem que ela fôra! Cantava ao desafio com muita graça, e até, dizia-me o Padre-Mestre, com versos certos e sentenciosos.

«Minha irmã disse-me uma vez: — Esta Maria do Adro distingue-se entre todas as outras. Tem um ar senhoril que não parece do seu trato.

«Isto impressionou-me, e eu reparei na moça, que até aí me fôra indiferente.

«Reparar, quando o coração repara mais que o juizo, é amar. Achei a tal distincção. Esqueci as perdizes e as ovelhas; ia sempre que Maria estava em casa, sentar-me num toro de castanheiro á porta dela; visitava-a na leira, cantinho ou horta onde ela estivesse; dizia-lhe todos os dias a mesma coisa e ela respondia-me sempre com o seu sorriso meigo, dando-me umas vezes uma flôr do monte, outras um abraço de videira.»

Depois segue a descrição desses amores em todo o seu bucolismo e em que a idade, o scenário e o maravilhoso colorido da sua pena fazem rescender os ingénuos descritivos de Bernardim Ribeiro.

«Nos dias de calma — escreve Camilo — pela estação das segadas, eu ia sentar-me debaixo de um castanheiro vizinho da leira, à hora da sesta, conversando com Maria, enquanto as outras dormiam ou pulavam em redor de uma viola.

«Nunca lhe disse que a amava.

«Parece-me até que não conhecia ainda êste verbo, em

cuja conjugação depois me exercitei tanto que lhe descobri um tempo novo: o *plusquam imperfeito*.

«Que lhe diria eu?! Perdi a lembrança do colorido; retive apenas, as imagens núas daqueles quadros de inocência. Sei que encostava a cabeça ao regaço dela, e êste grupo fizíamo-lo com tanta singeleza, que a aproximação dalguém não nos assustava.»

Tres meses depois fizeram sair Camilo da aldeia. Demorou-se alguns dias em casa de um parente, algumas léguas dali. Depois veio para Lisboa, em seguida para o Pôrto onde seguiu os estudos dos seus preparatórios para a Universidade e a cadeira de Anatomia na Escola Médica.

Um dia encontrou um lavrador lá de cima, vindo de não sei que romagem aí para o Minho, e pediu-lhe novas da Maria do Adro. «Disse-me, — continua Camilo — que a cachopa estava cada vez mais acabada e o Mestre da Saúde não lhe dava muito tempo de vida. Tive muita pena. Quís então escrever-lhe; mas ela não sabia lêr. Mandei-lhe muitos abraços e recados pelo romeiro e a certeza de que no princípio de agosto iria vê-la.

«Senti vivas saudades da Maria e também remorsos de esquecê-la, quási, em Lisboa. Esperava com ânsia as ferias-grandes, afigurava-me o júbilo com que ela me veria, depois de quinze mêses. Quantas vezes eu ia do átrio do Bomfim pasmar os olhos naquelas serras que ficam lá para o nascente! Penso que fui poeta um dia...»

Vêm as férias e parte o Romancista para a desejada aldeia num alvoroço de escolar pujante de vida

O arrieiro perdeu-o de vista em Valongo. Em Amarante arranja melhor montada e em breve via as montanhas da sua

terra adoptiva. Alvoreceu-lhe «um arraiar de alegria nalma» que êle não sabia descrever.

«Tinha vontade de cantar, de rir, de poetar, de beber a longos sorvos um ambiente balsâmico em que o meu coração doudejava embriagado!»

Antes de chegar a casa soube por duas companheiras, da Maria do Adro que ela tinha falecido.

« — Está com Deus... Morreu faz ámanhã um mês, informaram-me. — Saltaram-me dos olhos repentinamente as lágrimas, e ouvi, e senti no coração alguma coisa similhante a um estalo.»



VILARINHO DE SAMARDÃ
A FONTE E AO FUNDO A CASA QUE HABITOU CAMILO

A princípio teve a ideia de não ficar na aldeia. Depois decidiu-se a permanecer. Queria ver-lhe a campa, desejava que lhe contassem a sua agonia. Seu cunhado médico havia de sabê-lo. Fez reviver todo o passado amoroso através dos lugares por onde a via e ao anoitecer quando o Padre Mestre ao toque das Ave-Marias proferiu o *Anjo do Senhôr,* ergueu as mãos e orou por Maria. Sentiu desabafar-se-lhe o coração em lágrimas e ficou melhor.

Todo êsse descritivo dum romantismo cândido e exagerado mostra bem quão fundo se lhe vincara na alma a passagem passional da desditosa Maria do Adro! E é de notar que toda essa história foi escrita aos 31 anos, numa evocação minuciosa de todos os pequeninos nadas que contorceram a sua sentimentalidade e que só persistem na memória quando os sulcos deixados são fundos e sentidos.

De todo êste corpo de delicto, excerto fiel da sua exposição, deduz-se que Camilo amou Maria do Adro numa forte impulsividade juvenil.

Esta primeira atracção despertara um complexo exagerado de extranhas actividades afectivas. É um facto fundamental que tem de ser posto em relevo ao procurarmos interpretar a sua atitude.

Não há dúvida que Camilo assistiu com seu cunhado à exumação do cadaver da sua antiga namorada. Não houve uma repulsa imediata ao convite que lhe foi feito, não houve sequer uma simples recusa. Aceitou colaborar na preparação do esqueleto. Mas quais foram as determinantes que o levaram a dar a sua coadjuvação?

Camilo vinha de estudar anatomia, de mexer em cadáveres. Nessa fase não há uma grande repulsa pelos mortos.

Todos os médicos o sabem.

Além disso Camilo, pelo seu temperamento ávido de sensações fortes, onde latejava o poder criador que mais tarde nos viria a dar romances ardentes de côr e paixão, havia de estimar sentir nas suas mãos as carnes verminadas dessa que amou, contemplar-lhe a face mumificada e decomposta, sentir dilacerar-lhe os tecidos, desarticular a ossada e por fim ver todo o resto dum ideal desfeito encher prosaicamente o cesto que havia de transportar as peças do esqueleto.



SCENA DA EXHUMAÇÃO DE MARIA DO ADRO—ESTUDO DE SAAVEDRA MACHADO

Vibrações extranhas, vagamente dolorosas, haviam de acompanhar tôda essa scena que o natural receio da profanação duma sepultura pela calada da noite havia de aumentar nas refringências de um terror que roçava pelo crime.

A scena deixou traços indeléveis na sua memória. Quinze anos depois ainda a descrevia nestes precisos termos:

«Lembra-me que fuzilavam os relâmpagos duma trovoada de agosto quando entramos na Igreja, pela porta da Sacristia. Jà lá tinhamos uma alavanca e uma enxada. Entrei na Igreja, alumiada a espaços pelo lampejo azul dos trovões, com religioso terrôr. Ajoelhei maquinalmente e senti os sustos dum Sacrílego.

«Meu cunhado deu-me ânimo com riso desdenhoso. Abalamos a pedra tumular com o ferro do monte. Sustentámo-la no pendor com o peito.

«Revezamo-nos a cavar, até encontrarmos as tábuas laterais do esquife.

«Não consenti daí em diante o uso da enxada. Tirei a terra às mãos-cheias, até sentir debaixo dos dedos, que cravava na terra, as formas de um corpo mole. Eu tinha a cabeça em lume: as pulsações do coração eram tão fortes que me agonizavam: não senti cheiro mau, senão o da terra impregnada de ossadas em pó, de vértebras e pedaços de hábitos mortuários, contudo angustiava-me uma sensação de náusea, mas tôda moral, sensação que nunca experimentei.»

Apreciemos esta primeira parte da descrição que Camilo nos legou.

Em prímeiro lugar há a despreocupação de nos relatar um facto que o atormentou, mas que nunca, perante

a sua consciência, poderia envergonhá-lo. Se fosse um móvel sexual que o levasse até junto da cadaver em putrefacção da sua ex-namorada, Camilo não o contaria. As grandes perturbações do campo genésico são sempre reservadas. Os próprios exibicionistas, fóra dos seus espectadores, não contam as suas aventuras. Há, é certo, na literatura uma ou outra excepção como nas *Confissões* de Rousseau. Mas poucos livros sérios se podem juntar a êsse que aliás é de resumida importância no campo restricto das preversões sexuais. Todos procuram esconder essa faceta, uma das mais importantes da moral individual. São segredos íntimos que há o cuidado de guardar recatadamente. Não chegam na maior parte dos casos ao âmbito das mais reservadas confidências.

Camilo não tem rebuço de vir a público contar, com a maior naturalidade, o seu feito. Estamos em crêr que foi levado em parte por uma vaga e extranha curiosidade amorosa. Podia mesmo pensar que iria encontrar a sua namorada, tal como a conhecera em vida.

O cunhado médico informara-o de que não devia estar ainda corrompida e que talvez nem cheirasse mal... Um ano de anatomia devia ter-lhe ensinado o contrário; mas naquele momento todas as noções adquiridas no teatro anatómico se lhe deviam ter varrido do cérebro. Encheu-se de terror religioso; ajoelhou involuntáriamente; acusou-se de sacrílego.

Não consentiu que chegados às taboas do esquife usassem a enxada. Tirou cuidadosamente a terra com as mãos até sentir debaixo dos dedos as formas do corpo mole que procuravam. E nêsse momento sentiu que, conjuntamente com um estado taquicárdico emocional forte, o angustiara uma sensação de náusea moral, porventura uma sombra de arrepen-

dimento de ter acompanhado o médico no que lhe parecia uma profanação.

Não há em todo o relato qualquer palavra que denuncie uma ideia lúbrica a atravessar-lhe o cérebro.

Não se reflecte ali nenhum dos desejos impulsivos de um Bertrand. Basta o ter ido em companhia, e a convite, para termos de arredar tal hipótese.

Depois, continua o Romancista:

«Meu cunhado, vendo-me descórar, ofereceu-me um vidro de espírito que eu não aceitei. Prosegui na exumação até encontrar as pontas do lenço que cobriam a face do cadaver. Segurei as quatro pontas nas mãos trémulas; tirei devagar o pano, e vi Maria.



VILARINHO DE SAMARDÃ — JANELA DO QUARTO ONDE HABITARAM CAMILO E O PADRE AZEVEDO

«Permaneci quieto, não sei que tempo, com os joelhos enterrados e a face pendida sôbre a face morta. Não sei dizer-te o que pensei. Talvez nada! A alma nestes lances creio que se aniquila. Há dores com que o homem não pode, e Deus quando as dá assim, permite a letargia, a morte passageira, a paralisia dos órgãos conductores da impressão.

«Meu cunhado ergueu-me pelos braços. Fitou-me com um sorriso... de médico e afectou um ar de extranheza que eu

antes quizera não fosse fingido. O resto do trabalho fê-lo êle. Eu sentei-me na cadeira paroquial procurando as minhas ideas que me fugiam em turbilhão.»

Escusamos de continuar a transcrição. Procure o leitor dar-se ao prazer de se deliciar mais uma vez com a leitura dessas páginas duma verdade perturbante a estorcer-se em calafrios e a ensombrar-se de terrores. Êle sentiu-os, e bem fundos, nêsse episódio macabro da sua adolescência, ao tornar a ver o rosto da sua muito amada Maria em condições excepcionais de tragédia.

Não pôde dormir essa noite. Em seguida adoeceu. Não soube bem o que teve. Oito dias lhe mantiveram panos ensopados em vinagre na cabeça Apenas se recorda vàgamente, de ouvir dizer ao Padre Mestre:

«Diz minha cunhada que muitas pessoas desta familia endoudeceram...»

Êsse acto de coragem de ir com o médico fazer a exumação do cadáver daquela que amou em vida e que desejou voltar a vêr, representa, quando muito, uma extravagância a roçar pelo anormal. Mas em tôda essa scena não há um laivo, por leve que seja, que possa levar-nos a crer que o grande novelista português teve qualquer ligeira tendência necrofilista.

Quando se apreciam mais a fundo os móveis psicológicos que dirigiram tôda essa aventura, nem sequer podem fazer impressão as palavras que na conclusão da carta que dirige ao seu amigo Barbosa, relatando-lhe o afastado acontecimento do início da sua adolescência, dedica à alvura da caveira, ao verniz dos dentes, às falanges sem mancha, à simetria do arcaboiço. São frases de romance: apreciação,

a distância, de amorosas recordações ao contemplar o esqueleto da desditosa Maria do Adro. Fizeram-nos, contudo, impressão quando as arquivamos no livro «A Vida Sexual».

Do que acabamos de dizer, e doutros factos que não vem a propósito relatar, somos levados a concluir que Camilo não só nunca foi um anormal genésico, mas não mostra, por êste relato, o mais leve pendor para o campo das perversões sexuais.

O extraordinario romancista vincou bem fundo, no quadro que acabamos de recordar, a sua primeira paixão. Talvez êsse acontecimento, como êle próprio insinua, tivesse importância na sua vida futura. A scena da exumação do cadáver da namorada surgiu-lhe como rajada de extranhas e dolorosas impressões.

Foi uma curiosidade comandada em parte pela sua índole de aventureiro sentimental. A sua adolescência tinha de atravessar uma grande crise na contemplação do rosto verminado da pobre tísica que êle amou e soube recordar, com saüdade, através de toda a vida.

Isto passava-se em 1842, quando o romantismo se convulsionava em exageros de afectividade doentia. Camilo começava a conhecê-los de leitura e sentia já a fantasia a agitar-se a dentro do seu cérebro em fremitos de asas, pronúncio dos vôos de águia com que veio a deslumbrar-nos.

EGAS MONIZ.





# CAMILLO E A SUA OBRA

*Tem o talento transcendente crises vertiginosas, doudices sublimes que o extraviam da pauta do bom viver.*

CAMILLO CASTELLO-BRANCO. «Luiz de Camões».

CAMILLO era um homem de genio, e, como tal, versatil, inconstante e irregular. O seu talento extraordinario dava-lhe o desequilibrio doentio, que na sua vida e na sua obra se nota.

Na vida infortunada e tragica do grande romancista, houve estouvanices, travessuras, paixões; na sua obra colossal, revelam-se faltas de connexão, resaltos, desegualdades, exaggeros. Que vida atribulada elle viveu! Mas que obra ingente, grandiosa, legou generosamente ao seu paiz, para honra d'este e para admiração de quem lê e entende a sonora e formosa lingua de Portugal!

Camillo, com experimentada mão de mestre e forte pulso de gigante, versou o drama, o romance, a historia, a comedia, o folhetim, a poesia, a critica, a polemica, o jorna-

lismo. Em todas estas variadas manifestações do seu valor, tanto se alteou, tanto se distinguiu de todos os que no seu tempo cultivaram letras, que estes o viram sempre pairar nas elevadas regiões de luz onde só chegam as aguias! Eu creio que já escrevi tudo isto, mas não me dá cançaço repetil-o.

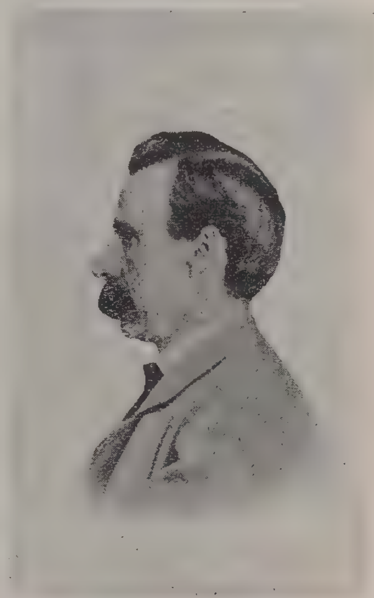
Inegualavel na satira e no sarcasmo; inexcedivel na elegancia, na opulencia e na belleza do estylo; incomparavel na graça e, ao mesmo tempo, na expressão dolorida do sentimento; coração esmagado pela desventura, alma torturada pela dôr, cerebro illuminado pela claridade deslumbradora da sua intelligencia — Camillo foi um escriptor de tão excepcionaes faculdades e de tão poderosos dotes, que nem teve, antes, outros que se podessem com elle nivelar, nem deixou, depois, um só que sequer se lhe approximasse.

Aquella penna magica e habilissima com que o Mestre descreveu e pintou as doces paysagens do Minho, encantadoras na macieza das suas verduras, no fresco ramalhar dos seus arvoredos, no manso deslizar dos seus rios, no alvejar das lindas aldeias, aninhadas em torno de humildes campanarios, na graça das brancas ermidas, alcandoradas na lomba dos outeiros, no sorrir dos casaes tranquillos, debruçados sôbre campos reverdecidos, na doida alegria dos descantes e das esfolhadas, em noites de lua cheia, no rumorejar animado das pitorescas romarias; aquella penna elegante e destra, que elle manejava a primor e com que desenhou figuras de tanto relevo, e creou typos de tão flagrante verdade, e compoz livros de maravilhosa riqueza, e escreveu paginas de supremo encanto — deixou-a, com a sua morte, para sempre envolta na densa e pesada negridão do luto.

Escriptor, acima de tudo, portuguez, essencialmente nacional, porfiou sempre em expor e pintar os costumes e

usos das nossas lindas terras de Portugal, cujas regiões e provincias soube descrever com o vigor admiravel e a elegancia suprema da sua prosa de principe da lingua patria.

A sua fecundidade pasmosa encontrou poderoso auxilio na sua larga erudição. Observador intelligente e sagaz, deixou na sua obra vastissima a creação de personagens que são arrancadas, com extrema exactidão e com absoluta fidelidade á sociedade portugueza do seu tempo.

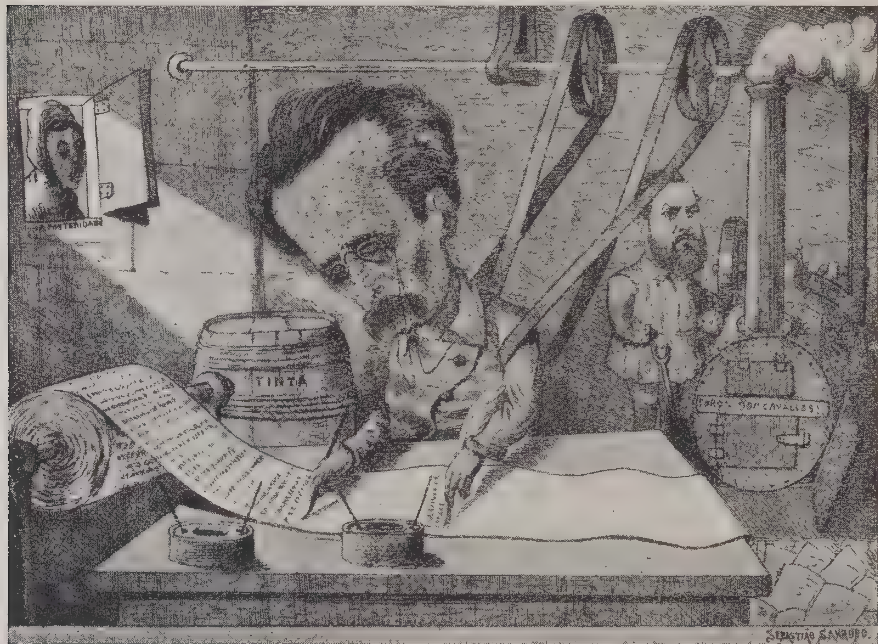


FOTOGRAFIA DE CAMILO DO ALBUM QUE PERTENCEU A D. ANA AMALIA MOREIRA DE SÁ (VIZELA)

As paixões, os vicios, as tormentas da alma, as tempestades da vida, e tambem as virtudes, as bellezas moraes, os movimentos nobres do coração humano, foram sempre representados ao vivo pela penna scintillante, idonea e habilissima do notavel psychologo. Creador, em Portugal, do romance de paixão, Camillo, em paginas brilhantes das suas novellas, foi o poeta inspirado da dôr, como em outras foi o incomparavel artista do riso e da ironia.

Amou a sua terra e a sua raça com tal ancia, que nunca de nações extranhas trouxe, para os seus numerosos livros, palavras ou ideias. Vernaculo e puro na linguagem, como Bernardes ou Antonio Vieira, é elle o nosso primeiro mestre em literatura, e, se não póde chamar-se-lhe, verdadeiramente, um philosopho, innumeros pensamentos e conceitos ha nos seus escriptos que são maximas e prin-

cipios de alta, de transcendente philosophia. Profundamente sentimental, foi pelo coração que viveu. E, como n'elle a imaginação era estuante e ardente, esta mais lhe fazia avultar a




CARICATURA DE CAMILO CASTELO BRANCO
REPRODUZIDA DO N.º 6 DA «GALERIA DO SORVETE», 1879
DESENHO DE SEBASTIÃO SANHUDO

paixão, o soffrimento, a desdita, os tormentos do coração.

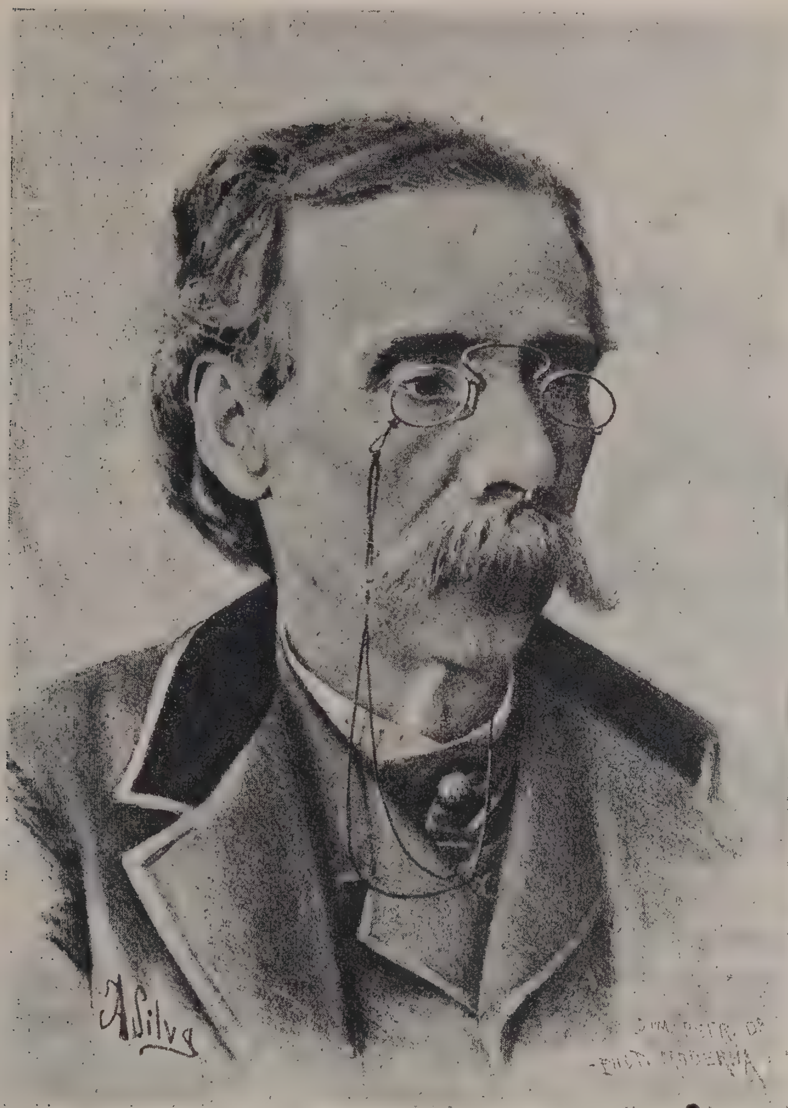
Indisciplinado, rebelde a normas rigidas, a leis e preceitos inflexiveis, Camillo não teve escola. Foi Elle. Grande, magnifico, incomparavel!

E, sempre, e, primeiro que tudo, tradicionalista e portuguez.

*

* *

De Camillo Castello-Branco ha sempre que dizer, ou seja referindo um pormenor inédito da sua vida, ou dando



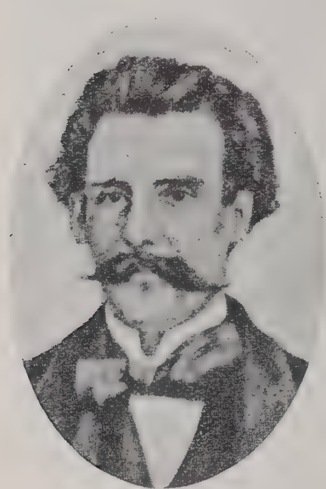
REPRODUÇÃO DUM DESENHO LITOGRAFICO DE A. SILVA, PUBLICADO NA PAG. 145 DO N.º 19 DO «CHARIVARI» DE 19 DE MARÇO DE 1887

alguma informação ignorada sôbre qualquer passagem da sua obra.

Contou-me um illustre jurisconsulto, que é tambem um escriptor distincto, que no anno em que se formou em Direito, ao passar no Porto, de viagem para Villa Real, sua terra, se lhe proporcionou ensejo de cumprimentar Camillo, que então

residia n'aquella casa da rua de S. Lazaro em que foi visitado pelo Imperador do Brazil, no dia 2 de março de 1872.

Proximo, escancarava-se a larga porta d'uma grande cocheira, e lá dentro era constante, a todas as horas do dia e da noite, um barulho ensurdecedor, um ruido tormentoso, causado pela entrada e sahida contínuas de carros, carroças, diligencias e mala-postas, pelas pragas dos automedontes e berros dos eguariços, pelo clamor dos almocreves, pelos estalidos dos chichotes e tilintar de guizos e chocalhos, pelo relinchar estridente e pela estropeada incessante dos cavallos resabiados ou rebellões.



FOTOGRAFIA DE CAMILO REPRODUZIDA DO LIVRO «OS NETOS DE CAMILO» DE ALBERTO PIMENTEL, 1901

— Como póde V. Ex.ª viver e escrever ao pé d'este inferno? — perguntou-lhe o meu informador.

O glorioso escriptor sorriu tristemente e replicou:

— São taes os zunidos e é tão intenso o estrepito que sinto nos ouvidos e na cabeça, que procuro sitios onde haja forte barulho exterior, para assim o interior se attenuar e enfraquecer, de modo que seja menos affligente o meu martyrio!

Vinha de longe este soffrimento de Camillo. Já alguns mezes antes elle tinha escripto a Vieira de Castro — que ia ser julgado por ter assassinado a esposa — estes periodos d'uma carta, que se lê na *Correspondencia epistolar*:

« Escrevo-te com a cabeça empanada em parches de vinagre. O que eu sinto ha doze noites seguidas é um estrondo

infernal nos ouvidos, uma zoeira de catadupa que me não deixa estar sequer cinco minutos deitado. Tenho frenesis que me despedaçam. »

Que desgraçado!

Ácêrca da obra de Camillo, tambem quero deixar aqui uma nota, que talvez não seja conhecida de alguns admiradores do romancista. Em 1872, escreveu o Mestre o interessantissimo romance que no anno seguinte publicou e se chama *O demonio do ouro*. Não era este o titulo que elle projetára dar á sua obra, quando começou a delineal-a. E, para se verificar quanto é exacta esta minha affirmação, basta folhear a collecção da *Revolução de Setembro*, e ler, no seu numero de 8 de novembro de 1872, a seguinte noticia:

« ROMANCE. Camillo Castello Branco vae publicar um novo romance que se intitula *A herança de Londres*. »

Que ponderação actuaria no espirito de Camillo, levando-o a mudar a denominação do seu romance?

A meu ver, preferiu elle a generalização que existe no titulo *O demonio do ouro*. Esse titulo, por ser mais generico, agradou-lhe mais do que o outro, *A herança de Londres*, restricto e limitado.

Seria assim? Não seria? Que o digam os entendidos.

*

*    *

Vem proximo o centenario do nascimento de Camillo.

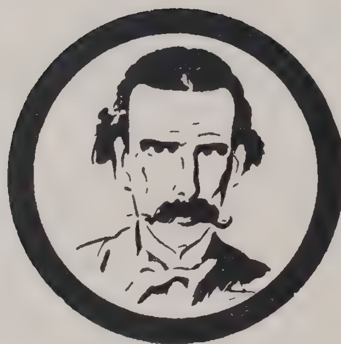
Será paga, em 1925, a divida de gratidão que o paiz

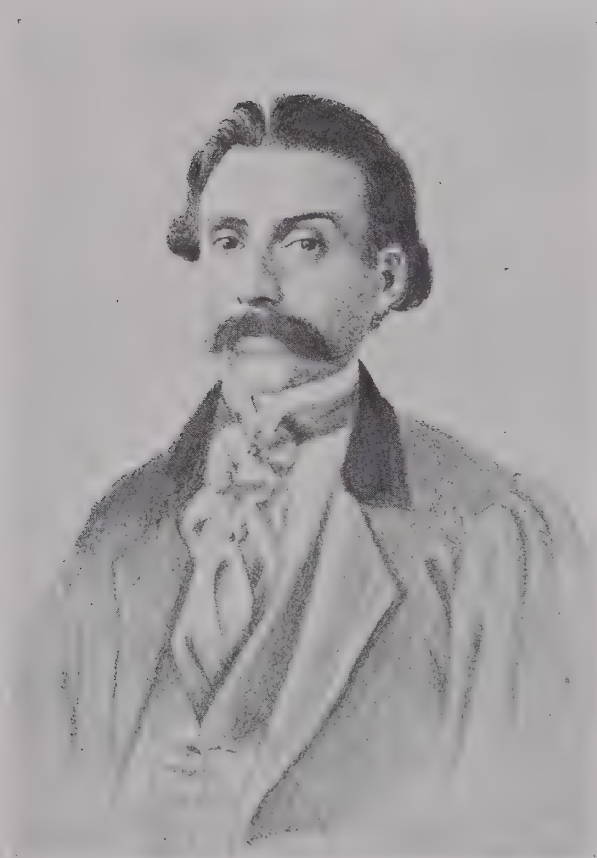
ainda tem em aberto para com o maior escriptor portuguez dos tempos modernos, e até de todos os tempos?

Aguardemos...

Lisboa.

ANTONIO CABRAL





CURIOSISSIMA LITOGRAFIA (NÃO ASSINADA) REPRODUZIDA DO N.º 47 DO SEMANARIO « LUIS DE CAMÕES », PORTO, 1864



# CAMILLO E FIALHO D'ALMEIDA

HA mais de quarenta annos, Fialho d'Ameida publicou o seu primeiro livro. Deu-lhe o titulo de «Contos» e dedicou-o a Camillo Castello Branco. A dedicatoria dizia assim:

«Acabo de reler toda a sua obra. Quanto no artista e no escriptor o talento tem de malleavel, de voluntarioso e de grande — a ironia na sua expansão facetada e cortante, o estylo na elastica elegancia nervosa dos seus moldes plasticos e a observação no seu processo tenaz de analyse e de critica — tudo nos seus livros se encontra, a mãos plenas, com uma opulencia que deslumbra.

Não sei negar admiração aos homens do seu tamanho, nem lh'a recusarão com sinceridade os que, como eu, tiverem passado em revista os seus trinta annos de gloriosa e efflorescente actividade.

Peço-lhe que aceite a dedicatória d'este livro mediocre, que poude elaborar nos ocios d'uma vida, cortada de trabalhos e dissabores. Duas cousas me levam a consagrar-lh'o

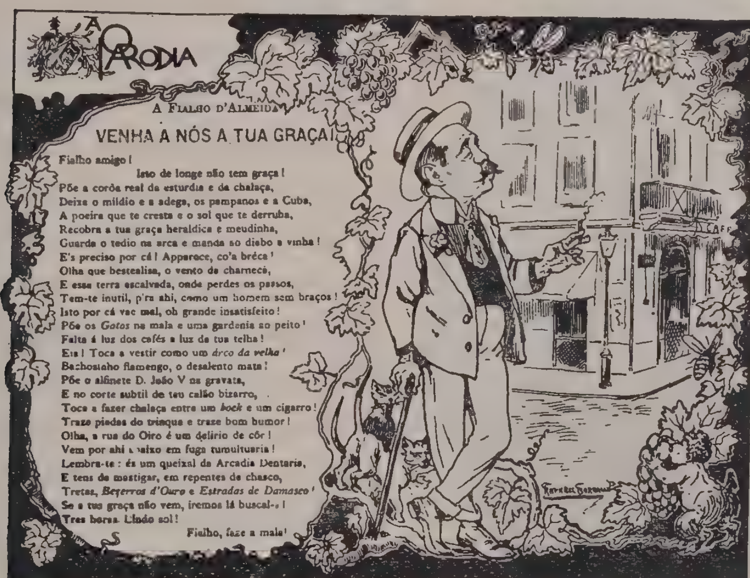
— o intento de amortisar uma divida de gratidão pelo que nos seus livros me foi salutar e o dever honesto de tirar o chapeu diante do que é superior.»

Estas palavras, de admiravel concisão e sobriedade, constituem uma fotografia, flagrante pela exactidão, dos meritos que mais ennobreceram a figura intelectual, tão rica de aspectos e contrastes, do genial escritor e homem dos mais infortunados, que se chamou Camillo Castello Branco. Escreveu-as Fialho d'Almeida no explendido e luminoso alvorecer da sua vida literaria, pouco depois de traçar as paginas para sempre immortaes do «Sempre Amigos», do «Ninho d'Aguia» e do «Funambulo de Marmore», com que dominadoramente marcou o logar que ninguem ousou contestar-lhe de primeiro prosador portuguez no final do seculo XIX e principíos do seculo XX. E impressionam tanto mais quanto é certo haverem sahido da penna d'um escritor de vinte annos, no periodo da vida em que a alma é lavada de odios, ou preocupações de escola, em que a sinceridade inspira todos os pensamentos e dicta todas as palavras, escritor que se distinguiu pela existencia fóra como um iconoclasta incapaz de se curvar deante dos idolos consagrados, um demolidor cruel de todos os convencionalismos e um critico que sabia joeirar nas obras d'arte, quasi com qualidades de



REPRODUÇÃO D'UMA FOTOGRAFIA OFERECIDA A CUSTODIO JOSÉ VIEIRA AMIGO DE CAMILO

advinhação, todos os seus meritos e todos os seus defeitos. Em poucas linhas o inspirado artista da *Madona do Campo Santo* destaca a observação escalpelisadora d'almas de que Camillo deu provas em cada pagina da sua obra assombrosa e genial; o estylo d'uma terminologia oriental, cheio de imprevisto, de colorido e de nervosismo do escritor, que cristalisou em moldes novos a lingua depurada por Camões,

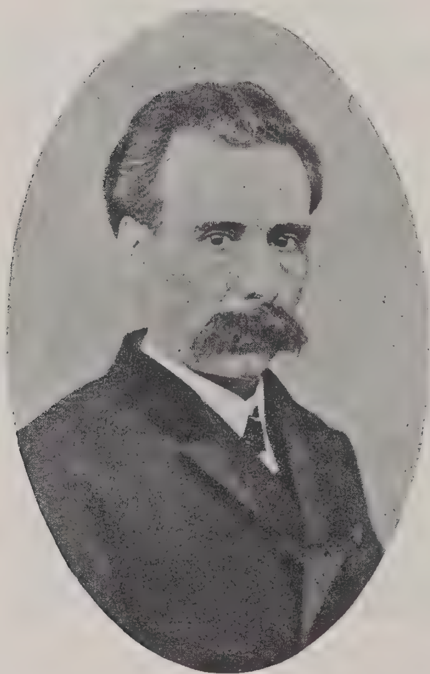



FIALHO — CARICATURA DE RAFAEL BORDALO
PUBLICADA NO N.º 30 DO JORNAL HUMORISTICO «A PARODIA»
DE 8 DE AGOSTO DE 1900

Bernardes e Vieira e a ironia, que por vezes atingia as proporções do sarcasmo, do incomparavel artista dos *Brilhantes do Brazileiro* e do *Cancioneiro Alegre*. Não poderia eu definir as qualidades culminantes de Camillo em termos mais justos e mais bellos do que o fez Fialho d'Almeida e ninguem em terra portugueza possue ainda hoje auctoridade para sobrepôr o seu juizo literario ao de tão eminente prosador. Por isso limitar-me-hei a subscrevêr as palavras da dedica-

toria dos *Contos*, como as que melhor destacam os meritos primaciaes do mal aventurado suicida de S. Miguel de Seide.

Entre esses dois gigantes da nossa literatura ha mais d'um ponto de semelhança, o que tanto basta para explicar a sinceridade da homenagem prestada por Fialho a Camillo. A forma d'este é mais classica, mais pura, alimentando as suas raizes com a seiva fecundante bebida nas obras dos velhos escritores, mas tendo conseguido crear uma prosa nova, rescendente de frescuras, d'uma maleabilidade e fluidez incomparaveis. A de Fialho é mais revolucionaria, mais recheiada de extrangeirismos, com processos de construção até então ineditos e com excessos de adjectivação, que por vezes obscurecem o pensamento.

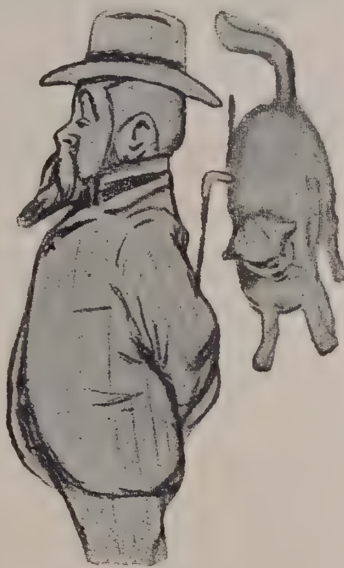


FOTOGRAFIA REPRODUZIDA DO LIVRO «A MINHA CASA DE CAMILO» DO DR. TAVARES DE CARVALHO

Mas uma e outra se irmanavam na variedade surprehendente das locuções, na riqueza das imagens, na propriedade e fidelidade da expressão, no brilho e na côr polycroma do estylo e sobretudo na vibração da linguagem, d'um lavor perfeitissimo e em que ha, a miudo, trabalhos admiraveis de joelheiros.

Tanto Camillo como Fialho manejavam dextramente a ironia. A graça d'ambos é muitas vezes cruel. A golpes de espirito mataram pelo ridiculo convenções estabelecidas, principios que pareciam ter o valor de dogmas, reputações

que se nos afiguravam intangiveis a todos os propositos de demolição. Mas no fundo das suas personalidades havia um delicado sentimento de lirismo. E assim, ao passo que o polemista terrivel da *Campanha da Sebenta* e do *Cancioneiro* nos faz chorar lagrimas de irrepremivel comoção ao descrever-nos a agonia das heroinas dos seus romances, o panfletario dos *Gatos* mostra-nos todo o sentimento e ternura que havia no fundo do seu ser na idealisação dos typos mais bellos dos seus contos e nas paginas em que narra, por exemplo, a agonia da Judith da *Madona*.

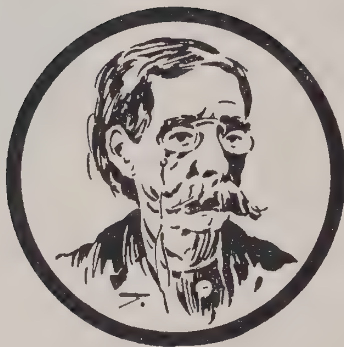


FIALHO D'ALMEIDA—CARICATURA DE FRANCISCO TEIXEIRA, PUBLICADA NO N.º 285 DA «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA» DE 7 DE AGOSTO DE 1911

Muitas outras analogias se podem encontrar na obra, nos processos e no temperamento d'estes dois geniaes escritores. Se um molhava a sua penna nas tintas que immortalisaram Goya e o outro tinha colorações semelhantes ás de Rembrandt, egualam-se ambos na verdade com que sabiam descrever os aspectos mais risonhos ou mais severos da natureza, crear personagens que não morrem mais, de tal modo foram sentidos e *vividos,* como o Guilherme do Amaral e o Euzebio Macario, ou o João e o Coveiro da *Ruiva* e na facilidade com que passavam do tragico ao comico, fazendo com que os seus leitores limpassem rapidamente as lagrimas de dôr para se desarticularem em gargalhadas irrepremiveis. Ora irreverentes, ora sublimes, sabiam do mesmo modo ferir com um piparote os pontos fracos dos bonzos consagrados e os ridi-

culos sociaes, ou elevar a forma a cumes quasi inacessiveis na narrativa dos sentimentos mais nobres e das belezas deslumbradoras da terra. Pela sua acuidade de critico e pela sua individualidade intellectual ninguem portanto mais auctorisado do que Fialho d'Almeida para medir a gigantesca craveira de Camillo. Por isso, em vez de exprimir uma opinião pessoal, que de nada podia valer, pareceu-me preferivel trasladar para aqui os periodos modelares em que elle traduziu toda a sua admiração pelo Grande Mestre.

LOURENÇO CAYOLLA.





# O CIRURGIÃO DA BICHA
# LUÍS JOAQUIM D'OLIVEIRA [1]

POUCO durou a melancolia que se traduz na epístola de Camilo a Sisival e os conselhos deste nos versos que lhe dirigiu a respeito da *Justiça* — de esquecer as ofensas recebidas — não foram seguidos. A vida agora sorria-lhe novamente.

Havia pelo meio do seculo passado em Famalicão um famoso curandeiro conhecido pelo *homem da bicha,* visto que descobrira e explorava um medicamento para expulsar a tenia. Com os seus amigos Evaristo Basto, José Barbosa e Silva e Luís Barbosa e Silva, Camilo resolveu consultá-lo e partiu do Porto em 26 de junho de 1856. «Deveis saber que Luís Barbosa, José Barbosa e eu imaginamos que alojavamos no intimo das entranhas, cada um, pelo menos, sua tenia Eva-

[1] Trecho inédito de um trabalho: *Camilo e os médicos,* em publicação nos *Arquivos de historia da medicina portuguesa.*

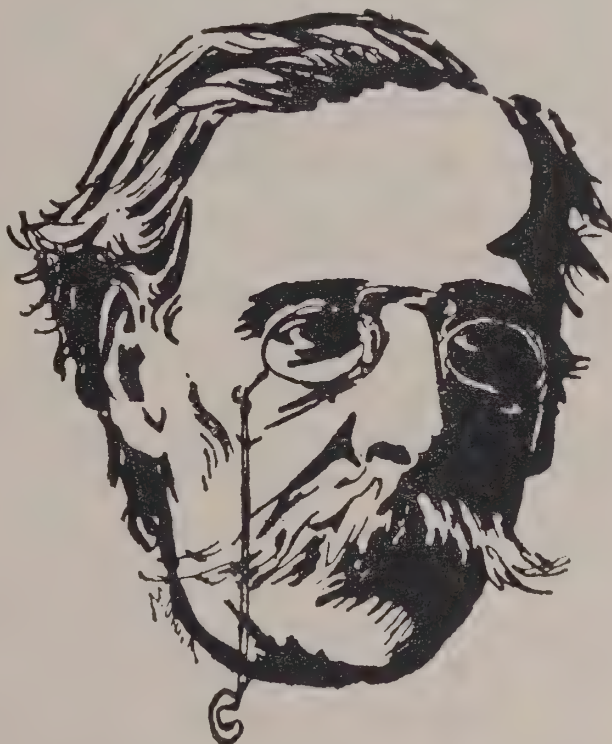
risto Basto imaginou que tambem a tinha em casa. Todos quatro combinamos um plano de ataque contra a alimária que nos devorava os sucos. Evaristo Basto prevenira o bacharel formado em lombrigas para que nos esperasse em Vila Nova; e, para nós, era infalivel, horas depois, estarmos em luta com o *entozoario cestoide, taenia cucurbitania* de Lamarck.»

Ao chegarem a Famalicão já os esperava o curandeiro.

« Ao ver-nos ergueu-se em quatro tempos, respondeu-nos com uma ligeira mesura de cabeça, e caíu em quatro tempos sobre a cadeira, afastando as abas da casaca inverosimil que, naquela atitude, similhava a saltimbarca de andador das almas.

« A fisionomia do doutor era um espelho do espirito. Por ela via-se quão enrugada e arida por lucrubações anti-lombrigoides não devia de estar-lhe a alma! A tez afumeada, côr do estanho, revelava o prolongado uso da retorta, o contacto das exhalações mefiticas no laboratorio quimico, as perigosas experiencias em toxicologia, a dolorosa provança por que ha passado este obscuro Cagliostro até que, mais feliz que o outro, encontrara o antidoto infalivel contra a tenia. A sua testa não era espaçosa nem escalvada; não se lhe descortinava lá o latejo das bossas, nem as pregas do talento frenético; o que lá se via era o suor escorregadio de uma cálida tarde de junho. Emquanto á forma, imaginai a metade de um côco. A grenha não tinha os arrepíos fantasticos da de Claudio Frollo, nem as ondulações desleixadas de Dulcámara. Era um cabelo honesto sem ser vulgar: formava uma sanefa de torcidinhas sobre a testa, assim à maneira de berloques. As palpebras abertas a canivete tinham dentro o globo do olho, buliçoso como um grilo em gaiola de rapaz travêsso, lucido e coruscante, asivieiro e trêfego, como não ha outro duas léguas ao redor de Vila Nova de Famalicão. No que diz respeito ao nariz, era anfractuoso de alcantis osseos, degenerando nas abras em barbatanas cartilagíneas. Não obstante, era um

nariz vidrado, luzia como verniz ; e visto de soslaio, era um nariz curioso pela similhança com a tromba do bugio marinho do norte. Os malares eram quadrados, relevados em esquinas, como os do tajaçu do Brasil; e as orelhas, tezas e lisas como as do canguru da Nova Holanda. A boca, umas vezes ageitada pela distensão dos beiços, era o fac-simile do focinho do mono pataz ; outras vezes, contraindo-se, em ar de reflexão sisuda e humanitaria, disputava belezas com a do bugio mandril, abundante em Guiné Quasi que sem sairmos da familia dos chimpanzés de Lineu, tinhamos afigurado os traços essenciais do doutor. Era em resumo um homem bonito, menos efeminado que o Apolo de Belveder, mas, por isso, mais insinuante pelo talhe varonil, pelo garboso da aria, pelos lineamentos tradicionais do coxo marido de Venus. O que, apesar da natureza, lhe adulterava as formas era a casaca e o colete. Visto em ceroulas, por uma tarde de estio, acocorado entre os salgueiros de fluminea margem, di-lo-heis um fauno em uso de oleo de figado de bacalhau.



MÁSCARA DE CAMILO
DESENHO DE CRISTIANO DE CARVALHO

A casaca e o colete eram singularidades adscritas ao talento. O doutor envergava uma casaca por a mesma razão que Rousseau trajava vestidos arménios, e um socialista francês, autor dos *irmãos Moravios*, se vestiu de monge cofta. A natureza talhara *ab aeterno* para ele a véstia de botões de chifre, até ao sacro, ou o colete de afogadilho até à quarta costela. O génio, porém, sempre inovador, em guerra aberta com a despótica natureza, encadernou-se na casaca ignobil, vulgarizando-se até à planta do regedor de paróquia rural, e escrivão substituto do juiz-eleito. Como quer que seja, as mediocridades não podem, sem ridicularizar-se, censurar os desvarios do génio.»

Passemos em claro as consultas dos amigos do grande romancista e vamos à dêste:

O DOUTOR: Então que sente?

EU: Dispneias frequentes: nevroses no aparelho respiratorio; um borborigmo escumoso a partir do exófago: pulsações lancinantes no estomago; beliscadelas ardentes na pele; e de noite estremecimentos subitos que me despertam...

O DOUTOR *(interrompendo-me com um sorriso de inteligência):* isto não são sintomas fisicos; sem sintomas fisicos não temos *probalidades;* a solitaria tem seus sintomas.

EU *(mordendo o beiço o mais sintomatica e fisicamente que podia para disfarçar uma gargalhada fisica).* Alem disto, sinto uma profunda melancolia, um aborrecimento de tudo, um desleixo por tudo, inactividade para tudo...

O DOUTOR: As *probalidades* são cincoenta por cento. Ora diga-me: come bem?

EU: Pouco e sem apetite.

O DOUTOR: Quando se tem a solitaria, come-se bem e ela ajuda a fazer a digestão. Ora como o senhor não tem sintomas fisicos, as *probalidades* são cincoenta por cento. Deixe lá ver a lingua... Está bom... E' preciso fazer

certa experiencia para termos sintomas fisicos. Isto ha-de ser mais de vagar.

Disse.» [1]

Cearam todos os fingidos doentes e o curandeiro. Camillo travou com elle o seguinte dialogo, em que vamos encontrar referencia a um medico illustre:

«Tem a bondade de me dizer onde está a tenia?

— A tenia — disse ele — está no duodeno.

Quiz perguntar-lhe porque não estava nos intestinos delgados, e até no estomago; mas receei meter a fouce em seara alheia, e colher grande messe de sandices.

«Ninguem — tornei eu — até hoje descobriu mèsinha tão eficaz como a sua?

— Ninguem.

— Dizem-me que o medico A. Albano [2] por pouco não descobre o seu segredo.

— Andou por perto — respondeu êle, enchendo as bochechas de orgulho e fiambre.

— O senhor — ocorreu Evaristo Basto — podia fazer grandes interesses se fosse para o sul.

— Para o sul?! — disse êle maravilhado deste nome de reino desconhecido no seu mappa-mundi.

« Sim, lá para a Extremadura e Alemtejo.

— Lá tenho eu um delegado — replicou o doutor — ora agora o resto da nação, Chaves e Almeida, esses vem aqui para se tratarem, e já sobe a quatro mil solitárias que tenho tirado.» [3]

[1] *Duas horas de leitura, 4.ª edição. Lisboa, 1903, pag. 114 e 115.*

[2] Agostinho Albano da Silveira Pinto que foi lente da Academia de Marinha e Comércio do Porto, director da Escola Medico-Cirurgica da mesma cidade, deputado em varias legislaturas e ministro e secretario de estado dos negocios da marinha e ultramar.

[3] *Duas horas de leitura*, 4.ª edição, fl. 120.

Camilo ainda se refere a este charlatão em outros livros. A uma das personagens das *Vinte horas de liteira,* lembrou-lhe alguem se ela teria ténia. Consultou o Gerard desta fera, o sr. Oliveira de Gondifelos, que lhe extraiu seis solitarias de uma assentada. Francisco Eliziário começou a sentir-se vasio e peior. Disto faleceu, deixando uma excelente «fortuna» e as seis ténias em alcool.»[1]

Por ultimo no *Bom Jesus do Monte* encontra-se lembrança do famoso cirurgião da bicha. Em carta dirigida a Evaristo Basto, diz-lhe:

Ainda te lembras daquele poligono de castanho do Manuel Malho do Laranjal? E a parelha tambem poligona, seria coisa delevel da tua memoria? Se pudeste esquecer isto, que relanço formoso da tua vida te resta ainda para a saudade?

Era no tempo em que tu e José Barbosa, e Luis Barbosa e eu tinhamos a ténia.

Luis Barbosa, aquela boa alma, superabundante de saúde, tinha uma ténia por condescendencia comnosco.

José Barbosa, triste como um capitulo de Ezequiel, atribuia ao ominoso verme a dolorosa introversão do seu espirito.

Nós, Evaristo, porque eramos imaginariamente comidos da lombriga por excelencia?

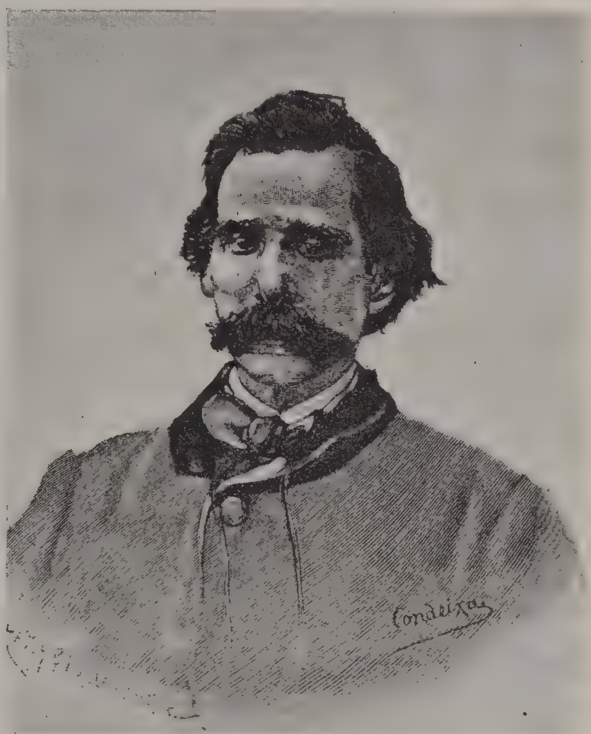
..................................................

Abrimos nossas almas aos dois Barbosas, simpatizaram eles com a ideia da ténia, um porque a devia ter, o outro porque, em obséquio á nossa desdita, aceitava a fama de possui-la.

E, assim, pálidos e meditativos, como quatro dos girondinos, subimos á carroça do Manuel Malho, e paramos em Famalicão. O país e a Europa já sabem, em virtude da noticia que eu dei á estampa, que o açoute de Deus, nas lombrigas, o ver-

[1] *Vinte horas de liteira,* 3.ª edição. Lisboa, 1907, fl. 238

micida de Gondifelos, não achou nada em ti, nem nos Barbosas, nem em mim. Eu, sem que vossês me vissem, puz a mão no ventre, e murmurei o *j'avais pourtant*... de Chénier. Era a dor sincera do homem que arguia ao desarranjo da região hipogástrica os esvaimentos de espirito, a letargia do *eu* intuspectivo, a calacice que me abrutava quando o ceu me chovia inspirações a cântaros.» [1]



CAMILO — DESENHO DE CONDEIXA
GRAVURA EM MADEIRA DE LALLEMANT E HEITOR,
REPRODUZIDA DO LIVRO
«O RETRATO DE RICARDINA», 2.ª EDIÇÃO, 1887

Estamos em país que se interessa pouco ou nada pelas suas glorias. O homem a quem se refere Camilo é Luís Joaquim de Oliveira que nasceu no logar de Romai da frèguesia de Gondifelos, concelho de Vila Nova de Famalicão, em 11 de maio de 1803, sendo filho de José Domingues d'Oliveira e de Maria Joaquina, lavradores daquela frèguesia. Tinha sido discipulo de um cirurgião de Rates e esse foi o verdadeiro inventor do remédio contra a solitária, embora se deva a Oliveira a sua vulgarização.

[1] *No Bom Jesus do Monte,* 2.ª edição. Porto, ff. 171 e 173.

O que é certo é que o medicamento adquiriu uma grande voga e tanta que o homem foi chamado a Lisboa para ver D. Maria II que se sentia definhar porque tinha os *sintomas fisicos* da ténia e os médicos da real camara não conseguiam libertá-la do incómodo parasita.

Partiu Oliveira para Lisboa em 1844 e não ficou com vontade de voltar. E todavia o sucesso foi completo. Mal a rainha ingeriu as garrafadas da tisana ficou livre do mal. O cirurgião de Gondifelos que residiu por oito dias no paço tinha medo dos fisicos a quem naturalmente nunca se tinha deparado um homem tão rude, se ele era como Camilo o descreve, do que duvidamos em face do retrato que pudemos obter e é pertença da sr.ª Maria Rosa, cozinheira que foi do sr. Menezes de Famalicão [1] que assevera que Oliveira era muito pretendido pelas moças do tempo.

A dar-se inteiro credito ás memorias locais, a rainha não ingeriu o remédio sem experiencias probantes. Foi apresentado a Oliveira um colegio de meninas e ele separou-as em duas turmas, segundo tinham ou não no intestino o parasita. Ás primeiras foi ministrado o medicamento e todas elas expulsaram o verme. Só depois a rainha enguliu a mistela.

D. Maria II preguntou ao curandeiro o que desejava em troca do serviço que dele recebera. O snr. Oliveira só uma coisa ambicionava: ver-se numa casa da rua das Flores no Porto.

Devia ter enjoado muito no vapor que o levou a Lisboa, ou receava que os fisicos reais atentassem contra a sua vida. Fez-lhe a rainha a vontade e mandou-o de carruagem acompanhado por soldados, certamente porque a viagem de Lisboa ao Porto não era segura pela via terrestre.

A rainha levou mais longe a sua munificencia: fê-lo

[1] Posteriormente, vimos outra prova fotografica do mesmo retrato.



REPRODUÇÃO DE UMA DAS GRAVURAS DO ROMANCE « A SEREIA », ILUSTRADO POR M. DE MACEDO E ROQUE GAMEIRO, 1900

cavaleiro de Cristo «em atenção aos serviços que tem prestado á humanidade na aplicação de certo remedio de que possue o segredo, com o qual cura pronta e eficazmente uma das grandes molestias que afligem a espécie humana,» [1] e deu-lhe um prazo em Negreiros, frèguesia do concelho de Barcelos, que ele vendeu por 400 escudos. [2]

Luís Joaquim d'Oliveira, que era conhecido pelo cirurgião da bicha, não era apenas um especialista: entregou-se á clinica geral e tinha reputação como parteiro e não menor como dentista. Era modesto nos seus honorarios. As consultas em sua casa não custavam mais de 6 centavos; as visitas dentro da frèguesia 8 e 10 centavos, conforme a distância, e fóra da frèguesia 20 e 24 centavos. Aos pobres prestava os seus serviços gratuitamente. Ainda vive em Gondifelos um lavrador de nome Joaquim da Silva, do logar da Lameca, a quem Oliveira tratou de uma febre tifoide, e a quem fês 5 visitas, cobrando no fim a quantia de 60 centavos. O snr. Silva afirma que ele era muito cuidadoso com os seus doentes.

Luís Oliveira tinha a consciencia dos proprios merecimentos. Só em casos muito graves e quando não era amigo da familia do doente mandava chamar um médico de Famalicão ou de Vila do Conde para calar o povo em caso de morte. Ordinariamente, isto só se realizava em ultimo extremo, porque o que ele não fizesse, tambem o não faria o médico chamado.

[1] São palavras da carta régia de 25 de julho de 1844 cuja copia devemos ao ilustre investigador e nosso amigo snr. Pedro de Azevedo.

[2] Estas informações foram colhidas pelo nosso colega e amigo Dr. J. Dias de Sá da boca do snr. Manuel da Costa Carneiro Junior, actual detentor da fórmula do remedio da bicha que ainda é empregado. Foram depois completadas pelo snr. João Carlos de Miranda que procedeu a um verdadeiro inquerito sobre o cirurgião da bicha. Recebam um e outro os protestos do nosso vivo reconhecimento.

Não era apenas em casa que dava consultas, tambem uma vez por semana ia a Famalicão, onde ás quartas-feiras o procurava numerosa clientela. Tambem vinha com frequencia ao Porto e em casa do negociante José Vieira Rebelo, estabelecido com loja de papelaria na Rua das Flores, recebia os doentes que o procuravam e receitava-lhes a sua xaropada contida em três garrafas pela módica quantia de 2 pintos.

De um comerciante do Porto ainda vivo sabemos nós que o consultou porque estava convencido de que tinha a tenia, ao contrario do que lhe assegurou o curandeiro de Gondifelos. Apesar disso, conseguiu de Vieira Rebelo que lhe obtivesse o famoso preparado. Poucas vezes se conseguiria resultado tão brilhante. Ficaram confirmados os creditos do inventor do remedio da bicha, porque esta não existia; ficou contentissimo o doente porque o medicamento produziu um energico efeito purgativo que o livrou dos incómodos gastricos que sentia.

Luís Joaquim d'Oliveira morreu em Batarar, concelho da Póvoa de Varzim, onde casara em 1850, a 13 de fevereiro de 1882. Era um homem simples, mas a concessão da venera envaideceu-o. Cara devia pagar esta satisfação. Um dia o fisco exigiu-lhe os direitos de mercê e ele, irritado, dizia: «Ora esta! ir eu a Lisboa, passar trabalhos e sustos por causa da senhora Rainha, fazer o serviço de graça e ainda por cima ter de pagar! Nada; noutra é que eu não caio!»

*

* *

O medicamento descoberto pelo curandeiro ou cirurgião de Gondifelos foi apregoado e discutido na imprensa medica do tempo e naturalmente foi-o tambem nos periodicos politicos.

Destes pouco sabemos. [1] Mas do que disseram os competentes alguma coisa colhemos. Já em 1844 tinha o medicamento notoriedade no país, e naturalmente o seu inventor.




CAMILO — CARICATURA DE SEBASTIÃO SANHUDO PUBLICADA NA PÁGINA 15 DO « ALMANACH DO SORVETE » DE 1884

No *Diario do Governo*, de 25 de abril, um doente reconhecido manifestava o seu entusiasmo e gratidão por se ver livre do parasita que lhe afligira a existencia durante alguns anos. Em três horas o medicamento de Luís Joaquim de Oliveira livrara-o do mal. Como testemunhas citava, entre outras pessoas, José Xavier Mousinho da Silveira.

A *Revista Medica de Lisboa*, no seu numero 4, transcrevia

[1] No n.º 54 da *Verdade*, periodico redigido por Camilo, de 12 d'outubro de 1855, dizia-se que chegara ao Porto o snr. Almeida Campos e que este se viu livro da tenia que o afligia, tomando um *remedio desconhecido* que lhe fôra ministrade pelo snr. Luís Joaquim d'Oliveira, medico-cirurgião de Vila Nova de Famalicão.



CAMILO — 1870. ESTUDO ORIGINAL DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO PARA A 7.ª PÁGINA DA «BERLINDA». REPRODUZIDO DO LIVRO «EM TERRA DE INGRATOS... CAMPANHAS CAMILIANAS»

o comunicado e acrescentava que à vista do documento e em razão do conceito que lhe mereciam as pessoas que o confirmavam começava a ter credito do que ouvira já dos casos do snr. Oliveira e procurava colher mais amplas informações a tal respeito. Houvera, porém, que suspendê-las porque o inventor partira para o Porto a fazer provisão de novas garrafadas de medicamento.

Januario Peres Furtado Galvão, professor da Escola medico-cirurgica do Porto, ocupava-se dêle na *Gazeta Medica do Porto* e dizia que determinava geralmente a expulsão da ténia em 3 ou 4 horas, havendo casos em que era mister repetir a aplicação uma e mais vezes, mas «o facto por nós averiguado, e geralmente reconhecido, é que a aplicação ordinária daquele remédio é bem sucedida e prontamente.»



CAMILO—DESENHO ORIGINAL DE RAFAEL BORDALO OFERECIDO AO ACTOR TABORDA EM 9 DE MAIO DE 1870. REPRODUZIDO DO LIVRO «EM TERRA DE INGRATOS... CAMPANHAS CAMILIANAS»

O Oliveira guardava o segredo da composição «como uma mãe, convertida á fé zelaria uma filha garrida e estouvada» mas algumas tentativas analiticas haviam sido feitas e Furtado Galvão ouvira dizer que no especifico entrava a casca da raiz de romeira, feto macho e cobre e parecia-lhe «que a coisa não andará por muito longe.»

Não causava portanto surpresa que o me-

dicamento desse tão bons resultados; «o que decerto vai fazer pasmar muita gente boa é que, *si vera est fama,* o sr. Luís Joaquim de Oliveira conhece pela simples inspecção logo as pessoas que têm a solitária, e vai até marcar o ponto a que ela está agarrada!»[1] A esta resposta, Furtado Galvão conservava a incredulidade de S. Thomé.

O ilustre professor da Escola médico-cirurgica do Porto manifestava o desejo de que se procedesse a um inquérito relativo á eficácia do especifico e á pericia do sr. Oliveira e, reconhecida uma e outra, o governo comprasse o segredo e o legasse ao público em beneficio da humanidade. O muito desinteresse que se não pode negar ao sr. Oliveira e de que temos muitas provas, levava-o a acreditar que seria pequeno o sacrificio pecuniário.

Julgava que á Sociedade das Sciencias médicas de Lisboa competia tomar a iniciativa desta averiguação, para a levar ao conhecimento da rainha.

Dezasseis anos depois, ainda o medicamento conservava a mesma reputação, se não maior. O professor de farmácia, Felix da Fonseca Moura ocupava-se em 1860 da bebida tenifuga ou remédio contra a ténia do sr. Luís Joaquim d'Oliveira, cirurgião em Gondifelos, proximo de Famalicão. Dizia que entre os diferentes remédios propostos contra o verme solitário, «a bebida altamente eficaz, por seu valente poder e validade de acção» era incontestavelmente o que preparava aquele senhor o mais eficaz.

Dava conta da maneira como se devia administrar o medicamento e mencionava as suas contra-indicações, e apesar de continuar o sr. Oliveira a guardar segredo sobre a com-

[1] Uma senhora actualmente residente em Vila Nova de Gaia e que muito conheceu o cirurgião da bicha e assistiu por vezes á preparação do medicamento afirma que era constituido apenas por um decocto de casca de romeira.

posição do especifico julgava-o, como Furtado Galvão, constituido por um decocto concentrado de casca de romeira e raiz de feto macho. Numa nota dizia que o medicamento possuia um sabor desagradavel que o tornava mal tolerado, pelas pessoas de constituição delicada, o que observara na sua própria casa e « na pessoa que sobretodas me é cara.» [1]

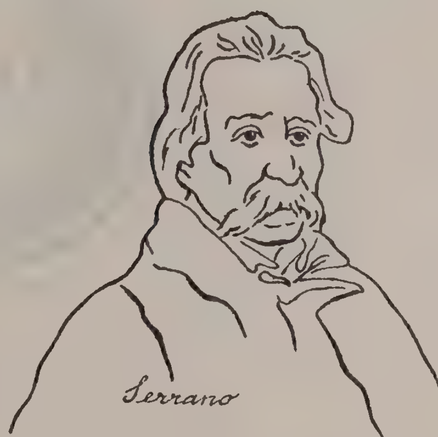
MAXIMIANO DE LEMOS



[1] *Boletim de farmácia e sciencias acessorias*, vol. IV, 1860, fl. 22.



# O ESTYLO
# DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

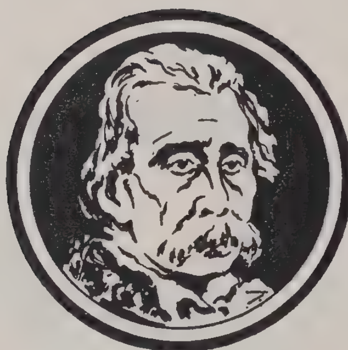


CAMILO — DESENHO DO POPULAR JOAQUIM SERRANO

DA leitura assidua dos bons classicos, e do estudo das transformações, por que perennemente passa uma lingua como organismo vivo, que é, formou Camillo Castello Branco um dos estylos mais bellos e mais originaes, de que pode ufanar-se um escriptor ou uma epoca litteraria. N'esse estylo as ideias e a fórma penetram-se do mesmo modo, por que se penetram a alma e o corpo, que ella vivifica com o seu sopro mysterioso, sendo tão difficil despir os pensamentos de

Camillo Castello Branco do estylo, em que a sua penna os externou, como é difficil n'um quadro de Raphael separar o typo das cabeças divinas, que elle revelou ao mundo, da arte suprema do artista, que lhes traçou a fórma material.

JOSÉ ANTONIO DE FREITAS





# CAMILLO

N'UMA tarde do principio de Junho d'esse angustiado e revolto anno de 1890, tão cortado de sobresaltos, agitações e desgraças, no calmo e verdejante retiro aldeão da sua casa de S. Miguel de Seide, e n'esse gabinete de trabalho em que o cercavam os seus adorados livros, companheiros fieis de toda uma vida de intensa actividade litteraria, Camillo Castello Branco, convencido do irremediavel infortunio que condemnava os seus derradeiros dias á treva perpetua,—abria por sua propria mão as portas de bronze da Morte, mettendo na cabeça uma bala de revolver.

Mas essa bala fatal, que lhe cortava o fio da existencia, já tão gasto e adelgaçado pelo soffrimento, rompia tambem, de vez, os ultimos filamentos da nossa tradicção litteraria.

Porque a verdade é que, com esse glorioso vulto de escriptor, se extingue a linhagem classica e romantica, e com elle morre a velha lingua portuguesa. E' um cyclo

inteiro que se encerra n'esse tragico epilogo d'uma grande vida, laboriosa e fecunda. O seu mausoleu não é apenas a jazida funebre d'um litterato illustre: é a sepultura de toda uma litteratura morta. Ha um ponto final, uma pagina voltada, um fim de capitulo, no desapparecimento d'essa alta individualidade. Percebe-se, sente-se que mais um golpe nos separou do Passado,—subsistente ainda n'esse espirito por um phenomeno de sobrevivencia psychologica e pela vastidão do saber erudito. Cortou-se a ultima raiz. A grande arvore da nossa tradição litteraria caiu.

*

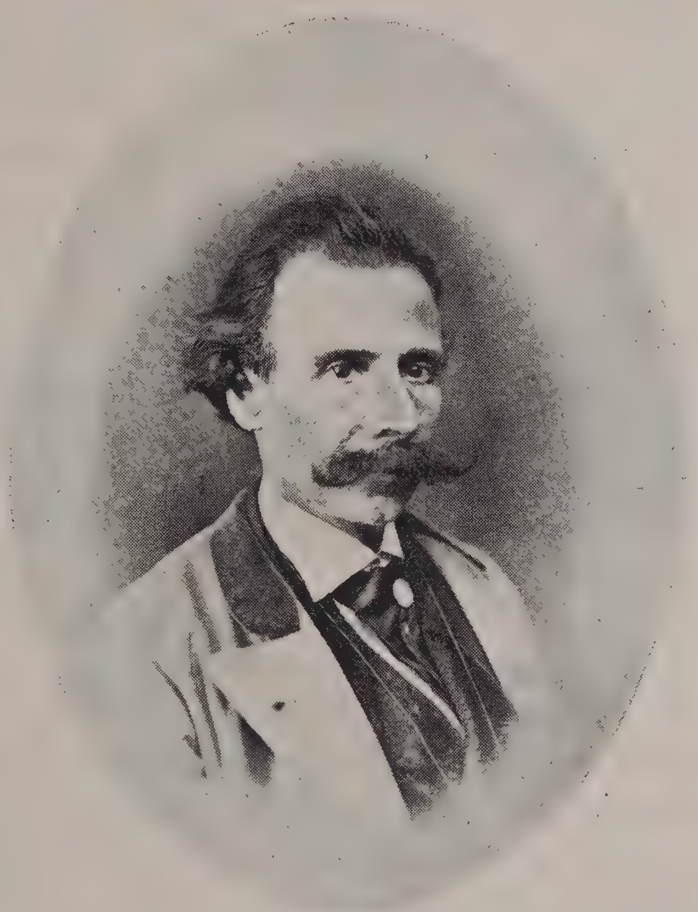
*   *

Camillo foi, de facto, não só o ultimo romantico, mas tambem o derradeiro representante d'esse *nacionalismo* das lettras, que, dentro dos recursos da lingua portugueza, se occupou da vida portugueza, creando typos radicalmente portuguezes.

E' que elle foi ainda um fructo d'essa educação antiga, que a transformação do nosso meio social subverteu totalmente. O seu espirito formou-se nos velhos moldes do ensino classico. Esse leite, rico e puro, não o bebeu elle aos goles, ministrado em doses minimas pelo *biberon* das selectas, como aconteceu ás gerações subsequentes: sugou-o a largos tragos, com os labios soffregos collados ao seio tumido e inexhaurivel de toda a nossa litteratura de chronistas, historiadores, poetas, theologos, mysticos, oradores sacros, moralistas, eruditos e grammaticos. Antes de lêr os extranhos, lêra avidamente os nativos; e essas leituras deixaram-lhe para sempre, no espirito, o cunho indelevel da influencia primitiva.

Mas não foram só as leituras que concorreram para

perpetuar n'elle o genio nacional. Foram tambem as condições da sua vida, que o detiveram pela provincia, n'essas terras de Entre-Minho-e-Douro e de Traz-os-Montes, mais resistentes, pelo seu afastamento, á acção descaracterisadora da corrente cosmopolita, que do foco central de Lisboa alastrou para a peripheria do paiz. Viveu em largo contacto com o estrato popular, profundamente estavel e conservador; viveu entre os restos do Portugal velho, entre os derradeiros typos d'essa sociedade, que a revolução liberal derruiu e aniquilou. E esses destroços acharam n'elle o artista maravilhoso que os restaurou e, na sua vasta obra, os recolheu e agrupou como n'um bello e rico museu de figuras nacionais.



UMA CURIOSA FOTOGRAFIA DE CAMILO, PERTENCENTE AO DR. FIDELINO DE FIGUEIREDO

D'uma malleabilidade, d'uma impressionabilidade extraordinarias, dotado d'uma ampla faculdade de apercepção,

sempre agitado, mobil, inconstante, contradictorio, — o seu espirito guardou, comtudo, até ao fim, o caracter fundamental da sua individualidade, que nenhuma influencia posterior de estudos, leituras, theorias ou doutrinas modificou ou alterou no minimo traço. Na sua obra, pode haver, sobre um dado ponto, as opiniões mais diversas. Mas, atravez de todas essas opiniões, desencontradas, oppostas, inconciliaveis, a sua personalidade espiritual affirma-se, nua e inconfundivel, no tom, no accento particular com que ri ou soluça, com que blasphema ou ora, com que affirma ou nega, com que glorifica ou condemna.

A linha caracteristica do seu talento está, talvez, n'este phenomeno singular. Ao passo que a unidade intima do seu espirito, reflectindo-se pelo verbo em toda a sua obra, a marcava com um cunho proprio e pessoal, a sua inconsistencia de juizos, a sua versatilidade critica, davam a essa mesma physionomia a mais variada e mais larga successão de aspectos. N'este ponto, Camillo participava da natureza emotiva dos grandes actores, que, com a mesma sinceridade, a mesma energia, a mesma possessão do seu papel, *vivem* sobre um tablado, em noites successivas, os personagens mais diametralmente oppostos, os caracteres mais differenciados e incompativeis.

Esta mesma mobilidade psychologica, dom da sua natureza proteica, occasionando a falta de plano e a confusão immethodica da sua obra, dá-lhe, por outro lado, a mais desmedida vastidão objectiva. Verdadeiro polygrapho, a penna foi, na sua mão, um instrumento multiforme: — estoque rebrilhante e agudo, com que esgrimiu nas brigas mais encarniçadas e violentas da polemica; alvião com que escavou pacientemente nas minas obscuras da erudição e da historia; pincel de raro poder evocativo que traçou e coloriu quadros magistraes, fazendo passar, deante

dos nossos olhos, as scenas mais comicas da farça entremeadas com os episodios mais lancinantes do drama; escalpello com que dissecou almas e bisturi com que lancetou ridiculos; lima e brunidor com que desbastou, afeiçoou e poliu a nossa linguagem classica, adaptando-a, sem a macular ou violentar, a todas as necessidades d'expressão do espirito contemporaneo.

*
*   *

Mas, das variadas formas da sua immensa obra litteraria, a que, dominando todas as outras, fica sendo como a peça central do monumento que elle ergueu á sua propria gloria, — é, sem duvida alguma, o seu soberbo trabalho de romancista. E' aqui que o seu talento, o seu genio se affirmam, n'uma incontestada e culminante superioridade.

E, comtudo, elle não foi verdadeiramente um d'esses grandes architectos, d'esses grandes technicos da novella como o foram um Balzac, um Flaubert, um Dickens, um Tolstoï, — todos mais ou menos seus contemporaneos. Os seus romances não são d'uma fabrica muito ampla e complexa: de proporções limitadas, muitas vezes pobres de scenario, cortados a cada instante, no decorrer do entrecho, de intervenções pessoaes do auctor, de divagações caprichosas, muitos d'elles não passam, de puras *narrativas* — impressionantes, commovidas, eloquentes, é certo, estuantes de paixão, torsionadas de dôr, sangrando lagrimas, chocando a alma até ás suas fibras mais intimas.

Mas, apesar d'essas deficiencias estructuraes, este fogo passional e as suas penetrantes qualidades de autopsiador d'almas e de observador de costumes, tornaram-n'o, entre nós, no seu tempo, o grande Mestre do romance.

Na larga serie dos seus livros, que é quasi uma bibliotheca, os personagens multiplicam-se e as epochas succedem-se. Para mim, porém, os mais interessantes dos romances de Camillo são aquelles que elle urdiu sobre esse curioso e critico momento de transição em que a sociedade portugueza encerrou o periodo do regimen absolutista e aristocratico e iniciou a era do liberalismo e do predominio burguez. D'esse facto, de tão largas consequencias ethicas e psychologicas, deixou-nos elle verdadeiros documentos historicos. A aristocracia que declina, a burguezia que ascende, o feudalismo territorial que se esphacela e o feudalismo capitalista que germina, — eis o quadro social, o fundo ordinario, onde elle fez perpassar a legião dos seus personagens, comicos ou tragicos, ridiculos ou sublimes.

Os fidalgos, os morgados, os capitães-móres, os desembargadores, os frades, as freiras, os abbades, a velha burguezia e o povo da provincia, depois a mulher romantica, o «homem fatal», o brasileiro, o barão de fresca data, o influente liberal, o bacharel, o deputado, — são figuras que elle modelou poderosamente e que animou com esse halito creador de vida e de realidade, que é o segredo e a força do seu genio. Ao longo das suas paginas, toda essa gente vive, em espirito e coração, em carne e sangue, com os seus sentimentos, as suas ideias, os seus preconceitos, as suas virtudes, os seus vicios, as suas ambições, e os seus interesses.

Uma exegese, como a obra de Camillo merece e como, decerto, se lhe virá a fazer, devia, orientada por este criterio, começar o seu trabalho pela classificação psychologica d'essa confusa turba de personalidades e pela ordenação cyclica das epochas, dentro das quaes os seus romances se entrecham e desenvolvem.

Tive, um dia, o ensejo e a honra de lhe expôr directamente, sob uma outra forma, esta mesma ideia. Creio ter-lhe dito, pouco mais ou menos, que o trabalho final da sua vida deveria ser a refundição e coordenação d'esta parte da sua obra n'uma edição definitiva, de forma a pôr bem em evidencia o facto social que a toda ella serve




REPRODUÇÃO D'UMA DUPLA PÁGINA CENTRAL
DO N.º 110 DO JORNAL HUMORISTICO PORTUENSE «O SORVETE»
DE 28 DE JUNHO DE 1880

como que de eixo ou centro de gravitação. O mestre concordou plenamente com este ponto de vista, e referiu-o a terceira pessôa, affirmando essa concordancia e lamentando não poder já applicar-se á execução d'esse plano. Effectivamente, a espontaneidade de todo o seu gigantesco trabalho, feito ao acaso, na febre da inspiração e da producção, dá-lhe um aspecto *heurté* e desequilibra-o em mais d'um ponto, com contradicções, repetições de figuras, pari-

dade de episodios e scenas, todas as superfluidades, todas as excrescencias d'uma creação que se abandona inteiramente ao capricho d'uma veia caudalosa e transbordante. Seria preciso approximar certos typos, fundil-os mesmo, eliminar mais d'um volume, desenvolver muitos outros, para dar a essa magnifica galeria a unidade que ella reclama. Camillo reconhecia-o. Mas o outomno da sua vida, a quadra propria para uma tarefa d'esta natureza, reflectida, concentrada, tranquilla, — foi, em vez d'uma tarde calma, um occaso tempestuoso, que terminou pela fulminação d'um raio...

*

* *

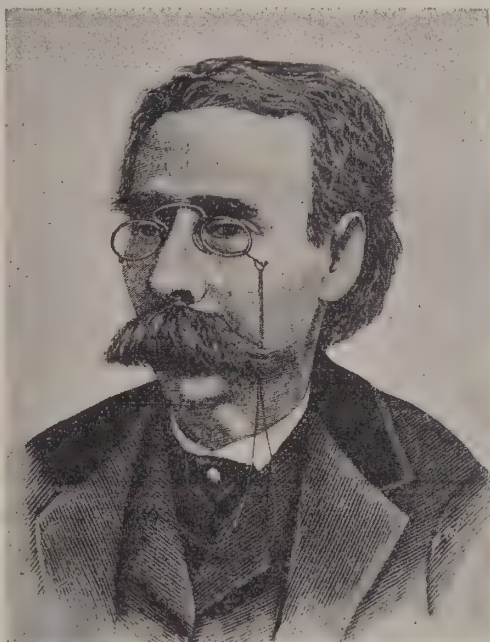
Irregular, desharmonica, como ella nos fica, que extraordinaria não é, porém, essa obra, — complexo monumento onde a alma do artista deixou o vinco profundo e indelevel de todas as suas maravilhosas faculdades! Como a sua mobilidade psychica, a sua volubilidade lhe permittiam uma egual penetração das paixões mais diversas, dos estados moraes mais oppostos! Que vigor, que fecundidade imaginativa e que faculdades de representação mental e de expressão! Que ductilidade, que flexibilidade a da sua linguagem, que riqueza de vocabulario, que sciencia da palavra, que amplitude de estylo!

Ninguem como elle attingiu esse paroxismo das paixões que se chama o pathetico. Veja-se essa obra prima, o *Amor de perdição,* só comparavel, em intensidade emocional, a ess'outro monumento da litteratura romantica, o *Frei Luiz de Sousa.* Mas ninguem tambem como elle, desafivelada a mascara dramatica, tinha o condão da *vis comica* em toda a extensão da sua gamma, desde a ironia adejante e ligeira ao sarcasmo penetrante e corrosivo. A sua

obra humoristica é um digno reverso da sua obra dramatica. As lagrimas ardentes da paixão rolavam-lhe pelas faces, ainda contrahidas pelo *rictus* da forte risada rabelaisiana. As duas musas classicas pareciam eternamente postadas a seu lado, insuflando-lhe a sua inspiração divina e como que debatendo o dominio d'esse espirito.

Porfim a que venceu foi a tragica Melpomene!...

O seu ultimo drama, escreveu-o elle, n'aquella tarde fatal, esmigalhando com uma bala esse craneo, que foi o involucro d'um mundo.



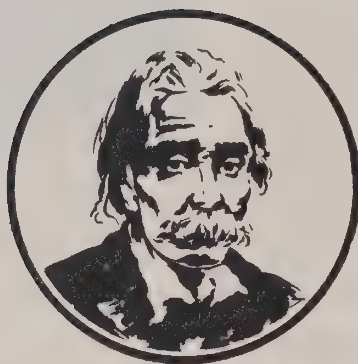
CAMILO CASTELO BRANCO EM 1886
GRAVURA REPRODUZIDA DA PÁGINA 290
DO LIVRO «O ROMANCE DO ROMANCISTA»
DE ALBERTO PIMENTEL, 1.ª EDIÇÃO, 1890

O suicidio de Camillo não representa, para a sua vida, um d'esses desfechos illogicos que surprehendem e assombram, como o fôra, pouco tempo antes, n'esse mesmo doloroso anno, o de Julio Cesar Machado. Sobre ser um proposito que não occultava a ninguem, esse facto estava implicito na sua natureza desequilibrada, caprichosa, e no desespero em que o lançaram a tortura da doença e o horror da cegueira.

Transigiu com o soffrimento, emquanto uma restea de esperança lhe luziu atravez da treva sinistra em que angustiadamente tacteava... Mas, quando essa ultima claridade se extinguiu tambem, quando a sua alma viu tão

negro como os seus olhos, então, perdida *ogni speranza,* despenhou-se no abysmo mysterioso, que sentia aberto a seus pés, — quem sabe se em busca d'uma luz inextinguivel ou d'uma treva ainda mais espessa do que aquella em que a desventura o mergulhara?!...

LUIZ DE MAGALHÃES





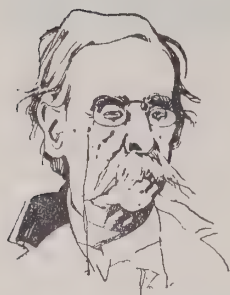
# A OBRA DE CAMILLO

Em uma sessão commemorativa do XXV anniversario da morte de Camillo Castello Branco, affirmámos que o unico monumento que se podia e devia erigir á sua memoria seria a publicação systematica da sua Obra, que apparece desmembrada, pois foi escripta sem plano, sob impulso diverso, devido ao ter sido o autor um impressionista, que se elevou á creação do romance na litteratura portugueza. Assim apprehender-se-ha a curiosa evolução do seu espirito onde brilha a nota do cavalheirismo sentimental tão eloquentemente dada em uma epoca das mais agitadas da sua vida, quando produzia successivos romances para sustentar a senhora a que ligou o seu destino, romances que accentuam um notavel periodo de intensidade affectiva.

Completaria-se-hia este monumento procurando descobrir-se onde param as 400 cartas dirigidas por Camillo ao seu amigo dos bancos da eschola, o visconde de Ouguella, o orador e parlamentar distincto Carlos Ramiro Coutinho.

Todas essas cartas são flagrantes documentos autobiographicos, uma galeria de retratos dos personagens contemporaneos e aspectos dos casos politicos como o da Pavorosa.

São já valiosos os trabalhos criticos ácerca de Camillo, destacando-se as notas bibliographicas de Henrique Marques, com o mais completo catalogo de todos os livros de Camillo Castello Branco; os documentos do Santo Officio sobre os Familiares, seus antepassados, com os depoimentos testemunhaes, que explicam certas taras hereditarias do romancista, publicados pelo erudito archivista Pedro de Azevedo; a compilação de trechos de todas as obras de Camillo, pelo falecido naturalista Proença, constituindo na sua ordem chronologica uma pittoresca Auto biographia; o estudo synthetico e scientificamente organisado por Paulo Osorio; e em especial as informações capitalissimas sobre a vida intima de Camillo, que devotamente colligiu o amigo da sua intimidade, Alberto Pimentel. Falta ainda proceder ao estudo de seu estylo, e confecção de seu opulento vocabulario para determinar-lhe as caracteristicas populares e classicas e a sua ideo-emotividade. Na riqueza phraseologica, excede Eça de Queiroz. A graça de Camillo é portugueza, de raiz ethnica, e como tal lembra Cervantes, que nasceu na região lusa de Caceres, no Alcazar de San Juan.



MÁSCARA DE CAMILO
DESENHO DE HIPÓ-
LITO COLLOMB



DR. TEOFILO BRAGA
MÁSCARA DE
SAAVEDRA MACHADO

O estudo completo da sua obra conduzirá á conclusão de que, apesar de todas as taras hereditarias que lhe

tornaram angustiada e calamitosa a existencia, elle pela actividade esthetica substituiu muitas d'essas tendencias herdadas, deixando a energia nervosa para a creação artistica das paixões nobres e typos bellos, uma profunda revelação para a Psychologia e necessaria applicação para a Pedagogia.

THEOPHILO BRAGA






CAMILO CASTELO BRANCO — CARICATURA DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO REPRODUZIDA DO N.º 24 DO «ALBUM DAS GLORIAS», JANEIRO DE 1882



# ÚLTIMA LUZ NA NOITE

NOTÓRIA é, aos leitores de Fialho, a sua profunda admiração por Camilo. O vibrante panfletário de *Os Gatos,* em cuja «misantropia orgulhosa» o remoque floria mais a miúdo que o louvor, nunca deixou de ter pelo «solitário de Seide» —¡foi êle quem assim primeiro lhe chamou!—um culto entusiasta.

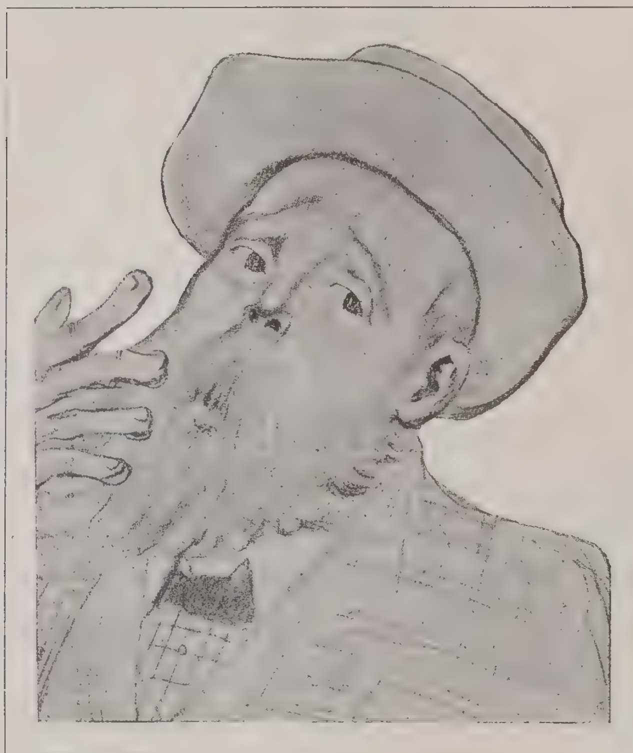
Os *Contos,* com que, em 1881, o impressionista sufocador dos *Ceifeiros* abriu a sua carreira, são dedicados a Camilo, nos termos mais fervorosos.

Do Camilo envelhecido, cego, desesperançado, e a bem poucos passos do suicídio, deixou-nos nas *Pasquinadas* aquele esbôço impressionante de retrato, «onde o cabelo põe brumas de velhice, e o bigode branco, grande, caído, faz sôbre a bôca como a cortina dum leito onde estivesse a dormir uma grande voz.»

Foi Fialho também quem, no mesmo artigo, propôs uma romagem de rosas à casa de Camilo e uma edição nacional das suas obras, ilustrada por todos os artistas nacionais.

Há ainda uma outra passagem relativa a Camilo, que, por desconhecida, me pareceu oportuno divulgar neste volume «camilesco». O adjectivo é de Fialho.

Entre o espólio fialhiano, dormem dezoito granéis, em parte ineditos, de um romance — *Obra-prima perdida* — que o contista de *O País das uvas* não levou a cabo, mas onde traçou, com sangue da sua alma, uma espécie dolorosa de auto-confissão.



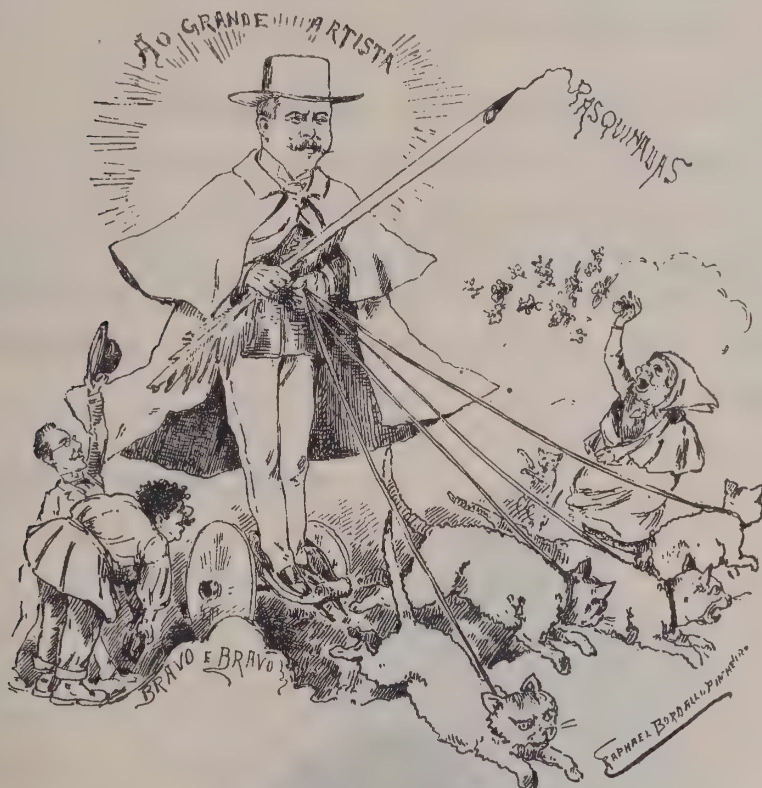
FIALHO D'ALMEIDA
CARICATURA DE FRANCISCO TEIXEIRA REPRODUZIDA DO N.º 285 DA «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA» DE 7 DE AGOSTO DE 1911

O dilema terrível entre «ou ter de rebentar de martírio num meio hostil a toda a ideia de Arte independente ou de pôr ponto brusco numa produção que, mesmo apesar de fulgurante e vigorosa, só conseguira produzir no público uma surda irritação minaz contra o escritor», leva o protagonista da truncada narrativa, Jorge Miguel, a optar por um casamento provinciano e abastado, que o assegure contra «a miséria odiada» de um incerto futuro.

Vencida a relutância do seu espírito sacrificado de artista,

Jorge Miguel, que morava no Monte, trata de destruir as recordações do passado, improvisando um auto-de-fé das suas cartas e papéis, cuja cinza espalha, saüdoso, no silêncio da noite.

Insone, de cigarro aceso, contempla, assim, a debandada




FIALHO D'ALMEIDA — CARICATURA DE RAFAEL BORDALO
REPRODUZIDA DO JORNAL HUMORISTICO «PONTOS NOS I I»
DE 10 DE JANEIRO DE 1891

das suas gloriosas ilusões, até que a madrugada semi-alveja e a pública iluminação entra de apagar-se. «Na muralha de S. Pedro de Alcântara, fronteira à janela, uma fieira de luzes insistia em ficar, porém, na grisalha nevoenta,» e o escritor abdicante dá-se a atribuir àquela «fiada de gaz,» pouco a pouco dizimada, a equivalência de uma «constelação

simbólica de figuras literárias do seu século, marcando no cerraceiro nacional a estrada da arte, e a cada luzita daquelas dava um nome, para, chegado à última, se contemplar em astro imorredouro».

A luz em que Fialho se incarnava some-se pronto, sucedendo o mesmo às demais, até que, havendo já só duas a brilhar, Jorge Miguel fecha a janela, quando a penúltima fenece.

Uma só luz persiste então, mais resistente e viva, no dia que se aclara, e essa última luz, que o escritor acabrunhado vê «ficar um momento na névoa, amplificada, inverosímil, alumiando a madorna da cidade» era o *grande Camilo* — a devoção derradeira, que, encaminhando-se para a renúncia agoniante, mais custava a deixar ao artista crisalidado em lavrador.

MANOEL DE SOUSA PINTO





# CAMILLO CASTELLO BRANCO

ESCREVEU-SE algures de Paul Adam que «elle era um espectaculo magnifico». A phrase póde aplicar-se exactamente ao nosso Camillo com a differença que este é muito mais variado sem transpôr a fronteira de Portugal e menos berrante tanto na côr como no som. O mesmo será dizer que o



SCENA FINAL DO 3.º ACTO
DA OPERA « AMOR DE PERDIÇÃO »

nosso escriptor é muito mais poderoso artista na sua força regional authentica, sem falsas generalisações sociaes; no seu colorido e no seu desenho multiformes, abundantes, ducteis, prestigiosos, felizes mesmo na infelicidade, harmonicos mesmo na desordem...

Camillo é um magnifico espectaculo portuguez!

D. LUIZ DE CASTRO
Conde de Nova Goa





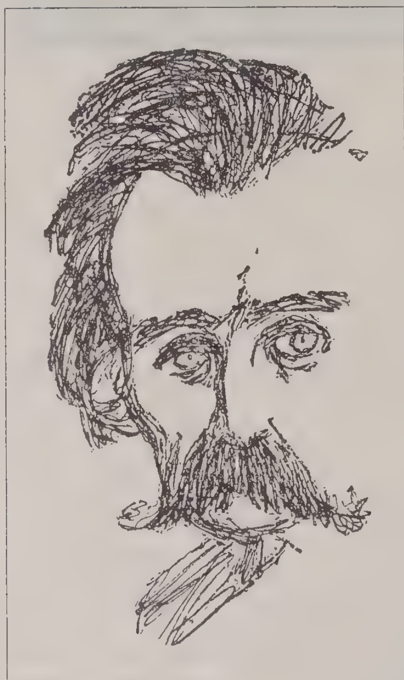
# MARIE RATTAZZI

MARIE Leticia Studolmina Wyse, senhora de Rute e Solms, viuva do estadista italiano Urbano Rattazzi (1808-1873)—foi a autora do livro *Portugal à vol d'oiseau,* que o impiedoso Camillo celebrou num opusculo de desforço que, ao tempo, deu a publico com o proprio titulo da inconsiderada escriptora: *Princesa Rattazzi.* Incidentemente nos veio á mão, por intermedio do sr. Julio Palmeirim, a carta que adiante publicamos, por Marie Rattazzi escrita ao distinto Poeta Luís Augusto Palmeirim, pai daquele nosso querido amigo, que, para o efeito duma segunda tiragem do livro «*Camillo inédito*», no-la remeteu.

Pois que julgamos da melhor oportunidade a sua inclusão no presente *In memoriam,* do melhor grado cedemos sua copia aos editores deste livro, certos de que da sua publicidade revive, como de nenhum outro documento, a impressão que da desproporcionada campanha de Camillo se fez no animo de Marie de Solms, porven-

tura já ao tempo penitenciada das suas levianas notas de viagem.

Como quer que seja, o que da seguinte se infére é que a extravagante princesa se sentiu com os comentários tão descaroávelmente desfavoraveis ao seu livro, e daí o facto de ter pedido o auxilio de Luís Palmeirim para a *oprimida,* desculpando-se das suas demasias de critica com a intenção de escrever, áquelle proposito, um mero «jornal humoristico», jamais uma obra de impertinencia, como a classificaram os interessados, e menos ainda um livro com pretêsto ou margem a polemicas.



CAMILO — DESENHO DE ANTONIO SOARES, REPRODUZIDO DO N.º 19 DO «DIARIO DE LISBOA» DE 28 DE ABRIL DE 1921

No entretanto, e mau grado estas razões, Camillo é que se não dispensou de comentar com violencia o seu tão tristemente celebrado livro; e, o que é mais: dos seus escolhidos e reclamados juizes não apareceu um só a defende-la, pois que, ao contrario do que pensava e escrevera a Palmeirim, parece que, de facto, todos elles eram, ao tempo, em... Berlim!

Ancêde.

VISCONDE DE VILA-MOURA

# IN MEMORIAM DE CAMILLO

*A Carta de Marie Rattazzi*

Palacio del Recreo.
Alameda de Herculés.

SÉVILLE.

Cher et illustre poète,

En même temps que cette lettre, je vous envoie un exemplaire de mon livre sur le Portugal.

Dites moi que tous les juges ne sont pas à Berlim et que vous allez prendre la defense de l'oppprimé...

On fait d'un journal humouristique une matière à polémiques. Je veux bien que ma plume voyageuse, capricieusé eùt par-ci par-là usé et abusé de la latitude que je lui laissais; mais de là à mériter un haro général il y a loin. Il ne faut pas oublier que mon livre est un journal dė voyage, ecrit au hasard de mes courses par los montes.

Vous, le grand esprit, le poète par excellence, vous lirez entre les lignes, vous romprez une lance en faveur de mon intention, qui était, qui est bienveillante et eminemment sympathique pour votre admirable pays.

Ce qui peut me nuire surtout, ce sont les citations tronquées, mal choisies, et qui, ansi que des valets de bonne maison disent tout le contraire de ce dont les avaient chargés leurs maîtres, suivant la spirituelle expression de M.me de Sévigné. Et voyez-le par vous même. A'en croire les journaux, je vous aurais témoigné rien moins que ma profonde sympathie. Prenez mon livre et lisez e dites-moi se le parti pris n'est pas irrécusable, si cette malveillance ne ressemble pas en «si ce n'est toi, c'est donc ton frère» de La Fontaine.

Peut-on voir dans ce que j'ai dit de vous autre chose que le témoignage de la vive admiration que vous m'inspirez, vous en qui je revois Béranger, l'ami de mon enfance!

— Cet exemple est concluant.

MARIE RATTAZZI





# CAMILO, O AMOROSO

NA galeria dos escritores nacionais dos ultimos cincoenta anos duas figuras ha de inconfundivel relevo. Refiro-me a Camilo Castelo Branco e a Antero do Quental, dois dos maiores desgraçados que a terra portugueza viu germinar, florir e morrer.

Ambos foram superiores no talento, inegualaveis na ação e tragicos na morte.

Dir-se-hia que o mesmo sopro do infortunio e do genio roçou o berço dos dois sonhadores, embora o oceano os separasse por milhas e milhas de distancia.

Falemos de Camilo, deixando Antero para ocasião oportuna, porque cada um d'eles, só por si, dá materia interessante para imensas páginas de prosa.

Depois de Almeida Garret, foi talvez Camilo o mais amoroso e aventureiro dos nossos homens de letras, e aquele que, pela nevrose do genio e pelos impulsivismos do temperamento, mais sofreu e gosou.

E por toda a sua vasta obra perpassa uma sombra convulsa que chora, ri, geme e soluça. E' a sua alma apaixonada, o seu coração amoroso rugindo como o leão nas selvas. Nos seus livros, principalmente nos seus romances sentimentaes, topamos a cada passo com uma paixão colerica ou uma alma esfacelada pela dôr: é o seu coração d'amoroso tangendo todas as fibras.

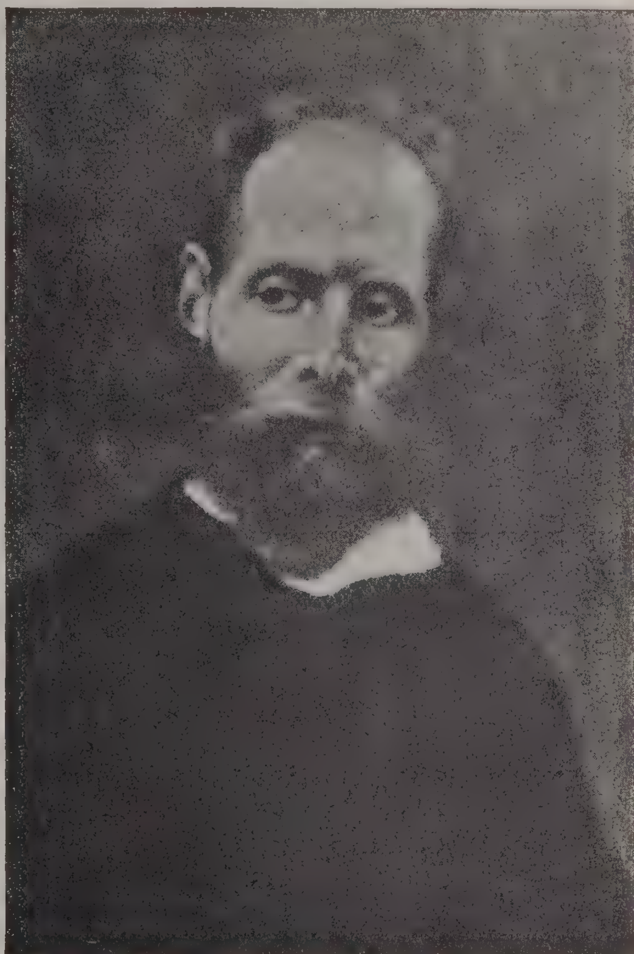
Cada personagem que sobe o seu calvario, cada infeliz que rola no pó dos desenganos ou cada morgado que lá no ridente Minho abraça pela calada da noite a mulher do proximo, é sempre o amoroso Camilo, com o seu coração em chamas, que a gente presente e vê atravez da mascara d'outro nome.

Camilo, para ter sido um homem ditoso, bastava-lhe apenas amar ao de leve as inumeras mulheres que ele conheceu no Porto, nos seus tempos agitados de boemio e espadachim. Mas não lhe foi possivel tal platonismo porque o seu braço de domador não era assás forte para conter a fera temivel que o seguia por toda a parte, e que era, nem mais nem menos, o seu proprio coração. A fera rugia por dentro com impeto, em convulsões prolongadas, como se uma eterna agonia, ululante e fatal, a empolgasse ao começo; a mesma fera sedenta e incompreensivel, no auge da furia, destruia e calcinava tudo, levando o seu desespero morbido às tentativas de suicidio, e mais das vezes ao esgotamento cerebral...

Dois ou tres dos nossos literatos já se deram ao labor de estudar as fobias camilianas, as taras hereditarias, as funestas degenerescencias d'esse homem superior entre a falange dos que na verdade o são. E d'esses trabalhos dispersos feitos ao sabor da piedade, da simpatia ou do rancor disfarçado, resalta a nota intensiva que exteriorisa o modo de ser pessoal do solitario de S. Miguel de Side, o intimo

contacto entre o genio e a loucura, que os alienienistas da escola italiana ha muito precisaram, e tambem o meio social que tão propicio foi ao desenvolvimento das qualidades natas de Camilo.

A génese dos seus melhores livros d'amor é talvez o produto da febra dos seus maiores dias de ventura. A gloria para ele, amassada com làgrimas, desgostos e privações, tinha o seu quê de dramatico e brutal. Camilo, nos seus amores com D. Ana Placido, viu até que ponto a justiça é cega e o dinheiro uma alavanca portentosa. Da cadeia, onde o levàra uma absurda lei do tempo de Filipe de Hespanha contra os homens que seduziam mulheres casadas, saiu o estranho nevrópata mais irritado contra o conservantismo da epoca; e d'ahi, d'essas amargas horas em que ele via a sua felicidade sob os



ANTERO DE QUENTAL
RETRATO A OLEO POR COLUMBANO BORDALO PINHEIRO

ferros do compassivo D. Pedro V, a liberdade amachucada pelas libras dos brazileiros de retorno e o seu amor proprio ofendido no amago, recrudesceu a sua rebeldia ingenita contra tudo que via iniquo, futil e preverso.

D. Ana Placido, mais delicada e coerente com a fragilidade do seu sexo, denominava esse periodo agudo da sua paixão por Camilo de — *luz coada por ferros*...

O romancista sentia vibrar os nervos a cada referencia que um adversario lhe fazia, a cada ligeiro sorriso que um inimigo lhe lançasse. A uma inofensiva beliscadura respondia com punhaladas de morte. N'este particular assemelhava-se muito a Zola, o formidavel romancista francez.

Emilio Zola, disse um dos seus criticos, respondia com bastonadas às picadelas d'alfinete.

O romancista portuguez seguia identico processo.

A sua violencia, cachoante e inaudita, confundia-se a espaços com o insulto obsceno.

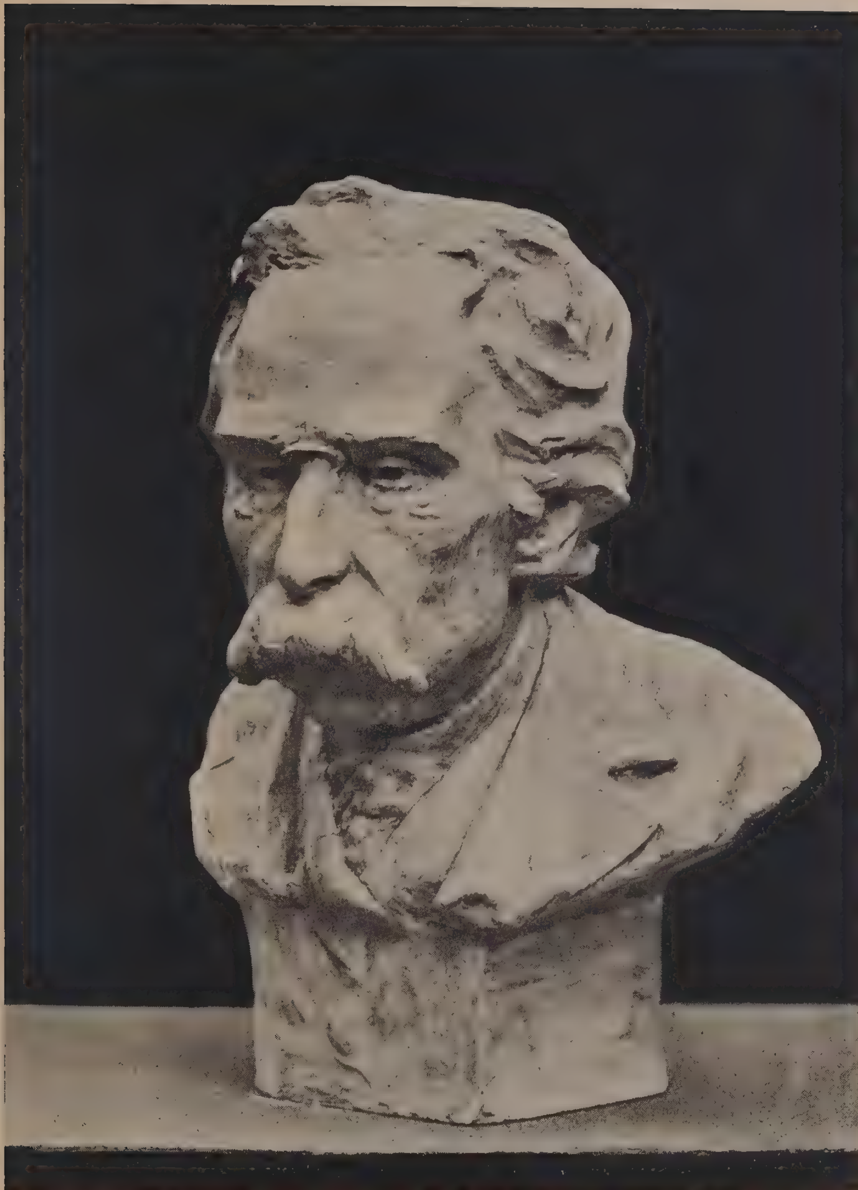
Alguem já escreveu um dia, com fundamentada propriedade, *Camilo quando discutia não parecia Camilo!*

E' que a sua assombrosa inteligência deixava-se dominar pela paixão, e nada ha mais injusto e facioso que a besta humana no auge da exaltação politica, religiosa ou simplesmente literaria.

Em tudo que ele escrevia deixava o cunho bizarro do seu formoso talento, e é debalde que certos prosadores d'agora tentam imitar-lhe a pureza do estilo e a riqueza das imagens. E quando lhe dava para se comover, para suavisar o sofrimento alheio, a sua ternura era imensa, o seu amor era infinito.

Todos nós, os seus admiradores, dos mais ignorados aos mais em evidência, sabemos o que foi essa polemica entre Camilo e Alexandre da Conceição.

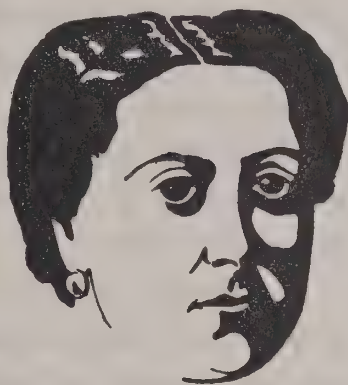
Um duelo literario dos mais rudes e curiosos, uma



BUSTO DE CAMILO DO ESCULTOR RAUL XAVIER

peleja brava por causa da entrada da escola realista em Portugal.

Alexandre da Conceição, que era então um moço com ideias novas e muito culto, tendo pelo Realismo e pelo Positivismo — a doutrina de Comte então abrasando a moderna geração literaria — uma exgerada simpatia, entendeu que Camilo pretendia com a *Corja* e o *Eusebio Macario* lançar o ridiculo sobre a escola realista, atirou-se corajosamente a ele.



MÁSCARA DE D. ANA PLACIDO
DESENHO
DE ANTONIO DIAS BRANCO

A briga foi dilacerante, d'aquelas em que o vencido e o vencedor saiam sempre gotejando sangue.

Camilo, que no sarcasmo era d'uma irreverencia crudelissima, teve ensejo de observar que o pulso de Conceição era rijo de mais para secumbir ingloriamente, e o poeta querido dos *Pergaminhos* e admirador sincero da literatura realista e da filosofia positiva defendeu com ardor e relevo os seus ideais de pensador.

Depois Camilo, na morte de Alexandre da Conceição, prestou-lhe sentida homenagem ao caràcter e á inteligencia.

Por isso se depreende que o polemista eximio e rancoroso transmudava-se n'um ser elevado e magnanimo quando a Desgraça batia á porta do adversario.

Com Teofilo Braga deu-se caso identico.

Foram longos anos inimigos, de idéas opostas, de opiniões antagonicas, combatendo com um vivo rancor, que parecia brotar-lhes do fundo da alma.

Um dia Teofilo viu morrer um filho e com pequeno

intervalo o outro, o unico que lhe restava. Foi um tragico remoinho que passou por essa casa. A dôr foi profunda. A aza da morte tocara de lés a lés a vivenda do filosofo. A serena ventura d'esse lar transformou-se em um oceano de lágrimas.

Os amigos de Teofilo correram a abraçal-o, e Camilo, seu irredutivel inimigo da vespera, apareceu com o delicioso, o balsamico, o divino soneto — *A maior dôr humana.* E a lingua portugueza foi enriquecida com essa joia rara, e o sentimento consagrado à imprevista mágua de Teofilo egrégiamente resumido n'este final: — *sepulcro vivo de dois filhos mortos!...*

Aqui está o que era o homem despótico da literatura nacional, o exaltado, o virulento autor de tantas paginas primorosas e satanicas.

No fundo, quando parecia sòmente borbulhar o orgulho e o odio, a brutalidade e a vingança, surgia o amor pelo seu semelhante, a compaixão pelo infortunio estranho, e dos seus labios nervosos uma torrente de soluços se desprendia.

Que extraordinaria individualidade a sua! Que enternecidas consolações o seu espirito ofertava a esmo!

Pouco antes do suicidio dedicou umas quadras a D. Ana Placido. N'elas mostra Camilo o afecto que alimentava por essa mulher amante, por essa criatura à antiga que lhe endoidecera na mocidade o coração.

Esses versos dizem na sua simplicidade o amor que ainda crepitava lá dentro, o fogo sagrado que durante tantos anos aquecera o grande coração d'esse gigante do pensamento.

... Coração verdadeiramente portuguez, d'uma energia dantesca, d'um amor insondavel, misterioso e sublime, que ardia como um vulcão e iluminava como o Sol...

MARCOS ALGARVE

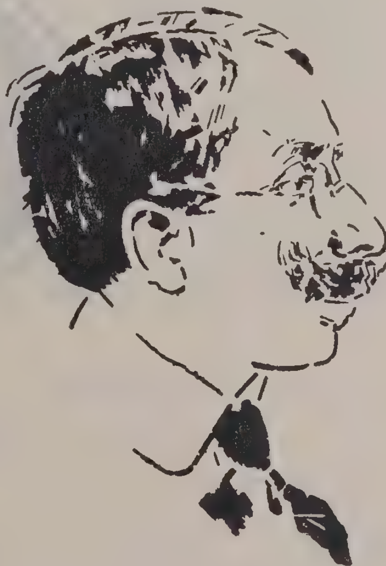


# CAMILLO-GENIO SATYRICO

HA muito que não releio Camillo, cuja obra toda ou quazi toda passou diante dos meus olhos, nos tempos da minha mocidade, epocha voraz de emoções e sentimentalismo.

Hoje as mais fortes associações mentaes que conservo e em que entra Camillo Castello Branco, são as que me levam a considera-lo, como muito bem o disse o Dr. Theophilo Braga, um grande genio satyrico.

*Queda dum anjo, Scenas da Foz, Os criticos do cancioneiro alegre, Portugal a vôo de passara*, etc., são nomes de obras suas que me occorrem e que



DR. ANTONIO AURELIO
DA COSTA FERREIRA
MÁSCARA DE SAAVEDRA MACHADO

tenho como excellentes documentos desse caracteristico aspecto do extranho feitio mental de Camillo Castello Branco.

Não sei de livros que mais e melhor do que aquelles que citei, nos façam rir, e mais e melhor castiguem costumes e personagens.

Lisboa.

A. AURELIO DA COSTA FERREIRA





# CAMILLO CASTELLO BRANCO

De Camillo escrevi eu azedamente, com a fatuidade leviana da juventude litteraria, que se compraz em apedrejar os idolos; mas quando o meu espirito se emancipou de preoccupações, ainda em sua vida, mas sem d'elle me aproximar, gosando da sua sombra, tornei-me incondicional admirador dos seus livros.

Do mal que d'elle rabisquei, recebi pagamentos em capital e juros, nos termos em que Camillo costumava liquidar as suas contas, tanto nas represalias como nas benevolencias, sendo esse procedimento de sempre uma das qualidades superiores do seu grande espirito.

Depois publiquei trez volumes encomiasticos dos seus romances, historias, polemicas, dramas, comedias, versos e criticas, e n'esse trabalho ressalta o meu culto, verdadeiro culto, pela sua enorme e variadissima producção litteraria, toda em concorrencia da formosura do pensamento com a bellesa da forma

E em resumo, e como que sentenciando: eu entendo que

todos, á cabeceira do seu leito, devem ter successivamente um livro de Camillo, para em todos os dias desprenderem alguns sorrisos, verterem possivelmente algumas lagrimas, e, sobre tudo, para aprenderem uma lição de portuguez viril, d'aquelle portuguez que fica fóra de decretos, de adulterações de comercio, de falsificações de industria, sem parvolesas inovadoras e sem rebuscadelas obsoletas dos que architetam em cimento armado as suas improvisações historicas e litterarias.

Escrevendo de Camillo, deviamos acingir-nos ao seu figurino.

*Telle semence, telle recolte.*

Cascaes.

SERGIO DE CASTRO





# CAMILLO E A ETNOGRAFIA[1]

CAMILO gosta pouco de descrever. Ele proprio diz de si, num livro: «sou avesso ás descripções»[2] Pelo contrário, compraz-se do diálogo, de entremear de reflexões os enredos, e de fazer análises psicologicas (empiricas). Noutro livro, *Um homem de brios,* o reconhece igualmente: «o defeito capital d'este romance são as nesgas explicativas, críticas e philosophicas que eu... entalho aqui e acolá»[3]. Mas a vida quotidiana da gente do




CURIOSIDADE ICONOGRAFICA
CAIXA DE FOSFOROS
COM O RETRATO DE CAMILO

[1] Excerpto da *Etnografia Portuguesa,* que o signatario do presente artigo está elaborando: introdução, cap. IV (fontes da nossa Etnografia).

[2] *Vingança,* cap. IX.

[3] Cap. XXI (ou pag. 219 da 2.ª edição).

Norte está retratada em grande parte nos romances camilianos, escritos de mais a mais em estilo térso e rico, e com graça constante, e tão sàdia, que ninguem a houvera de dizer provinda de quem a cada passo se lamentava de doenças morais e fisicas.

Ou procuremos conhecer necessidades materiais da existencia, por exemplo, comidas, trajos, vehiculos; ou manifestações do espirito e do caracter, por exemplo,[1] linguagem familiar, gestos, superstições, aspectos de religião; ou relações sociais, por exemplo, maneiras de tratamento, e tipos populares, entre eles o do Brasileiro de torna viagem, até ridiculizado no modo acentuado de falar: sempre nos dará resposta o fecundissimo, inexgotavel escritor, ora com algum desenvolvimento, de modo que podem extratar-se trechos inteiros



RÓTULO DE GARRAFA DE VINHO DO PORTO «AMOR DE PERDIÇÃO»

[1] Muitos espécimes d'ela estão recolhidos nos seguintes trabalhos: *Estudos da lingua portuguesa* de Julio Moreira, II, 205 ss. (onde cita os Dicionarios de Candido de Figueiredo, e Cortesão); *Camilo e o povo fóra dos dicionarios*, de A. da Costa Leão, Lisboa 1922; *Camillo, Fialho e Eça*, de N. Catharino Cardoso, Lisboa s. d. (1923), pag. 42-54. Para se estudar com proveito a linguagem posta por Camilo na bôca da gente do povo que aparece nos seus romances, não só vocabulos (por exemplo, *atrigar-se*, na *Brazileira de Prazins*, p. 290, no sentido usual minhoto de «recear»: cf. Alves Pereira in *Rev. Lusit.*, XIX, 189, que lhe dá significação analoga), mas expressões (por exemplo: *puxar pelas memorias*, *ibidem*, p. 22; *apor os bois ao carro*, *ibidem*, p. 67), e dialogos (por exemplo, nos *Mysterios de Fafe*, 5.ª ed., pp. 9, 10, 11-12, 12-13, 13-14, 14-16, 35-39, e *passim* noutros romances), torna-se necessario conhecer bem o dialecto do Minho. Não raro o nosso autor, a par com o que fica dito, transcreve foneticamente as palavras., isto é, adopta a pronúncia vulgar: *éthego* (= etico), *creto* (= crêdito), *bô* (= bom), *home, sôr Zeferino*, na *Brazileira de Prazins*, p. 266, 290, 29.

para uma Etnografia, ora em rapidas alusões, como *fogo preso*, numa festa, *Brazileira de Prazins*, p. 234, almas penadas, *ibidem*, p. 239.



CAMILO CASTELO BRANCO VISITANDO OS SERÕES DE S. MIGUEL DE SEIDE — LITOGRAFIA DE A. SILVA (SEGUNDO UMA FOTOGRAFIA DE CARLOS RELVAS) REPRODUZIDA DA PAG. 110 DO JORNAL «MARIA DA FONTE» DE 9 DE FEVEREIRO DE 1886

Tres romances até têm titulos em certo sentido etnograficos: *Duas horas de liteira* (1857), *Vinte horas de liteira* (1864), *Noites de Lamego* (1863). Se alguem supõe, porém, que na *Bruxa de Monte Córdova* (1867) figura uma Bruxa, engana-se, pois aqui *Bruxa* é simples alcunha que o povo dava a uma penitente. Camilo amava um tanto a liteira, pois, alem de lhe servir de titulo, como vimos, a romances, mete nela varios dos seus personagens, no *Santo da Montanha,*

na *Brazileira de Prazins,* nos *Mysterios de Fafe,* no *Anathema.*

Das obras que tenho lido de Camilo aquela em que colhi mais elementos etnograficos foi a já citada *Brazileira de Prazins,* talvez tambem, como romance, a mais acabada que nos deixou.

Campolide.

J. LEITE DE VASCONCELLOS





# A ACÁCIA DO JORGE

CAMILO! como acreditar, como hei-de
Entender êstes versos que deixaste?
Floriu a Acácia em S. Miguel de Seide,
Cada ano te espera — e não voltaste!

Já tantas vezes deu a sombra amiga
Que tu gostavas tanto de gozar...
Florida, tem um ar de festa antiga
Na esperança de te ver voltar!

Voltar? A velha árvore que canse!...
Por fim há de ruir numa amargura!
— Preparas lá um último romance?
Suprema indiscreção! génio e loucura!

Dolorosa novela desmanchada,
E que nos deixe pálidos e absortos,
Onde nos digas, grande camarada,
O gordo amor de *brasileiros* mortos.

Os amorosos que se vão chorando
Á porta do convento, e amortalhar-se...
Com hábitos de terra aconchegando
Os esqueletos dos ossos a chocar-se...

Um romance da cova com morgados
Que o além desbastou; com almas finas
De místicas de amor, lindas meninas,
Em mosteiros chorando abandonados...

E a descomposta, lúgubre risada
De romântica bôca que era a tua,
Nesses reinos da morte gargalhada
Sôbre defuntos namorando à lua!

## IN MEMORIAM DE CAMILLO

E tôda vã e tôda a derradeira
Esperança do cabo da viagem;
Com descritivos à tua maneira
Dêsse Minho da Morte da paisagem...

É acácia! é já tempo: desesperas?
Não te ponhas florida, põe-te aos ais!...
Nunca mais voltará êsse que esperas,
Ouves bem êste horror? Jamais! Jamais!

E os versos dêle onde a saudade existe,
Que à despedida te gritou também,
Ah! não são mais que uma mentira triste
Como tudo, afinal, que nos faz bem.

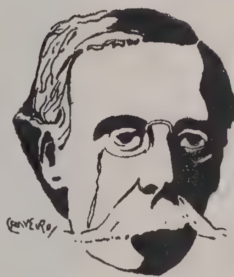
Poetas, preguntai ao pensamento
Que mais quimeras e desgraças forje?
Antes te seque um raio, ou parta o vento!
Ó Acácia do Jorge.

AFFONSO LOPES VIEIRA.



# CAMILO CASTELO BRANCO

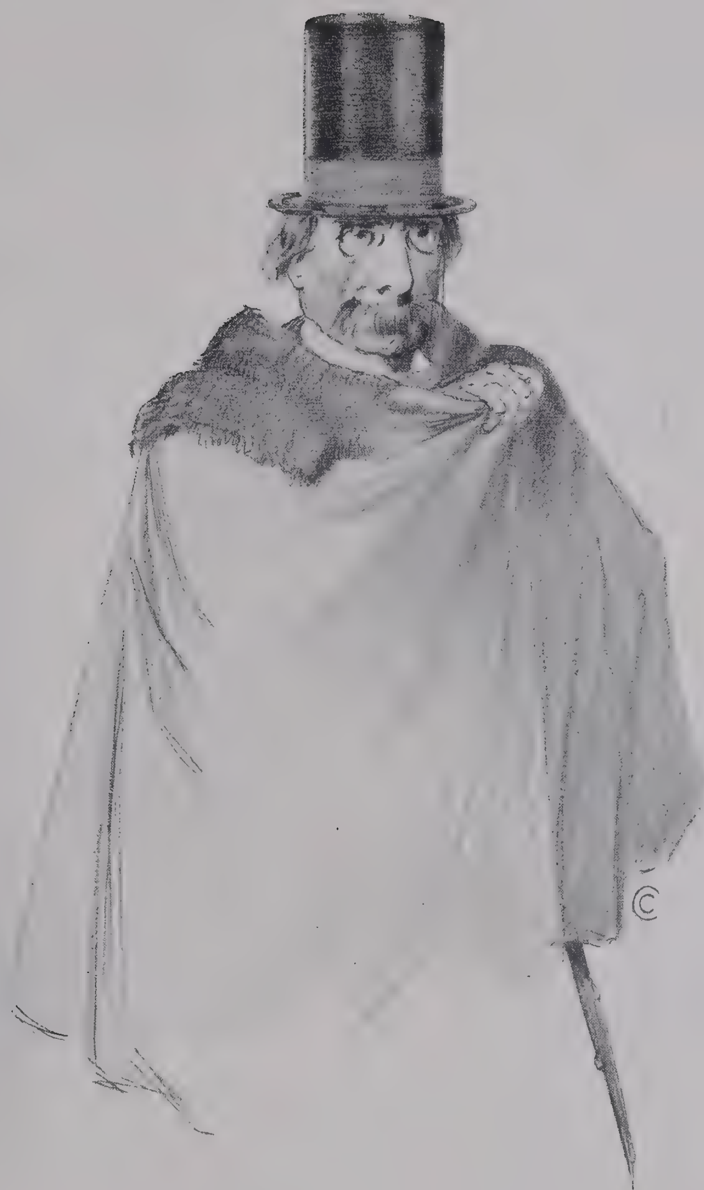
EM nenhum outro escriptor como em Camilo, a lingua portugueza, atravez das paginas imortaes dos seus livros adquiriu maior plasticidade e beleza. Ler os seus livros, é amar a sua obra, e lel'os é educar o espirito na mais salutar de todas as leituras.



CAMILO
MÁSCARA DE C. CRAVEIRO PUBLICADA NO N.º 2 DA REVISTA «AZULEJOS» DE 28 DE SETEMBRO DE 1917

Camilo, ficará iluminando com o seu génio esta nossa querida e abençoada terra portugueza, emquanto n'ella bater puro e imaculado um coração que seja, na evocação dos seus personagens para sempre vivos nas paginas maravilhosas e intensamente dramaticas do *Amor de Perdição,* até á *Queda d'um Anjo* a mais bela obra de ironia e graça de toda uma literatura.

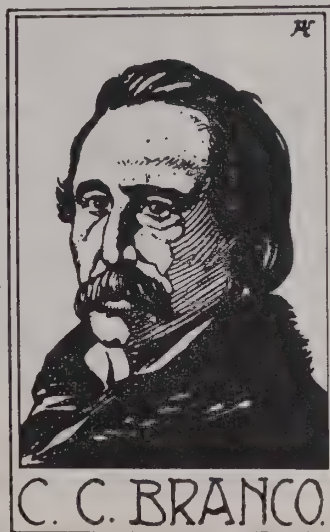
VICENTE ARNOSO



CAMILO — DESENHO INEDITO DE CRISTIANO DE CARVALHO



# CAMILO E TRÁS-OS-MONTES



DESENHO DE ALBERTO SOUSA REPRODUZIDO DA PAG. 93 DO N.º 3 DA REVISTA INGLESA « PORTUGAL », 1915

CAMILO só pela certidão de baptismo não é um trasmontano. Os pais eram de Trás-os-Montes. E veiu nascer a Lisbôa por acaso, porque devia percorrer a vida, desde o nascer, sob o sarcasmo da sorte. O escritor hercúleo que pelo registo de nascimento pertence à moleza flacida da cidade, foi o homem desgraçado que o registo de obito entregou ao jazigo do snr. Fortuna. Não ha na sua obra, no seu perfil moral, na sua fisionomia intelectual um unico traço que lembre Lisbôa. Todo ele, pelo contrario, é a antitese indisciplinada das atitudes regulamentadas, dos sorrisos crepusculares, da sobriedade hirta do lisboêta.

Projectado para Vilarinho da Samardã aos tantos mezes, aí passou a primeira terça parte, o primeiro dos quatro actos da tragedia dos seus dias. E basta conhecer essa região, aspera e meiga, adusta e amoravel, para assinalar o meio hereditario e o meio constitutivo da psicologia do escritor e do homem.

E' uma região de montanha, solida e pedregosa, bravia e irregular, cortada lá em baixo, a nascente, pela ruga funda, contorcida do rio Córgo — que de inverno enche as tristes vertentes da serra da angustia das cachoeiras estranguladas na garra dos rochêdos. Adoçam-lhe o aspecto sombrio, aqui, alem, tabuleiros risonhos, socalcos macios, trechos rapidos de idilio — hortas muito frescas, um ou outro talhão de vinha, uma ou outra courela de milho. E os pinheiraes verde-negros, os orgãos que na montanha celebram aos deuses, quando o vento ri e chora, quando o Corgo soluça e o lobo uiva, completam a musica regional com os rumores misteriosos das suas vozes.

Parece-me que não ha nada mais preciso nem mais claro — é o genio de Camilo, agreste no ataque, convulso no drama, de vez em vez idilico, dando sempre ao quadro de idilio um fundo negro de tragedia. Não nasceu na tragedia — mas tinha-a na alma. E na alma lhe ficou, por patrimonio do sangue e pela convivencia do sentimento, atravez de toda a sua vida e de toda a sua obra.

Camilo corta bruscamente, a cada passo, o soluço do drama com o riso da comedia. É frequente encontrá-lo na mesma pagina sacrificando à violencia e afagando a ternura.

As suas paginas, os seus volumes, estratificação viva de todos os costumes, de todas as virtudes e de todas as paixões do seu tempo, revelam uma acentuada irregularidade no vôo gerador, perturbado de altos e baixos, ora a

planar á altura dos homens, ora a erguer-se rez-vez das estrelas. E a sua instabilidade em materia religiosa? Documentam-na flagrantemente o misticismo ansioso das *Lagrimas Abençoadas* e a irreverencia contundente da *Maria da Fonte*. Naquele, Jesus semeia o bom trigo da parabola. Neste, Satanaz blasfema do divino e do humano. E as suas satiras, os seus sarcasmos, os seus impulsivismos de lutador? São ele, satiras, sarcasmos, impulsivismos, um dos traços de maximo relêvo na sua mascara de escritor — o que lhe deu legitimos fóros, conquistados sob o aplauso e a pateada das turbas exaltadas, de primeiro entre os pugilistas no circo agitado das nossas contendas literarias.




REPRODUÇÃO DA PAG. 184 DO JORNAL « CHARIVARI » DE 17 DE MARÇO DE 1888 — DESENHO DE A. SILVA

Ora se lhes não custa, subam comigo à Samardã, trepem comigo ao Mezio, desçam comigo ao Corgo.

E lá verão a imagem e semelhança de todos aqueles aspectos do romancista e do polemista, tão fieis e tão precisos como o tronco a sair da raiz — aspectos das serras e dos vales, ora alcantilados e rigidos, ora brandos e dôces, uns e outros dizendo-nos que foram os mestres das primeiras letras do grande Mestre das letras portuguezas.

Pela ruga da estrada nova, que de Vila Real se adianta para Chaves, subamos á lomba da Samardã. Aí tendes o drama formidavel da montanha, cumes epilepticos e vertentes convulsivas, parecendo ainda agitadas do terror das horas freneticas do cáos — hontem, como hoje, comentadas pela gargalhada imprevista dum rochedo contorcido de rizo.

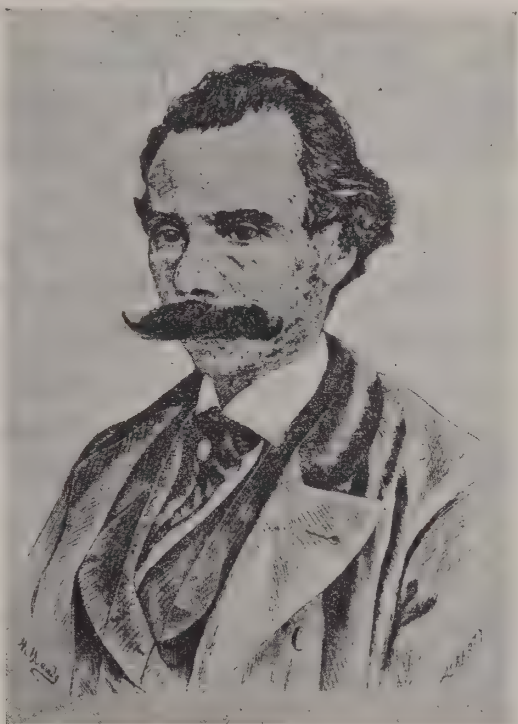
Do mundo altaneiro d'aquele vasto concilio de môrros, que ali foram ouvir Deus sobre os misterios dos homens, é facil descer, aproveitando à esquerda o carreiro aberto pelo pé atrevido da cabra e do reixêlo, ou à direita a cicatriz das aguas cortantes na sazão promissora das neves a descongelar. Desçamos, porisso, sem receio. E começam a aparecer-nos as carvalhadas espessas, onde a raposa e o texugo teem os seus solares de familia, um pouco abaixo, abrigados no seio amigo das encostas, os soutos de boa sombra e fruto apetecido, morada elisial da alma de Vergilio.

Agora encontramo-nos nos contra-fortes atreitos ao idilio romanesco, onde as lindas caninhas verdes andam no bailarico com os lascivos feijoais, onde as couves e os repôlhos passam as horas a namorarem-se. São trechos de aguarela, são iluminuras devotas em que se reveem todas as graças do céo — nos verdes, nos doirados, nas flores, nos renovos. Mas olhai a nascente, olhai ao sul, esses macissos agrestes em que a urze mal se atreve a erguer os braços famintos. Lá tendes os rochedos amarrados ao eterno suplicio de querer e não poder. Prometeus doloridos sem esperança de libertação.

E d'ali mesmo, de qualquer comoro mais saliente, verificareis que não se encontra em toda a sucessão progressiva dos planos a linha horisontal. Picos que se perdem no azul, vertentes que mergulham nos abismos. Altos e

baixos, sol e sombra, luz e misterio — sempre, em frente, á rectaguarda, na imensa multiplicidade das perspectivas e dos horisontes.

D'ali ainda assistimos também ao misticismo suavissimo da corôa verde do milho, da haste fragil do centeio, a rezarem baixinho, a levantarem para o céo as mãos postas, e ao satanico rugido das penhas convulsionadas, a ameaçarem Deus do fundo do seu odio.



CAMILO — DESENHO DE MANUEL DE MACEDO
GRAVURA EM MADEIRA, DE CAETANO ALBERTO

Desçamos até ao rio — que é o melhor kalendario das gentes da Samardã, pois lhes marca o outono pelas aguas novas, o inverno pelas aguas vivas, a primavera pelas aguas velhas, o estio pelas aguas mortas. Para o nosso caso temos de nos abeirar do rio em plena crise de tumulto. Surge-nos apertado entre penedias, com ligeiros desafogos nas terras afaveis de cultivo. Mas estrangulado pelos rochêdos, ou suavisado pelos taboleiros de horta e pomar, ou pragueje ou murmure, ele segue invariavelmente ao seu destino, victorioso e espumejante, altivo e insubmisso. É um lutador que deixa emudecidos de assombro os proprios inimigos vencidos.

Eu não sei em que ponto da Grecia nasceu Homero.

# IN MEMORIAM DE CAMILLO

Eu ignoro de que região do Reino Unido brotou Shakespeare. Eu julgo não ser um postulado axiomatico a terra de origem de Camões. Não averiguei, porisso, se na *facies* moral, se na fisionomia psicologica de cada um destes varões assinalados do verso e da prosa ha o desenho, a côr, o ritmo e o caracter da região que os viu nascer, do paiz que lhes formou o corpo e a alma.

De Camilo, o mais caracteristico dos nossos compositores de contrastes, gigante e pigmeu que tão depressa suplica um sorriso como desafia um leão, pode dizer-se, sem incorrer em erro ou exagero, que reflete na sua obra todos os aspectos do berço das suas primeiras impressões.

Quem conhecer a Samardã, quem tiver trepado ao Mezio e descido ao Corgo, afirma naturalmente: é o espelho da montanha e do rio da sua infancia e da sua mocidade.

Um mapa em relêvo, em que correm rios de lagrimas, em que se levantam montanhas de dôr, dia e noite iluminadas pelas faúlhas lucilantes do seu riso genial.

Lisboa.

SOUSA COSTA





# CAMILLO E A POLITICA

A politica jamais tentou os homens de lettras de verdadeiro talento a não ser como uma romantica aventura. Quasi todos se lançaram nas oposições tormentosas como Lamartine, Hugo. Thiers só foi grande no momento de Versailles fracassando no apasiguamento da França. A oposição é a irreverencia e o talento é insoburdinado.

Em Portugal, desde o padre Antonio Vieira insubmisso até ao cruel pamphletario Rodrigues Sampaio, os escriptores foram sempre infelizes ou apagados na governança falhos de persistencia, de habilidades para as intrigas que desenvolvem magnificamente nos romances, mas ignoram nas lides da vida politica. O politico profissional entre nós, ou foi um mediocre e triunfou ou teve talento e submergiu-se. É que, no país em que vivemos, dedados ainda os corações pela marca do Santo Oficio — a caixa da denuncia, a hypocrisia, o medo — é necessario falar baixinho, sorrir, curvar a cabeça para se chegar ao apogeu. É uma terra em que

para o repotreamento n'uma cadeira de ministro não se exige senão um certificado de fidelidade partidaria. Os partidos são um aglomerado de subordinados humildes arejando-se com mandões. Os chefes não passam de equilibristas torturados pelo constante desiquilibrio. O poder supremo é um joguete nas mãos ávidas do mando dos corrilhas e assim desde ha seculos — n'uma lucta pelo ephemero — se tem arrastado Portugal n'um Alcacer-Kibir em que foi deixando, depois das bravuras as qualidades de caracter, até que foi aberta claramente a falencia. Os politicos d'hoje são apenas pessimos administradores d'uma massa amorfa em liquidação.

Lord Robert Stauwell, ministro britanico em Lisboa, nos tempos em que Castello Melhor procurava um caminho para a salvação, ao sentir as luctas, as intrigas, as arteirices, escrevia para o seu genero:

«*Se querem vêr os portugueses vencidos deixem-nos uns com os outros*».

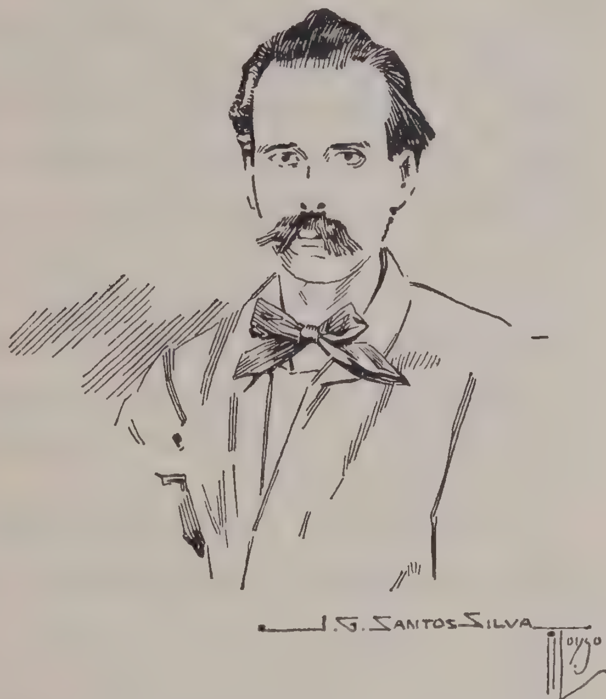
Jamais as desordens politicas se apagaram. A rua, de 1828 substitue a fidalguia de 1683. A turba de 1834 tomou o logar dos militares de 1820 e de decadencia em decadencia se aproou aos dias d'agora: o lamaçal onde fossam javardos que se julgam alados griphos.

A aventura romantica nem mesmo vem tentar os homens de lettras para os mergulhar na politica. Teem o faro do pantano.

Apenas alguns de media plana servem nos partidos como outr'ora os poetastros se mettiam nas cosinhas fidalgas. Os intuitos são identicos, diferentes as attitudes, todavia. Elles fogem da oposição, da batalha, do ataque como os vates da casa Marialva poderiam fugir d'uma certã vasia.

Hoje, porem, nem mesmo na rebeldia, na conspiração, no campo de batalha, a politica preocupa os cerebraes. Meia du-

zia de capitães escrevem em sabres e ponteam com tiras a legislação cahotica. O Terreiro do Paço é uma caserna na qual por condescencia se deixam entrar alguns civis amigos. O que arrebata os intellectuaes é a critica e essa nunca teve melhor atmosphera para medrar. Não era tão baixa a situação na mocidade de Camillo quando elle se deixou arrastar pela politica da qual tanto havia de rir quando já a descrença nos homens e até nos principes o lançou para a ironia forte que teria feito a sua fortuna se acaso a quisesse pôr ao serviço d'uma facção. Camillo escalaria o poder para se precipitar na revolta tão frequente na sua epoca — menos, muitissimo menos do que na presente — mas o homem de partido mataria o escriptor.




DESENHO DE SANTOS SILVA (ALONSO) SEGUNDO UMA FOTOGRAFIA DE CAMILO EM PODER DO SNR. JOÃO ARROYO

E todavia foi para se aproveitarem suas habilidades litterarias que o metteram na aventura. Como todos os homens de lettras elle começou pela rebeldia, embora não a tivesse procurado de boa mente. Tinha vinte annos. Largara de Coimbra — onde se ia matricular — porque rebentara o movimento conhecido pela Maria da Fonte fomen-

tado pelo odio aos Cabraes. Elles, por sua vez, defendiam-se procurando a intervenção extrangeira. Não era porem, em Paris que publicavam nas gazetas insultos á sua patria, como mais tarde usariam os seus sucedaneos, antes tornavam mais positivos os factos. Encomendaram uma revolta miguelista. Emquanto os liberaes da junta gritavam Morram os Cabraes! os ingenuos morgados provincianos, o populacho saudoso dos senhores capitães móres, gente aldeã, clerigos e velhos soldados, armados d'espingardas reiunas, fouces, pistolas e cajados, gritavam os seus uivos a D. Miguel I nos burgos sertanejos, e até em Braga, aclamavam o soberano, bem como com formalidades, em Montalegre e levantavam um auto solemne no qual gatafunharam apellidos o Bento Moura do logar de Medeiros, o padre Rosa, de Lodeçôso, o reverendo Teixeira das Quintas, o Manuel Joaquim alferes e o Dias, da Torgueda, que se intitulavam commandantes do povo.

N'essa hora os Cabraes exultaram. Em virtude dos tratados a Hespanha era obrigada a restabelecer a ordem. Vencera a traça dos irmãos d'Algodres que tinham encomendado á Inglaterra um general — Reinaldo Macdonell — um escossez dado á briga que cousa alguma tinha de comum com o heroico marechal de França Alexandre Macdonald, duque de Tarento, coberto de gloria em Wagram.

O homem viera fazer um recado aos Cabraes. Appareceu no Porto, em agosto de 46, conduzindo uma rebeldia encomendada e um caixote de *gin*. Os britanicos estavam tão entrançados na farça que os consules da Inglaterra no Porto e na Figueira — Johnston e Fook — é que o foram esperar e o hospedaram. Muito alagostado de rosto, a suissa em pata de lebre, a barriga enxudiosa, piscos os olhos desde que lhe tinham posto á disposição pipas de

louro Porto, o general, dava-se grandes ares, prometia a victoria de D. Miguel, tilintava soberanos nas algibeiras e acrescentava sempre que não tivessem pressas nem duvidas, n'um hespanhol castiço, muito gravemente, o ebrio.

Por sua vontade, aquela vida por casas fidalgas, d'adegas bem providas, jamais acabaria senão quando fosse necessario representar a facecia e armar a cilada aos crentes se estes não o tivessem empurrado para a aventura com os seus caixões de cognacs, aguardentes magnificas, vinhos especialissimos da Hungria e de França e optimos licores, — conforme asseverou Pinho Leal ao ser interrogado por Camillo, acerca do escossez.

Emfim conseguiram, que ao cabo de tres meses, elle se desencovasse, se prestasse á jornada, sem que o ar das montanhas o desembedasse á falta d'amoniaco que lhe repugnava. Era um ensopado de espirituosos o cumplice dos Cabraes. Mas só porque este veiu e das brenhas se despegaram as guerrilhas é que Camillo Castello Branco — largando de Coimbra, onde as aulas tinham fechado ante a revolução do norte — deu o seu primeiro passo politico. E' necessario dizer não ter sido propositado esse levantamento de fé para a exclusividade da aventura. O batalhão academico largara para a Figueira; elle deixara-o seguir e puzera-se em busca do tugurio d'um tio analphabeto — grande miguelista — visinho de Villa Real.

O escriptor — pois já poetara — dando más palavras ao caminho branco de Penafiel, soube com o estudante que o acompanhava, estar proxima uma guerrilha a do Milhundres cuja fama já chegava ao Porto. O Milhundres era fero; homem de má catadura que mais tarde, Camillo descreveria assim «*Cincoenta annos teria e grisalhas as barbas. Vestia casaco de miliciano com insignias de tenente e dragonas de capitão-mór. Trazia a banda a tiracolo e uma*

*longa espada de mesericordia enfiada n'um boldrié de couro de anta*».

Sob este aspecto appareceu pela primeira vez a politica a Camillo Castello Branco, a outros ella apparece com uma nomeação d'amanuense ou com uma mangedoura bem cheia.

Elle n'essa epoca, apesar do parentesco com o miguelista citado a cujas sopas ia pedir o conforto do estomago, não tinha predilecções por governos e a prova é que vendo o colega disposto a escapulir-se convenceu-o «*da desnecessidade de fugirem aos realistas dois pobres academicos que se presumiam politica e socialmente indefinidos n'este mundo*». Qual é hoje o rapaz de 20 annos que frequente um curso ou mesmo esteja por detraz d'um balcão que não exclame convicto e com probabilidades d'exito: Se eu fosse ministro! Aquelle, porem, julgava-se inutil. Não era realista porque se o fosse exultaria. Esperava, apenas, que o deixassem seguir e ao companheiro saudoso do salpicão familiar.

O Milhundres, porem, é que lhes encontrou aptidões conforme o interpelado narrou:

« — Quem são e d'onde vem?

« — Somos estudantes e vimos de Coimbra.

« — Quem vive?! tornou elle.

« — O snr. D. Miguel! — respondemos.»

Se adrega ser de gente da Junta do Porto elles teriam respondido o que lhes mandassem. Não estavam inquinados do partidarismo.

«O senhor D. Miguel *primeiro* — replicou o guerrilheiro, acentuando a palavra suplementar, como se a nossa profissão de fé, sem a adição, ficasse equivoca.

« — O sr. D. Miguel *primeiro!* repetimos sacudindo os gorros.

«—Então visto que são dos nossos—retrucou Milhundres—andem lá para a rectaguarda, que nós vamos entrar em Penafiel. Precisamos de quem escreva proclamações ao povo e os senhores, se são estudantes, hão de fazer cousa que se veja.

«Consultei a minha bossa das proclamações e disse:

«—Vamos lá!

«O meu companheiro estava enfiado, porque receava que o general guerrilheiro o nomeasse chefe do estado maior. Eu achava estrema graça a tudo aquilo».



CAMILO CASTELO BRANCO NA ADEGA DA SENHORA JOAQUINA DE VILALVA—CARICATURA DE SEBASTIÃO SANHUDO, REPRODUZIDA DO N.º 248 DO «SORVETE» DE 11 FEVEREIRO DE 1883

E foi achando-lhe graça que Camillo entrou na politica, não como os jovens esperançosos dos nossos dias increpando os politicos ou indicando-lhes as casas de prazer—ha um rico exemplo n'esta decada—mas agarrando à força pelo Milhundres que teve o faro d'um intelecto n'aquella estrada adusta de Penafiel.

Lá seguiram o caminho; ouviram missa, corejaram o *Bemdito,* entoado com fervor pela linha fanatica d'armas aperradas e de joelho em terra.

«O Milhundres estava radiante; o condiscipulo de Camillo, ao ouvir falar em proclamações — a ordem era já terminante para um edital — deliberou fugir da estalagem do Mulato, deixar a outro a gloria de proclamar aos povos, que para demais, se tinham fechado à chave nas casas. Camillo queria ficar; falava em fazer a obra de collaboração e em estylo biblico, entrou a sympatisar com o Milhundres que em 1861 tornaria a vêr na cadeia da Relação. — *Já o dorso lhe carregava o peito arqueado e o relaxamento dos musculos da face pareciam descahir para o banquete das vermes. O crime* — continua o romancista — *era um santo d'egreja; sentença dez annos de degredo» «Roubo d'egreja! Quem o diria se lhe visse a devoção com que elle entoava o «bemdito» em Penafiel no templo do Deus vivo!*

N'aquella epoca, porem, Milhundres aterrorisando o seu companheiro, fez com que Camillo o deixasse apesar de o ter compadecido. Era o typo romantico que o encontrava e imaginava a serio acaudilhal-o «*alem de que, de mais confesso sem pejo que não me seria dificil escrever uma proclamação sentida; gramatical não direi, a minha familia era miguelista e festejava, como em synagoga recondita, os dias solemnes da sua crença.*»

Elle, porem, fugiu, embora o passo lhe fosse roendo a consciencia. O que não o penetrara ainda fôra a crença «que a sua familia festejava como em synagoga recondita.»

Em todo o caso no lar do tio analphabeto, a ancia da aventura talvez a recordação do encontro do Milhundres, levou-o, com os conselhos do parente, a seguir as «*forças de Macdonell que então chegavam de Braga corridas pelas tropas do conde de Casal*». Vieira de Castro narrou a morte do escossez nas visinhanças de Villa Pouca e o regresso de Camillo a «*Villa Real sem condecorações do guerreiro destemido que tivesse tido a coragem de enterrar uma bala no corpo caido d'um agonizante.*»

Em compensação molhou a penna e iniciou «*sob a impressão dolorosa da carnificina*» a sua carreira de pamfletario ao escrever no *Nacional* e no *Ecco Popular* diatribes que fizeram «*acarrear o rancor das auctoridades da terra.*»

A força de Macdonel acabara. O proverbio de que aos borrachos acode sempre a Providencia falhara, talvez porque a vontade d'um homem se antepoz d'esta vez aos designios da Providencia substituindo-se-lhe.

Fôra a indicação dos Cabraes receosos de que lhes descobrissem o trama d'essa guerrilha miguelista levada por um aventureiro bem bebido. O cabecilha nem se mostrara na attitude de arremetter; esperava deixar-se aprisionar para o remetterem a Inglaterra com mais uns caixões do Porto, o pagamento da farçada e alguma gloriola que lhe permittiria explorar os miguellistas no exilio e sacar sobre o governo desde que os homens d'Algodres o detivessem.

Quando lhe anunciaram o inimigo, junto àquella tapadinha de Villa Pouca, o general atirara para longe o chapeu armado, encabeçara-se n'um gorro de lista vermelha, puxara da espada e, bem escanchado na sella, tendo do lado apenas Ferreira Rangel — que procurava o suicidio — aguardara a prisão. Mas elle não contava com a infamia dos cumplices. N'um gesto largo, baforando alcool, vermelhusco, quiz representar até ao fim o seu papel de vencido, pediu para entregar a espada ao comandante do piquete do 7 de cavalaria. Com um mau riso, o sargento atirou-lhe rija cutilada. Declarava ser elle o chefe e quando o escossez puxou da pistola e desfechou, disparou um tiro que o varou pelas costas e fez cahir da montada. Não se importou com Ferreira Rangel, que encostado ao muro de pedra solta, vibrava as suas cutiladas. Debruçara-se sobre o cadaver de Macdonell. Na manhã frigida, enevoada, de ar cortante, n'aquelle valle, o militar remechia-lhe cuida-

dosamente nas algibeiras como para se apoderar de papeis, não se desse o caso de se fazer alguma desastrosa descoberta, e como fosse mais seguro levar a carteira do morto guardou-a, com um cinto bem atochado de peças, um grosso cordão d'ouro e o relogio. Depois saltara para a sella e dera as vozes de commando deixando na tapadinha os corpos que os corvos lobrigavam lá do alto. O sargento chamava-se Carmona, deixou parentela que decerto detesta, como boa gente d'ideaes puros, a memoria de Macdonell bebado alugado e que, em nome da liberdade, deve julgar o mais ignobil dos reaccionarios.

Seguiam-se as violencias. A guerra civil acendeu-se briosamente. A junta do Porto tinha ao seu serviço officiais miguelistas e Povoas era o seu major general. A politica desvairava. Os ingleses seguiam as operações. Os visinhos enviavam, como seu delegado, o general Concha, seguido por uma divisão, a pretesto de que os miguelistas levantavam a sua bandeira. Os Cabraes tinham conseguido que o estrangeiro entrasse em Portugal.

Camillo tomara, então, decisivamente um partido. As influencias familiares lançaram-no para o miguelismo, elle devia seguir os vencidos n'uma tradicional crença, por um sentimentalismo que o arrastava e sobretudo, por colera profunda contra os Cabraes. Eram elles d'óra avante os seus inimigos. E' certo que, se passeou de noite, em Vila Real, de chapeu de bicos, espada á cinta, botas e esporas fazendo recolher os habitantes assustadiços, nem um só soldado o ajudava. O escriptor sósinho dominava a cidade. Dera-se a derrota de Valpassos. O guerrilheiro d'umas horas ganhara não as dragonas de general mas um logar d'amanuense no governo civil d'onde o devia demitir o novo magistrado, José Cabral, que para ali fôra depois da convenção de Gramido. A victoria dos contrarios exacer-




CAMILO SEGUNDO UMA CARICATURA INEDITA DE ALFREDO CANDIDO — LEGENDA: «TRINTA E TANTOS ANNOS SÃO PASSADOS E... N'ESTA «HOSPEDARIA DE BALTAR» É DIFFICIL DORMIR — OS PERSEVEJOS AINDA MORDEM NA SOMBRA»

bara-lhe o animo e não hesitou em servir-se da arma que possuia: a penna.

Primeiro tratava-se apenas d'uns communicados sem importancia insertos no *Nacional.* A essa revolta respondeu o José Cabral mandando espancar o jornalista. Um caceteiro celebrado na região *O Olhos de Boi* foi encarregado de descadeirar quem se atrevia a contrariar as auctorida-




REPRODUÇÃO DA PÁGINA CENTRAL DO N.º 83 DO «SORVETE» DE 1 DE JANEIRO DE 1880 — CARICATURA DE SEBASTIÃO SANHUDO

des. O ataque deu-se e Camillo escrevia, ainda molestado pelo ataque do energumeno:

— «*O despotismo não tem direitos: tem a força bruta; e mal; e mal d'aquelle que não póde contrapôr-lhe o ferro com o ferro, o cacete com o cacete, e o sentimento brutal com a degradação do raciocinio*».

Confessa, então, que pertence a um partido, a um grupo, pelo menos, ao dizer:

— «*Vi ofendidos vil e despoticamente os meus cumplices em opinião e uma vez pungido pela magua delles bradei ao*

*opressor: «Quousque tandem Catilina!» Este pensamento que se achava traduzido em uma correspondencia minha impressa no Nacional, bastante foi para que o dedo de s. ex.ª me aprestasse a sepultura e os seus orgãos procurassem um cadaver para ella.*

Os miguelistas julgaram-no d'ahi em diante um seu adepto. Elle devia ser um protestante contra o tripudio da camarilha, um irritado espirito contra os Cabraes e ao mesmo tempo, um lyrico diante de D. Miguel vencido. Talvez não quizesse emfileirar-se numa facção—rebelde em demazia—mas ao menos por tradição de familia e porque desta maneira mais violentamente se mostrava contra o que chamavam a liberdade e era o dolo, a mentira, o ataque á mão armada, soez, miseravel, em nome de principios, elle começou a bater-se.

D'esses *principios* foi victima Camillo. Já quatro annos antes escapara a outros delegados d'elles nas beiras da Samardã. O regedor de S. Godenho e a sua escolta de cabos detiveram-no na estrada ameaçadores. O escriptor comenta:

«*O regedor da freguezia de S. Godenho e a sua escolta de cabos de policias, armados de enxadas e foeiros entenderam que era assim que se entendia o espirito da «Carta.» Dentre todos os interpretes são aquelles os mais sandeus.*

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«*No dia seguinte o governo venceu as eleições em S. Godenho. O regedor teve o habito de Christo e mereceu-o.*»

D'esta vez, porem, tratava-se de muito mais lezada contribuição aos seus ideaes de rebelde. Eis como elle proprio dicta o facto no inicio violento das suas opiniões politicas:

«*Da porta do governador civil no dia 17 do corrente, pelas 10 horas da manhã, subiu um homem armado de cacete: espancou-me, deitou-me por terra, e recolhido outra vez à casa d'onde sahira apareceu com uma espingarda e com desgarro insultuoso*

*á porta de s. ex.ª Entregue ás mãos do assassino ainda agora tremo da posição em que estive quando sei evidentemente que José Cabral tinha dito ao caceteiro: «mata-o» e porquê? José Cabral confessa «que á sua ordem fui eu espancado,» e dei razão deste delicto porque «não lhe tirara o chapeu tendo-o visto á sua janella.»*

*Risum terreatis amici?*

*«Ha casos em que o requinte da desvergonha chega a tal ponto que as considerações sobre os seus actos se turvam e confundem na intelligencia de quem as medita!!! Pois se s. ex.ª manda espancar um homem porque não lhe tira o chapeu! José Cabral arroga-se o direito do senhorio de Veneza em terra que conhecemos e a um individuo que jamais lhe explora os escaninhos dos seus brazões ainda no cahos e as phases da vida? Por ventura devo culto ao despota, porque vejo um cacete que pode espancar-me? Como authoridade que direito tem sobre o meu chapeu? (Carta constitucional, artigo 145 § 1.º): «Ninguem é obrigado a fazer ou deixar de fazer senão aquillo que a lei manda. E a lei não legisla sobre chapeos.»*

Assim termina o artigo com uma zarpoada na rainha que depois devia atacar muito mais violentamente.

—«*E assim foi vingada a susceptibilidade de s. ex.ª;— assim os encarregados pela Soberana auxiliam as opiniões e deslembram as injurias;—assim novos crimes preparam novas dissenções se desta arte a liberdade se identifica com as disposições do protocollo*».

Não termina, porem, com as diatribes. Aguçara-se--lhe a colera e a penna que tanto devia enriquecer a litteratura.

N'um dos artigos *Principios para uma Consequencia,* ainda datados de Villa Real, e que o *Nacional* inseria, lê-se o seguinte:

—«*Rainha dos Portugueses! Vinte annos de mundo não*

*são experiencia com que vos falla um amador da vossa gloria: são vinte minutos meditados, sobre o resumo da historia do mundo:*

— « *Rainha dos Portuguezes!*

— *Quem sabe se eu terei que vos chorar!?*

« *Responda-me o gigante, que encosta um dos braços ao vosso throno, e ergue com o outro o* «proscripto» *que sustenta de seu pão e das suas doutrinas.*»

Os miguelistas entreviam n'elle o dedicado correligionario. Camillo servia a revolta; o seu sentimento despertava diante das victimas dos constitucionaes.

*Um dia depois de Valpassos* é um libello que servia admiravelmente, a causa contraria. Defendia, n'essa epoca, o absolutismo no seu grande desejo de protesto e na sua grande sentimentalidade.

— « *E no fim d'aquellas luctas, e á sombra do pendão da victoria fez-se a resenha dos cadaveres onde se cravára esse pendão. Julgou-se que o throno de D. Maria da Gloria equivalia a cem mil cadaveres de portuguezes, a cem mil veus funebres ensopados de lagrimas de outras tantas viuvas e a gemidos sem numero de muitos orphãos, que tinham, ao menos,* a liberdade *de mendigar a migalha de pão a quem saboreava os ricos espolios da guerra.*

*Caro, á fé da minha alma, ficou tal throno!* »

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

« *Quem me manda a mim fallar de despotismo e liberdade como se isto fossem ideias em objecto real na natureza?! Eu não queria dizer isto... Foi um lapso que dei n'esta imaginação que tenho exaltadissima, e que não me deixou logo, no começo d'estas linhas, principiar de dizer que ia escrever uma historia, um conto, um artigo, ou um romance historico acontecido em Portugal no mez de novembro de 46, que era o primeiro depois de trese*

*annos que a Senhora D. Maria 2.ª do nome, cá reinou constitucionalmente*».

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Era no tempo dos Cabraes... *assim é que eu devia começar o meu pobre romance, d'aqui a tres seculos, se por efeito da metempsychose aparecesse esta minha alma transmigrada no corpo d'algum herdeiro d'esta terra! assim é que eu devia começar, repito, porque fixada a época por tal nome, não havia mister datas nem descripções de costumes: porque a unidade d'estes dois irmãos fazem de por si, e sem ajuda de nome adjectivo, um sentido perfeito e um periodo completo na historia d'um pais.*

*E porque é que os Cabraes se erguem colossos na nossa historia moderna como a pyramide de Certico entre as ruinas de Roma?*

«*(Por Deus que é rica a comparação!) E' porque já não corre um globulo de sangue nas veias d'aquelles que hoje arremedam a lingua do mestre d'Aviz, de Alvaro Paes, e de Ruy Pereira, d'aquelles que levantarem a viseira para reconhecerem, se em verdade, um cadaver corrido de estocadas e estendido nos ricos estrados* do palacio dos infantes, *era o de João Fernandes Andeiro.*»

A alusão ao que se espalhara d'amores da rainha — a falsidade que a injuriaria, se não tivesse sido a mais digna

**AGOSTINHO DE CEUTA**

DRAMA EM 4 PARTES

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO.



TYPOGRAFIA DE BRAGANÇA.

—

1847.

FRONTISPICIO DO DRAMA AGOSTINHO DE CEUTA, DE CAMILO — 1847

das mulheres, sobe ahi claramente ao evocar a morte do amante de Leonor Telles.

Uma colera contra os Cabraes se enovelou no seu peito e brotou rijamente da sua pena. Os homens de valor litterario detestam, instinctivamente, esses despotas rudes e illetrados, sem sentimento e sem sensibilidade que parecem trazer no logar do coração os pedregulhos das serras onde nascem — são serranos quasi todos os tyranetes nacionaes — e no logar do cerebro um estomago.

Recordo, n'este momento, outros tyranos mais modernos, equiparados na analyse historica, a esses homens d'Algodres, ferozes, implacaveis e gananciosos, enriquecidos depois, à custa d'um povo. Já os comparei a outra familia que se Camillo vivesse decerto englobaria na galeria dos Cabraes e seus discipulos: em nome da liberdade a opressão. D'ahi por diante o escriptor não perdôa. É a sua vez de atacar; é a sua vez de não poupar mais os responsaveis de tanto sangue derramado, de tantos latrocinios e erros. Camillo escreve n'essa epoca com furia, com a ardencia que só a politica de ataque e de rasão — a unica que elle fez — dá, com a vibratilidade que empresta, com o vigor que infiltra nas almas o pequenino estylete capaz de valer uma clava.

Collaborou na *Nação* em 1849, no tempo em que se tornava mais intensa a campanha contra os Cabraes de novo no poder. Falava-se muito d'uma transação na qual figurara um caleche recebido em troco de concessão de estado pelo presidente de conselho. Annunciava-se formidavelmente a lucta. A revolução estalaria depois, em 51, com Saldanha á frente, contrariando os Cabraes ha pouco seus amigos. Fazia-se uma terrivel campanha de imprensa e não faltava quem atribuisse a Camillo — um artigo não assignado, da *Nação* onde se trata com furia do Caleche

tão celebrado e se pede castigo exemplar para o ministro concussionario.

Mas o grande campo d'acção do romancista n'esse anno de fragor e de ataque, foi o *Nacional* onde se celebrava já a representação da sua peça *Agostinho de Ceuta* — se publicavam os seus folhetins litterarios, n'um dos quaes enaltece João d'Azevedo, o escriptor miguelista e tambem se inseriam as suas catilinarias nas quaes só procura ferir Costa Cabral.

São quasi desconhecidos esses artigos dos quaes é curioso extrahir alguns dos mais vehementes trechos. Em 7 d'agosto escreveu:

«*Ladrão do calibre de qualquer outro duque ou conde, castigava seriamente os que roubavam. O estado sou eu dizia Luis 14. O ladrão sou eu, dizia Boca Negra. Costa Cabral o que diz? Se não diz nada castiga como o outro os que lhe querem carregar mais responsabilidades que a sua. Ora vejam que derrota tem levado dos seus amigos compromettidos no roubo das sete casas. Realmente a metempsychose deve ser a religião dominante*».

Não duvida em chamar-lhe ladrão; acusa com vehemencia e com pequenos intervalos contra o seu costume de não se lançar diariamente no ataque politico. De quando em quando evoca D. Miguel, o proscripto, como um novo protesto, como um ariete a lançar aos que governam mostrando-se propriamente, seu partidario. É, porem, positivo que uma grande sentimentalidade o arrastava para esse principe de quem os seus lhe fallavam, cujos retratos vira nas vilórias transmontanas e fazia as delicias da sua familia aferrada á tradição, principe cujos guerrilheiros conhecera e para os quaes tivera sympathias, embora mais tarde fallasse d'ellas com ironia convulsa:

«*Contei-lhe episodios da minha mocidade* — escreve o romancista — *as minhas predileções politicas aos dezenove annos. Dis-*

*se-lhe que eu tinha sido miguelista e afivelara esporas de cavalleiro — (umas esporas de correia de 12 vintens, por signal) na legião formidavelmente estupida de general escossez Macdonell.*

A confissão é positiva. Com o andar dos annos ria-se das suas predileções politicas, como lhes chama, e enchia de certa facecia a fórma porque as cultivava. Camillo, na adolescencia foi miguelista; depois ficou-lhe apenas, com a ancia de demolir os Cabraes, uma certa ternura pelo proscripto que não o desacompanhou durante muitos annos. Depois variaria quasi radicalmente na paixão que punha diariamente na idea que lhe acudia. Não se mettera apenas na guerrilha do agente cabralista que arvorara para a cilada da qual seriam victimas as côres miguelistas. Tambem seria o declamador do partido na região:

« *Era eu* — confessa ainda — *quem de pé sobre o balcão do Zé da Sola, em Villa Real, um despota de cabedaes de bezerro ou vaca, muito legitimista, declamava emphaticamente, e com os gestos mais violentos, as proclamações do padre Casimiro estampadas no* Periodico dos Pobres, *e a carta, rica de conselhos em arte de reinar, dignos de Fenelon, enviada pelo correio á senhora D. Maria II.*»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

« *Ah! eu ainda me deliciei a ouvir o grito Rei chegou* »

Em 1849, em 9 d'agosto, nas mesmas paginas do *Nacional* lembrava o nome de D. Miguel. O rapaz que, tres annos antes conclamara na lojeca do Zé da Sola era um jornalista a que se davam as honras de artigo de fundo n'um dos melhores periodicos da epocha e não parava nos seus attaques á Rainha e aos Cabraes, elogiando ou simplesmente evocando, de quando em quando, o idolo de sua familia.

A indole do jornal não lhe permitia mais largos vôos n'esse

sentido, elle, no entanto, de quando em quando, feria a tano que mais tarde, devia desvanecer com os sarcasmos.

«D. Miguel, volvendo ao paiz e ao trono, que maior mal fariam a esses que mendigam?

E' uma verdade nua, como os poetas a pintaram: — os soldados da chamada liberdade, trabalhando para si, exalçavam a sr.ª D. Maria. A gratidão, raras vezes desmentida no coração de uma senhora, parece que devia ter em muito reconhecimento os serviços que produzem uma corôa, um arbitrio, e um amplo dominio de caprichos e vontades.

Acontece que a maior parte do paiz tem fome? Que admira, se a maior parte do paiz não gosta da soberania dominante? O que espanta e indigna é que os degraus de sua magestade sejam cuspidos por sua real bôca, depois que os subiu.

Consta a alguem que os *Cabraes* mordessem um cartuxo nas linhas do Porto? Não. Ahi está que os Cabraes roubam á metade infeliz dos 7.500 a consideração que a rainha lhes devia...

E' aqui indisputavel a existencia das duas tiranias de que fala Montesquieu no começo d'este artigo.»

Logo no dia 13 continuava n'uma resposta aos reparos do adversario:

.................................................................

«*O Jornal do Povo* houve-se de má fé e traiçoeiramente. Descrevendo alguns periodos do nosso artigo, teve a sordida sagacidade de apartal-os de tudo aquilo que lhe diminuia a força, e completava o sentido com que eram escritos.

E depois grita — que o *Nacional* ha dado um abraço fraternal nos miguelistas! — Que o *Nacional* desconhecia os direitos de S. M. a sr.ª D. Maria 2.ª — rainha de Portugal!

Olhe, colega do *Povo*, quem escreveu aquele artigo não lhe é inferior em amor de liberdade; mas excede-o muito no horror á prepotencia dos homens liberaes de 1849».

Como se vê impressionara. Logo corria a emendar dizendo-se amigo da liberdade. Dias antes, a proposito de

Carlos Alberto, rei da Sardenha exilado no Porto e que ia morrer, escrevera estas contundentes palavras condenatorias:

« *Carlos Alberto*, urbano e cortez como homem nenhum, recebeu aquelas caricaturas monarquicas, e polidamente retirou os favores da côrte.

Esta repulsão não foi um menospreço á dignidade da côrte. As tenções do rei eram essas; — o fausto aborrecia-o, mas as indignidades deveriam ser-lhe muito agravantes e aflitivas! Com efeito, D. Maria 2.ª d'esta vez foi uma mulher ordinaria. Na ordem das indignidades da camarilha, inscreva-se esta na cronica, se é que a posteridade exige à verdade historica a discrição fiel d'este reinado de escandalo!

.....................................................................

Principiamos assim este artigo:

*Na familia, um pae desmoralisado corrompe os filhos. Na monarquia, corrompe-se a côrte, e não se desmoralisam os vassalos.* »

Rematava a serie com o folhetim que, d'esta vez, tinha um aspecto politico litterario e era terrivel.

Fragmento de um drama do futuro intitulado:

## O ULTIMO ANO DE UM VALIDO

### SCENA 4.ª

*É noite*

Vista de sala magnifica. Uma mulher languida, alquebrada de molesa e preguiça, e assim a modo de volutuosa, deixa-se cair nos estofos de uma othomana frouxa de arminhos e marroquins. A sua face tem uma beleza estupida, como são todas as belezas tumidas e balofas. Os olhos não scintilam de desejos e apetites: o languor do cançasso, ou por ventura o artificio de Aspazia deram áquellas palpebras um desfalecimento sedutor, um morrer luxuriante, um não sei quê de embriaguez de corpo e alma. Esta mulher é rainha.

Sentado em dourado espaldar á cabeceira da othomana vê-se

um homem de pequena estatura,, acanhado nas formas, movel nos musculos da face como o padecente que se contorce no agonisar da asfixia, de côr patibular, com um sarcasmo eterno nos labios, e um franzir constante dos tegumentos da fronte, como se a mão do demonio lá dentro no craneo, forcejasse por lhe pôr cá fóra um pensamento que o mesmo satanaz repele do inferno. Este homem é o valido d'aquela rainha. Entre eles ha um olhar ininteligivel para a mulher que não é rainha, e que não poz a leilão os andrajos de um paiz inteiro para comprar as ricas alfombras de seus festins amorosos; e tambem para o homem que não subiu desde o ultimo degrau da escala social, conspurcado de infamias, até ao primeiro do valimento e da vergonha.

*Rainha.* — E este amor é tão despotico, eu preciso tanto das tuas caricias, esta tua mão tem um escaldar tão embriagante!... que me importa o mais? Não bate aqui o coração de mulher primeiro que o de rainha? Ha ahi realeza que mate a saberania do amor?

*Valido.* — Anjo! O rugir do leão do deserto fará tremer o arabe que aperta a mulher contra o coração? que importa o rugir do povo? A sua mão não bate áquela porta; a tua camara de rainha é um sacrario; o brado das turbas é impotente, o seu raio de colera quebra nos diamantes da tua corôa... rainha de minha alma; os cofres de teus inimigos derramei-os entre a minha peonagem; eu tenho ahi escravos que velam o meu dormir no teu regaço; os capitães das tuas guardas curvam-me o joelho no teu pateo, porque eu os abraço nas escadas da secretaria da guerra; eu passo entre eles como um genio superior, um ideal fascinante, e deixo-lhe cair algumas lantejoulas d'esta minha capa dourada.

*Rainha.* — Sim, conde, duque, rei de meu coração; mas somos infelizes... eu... eu é que sou muito desgraçada... Os despreziveis viram-me impassivel aos seus doestos... atiraram-me a lama das suas reprehensões á face, e eu não pude erguer ahi um patibulo, lavar-me das nodoas com o sangue d'eles, porque temi perder aquele trono, este governar que me dá ainda o direito de possuir-te...

*Valido.* — Feriste-me... mataste-me... Oh! cuidas que esta paixão se alimenta do teu trono?... precisarei eu mais que do teu coração?!... Rasga esse manto de rainha, abraça-me como a mulher embalada em berço de pau, ou como a filha do mais humilde de teus

vassalos, e sentirás que este coração se expande na gloria de possuir-te vassala como te possue soberana... Não era eu um atomo de pó da tua esteira?...

*Rainha.* — Cala-te!...

*Valido.* — Não era eu o maldito das vaias populares...

*Rainha.* — Cala-te!...

*Valido.* — Por chegar até aqui, sem ousar manifestar-te esta aspiração atrevida de minha alma, não fiz eu correr o sangue de meus inimigos...

*Rainha.* — Cala-te!

*Valido.* — E tu puzeste a mão sobre a minha cabeça... perdoaste ao reo de atrocidades, porque sondaste o amor arrogante e altivo do homem que devera nascer aqui debaixo d'estes doceis...

*Rainha.* — Não me recordes...

*Valido.* — Oh! deixa-me recordar, porque não há vergonha nas faces do homem que agradece... Quem era eu, que ousasse agora manter-te inabalavel esse trono para me regosijar dos amores de uma rainha!... Tão vasto o mundo, tão ampla esta paixão, não terá o universo uma vivenda e um sepulcro para nós?...

*Rainha.* — Isso não... era preciso reinar... tu precisas ser feliz... Precisas de conceder ao povo uma regalia astuciosa para que o seu grito não venha aqui alvoroçar-nos... Conde! finge-te um dia, um ano, toda vida... para toda a vida seres meu... meu... oh! esta ideia!...

*Valido.* — E não cerro eu os ouvidos ao seu vosear insultante?... Não está essa imprensa desgarrada na impunidade gritando ferozmente?! Tenho-te sacrificado as minhas vinganças de homem, de ministro, de valido, e de amante!... Tudo por ti!... Coartei esses vôos altivos que me imprimiste; lamentei a mesquinhez de meus cabedaes, para que me não dessem pela milessima vez o epíteto de ladrão á hora do dia, em pleno parlamento... E ainda hoje, bem sabes com que injustiça, a imprensa me cita ao tribunal dos salteadores...

*Rainha.* — Oh, sim, grande injustiça... Não ha hoje um facto na tua administração que te condene, meu querido...

*Valido.* — Eu o juro, pelo amor que te tenho... *(vozes remotas)* — Ó ladrão! larga o caleche!

*(Terror em ambos).*

*Rainha.* — Isto que é conde?!...

*Valido.* — *(extatico como um possesso)* O caleche!!...

*Rainha.* — Oh! meu Deus, que será?... *(vozes proximas)* — Ó ladrão! larga o caleche!

*Valido.* — *(aos pés da rainha)* — Perdão!... eu prometo justificar-me com mestre Nunes!...

*Silencio profundo.* — *Corre o pano.*

*a)* CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Esta prosa constituia o cumulo da violencia para demais n'um sentimental que ia entremiando de lyrismos as paginas rudes da gaseta:

*O meu amor perfeito, os meus receios, Ha tres annos*

*Não me fallem de ventura*
*Que eu não posso tel-a já*

ou então:

*Quem sou eu? Quem sou eu? Fadou-me a sorte.*
*Um viver d'eterna dôr.*

Tambem poetava em albuns — os terriveis albuns d'essa epoca, pezadellos dos auctores celebres — e continuava a demolição ganhando descompassadas famas d'absolutista, apesar de se dizer amigo da liberdade. Realmente a liberdade era apenas uma theoria. O absolutismo só mudara de bandeira.

N'esta epoca tentou-o o theatro e de toda a sua freima politica não restam mais vestigios de combate embora, de quando em quando, surja a ironia em que a si proprio se envolve.

Ajanotara-se; passeava nas ruas do Porto de capa á hespanhola, chapeu alto branco d'aba direita, botas á Fre-

derico, casaca azul de botões amarellos e apaixonava-se frequentemente. Em 1852 andava embebido n'uma larga producção, deixara-se dos rudes attaques aos Cabraes, cahidos em 51, mas elles ficaram sempre como uns avejões da sua mocidade. Ao escrever o *Eusebio Macario* lembrou-se de mergulhar as personagens no enxurro. Poderia ter escolhido outra epoca para a acção mas a *Historia Natural e Social d'uma familia no tempo dos Cabraes*, as paginas surprehendentes nas quaes se esvurma sarcasmo, no portuguez mais nobre da nossa litteratura, guardou os rancores do escriptor contra os dominadores d'aquella epoca querendo marcar a sua dissolução com as felonias e as corrupções de que foram acusados. Era como se tivessem contagiado o povo. Para marcar a sua fama d'esse periodo — tido como miguelista por uns e por demagogo por outros — põe na bôca do Macario a soez investida:



EUSEBIO MACARIO (FARMACEUTICO), TIPO DO ROMANCE «A CORJA» DE CAMILO — CARICATURA DE SEBASTIÃO SANHUDO REPRODUZIDA DO N.º 136 DO «SORVETE» DE 25 DE DEZEMBRO DE 1880

«*dizia aos lavradores o que é a republica, a pouca vergonha dos comunistas, esses ladrões que querem a repartição do que nos custou a ganhar em quanto que elles andavam a garotar pela Porta de Carros e a pandilhar pelos botequins — o Alves Martins, o Evaristo Basto, o Parada Leitão, o* Camillo — *uma corja de vadíos que não teem onde cahir mortos. São estes os republicanos de Manuel Passos, que fazem gasetas a pregarem a igualdade e a fraternidade! Querem limpar a carepa á nossa custa!*»

Viveu n'essa miscellanea dos da Junta, apesar do seu confessado miguelismo mas tambem lá estava o Povoas como chefe dos exercitos. Vivia, pelo menos com José Passos

que *em 1849, fiando demasiadamente da nossa idoniedade para historiador, nos convidou a escrever, pela sua influencia, a Historia da Junta do Porto,* declarou depois o illustre romancista. Esta confissão demonstrava bem como os liberaes extremes apreciavam o homem de lettras que não hesitava em imprimir um folheto, por ocasião do casamento de D. Miguel como se fosse um seu subdito. *Salvè Rei* é o documento mais cabal da sua fé politica n'esse tempo:

*Saudades que nem Deus manda esquecel-as*
*Saudade do meu rei!*
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Por toda a poesia ha versos como estes: *Vai rei desterrado. Oh! meu rei, são a carnagem. Pede o pão que lhe usurparam, etc.*

Lança-se contra os que chama usurpadores, contra os soberanos constitucionaes.

*Não és Rei que não herdaste*
*Este chão que escravisaste*
*a quem falso Rei te fez*

Depois continua chamando a D. Miguel:

*O' Rei de Portugal!*

e, logo, uma esperança:

*Vireis senhor, vireis, que Deus é justo*
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
*Lá mesmo na solidão do amargo exilio*
*Sois Rei de Portugal*

E referindo-se á noiva do exilado conclue:

*Permite essa que o ceu fadou Rainha*
*Do povo portuguez.*

Toda a poesia demonstra que é um partidario escrevendo e um poeta cheio de rebeldia dirigindo-se ao que reconhece como seu soberano. Eil-a com as passagens, sublinhadas pela *Nação*, em 22 de novembro de 1853 e com os respectivos commentarios, pontos d'interrogações e de exclamações:

Em Janeiro de 1852 recebiamos nós em Lisbôa um impresso com os seguintes versos dedicados ao Senhor D. Miguel de Bragança, por ocasião do seu casamento

SALVÉ, REI!

Cantor d'out'rora, quando vi sem flores
Os magicos jardins da fantasia,
Minha lyra depuz.
Não mais pedi inspirações terrenas,
Curvei-me ante o altar, sagrei meu estro
Aos canticos da cruz.

E, sem magoa, quebrei prisões da terra,
Mas uma, se então quiz tambem quebral-a,
Não pude... em vão tentei...
Eram saudades a viver d'esp'ranças,
*Saudades, e que nem Deus manda esquecel-as,*
*Saudades do meu Rei!*



A BRUXA DO MONTE CORDOVA — INTERPRETAÇÃO DE SAAVEDRA MACHADO

## IN MEMORIAM DE CAMILLO

Ficava-me no mundo um nome grande,
Um symbolo d'amor, de luz radiante
Sob um manto real...
Imagem do que vi na minha infancia,
Sentado no docel, *herança augusta*
*Dos reis de Portugal!*

Cristão, pedi com fé — senti que a tinha
Prostrado ante o altar, quando eu pedia
Recursos ao meu Deus...
Recursos, não p'ra mim que nasci servo,
Recursos para Vós, *rei desterrado*
Sob inhospitos ceus!

Pulsou-me o coração, senti no labio,
Em vez da oração, soltar-se o *hymno*
*D'um peito portuguez!*
A's lagrimas sucede essa alegria
Dos extasis que á mente imprimem vôos
D'energica altivez!

Rei! (?) no dia em que descestes
Do *vosso trono real*
*Apagou-se a luz da gloria*
*Cerrou-se o livro da historia*
Do *reino de Portugal.*
Surge o *anjo do exterminio*
Sobre *as trevas infernaes!*
Traz *de fogo a fera espada,*
*E com mão ensanguentada*
*Rasga as purpuras reaes.*

Sobre o solio dos Afonsos
*Ferreo sceptro esmaga a lei:*

## IN MEMORIAM DE CAMILLO

*Ruge ali o despotismo*
*Se não verga ao servilismo*
*Quem lhe diz «tu não és rei!»*
*Não és rei! és uma afronta,*
*Feita ao povo portuguez!*
*Não és* Rei, *que não herdaste*
*Este chão, que escravisaste*
*A quem falso* Rei *te fez!*

Vaga o anjo do exterminio
*Como inspiração do algoz!*
Corações com vossa imagem,
*Oh meu rei!* são a carnagem
Do punhal que fere atroz!
Foram dias de *martirio,*
*De terras, e maldição!*
Mas o martir expirando,
Esquecia-Vos só quando
Lhe morria o coração!

Vaga o anjo do exterminio
Do mosteiro sobre a cruz,
E roçando a negra aza
Pela cruz o templo arraza
E do altar extingue a luz.
Cospe injurias e sarcasmos
Sobre a face do ancião.
Porque orava, é réu, e expulso
Foge á morte, e cede ao impulso
Da penuria, e pede pão.

Pede o pão que amassa em pranto
De saudades que lhe vem
D'uma cella que comprára
Quando o mundo cá deixára

Com as pompas que ele tem!
Pede o pão que lhe usurparam
Com tamanho desamor...
Fraco, ao vêr que chega a morte,
Morre... e então mostra que é forte
Perdoando ao matador!

Lá, no campo da carnagem,
Mutilado um corpo jáz...
Ficarão ali seus ossos...
Pois que foi um d'entre os vossos
Real Senhor! não terá paz.
Nem a paz dos que morreram
Sem a nodoa da traição
Nem a paz da sepultura
Ao fiel que honrado jura
Morrer sob o seu pendão.

Lá se abraça ao corpo exangue
No abandono da viuvez
A que ahi vive arrastada
Mendigando, envergonhada
Improperios... talvez!
Pobre, e só, mãe de trez filhos
Quando a fome a constrangeu,
Inda assim um pensamento
Uma esperança, um grato alento
Foi por Vós que o concebeu...

Vaga o anjo do exterminio
*Enverga o manto real;*
*D'um diadema a fronte cinge,*
*Mas o sangue que lh'o tinge*
*Brada vingança fatal!*
*N'essa fronte ensanguentada*

## IN MEMORIAM DE CAMILLO

*Escreveu a mão de Deus!...*
Mas tambem homens poseram
Inscripções onde se leram
*Infamias como tropheus!*

Ó *Rei de Portugal!* Quando a amargura
D'este povo infeliz, é sem conforto,
        Valemo-nos do ceu!
Pedimos-lhe por Vós, anjo proscrito,
Pedimos-lhe vigor á *doce esp'rança*
        *Que em Vós o ceu nos deu!*

*Vireis, Senhor, vireis, que Deus é justo!*
*Vireis enxugar lagrimas amargas*
        Que se choram por Vós!
Sereis de todos Pae, não vingativo,
E nós todos irmãos, e Vós de todos...
        *O Rei de todos nós!*

Fatidica aureola circunda
Nas plagas do desterro dolorosas
        Vossa fronte, real.
Sentado sobre as rochas da montanha
Lá mesmo na solidão d'amargo exilio
        *Sois Rei de Portugal!*

Deu-vos um anjo a Providencia augusta
Em galardão á dôr que amargurastes
        Com santa intrepidez.
Um dia curvaremos o joelho
*Perante Essa que o céu fadou Rainha*
        *Do povo portuguez!*

*a)* CAMILLO CASTELLO BRANCO.

O poemeto foi criticado d'aquelle modo, em 1853, quando pela morte da rainha D. Maria II, Camillo escreveu outros versos em que lhe chamou Rainha. *A Nação*, servindo-se das interrogações, publicou junto a dirigida, em janeiro de 52, a D. Miguel e o dedicado, em novembro de 1853, á soberana fallecida e concluiu sua critica com um enorme ponto d'exclamação. Não achavam maiores injurias do que o pasmo. Ou seria medo da pena do correligionario que lhes fugia com a poesia? A Nação dizia assim:

No jornal *O Portuense* de 17 do corrente mez de novembro de 1853, encontramos os seguintes versos dedicados Á Senhora D. Maria da Gloria, por ocasião do seu falecimento:

MARIA! regia sombra, que esvoaças,
Suspende o vôo, que te eleva aos ceus!
Contempla, inda uma vez, a terra aonde
Deixaste *herança augusta de tropheus (?)*
Vergaste a fronte, magestoso cedro,
Na lousa sepulchral, FILHA DE PEDRO!
        Levanta-te, RAINHA! (?)
Vem vêr um povo amado, que te chora!
        *Um povo, que não tinha*
*Sentido a nobre dôr, que sente agora!...*

Vem vêr que foste *amada entre teus filhos*
Que, ha pouco, *em seus transportes exultaram*
Ao verem-te sorrir *maternos risos*
Aos labios, que p'ra sempre, se gelaram!
Vem vêr, RAINHA, (?) *as lagrimas sentidas*,
Que sobre a lousa avara são vertidas,
        *Por estes filhos teus!*
Escuta, oh regia sombra, as orações
        Erguidas por Deus,
Que atende á dôr que rasga os corações!

## IN MEMORIAM DE CAMILLO

*Se a corôa dos avós deixas na terra,*
RAINHA amada, (?) *que chorada és,*
Em troca d'outra, mais brilhante e eterna,
Calcaras d'este mundo os dons aos pés!
Curtiste penas, *que te deram gloria;*
Com pranto amargo escreveste a historia
        D'um *martirio intenso!*
Não chores pelo mundo, onde sofreste
Tens hoje um reino infinito, immenso,
        Onde a palma colheste!

Curvae o joelho, *cativos resgatados (?)*
*Das algemas, que o pulso não suporta! (?)*
Curvae o joelho ao feretro, que passa...
De PEDRO a augusta filha ahi vai morta!
Vai fria aquela fronte onde pulsaram
Os disvelos de mãe, *que espedaçaram*
        *Dos filhos o grilhão! (?)*
Os olhos que choraram sem auxilio,
        *Na amarga proscrição*
*As lagrimas amargas do exilio...*
        Fechados... mortos vão!

Entrai nos regios paços, vêde o Esposo
Que, juntos a seu peito, os filhos tem...
Oh! vêde com que dôr o Pai aflito
Lhes diz: «Filhinhos meus! não tendes Mãe!»
Oh! vêde as criancinhas, que o Supremo
Adeus querem ouvir... adeus extremo
        Dos labios maternaes!...
Ai mudos para sempre! em vão exhoram
        Ás trevas sepulcraes
A vida, que milhões de filhos choram
        E nunca verão mais!

Excelso PEDRO! que tão cedo foste
No banquete do céu ter a partilha
*Dos heroismos teus! (?)*
Recebe a alma de tão cara filha,
E pousa-lhe na fronte o diadema
Destinado por Deus!

*a)* CAMILLO CASTELLO BRANCO.

É difficil determinar o que influiu no animo de Camillo para semelhante volta mas talvez a idea dos artigos escriptos contra ella no momento da lucta, o tivesse levado a pranteal-o no morte. Um politico não comprehende isto; um homem de lettras, sempre impulsivo, prompto a seguir o que a paixão do instante lhe aconselha, estraga muitas vezes a vida mas satisfaz constantemente os seus desejos d'alma. Os Cabraes, é que, só muito tarde esqueceu. N'uma das paginas da *Corja*, ao desenhar a ascensão de Eusebio Macario na sociedade lisboeta com a sua familia réles, não tem o cuidado que Zola empregou ao pintar o ministro Rouher no *Son Excellence Eugene Rougon.* Não lhe ocultou o nome; Claramente escreveu Camillo: «*Era verdade. Eusebio Macario remetteu de Lisboa cartas politicas aos influentes de Basto, promettendo a uns futuras comendas, a outros, aos padres, igrejas e até traçava estradas, tudo em nome do seu particular amigo José Bernardo* (é o José Bernardo da Costa Cabral, o José dos Conegos) *e do mano conde* (o conde de Thomar, Costa Cabral) *cujos—dizia: são meus intimos e minha filha baroneza, vai tomar chá com a condessa de Thomar.*»

A falsa baroneza—a Custodia da Botica, acroiada, ordinaria—mettida na intímidade da sala do primeiro ministro—é toda o vapor do charco que o romancista lança sobre o seu inimigo politico e sobre os seus familiares e parentella. Mas ia mais alem. Não poupava os condes de Casal—o vence-

dor de 1846 — e mettia a Custodia nos bailes da «*ex.ma senhora condessa de Casal, D. Luiza*» com o mano, o fadista José Fistula, guindado a elegante bem como a esposa, a Felicia, antiga ama do padre minhoto.



O ABADE DE S. TIAGO DA FAIA, TIPO DO ROMANCE «A CORJA» DE CAMILO — CARICATURA DE SEBASTIÃO SANHUDO REPRODUZIDA DO N.º 136 DO «SORVETE» DE 25 DE DEZEMBRO DE 1880

Depois Camillo atou relações com homens do constitucionalismo Rodrigues Sampaio, Fontes, Thomaz Ribeiro, todos mais ou menos ás lettras dedicados. Trabalhou largamente. Bafejava-o já a gloria quando D. Pedro V o viu na Cadeia da Relação, preso pelo celebre adulterio, que seria depois o grande tormento da sua vida com a mulher amada, dia a dia a seu lado, dando-lhe filhos loucos ou mediocres como n'um castigo de Deus áquella união de dois corações que se idolatravam para depois se repellirem, ou pelo menos se indiferentarem, sem poderem jamais deixar de palpitar sob o mesmo tecto.

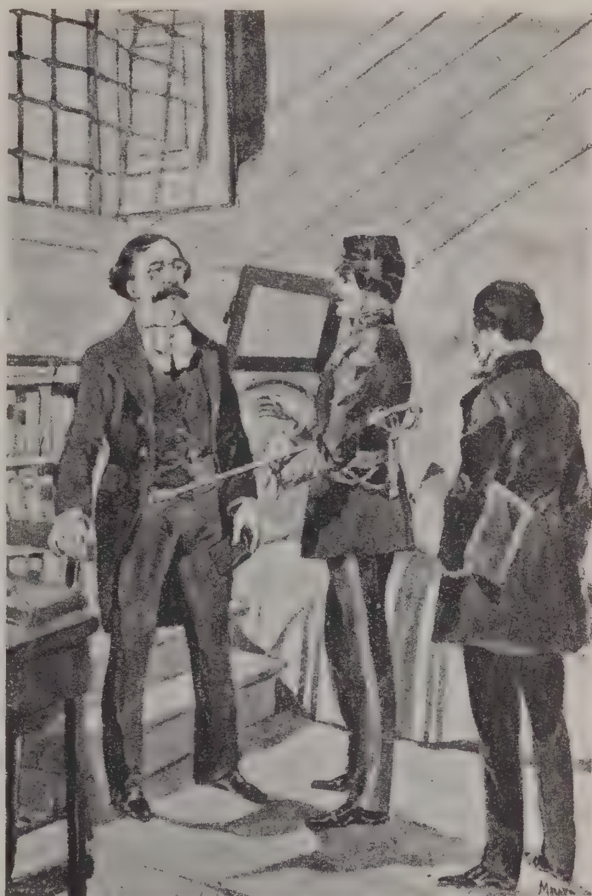


CUSTODIA, FILHA DE EUSEBIO, DEPOIS BARONEZA — CARICATURA DE SEBASTIÃO SANHUDO, REPRODUZIDA DO N.º 136 DO «SORVETE» DE 25 DE DEZEMBRO DE 1880

N'esta epoca Camillo fazia no *Nacional* «a *versão do livro de Droz e os artigos principaes de politica*» mas tambem confessa que tratava a «*politica, politica de estylo*». Para ali não entrava a convicção profunda que puzera nos outros, artigos dirigidos aos Cabraes e á Rainha. Mas da mesma indignada maneira rebatia, agora, a atoarda de que D. Pedro V lhe deixara dois contos de reis no carcere. Escreveu, logo, uma carta indignada na

qual dizia que nem recebia esmolas nem Sua Magestade lh'as ofereceria.

«*O rei, que entre as suas maximas virtudes, proluzia na delicadeza, que doura todos, certamente não mandaria esmolas ao homem que tinha a facil coragem do suicidio, antes da angustiosa fraqueza de as pedir*»:



D. PEDRO V E CAMILO — AGUARELA DE MORAES, REPRODUZIDA DA PAGINA 315 DO LIVRO DE ROCHA MARTINS «REI SANTO», CRONICA DO REINADO DE D. PEDRO V, 2.º VOLUME

Julgou que o rei ficasse indisposto com elle ao lêr-lhe a carta, mas Camillo escreveu: «*Enganei-me. O senhor D. Pedro V era um anjo. Não sei dar-lhe outro nome.*»

Do miguelismo já não restavam resquicios no seu espirito.

Não se considera fazendo parte da facção ao dirigir-se ao padre Casimiro falando do Canêta, *general* miguelista — a morrer na miseria. Chama aquillo «a *nodoa do partido*» d'este padre guerrilheiro.

Não hesitou em tratar d'este modo a familia do

Rei a quem fizera entusiasticos versos na sua mocidade:

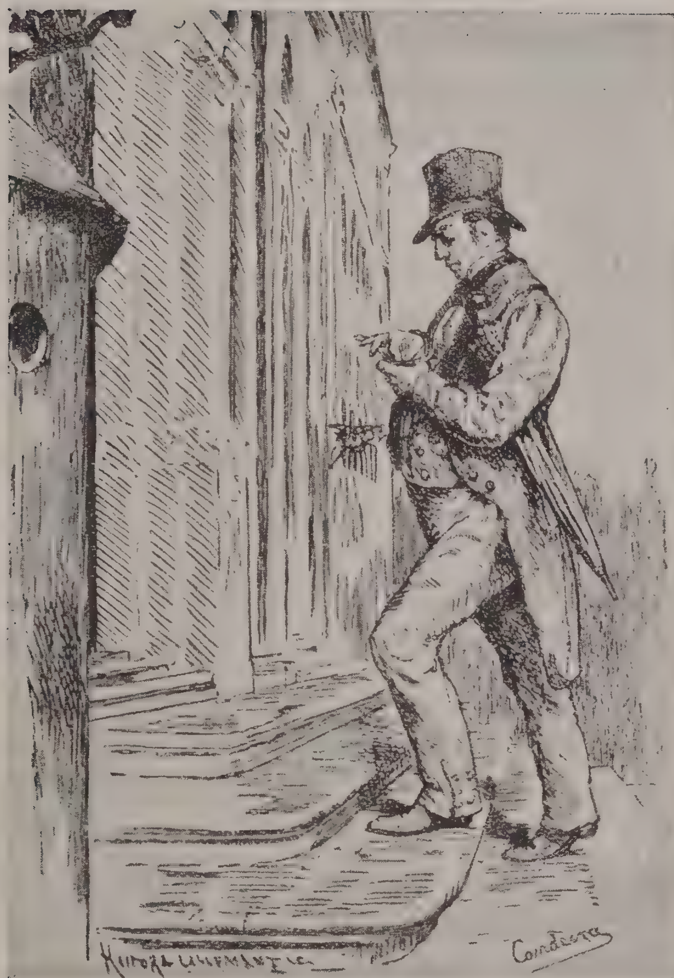
«*Scenas de Queluz, as grandes farças de D. Miguel e as grandes fraquezas das infantas Se falava de Carlota Joaquina, á parte o respeito devido á realeza, usava sempre de parenthesis* — Feio diabo!

E levava, todavia, os escriptores do partido mas não poupava já o *Rei desterrado.*

« *A respeito da assignatura pouco legivel dos reis constitucionaes, quer caligraphica quer ortographicamente, padre Casimiro pode citar o exemplo de um querido rei absoluto que, chegado á adolescencia assignava-se* « *Migel* », *n'um bastardinho de traslado com finos e grossos tão claros e legiveis que logo se conhecia que as cinco lettras diziam " Miguel ".* »

Entrara decididamente, com paixão, na defesa do constitucionalismo. « *Ora dê-me de lá um ministro concussionario na monarquia constitucional — escreve na " Maria da Fonte " — que eu em troca lhe darei alguns ladrões autenticos da monarquia absoluta* » e citara logo Pombal, Cerveira, Barboza de Magalhães e continuava:

*Que ladrões me oferece em troca, na serie dos ministros liberaes?* » Apresentava os exemplos de isenção do bispo de Vizeu, que só legou dois pares de calças fundilhadas, de Rodrigues Sampaio, morto na pobreza, de Saldanha, Rodrigo, Passos, Braacamp, Mendes Leal, Andrade Corvo, Latino « *um ministro que em materia de ladroagem, só correu o iminente risco de ser roubado nos diamantes do seu estylo se se demorasse no gabinete a lêr e a subscrever portarias bordalengas.* » E, então, n'um desprendimento da sua velha colera intercallava esta confissão memoravel para quem tanto ferira o publico: « *Está ancioso por me falar de Costa Cabral? O conde de Thomar estava pouco menos de pobre quando o conde de Ferreira lhe legou cem contos.* »




REPRODUÇÃO D'UM DESENHO DE CONDEIXA
PUBLICADO NA PAG. 52 DO ROMANCE DE
CAMILO «A QUEDA DUM ANJO», 1887

Assim se penitenciava, no fragor do attaque ao padre Casimiro, legitimista combativo de cujas guerrilhas sentira na mocidade o fragor e de cujas proclamações fôra o leitor ardoroso no botequim do Zé da Sola em Villa Real. Das suas velhas relações com o Passos tambem não lhe ficara uma grande bertoeja. Assignalava-as, assim, n'uma passagem:

« *Todos nós, os que ainda temos juizo e detestamos as republicas.* » Recebia attenções dos homens publicos, devidas ao seu grande talento, á posição conquistada nas lettras; o proprio Rei D. Luiz, que tanto se picava de litterato o admirava e o imperador do Brazil era um dos seus fanaticos.

As coleras da mocidade tinham-se desvanecido. Sem a tendencia miguelista, talvez que a sua vida, em vez d'um rosario d'amarguras, tivesse sido bafejada por uma felicidade nascida no vigor das luctas em que ha a certeza de não se ter como final a miseria coberta sempre, nos que se subordinam ás instituições novas, com a capa larga das benesses, com o manto aquecido nos bons calores dos erarios.

D'este modo se conseguiu um culto como poucos, só no fim da vida, recolheu o bastante para não ir esmolar ainda que coberto de gloria, pela porta dos politicos que attacara. Assim — elle que, no terminar de tantos combates se confessava — ecletico — acabara a agradecer ao rei cuja mãe um dia ferira e depois saudara quando a morte chegara a liquidar esse martyrio de dirigir um povo que na fraze do romano: « *Não se governa nem se deixa governar.* »

Era com uma joia litteraria que Camillo pagava a D. Luiz o titulo de visconde mas n'ella resulta o orgulho d'um cavalleiro vestindo as armas a um pagem de raça real. « *Eu morreria queixoso de V. M. se nos paroxismos da morte ainda cabem vaidades e ressentimentos. Morreria queixoso porque V. M. é um Rei illustrado, é um erudito, é um escriptor, e se um soberano em condições quasi excepcionais, não tinha visto*

*em mim um relevo que me enaltecesse dentre o vulgo dos fanqueiros da penna, ser-me-hia forçoso olvidar do meu merecimento por não poder duvidar da comprehensão illustre e da critica luminosa de V. M.*»

Assim terminava Camillo na sua passagem pela politica e pelo contacto dos grandes.

No *Perfil do Marquez de Pombal*, o ecletico, que só foi passado a mocidade, define-se: *Não ama nem desama alguma das fações e frações militantes.*

N'aquelle momento era Pombal que elle vergastava com a mesma paixão em tudo, no odio e no amor, no attaque e na defeza, este genio que ao sovar os politicos era como um d'esses joalheiros orientaes que encravam escaravelhos em scintillante ouro para logo os mostrar na càrcassa; e ao enaltecel-os — um aqui outro ali — sempre deixava cahir um pouco do bom esmalte da sua prosa para se vêr uma nesga da crosta do insecto fetido embutido em tão raras scintillações.

ROCHA MARTINS





# Á MEMORIA DE CAMILO

(INÉDITO)

A tua vida foi uma elegía...
Os teus olhos cegaram... triste fim!
E tu embelezaste êste jardim
Com as flores da tua fantasia!

Tiveste um riso amargo de ironia:
Que modo o teu de rir tão assombroso!
Fôste o «Maior de Todos» e nem ouso
Enaltecer-te em minha prosa fria

## IN MEMORIAM DE CAMILLO

Admiro em ti o Génio em seus fulgores;
Leio os teus livros: sempre e só primores;
Mil paginas que eu sinto portuguesas.

E lagrimas, ridiculos, tristezas,
Tudo sabes dizer, e sabes vêr;
Ninguem, nenhum de nós te ha-de esquecer!

MARIO PACHECO





# CAMILO E FIALHO

ROMPENDO caminho áspero ao través do matagal cerrado das invejas e más vontades, entrava Fialho de Almeida no campo das letras, afoito e voluntarioso, com a serêna firmeza imperturbável dos que sabem vencer. O derradeiro estôrvo, aquele que, porventura, mais que nenhum outro lhe tolhia a passagem, arredara-lho, generosamente, o braço possante de Camilo, conseguindo-lhe editor para o seu volume de estreia. Era-lhe dedicado êsse «livro medíocre», laborado «nos ócios de uma vida, cortada de trabalhos e dissabores». E o autor dos *Doentios* justificava a oferta: «Duas coisas me levam a consagra-lho — o intento de amortizar uma dívida de gratidão pelo que nos seus livros me foi salutar, e o dever honesto de tirar o chapéu deante do que é superior».

Estava Camilo em tôda a florente uberdade dos seus recursos de escritor, na plena apojadura do seu génio, e lá do alto pedestal da sua glória olímpica, longe de se empertigar, vaidoso, num desdem altivo e sobranceiro, teve,

ao contrário, para com o novato, um bom sorriso de aplauso, estendendo-lhe familiarmente a mão, com afecto.

*

* *

A língua portuguesa que, amorosamente, Garrett [1] começou de espanejar, imprimindo-lhe maior leveza e transparencia, matizando-a de inéditos cambiantes, ganhara em Camilo uma fascinadora opulência de «inexauríveis dicções, colhidas na enxurrada da linguagem popular ou desembutidas dos *in-fólios* do século XVI» [2].

Eça de Queiroz que chega, e uma fase nova se inicia. «Com o autor d'*Os Maias* a língua se encrespa, desenvolvendo-se em curvas graciosas; enxerta-se do pictoresco; o período freme: é breve e representativo. Despe-se de tôda a ênfase oratória. A gama vocabular incide melhor nos cortes humorais, refrangendo com penetração as irisadas nuanças do sentimento» [3]

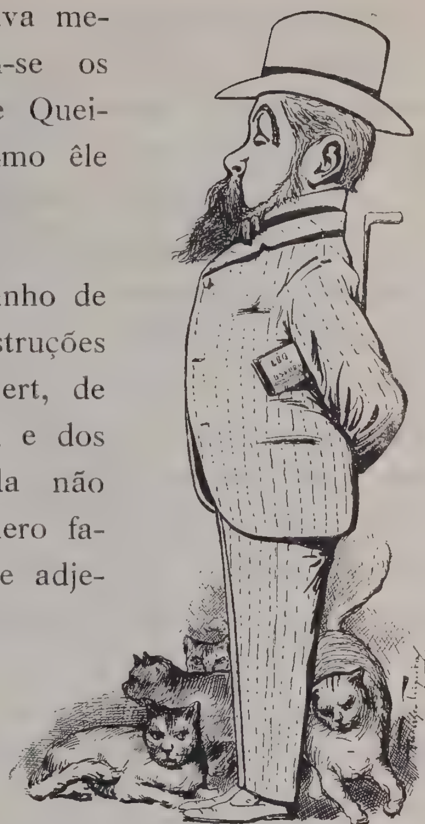
Êste remoçar da linguagem, que assim veio a sugar o viçoso frescor de novas seivas, teve, porém, a pecha de inocular-lhe, ao mesmo tempo, abastardamentos dispensáveis, e, porisso, nem todos o viram com bons olhos. Herculano, coado de espanto, não podendo sofrer o sacrilégio, erguia aos céus os braços desolados, clamando, com desgôsto: — *Tradução peor de francês péssimo!*

[1] «Quem percorrer as *Viagens* de Garrett, reconhece à légua, na ductilidade maravilhosa dos seus períodos, na diversidade dos ritmos, na procura fugaz de certos modos de dizer, profundas sugestões da literatura francesa e inglesa trazidas do exílio». Fialho de Almeida — *Os Gatos*, 2.ª ed., 3.º vol., pág. 270.

[2] Flexa Ribeiro — *Fialho de Almeida. (Visão estética de sua obra).* Lisboa, 1911, pág. 50.

[3] *Idem, ibid.* pág. 52.

Quanto a Camilo não tragava melhor a inovação [1]. Conhecem-se os beliscões trocados com Eça de Queiroz, o « refulgente frasista », como êle lhe chamou [2].



FIALHO D'ALMEIDA — CARICATURA DE FRANCISCO TEIXEIRA REPRODUZIDA DO JORNAL « O SECULO » SUPLEMENTO HUMORISTICO DE 21 DE JULHO DE 1903

Em uma carta particular (Junho de 1877) aludia Camilo às « construções segundo as fórmulas de Flaubert, de Bento Moreno, Eça de Queiroz, e dos outros que se chamam — ainda não atinei porquê — *os realistas*. Quero falar dos substantivos ladeados de adjectivos. E mais abaixo, condescendente: «Eu não reprovo, e até por vezes me deixo seduzir por essas novidades» [3].

E tanto assim que, pouco mais tarde (1879) aparecia

[1] Sempre que podia, aproveitando o mínimo pretexto, esporeava a escola realista e seus cultores. Na *Caveira da Mártir*, contando as canseiras amorosas de uma gata, escrevia: « Ao despontar do sol cavalgava o seu ginete; e, galopando as quatro léguas que o separavam de Monte-mór, pela calada da noite, dava o cavalo ao lacaio, e sumia-se na porta arqueada da casa manuelina. Ao repontar da aurora, voltava a Coimbra e emboscava-se em uns arvoredos de Arregaça a scismar na sua ventura, ou talvez a dormir, — o que é mais natural: sejamos um pouquinho *realistas* » (pág. 47 da 2.ª ed.).

[2] Veja-se o interessantíssimo cap. V (segunda parte) do livro do sr. António Cabral — *Eça de Queiroz. A sua vida e a sua obra. Cartas e documentos inéditos.* Lisboa, 1916. — Pena foi que o seu autor não consagrasse algumas páginas a um outro capítulo, não menos curioso, sôbre *Eça de Queiroz e Fialho*. Muito haveria a dizer.

[3] *Camilo Inédito.* Prefácio e notações por Visconde de Vila-Moura. Pôrto, 1913, pág. 86-87.

o *Eusébio Macário,* e ao ano imediato *A Corja,* como continuação. Nêsses romances, sobremaneira dignos de estudo, chamo agora especial atenção para uma das primeiras páginas do *E. Macário,* que transcrevo:

« O farmacêutico Euzébio Macário senta-se espapado, com as carnes desfalecidas, à porta, num largo mocho de cerdeira com assento de junco roto, espipado, com uns esbeiçamentos de palhiça muito amarelada do atrito. Havia grande calor enervante. O sol punha nas paredes clareiras faiscantes, cruas Moscas zumbiam com asas lampejantes em giros idiotas; gatos agachados como velhos sicários pinchavam com muitas perfídias à caça dos pássaros nas densas verduras desbotadas dos arvoredos; carros chiavam nas terras baixas, barrentas, com grandes grêtas das calcinações do largo sol; os lentos bois nostálgicos vergastavam com as caudas ásperas os moscardos que os atacavam dentre os tapumes com grandes sêdes impetuosas de frescores de sangue. Havia molezas e estonteamentos abafadiços no ar cheio de sensualidades mordentes. Levandiscas esvoaçavam nas ourelas húmidas dos regatos muito garbosos, com pipilações joviais; besouros azuis de tons metálicos luzentes rodopiavam em volteios curtos e muito sonoros; pardais abandados infestavam as painçadas, dando pios hilariantes de bandidos canalhas... » [1].

É já bastante. Camilo vê-se pouco à-vontade, sente-se nitidamente contrafeito, na construção francesa dêsses períodos longos, sinuosos, gordos de detalhes, pesados de adjectivos, cambalhotando sons, com espalhafato.

Surgira então a figura irrequieta de Fialho que, por sua vez, dava «um sobressalto à forma portuguesa da

[1] *Sentimentalismo e História.* 3.ª ed. Pôrto, 1897. — *Eusebio Macário,* pág. 16.




CAMILO
REPRODUÇÃO D'UM DESENHO LITOGRAFICO DE CARDOSO MARTA

escritura, fazendo-lhe a emersão de qualidades picturais e musicais, com intensa memória visual, que deslumbrou» [1].

«Enobrecendo-a de novos valores vocais, fê-la regressar dos desvios francêlhos d'*Os Maias* à sua estrutura nativa,

[1] Flexa Ribeiro — *Ob. cit.*, pág. 59.

ao seu contexto histórico, ao seu arcano fisiológico que faz o espêlho da raça, e deve ser sagrado para todo o escritor, com o núcleo exclusivo de sua resistência nacional E tudo isto, sem diminuir-lhe a receptividade nervosa, que os dissidentes de Coimbra lhe haviam dado» [1].

*

* *

Passaram anos. Em Fialho de Almeida, a influência camiliana, tam flagrante nos *Doentios* [2], presto se esbatera, a ponto de já na *Cidade do Vício,* no curto intervalo de um ano, pulsar um estilo autósito, com vida própria, bem pessoal [3], e que cada vez se tornava mais fluente, sonoro e multicolor.

Mas nem porisso a sua adoração pelo Mestre enfroixecera. Quando, princípios de 1889, Camilo esteve em Lisboa, Fialho propôs uma grande manifestação apoteótica ao autor do *Esqueleto,* em que todos fossem, «de chapéus ao vento e braçadas de flores, passar por deante da casa de Ca-

[1] *Idem, ibid.*, pág. 60.

[2] Êste próprio a confessa na dedicatória a Camilo. Basta, de resto, emparelhar algumas páginas, mórmente as descritivas, com o trecho do *E. Macário* que atrás deixei transcrito.

[3] Note-se, entretanto, que certos gostosos sainetes da prosa fialhesca, como o arrôjo em algumas formas de adjectivar, a substituição dos advérbios de modo pelos adjectivos correspondentes, etc., já em Camilo se topam, dispersos, aqui e além. Escôlho dois ou três exemplos entre as minhas notas:

«Ao pardejar da tarde, despediam-se *tristes*». *(A Bruxa do Monte Córdova,* pág. 18).

«Mas as semanas e os mêses arrastavam-se *lentos*...». *(A Caveira da Mártir,* 2.ª ed., pág. 53).

«E Antónia, cingindo-se-lhe ao pescoço, chorava *convulsiva* como quando se despedia do homem a quem chamava pai». *(Idem,* pág. 200).

«Passeavam *nostálgicos* as suas indigestões de trutas pelos boulevards». *(O Degredado,—Nov. do Minho, IX,* pág. 16).


FIALHO — CARICATURA DE FRANCISCO TEIXEIRA REPRODUZIDA DO JORNAL «O SECULO» SUPLEMENTO HUMORISTICO DE 3 DE NOVEMBRO DE 1903

milo, como Paris, no dia em que Vítor Hugo completava oitenta anos.

«Oh, como seria doce a Camilo, cuja obra resume, como a de Herculano e de Garrett, a genuína literatura portuguesa; como lhe seria doce o escutar de bôcas amigas, numa oração suprema, palavras d'afecto, que lhe enchessem de paz os últimos dias! e como havia de resignar-se a entrar na grande noite, êsse rebelde, que sendo o maior escritor português do nosso século, ainda achou meio de ser também, entre os homens de génio, o maior desgraçado!» [1].

E ao mesmo tempo lembrava a ideia de uma edição nacional das obras de Camilo, para a qual tôdos os nossos artistas forneceriam ilustrações. Mas a sua voz sumiu-se no vento, sem éco.

Em 1890, por morte de Camilo, Fialho de Almeida publicava na *Revista Ilustrada* um notável estudo sôbre a obra do romancista, vibrante da mais enternecida admiração.

*
* *

Camilo e Fialho!

Almas gémeas, temperamentos irmãos. Duas vidas tormentosas, de sofrer e de luta. A mesma forma de com-

[1] Fialho de Almeida — *Pasquinadas*, pág. 37.

bater, quer num, quer noutro [1], não se limitando a ironizar, como Eça, em inúteis *éffleurages* subtis, — nenhum dêles se envolveu jámais em cabaias de sêda... — mas desbridando, sarjando fundo as podridões e cauterizando-as depois, bem por largo, com a sua ígnea sátira escandecente, numa obra de salubridade moral, abençoada.

Camilo e Fialho!

Abandonados, esquecidos de amigos, escabujando nas garras da neurose, refugia-se um na tranqüilidade minhota de Seide, acolhendo-se o outro ao terno conchêgo da sua aldeia natal.

E, por fim, na morte, ainda irmãos. Camilo, por uma tarde de Junho, num desepêro, põe termo ao seu martírio; vinte e um anos mais tarde, Fialho de Almeida suícida-se também (?), quando a primavera chegava, enfolhando as árvores e florindo os prados no seu risonho cortejo hilariante...

ALBERTO SAAVEDRA



[1] Observa com muito acêrto o sr. Flexa Ribeiro: « Não possuía Fialho nem o sentimento mórbido do humor saturado de misantropia, peculiar aos ingleses; tam pouco a *verve* grácil dos franceses, que aflora à superfície sem contundi-la: mas a invectiva lancinante, pastosa de plebeísmos jocosos oriunda da córnea chalaça portuguesa, cujo exemplar nativo se encontra na gargalhada indómita de algumas má criações gráficas de Camilo ». (*Ob. cit.* pág. 71-72).



# CAMILLO, PHILOSOPHO

*(Carta ao sr. editor Ventura Abrantes)*

MEO amigo: — Quiz a sua gentileza convidar-me a collaborar no trabalho que projecta publicar sobre Camillo Castello Branco, e a tal ponto a levou, que me tirou a canceira de escolher o aspecto sobre que encararia o fecundo novellista. Pedio-me o meo amigo que escrevesse sobre — Camillo, philosopho. E eu, obediente, aceitei o encargo, muito embora lhe tivesse logo observado que Camillo nunca fôra philosopho. Pensei, depois, em lhe dar algumas linhas sobre as relaçoens de Camillo com a Philosophia, e meti-me nos milhares de paginas camillianas, á cata de material conveniente.

Venho de olhos cançados e mãos nuas, porque se houve genero que Camillo tratasse muito ao de leve, e poucas vezes, foi o da Philosophia.

Elle proprio confessa ter «um imperfeito estudo de philosophia», e não ha maneira de se encontrar o que Camillo

foi, em materia philosophica, se alguma coisa foi, sendo-nos apenas permitido, ainda assim indecisamente, concluir o que elle não foi.

Camillo tinha uma solida erudição de episodios litterarios e historicos, atraz dos quais se entrincheirava, nas suas polemicas, deslumbrando, com facilidade, a ignorancia dos *badauds* e, muitas vezes, a inepcia dos adversarios. E é frequente vel-o fugir á discussão seria e logica do facto, pela porta da chufa ou do vituperio — em que era mestre. Para ser philosopho, precisava Camillo Castello Branco de ter uma cultura scientifica que esteve muito longe de possuir, e um espirito crítico que não abundou em Camillo. E' certo que Camillo debicou com muita gente, e fallou sobre muitas coizas. Mas debicar e fallar não é criticar. Criticar suppõe a existencia de um prisma theorico atravez do qual se vê o objecto criticado, — e Camillo não o tem.

Crítico é Taine, crítico é Pontmartin, crítico é Walter Pater — para fallar dos mortos e dos mais caracteristicos. Camillo catava as obras litterarias ou os estudos historicos, á busca de minimos detalhes que podendo, certamente, depôr contra ou a favor do cuidado ou da probidade do auctor, não alteravam, no entretanto, a essencia da obra. Deprimir um trabalho litterario ou historico, por tres, quatro ou cinco erros de datas, ou tres, quatro ou cinco equivocos de nomes, não é obra de crítico. Acho bem que se apontem os erros das datas e os equivocos dos nomes. Mas não chamemos aos que limitam a isso a sua funcção analytica, críticos.

A crítica é o producto de duas funçoens: a analytica e a synthetica. Só é possivel em quem possue doutrina philosophica (em Arte ou em Sciencia) que lhe permita julgar e catalogar a obra estudada.

Camillo nunca pensou em encarar philosophicamente os

problemas ou alguns dos problemas da existencia. E quando, de passagem, se permitte quaisquer observaçoens sobre escolas philosophicas, vê-se bem a timidez com que o faz, pela ignorancia que tem d'ellas.

Podemos encontrar, aqui, razoens para supôr que Camillo foi materialista, alem, racionalista, a seguir, espiritualista — mas tudo isso é meramente episodico, producto de uma impressão de momento, que esquecia no dia seguinte, se não esquecia uma hora depois. Não se tome á conta de blasphemia ou de menos consideração pela memoria do grande novelista e eminente escriptor da lingua portugueza, o que vamos dizer, mas corresponde a um conceito que ha muito formamos: em materia de Philosophia e Sciencia, Camillo parecia confiar excessivamente nos ensinamentos do *Manual Encyclopedico* que elle com tanta graça como esperteza, aconselhava a Alexandre da Conceição.




REPRODUÇÃO DUM DESENHO
PUBLICADO NA «ILUSTRAÇÃO MODERNA»
N.º 8-9, PORTO, 1901

Quero crêr que muito contribuio para este estado de coizas, o condicionalismo da sua vida que, pela sua mesquindade, o obrigou a dispersar-se e a gastar-se em mil

pequeninos nadas que lhe exacerbavam a irritabilidade nervosa, e o impediram de deixar um livro de erudição ou crítica que se diga digno do nome de Camillo.

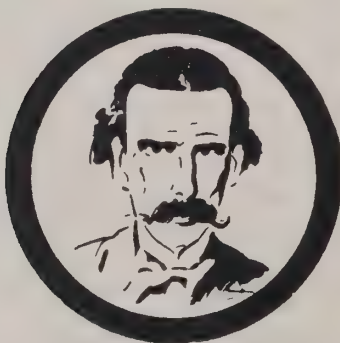
As questiunculas em que se envolveo e a necessidade negra de ganhar a vida, vendendo miseravelmente, notaveis paginas de boa proza portugueza, obstaram a que o seo espírito repouzasse um pouco, na meditação superior de um phenomeno da vida, á busca de solução ou remedio. O seo tempo, fecundado pela intervenção energica do Germanismo, não era tempo de estagnação mental — nem no estrangeiro, nem entre nós. Camillo, encerrado nas preocupaçoens estreitas dessa erudição de episodios litterarios e historicos, e enlaçado nas exigencias de uma vida ingrata, ignorou os grandes debates do Pensamento, e não lhes deo a contribuição do seo espírito lucidíssimo.

Camillo foi um grande novellista, um polemista terrivel, um extraordinario cultor do vernaculo portuguez. Deixa milhares de paginas, — mas são folhas volantes.

Nem foi Philosopho, nem mesmo teve apreciaveis relaçoens com a Philosophia.

Creia-me, com muita estima,

ALFREDO PIMENTA





# EXCERPTO DA «CARTA Á MINHA IRMÃ» QUE ANTECEDE AS «CARTAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO A THOMAZ RIBEIRO»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

... e Camillo Castello Branco foi surgindo e crescendo a nossos olhos, até abranger a plenitude da nossa admiração.

Não sei se sômos muito « amigas » da sua lembrança. A amizade implica uma ternura confiante, que o seu modo de ser, um pouco áspero, e tão differente do do nósso Pae, nos não consentiria talvez. Em todo o caso, se o sentir do nósso coração é difficil de definir claramente, o nosso espirito deslumbra-se ante a obra magnifica do Escriptor, e ufana-se de o proclamar.

Elle pintava admiravelmenle a paixão. Não sei se lograva sempre, nas meias tintas, fazer sentir o enternecimento.

Como mulhéres, devêmos ser-lhe gratas.

Se para o forte claro-escuro dos seus entrechos lhe foi preciso apoucar alguns caracteres femininos, a verdade é que elle nunca deprimiu a Mulher, antes, em toda a sua obra, poetisando-a atravez do amor e do sacrificio, procurou sempre eleval-a e dignifical-a.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Quando algum acontecimento me surprehende pela sua inverosimilhança, ou qualquer individualidade me espanta pela sua insensatez, é para Camillo que se volta irresistivelmente a minha invocação; — e tem o destino determinado que com extraordinaria frequencia eu renóve o meu preito de homenagem, interrogando a sua grande sombra:

— « *Porquê, ante tantos assumptos que a sollicitam, permanece inerte a sua penna incomparavel?...* »

— « *Porque deixa passar tantos pygmeus sem brandir o latego fulgurante da sua critica?...* »

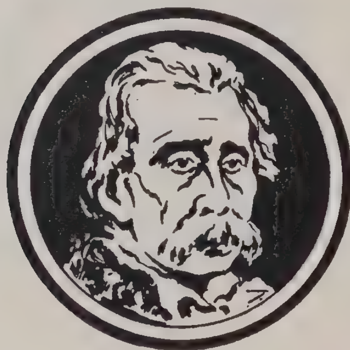
— « *Porque não vem commentar* « *isto* » *Senhor Camillo Castello Branco?...?* »

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Desculpa se me alonguei.

Abráço-te com a ternura com que sou a

Tua irmã muito amiga,
BRANCA DE GONTA COLAÇO





# CAMILLO, BOHEMIO

CAMILLO Castello Branco podia ter contribuido com algumas linhas para as *Scènes de la Vie de Bohême*, porque tambem sacrificou aos deuses d'essa Bohemia, que, hoje, representa simplesmente um archaísmo. A este proposito, referiremos quatro episodios da vida anecdotica do genial polygrapho.

Pouco antes do movimento da Regeneração, D. Luiz da Camara Leme, ajudante de Campo do marechal Saldanha, estava no Porto, onde foi doestado pela *Patria*, gazeta redigida por João Augusto Novaes Vieira.

Sabedor da offensa e desejando que o articulista retirasse as apreciações depreciativas do seu caracter, procurou-o no theatro de S. João, na noite de 23 de Janeiro de 1851, em que a celebre actriz Emilia das Neves representava a *Adriana Lecouvreur*.

Com identica intenção, estava Camillo Castello Branco, egualmente zagunchado pelo periodiqueiro. N'um dos inter-

vallos, D. Luiz da Camara pediu a Novaes Vieira que chegasse ao corredor das frizas, onde, após uma breve disputa, lhe applicou duas bengaladas fortes. Houve grande balburdia, e, n'este momento, Camillo Castello Branco desancava tambem o jornalista escurril.

A policia acudiu, prendeu o gazeteiro e o romancista, deixando em paz D. Luiz da Camara, porque era official do exercito. Mas, em revindicta das aggressões, o redactor da *Patria* querellou dos seus dois aggressores.

Entre 1855 e 1857, Camillo Castello Branco raptou uma linda menina chamada Emilia..., filha de um ourives da rua das Flores, no Porto.

Baixinha e interessantissima, uma perfeita boneca de assucar, elle escondeu-a n'uma casa de Villa Nova de Gaya, concitando, talvez, as iras dos pontifices da moral. A curto trecho, porém, abandonava a linda Emilia, depois matrimoniada com um portuense que conquistou certo renome. E o fino litterato partiu em busca de outra portadora de saias, porque, se *la donna è mobile,* Camillo ainda o era mais.

Camillo Castello Branco e José Cardoso Vieira de Castro habitavam temporariamente em Lisboa, n'um segundo andar da rua dos Algibebes, de onde quasi nunca sahiam, a não ser de noite, e onde apenas recebiam as visitas de Julio Cesar Machado e João Ignacio da Cunha, intimo d'aquelle tribuno e empregado no ministerio da marinha. N'essa residencia, deu Camillo uma ceia bacchica, que se prolongou até altas horas da manhã. Quando o creado o avisou de que já despontava a aurora, seu amo replicou-lhe :

— « O dia nasce para o mercieiro e para o aljubeteiro

d'alli defronte, mas não para nós. Fecha as portas das janellas e deixa as luzes accesas! »




REPRODUÇÃO DE UMA PÁGINA CARICATURAL (NÃO ASSINADA)
DE « O PALHAÇO » ALMANACH PARA 1873
PUBLICAÇÃO MENSAL ILUSTRADA POR SANTOS E SANHUDO

E o *Mascarille* cerrou hermeticamente as portas das ventanas, para simular que era noite... e proseguir a orgia!

Tambem certa vez, a horas esturdias, Camillo e o scintillante folhetinista Manoel Roussado cantavam o *fado*, com acompanhamento de piano, no bordel da *Amalia Bexigosa* celeberrima proxenêta que morava n'uma casa de primeiro andar, á esquina da rua do Arco do Bandeira e da rua da Assumpção, em frente da *batota do Paula*, depois muito frequentada por Vieira de Castro e pelo seu perfido amigo José Maria de Almeida Garrett.

Camillo Castello Branco pertenceu á bohemia litteraria, que Henry Mürger, Théodore Barrière, Giacomo Puccini e Ruggiero Léoncavallo immortalisaram no livro e no palco; pertenceu á bohemia romantica de Schaunard e de Musette, de Rodolpho e de Mimi, que, pallida e loira como Ophelia, não é uma mulher, mas uma allegoria da mocidade, essa borboleta que desdobra as azas fúlgidas no ether incendiado pelo sol da primavera.

PINTO DE CARVALHO (TINOP)





PROJECTO DE UM MONUMENTO DE CAMILO
DO ESCULTOR TEIXEIRA LOPES



# CAMILO, OBSERVADOR

É facto incontestado — como até a propria publicação dêste volume o provaria — que a admiração pelo grande escritor Camilo Castelo Branco não diminue, antes aumenta, com o decorrer dos anos.

A geração dos que hoje teem o primeiro logar na republica das letras, como a geração que ora ensaia os seus trabalhos de estreia — consagram ao estudo da obra e da vida do fecundo romancista larga parte de seus labores.

A correspondencia de Camilo tem sido piedosamente recolhida. Ás colecções de cartas publicadas por Silva Pinto e outros, vieram juntar-se as organizadas pelo Sr. Visconde de Vila Moura *(Camilo inédito)*, Antonio Cabral (in-*Camillo de perfil)*, Paulo Osório (in-*Camillo)*, Conde de Paçô-Vieira *(Inéditos de Camillo)*, Maximiano de Lemos (in-revista *Gente Luza*, n.º 3). Nota-se nos modernos escritores a tendencia para observar os varios aspectos no que póde ser encarada a personalidade do creador do *Amor de Per-*

*dição.* Rara é a revista que não consagra repetidos artigos ao morto de São-Miguel de Seide. E bem significativa é a diligencia com que se formou a comissão, que ha de reedificar a casa onde se suicidou aquele a quem todos chamamos — o Mestre.

¿ Qual será o segrêdo da atracção exercida pela obra de Camilo? ¿ Por que motivo não perdeu ela o interesse? ¿ Por que razão a nuvem de simpatia, à sua volta formada, se não esvaiu? ¿ Porque — sintetizando as perguntas anteriores — é ainda a geração nova apaixonadamente camilianista?

Na obra de Camilo Castelo Branco, ha duas partes bem divididas: a da imaginação e a da observação. É a esta ultima que se deve toda a fortuna literaria do autor da *Queda d'um Anjo.*

Ha criticos — aliás bem respeitáveis e bem dignos de consideração pelo seu operoso trabalho — como o sr. Fidelino de Figueiredo (in - *Historia da litteratura romantica portuguêsa)*, que atribuem a Camilo « pouca observação » — para mais adiante se contradizerem, indicando, como seu constante processo literário, o de olhar em volta de si e escolher! Os criticos nem sempre teem razão... Camilo foi um invulgar observador. Quem quizer conhecer a vida portuguêsa — e a portuense em especial — de ha sessent'anos, e mais, percorra as paginas, ora suaves, ora irónicas, d'alguns desses trezentos volumes que constituiram a herança magnifica deixada à Nação. O recem-falecido Francisco Tavares Proença Junior coligiu a *Autobiografia de Camillo.* Pois não seria dificil escrever, pelos informes do Romancista, a crónica portuense, com os seus brasileiros, os conflitos entre os partidários de uma e outra cantora, os seus cafés, os seus janotas, os seus carroções. Toda «*A Queda d'um Anjo*», a par da intenção satirica, é

um flagrante quadro do mundo político e parlamentar, no tempo em que o sr. Arcebispo de Calcedónia fazia o



REPRODUÇÃO D'UM DESENHO DE CONDEIXA, PUBLICADO NA PAG. 212 DO ROMANCE DE CAMILO « A QUEDA DUM ANJO », 1887

encanto da Camara, com os primores da sua oratória.

Nem Camilo poderia deixar de ser um observador, sendo, como é, um verdadeiro caricaturista que emprega a palavra pelo traço. Se ele ridiculariza, e ridiculariza bem,

é porque primeiro estudou a figura do adversário, exagerando-lhe em seguida os defeitos — é porque *observou*.

O extraordinario prosador não tinha olhos só para o mundo material (paisagens, trajos, edificios), via tambem as almas. Na sua galeria d'amorosos — foi o amor, como é natural, o seu tema favorito — ha figuras que vivem, que sentem, com a expressão eterna das grandes paixões. Os romances de Camilo não são psicologicos, muito menos fisiologicos — são simplesmente o romance da vida.

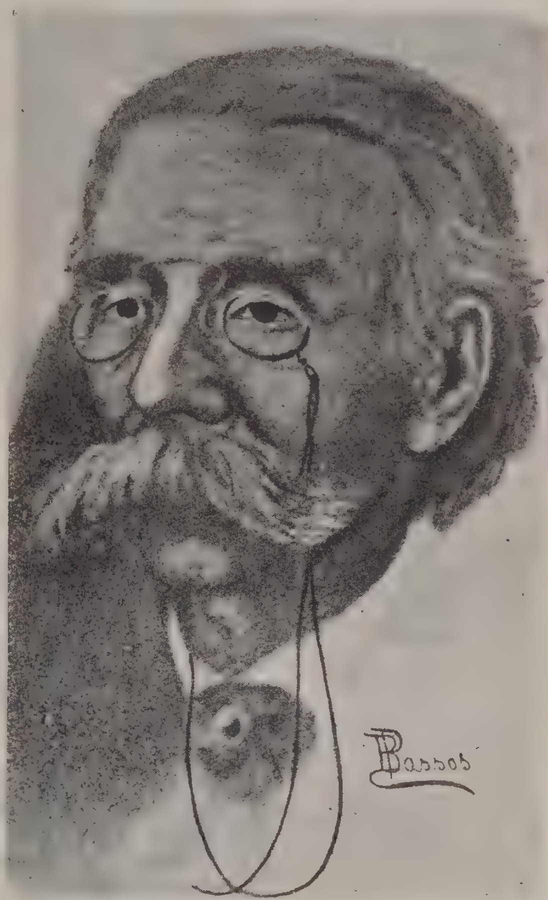
Bem sabemos que as meninas, precocemente lidas nos livros do sr. Abel Botelho e em outros escritos feitos, e os meninos, em quem uma superficialissima cultura dá asas ao pedantismo — acham a literatura camilêsca pueril e ridicula! Esses são os mesmos que nunca leram os «Lusiadas» — ou não os compreenderam — e apreciam a obra do Eça pelas frases gaiatas que contem. Nem valeria a pena citar-lhes a opinião (?) se porventura ela não pudesse inculcar-se como a dos Novos — que não é.

Camilo observou — mas observou a sua época, o seu meio. Aquele periodo era muito diferente do nosso. Os amores eram profundos e fatais. Frequentemente se entrava no casamento pela porta do rapto. A nobreza ainda não havia totalmente perdido o que hoje chamam os seus preconceitos. Morria-se de paixão. E ia-se para a cadeia pelo crime de adultério!

Hoje ha o divorcio, ha o casamento civil, ha a tolerancia, o silencio cumplice da maioria. Figuras da vida real de ha sessent'anos — José Augusto de Magalhães e Fanny Owen, por exemplo — são quasi incompreensiveis para os superficiaes leitores do século xx, como inverosimil lhes parece o calvário que padeceram esses noivos singulares. A propria vida do romancista — o seu *romance* como lhe chamou com notável felicidade d'expressão, o sr. Alberto Pimentel

— tão acidentada, com as prisões, as tentativas de suicidio, as scenas de pugilato, os duelos, os amôres, até essa mesma faria encher de dúvidas alguns contemporaneos nossos, se não existissem ainda testemunhas presenciais d'alguns dos lances mais dramáticos

A obra de Camilo é o espelho da sua época. Só não a apreciam os incapazes para a compreender, e os que vão procurar ás paginas dos romances sordidezas inconfessáveis.




CAMILO — DESENHO DE BOAVENTURA PASSOS
REPRODUZIDO DA «ALMA ALGARVIA» N.º 229
DE 15 DE JANEIRO DE 1916

E a circunstancia de ser um espelho é o segrêdo do seu triunfo. Durante a leitura, mentalmente se vão comparando os habitos actuais com os de ha meio século. Notam-se as diferenças, ora insignificantes, ora profundas. Avalia-se a força que, por então, atingiam certos sentimentos, o amor, a colera, a coragem. Vê-se o que ha d'eterno e intangivel no coração do homem, e tambem o que varía com as modas e com os trajes. Enche de jubilo descobrir um pormenor significativo nas paginas magistrais de Camilo. Verifica-se como

era justo o seu criterio, bem dirigida a sua ironia. E em certos tipos seus, ou caricatos, ou virtuosos, reconhece-se alguem nosso conhecido. O segredo do triunfo da obra do Romancista reside em *Camilo observador*. Por êssa qualidade são tão apreciadas as suas cartas, as suas notas, os seus apontamentos. É de justiça pô-la em destaque.

D. JOSÉ MANOEL DE NORONHA





# HOMEM DO NORTE

PODEROSO esculptor de almas... As dores que deixam os corações afistulados, as alegrias que frente ao sol ascendem sonoras, o sarcasmo em que títeres se abismam como em atasqueiros de lama, a paixão que é ferro em braza a demover com mãos incomburentes, tudo na corda sensorial dele foi vibrado magistralmente. Português aonde surdem transfiguradas as virtudes e as mazélas duma raça, o caracter nativo encontrou nele perigrinos cadinhos para moldar-se em inimitaveis, magnificas temperas. Facetas varias focando aspectos varios — onde alguns serão menos gentis mas nenhum roçará, jámais, pelo mediocre, — dar-me-á a sintese do seu feitio moral uma carcassa de heroe embiocada num capuz de franciscano.

Abordando o têma amoroso, ainda está para nascer aquele que logre desbancal-o no condão de que dispoz para acionar uma galeria assombrosa de belos doentes de alma.

Como prosador foi de tal arte que escapou á banalidade de grangear discipulos ou, sequer, de concitar plagiadores. Ele, ele só, marcadamente, desde a primeira á ultima pagina, documentando que o sestro de cerzir palavras conexas nasce com cada um em maior ou menor escála. Por muito que o acoimem de filiado em Vieira, de bezuntado de Bernardes, de Sugerido em Frei Luis, eu o vejo numa ternura que é um perene encanto, arcabouçando a elocução popular a, com ela, depois, construir por instincto uma obra que restará milenaria. Foi por dedução um artista que o norte do paiz precisa, mais tarde ou mais cedo, mas na hora propria, reivindicar num assomo vibrante de resgate. É que entre a sua maneira de escrever e a sua maneira de sentir, uma aguia a largo vôo plana, aguia nutrida nas serranias de alem Douro, graças a uma afirmação de fé religiosa por um passado que nada desmentirá...

Lisbòa.

SEVERO PORTELA





# CAMILO CASTELO BRANCO

Excelentissimo Senhor:

PEDE-ME a amabilidade de V. a opinião sobre a obra de Camilo. Li, volume a volume, a magnifica e robusta prosa do grande *Desgraçado*.

Vi de perto reluzir os gumes da sua ironia formidavel; o sarcástico franzir do seu riso de tortura; o deslisar convulso das tragedias que contemplou.

Procurei depois sintetisar em meia duzia de linhas, rapidas e firmes, as impressões colhidas. Tudo o que me ocorreu era banal e frio.

A frase tinha a imobilidade outonal das folhas mortas, a desolação imensa dos desertos.

É que, quando o homem atinge o vôo sereno do genio, querer defini-lo é pretender, embora brilhantemente, emoldurar o infinito; é acreditar que o azul dum dia claro e limpido termina aonde a curva do horizonte limita a vista.

A melhor critica, a unica critica, que ha direito a fazer

de Camilo, é contempla-lo em silencio. Toda a palavra é de mais porque profana a magestade da sua grandeza e amesquinha a grandeza da sua magua. Na vida teve um amigo — A Fatalidade! Com ela aprendeu o ritmo das amarguras supremas, o segredo das agonias tragicas. Ninguem mais profundamente conheceu o homem e ninguem tão audazmente o desprezou.

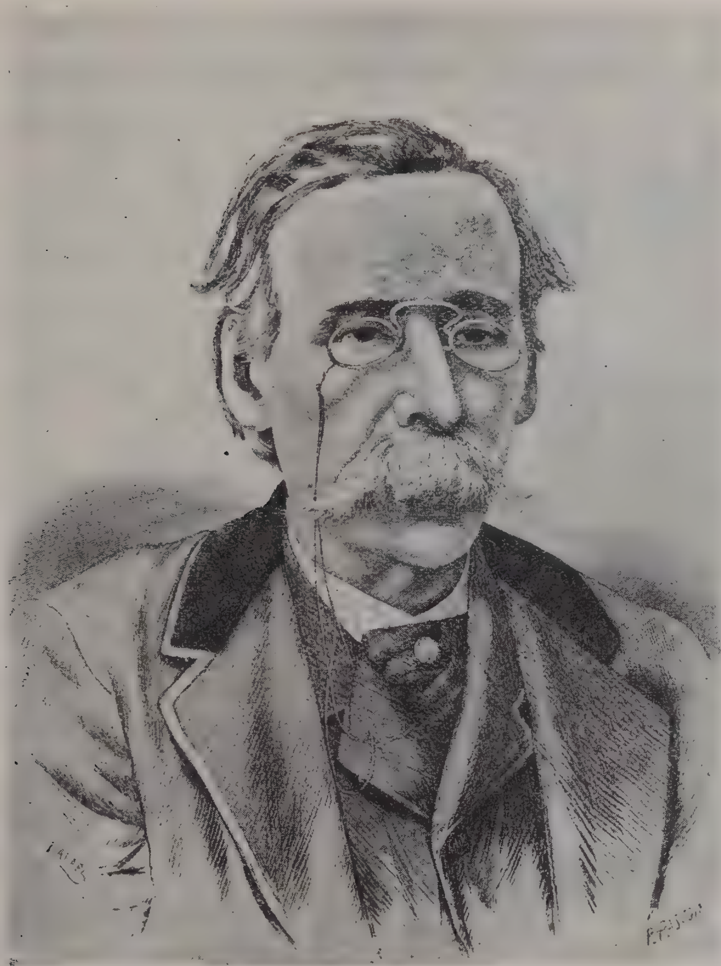



REPRODUÇÃO D'UM «CROQUIS» Á PENA DE ARMANDO BOAVENTURA, 1918

Depois de cego, a vista aguçou-se-lhe mais abrangendo num clarão de amargura «os cento e nove impavidos marotos» que, dia a dia, o cortejavam na vida, em derreios ignominiosos de espinha.

Eu tenho por Camilo aquela serenidade contemplativa que, em retabulos antigos, fulgura na pupila muda dos grandes crentes todos tomados de Deus. As suas palavras foram as primeiras palavras que li. Os meus olhos abriram-se para a vida na grande noite da sua magua. Nunca se esquece quem nos ensinou o saibo amargo das lagrimas. Á força de o ler, quasi o julgo do meu sangue. A familiaridade

não escurece o prestigio da sua grandeza. É um dos meus *Mortos*. O seu nome soa como um eco de fama eterna Viveu sem amigos, morreu sem discipulos e, como diz



CAMILO — DESENHO ASSINADO RAFAEL, REPRODUZIDO DO SEMANARIO «A ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA» N.º 51 DE 7 DE JULHO DE 1890

Faguet, «il n'y a pas de plus grande gloire que d'être un maitre qui ne peut pas avoir d'élèves».

Contemporaneo dos *grandes*, sobre todos estendeu, placidamente, tranquilamente a serenidade do seu olhar de

aguia. Defendeu-se dos homens e da Desgraça... a tiro! Era uma figura estranha!

No seu riso ha tintas lugubres de Rembrandt, maceradas ironias de Hamlet. A tragedia é-lhe familiar, é um dos seus convivas. A inconsciencia tragica dos coveiros removendo ossadas a cantar, é nêle uma superioridade sombria, uma indiferença que só teem os que esgotaram o calix do sofrimento. Conhecendo o que valia, morreu seguro da imortalidade. E a sua maior amargura irá, de seculo em seculo, como o maior retabulo de magua que a palavra estilisou, arrancando lagrimas á continuidade da vida. Apesar do pó de dezenas de anos — num tempo em que um dia envelhece um livro — a sua obra conserva-se sempre *atual,* sempre de *hoje.*

A verdade imensa que encerra, a agonia revoltada que a individualisa, jamais a deixarão envelhecer. O tempo ha de torna-la mais tragica, como torna mais graves os bronzes que ensombra. Ha de grangear-lhe o respeito de todos os que leem e impo-lo como o unico Mestre a todos os Mestres que escrevam. Quanto menos restar do seu corpo, mais a sua alma dominará triunfadoramente. Os vivos marcham á voz dos mortos. Resultam *dêles,* dependem *dêles,* como os fogo-fatuos. A sua aria de mobilidade é limitada pelo espaço que entaipa a tumba.

Camilo fica na historia da literatura nacional como o mais português de todos os que, nos ultimos tempos, em português teem escrito. Não há influencia que lhe abrande a individualidade. Não imita, cria. Não é um sequaz, é um inovador. Nas suas paginas vive toda uma sociedade brutal e soez, torva e pulha, como na realidade foi.

Descrevendo um meio, restrito e acanhado, cujas aspirações espirituais se limitam ao desejo duma digestão tranquila e a vida social se restringe á brutalidade mazorra de

gazetilheiros sem vergonha nem pão, pondo a nú uma sociedade invilecida por ancestral preguiça, afloração culminante de todas as taras da pirataria que, seculos antes, por aqui viveu, e onde as diferenças de *tipo* a *tipo* se avaliam apenas pela contagem dos crimes, a sua pena teve a energia indomavel, o vigor esbrazeado que só de longe em longe escalda os labios dos grandes justiceiros Ao lado de admiraveis trechos de côr, que na sua obra lançam tristezas maguadas de sol poente, as suas figuras profundamente vinculadas vivem a agitada tortura dos nossos tempos, individualisadas, caracteristicas, com sentir proprio, sem que um abrandar de traço torne imprecisa e dubia a sua contextura. Tudo aquilo é realidade. A vida passa a seus olhos tal qual é — mizeria, infamia, sombras, espantos. Mas não ha pagina onde não deixe o sinal das suas lagrimas, o fogo do seu sarcasmo. O artista liga-se assim duma maneira intima á obra. Aqui e álem, entre maguas e prantos, ha um riso de fatalidade, doloroso e rubro como a boca das chagas, florindo na mizeravel tortura que Shakespeare desenterrou da alma dos truões. A filosofia dos seus romances está talvez nota



CASA DA RUA DA ROSA ONDE, SEGUNDO INVESTIGAÇÕES DE LUDOVICO DE MENEZES, NASCEU CAMILLO CASTELLO BRANCO

Fialho, citando a frase de Flaubert—neste conceito: «a falta de fé na felicidade». E essa falta de fé na felicidade torna-o mais tragico, quasi sombrio. E então a sua ironia desdenhosa cresce, num orgulho bronzeo, contemplando d'alto a vileza de mil carcaças, que na vida se agitam lutando ferozmente por uma ilusão, que no dia seguinte é cinza. Desde muito novo a idea do suicidio perseguia-o. A morte acompanhava-o assim: passo a passo, numa constancia de amigo velho, numa teimosia obcecada, a oferecer-lhe o descanço, a tranquilidade, tentando rouba-lo á loucura insensata de viver.

Era a vida avisando-o pela voz da morte, anunciando-lhe o desfecho da luta, a capitulação inevitavel. A fatalidade, o bom amigo afinal, metia-se de permeio e êle ia protelando o momento, como um revoltado, sem uma claridade de esperança, sem uma sombra de ilusão, que a si mesmo com tragica tenacidade houvesse jurado vingar-se da vida... vivendo-a. A luta foi desesperada. Tudo a vida lhe roubou. Não houve miseria que o poupasse, espinho que o não ferisse. De tudo trinunfára. Das lagrimas e do riso fez o seu escudo. O riso envelhecia, fundia-se pouco a pouco, numa amargura outonal. E á força de chorar as lagrimas secaram.

E ele resistia sempre...

Só quando os olhos se fecharam para a luz, é que se abraçou á morte. Habituado a olhar o sol, frente a frente, só a sombra o venceu.

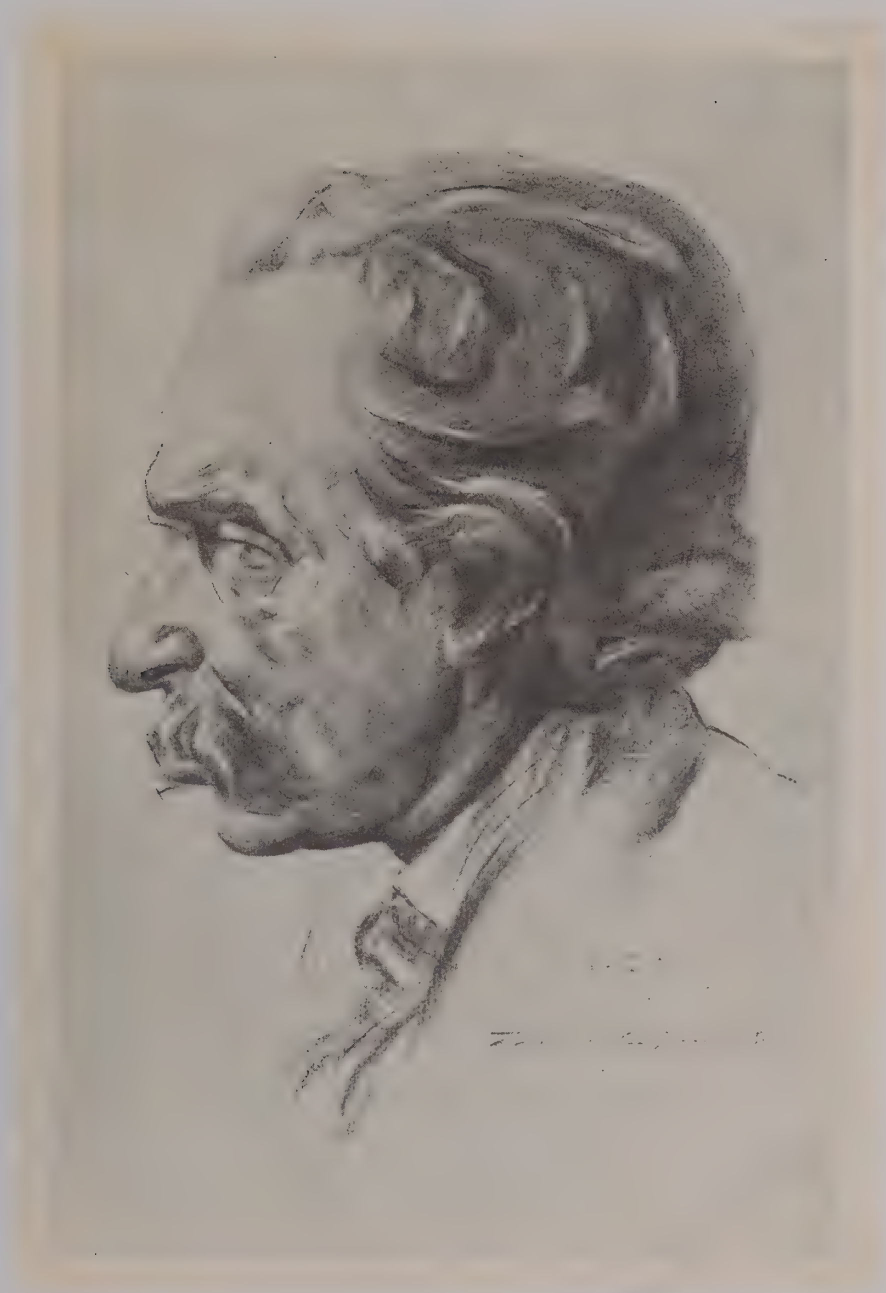
> Até deixar de ver porque ceguei.»
> Em ver de frente a luz que me ofuscava
> «.................. Louco, teimei.

A critica sèria e profunda, que haja de fazer-se á obra

de Camilo, encontrará como principal e transcendente difficuldade a vencer a destrinça entre o que pertence ao autor e o que faz parte da vida das suas personagens. Não creio facil o estabelecer a necessaria distancia entre o objecto do *processo critico-historico*, preconisado por Taine e que hoje é apenas um auxiliar e um complemento, e a materia sobre que ha de recaír a analise de geito a que se faça a critica da obra em si mesmo O primeiro processo terá de valer-se de notas subjectivas que só, na frase de Guyau, uma grande bondade e uma grande inteligencia poderão recolher e interpretar. O segundo requer uma compreensão nitida da idéa geradora da obra e uma emoção viva que a estilise sem a empalidecer, uma sensibilidade aguda que a transmita sem a desvirtuar. No dia em que se haja feito o estudo que a obra exige, necessariamente eterno como ela, para dela ser digno, ter-se-ha lavado a vergonha mais aviltante da nossa historia literaria. Não corre, porém, tempo propicio a canceiras de grande monta, de forma que esse preito, devido ao *maior de todos*, ficará eternamente, como a estatua que pelos modos nunca mais se erege, reduzido ao platonismo encantador duma aspiração remota e vaga.

Coisa aliaz inteiramente logica emquanto, na frase do grande mestre, « os jardins de Academus estiverem quasi todos cultivados em talhoens de hortaliça »...

GARCIA PULIDO



PERFIL DE CAMILO — ESTUDO DE SAAVEDRA MACHADO



# CAMILO
# E A LINGUA PORTUGUESA

D'ENTRE os escritores nacionais do sec. XIX, o que com mais propriedade manejou a nossa lingua foi indubitavelmente o mestre do romance português, Camilo Castelo Branco.

O investigador que compulsasse propositadamente todas as obras do fecundo escritor, poderia elaborar um estudo circunstanciado sobre o lexico, sintaxe e estilo do artista que foi não só um dos maiores ornamentos da nossa literatura mas tambem um dos mais valiosos classicos portugueses.

Nas páginas que se seguem colijo alguns apontamentos que tirei quando li alguns livros do romancista, os quais dão uma noção do conceito que Camilo tinha da pureza da linguagem, dos escritores que com mais brilho ilustraram a lingua de Camões, e tambem d'aqueles que a adulteraram com apropriações de termos não genuinamente portugueses e com arranjos sintaxicos adversos á indole

do nosso idioma. O conjunto das obras do grande romancista deve considerar-se um modêlo e um manancial abundante onde se podem haurir bastos conhecimentos do que seja o bom manuseamento da lingua portuguesa. Conhecedor profundo da literatura patria e admirador dos nossos grandes classicos, Camilo fez gala em engrinaldar as suas obras com as pompas de um estilo levantado e colorido, com as gemas de um vocabulario riquissimo e com uma autentica vernaculidade de dição, desafectada e correntia. As obras do Mestre são minas feracissimas onde o genio audaz faz saltitar com arte incomparavel a palavra, da mais contundente ironia á dor pungente e letal, desde o sarcasmo sangrento até á alegria franca e despreocupada, desde a comoção forte até á sensação de arrepio sufocante que produz a aplicação de um termo-cauterio sobre uma chaga purulenta.

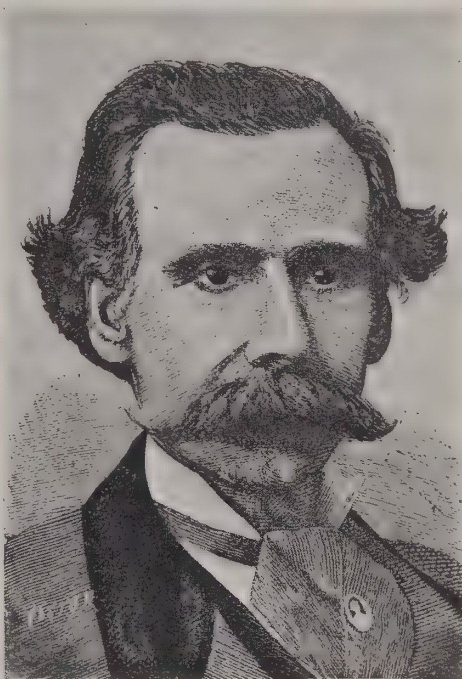
Claro na maneira de expôr as ideias, adaptando com mestria invulgar a palavra e o estilo aos assuntos sobre que discorria, o Mestre era fulgurante nas descrições, algumas das quais eram feitas com a minucia do realismo, outras esboçadas apenas, e ainda outras traçadas com a pincelada larga e sobria que abrangia maravilhosamente o conjunto imaginado.

Os seus romances estão coalhados de pequenas paisagens das nossas provincias, de descrições pitorescas da vida das aldeias, das festas, romarias, procissões, e de toda a vida emfim do povo português.

Do seu contacto com o viver do povo resultou o colorido das scenas populares que o romancista pintou com mão de mestre, e a linguagem chã e correntia falada castiçamente pelo povo de certas provincias de Portugal, linguagem que o escritor reproduziu muitas vezes nos seus livros, dando-lhes assim um cunho regional, mostrando

o seu entranhado amor á terra em que nasceu e o seu perspicaz talento de observador.

Hoje, que os odios que o escritor excitou já estão derrocados pelas salutares arremetidas do tempo, e que os alvejados das suas ironias e sarcasmos desapareceram no sorvedouro da eternidade, já se vai prestando justiceira homenagem e simpatica veneração a o grande artista que dotou a literatura nacional com as mais primorosas joias. Mas o verdadeiro *desideratum* de todos os Portugueses que se prezam, de todos aqueles emfim que em Camilo vêem um dos homens que ao lado de Camões, Vieira, Bernardes, Garrett, Herculano, Castilho e tantos outros, ergueram o magestoso edificio da nossa literatura — qual o de perpetuar no bronze de uma estátua a memoria já assim indelevel do grande romancista, ainda não foi atingido para desprimor de Portugal. Ainda hoje, que eu saiba, não existe no nosso país um monumento de Camilo, o qual mostre ao povo que o contemple um d'aqueles genios cuja obra é por si só um



GRAVURA EM MADEIRA, DE PASTOR
1874

monumentum aere perennius [1].

[1] Horacio, *Odes*, III, 30, ed. Hachette, pg. 187.

O estudo que se segue consta quasi unicamente de simples notas colhidas aqui e ali nas obras do romancista, e de transcrições de alguns passos dos seus livros, os quais nos patenteiam as opiniões do Mestre sobre os nossos classicos, as observações sobre o vocabulario e falares do povo e sobre estilo, ao que acrescentei alguns apontamentos acêrca da sintaxe e ortografia.

Dividi o estudo em 4 partes, a saber:

§ 1) *Camilo e os classicos portugueses;*

§ 2) *O vocabulario e as observações sobre o falar do povo;*

§ 3) *Sintaxe e ortografia;*

§ 4) *O estilo.*

### § 1. *Camilo e os classicos portugueses.*

Do que se antigamente mais prezaram
Todos os que escreveram, foy honrar
A propria lingua, e nisso trabalharam.
Cada hum andava polo mais ornar
Com copia, com sentenças, e com arte,
Com que podesse d'outras triumphar. [1]

Frequentemente se encontram nos escritos de Camilo alusões aos grandes classicos portugueses e transcrições de trechos e passos dos mesmos, o que mostra como ele andava familiarizado com a leitura dos mestres da lingua. Por isso a obra do romancista se ressente d'esse convivio salutar, não pela exhibição desregrada de termos obsoletos e hoje quasi banidos do vocabulario usual, mas pela

[1] Antonio Ferreira, *Cartas*, I, 3, in *Poemas lusitanos*, II, pag. 12, ed. Rollandiana, Lisboa, 1829.

maleabilidade prodigiosa, pela pureza que ele imprime á sua linguagem, e pela arte com que se serve das palavras, sem atraiçoar o fundo de uma ideia nem obscurecer o jogo do pensamento.

Nas *Memorias do carcere,* [1] referindo-se ao tempo em que esteve preso na cadeia da Relação do Porto, escreveu Camilo: « Então li e reli volumes, que n'outras tentativas, em annos mais irreflexivos, me anojavam e inimistavam com o puritanismo dos quinhentistas. *A Imagem da vida cristã*, de Heitor Pinto; o *Oriente conquistado,* do Jesuita Francisco de Sousa; as *Chronicas da Academia Real das Sciencias*, e outros muitos repositorios de linguagem d'este tomo, nunca me deram trela ao espirito para examinar quatrocentos volumes de romances, que comprára, e dos quaes se admirou o senhor D. Pedro V, observando que era biblioteca enorme para preso ».

No romance intitulado « *A queda de um anjo* », que pode considerar-se um repositorio das opiniões de Camilo acêrca dos nossos classicos, da propriedade do estilo, da vernaculidade de linguagem e da eloquencia, e, tambem, como já ponderou o falecido filologo Julio Moreira, [2] uma sátira contra o estilo afectado e pretencioso, escreveu o notavel romancista: « Grande cousa é ter lido os bons classicos, se desejamos saber a lingua portuguesa ». [3] E numa carta escrita ao sr. Antonio Franco expendeu o mesmo pensar: « Em todas as linguas, o principal processo em adquiril-as é o estudo dos classicos, feito com crítica, e sem o proposito de exhumar arcaísmos destoantes das fórmas modernas ». [4]

[1] Vol. I, pag. 156, 4.ª edição, Lisboa.
[2] *Estudos da lingua portuguesa,* II, 306, Lisboa, 1913.
[3] Pag. 92, 4.ª ed. Lisboa.
[4] Publicada na *Revista Lusitana,* XXIII, pag. 197.

No prefácio do *Amor de perdição*, romance que, como o autor declara, foi escrito em quinze dias na cadeia do Porto [1], expõe Camilo as suas intenções de escritor: « É certo, que tenho querido imprimir em alguns dos meus livros o cunho da utilidade com o valor da linguagem san e ageitada á expressão de ideias, que pareciam estranhas, como de feito eram, e não se nos deparam nos escriptos dos Sousas, Lucenas e Bernardes» [2].

Na bôca de Calisto Eloy, o simpatico protagonista da *Queda de um anjo,* coloca ele rasgos d'este quilate: « Ordem.. peço eu para a lingua portugueza! Peço-a em nome dos illustres finados Luiz de Souza, Barros, Couto » [3]; « a mim faz-me tristeza contemplar a ribaldaria com que os belfurinheiros de missangas e lantejoulas adornam a lingua de Camões, despojando-a dos seus adereços diamantinos. A pobresinha, trajada por mãos de gente ignara, anda por aqui a negacear-nos o riso, como moura de auto, ou anjo de procissão de aldeia. Se acerta de lhe pegarem os farrapinhos abrochados de folha de Flandres em algum silvedo, a mesquinha fica nua, e nós a córarmos de vergonha por amor d'ela.

É forçoso.. que a linguagem castiça vá com a patria a pique? » [4].

Cabe agora a vez aos meritos de vernaculismo de alguns padres sabios que figuram nas obras do novelista. No romance *O bem e o mal,* falando da erudição de um

[1] *Memorias do carcere*, II, 130: « Escrevi o romance em quinze dias, os mais atormentados da minha vida. Tão horrorisada tenho d'elles a memoria, que nunca mais abrirei o *Amor de Perdição*, nem lhe passarei a lima sobre os defeitos nas edições futuras, se é que não sahiu tolhiço e incorrigivel da primeira ».

[2] *Amor de Perdição*, prefácio da 2.ª edição, Porto, 1917, pag. XVI.

[3] *Queda de um anjo*, pag. 73, 4.ª ed.

[4] *Ibidem*, pag. 129.

sacerdote, ascendente de um dos herois da historia que ali é contada, expressa-se Camilo da seguinte maneira: « Para bem aquilatarmos em qual grau de purismo classico andava a vernaculidade n'aquella serie de padres lettrados, basta dizer-se que no frontespício do primeiro volume dos sermonarios do padre A. Vieira, um padre Timotheo Militão escrevera: « Tambem este grande engenho está gafado! » A gafa de que se lastimava o escrupuloso idolatra dos aureos escriptores sem liga, era aquelle geito de conceitista italico-hispano em que o preclaro jesuita, a espaços, se descuidava na oratoria » [1]. Dos predicados de outro padre que fôra prior em Fafe escreveu: « Penso que já é falecido o prior de Fafe, grande latinista, e discreto em castissima linguagem portugueza. As suas praticas eram floreadas de lusitanismos, que, a meu ver, lhe não seriam mais entendidos dos parochianos que os jeroglyphicos de Memphis » [2].

Um personagem dos *Annos de prosa,* depois de ouvir os rasgos oratorios de um padre letrado, diz, cheio de admiração, para um sobrinho d'este: « Teu tio é grandemente lido nos classicos» [3].

Não são apenas os romances que aparecem salpicados de opiniões sôbre os classicos. No *Curso de litteratura* abundam elas com mais propósito. Do autor da *Historia de S. Domingos* disse Camilo: «A mais pulcra e crystalina linguagem portugueza basta fr. Luiz de Sousa para

[1] Pag. 46, 4.ª ed. No *Curso de litteratura,* vol. II, pag. 120, disse que Vieira « usava metaphoras, trocadilhos, agudezas e hyperboles », e, comparando a linguagem dos *Sermões* com a das *Cartas,* escreveu: « O estylo desartificioso e expontaneo das *Cartas* do Padre Antonio Vieira protesta contra os embellecos e frivolidades de alguns dos sermões », ibidem, I, pg. 123.

[2] *Memorias do carcere,* vol. I, pág. XXXVIII.

[3] Pag. 92, 2.ª ed.

ALGUMAS ASSINATURAS DE CAMILO CASTELO BRANCO

exemplifical-a ».[1] De Antonio Vieira escreveu: « São os sermões do padre Antonio Vieira uns riquissimos minerios do mais fino ouro pelo que respeita á linguagem. Ninguem reuniu em poucas paginas tantas palavras rubricadas pelos

[1] *Curso de litteratura*, vol. II, pag. 92.

mestres que o precederam. As opulencias que Vieira aditou á prosodia constituiriam o idioma portuguez no alto ponto das linguas mais ricas, se já então houvessemos entrado em comunhão de sciencias com a Europa, e tivessemos adaptado á nossa indole glotica os termos facultativos. O seu modo de adjectivar é irreprehensivel; a propriedade do epitheto é n'elle tão original que a não podemos derivar de Camões nem de Barros. Explende-lhe do genio; bafeja-lh'a a ironia, o sarcasmo, o que quer que fosse de mais avançada cultura, em um meio social de mais complicadas paixões. Quem se votasse á agradavel tarefa de colher palavras e phrases nos sermões de Vieira, desenredando-as do sarilho vicioso em que elle as envencilhava, formaria um florilegio, um bastantissimo vocabulario e selecta prosodia para exercicios de primorosa escripta » [1].

A Filinto Elisio, classifica-o de « opulentador notabilissimo da lingua, e renovador dos lusitanismos que aformosearam os livros dos dois iniciadores da reforma romantica, Almeida Garrett e Antonio Feliciano de Castilho » [2]; e a este ultimo chama « o mais luminoso e vernaculo prosador portuguez » e diz que foi « em Portugal, quem attingiu a suprema perfeição da lingua portugueza » [3].

Era tal a veneração de Camilo aos escritores que mais ilustraram a lingua patria, que por vezes caiu no exagêro de atribuir meritos a quem os não possuia avultados, como sucedeu ao referir-se a Jacinto Freire de Andrade, cuja linguagem andava pejada de trocadilhos e jogos de estilo proprios do gôsto da epoca em que ele viveu, trocadilhos que tornavam muitas vezes ininteligivel e obscuro o sentido

1 *Curso de litteratura*, vol. II, pag. 104.
2 *Ibidem, ibidem*, pag. 213.
3 *Ibidem, ibidem*, pag. 106 e 275.

da frase. Acêrca d'aquelle historiografo português escreveu o romancista: « Com aquella penna d'ouro que sabeis do historiador de D. João de Castro, solicitou inutilmente Jacintho Freire a reintegração do prior victimado a velhos odios. Braz Garcia dava mais pelo aço da sua espada que pelo ouro puro das phrases do abbade de Santa Maria » [1]. Contudo esse exagêro não o impediu de reconhecer e exprobar os defeitos que na epoca gongorica macularam os escritores nacionais, referindo-se-lhes do seguinte modo: « n'aquelles dias de decadencia litteraria e seculo de chumbo da nossa poesia, os poetas, não só amorosos, mas ainda pendurados no triangulo, expiravam proferindo trocadilhos, gongorices, marinismos, uma coisa triste de ler-se » [2].

Pelos poucos passos que transcrevi de algumas das suas obras se vê como o romancista estimava os bons mestres da lingua portuguesa e como andava familiarizado com os escritos d'eles. As lições e as palavras que eram infiltrações francesas e destoavam da indole do nosso idioma repelia-as ele quasi sempre, comentando-as com a veia satirica que lhe era tão peculiar e expondo-as á irrisão da gente culta. Num dos seus livros, referindo-se ás numerosas traduções de romances franceses cuja leitura deleitava grande parte da nossa sociedade, escrevia assim o romancista: « O mau romance tem afistulado as entranhas

[1] *Lucta de gigantes*, pag. 32, 3.ª ed. No *Curso de litteratura portuguesa* II, 93 expende porém Camilo opinião contrária, dizendo: « Jacintho Freire de Andrade, natural de Beja, formado em Canones, poeta mediocre, e prosador que desairou o grande assumpto (a *Vida de D. João de Castro*) immaranhando a clara e esplendorosa vida do honrado governador da India em enredadas hyperboles, desgraciosas e alabyrinthadas antitheses... É tamanho o artificio d'este livro (*A Vida de D. João de Castro*) que até a phrase lhe saiu desnatural, falsa e algida quando pretende mover. »

[2] *O Judeu*, vol. II, pag. 97, 3.ª ed.

d'este paiz. Não ha fibra direita no coração da mulher que bebeu a morte, e — peior que a morte — algumas dezenas de gallicismos no que por ahi se escreve e copía »[1].

Em muitos outros romances tambem aparecem de quando em quando exprobações contra os galicismos, especie de praga que a França vai exportando subtilmente com os produtos das suas indústrias, entre as quais avulta a do livro. Na *Queda de um anjo*[2], o deputado Calisto Eloy diz para um vendedor de moveis: « Eu creio que se não offende a França no caso de chamarmos a este movel *(chaise-longue)* uma cadeira longa ou uma preguiçeira, que sôa melhor. ». Nas *Vinte horas de liteira*[3] escreveu: « era já de outra familia a propriedade do *hotel*, que renunciára ao lusitanissimo nome de *estalagem da* ***. O nome possessivo é que, sem embargo de ser portuguez de lei, não póde ser escripto n'esta chronica imorredoura ». No mesmo romance[4] o escritor comenta assim um vocabulo que na acepção de « riqueza » é imitação do francês: « a fortuna », gallicismo atroz que busca os seus predilctos na lama, e lhes converte a lama em coxins de pennas ».

No *Anathema* (pag. 251) usou Camilo o termo francês *toillete* mas sublinhou-o e comentou-o assim: « palavra que só muito tarde atravessou os Pyreneus de braço dado com a *soirée*. »

Para realçar a pureza classica em que andava embalsamado o protagonista da *Queda de um anjo*, o romancista escreveu da sua lidima prosa portuguesa a seguinte objurgatoria: « Da maior e talvez unica dôr litteraria da sua vida (de Calisto Eloy) fui eu a causa. Calisto, pernoi-

[1] *Annos de prosa*, pag. 5, 2.ª ed.
[2] Pag. 173.
[3] Pag. 85.
[4] Pag. 247.

tando em não sei que solar de damas dadas á leitura amena, pediu algum livro, e deram-lhe um romance meu. Consta-me que deixou o volume com as margens annotadas de gallicismos e manchas de toda a casta». *(Queda de um anjo*, pag. 81).

Sem levar a análise das obras de Camillo ao exagêro de atribuir-lhes, como faz o seu proprio autor, «gallicismos e manchas de toda a casta», direi no entanto que o romancista usou tambem galicismos escusados como: *abandonar*, *à vol d'oiseau*, *badin*, *banal*, *blàsés*, *bonet*, *boudoir*, *bouquet*, *cache-nez*, *cachet*, *carnagem*, *chalet*, *cocotte*, *cotillon*, *coupon*, *de resto*, *destacar*, *écrins*, *egrillardise*, *em questão*, *etiqueta*, *gaucherie*, *grivoise*, *hotel*, *legenda* e *legendario* (em vez de *lenda)*, *ligeira* (em vez de *leve*, *breve)*, *lorette*, *marcha*, *passagem*, (em vez de *passo* [de uma obra literaria]) *plastron*, *populaça*, *prejuizo* (em vez de *preconceito)*, *pret*, *remontar*, *rêveries*, *rigolboche*, *rigolette*, *robe-de-chambre*, *savoir-vivre*, *soirée*, *tartufo*, *tige*, *toilette*, etc. [1], muitos dos

[1] Aqui cito os lugares em que esses galicismos aparecem: *abandonar*, fr. *abandonner*, por *desamparar*, *deixar: Anathema*, (4.ª ed.), pags. 31, 69, 90, 236, 261, 277, 285, 431, 447, 456; *Demonio do Ouro*, vol. I, pags. 173 etc., vol. II, pags. 53, 60, 97, etc. *Onde está a felicidade*, pags. 264, 277, 278, e em muitos outros lugares de muitos outros romances; *à vol d'oiseau*, em vez de *rapido, de relance*, *O sangue*, pag. 106; *badin*, em vez de *alegre*, *folgasão*, «concertos *badines*», *Cancioneiro alegre*, pag. 298; *banal*, fr. *banal*, por *trivial*, *correntio*, etc., *Curso de litt.* vol. II, pags. 132, etc.; *Demonio do ouro*, vol. I, pag. 22, etc. *Cancioneiro alegre*, pags. 98, 298; *bonet*, fr. *bonnet*, melhor *barrrete* ou *barretina: Onde está a felicidade*, pag. 194; *blasés*, por *desgostosos*, *Cancioneiro alegre*, pag. 113; *boudoir*, por *toucador*, *Mysterios, de Lisboa*, vol III, pag. 162; *bouquet*, em vez de *ramalhete*, *Cancioneiro alegre*, pag. 402; *cache-nez*, *Sereia* (2.ª ed.), pag. 7; *cachet*, por *cunho*, *caracter*, *estilo*, *Cancioneiro alegre*, pag. 437; *chalet*, por *vivenda*, *Anathema*, pag. 142; *cocotte*, *Cancioneiro alegre*, pag. 343; *cotillon*, por *cotilhão*, *O Sangue*, pag. 243; *carnagem*, *Cancioneiro alegre*, pag. 476; *de resto*, fr. *du reste*, italiano *del resto*, por *alem d'isso*, *Anathema*, pag. 261; *Corja*, pag. 60; *coupon*, *Cancioneiro alegre*, pag. 182; *destacar*, fr. *détacher*, por *sobressair*

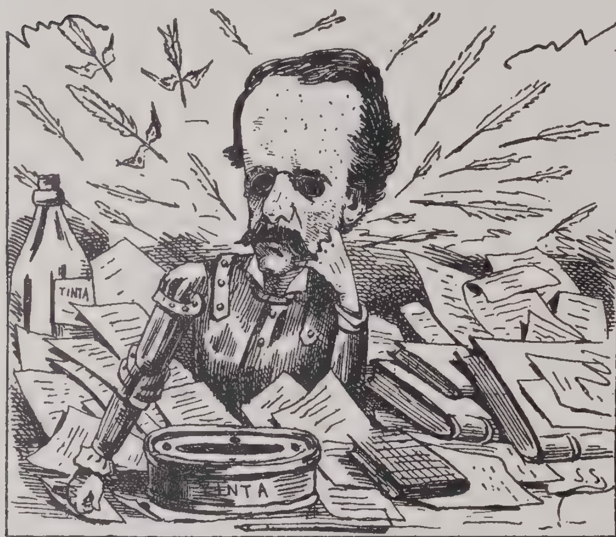
quais, embora entrados já no âmbito da lingua vulgar, têm genuinos equivalentes no nosso riquissimo patrimonio lexical.

etc., *Brilhantes do Brasileiro*, pag. 246; *Anathema*, pag. 256; *em questão*, «*O homem em questão*», em vez de «*o homem de que se trata*», *Anathema*, pag. 86; *ecrins*, por *mostradores*, *Cancioneiro alegre*, pag. 293; *egrillardises*, por *graçolas*, etc., *Cancioneiro alegre*, pag. 298; *etiqueta*, fr. *etiquette*, por *maneiras*, *cerimonial*, *Anathema*, pag. 55; *Onde está a felicidade*, pag. 362; *gaucherie*, por *timidez*, *acanhamento*, *rudeza*, *Onde está a felicidade*, pag. 229; *grivoise*, em vez de *licenciosa*, *Cancioneiro alegre*, pag. 401; *hotel*, em vez de *hospedaria*, *O retrato de Ricardina*, pag. 252; *legenda*, fr. *legende*, por *lenda*, *Os brilhantes do Brasileiro*, pag. 255; *O Senhor do Paço de Ninães*, pag. 247; *Cancioneiro alegre*, 141; *legendario*, por *lendario*, *Cancioneiro alegre*, pag. 294; *Mosaico e Silva*, pag. 156; *ligeiro*, fr. *léger*, por *leve*, *breve*, *Anathema*, pag. 70; *O Demonio do Ouro*, vol. I, pag. 198; *lorette*, por *rameira*, etc., *O Sangue*, pag. 198; *mademoiselle*, *Cancioneiro alegre*, pag. 141; *marcha*, fr. *marche*, por *caminhada*, *jornada*, *Anathema*, pags. 80, 81; *passagem*, fr. *passage*, por *passo* (de uma obra, livro), *O Demonio do Ouro*, vol. I, pag. 188; *Curso de litt.* vol. II, pags. 112, 123, 190, etc.; *Os Brilhantes do Brasileiro*, pag. 85; *Cancioneiro alegre*, pags. 182, 314; *Mosaico e Silva*, pags. 135, 155, 156, 163, 167; *plastron*, *Cancioneiro alegre*, pag. VIII (Porto, 1871); *populaça*, fr. *populace*, por *gentio*, *multidão de povo*, etc., *Sereia*, pag. 241; *prejuizo*, fr. *préjugé*, por *preconceito*, *preocupação*, *Anathema*, pags. 193, 218, 274; *prét*, por *soldo*, *soldada*, *paga*, *O Demonio do Ouro*, vol. II, pag. 144; *prime saut*, por *subitos*, *Cancioneiro alegre*, pg. 200; *remontar* fr. *remonter*, por *ascender*, *ter origem*, algures; *rêveries*, por *sonhos*, *fantasias*, *ilusões*, *Scenas da Foz*, pag. 131; *rigolboche*, *Cancioneiro alegre* pag. 476; *rigolette*, Ibidem, pag. 476; *robe-de-chambre*, por *roupão*, *Mysterios de Lisboa*, vol. III, pag. 270; *O carrasco de Victor Hugo José Alves*, pag. 93; *savoir-vivre*, *Onde está a felicidade*, pag. 207; *soirée*, *Anathema*, pag. 251; *Demonio do Ouro*, I, pag. 122; *tartufo*, por *hipócrita*, *falso*, *Cancioneiro alegre*, pag. 185; *tige*, por *haste*, citado por A. da Costa Leão, no seu livrinho *Camilo e o povo fóra dos dicionarios*, pag. 66; *toilette*, *Anathema*, pag. 251; *Onde está a felicidade*, pag. 380; *O Sangue*, 242; *Cancioneiro alegre*, pag. 258.

Em muitos outros livros de Camilo ha galicismos, porém não tirei nota na ocasião em que os li. O galicismo mais frequente é *abandonar*, que hoje está muito generalizado pelo uso apesar de haver termos vernaculos que o substituam. Encontra-se em muitas outras obras do grande escritor.

Ha também anglicismos: *sport*, *Cancioneiro alegre*, pag. 128; *spleen* e *clown*, *Demonio do Ouro*, I, 90 e 82; *dandy*, *Cancioneiro alegre*, p. 284; *humour*, *ibidem*, pag. 198; *fender*, *Cancioneiro*, pag. 508.

Mas um dos aforismos correntes é que o uso faz lei, e por mais que um purista queira impedir que a sua lingua se contamine de termos peregrinos, o povo propaga-os e consagra-os muitas vezes, deixando-se levar ao sabor da vaga oscilante das relações de civilização.




CAMILO E OS CRITICOS DO «CANCIONEIRO ALEGRE»
REPRODUÇÃO DUMA CARICATURA
DE SEBASTIÃO SANHUDO PUBLICADA NO N.º 54
DO JORNAL HUMORISTICO
«O SORVETE» DE 15 DE JUNHO DE 1879

Quando o Mestre falava d'aquele modo da sua linguagem tão portuguesa, o que não faria ele se se erguesse agora do sepulcro e pegasse em algum romance moderno ou em algum jornal e lhes peneirasse a policromia cosmopolita do fraseado na joeira mordaz da sua crítica? Hoje o ambiente cainho que nos envolve e esmaga não se alimenta quasi senão com o mistiforio que alguns escritores despejam nas gazetas capitais, transformadas em boeiro e logradouro das letras patrias.

A boa prosa, a prosa classica e opulenta, rendilhada com simplicidade e mestria, e com elegancia sobria, vai desaparecendo vencida pela alude invasora de modelos franceses e quejandos. E isto vem de longe; não é epidemia recentissima, pois que o malaventurado Filinto, quando dizia

Sacudamos das fallas, dos escriptos
Toda a phraze estrangeira, e frandulagem
Dessa tinha, que comichona afeia
O gesto airoso do idioma luso [1],

esconjurava já a infecta poeira que de França vinha conspurcar a sonoridade maviosa da lingua de Camões e cumulá-la de galicismos, «derradeiras vergonhas com que nos enxovalharam a lingua e a fama os tarellos, francelhos, gallici-parlas e toda a caterva dos gallo-romanos!» [2].

Simão Machado já dizia outr'ora:

Esta nação portuguesa
O nada estrangeiro estima,
O muito dos seus despreza [3]

E Camilo atribue a Diogo Cesar de Menezes, um dos protagonistas da *Lucta de gigantes*, as seguintes palavras: «é costume d'esta nação venerar o de fóra, e desprezar o de casa»; «Estima-se em Portugal como raro e amavel o que é estranho e peregrino» [4].

Relegam-se hoje em Portugal as leituras dos bons classicos para um plano secundario, enquanto campeiam traduções, as mais das vezes mal feitas, de novelas em extremo apreciadas por certas camadas sociais. Antonio Dinis da Cruz e Silva, já se queixava do mesmo mal quando escreveu:

[1] F. Manoel do Nascimento, *Obras*, I, 340, 1817.

[2] Garrett, *Bosquejo da historia da poesia e lingua portugueza*, in *Obras completas*, vol. XXI, pag. 197, Lisboa, 1899, 3.ª ed.

[3] *Comedias*, 1631, folha 72 v. Apud Leite de Vasconcellos, *Hist. do Museu Etnologico*, pag. 14.

[4] *Lucta de gigantes* pag. 82.

Quem mais sente as terriveis consequencias,
É a nossa portuguez, casta linguagem,
Que em tantas traducções anda envasada
(Traduções que merecem ser queimadas!)
Em mil termos, e phrases gallicanas![1]

No entanto as tradições camilianas e nobremente portuguesas não morreram de todo. Alguns escritores hodiernos, como Aquilino Ribeiro, Antero de Figueiredo, Ricardo Jorge e outros, continuam a senda gloriosa do mestre enriquecendo a nossa literatura com obras em que a lingua portuguesa é primorosamente burilada.

O estudo e a leitura dos classicos portugueses são necessarios a quem queira escrever com propriedade a nossa lingua. «Nelles acharão (os leitores) hum thesouro de vocabulos e frases, com que possam exprimir não só exactamente, mas até com desenfastiada e elegante variedade, as suas idêas e conceitos, sem mendigarem dos estranhos o que tem de superabundancia na sua propria patria. Nelles aprenderão a maneira verdadeiramente portugueza de tecer o discurso, de ordenar e arranjar todas as partes delle, e de ornamentalo com aquellas graças, e modos graves e desaffectados, que são proprios do idioma, e que o fazem igual aos melhores da Europa, e superior a alguns dos mais copiosos e polidos. Por elles em fim chegarão a formar huma idêa adequada das relevantes qualidades da nossa lingua; a dar-lhe a estima e preferencia, que ela merece; e a restituir-lhe a sua natural belleza e formusura, desacompanhando-a dos ornamentos e modos estrangeiros, que tanto a tem desfigurado»[2].

[1] *O Hyssope*, Canto V. Ed. da Bibl. Univ. Ant. e Moderna, pag. 73, 1889.
[2] Fr. Francisco de S. Luiz, *Glossario das palavras e frases da lingua franceza*, pag. IX, Lisboa, 1827.



Hermenegildo Fialho Barrosas =
(d' "Os brilhantes do brasileiro")

F. Valença
1924

"Era o suor respeitavel da mortificação..."

INTERPRETAÇÃO DE UMA DAS PERSONAGENS DO ROMANCE «OS BRILHANTES DO BRASILEIRO», FEITA EXPRESSAMENTE POR FRANCISCO VALENÇA PARA ESTE «IN MEMORIAM»

Tambem Filinto Elisio com a autoridade do seu nome aconselhava:

« Abra-se a antiga veneranda fonte
Dos genuinos classicos, e soltem-se
As correntes da antiga sã linguagem, »

E, seguindo ainda o parecer do grande exilado, bom seria que o apreciador das letras de França, fosse,

« Depois de revolver frances volume,
Desempoar-se da estrangeira phraze
C'o espanador de Barros ou Vieira » [1].

Para que havemos nós, Portugueses, de nos desnacionalizar favorecendo o estrangeiro, adoptando-lhe as falas e modos de dizer tão adversos á indole da nossa lingua, maculando esta de tal modo que mais parece formada de remendos do que de um grande todo independente que foi o latim vulgar da Lusitania?

« Como se a bella, e fertil lingua nossa,
Primogenita filha da latina,
Precisasse de extranhos atavios! » [2].

Pugnar pela pureza da nossa lingua é impedir que o estrangeiro nos desnacionalize afrouxando os laços que nos unem aos nossos antepassados, aos nossos concidadãos e aos nossos descendentes de amanhã; é pugnar pela unidade e independencia nacionais, é fazer obra patriotica. O ro-

[1] *Obras*, I, 340.
[2] Antonio Dinis, *O Hyssope*, canto V, pag. 74.

mancista assim o sentia quando escreveu: «O mau portuguez principia a sê-lo, desde que mareia a pureza de sua lingua. Dêem-me portuguezes de lingua e eu me bandearei com elles, como com portuguezes de coração» [1]. A lingua é um dos principais factores da unidade nacional. Todos os povos subjugados que falam um idioma diferente do dos seus opressores e que estão mais ou menos identificados com as suas tradições nacionais, tem a tendencia de sacudir o jugo que os domina e que por vezes até procura impor-lhes linguas diversas da que eles falam. Um poeta alemão do seculo passado, E. M. Arndt, um dos que com a lira mais contribuiram para a formação da unidade politica do imperio germanico, dizia que a patria do Alemão devia ser toda a terra em que soasse a lingua alemã:

Was ist des Deutschen Vaterland?
So nenne endlich mir das Land!
So weit die deutsche Zunge klingt
Und Gott im Himmel Lieder singt:
Das soll es sein! das soll es sein!
Das wack'rer Deutscher, nenne dein!

Do que fica exposto, ainda que sumariamente, se vê como o grande romancista admirava os classicos [2] e os bons mestres da nossa lingua. Por isso conseguiu ele com o vigor e com o vernaculismo da sua linguagem e ainda

[1] *A queda de um anjo*, pag. 77.

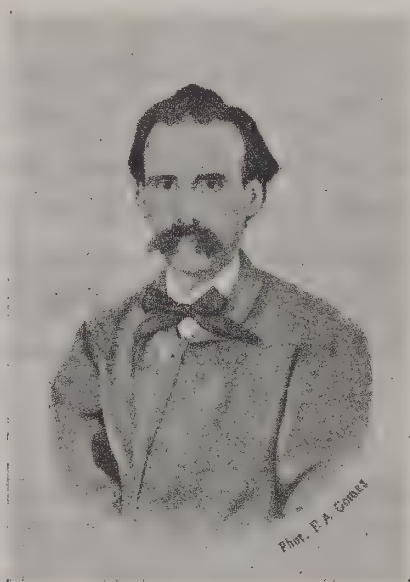
[2] Para Camilo os classicos são *ouro puro;* no romance *O bem e o mal* (pag. 8, 4.ª ed.) referindo-se ás predilecções de um padre, escreveu: «Da epocha dos senhores reis D. João V e D. José I, já pouquissimos volumes, e esses mesmos extremados do *ouro puro dos classicos,* se honravam de prender-lhe a attenção». Cfr. tambem o passo em que ele se refere a Jacinto Freire de Andrade, na *Lucta de gigantes*, pag. 32, 3.ª edição.

com a arte superior com que delineou a sua vasta obra, tornar-se tambem um dos melhores classicos portugueses.

§ 2. *O vocabulario e as observações sobre o falar do povo.*

Camilo foi um grande observador dos costumes e do falar do povo. As suas obras andam salpicadas de curiosidades etnograficas e linguisticas que tem sido recolhidas pelos estudiosos em trabalhos que correm impressos.

O falecido filologo Julio Moreira escreveu um «Fragmento de um estudo sobre a linguagem de Camilo» publicado no 2.º volume dos seus *Estudos da lingua portuguesa* (pag. 205-257). O sr. João de Meira trilhou o caminho iniciado pelo citado filologo. Os lexicografos srs. Candido de Figueiredo e A. Cortesão, respectivamente no *Novo Dicionario* e nos *Subsidios para um dicionario completo (historico-etimologico) da lingua portuguesa* fizeram nos romances de Camilo copiosa colheita de vocabulos usados em algumas provincias portuguesas.




CAMILO — FOTOGRAFIA REPRODUZIDA DA 1.ª EDIÇÃO DO ROMANCE «A MULHER FATAL», 1870

Ultimamente (1922 e 1923) foram publicados dois trabalhos sobre a linguagem de Camilo: um, o do sr. Antonio da Costa Leão, intitulado: *Camilo e o povo fóra dos dicionarios*, Lisboa, *subsidios para o lexico português*, onde o autor reuniu alguns vocabulos que o romancista usou em

varios romances; o outro, do sr. Nuno Catharino Cardoso, intitulado *Camillo, Fialho e Eça*, Lisboa, em que o autor estuda a vida, as obras e a linguagem de Camilo. Remeto o leitor para todos estes trabalhos.

O romancista comprazia-se em empregar o falar do povo quando introduzia algum personagem plebeu a falar, ou quando reproduzia frases e palavras que tinha ouvido na bôca do povo. No romance *O bem e o mal*, justificando o emprêgo da palavra « *reco* » escreveu numa nota a pag. 40 da 4.ª edição: « O leitor provavelmente não encontra no seu « Diccionario » o termo « *reco* ». O povo de Traz-os-Montes, e de porção da Beira-Alta dá aquelle nome, cuja etimologia ignoro, aos cevados. Eu leio muito pelo diccionario inedito do povo d'aquellas provincias, que sabe a lingua portugueza como Fr. Luiz de Souza » [1].

Na *Bruxa do Monte-Cordova* (4.ª ed. pag. 12) escreveu uma nota comentando a palavra *apresigar:* « Creio que o termo *apresigar* não corre auctorizado pelos diccionaristas portuguezes. *Apresigo*, nas provincias do Norte, diz o mesmo que *conducto*. E' boa palavra, porque tem a chancella do mais classico povo de Portugal ».

N-*O Demonio do Ouro* (vol. II, pag. 6) dá o significado que a palavra *namorada* tem no Minho: « umas que o povo, por ignominia, chama « *namoradas* ». Em grande parte do Minho, namoradas são as desacreditadas, as repulsas do rancho, das festas, da convivencia das honestas, ou das que o parecem ».

N-*O Senhor do paço de Ninães* (pag. 61) tem o seguinte passo: « Fui em cata da cadella perdigueira, que fugiu para lá na matilha do capellão, quando elle atravessou a nossa deveza e quedou-se a caçar no nosso texu-

[1] Já citado por Julio Moreira,, *Estudos*, II, 206-207.

gueiro». O termo *texugueiro* define-o Camilo em uma nota que transcrevo: «Assim se nomeia no Minho o agro lurado de tocas de coelhos e privativo dos senhores das mattas».

N-*A Corja*, ás palavras *trouxa* e *matuto*, e à expressão *andar na onça* subpõe o romancista o seguinte comentario: «*Trouxas*, synonymo de *trampolineiros*, *pulhas;* o mesmo *matutos*. *Andar na onça*, o mesmo que não ter dinheiro, andar á lebre. Dizeres importados do idioma brasileiro, e bons para Portugal, onde são muitos os *trouxas*, e os *matutos*, e não menos os que *andam á onça*»[1].

Nas *Scenas contemporaneas* tem os passos seguintes, em que aparecem modos de falar do povo: «Veiu a muito custo, cuidando que era então a *sua fim*, como ella depois dizia» (pag. 64, 3.ª ed.); «Manuel Pires foi chamado um dia para curar uma dor de *reins* na pessoa da tia Maria do Eiró» (pag. 53); N-*O Retrato de Ricardina* (pag. 20, 3.ª ed.) escreveu: «um valentão de *ropia e chulice*, como lá dizem» (em Tras-os-Montes).

Nas *Vinte horas de liteira* (pag. 92): «a gente, quando *lhe faz minga*, conta pelos dedos».

Na *Vingança* (pag. 128, 3.ª ed.) referindo-se a um qualificativo depreciativo, que se usava no Porto disse: «Entre parenthesis: este epitheto «*pinga*» inventou-se no Porto: é o unico subsidio philologico que esta gente tem dado ao vocabulario chulo. *Pinga* é o desforço summario, é a suprema vingança que ahi se tira do escriptor pobre, se ele fere a vaidade dos ricos infames, que não querem soffrer a possibilidade de ser insultado um homem endinheirado».

Nas *Scenas da Foz* (pag. 155, 4.ª ed.) reproduz o

[1] Já citado por Julio Moreira, *Estudos*, II, 246-247.

romancista um dialogo em que fala uma velhota, mulher do povo, a qual tem uma linguagem simples, propria das gentes das aldeias, plenas de crendices e superstições:

— «Credo! exclamou ella — o senhor está de menores! isso é feitio? Olha que preparo.

— Não fuja, tia Poncia — disse-lhe eu, meditativo e funebre como o fidalgo manchego, depois da aventura dos odres. — Venha cá, tia Poncia, que eu preciso das suas consolações.

— Valha-o Deus! — tornou ella. — Suou tres camisas, e pranta-se no meio do soalho com o cadable ao ar!

— Diz bem, tia Poncia, isto já não é senão um cadaver lançado á margem, exposto aos corvos e abutres das paixões carnívoras.

— Que está ahi a alanzoar o Sr João? Se eu o percebo, cebo! Ora vá-se vestir, ande-me depressa, que está o café prompto, e toca a comer para arrijar.

— Comer, Tia Poncia!... O que é comer, sobre a face da terra quando a vida vegetal paralysou! O meu alimento é o absyntho das lagrimas. Sou o Ugolino da fome do espirito, o Tantalo, o Prometheu devorado pelo abutre incessante.

— Que bruto está o Sr. João ahi a dizer? A apostar que lhe fizeram alguma os brutos cá da Foz! Eu sempre tive zanga a esta gente! Está tudo caro pela hora da morte! O carniceiro manda-lhe a gente pedir carne da cernelha, e o berzabum de não sei que diga manda rabada, e quando Deus quer é cada osso que te parto! A lenha isso então é uma ladroeira que clama justiça ao ceu! Quatro gravatos que não dão para aquecer uma agua é um patacão. Má breca os tolha!

— Acomode-se lá, tia Poncia. Eu não falo n'isso. Vocemecê é mulher experiente; e ha de aconselhar-me a

respeito de certa coma... Chegue-me cá aquelas pantalonas e falaremos.

— Ora diga lá... bacoreja-me que temos patavinice de namoricos. Ora queira Deus que não esteja por ahi alguma como a Vicencia do outro anno que lhe poz o sol na moleira...

— Ora olhe, tia Poncia... ha uma mulher que não pertence a este mundo.

— Coitadinha! rezemos-lhe por alma! foi por ella que tocaram hontem os sinos a defuntos?

— Não me córte o discurso. Esta mulher vive...

— Ah? sim, inda bem, inda bem!

— E vocemecê a dar-lhe! Ouça e fale quando deve responder Esta mulher vive n'uma casa aqui perto da Foz; tem consigo uma creada; não tem homem nenhum: não aparece de dia, só se vê de noite a falar com as estrellas...

— Anjo bento! isso é bruxedo! Cruzes, canhoto! Terá ella fadario.

— Fadario tem vocemecê de toleima, tia Poncia! Vive comigo ha tantos annos, e parece que cada vez está mais tonta!

— Quem? eu tonta! tonta eu, porque lhe digo as verdades, Sr. João! eu não lhe disse que a Vicencia era uma trapalhona que lhe dava volta ao miolo!? Diga, Sr. Joãosinho, quando vocemecê andava atraz da filha do letrado, com a beiça caida, não lhe disse eu que a rapariga, ás duas por trez, se lhe apparecesse marido com chelpa era como se nunca nos vissemos!? E agora queria que eu lhe dissesse mundos e fundos de uma feiticeira que lhe aparece de noite a dizer anzonices ao sete-estrello!? Deixa-me benzer, e Deus me tenha na sua mão, e mais a vocemecê que o vi nascer, e desde que anda

por cá á sua vontade arranja sempre bruxedo que o tolhe. Sabe que mais, Sr. João? Coma e beba e tome os seus banhos, que é ó que veio; o mais leve o diabo, Deus me perdõe, as mulheres, e quando houver de casar arranje filha de lavrador que saiba amanhar a vida, e não olhe para estas fuinhas da cidade que parecem mesmo o peccado! »

No romance *O bem e o mal* (pag. 42, 4.ª ed.) reproduz a seguinte curiosa frase de uma aldeã: » Eu tenho dous carros de annos aqui onde me vê, sanzinha e escor-

Meu caro Palmeirim

Não contes comigo. Não me deixa escrever o reumatismo ha 15 dias, e não sei ditar. Necessitava de muita saude para escrever a tal respeito sem me saber as neura: parfapatice ou idiotismo. Não te invejo a posição.

Teu

C. Castello B.

AUTOGRAFO CAMILIANO

reita, bemdita seja nossa Senhora ». Esta frase comentou-a Camilo em nota, onde disse: « Nas aldeias do norte d'esta nossa terra tão pittoresca de linguagem, algumas vezes perguntava eu quantos annos tinha tal velhinho, e não entendia esta resposta: « Já passa de dous carros ». Vim depois a saber que lá se contam os annos quarenta por cada carro, por analogia com os carros de pão de quarenta alqueires».

No *Anathema*, seu primeiro romance, já Camilo denota espirito de observador dos falares populares: da frase « Está tão coadinha » dá ele explicação imediata ao dizer: «as faces pallidas, languentes, e amortecidas, chamam-se *coa-*

*das* na linguagem do povo das aldeias do norte». (Pag. 201, 4.º ed.).

D'*A Bruxa do Monte-Cordova* transcrevo os seguintes dialogos em que fala uma mulher do povo:

— «Ai! Deus o traga! — exclamou a ama, quando viu o egresso. — Ando ha dias p'ra mandar escrever a vossa senhoria p'rámor da mãe do Jacintrinho!

— Aqui me tem, senhora Maria. Já sei o que me quer contar.

— Já!? Aínda bem! Esteve onde a ella?

— Estive.

— E viu como o berzabum da beata está cabra p'ró filho? Tenho ido com elle de oito em oito dias, falo á portaria, a porteira manda-a a chamar; e ella — raios! — manda dizer que está muito ocupada! Bêdes bós no que deu aquella creatura! P'los modos foram os crelgos que lhe deram volta ao miolo! Tanta choradeira que fazia ao principio quando lá ia, e vae depois, ás duas por trez dá em santeira e despreza este menino que é mesmo a formosura do céo! Ora venha vê-lo, senhor frei Jacintro! Olhe como elle está lindo no bercinho! Se não fosse a caridade de vossa senhoria, este anjo ia p'rá roda!

— Vocemecê tem recebido sempre os seus ordenados?

— Isso lá ainda o dia do fim do mez não está acabado e já o dinheiro me entra pela porta dentro. Bem no diz o meu homem: «Se os frades fossem todos como o senhor frei Jacintro, a religião não acabava».

— Então por cá entendem que a religião acabou, senhora Maria?

— E' o que diz o meu homem. Eu bem me custa não ir á minha missinha, porque fui creada com ella; mas o meu Bento Gomes diz que Deus está em toda a parte, e que a hostia é pão, e o vinho do calix é...

— E' vinho — atalhou o frade sorrindo e continuou: — então o seu homem tambem é philosopho e espirito forte?

— Nada; o meu homem pediu baixa de serviço, e está empregado em guarda da alfandega. Foi ferido cinco vezes e ganhou a doença de reins, por isso pediu a baixa, e está ganhando tres tostões e dez reis. Graças a Deus vamos remediando a nossa vida.

— Sempre vocemecê vae dando graças a Deus!... Alguma religião ha n'esta casa...

— Pois lá Deus, isso nem dado nem de graça. Quem fez o mundo?

— E, verdade... quem fez o mundo, e quem fez a vocemecê...

— Isso foi meu pae, acho eu.

— Tambem eu acho isso; e seu avô fez seu pae...

— Olé!

— E quem faria o seu ultimo avô que não teve pae?

— D'esse não me falava minha avó: acho que ella já o não conheceu...

— Nem eu, apesar de ser muito antigo.

O frade dialogava e sorria, ajoelhado á beira do berço, anediando as madeixas louras do pequenino. Depois, descobriu-lhe os bracinhos nus, viu uns garatujos escuros na polpa de um braço, no outro umas armas reaes com lettras, e perguntou espantado:

— Que é isto?!

— Foi meu marido que lhe fez estas cousas com tinta, que fica para sempre na pelzinha. N'este braço estão duas lettras: um T e um A. Não são?

— Parecem-no.

— Quer dizer Thomaz d'Aquino, que era o pae do menino. N'est'outro bracinho está a corôa real da nossa

rainha e por baixo estas lettras dizem: Viva D. Maria II. Não está bem feito?

—Mas isto foi um crueldade! A creancinha de certo chorou com dores.

—A'gora chorou! não tugiu nem mugiu. A senhora Angelica tambem entrou a barregar quando viu isto... meu marido encheu-me o corpo d'estas trapalhadas... Quer vossa senhoria ver uma Senhora da Rocha que eu tenho na bucha do braço?

—Não é necessario... Deixe lá estar...

—E n'outro tenho um Santo Solimão, que livra de feitiços e maus olhados. Pois não livra, senhor frei Jacintro?

—Sim senhora Maria, Santo Solimão livra de tudo o que vocemecê quizer.

—Está a chalaçar vossa senhoria!... tornou a ama a rir de velhaca.—Eu tamém não tenho fé com isto; mas o meu Bento quiz... vá lá... se has de ir p'rá taverna, faz quantos Solimões p'ráhi quizeres.

—Pois melhor seria que elle, em vez de estragar os braços d'este menino, fosse para a taverna. Diga-lhe que eu o prohibo de escrever no corpo da creança... E ámanhã, Senhora Maria, esteja prompta com o menino ás dez horas, que temos de ir ao convento. Deixe-me dar-lhe um beijo sem o acordar... Até amanhã...

—Olhe lá, senhor frei Jacintro! disse a ama—não sabe que prenderam o Pitta Bezerra? Aquelle grande carrasco?

—Prenderam?

—Mas o povo está na cordoaria á espera que elle saia do tribunal da rua da Fabreca para o matar. Eu, se não tivesse esta creança, tambem lá ia cortar-lhe uma orelha.

— Que mal fez o Pitta Bezerra á senhora Maria? — perguntou o frade.

— Diabos o arrastem, que nunca o vi; mas matou ahi gente nesse Porto que não lhe sei dizer. Eu disse a duas vizinhas que lá foram: ó mulheres, se me trazeis a ponta do nariz desse ladrão pago-vos duas canadas de vinho maduro, e mais elle está pelas portas da morte.

— Essa sêde de sangue é impropria de uma mulher, senhora Maria...

— Pudera não! tomara eu ver todos os caipiras picados como çabolla de estrugido » [1].

« Não que a gente rebenta se não desempacha a lingua » [2].

« Má mez p'ra ella, que quer que o filho morra! Tem dez diabos no corpo a creatura! » [3].

N-*O Demonio do ouro* (vol. I, pag. 22) fala um lavrador do Norte para um professor de primeiras letras:

— « Quem vê aquella cara de sancto de pau de buxo não atrema com o velhaco que ali está! »

— « Bom clerigo! um seductor de cachopas, bom clerigo! Ah! então você, sôr João, se o não é faz de mim tolo... Para cá vem barrado!... Que elle engane com as suas imposturas a gente estupida, isso é dos livros; mas vossê que estudou dez annos, pelos modos, chamar aquillo bom clerigo, isso ha-de perdoar que lhe diga que é pagar bem bom burro ao dizimo...

« Que me melem se tu estás escorreito, homem!... » diz uma mulher de Geraz [4].

« O Bento da Mó — dizia elle á mulher — foi sempre

[1] *A bruxa do Monte-Cordova*, pag. 166-170, 2.ª ed.
[2] *Ibidem*, pag. 186.
[3] *Ibidem*, pag. 187.
[4] *O Demonio do Ouro*, I. 3.

muito bronco; deu-me muito trabalho a convencê-lo de que, chamando-se *Bento*, não devia assignar-se *Vento*.

— « Mas *Vento* é como se diz — observou Luiza que desde os seus tempos de secia apprendera com as senhoras de Geraz a protestar contra a gallegagem do *b* em *vom*, em *vagem*, em *vavoso*, em *vavugem*, finalmente em *Bento* » [1].

« Má mez p'ra elles que teem mesmo a cara empeccadada do pae! » [2].

« Ágora vimos enganadas! » [3].

« A tia Bernardina? Ah! que santa creatura aquella! Está sempre a chorar quando la vae, a terminos de elle lhe dar hontem ordem que lhe mandassem a comida e não fosse lá » [4].

« E eu um pouquinho antes hei de estar á porta da estalagem » [5].

« Sim, senhor, casou com o José Velloso, de quem ella dizia trapos e farrapos. Olhe V. S.ª se valia a pena affligir-se tanto, quando a berzabu da mulher lhe ia dando volta ao miolo... » [6].

No *Anathema*, seu primeiro romance, já Camilo Castelo Branco, nos dá amostras da sua observação da linguagem do povo, pois nele ha varios passos em que aparecem frases e pronúncias populares, como por exemplo: « Um pobre não lhe bonda bem a fome e o frio » (pag. 25); « Havemos de ir aos *inzorcismos* ao senhor frei João da Falperra » (pag. 43); « o fidalgo não está *bô* » (pag. 140); « O' Antonio, tu pareces-me que não estás escorreito! —

1 O *Demonio do Ouro*, I, 35.
2 *Ibidem*, I, 171.
3 *Ibidem*, II, 64.
4 *Ibidem*, II, 196.
5 *Ibidem*, II, 197.
6 *Ibidem*, II, 199.

Ágora não... (pag. 154); «o fidalgo não conta nada á gente *rustega*» (pag. 204); «são como as barbas dos santos *martiles* de Marrocos» (pag. 424); que a *propósto* de feitiços é como se quer... (pag. 425).

Poderia aqui reproduzir muitos mais passos extractados das obras do romancista, pois em muitas d'elas se patenteiam scenas em que a gente do povo das várias provincias é retratada tanto nos seus costumes, crenças, superstições, etc. como tambem na sua linguagem tão pitoresca

Camilo conhecia bem o país e observou-o subtilmente, delineando com mão de mestre a vida portuguesa. Por êsse motivo são as suas obras uma fonte quási inexgotavel de assuntos etnograficos, e estão cheias de observações sobre a linguagem popular de várias terras de Portugal. Estudadas essas obras convenientemente por especialistas muito contribuiriam para o conhecimento da vida do nosso povo nas suas multiplas feições.

## § 3. *Notas sobre a sintaxe e ortografia de Camilo.*

### SINTAXE

Nos escritos de Camilo observam-se por vezes casos curiosos de observação sintaxica, uns que denotam um sabor classico, autorizados por lições correntes nos mestres da lingua, outros que, pelo contrario, mostram que o romancista nem sempre trilhou o bom caminho.

Encontra-se por exemplo, com certa frequencia, o emprêgo do participio do presente activo em *-nte*, que aparece ainda hoje em expressões correntes, se bem que, na maioria das vezes, usado adjectiva ou prepositivamente :



CAMILO CASTELO BRANCO — DESENHO (NÃO DATADO) DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO REPRODUZIDO DO LIVRO « EM TERRA DE INGRATOS... CAMPANHAS CAMILIANAS »

« a igreja velha foi derruida, *salvante* a capela-mór », (*Mosaico e Silva*, pag 21);

« *tirante* o poema comico *O Hyssope* », (*Curso de litteratura*, vol. II, pags. 187);

«*passante* o trienio da reclusão », (*Curso*, vol. II, pag. 214);

Cfr. Epiphanio, *Syntaxe hist.* § 318.

O pronome relativo *cujo* aparece em casos como estes :

« O nome da pessoa, *cuja* fôra o annel », (*Anathema*, pag. 153);

« D. João IV deu do seu bolsinho para a nossa igreja seis mil cruzados, e os frades beneditinos de Santo Tirso, *cujo* era o couto da Foz, etc. », (*Mosaico e Silva*, pag. 21);

« Um dia porém, quando elle saía da festividade de S. Sebastião, *cujo* mordomo era », (*A Queda de um anjo*, pag. 15);

« Estava-lhe preparada a casa dos alcaides mores do Porto, com aparato de criados dos Sás e Menezes, *cujos* era de juros e herdade a alcaidaria da velha burgueza ». (*Lucta de gigantes*, pag. 244);
Cfr. Epiphanio, *Syntaxe hist.*, § 94.



CASTILHO, HERCULANO, SAMPAIO, CAMILO CASTELO BRANCO, MENDES LEAL E JULIO CESAR MACHADO — CARICATURA (NÃO DATADA) DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO, REPRODUZIDA DO LIVRO « EM TERRA DE INGRATOS... CAMPANHAS CAMILIANAS »

Tem por exemplo mau emprêgo de preposições em: « monumentos *em* bronze com verdete » em vez de monumentos *de* bronze », (*Cancioneiro alegre*, pag. 1); cf. Leite de Vasconcellos, *Lições*, pag. 384-385; e « saudosos *por* a abraçarem » em vez de « saudosos *de* a abraçarem », (*Anathema*, pag. 159), mas tem correctamente porém « surpresos *de* o verem » (*Anathema*, pag. 159); « Dir-se-hia que o padre Carlos da Silva expunha o processo criminal de um reu, que tinha *a* condemnar depois » em vez de « tinha *de* condemnar » (*Anathema*, pag. 291). Cfr. Epiphanio, *Syntaxe hist.*, § 325-a, obs. 1.ª, e Leite de Vasconcellos, *Lições de Philologia*, pag. 385.

« O homem *em questão* não era salteador » (*Anathema*, pag. 86) em vez de « o homem que se trata ». E' galicismo. Cf. Leite, *Lições*, pag. 395 e Epiphanio, *Syntaxe hist.*, § 183, obs.

Na frase « prometto de nunca mais chamar infames os instrumentos etc. ». (*Filha do Arcediago*, pag. 374), aparece a construção *prometer de*, que não é hoje muito frequente.

Ha em francês frases como: *promettre de payer*, o que levaria a considerar-se a lição de Camilo como galicismo, se ela não estivesse auctorizada por Arraes no seguinte passo (*Dialogos*, 10, c. 83): « *Promettei* a Christo *de* jamais o deixardes ».

Cfr. todavia o que diz Epiphanio, *Gramm. port. elementar*, § 224, e *Syntaxe hist.*, § 285-1.

São concordancias erradas as seguintes:

« E é por isso que não *houveram* lagrimas » (*Lagrimas abençoadas*, pag. 23).

« E não *houveram* anjos que lhe abrissem a porta em nome do ceu » (*Anathema*, pag. 48).

« Assim mesmo *haviam* lanços no livro em que o pro-




O ASSASSINATO DO FERRADOR JOÃO DA CRUZ — DESENHO DE J. J. DE SOUSA PINTO PUBLICADO NA PAG. 164 DA EDIÇÃO MONUMENTAL DO « AMOR DE PERDIÇÃO »

posito não lográra sopesar o espirito» (*Memorias do carcere*, vol. I, pag. III).

«Ninguem disse que dialogos *houveram*, e que lagrimas se verteram» (*Anathema*, pag. 235).

«Se não fosse esta lei da sabia providencia *haveriam* perpetuos tolos». (*Anathema*, pag. 248).

Nestes casos o verbo *haver* deve estar sempre no singular pois é impessoal, e a palavra que se lhe junta é complemento directo e não sujeito [1].

Cfr. Epiphanio, *Cramm, port. elementar*, § 119.

Tem a frase: «É horas de lhe falar d'umas paixões do tempo que foi» (*Lucta de gigantes*, pag. 7), erradamente construida, pois deve dizer-se «*são horas* etc.» Ha talvez influencia dos modos de dizer é «*tempo*, é *ocasião*» etc.

Cfr. A. de Vasconcelloz, *Gramm. portugueza*, pag. 235: Epiphanio, *Gramm. port. el.* § 190-0 e *Syntaxe hist.*, § 20-4.

Na frase «Alexandre de Gusmão era um talento activo, *radiando* mais forte luz que a reflexa dos livros meditados no gabinete» (*Curso de litt.* vol. II, pag. 162), ha o

[1] É notavel o ter o romancista criticado aquelas construções, e ter tambem caido no mesmo êrro. No *Cancioneiro alegre*, pag. 516-517, citando este passo do. poeta brasileiro Fagundes Varela, «Qual é o estadista, o homem de negocios que não se sentiu alguma vez na vida poeta, que aos ouvidos de uma palida Magdalena ou Julieta, esquecendo-se dos algarismos e da estatistica, não se lembrou que *haviam* brizas e passarinhos, illusões e devaneios?», comenta-o assim: «E grammatica. Tambem seria bom lembrar-se, *aos ouvidos* das Magdalenas e Julietas, que *havia* regras para o verbo *haver*, além de brizas para refrigerio da epiderme, e passarinhos para deleite dos ouvidos. Em poesia, um sabiá não substitue a syntaxe, e as flores do ingá que rescendem no jequitibá não disfarçam a corcova d'um solecismo».

emprêgo vicioso do gerundio em vez de uma oração relativa, o que é imitação do francês.

Cfr. Epiphanio, *Syntaxe hist.*, § 316-b, obs. 2, obs. 1.ª e Leite de Vasconcellos, *Lições de Philologia*, pag. 388-389, Julio Moreira, *Estudos da lingua port.*, vol. I, pag. 92, lá citados.

Tem a seguinte frase: « Deveis pois de saber que padre Carlos da Silva foi uma desgraça fazê-lo herdeiro d'aquelle diario de Antonia Bacellar » (*Anathema*, pag. 439).

Muitos mais exemplos da sintaxe camiliana poderia eu aqui reproduzir, porém não é agora ocasião oportuna de o fazer.

Alguns dos casos apontados são, como vimos, erros que provavelmente, na precipitação de escrever, escaparam ao romancista. Mas isto de modo nenhum pode ofuscar nem o talento nem o valor de um dos melhores e mais pujantes escritores que a nossa literatura se orgulha de possuir. Já Madureira Feijó dizia com acêrto que « para notar, hum çapateiro basta; e para satisfazer, não basta hum Vieira » [1].

### ORTOGRAFIA

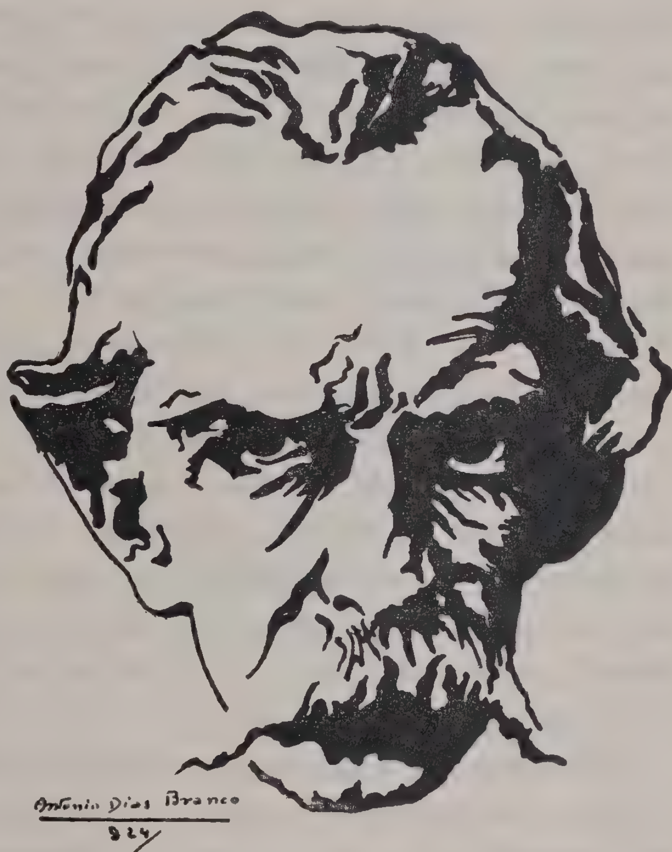
A ortografia de Camilo não é uniforme, nem moldada num criterio historico e scientifico. Umas vezes o escritor baseava-se na etimologia das palavras, outras vezes não. De modo que a sua ortografia é extravagante e não raro incoerente, e com frequencia até aparecem grafias diferentes dos mesmos vocabulos na mesma obra.

Tem por exemplo *presava* (*Os Brilhantes do brasileiro*,

[1] *Ortographia*, Lisboa, 1861, pag. 16.

pg. 216) e *prezasse (ibidem,* ibidem), *despresavam-n'a (ibidem,* pg. 217) e *despreso (ibidem,* pg. 215) e *desprezaram (O Demonio do ouro,* vol. II, pg. 83); deve escrever-se *prezar, desprezar* e *desprêzo,* do lat. * *pretiare* e * *despretiare.*

Numa carta publicada na *Rev. Lusit.,* vol. XXIII, pag. 197, tem: *arcaismos* e no *Curso de litt.,* vol. II, passim, ha: *archaismos.* Ora escreve *eschola* á antiga (numa carta e no *Curso)* ora *escola,* (no mesmo *Curso,* II, 18 e 174; tem *rasoavel* e *rasão, (Curso,* II, 318); tem *mezada* e *enraisar (Curso,* II, 134, e 8) tem *estremar, rhetorica, expontaneo, convisinho (Curso,* II, 7, 8, 180 e passim, 185), e *rhetorica* correcto (no *Cancioneiro alegre* passim); tem *hontem* e *hombro, falcidade* e *mancidão (Sereia* 48, 57).




MÁSCARA DE CAMILO
DESENHADA PARA O PRESENTE «IN MEMORIAM»
POR ANTONIO DIAS BRANCO

Tem grafias incorrectas em *anciar (Anathema, Os Brilhantes* etc. passim) e derivados, pois estas palavras escre-

vem-se com *s* (do lat. *anxia); em amisades (Os Brilhantes* passim) por *amizade* (do lat. *amicitate-);* em *diser* (numa carta publicada neste *In Memoriam)* por *dizer* (do lat. *dicere);* em *pozera (Os Brilhantes* etc. passim) e *puz*, *puzeste* etc. em quasi todas as obras, em vez *pus*, *puseste*, *pusera* etc. (do tema do perf. latino *posui*, com Umlaut); em *quiz*, *quizera*, etc. em vez de *quis*, *quisera* etc. (do tema do perf. latino, *quaesii*, com Umlaut); em *mez* por *mês* (do lat. *mense-);* em *trez* por *três* (do lat. *tres);* *n'este*, *n'aquelle*, *n'a* etc. (vid. Leite de Vasconcellos, *Lições de Philol.* pag. 374); em *contemplal-o*, *vel-o* etc.; em *socego* e seus derivados e compostos, em vez de *sossêgo* (do lat. *sub-sessicare*, etimologia da Ex.ma Sr.a D. Carolina Michaëlis, vid. Leite de Vasconcellos, *Lições*, pag. 374 nota 2); *despeza*, *empreza*, *surpreza*, que devem escrever-se com *s* em conformidade com a etimologia; *extranho* e derivados, em vez de *estranho* (do b. latim *straneu-);* em *burguez*, *freguez*, *portuguez*, *atraz*, que se escrevem com *s* de acôrdo com a etimologia; em *goso* em vez de *gozo* (do lat. *gaudiu-*, por intermedio do hesp. *goço*, vid. J. J. Nunes, *Gram. hist.* pag. 138); em *bellesa* em vez de *beleza;* em *caza* (numa carta).

Os verbos em *-izar* aparecem quasi sempre escritos com *s*.

Tem por exemplo *preguiceira* e *priguiceira (Os Brilhantes do Brasileiro*, pgs. 231 e 227); *folhetinista* e *folhitinista (Sereia*, pgs. 12 e 13); *illiminar* (numa carta) por *eliminar;* *vulcões* e *vulcoens* etc. etc.

Eis uma crítica de Camilo á ortografia do poeta brasileiro Caetano Felgueiras: «Peço venia para refazer parte da orthographia do poeta. Ella é engenhosa, mas extraordinaria. O Dr. Felgueiras escreve *agora* d'este feitio: *haghora*. Esta profusão de *hh* confunde outros orthographos que dizem que o *h* não é letra. Por estas e outras in-

congruidades, é que Edgar Poë fazia votos pela abolição da pena de morte e da orthographia» (*Cancioneiro alegre*, pg. 80).

Dos exemplos apontados, caso em muitos d'eles não haja intervenção ou colaboração não autorizada de tipografos e revisores, conclue-se que o grande romancista escrevia como lhe parecia, sem se cingir ao rigor etimologico ou historico, como se deduz, pelo menos, da maneira como estão escritas algumas cartas. Não admira que o escritor assim fizesse, pois em regra, antes da recente reforma ortografica, feita com o criterio scientifico dos eruditos que a elaboraram, não havia normas sistematizadas e codificadas para escrever, e cada um escrevia como lhe apetecia, o que aliás ainda sucede hoje.

## § 4. *O estilo.*

Uma das caracteristicas mais notaveis das obras do romancista é o estilo. Possuindo, como poucos escritores, uma imaginação fecunda, e um extraordinario poder descritivo, Camilo, debruou artisticamente, num estilo muito peculiar, uma serie de quadros da vida portuguesa de diversas epocas e regiões. Sobrio umas vezes, brotando-lhe facilmente a palavra dos bicos da pena, outras vezes rendilhando finamente a sua prosa, o romancista deixou nos seus numerosos livros as provas das suas prodigiosas qualidades de artista e de prosador.

Em varios passos de romances seus aponta as suas predilecções de estilo, e refere-se ao que empregou, mostrando-se por vezes ironico na sua propria apreciação. Assim nas *Scenas na Foz* (pag. 132) referindo-se á maneira como escrevêra uns periodos antecedentes, e aproveitando o ensejo para criticar os seus imitadores, disse: «Entre paren-

thesis. Este estylo hoje é rançoso, e qualquer caixeiro o escreve sobre o mostrador, entre uma ceira de figos de comadre e trez achas de pau campeche; n'aquelle tempo, porém, em 1826, era necessario ter um talento creador para espetar a phrase na região do sublime. Eu fui um dos apostolos d'este estylo; e glorio-me de ter feito escola. Vieram depois os imitadores, sem critica nem gosto e asnearam de modo que venceram o passo que vae do sublime ao ridiculo.»

No mesmo romance falou da urdidura de alguns capipulos que nele inseriu, nos seguintes termos: «A logica com que os capitulos anteriores vão coordenados, a naturalidade das transcrições, o alinho das fórmas em harmonia com a substancia, a intima alliança da esthetica com a plastica, a artistica rigidez com que os caracteres se pintam, e sobretudo a pureza, a elegancia, o atticismo, a propriedade da linguagem, portugueza de lei como os portuguezes d'esta nossa afortunada epoca, tudo isso, e outras louçanias que omitto, por preguiça, provam que eu, João Junior, conheço Aristoteles; e, se nunca o li, maior habilidade revelo; tenho o sexto sentido, o illuminismo, que tambem não sei bem o que é.» (pag. 68, 4.ª ed.).

A um personagem das *Vinte horas de liteira*, que dialogava com o autor, faz ele dizer espirituosamente, referindo-se a alguns dos seus romances: «timbravas em ter um estilo de cebola ou de mostarda de sinapismos que faz rebentar chafarizes de pranto» (pag. 15, 2.ª ed.).

No mesmo romance escreveu: «Avoco lembranças da minha infancia e adolescencia, passadas na aldeia, e até a linguagem me sae de outro feitio, singela sem affectação, casquilha sem os requebrados volteios, que lhe dão os inviezados estilistas bucolicos» (pag. 65, 2.ª ed.).

N-*A queda de um anjo*, romance em que o autor satiriza

já a demasiada preocupação do purismo, já a má tendencia de se usarem afectações de estilo e estrangeirismos, falando da verdadeira eloquencia, disse: «a arte de bem falar, *ars bene dicendi*, é o estudo da clareza no exprimir das ideias. Os affectos, as galas da linguagem, que lhe tolhem o mostrar-se e dar-se a conhecer dos rudos, não é arte, é tramoia, não é luz, é escuridão» (pag. 132).




CAMILO — CARICATURA DE SEBASTIÃO SANHUDO REPRODUZIDA DO N.º 135 DO JORNAL HUMORISTICO «O SORVETE» DE 19 DE DEZEMBRO DE 1880

Estes passos transcritos de alguns romances do grande escritor patenteiam as qualidades e preferencias camilianas relativas ao estilo. A arte sem afectação nem pedantismo foi para ele um verdadeiro ideal de artista. Na arte dificil de escrever, trilhou a senda indicada por um dos seus classicos predilectos, o grande Vieira, que — combatendo o estilo afectado da sua epoca, empoado de cultismos, gongorismos etc., e elevado ao exagêro de obscurecer o sentido, — dizia no famoso *Sermão da sexagessima:* «O estylo ha-de ser muito facil e muito natural»; «O estylo pode ser muito claro e muito alto; tão claro que o intendam os que não sabem e tão alto que tenham muito que intender nelle os que sa-

bem»; «Este desventurado estylo que hoje se usa, os que o querem honrar chamam-lhe culto, os que o condemnam chamam-lhe escuro, mas ainda lhe fazem muita honra. O estylo culto não é escuro, é negro e negro boçal e muito cerrado. E' possivel que somos portuguezes, e havemos de ouvir um prègador em portuguez e não havemos de intender o que diz?»[1]. E no prologo ao leitor dos seus *Sermões*, falando do seu estilo, disse: «Se gostas da affectação e pompa de palavras, e do estylo que chamam culto, não me leias. Quando este estylo mais florescia, nasceram as primeiras verduras do meu (que perdoarás quando as encontrares), mas valeu-me tanto sempre a clareza que, só porque me intendiam, comecei a ser ouvido, e o começaram tambem a ser os que reconheceram seu engano e mal se intendiam a si mesmos».

Da incomparavel fecundidade da sua imaginação e da facilidade assombrosa com que redigia são testemunhas eloquentes as suas muitas obras, nas quais se observa uma linguagem correntemente chã, não trabalhada em excesso, mas rica, cheia de propriedade, de clareza e espontaneamente lançada. O proprio romancista nos diz por vezes quanto tempo levou a escrever alguns dos seus livros. O *Amor de perdição,* foi, como disse acima, escrito em quinze dias, na cadeia do Porto. E muitos romances foram imaginados e escritos rapidamente para acudirem a dificuldades com que o autor lutava. Num dos seus livros, *No Bom Jesus do Monte,* pag. 120, assim o afirma: «Eu inclinava o peito crivado de dôres sobre uma banca para ganhar, escrevendo e tressuando sangue, o pão de uma familia. A luz dos olhos bruxuleava já nas vascas da cegueira. E eu escrevia, escrevia sempre.»; (passo citado pelo Sr. N. Catharino Cardoso, *Camillo, Fialho* e *Eça,* pag. 23).

[1] *Obras completas,* I, pag. 47-49-50.

## IN MEMORIAM DE CAMILLO

Nas *Scenas da Foz* (pag. 16, 4.ª ed.) referindo-se ao seu modo de trabalhar, escreveu: «Um homem na minha idade, com a reputação feita, escreve as cousas como ellas lhe escorregam dos bicos da penna. Nem acizelo o estylo, nem torneio o pensamento, nem traço plano». Embora aqui haja exagêro, como se deduz de afirmações do proprio romancista exaradas em outras obras suas, e de edições que corrigiu e emendou, é no entanto em parte verdade o que escreveu no citado romance.

Quem lê os livros de Camilo vê perpassar nelles o reflexo animado da personalidade do romancista. A vivacidade que imprime aos dialogos, umas vezes entre pessoas cultas, pejadas de oratoria e de flores de retorica, outras vezes entre creaturas cheias de simplicidade ingenua propria da gente do povo ou da limpidez de alma de algum personagem simpatico; os rasgos fulgurantes, plenos de indignação, ironia ou sarcasmo, sangrentos e mordazes; as palavras de desalento pronunciadas por algum vencido da vida ou inadaptado; as descrições movimentadas de conflictos populares, de paisagens, de solares, de casas ricas ou pobres, tudo isto feito com o apropriado do termo, com a clareza que o exalta, com o cunho regional, e com a simplicidade ou riqueza do colorido; a arte com que faz sobresair sentimentos opostos pela serie de contrastes, falando a todos os corações, conduzindo ás lagrimas, ao sorriso ironico, ou á gargalhada franca provocada por alguma scena picaresca debruada a primor, tudo isto consagra o romancista como um dos maiores estilistas e como um dos maiores artistas que burilaram a prosa portuguesa. A sua linguagem é animada, exuberante e eloquente, e o jogo das palavras não encobre a pobreza de ideias ou a extravagancia das concepções.

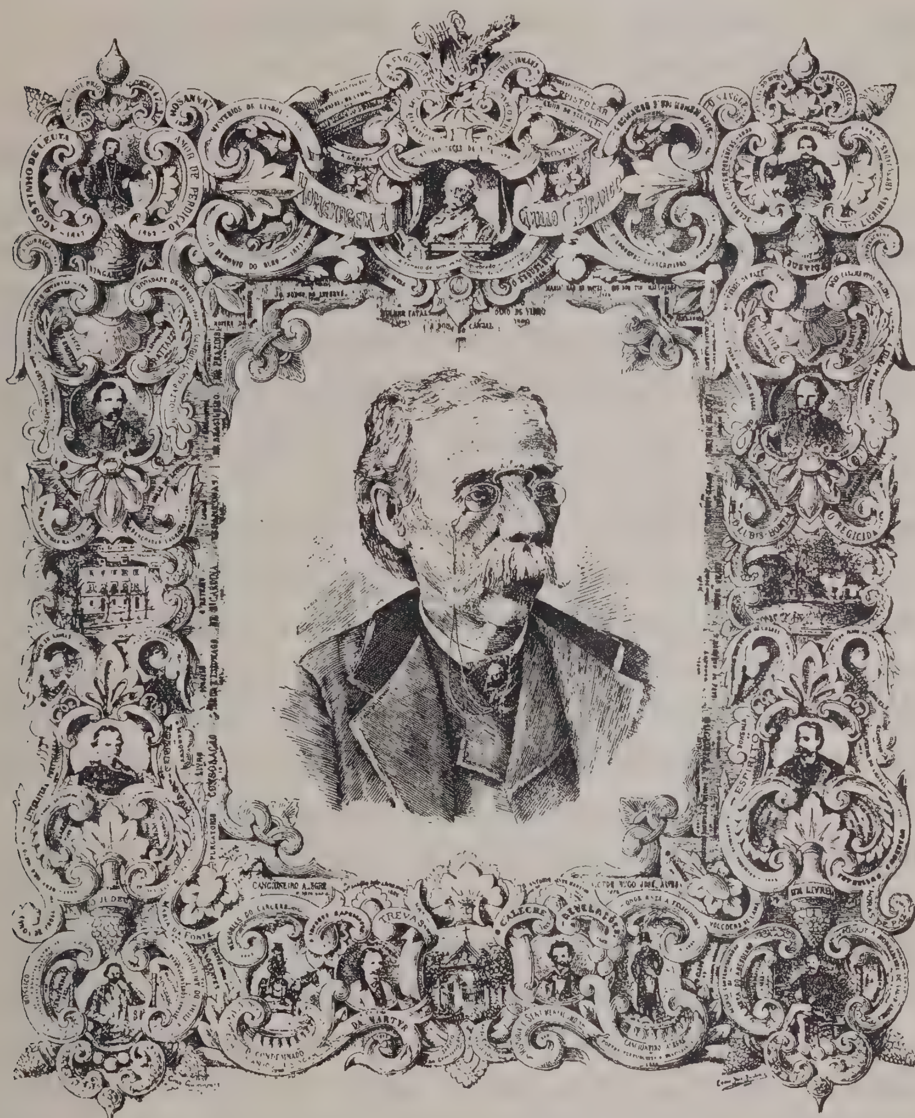
No seu estilo ha a variedade, a elegancia e a riqueza

proprias do artista que conheceu melhor do que ninguem os segredos do idioma patrio. Ha o dominio subtil da palavra, a arte soberba de encadear a frase e de arredondar o periodo sem conturbar o vigor do pensamento. Ha uma adjectivação florida, abundante e imprevista, grangeada á custa do espirito do seu autor: *uma careta sibarita, um sermão pungitivo, uma pegajosa lentidão, vida cadente de um velho, reputações panicas, expediente fabiano, resupina ignorancia, injuria insanavel* etc, etc.

Ha o culto da fórma vívida, marchetada e rendilhada por um artista fecundo que despreza o ritmo compassado e monotomo de uma linguagem sem vida e sem côr. Ha uma sintaxe fertil, não sopeada de fórmas hirtas nem academicas, mas genuimente portuguesa. Ha o sobressair risonho de certos arcaismos por entre as viçosas florescencias de termos comezinhos. Ha engastes de neologismos forjados dentro das normas da lingua. Ha reverberos do mais puro aticismo afestoados de girias plebeias; desenfastiadas expressões aldeãs que se retouçam virentes num amontoado de dições polidas e sobrias; prodigios malabaricos de averbações novas e audazes de nomes, de prefixações e sufixações, equilibrios de expressões estereotipadas, ha a adaptação da palavra á epoca e á região, e tudo isto tão claramente disposto, tão espontaneamente lançado e proporcionado, e de fábrica tão portuguesa, que o sentido não vae pulverizar-se de encontro á inteligencia do leitor.

Fialho d'Almeida, um dos nossos maiores prosadores e um dos melhores artistas que enriqueceram a nossa literatura, não obstante as suas esplendidas qualidades, era por vezes obscuro na exposição das ideias, e chegava mesmo a escrever frases lapidares que somente valem pela arte com que as palavras estão entrelaçadas, pois que o sentido é nulo, ambiguo ou extra-

vagante. Camilo, ao contrario, é claro e as ideias não são traidas por emmaranhadas combinações vocabulares;



REPRODUÇÃO DA PROVA N.º 16 DE UM DESENHO Á PENA DE ENNIO JOSÉ MACHADO — DA CAMILIANA DE OLDEMIRO CESAR

ressaltam e não se escondem mesquinhas sob o manto dourado de frases bem tecidas, mas vazias de sentido. Nele o pensamento forte e masculo é sempre arro-

jado claramente, embora rodeado ás vezes de ironias, sarcasmos ou amarguras.

O seu grande talento e o desassombro com que atacava tudo e todos não o deixavam amesquinhar muitas vezes na polidez os vôos audaciosos do seu genio combativo. É assim que o romancista ora apresenta uma linguagem insolente, agressiva, descendo mesmo ao insulto, ora nos dá a amostra da placidez apatica de certas epocas da vida, espelhada numa prosa sobria mas cheia de calma, sintoma, ás vezes, de tormentas desesperadamente suportadas e esmagadas. No prefacio da 2.ª edição das *Memorias do carcere*, escreveu: «As *Memorias do carcere* foram escritas na convalescença de uma grande enfermidade moral. Conheci quanto pode o homem sobre si proprio, em quarenta dias de laboriosa provação, que tantos empreguei em ordenar estes quadros, que constituiriam dois pequenos volumes na primeira publicação. Consistiu a minha lucta em fingir estoica serenidade, que, tão ao revés da minha indole, vinguei e dissimulei. Assim mesmo haviam relanços no livro em que o proposito não lográra sopesar o espirito. Esses relanços desagradam-me agora e hei-de cancelá-los espontaneamente. Ainda bem que de mui pouco me incomoda o arrependimento. Se me disserem que outro homem poderia dar mais louvavel exemplo de cordura e mansidão, responderei que exemplo mais louvavel só poderia dá-lo quem se calasse, em analogia de circumstancias Isso, a tê-lo eu feito, me seria agora motivo de muito orgulho — o orgulho de quem se levanta superior ás dores e ás afrontas».

«Este livro esteve a naufragar, quando eu cuidava que elle ia vellejando em mar de leite. O titulo dera esperanças, que o texto desmentia. Afizera-se o venerando publico á ideia de que as *Memorias do carcere* eram uma diatribe

eriçada de injurias, sarcasmos e glosas ao escandalo, que desgraçadamente as dispensava: tão á luz do sol se desnudára arrastado por praças e tribunaes. Saiu o livro, mentindo ás esperanças de muita gente, que o esperava á feição de sua vontade para ter o prazer de me condemnar. O resultado foi condemnarem-me, porque raras vezes estas paginas se enlamearam no assumpto lastimavel que as sugeriu».

«Para contrafazer ao desconceito que algumas pessoas votaram ao livro, saiu-me favoravel o parecer de outras, que mostraram desejo de ver esta obra expurgada de algumas manchas que lhe afeiam a continente placidez com que discorre quasi sempre arredada da minha questão toda pessoal, e por isso mesmo odiosissima.» (vol. I, pag. V-VI, 4.ª ed.). E no entanto, esta obra, onde se encontram novelas de um cunho tão acentuadamente tragico, é escrita quasi toda numa linguagem onde transparece a calma. O proprio autor fez suas as palavras de D. Francisco Manoel, colocadas na abertura do primeiro capítulo: «Vou escrevendo... estas regras em estylo alegre, e facil... bem que tão diverso do meu humor e da minha fortuna».

O ilustre Beccaria, pontificando sobre a natureza do estilo, dizia: «le regole e i precetti non formino nè un oratore nè un poeta; essere necessaria una non intesa ispirazione, ed un non so qual estro primitivo dominatore delle menti» [1]. E não foram Quintiliano nem Longino que comunicaram ao romancista esse maravilhoso condão de esmaltar a primor o idioma do seu país. Foi o seu genio poderoso de artista, o estudo constante e fecundo da lingua, e o manejo continuo dos classicos nacionais que fizeram de Camilo um dos melhores mestres da prosa portuguesa e um estilista incomparavel.

[1] *Ricerche intorno alla natura dello Stile*, in *Opere*, I, pag. 139, Milão, 1821.

*Amostras do estilo camiliano.*

Trecho «no qual o autor teve pretenções a estylo sublime.»

«Vae alta a noite. As escarpas cinzentas, que formam a eterna peanha de Villa Real, rugem uma toada soturna e sussurrante; é o fremito dos pinhaes e dos arbustos balouçados pelo sopro cortante e gelado do Marão. Mais longe desenha-se, sob o esplendor indeciso da lua, o vulto pardacento, phantastico e movediço do castello dos Tavoras. Na base despenha-se o regato que muge soberbo da sua onda, engrossada pelas aguas do céo: é o retrato do homem improvisado na sua magestade caduca. De entre as mattas e florestas surdem guinchos melancholicos de aves, que parecem lamentar-se na sua perpetua condição das trevas. E ao poente, nuvens, que, tetricas e carregadas, coroam os cabeços das serras, mais tarde crescem, recrescem, e absorvem o fulgor mortiço das estrellas.

São tres horas: o céo é fechado e triste como abobada de marmore negro.

Um homem atravessa a ponte do Prado. Vae só com os seus pensamentos: devem de ser tristes, porque é sinistra a perspectiva d'aquellas sombras de salgueiros e choupos, que se reflectem na torrente verde-negra do rio. Sóbe a encosta, e senta-se no adro da capella da Senhora de Almudena. A seus pés profunda-se o abysmo, que negreja como o fosso descommunal de uma enorme cidade acastellada; defronte avulta o castello dos Tavoras, toucado de nuvens, que se penduram nas quebradas da serra; mais perto, os velhos torreões de el-rei D. Diniz recortam o horisonte, e assombram o palacio carrancudo e sepulcral de Christovão da Veiga.»

(*Anathema,* pag. 85-86).



SEGUNDO « MAQUETTE » DO PROJECTO DE MONUMENTO A CAMILO, DO ESCULTOR TEIXEIRA LOPES

*

* *

«Era o alvorecer de um dia amenissimo de Agosto.

«As musicas, que resoavam nos arvoredos agitados pelas quentes lufadas do sol nascente, harmonisavam com o contentamento d'aquelle obreiro obscuro e feliz. Ali não ia o desherdado, raivando contra a sociedade que o deixara desbalisar do seu patrimonio. Como se tivesse pejo e escrupulo de confessar a sua pobreza em meio dos milhares de esplendidas obras, o homem, que tinha a riqueza de uma filha, relançava os olhos por de sobre os zimborios e torres das casas ricas, em quanto os olhos da alma iam embevecer-se no sorriso da filha adormecida.

«E o que elle não via ao dobrar uma collina d'onde enxerga entre verduras a igreja de Rendufinho a alvejar!

«Sobranceando a Povoa, negrejava o castello de Lanhoso, erecto em rocha, recortado de ameias, lardeado de bastiões, golpeado de setteiras, alli perpetuado, rebatendo as injurias de nove seculos, imagem, symbolo da raça forte que, ao passar por lá, empedrou um dos seus gigantes, como vigia eterna das gerações que se desforçam a camartello da sua desvergonhosa afeminação».

(*O Demonio do Ouro,* I, 14-15, Lisboa).

*

* *

«— Perdão? pedem-n'o os delinquentes! Não delinqui. Lidei, pugnei, dei-me cem vezes a morte pela justiça e pelos direitos de D. Antonio, rei legitimo, digno se indigno, não sei: rei por herança de avós; rei como D. João I. Perdi, fui vencido. Acabado está tudo. Não sou portuguez.

Não sou nada... Pedir perdão! de que? De ser desgraçado? Se o sou, em desconto de peccados, lá está Deus. O usurpador de Portugal é um verme, com uma tira de ouro roubado na cabeça, com alguns verdugos ás suas ordens, e com o inferno e a maldição da historia deante d'elle! Sabes o que eu salvei, primo D. Jeronymo? A consciencia inteira da honra. A vida foi o menos que eu tirei dos gumes dos ferros, ora africanos, ora portuguezes. Todos me tiraram sangue, mas a honra nenhum. Isto que eu salvei de um naufragio de dezesete annos, querias tu que eu agora o fosse atirar aos pés d'um Philippe! Pedir eu perdão para ser castelhano! Um homem não trabalha tanto para a final se despachar infame, e ir-se, encostado ás muletas da ignominia, arrastando até á cova que me está aberta alli adeante!»

(*O Senhor do Paço de Ninães,* pag. 160).

*

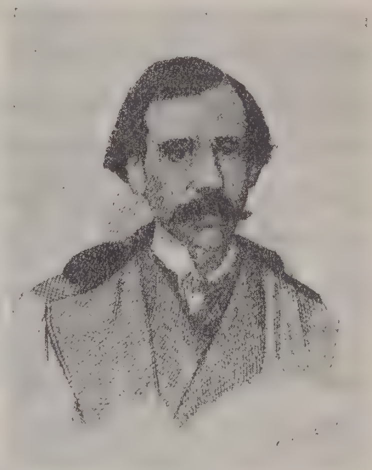
* *

«Ao aclarar a manhã do dia 18 d'outubro de 1739 abriu-se a magestosa igreja de S. Domingos, já decorada para a celebração do auto da fé. Estava pomposa. Era o leão coberto de grinaldas e laçarias, enfeitado e vistoso, com as fauces abertas á espera do bodo d'aquelle seu dia de festa, do seu almejado domingo do advento.

O altar-mór, bem que negrejasse de crepe, resplendia com os seus doze candelabros de prata, e doze alvissimos cirios em argentinas tocheiras. Dois thronos se erguiam lateraes ao altar: o da direita pertencia ao inquisidor-geral e supremo conselho; o da esquerda á casa real.

Abaixo do arco da capella-mór, entre as naves estava outro altar, sobre o qual se viam dez missaes abertos com suas

capas de coiro, relevos doirados, e fechos de prata. D'aqui até á porta do templo, construiram uma galeria abalaustrada d'ambos os lados; com passagem pelo centro, e bancadas no interior: eram os logares destinados aos presos e aos padrinhos. Pannos de seda adamascada franjados d'ouro e prata pendiam dos tectos e frontispicios das capellas, em que sobresahiam a meio-relevo *figuras de boa massenaria e todas cozidas em ouro sem se ver outra cousa,* como conta fr. Luiz de Sousa na luxuosa descripção d'esta igreja, a qual não é já a que o leitor conhece.



RETRATO DE CAMILO—GRAVURA EM TALHO DOCE, DO PROF. SOUSA PUBLICADA NO 2.º VOL. DA «CORRESPONDENCIA EPISTOLAR», 1874

A's oito horas já grande espaço da vasta igreja estava occupado por parte das mais lustrosas familias de Lisboa e fidalgos provincianos, que iam gozar-se d'aquelle espectaculo, superior em apparato ao das outras inquisições do reino.

Ás nove horas e meia subiu ao seu magnifico camarote o cardeal inquisidor-mór D. Nuno da Cunha, e os conselheiros. O palanquim real conservou corridas as cortinas durante aquelle primeiro acto do sanguinario drama ao divino.

Assim que o inquisidor-mór appareceu no adro do templo, dobraram os sinos, e logo a procissão do auto da fé sahiu da santa casa, e a breves passos assomou no limiar do templo o estandarte do santo officio com um longo sequito de dominicanos. O fundador da ordem, estampado n'um riquissimo panal, com a lampejante espada em punho, era a insignia do estandarte, perante o qual o povo ajoe-

lhava e batia nos peitos. Em seguida aos frades inquisidores, caminhavam tres mulheres sem habito; uma, com os olhos no chão, e braços pendidos, andava com firmeza: era Leonor; outra, que dois esbirros amparavam desfallecida, era Lourença Coutinho. Cada presa levava na mão direita um cirio amarello. Seguiam-se os condemnados a abjurarem com penitencia, ou a prisão indefinida ou galés.

Entre estes e outros mais desgraçados hasteava-se um grande crucifixo, com a face voltada para os que entraram primeiro no templo. Depós a cruz, iam tres estatuas d'hebreus ausentes, condemnados ao fogo, dois caixotes d'ossos d'outros que tinham morrido por effeito de tortura, e tres penitentes de carocha e samarra ou sambenito pintado de demonios e fogueiras com fogo revolto. Um d'estes era Antonio José da Silva: diziam que era, dizia-o a sentença escrita na orla da samarra; mas depois de dois annos e onze dias de lagrimas e trevas, difficil seria individuar-lhe as feições antigas. O povo, o povo que se rejubilava nas operas d'aquelle martyr, contemplou-o, e não chorou uma lagrima!... Oh! o povo! a canalha de todos os tempos e costumes!

Antonio José da Silva não abrira os olhos, durante o transito da inquisição á igreja. Encostado ao hombro do padre Francisco Lopes, levemente lhe acenava quando o pallido jesuita lhe perguntava algum artigo essencial para a sua salvação.

O banco da galeria em que Antonio José se assentou era dos ultimos. Lá estava entre elle e suas mãe e esposa a imagem do Christo, voltando-lhe as costas, como no dia do juizo final, consoante rezava o evangelho do advento.

Fez-se profundo silencio.

Um frade arrabido subiu ao pulpito, e prégou. N'um

dos periodos mais levantados da sua oração, exclamava elle:

«É a santa inquisição como a arca de Noé; porém, amados irmãos, quão grande differença vae d'uma á outra! Os animaes que entraram na arca, abaixadas as aguas do diluvio, sahiram animaes da natureza que tinham; ao passo que a santa inquisição por tal maneira muda os entes



CAMÕES, HERCULANO, GARRETT, CAMILO E FAUSTINO DA FONSECA
DESENHO HUMORISTICO (NÃO ASSINADO)
REPRODUZIDO DO N.º 314 DA «CAPITAL» DE 22 DE MAIO DE 1911

que em si encerra, que é digno de ver-se como sahem cordeiros os que tinham entrado crudelissimos lobos e ferocissimos leões.»

Terminou o sermão.

Subiram dois promotores ao pulpito para lerem as sentenças. Cada penitente ouvia ler o seu processo e condemnação em pé, no meio da galeria, com a tocha em punho, e o alcaide á sua beira. Depois, levavam-n'o á banca dos missaes, ajoelhava, punha a mão sobre o sagrado livro, e esperava n'esta postura que os condemnados

fossem tantos como os missaes. Depois, acompanhavam o promotor recitando com elle um acto de fé.

Findas as ceremonias com os presos que não tinham sentença de morte vieram os outros, os relaxados em carne. Eram tres homens e duas mulheres.

Antonio José foi transportado em braços. Já não ouviu o processo. Tinha perdido o alento, quando viu Leonor a debater-se soluçante nos braços de dois meirinhos, que lhe abafavam os gritos.

Lidas as sentenças, a inquisição, ao entregá-los á justiça secular, pedia encarecidamente ás leis e aos juizes que se houvessem com clemencia e piedade d'aquelles miseraveis, e se lhes impozessem pena capital, fosse, ao menos, sem effusão de sangue.

A historia das ferocidades religiosas não conta maior infamia!» (*O Judeu*, vol. II, pags. 218-222).

*

*   *

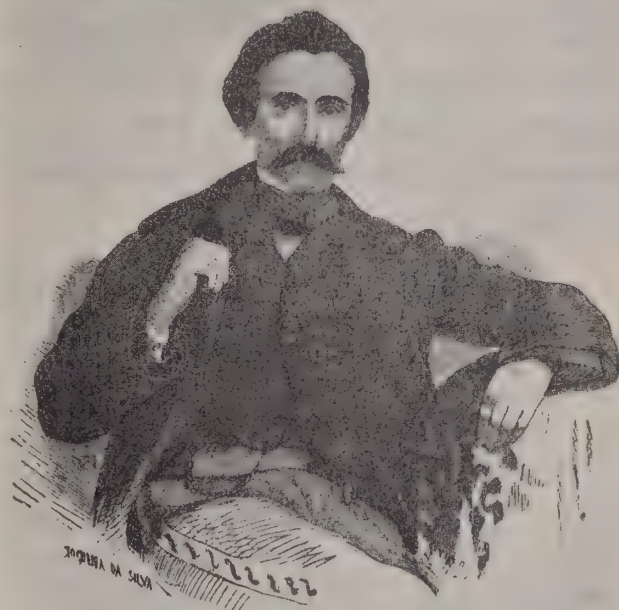
A rapida e leve análise que tracei das obras do grande romancista, no que respeita á lingua, não foi produto da leitura propositada de todos os livros que ele escreveu. Por isso estas simples e despretenciosas notas são incompletissimas e deficientes para bem se aquilatar do valor de Camilo como estilista e como classico português.

Ao glorioso escritor que este livro comemora podem aplicar-se sem favor as palavras que Francisco José Freire consagrou ao Padre Antonio Vieira: « Possuiu em grau sublime todas as delicadezas, propriedades, e energia da sua lingua » [1]. Com efeito Camilo Castelo Branco dominou como

[1] *Reflexões sobre a lingua portugueza*, vol. I, pag. 10, 1842, Lisboa.

poucos a lingua portuguesa, que, nas suas obras, patenteia maravilhosamente todas as suas preciosas qualidades como instrumento de uma literatura riquissima que é a nossa.

Deixou-se o romancista por vezes contaminar de galicismos, é certo. Mas no meio da sua imensa produção literaria, construida tão vigorosamente, com um caracter tão profundamente português, o que são esses pequenos nadas de alguns salpicos de influência francesa, aliás tão grande e tão activa na nossa literatura e lingua, principalmente nos ultimos tempos? Acaso se esteriliza uma lingua no insulamento das suas fronteiras? Ou não é ela constantemente acrescida e rebocada com as multiplas achegas que as relações de povo para povo lhe dão?




EUGENIO SUE

RETRATO DE CAMILO PUBLICADO COMO SENDO O DE EUGENIO SUE — REPRODUÇÃO D'UMA GRAVURA EM MADEIRA, DE NOGUEIRA DA SILVA, PUBLICADA NA PÁGINA 376 DO N.º 151 DO SEMANARIO POPULAR ILUSTRADO «O CAMÕES» DE 19 DE JULHO DE 1883

Camilo fez obra retintamente nacional. Traçou com mão de mestre os costumes portugueses; retratou as diversas classes da nossa sociedade, apontando-lhes os vicios, preconcei-

tos e virtudes, e tudo isto numa linguagem riquissima, portuguesa de lei e artisticamente trabalhada.

Se os seus romances se ressentem por vezes da monotonia dos assuntos, como amores mal ou bem sucedidos, ridicularias de brasileiros e prosapias fidalgas; se o escritor não primou em ser um psicologo profundo na análise dos caracteres e das paixões da humanidade, quasi sempre nos seus livros delineadas com exagêro, o conjunto das suas obras, verdadeiramente grandioso, é no entanto um dos mais belos monumentos erguidos á lingua portuguesa. E isto constitue a sua mais sublime apoteose!

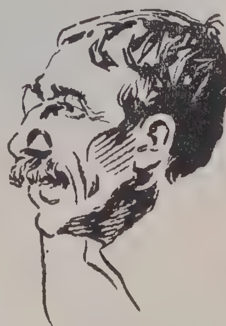
LUIS SAAVEDRA MACHADO





# O SOLITÁRIO DE SEIDE

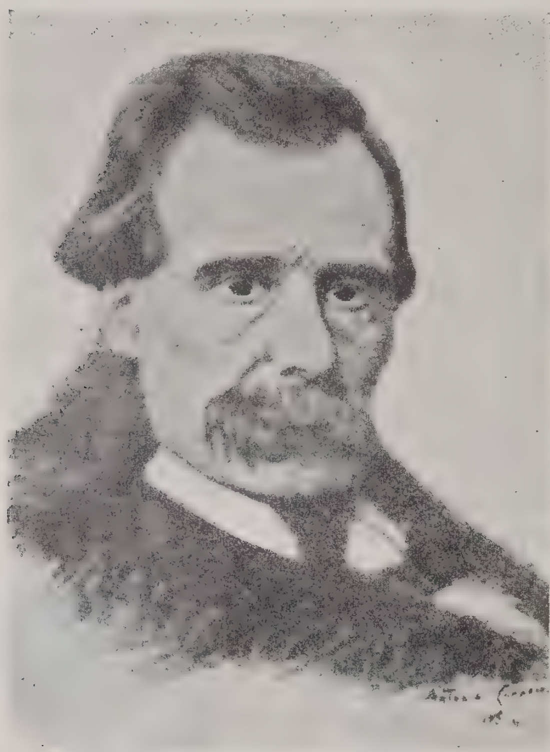
TENHO-O ouvido assim chamar, porém nada ha de menos verdadeiro. Camillo nunca se isolou, como Herculano, porque não lh'o permittia o seu temperamento combativo de constante lutador. Ferido cruelmente pela cegueira nem por isso o egrégio combatente deixou de lutar ainda até ao desespêro do suicidio. Este mesmo facto, aliás condemnavel em toda a gente, e muito principalmente em espirito tão sublimado, foi ainda uma consequencia, infelizmente a ultima, do seu temperamento impulsivo.



EÇA DE QUEIROZ
MASCARA DE SAAVEDRA MACHADO

Menos artista burilador e harmónico do que Eça de Queiroz, Camillo Castello Branco é-lhe muito superior na facúndia productora e no profundo conhecimento do idioma patrio. As litteraturas valem, especialmente, pelas creações dos génios que raras vezes appare-

cem nos paizes cultos a preencher e abrilhantar uma época da história nacional. Os typos de Camillo são immortaes porque elle foi buscal-os à realidade da vida, e ás camadas populares, depurou-os ao crisól da sua alma ardente de artista e divinizou-os nos esplendôres do seu génio fecundante e incomparavel. Nos seus romances vergasta-se impiedosamente o vicio, a prosápia e todas as manifestações da vaidade humana, mas também se exalta a virtude, e o amôr — ora embalado ao ciciar da brisa e ao despenhar de brandissimas correntes — já murmurado por lábios de coral á luz estonteante de salões aristocráticos — ascende sempre, com Camillo, ás sublimidades que ennobrecem os corações e dignificam a alma da humanidade. Por isso a influencia moral e litteraria do maior dos romancistas portuguezes será decisiva enquanto no orbe terraqueo fôr articulada a lingua de Camões, e tudo quanto a gratidão e a admiração dos seus compatriotas fizér para glorificar-lhe a memória immortal é um acto de justiça e contribuirá para affirmar a acção civilizadora e o logar de destaque que a intellectualidade portugueza occupa na mentalidade mundial.



CAMILO
DESENHO DE ANTONIO CARNEIRO

# IN MEMORIAM DE CAMILLO

*Não ha nações pequenas, ha homens pequenos*, escreveu Victor Hugo, a propósito da abolição da pena de morte em Portugal. O Mestre poderia accrescentar que de todas as nações pequenas nenhuma apresenta, como esta, uma pleiade tão numerosa e brilhante de homens eminentes nos descobrimentos maritimos e terrestres, nas artes, na litteratura, na expansão civilizadora, emfim, e entre elles o nome de Camillo Castello Branco fulgirá eternamente como o do Mestre, por excellencia, do bellissimo idioma que o génio lusitano irradiou aos confins da Terra, nos deslumbramentos da civilização e da immortalidade.

JOSÉ AUGUSTO CORRÊA



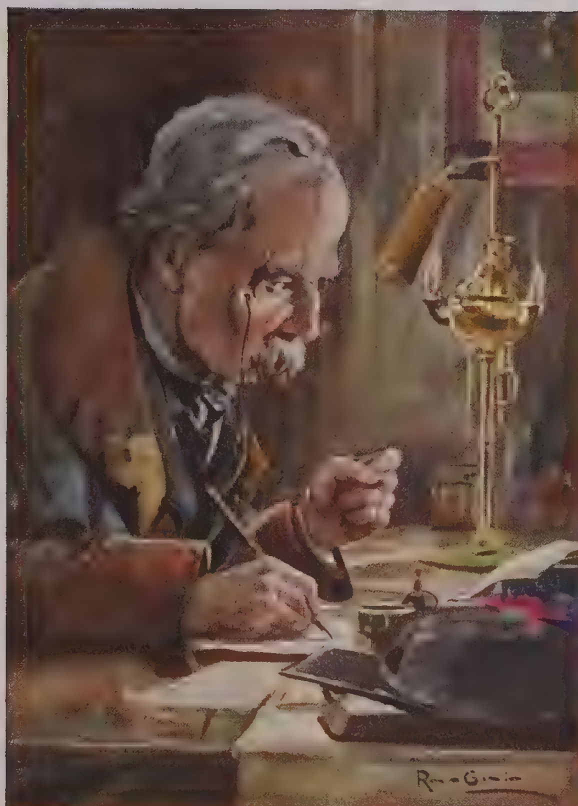


ILUSTRAÇÃO REPRODUZIDA DA CAPA DO LIVRO «CARTAS DE CAMILO CASTELO BRANCO» — AGUARELA DE ROQUE GAMEIRO



## CAMILLO!

UMA tragedia abriu-lhe os olhos para a luz.
Nasceu no Sofrimento e na Desgraça...
E em toda a sua vida,
Como que passa
essa extranha promessa, revestida
da mais extranha cruz!

Foi-lhe o berço principio de martyrio...
E nem ao menos teve,
nas horas do delirio,
o beijo que se deve
ao doce amôr das mães.

Cresceu nas amarguras mais atrozes,
e teve sempre contra si,
— como se fossem cães! —
a raiva, o phrenesi
da Impotencia vil e da Inveja má!

Foi-lhe a vida um constante Moriat...
Gigante d'alma e luz,
ingente luctador,
encheu-a a flux
das lagrimas do Amôr!

*
* *

Morreu como nasceu! Tragedia enorme,
feita de sangue e lagrimas! Ei-la vencida
— Oh! pávida agonia multiforme! —
no gesto tresloucado,
na furia agreste da fugida,
em que o seu corpo inerme e exangue, dorme,
inanimado,
no mais extraordinario fecho d'uma vida!

Talvez n'esse momento,
na dôr do soffrimento,
lhe fosse inda presente a luz sumida
do filho Jorge!

IN MEMORIAM DE CAMILLO

E ao vê-lo,
— Horrivel pesadêllo! —
sentiu mais funda a dôr,
a dôr de ter nascido,
a dôr de ter vivido,
à sombra d'esse amôr!...

Mas ao cerrar os olhos já sem luz,
abriu-se-lhe deante o livro da Historia.
E sobre a sua cruz,
— Hostia de perdão! —
alvoreceu-lhe então
o Sol da Gloria!

JOÃO PAULO FREIRE (MARIO)

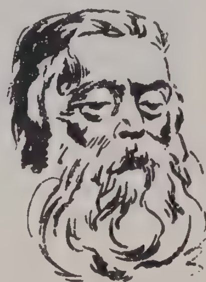




# CONTRIBUIÇÃO D'UM ALVENER PARA ESTE MONUMENTO

*De todos os auctores, os que mais desprezo são os compiladores, que vão por todos os lados buscar retalhos das obras dos outros para os insertar nas suas, como peças de relva nas placas d'um jardim.*

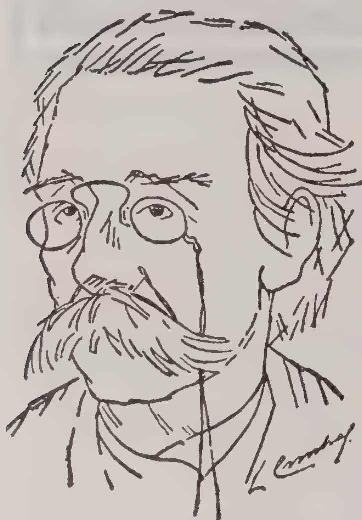
ESTE pensamento está consignado nas *Cartas Persas,* de Montesquieu e havemos de convir em que a maior parte dos livros vivem d'outros já feitos, assim como tantas flores desabrocham sobre o despojo d'outras exanimes e entresachadas no humus vegetal.



MÁSCARA DE CASTILHO — DESENHO DE SAAVEDRA MACHADO

É quasi impossivel carrear materiaes novos e descobrir elementos ignorados que tragam mais alguma luz á portentosa e infatigavel obra de Camillo. Seria preciso remontar ás fontes originarias, seguir-lhe as pisadas, ouvir as pessoas que com elle tractaram, esmerilhar pequenos factos desa-

percebidos, consultar as notas reservadas dos seus livros, onde muito á vontade, em mangas de camisa, exarou apreciações, que serviriam para lhe reconstituir a psychologia, deturpada, insensivelmente pelas conveniencias sociaes, a que ninguem, por mais alto que esteja, póde esquivar-se.



CAMILO

DESENHO DE L. CUNHA REPRODUZIDO DO JORNAL PORTUENSE «PRIMEIRO DE JANEIRO» DE 9 DE JANEIRO DE 1924

As *Confissões* de J. J. Rousseau e as *Memorias d'Alem-Tumulo* de Chateaubriand, por exemplo, esclarecem muitos pontos, muitas falhas de caracter a que toda a gente, todos os personagens estão sugeitos porque essa é a triste e vil condição dos homens.

Assim eu seguirei o veio da corrente e apenas apresentarei vestigios ligeiros da sua passagem, como quem grava n'uma alameda, na casca d'uma arvore frondosa e nodosa, uma inscripção breve e fugaz.

*
* *

Camillo Castello Branco foi um escriptor excepcional e verdadeiramente grande, e dizendo isto não fiz descoberta nenhuma. Não tive que lavar palimpsestos para restaurar o texto primitivo, após laboriosas investigações paleographicas e philologicas.

Escreveu muito. Escrevendo tanto, tão exhuberantemente

e excellentemente em portuguez castiço, sendo na phrase de Castilho «o opulentador da lingua portugueza» (que n'estas questões era Castilho um cego que via muito) nunca se celebrará em excesso a sua prodigiosa fecundidade e a sua erudição, que dava colorido aos quadros vigorosos traçados com uma intuição generosa e perenne ou pela observação directa, nervosa e admiravel.



REPRODUÇÃO D'UMA FOTOGRAFIA DE CAMILO, PUBLICADA NOS «SEGREDOS D'ALMA», 1914

Se apenas tivesse a technica d'um escriptor esmerado o seu nome havia de estar, por direito de conquista, no pantheon dos homens illustres de Portugal.

Mas tendo livros de poesias, em que o sentimento predomina e em que as lagrimas, repremidas a custo, por vezes borbulham n'uma suave tristeza ou n'uma crise de desespero, nós temos de curvar-nos á evidencia de que o coração lhe pulsava desordenado e afflicto, perante o problema vasto do mundo e que o seu cerebro escaldava fremente, nimbando-o a aureola que cinge a fronte dos grandes pensadores predestinados, quando a maxima concentração do espirito se desata n'uma irradiação subtil e mysteriosa, desapercebida durante seculos, e que hoje um processo mechanico — a photographia — começa a exteriorisar, a affirmar e a registar d'um modo sensivel.

Romancista da boa epocha romantica, deixou livros d'um realismo feliz. Investigador historico, os trabalhos que neste amplo campo effectivou, serão sempre consultados por curiosos e eruditos.

Poeta, trocou a poesia pela prosa tersa, lidima, d'uma grande ductilidade, em caudal porque só assim lhe era licito trasladar a flux as ideias rapidas e a divina musica dos periodos.

Nas discussões com que esbarrou revelou-se um polemista formidavel. Manejando a ironia, o motejo e a chalaça — porque até ella descia — era um adversario endiabrado e terrivel.

Manejando o sarcasmo, como se fora um florete, com a mesma agilidade com que enfileirava as phrases e collocava as palavras no seu justo logar, ninguem foi capaz de contrarrestar os golpes que o prodigioso esgrimista despejava, improvisos e vertiginosos, á gargalhada, sobre quem quer que, em calão d'aldeia, lhe riscasse o caminho.

Estudando sempre pelo attractivo d'uma curiosidade insaciavel, foi um esmerilhador de obscuros episodios historicos, da mesma fórma que, conhecendo os homens, as suas ambições, as suas intrigas, os seus devaneios e as suas esperanças, brincava com a phsycologia dos personagens dos seus romances, que afinal eram a traducção dos typos que examinara e prescrutara integralisando e advinhando em parte o segredo de mechanismos complicados.

Quando Camillo enveredou pela senda dos estudos historicos muitas das suas obras se impregnaram, floriram e aromatisaram com o rosmaninho e o serpão da charneca, brotando notulas genealogicas, por vezes picantes como as folhas de azevinho. Ressuscitaram das batalhas e das campas ricos homens e besteiros, donas e cortezãs, em lufadas de brio e triumphaes; reviveram epochas e pormenores ineditos, que

andavam enterrados em Chronicons e Agiologios ou transfigurados pela lenda e pelas nuvens da poeira.

Quem de futuro quizer avaliar o que foi a sociedade portugueza na epoca de Camillo tem fatalmente de recorrer ás paginas dos seus muitos romances, em que, n'uma profusão maravilhosa, sem mescla de francesismos e com soberana mestria se descrevem gravam e pintam usos, tradições e caracteres em trechos, relampagos e laudas, que ficam sublinhados a tinta indelevel.



LUIS DE CAMÕES

Excluindo da sua obra os primeiros ensaios, que foram reeditados com o titulo expressivo DELICTOS DA MOCIDADE, nada escreveu sem valor, em que se lhe não sinta a *griffe* e que, pelo menos, não sirva para desopilar o figado dos ataques da mysanthropia esporadica, nas horas mortas do dia, visto que a linguagem é sempre fluente e tão bem ordenada que nos dá a illusão, quando embevecidos na leitura, que eramos capazes de fazer prosa exactamente egual.

E' o condão do talento, nas suas produções perfeitas, a darnos a impressão da maior nitidez e o convencimento de que nada ha que retocar, deslumbrando-nos a persuasão de que somos nós que pensamos ou agimos e não o auctor.

Escrevia com uma calligraphia correcta e bella, ao galopar da penna, os seus romances.

Vi em Coimbra em 1873 em poder de José Cabral Teixeira Coelho, amigo intimo de Antonio Candido, o manus-

cripto do *Romance d'um homem rico* (salvo erro) fundido d'um jacto, quasi sem emendas, e a gente pasmava que as houvesse, visto o texto deslisar já intelligivel e polido, embora espontaneo, e não se adivinhar logo o motivo do escrupulo esthetico, que dictara as rasuras e as entrelinhas.

A prodigiosa fecundidade, como lhe chamou Pinheiro Chagas, a facilidade de Camillo era proverbial. Permittiu-lhe escrever em quinze dias *O Amor de Perdição* como attesta Alberto Pimentel a paginas 265 do seu livro *Romance do romancista*.

Essa facilidade era de tal ordem que Faustino Xavier de Novaes, o ourives-poeta, quando estava no Rio de Janeiro poude á flor da verdade, asseverar n'uma quintilha graciosa:

E apenas a vista alcance
Por signal o galhardete,
Ao vel-o, em rapido lance,
Ninguem diz : — Chega o paquete !
Dizem só : — Lá vem romance.

Com effeito, póde jurar-se, com as mãos sobre umas Horas, que Camillo Castello Branco foi um romancista portuguez, escrevendo em portuguez e retractando typos genuinamente portuguezes.

Este é o seu maior elogio.

*
* *

Relembrarei n'este ponto da jornada que Camillo n'um momento provavel de azedume ou n'um acto de confissão ultra-sincera endereçou uma carta aos livreiros Lugan & Ge-

nelioux, em 1883, acerca d'uma contractada biographia do auctor dos *Lusiadas*, dizendo textualmente:

« Escreverei, porém, as paginas que deseja para o seu Camões. Não lhe prometto que sejam boas, porque admiro pouquissimo o poeta, e não sei assoprar a bexiga da admiração convencional » [1].

Registo estas phrases porque surprehendem, e são pouco



A CASA DE CAMILO EM S. MIGUEL DE SEIDE — REPRODUÇÃO D'UMA GRAVURA EM MADEIRA PUBLICADA NO N.º 51 D'« A ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA » DE 7 DE JULHO DE 1890

conhecidas. Tenho que lastimar esta aberração quasi inexplicavel do grande polygrapho.

A obra sublime do poeta-soldado não foi comprehendida por Camillo. Se o poema heroico não o impressionou como uma joia perfeita, as restantes producções tambem o não maravilharam?

Os sonetos tão conceituosos, as varias rimas de tanto e tão puro sentimento não serão, por ventura, dignas do mais

[1] Lugan & Genelioux. — A propriedade litteraria, fol. 1886, pag. 15.

alto e mais fundo apreço como se fossem do punho de Shakespeare ou de Petrarcha?

Não será Camões a personificação sacrosanta da patria?

A sua vida tempestuosa e errante; paixão ethereal que o flagellou, como um abutre, devorando-lhe as entranhas, mas que o sublimou e divinisou; o encanto dos seus episodios, a justeza das suas descripções a traços vigorosos e definitivos; a *invenção* das rendilhadas ou solemnes estrophes em que brotam gigantescas creações, que perdurarão atravez de todos os tempos; a titanica empreza dos Lusiadas que é, afinal, o testamento de um crente e uma biblia; tudo isto não constitue um portento, um assombro, uma consagração estupenda d'um genio, que se librou ás mais elevadas regiões do pensamento dando-lhe uma fórma eterna, d'uma esthesia que deslumbra?

Os *Lusiadas* ha tanto tempo entraram no dominio comum, que chegamos a convencer-nos que sempre existiram, que aquella obra já estava feita antes de Camões e que elle nenhum trabalho mais teve do que apanhar, como o primeiro *prospector* de Kimberley, os diamantes, que rebrilhavam no chão, e registar em seu proveito exclusivo a exploração da mina.

A propriedade, a certeza das suas descripções é phantastica!

Assim, por exemplo, avergado sob o peso de infortunio, no meio da peste que havia a bordo, e cançado d'um cruzeiro esbraseado e dolente dest'arte desenhou o Cabe Guardafui:

... um secco, duro, esteril Monte,
Inutil e despido, calvo e informe,
Da natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave vôa ou fera dorme,
Nem corre claro rio ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido;

Ha nada mais bello?

O Dr. Rodrigo Rodrigues chegado da India, com roteiro rasante do celebrado promontorio disse-me em 1911:

—Não faz ideia, estas palavras são d'uma exactidão absoluta!



A ULTIMA MORADA DE CAMILO NO CEMITERIO DA LAPA (PORTO)

Sempre os homens soverteram monumentos e com o material d'uns se ergueram outros. Roma destruiu os mais notaveis vestigios de seu glorioso passado derribando templos para lhes aproveitar columnas e placas de marmore, estatuas e bronzes.

Voltaire não percebeu *Os Lusiadas*.

Entre o voto de Camillo e o de Tasso prefiro o deste ultimo, como *official do mesmo officio*.

El Colto e Buon Luigi dia a dia é maior, exactamente como a sombra d'uma pyramide gigantesca que quando o sol declina no occaso cada vez avassala maior e mais extenso espaço.

*

* *

Camillo Castello Branco poz termo á existencia attribulada dando um tiro de rewolver sobre o parietal direito na sua casa de S. Miguel de Seide, ás 3 horas e um quarto da tarde de 1 de Junho de 1890.

E desde então anciosamente se procura no paiz quem possa substituil-o e chegámos todos á conclusão funesta de

que ninguem há, por agora, que seja como elle um grande romancista, um erudito e um artista eximio da litteratura portugueza.

Os crepes esvoaçam ainda, mas clareiam já a saudade, a admiração e a gloria.

Os coros, como na tragedia grega de Euripedes, entoam *O destino, o inevitavel destino te feriu...* mas proclamam unisonos a imortalidade do semi-deus.

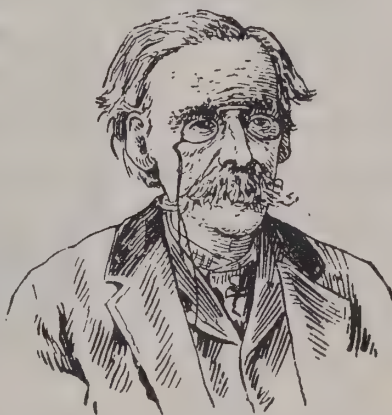
MELLO FREITAS





# RECORDANDO CAMILO CASTELO BRANCO...

A primeira vez que vi o grande Camilo foi no Porto, ha uns trinta e cinco ou trinta e seis anos bem contados! Era eu então um mocinho quasi imberbe que cursava o Liceu e principiava a escrevinhar em efemeras revistas literarias. D'acordo com o editor, proprietario d'uma livraria da rua Santo Ildefonso, pedira o concurso de varios nomes ilustres para um *Almanach Occidental* e dirigíra-me tambem ao Camilo, o omnipotente Camilo. O olimpico velho deu-me um *rendez-vous* à porta



CAMILO SEGUNDO UM DESENHO LITOGRAFICO (NÃO ASSINADO) PUBLICADO NO JORNAL «PARODIA» N.º 182 DE 23 DE FEVEREIRO DE 1907

do Camanho, na Praça Nova. Lembro-me ainda um pouco da sua figura, em traços duros, ironica, bexigosa; mas não me recordam bem agora as palavras que trocámos: promessas evasivas de colaboração, à mistura com alguns discretos conselhos a que eu, — nessa epoca bem distante um endiabrado fedelho! bem pouca importancia liguei.

Deu-se depois o caso Rattazzi. A princeza visitara Portugal e publicára um livro irreverencioso sobre alguns dos nossos homens celebres, mas com muitas verdades que produziram uma chinfrineira de mil demonios nos meios consagrados. Camilo saiu á estacada, violento, cruel e mordaz, com a sua critica... *a vôo de passara*. E foi então que um amigo querido do meu grupo de rapazes saudoso companheiro da minha mocidade, o Xavier Pinheiro, escreveu um opusculo, (hoje bem raro), criticando ferinamente e irrespeitosamente o Mestre. Todos nós de sangue na guelra! e foi uma grande e heroica investida ao Prosador Supremo que todos temiam!

Mais tarde, em 1885, dediquei numa *plaquette* camoneana um soneto a Camilo que me escreveu para Paris meses depois, uma carta deliciosa e enternecida. Conservei alguns anos essse autografo curioso; mas um dia em casa d'Eça de Queiroz, no arrabalde parisiense de Neuily, dei essa missiva preciosa, de presente, ao escritor brasileiro Eduardo Prado que m'a pedira com tanta emoção, — como se se tratasse da reliquia d'um santo.

Sou portanto, creio bem, entre os colaboradores d'este curioso trabalho, um dos raros que teve a honra d'apertar as mãos bemditas e gloriosas que firmaram o *Amor de Perdição* e o *Eusebio Macario*.

Hoje, com os cabelos quasi todos embranquecidos, depois de ter lido nos meus trinta annos de Paris, quasi toda a obra dos romanticos e dos naturalistas, tenho a profunda convicção que o nosso Camilo é o irmão gemeo de Balzac

e de Shakespeare. Como esses dois genios da França e da Inglaterra, tivera a visão poderosa e a intuição sobrehumana. Não *via* apenas, como o mestre da *Comedia Humana;* estudava o *intimo dos seres*, como o mestre do *Hamlet*.

E eis o que penso do soberbo criador da mais solida, rica e admiravel prosa portuguesa!

XAVIER DE CARVALHO



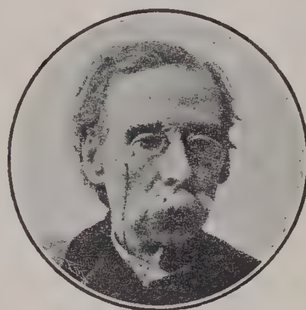



REPRODUÇÃO DE UMA DAS GRAVURAS DO ROMANCE « A SEREIA », ILUSTRADO POR M. DE MACEDO E ROQUE GAMEIRO, 1900



# CAMILLO CASTELLO BRANCO

AVANT comme après Camillo Castello Branco, la littérature portugaise a vu surgir les romanciers qui ont eu davantage le souci de la perfection ou qui se sont attachés á exploiter plus minutieusement leur veine artistique pour l'illustration de leurs préférences doctrinales il n'en est aucun qui ait été mieux doué, qui se soit révélé plus fécond, plus spontané, plus sincère, à travers l'inouïe diversité des sujets tour à tour pathétiques, satiriques ou simplement amusants qu'il aborda. Mieux que quiconque, il eut le don de la mise en scène, l'art du dialogue; en même temps il savait emouvoir, peut être parce que sa propre existence ne fut qu'un long drame.



REPRODUÇÃO DUMA FOTOGRAFIA DE CAMILO
GRAVURA CEDIDA PELO DR. TAVARES DE CARVALHO

Aussi riche d'imagination qu'un Dumas ou qu'un Balzac

il ne posséda ni la documentation du premier, ni la puissance d'observation du second; mais il y a dans toute son œuvre une sorte de lyrisme tour à tour sarcastique et sentimental qui lui confère une qualité suprême, le don du style, et qui fait de lui le plus parfait représentant de la sensibilité lusitanienne.

Il y a du fatras à travers son énorme production; il serait loin de le contester; mais il y a aussi quelques purs joyaux, à ne citer qu'*Amour de perdition* que l'on ne peut comparer qu'au *Roméo et Juliette* de Shakespeare et qui est une œuvre vécue.

Quoique Eça de Queiroz ait réalisé une virtuosité verbale qu'il n'atteint pas, je tiens Camillo Castello Branco pour l'écrivain portugais de prose le plus représentatif du siècle dernier, et je crois que la France aurait intérêt à connaître au moins ses principales œuvres.

Août.

PHILÉAS LEBESGUE
Redacteur du «Mercure de France»





# A PROPOSITO DE TREZ AUTOGRAFOS DE CAMILO

*Ha 50 anos — 900$000 reis pelo desabafo de uma enorme dôr — Em que se evoca uma grande figura e uma maior tragedia — Historia obscura de trez obscuros livros.*

HA 50 anos, em 18 de Junho de 1874, espantava-se o *Diario de Noticias* de que por um livro de cartas de Camilo a Vieira de Castro, com as correspondentes respostas e o suplemento de uma introdução, se pagasse *a avultada soma de 900$000 reis* em moeda do tempo, e de ainda ha bem pouco tempo.

A local é curiosa e merece o traslado:

O ilustre romancista Camilo Castelo Branco vendeu pela avultada soma de 900$000 reis a um livreiro editor do Brazil, por intervenção do snr. Cruz Coutinho Junior, do Porto, a publicação

da correspondencia trocada entre o referido escritor e o desditoso Vieira de Castro. As cartas, precedidas de uma longa introdução do snr. Camilo, deverão produzir dois grossos volumes in-8.º

Dois grossos volumes in-8.º por 900$000 reis, e ainda por cima com uma introdução do Mestre — uma longa introdução — seriam nos tempos de hoje dois ovos por um real, dado o credito que no mercado está tendo a firma comercial Camilo Castelo Branco, com varias companhias, umas mais duvidosas do que outras, e todas de responsabilidade absolutamente ilimitada...

Verdade seja que o generoso Mecenas, consoante no-lo diz a local, era brazileiro, não sei se brazileiro de profissão, como pelo Mestre tão justamente foram definidos alguns descendentes de Alvares Cabral, brazileiros por terem ido ao Brazil enriquecer, em todo o caso livreiro editor na grande Republica d'além-Atlantico, sendo logico perguntar se em moeda forte ou fraca seriam pagos os 900$000 reis...

Havia no negocio principalmente a atender á oportunidade da tragedia moral que vitimou a grande figura de Vieira de Castro, inspiradora das dolorosas cartas dos dois grossos volumes, tragedia que não é demais recordar. Precisamente tenho aqui á mão o relato do *Processo e julgamento de José Cardoso Vieira de Castro no Tribunal do 2.º Distrito Criminal de Lisboa pela acusação do crime de homicidio voluntario na pessoa de sua mulher D. Claudina Adelaide Guimarães Vieira de Castro,* editado em 1870 na Imprensa Nacional pelos taquigrafos da Camara dos Senhores Deputados incumbidos da especial missão de arquivar o andamento do processo, e ilustrado com os retratos dos dois desgraçados actores principaes d'esse pungente drama da sua propria vida intima.

Meu ex.mo e muito prezado Amigo

Comprarei a trapalhada toda. É onde pode chegar o amor da asneira! Deve-me V. Ex.a prestar este culto á memoria do pobre doudo, que pertenceu á eschola germanica sem o pensar, e foi d'este mundo sem ter feito mal a pessoa, o que não acontece ao mesmo n.º dos seus collegas.

Hoje dou ordem ao Campos Junior para entregar á ordem de V. Ex.a os 1920 r.s e receber o pacotinho que me ira guiar oportunamente. Cabe-me a pena nas mãos com frio. O calor concentrou-se todo nos figados d'uns bebados que andam a berrar «liberd.e» pelas ruas. Eu cá estou entre os meus livros velhos com vontade de os queimar para me aquecer.

De V. Ex.a
m.to grato am.o

Porto
4 de J.o de 68.

C. Castello Br.co

No predio n.º 109 da rua das Flôres, d'esta cidade de Lisboa, o grande orador Vieira de Castro matava sua mulher com a aplicação de cloroformio, depois de posto ao corrente, por uma carta infame, do crime de adulterio de sua esposa.

Desafiado para um duelo, o miseravel D. João, José Maria de Almeida Garrett, respondia a Ramalho Ortigão,

uma das testemunhas do marido ultrajado, nos seguintes termos perentorios e pelintramente romanticos:

Meu caro amigo: — Depois de reflectir maduramente sobre o grave caso que se me apresenta, resolvi não aceitar o duelo que me é proposto. Não me dissimulo que esta recusa me perde de uma vez para sempre na opinião das pessoas honradas que não conhecerem o motivo que me leva a proceder assim; todavia, como desde hoje me considero morto para o mundo porque esta mesma noite parto para França a entrar n'uma ordem religiosa, aceito o anatema merecido ou não que a sociedade queira lançar sobre mim. Se é forçoso que eu morra, e como não é o medo da morte fisica que me aconselha, tenho a declarar que parto a pé para o caminho de ferro hoje ás 7 horas da noite, aguardando tranquilo o que acontecer. É porém minha resolução inabalavel não me colocar em campo deante da pessoa que v. ex.ª representa e não lhe disputar a vida. Faça v. ex.ª d'esta carta o uso que entender.

Lisboa, 9 de Março de 1870.

Amigo obrigadissimo
*José Maria d'Almeida Garrett*

Se o diabo sempre chegou a meter-se a frade não cuidarei eu de inquirir, que não vem para o caso o destino do canalha. O que para o caso vem, a proposito do espanto do *Noticias* de ha 50 anos, é o desenlace brutal da tragedia.

Vieira de Castro, assassino de sua mulher, foi julgado e condenado na pena de 10 anos de degredo em Africa, de nada valendo á sua causa a brilhante defeza do seu advogado Freitas Moniz e a campanha movida pelo seu grande amigo Camilo pelo livro, pelo jornal e até pelo teatro, procurando comover a opinião publica em favor do desdi-

toso, que durante as horas amargas do presidio e as mais amargas ainda da comparencia ante os juizes sempre soube manter a mais nobre e comovedora atitude.

A plagas africanas foi morrer o fogoso tribuno parlamentar, um dos homens mais ilustres do seu tempo, extraordinario infeliz que com outro grande desgraçado trocou uma correspondencia avultada que ninguem de coração poderá ler hoje sem lagrimas Pois Camilo, vendendo essas cartas por 900$000 reis, ele que escreveu 132 volumes, traduziu 14, prefaciou 175 e colaborou em 129 periodicos, recebendo entre 100 e 150$000 reis por volume original, prestava à memoria do seu fiel amigo o maior dos preitos de homenagem pelo que a divulgação d'essa epopeia de martirio significava na rehabilitação da posteridade [1].

Vem isto a proposito, ou desproposito — como queiram — de um recente leilão de livros camilianos que mais uma vez veio pôr em foco uma moderna epidemia de exploração do nome sagrado do Mestre, que já vae tomando fóros de abuso, para outra coisa mais mal soante lhe não chamarmos.

Claro que não falo dos que, constituindo a minoria honesta, teem inteligentemente trazido para a luz da publicidade elementos de estudo para a compreensão e analise da obra camiliana, das suas figuras, da sua filosofia ou do seu

[1] A rehabilitação da posteridade... Eu ainda acreditava n'ela á data em que rabiscava as linhas d'este artigo. Hoje... No «Diario de Lisboa» de 7 de Abril de 1924, um ilustre desconhecido publicou uma entrevista com um qualquer boçal chefe de policia evocando os casos celebres de Urbino de Freitas, Vieira de Castro e do Remexido. Entre o desgraçado louco moral que foi Urbino e o miguelista Remexido, criminoso politico, o grande tribuno Vieira de Castro é ignobilmente acusado de ter assassinado sua mulher... para lhe ficar com os bens!

Tão infame e estupido o jornalista (?) como o imbecil policia, decretando asneiras em nome da tal posteridade...

ambiente social. Refiro-me a uma modernissima horda de vampiros que sobre o cadaver do Maior de Todos vão tripudiando, enriquecendo-se a si e aos livreiros e leiloeiros pela manipulação, méramente especulativa, de ignobeis mixorofadas a que o rotulo camiliano dá garantias certas de venda a preço alto, como algumas especialidades farmaceuticas, recomendadas em comunicados nos jornaes por atestados de

Meu particular amigo.

26 de Fevº 1867.

Lá está o Sorofita sem avaria. Procurei nas margens alguma observação de V. Exª, mas vejo que não me fez emendar o que por lá encontrou de más, nem indicar as fontes em que eu poderia achar melhorias para o meu trabalho.
Creia q. tenho editor ... em Braga! Os amigos das lettras velhas estão relegados para o velho Portugal.

Brevem.te remetto a V. Exª o

pouco q̃ tenho q̃ dizer da Sr.ª Anna
Placido.
Agradecido por tantos
obsequios á bondade de V. Ex.ª
dega sou

tão am.º como devedor
obgm

Camillo C. Branco.

medicos sem doentes ou doentes reconhecidos sem medico conhecido. Tal é a exploração moderna dos atacados da mania de coleccionar — selos do correio ou estrume arqueologico, borboletas e cintas de charuto, ou simplesmente referencias a Camilo ou a Camões, a Garrett ou a Herculano — mania de que todos nós mais ou menos padecemos, até eu, infatigavel coleccionador de inimigos intimos...

E não me digam esses mesmos intimos, para engrossarem o catalogo das coisas feias que de vez em quando me endereçam, que n'este caso particular de que venho tratando atiro a pedra e escondo a mão, porque me não

pesa na consciencia o crime literario de ter ganho dinheiro á custa da memoria do meu escritor predilecto.

Trez unicos trabalhos levo publicados sobre o Mestre, por bem justos motivos inspirados, e nenhum em proveito proprio, como é facil provar.

O primeiro, quatro palavras á laia de discurso proferidas na colocação de uma lapide na casa triste de Seide, reservei-o para ofertas particulares na restrita tiragem de 100 exs, editadas no Porto n'uma época já longinqua em que o sarampo camiliano se não tornara ainda em endemia cronica.

Do segundo, uma conferencia realisada na Imprensa Nacional defendendo a manutenção da pensão aos netos de Camilo, aproveitou o Estado editor, vendendo todos os exemplares por varios preços, e mais tarde o livreiro esperto que os ultimos existentes comprou para os impingir em leilões por lances sucessivamente elevados. E' o cumulo, mas é assim mesmo, quiçá pela razão de serem antigos e haver entre nós a cretina preferencia pelos objectos em segunda mão...

O ultimo, *Campanhas Camilianas,* simples colectanea de artigos de jornaes em defeza do subsidio á neta solteira e pobre de Camilo, da colocação de um neto do Mestre, aprovado em concurso para aspirante de finanças mas esquecido de provimento, da homenagem devida a Camilo e não sei se de mais alguma coisa, sem ter coberto as despezas da edição, cujo produto se destinava áquela mesma homenagem que ainda se não fez mas em que de vez em quando se fala com tanto entusiasmo como rapido esquecimento, foi cedido a uma bela revista de arte de gente moça — a *Alma Nova* — para que ao menos algo de util produzisse. Louvavel decisão do meu colaborador n'esse livro e editor a que com muito prazer me associei.

Já vêem portanto os intimos que eu não sou aquele

Meu amigo

Não se esqueça de me communicar o q̃ souber a respeito de Silva Pinto. Necessito de eliminar dos meus futuros orçamentos esta verba, a q̃ fui obrigado, e silenciosamente, como convem a dois homens de lettras, sem cambio.

Abraça-o o seu velho Am.º

S. C.
Seide 26/9bro
83.

C. Castello Branco

feroz camilianista da regra geral que muitos supõem, esquecido d'aqueles sabios conselhos do meu ilustre colega Vautel que rezam assim:

A melhor maneira de dignificar os mortos ilustres não consiste em coleccionar e venerar reliquias materiaes... Não é a contemplar a sua caixa de rapé, a enternecermo-nos deante dos seus chinelos, derramando lagrimas dentro do seu tinteiro, que podemos render a mais bela homenagem ã sua memoria, é inspirando-nos nas suas ideias, é comunicando (sem mezas de pé de galo) com o seu espirito sempre presente nas paginas das suas obras...

Sei muito bem, como ele e com a filosofia dos proverbios que são um capitulo da sabedoria das nações, que tudo o que é de mais é erro e que o feiticismo é a mais baixa demonstração da religiosidade, e da sementeira da minha paixão camiliana me contento com o ter contribuido um pouco para o proveito material da triste vida dos descendentes do maior romancista portuguez e a colheita do dôce fruto de algumas boas e solidas demonstrações de estima de vultos que muito prézo pelo muito que valem mais do que eu... Das mãos de um d'eles, já hoje desfeito na paz eterna da sepultura, recebi eu em tempos os trez autografos, sob todos os aspectos curiosissimos, que n'este *In Memoriam* em *fac-simili* se reproduzem. Em todos eles transluz o espirito sceptico e mordente do Mestre, que a ninguem poupava como por ninguem foi poupado. Por interessantes se publicam, sem que d'eles se faça tiragem especial numerada e rubricada em papeis de vária espécie para exploração mercantil em proveito proprio, muito embora antecipadamente eu saiba que em qualquer proximo leilão, assim mesmo estampados nas paginas d'este livro, novos ricos camilianistas pagarão por todo o preço cada exemplar que apareça...

Rezam assim os autografos:

Meu ex.^mo e mt.^o presado amigo

Comprarei a trapalhada toda. E' onde pode chegar o amor da Asneira! Deixe-me V. Ex.^a prestar este culto á memoria do pobre doudo, que pertenceu á eschola germanica sem o pensar, e foi deste mundo sem ter feito mal a folego vivo, o q. não acontece ao maximo n.^o dos seus collegas.

Hoje dou ordem ao Campos Junior para entregar á ordem de V.^a Ex.^a os 1.920 rs. e receber o pacotinho p.^a m'o enviar oportunamente. Cahe-me a penna das mãos com frio. O calor

concentrou-se todo nos figados duns bebados q. andam a berrar «liberdade» pelas ruas. Eu cá estou entre os meus livros velhos com vont.$^{e}$ de os queimar para me aquecer.

De V.$^{a}$ Ex.$^{a}$
Mt.$^{o}$ grato amigo
*C. Castello Branco*

Porto, 4 de 7.$^{o}$ de 68.

---

Meu particular amigo

26 de ? 1867

Cá está o Soropita sem avaria. Procurei nas margens alguma observação de V.$^{a}$ Ex.$^{a}$ mas vejo que não me fiz emendar o que por lá encontrou de máo, nem indicar as fontes em que eu poderia achar melhorias para o meu trabalho.

Creio q. tenho editor... em Braga!... Os amigos das lettras velhas estão relegados para o velho Portugal.

Brevemente remetto a V.$^{a}$ Ex.$^{a}$ o pouco q. tenho q. dizer de D. Anna Placido.

Agradecido por tantos obsequios á bondade de V.$^{a}$ Ex.$^{a}$
De q.$^{m}$ sou

tão am.$^{o}$ como devedor
*Camillo C. Branco*

---

Meu amigo

Não se esqueça de me communicar o que souber a respeito do Silva Pinto. Necessito de eliminar dos meus futuros orça-

mentos esta verba, se a isso for obrigado, e silenciosamente, como convem a *dois homens de lettras* sem cambio.

Abraça-o o seu velho am.º
*C. Castello Bran.co*

S. C.
Seide, 26 de 7 br.º 87

---

E pelo traslado fiel das cartas e a pouca originalidade dos comentarios me subscrevo, sem mais atentas venerações por ninguem

OLDEMIRO CESAR





# CAMILO CASTELO BRANCO

UMA síntese das feições mais importantes da sua personalidade literária:

São estas feições a do escritor-prosador e a do romancista.

Como escritor-prosador, pelas qualidades do estilo, êle é o primeiro em Portugal no século XIX e um dos primeiros da Humanidade no mesmo século. Em Portugal nenhum alcançou a sua pujança, variedade, vigor, maleabilidade, capacidade construtiva. Ele fazia mais que exprimir bem, — excedia-se na expressão; a frase escrita acrescentava-se à ideia, obrigava a sua amplificação, transformação, ela própria se apresentava como ideia verbal, poderosamente.

Pode dizer-se que Camilo fez na língua portuguesa, no século XIX, a *mise au point* das suas possibilidades expressivas, a determinação do seu poder, adaptabilidade, energia, dando a demonstração de que a língua evolucionara formidàvelmente e de que, nessa evolução, êle, a sua prosa, repre-

sentavam o grau culminante. Em Portugal, de exemplo paralelo, na prosa, só nos recorda o de Bernardes e Vieira no seu tempo.

E comparado com os maiores escritores-prosadores estrangeiros, do século, por ex, em mais de um género literário, os franceses Chateaubriand (1768-1848), Lamennais, Michelet, uma George Sand, e os ingleses Dickens, um Macaulay e o seu tão diferente Carlyle, — Camilo, dêsse ponto de vista, colocado ao lado dêles, ocupa distintamente o seu logar. Se tais ou tais particulares qualidades, como a harmonia da linguagem, a veemência ou o lirismo das imagens, a subtil nuança expressiva, a sobriedade, a facilidade e naturalidade popular ou, pelo contrário, a dificuldade caprichosa, superam num ou noutro daqueles, — no vigor, na pujança, na variedade, na facilidade e segurança arquitectural do estilo, Camilo avulta.

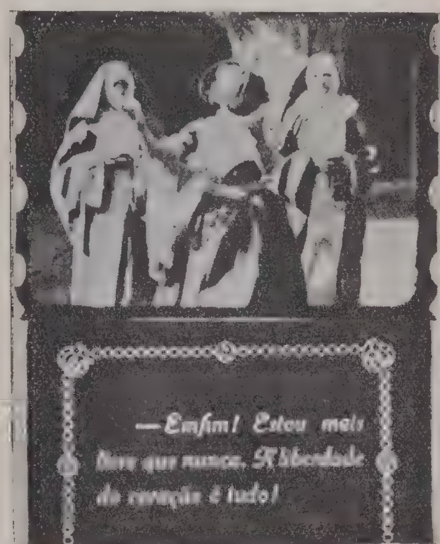


PEQUENO CARTAZ ANUNCIADOR DO FILM PORTUGUÊS «AMOR DE PERDIÇÃO»

Êste mérito só por si fixar-lhe-há duradoiramente na literatura uma situação que todos os povos da nossa língua lhe hão-de reconhecer em sua grandeza, com o espírito grato.

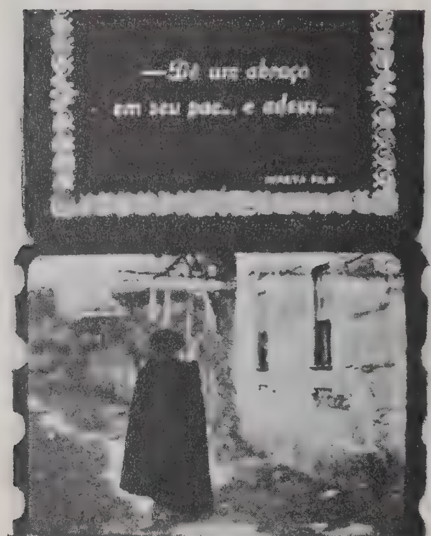
Como romancista, a outra capital feição literária de Ca-

milo, aliás intimamente relacionada com a primeira, pode dizer-se que na sua muito numerosa produção se encontram as qualidades, em grau notabilíssimo, de dialogador vivo, espontáneo, múltiplice, fértil, — de acção emocional, de interêsse patético, de vibrante descrição das coisas e factos, incluíndo os do embate do homem com a natureza. Mas falta-lhe freqüentemente a psicologia dos personagens, de forma que êles, muitas vezes, não se mostram como almas em acção, seres possuíndo uma vida interior condicionada em si mesma e no ambiente natural e social. Assim, os romances de Camilo, pela maior parte, irão perdendo sucessivamente, até ràpidamente, do seu interêsse, — nós todos cada vez mais afastados dos seres para quem foram escritos e os sugeriram e em suas qualidades, emquanto superficiais, se assemelhavam àqueles personagens; no romance, de resto, êles apreciavam uma fácil e nada exigente distracção do espírito. Nessa extensa obra os romances históricos, por ex., a *Luta de gigantes* e o *Judeu,* conservam aínda, e guardarão por muito e muito tempo, um sabor de certa frescura, pois nêles Camilo se obrígou a um maior esfôrço de interpretação, transportando-se para outras épocas, e um pouco mais se isentou dos preconceitos e restrições do seu pessoalismo. Mas há um romance que ficará perenemente na literatura, no legado espiritual dos povos: é o *Amor de perdição.*




QUADRO DO FILM «AMOR DE PERDIÇÃO»

Escrito na cadeia da Relação do Porto, quando Camilo atravessava alguns dos dias mais torturados da sua existência, parece que pelos ferros dessa prisão se coaram bemaventuradamente aquelas páginas perfeitas na literatura do romance, libertas de todo o joio, de todo o amálgama que a vida mais habitual e livre de Camilo, ou de menor compunção ou de menor limpidez e profundidade de perscrutação interior, costumavam e continuaram depois a acrescentar-lhe na sua produção literária. O *Amor de perdição* é uma obra genuinamente portuguesa e é duma certa época, duma certa região ou local, até duma determinada família, e todavia, simultaneamente, é uma obra universal e de todos os tempos... desta Humanidade. Exemplar na composição, de uma emoção cheia de juventude, de um sentimento intenso, de uma clara inteligência, — os seus tipos ou personagens, porque tão exacta e lògicamente actuam e porque a sua acção obedece ao impulso de sentimentos verdadeiros e comoventes, teem uma vida ínterior reagindo de um modo impressionante com o ambíente familiar e social. E o resultado, naquela história de amor, é o drama, a tragédia, que é de hábito chamar shakespeareanos mas que também se podem agora dizer camilianos, e afinal humanos — humanos verdadeiramente.



QUADRO DO FILM «AMOR DE PERDIÇÃO»

Êste livro fica na literatura de toda a parte ao lado de outras obras-primas do romance e da vida passional, por

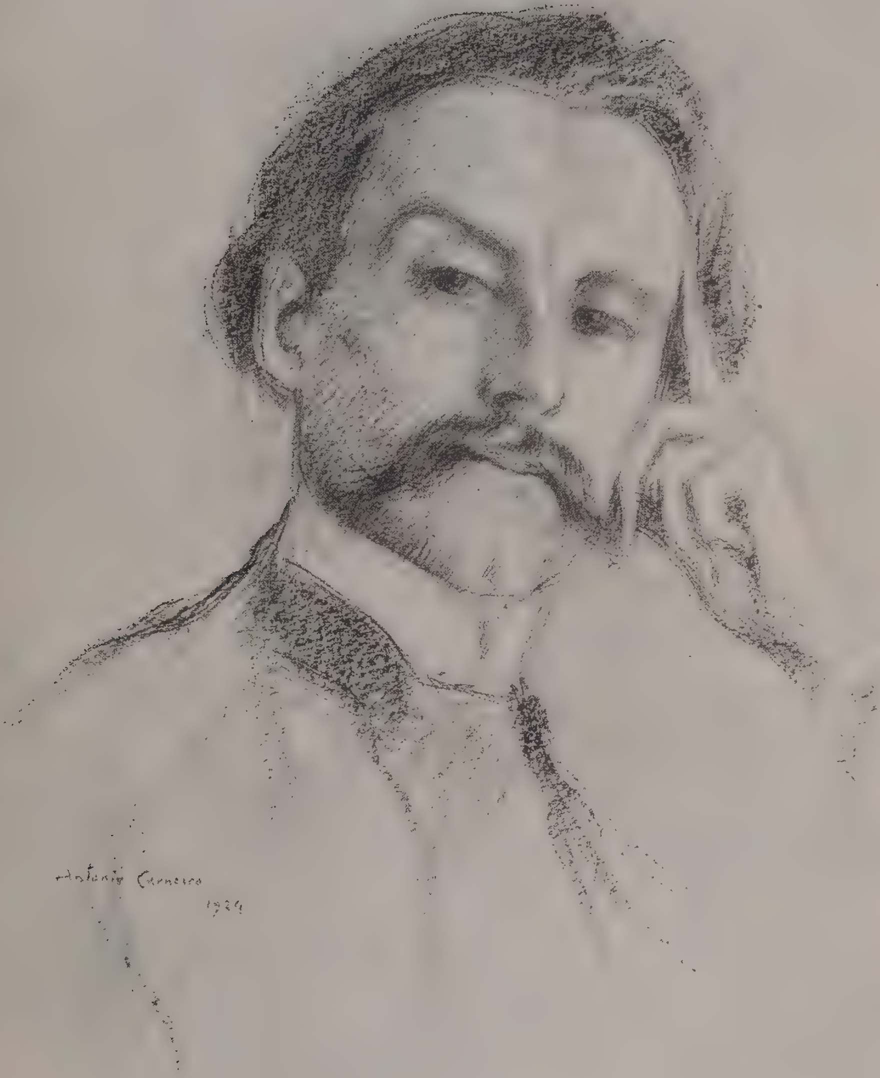
ex., que agora nos recordem, a *Manon Lescaut*, o *Paulo e Vergínia*, o *Werther*, o *Adolfo*, as histórias de Tristão e Isolda, de Romeu e Julieta, de Hero e Leandro, de Dido e Eneias, de Dáfnís e Cloe. E também junto das demais obras-primas do romance, como a *Eugénia Grandet*, a *Chartreuse de Parme*, o *Primo Basilio*, o *Vigário de Wakefield* e tantos outros que distintamente ainda possam separar-se da generosa produção de grandes romancistas como Jane Austen, George Elliot, Flaubert, etc.

Poderiamos falar de Camilo em outras suas feições literárias, assim a de polemista, que consideramos secundária, pelo que teve de bastante pessoal e de utilidade menos geral, na sua grande actividade literária. Mas para o que desejávamos fazer, a indicação e apuramento muito resumidos dos aspectos mais distintos e influências mais benéficas da sua obra, — não se impõe, julgamos, qualquer análise ou sequer maior comentário àquelas menos importantes manifestações.

Camilo fica duradoiramente como o maior vivificador da prosa, no século XIX, na lingua e literatura portuguesa, e na literatura universal viverá por um dos seus romances, o *Amor de perdição*, pérola segregada pela sua alma perturbada e revôlta, pérola que a Humanidade guardará num dos seus escrínios.

HENRIQUE DE VILHENA






CAMILO — DESENHO INEDITO DE ANTONIO CARNEIRO



# CAMILLO CASTELLO BRANCO

Ex.mo Sr. Ventura Abrantes:

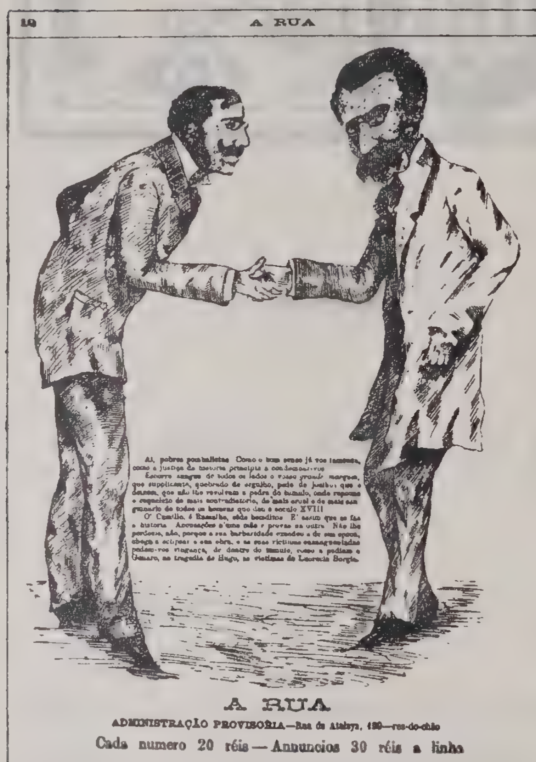
HAVIA duas maneiras de satisfazer o seu pedido: um livro condensando apreciações sobre a enorme obra do escriptor que a sua casa se propõe laurear, ou, uma frase que marcasse para todo sempre na memoria dos portuguezes a synthese desse livro. Para a primeira hypothese não tenho competencia, para a segunda, falta-me talento.

Portanto, limito-me a dizer — *em mais de uma frase e em muito menos do que um livro* — o que diria, em conversa a alguns dos meus amigos, numero de que V. Ex.ª faz parte.

É custoso dizer qual o melhor livro de Camillo Castello Branco, como de outro qualquer escriptor, quando elle foi da estatura de grande romancista.

A Ramalho Ortigão perguntei um dia, qual dos livros de Eça de Queiroz preferia? — O mestre das «Farpas»,

apesar de ter a sua opinião feita havia muito, levou seu tempo a dizer-me que dava a preferencia a «Os Maias».




RAMALHO ORTIGÃO E CAMILO — REPRODUÇÃO DUMA PAGINA DO N.º 3 DO JORNAL PORTUENSE «A RUA», DE 15 DE JULHO DE 1882

Pois a maior parte dos leitores desse extraordinario escriptor, e, entre elles, eu, se me dá licença o primeiro do seu tempo, não estão de acordo com Ramalho Ortigão!

Se eu fosse condemnado a entregar todos os livros que possuo, de Camillo, faria uma cára terna ao algoz dizendo-lhe:

—Ao menos deixe-me ficar a *Brasileira de Prazins*.

Desculpe a pobreza da minha resposta e creia-me grande admirador de Camillo Castello Branco e da bella ideia de V. Ex.ª

JOSÉ QUEIROZ



# MULHERES DE CAMILO

*A Lourenço Cayola.*

## I

## JOAQUINA PEREIRA

do primeiro drama da vida do Romancista

NA aldeia de Friume não havia
Outra moçoila assim, viva e graciosa;
Pômo gentil de pôlpa apetitosa,
Que perfumes silvestres rescendia.

Cabelo farto e negro, tez mimosa,
Pel' trigueirinha, — um todo que aprazia!
Quinze anos deslumbrantes de alegria,
Manhã de primavera esplendorosa....

Deixou-se enfeitiçar... O casamento
Absolveu, redimiu, o estouvamento
Do sangue juvenil. Viu-se se invejada,

Esposa e mãe!... Foi curta essa ventura:
Aos vinte anos, baixava á sepultura...
Não resistira ao vêr-se abandonada!

II

## MARIANA

do romance: *Amor de Perdição*

Que limpidez de olhar, sereno e mesto,
Da côr do Ceu! Os anjos, com certeza,
Não devem transluzir maior pureza
Da que ela tinha em seu olhar honesto!

Que distinção, que rara gentileza
No modo de falar, no próprio gesto!
Que diamantina alma! E que ar modesto
Nas feições d'essa linda camponesa!

Sem esp'rança de ser correspondida,
Votou o seu amor, enternecida,
A um rapaz perseguido por mà sorte...

Como irmã carinhosa, ao desgraçado
Socorreu, mal o soube encarcerado;
E ao degredo o seguiu... e até na morte!

III

JERÓNIMA

do romance: *As três irmãs*

Foi mulher varonil e corajosa,
Filha exemplar e irman inegualada;
Ao culto da familia devotada,
Previdente, prestante, carinhosa.

Jámais pensou em si. Alma formada
N'uma santa moral, pundonorosa,
Consagrou-se a uma vida laboriosa,
Rosto sereno, a fronte levantada.

Discreta e natural, quanto fazia
Em prol dos seus, conforme ela dizia:
«Era um simples dever, e nada mais!»

Ao termo da missão, leve, contente,
Com a consciência em paz, serenamente,
Foi descansar, dormir, junto dos paes!

IV

## MARIA DE NAZARÉ

do romance: *A doida do Candal*

Pelo amor do fidalgo, o lar paterno
E o regaço da mãe deixou um dia...
Foi construir, exultante de poesia,
No aprazivel Candal um ninho terno.

Vendo fugir-lhe a filha a quem queria
Com todo o enlevo, sol do seu inverno,
O pae não resistiu ao vivo inferno
Da tortura cruel que o consumia!

Vivia ela feliz.... Tinha um filhinho...
E no amor do amante e d'esse anjinho
Buscava resumir quanto perdêra...

— «Venho buscar-te, filha infortunada...
«O fidalgo... morreu...» — A desgraçada
Cuspiu na pobre mãe... Enlouquecêra!

V

## JOAQUINA EDUARDA

do romance: *A Sereia.*

A fronte, d'uma alvura luminosa,
A cabeleira de oiro refulgente;
O olhar triste, sombreado, inteligente,
E uma voz de cristal, meiga e saudosa...

Eburnea candidez, alma inocente,
Julgava o mundo estância bonançosa;
E ao seu primeiro amor, febril, radiosa,
Entregou-se, confiada, inteiramente.

Foi-lhe esse afecto uma prisão nefasta!
Que vida amargurada que ela arrasta
Te' que a morte a liberte da tortura!

Má estrela a fadara... Emfim, descansa;
E em noites de luar — ao que se afiança —
Ela canta... é feliz, na sepultura!

## VI

## ANA AUGUSTA

Da tragédia que foi a vida do Romancista.

Uma paixão fatal, avassalante,
Levou-a a desprender-se do marido,
N'esse deslumbramento produzido
Pelo escritor de génio, seu amante...

Uma existência calma, éden florido,
Julgara ir encontrar; mas em que instante
Viu converter n'um drama lancinante
O feiticeiro quadro apercebido!

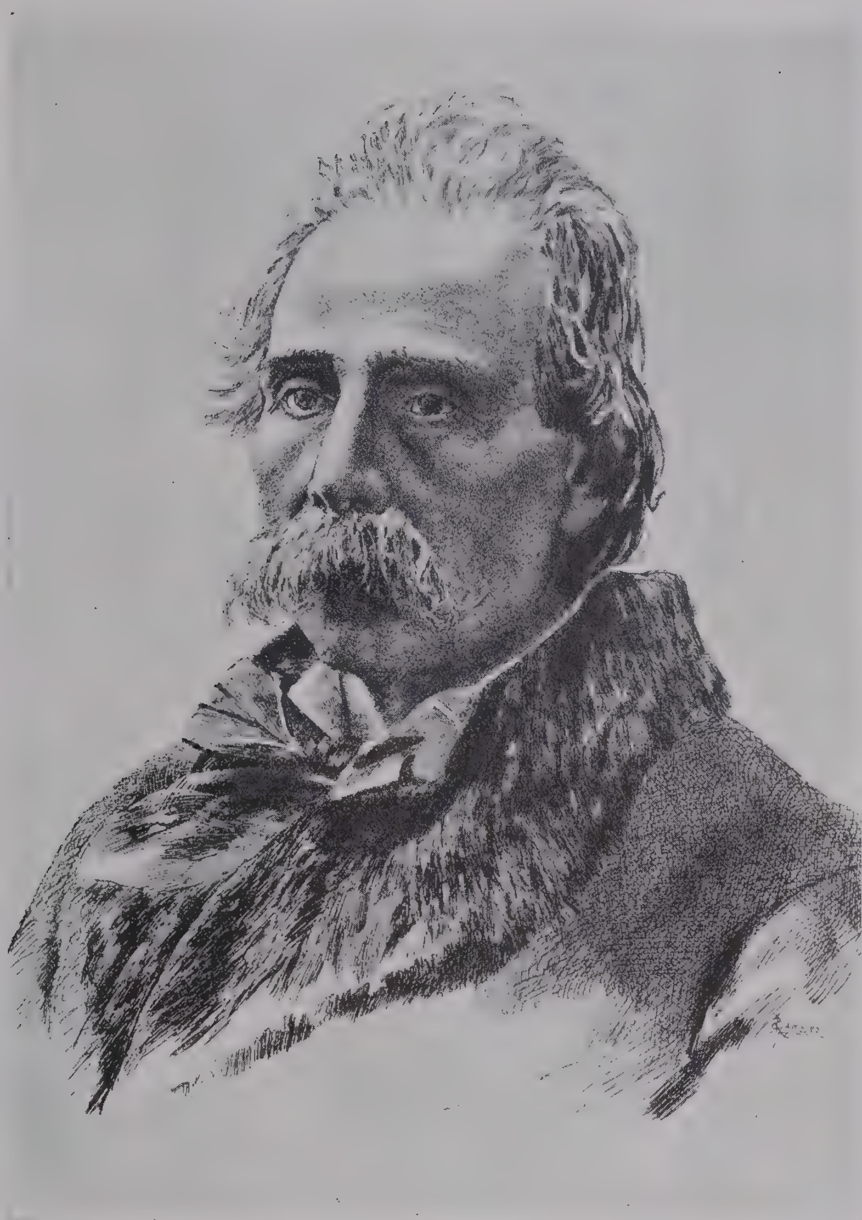
# IN MEMORIAM DE CAMILLO

Animosa mulher, olhou de frente
O abismo onde caira, e humildemente
Resignou-se a uma dura provação...

Os filhos na demência! e na cegueira
Aquele de quem foi a companheira
No Calvário de longa expiação!...

DELFIM GUIMARÃES





CAMILO CASTELO BRANCO — DESENHO DE ROQUE GAMEIRO REPRODUZIDO DO N.º 11, 1.º ANO, DO JORNAL HUMORISTICO «COMEDIA PORTUGUESA» DE 15 DE DEZEMBRO DE 1888

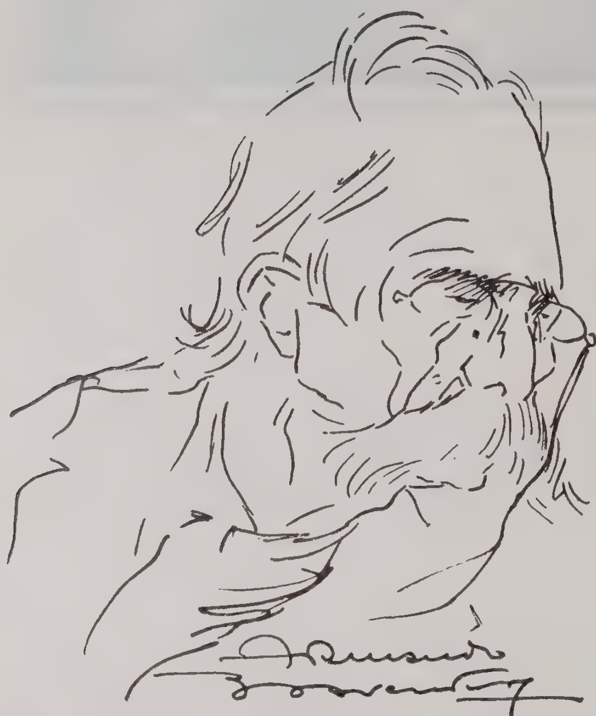


# ALGUMAS PALAVRAS SOBRE CAMILLO CASTELLO BRANCO

CAMILLO Castello Branco (Visconde de Correia Botelho) um dos genios mais fulgurantes de Portugal, cujo primeiro centenario se celebra no proximo ano, nasceu em Lisboa no dia 16 de março de 1825, tendo-se suicidado em São Miguel de Seide na tarde de 1 de junho de 1890. Poeta delicado e inspirado, romancista primoroso, dramaturgo brilhante polemista vigoroso e invencivel, numa palavra, poligrafo insigne, Camillo figura, por direito de conquista, entre os vultos mais discutidos e amados de toda a literatura portuguesa.

Autor de uma bibliografia vastissima e curiosissima na qual, com raro brilho, aborda os assuntos mais diversos, as obras de Camillo pertencem ao numero daquelas que, nunca envelhecendo, são e hão de ser sempre lidas com vivo interesse e agrado.

Não podendo fugir á sina que lhe predizia que era mister ser infeliz, nem às profecias do velho mendigo:



MÁSCARA DE CAMILO — DESENHO DE ARMANDO BOAVENTURA

*Chora e espera*

que

*. . . a toda a parte*
*a desgraça irá comtigo,*

a vida do grande romancista foi, desde criança, como não podia deixar de ser, um longo martirio que só findou com a morte.

Depois de uma tremenda luta contra a adversidade que, por fim, o venceu; perdido o ultimo clarão de Fé, de Esperança e de Luz, e esquecido de que:

*sobre ser grande peccado*
*o suicidio é cobardia,*

Camillo põe termo á existencia, para, numa nova contradição e ultimo sarcasmo do Destino, repousar no jazigo da familia Fortuna, ele que nunca deixou de ser desventurado!

Das enormes desilusões e amarguras sofridas pelo autor de *O Amor de Perdição* que já conta para cima de trinta

edições, fala bem expressivamente este precioso *In Memoriam* devido á iniciativa do ilustre Livreiro sr. Ventura Abrantes, e o soneto que a seguir reproduzo, e no qual Camillo se queixa da ingratidão dos pseudo amigos que, uma vez cego, o esqueceram, olvido que atingiu o cumulo após a morte do notavel romancista apenas velado de noite por Anna Placido, a fiel companheira de torturas.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Á semelhança do que aconteceu com Camões, Bocage, D. Francisco Manoel de Mello, Correia Garção e Gomes Leal, Camillo tambem experimentou as agruras da prisão, ás quaes se refere detalhada e pungentemente nas *Memorias do Carcere*.

Foi, aí, onde o *Torturado de Seide* começou a conhecer verdadeiramente a ingratidão dos homens, muitos dos quaes pertencem ao numero daqueles *cento e nove impavidos marotos*.

## OS AMIGOS

Amigos, cento e dez, ou talvez mais
Eu já contei. Vaidades que sentia;
Suppuz que sobre a terra não havia
Mais ditoso mortal entre os mortaes!

Amigos, cento e dez tão serviçaes
Tão zelosos das leis da cortezia,
Que já farto de os ver me escapulia
As suas curvaturas vertebraes.

## IN MEMORIAM DE CAMILLO

Um dia adoeci profundamente:
Ceguei. Dos cento e dez houve um somente
Que não desfez os laços quasi rotos.

— Que vamos nós (diziam) lá fazer?
Se elle está cego, não nos pode ver!...
— Que cento e nove impavidos marotos.

NUNO CATHARINO CARDOSO





# CAMILLO CASTELLO BRANCO, JORNALISTA

NUMA biografia, publicada em janeiro de 1863, na *Revista Contemporanea de Portugal e Brasil*, notava Luiz Augusto Rebello da Silva que «a gloria de Camillo, pela indole do seu talento e pelas galas que ornam os seus escriptos, não carece da posteridade para assignalar com viva luz o logar elevado que ocupa.»

Assim é, na verdade. E, ao traçar estas linhas — para condescender com quem m'as pediu, empenhado em render a Camillo mais uma homenagem — como simples homenagem tambem as escrevo. Porque sei bem que, por meio delas, não aumentarei, seja no que fôr, aquela perduravel gloria a que aludia o biógrafo.

Avisadamente acrescentava êste que o autor do *Homem de brios* e das *Memorias do carcere* só devia a si proprio a fama de que gosava.

Sem duvida que unicamente os seus privilegiados dotes

conferiram a Camillo uma realeza literaria que a todos logrou impor-se quer pela fanatica admiração que o seu génio a uns inspirava, quer pelo justificado temor que a sua pena descaroavel noutros infundía.

Nada, pois, mais inutil e estéril do que aspirar eu a engrandecer-lhe a reputação e o nome.

E bem dispensavel seria o meu concurso nesta obra se não houvesse conseguido reunir, mais abundantemente do que suponho que outros o teem feito, elementos de estudo quanto a uma faceta especial do talento de Camillo — a de jornalista, ou melhor, a de colaborador, em prosa e verso, de folhas periódicas — que tal foi o tema que o editor me destinou neste livro de glorificação justissima.

Camillo, como todos sabem, escreveu prodigiosamente para revistas e jornais.

«Muitos dos seus primeiros trabalhos (nota o Dr. Maximiano Lemos) ainda andam dispersos em periodicos que ninguem lê e que nem todos são faceis de encontrar» [1].

E o mesmo sucede com as suas cartas [2].

Na *Bibliografia Camilliana* do sr. Henrique Marques, imprescindivel auxiliar que rivalisa em paciencia e método com os congéneres trabalhos de Innocencio e de Brito Aranha, encontram-se copiosas indicações a respeito dos escritos de Camillo disseminados na imprensa periodica. Mas é precisamente nessa parte da sua obra que as deficiencias são maiores.

«*De todos os grupos apresentados nesta* Bibliografia (confessa o

[1] *Camillo e os medicos*, Porto, 1920, pag. 2.

[2] *Escritos de Camilo — Noticia* por Julio Dias da Costa, Lisboa, 1923.

Autor) *é este* (das revistas literarias, periodicas, e publicações de genero analogo) *o mais incompleto pela dificuldade em alcançar as collecções de jornaes em que Camillo mais ou menos collaborou* »[1].

De si proprio, como jornalista, deixou Camillo algumas curiosas, mas dispersas notas biograficas, não sendo das menos interessantes esta que representa um rapido, mas vivo, traço da altivez e independencia do seu caracter:

« Graças a Deus ainda não escrevi duas linhas a meu favor, nem sequer nas locaes do jornalismo. Até escrupulizo em dizer que devem ler-se romances: não vão cuidar que eu recommendo os meus »[2].




CAMILO E HENRIQUE MARQUES — DESENHO LITOGRAFICO DE NOGUEIRA DA SILVA REPRODUZIDO DA PAG. 8 DO N.º 45 DO JORNAL HUMORISTICO PORTUENSE « PONTOS E VIRGULAS », DE 18 DE AGOSTO DE 1894

Nas *Memorias do carcere* é que mais pormenorisadamente faz referencias aos seus primeiros anos de vida jornalistica.

Pela segunda vez (a primeira havia sido por motivo do rapto duma órfã[3], em 12 d'outubro de 1846) dera Ca-

[1] Pag. 202, nota.

[2] Citação feita pelo sr. Nuno Catharino Cardoso a pag. 25 do seu livro — *Camillo, Fialho e Eça* (Lisboa, 1923).

[3] *Camillo e os medicos*, pag. 80.

millo entrada na cadeia da Relação do Porto, em 1 de outubro de 1860, acusado então do crime de adulterio com D. Anna Placido.

«Principiei (escreveu êle) logo a publicar em folhetins do *Nacional*[1] a versão do livro de J. Droz — *L'art d'être heureux* — e os artigos principaes de politica»[2].

E acrescenta:

«Dava-me este pequeno trabalho duas horas de diversão em cada dia. E a diversão me bastava como estipendio: nenhum outro pedi, nem acceitei, quando m'o offereceram. *O Nacional*, periódico onde experimentei a vocação e a minha curta capacidade se desenvolveu, foi o unico jornal do Porto que affrontou a injustiça e o ouro, levantando a voz em meu favor».

Suponho que a alusão de Camillo á experiencia da sua vocação a reportava á inserção em O Nacional de varios dos seus primeiros escritos, em prosa e verso, alguns datados de Vila Real em 1847 e 1848[3]. E tambem foi neste ultimo ano que ali saiu a lume o folhetim inicial do romance historico — *Um episodio de Alcacer-Kibir* — publicado depois em O Eco Popular (outubro de 1848). O autor não

[1] «É o jornal em que Camillo terçou as suas primeiras armas de escriptor, e aquelle em que mais vasta é a sua collaboração» *Bibl. Camil.*, pag. 236.

[2] O sr. Henrique Marques, tratando da colaboração de Camillo em O Nacional, não alude a nenhum escrito desde 27 de julho de 1857 até 14 de novembro de 1862. Entretanto o proprio Camillo acusa essa colaboração a partir da sua entrada na cadeia, em outubro de 1860, e o Dr. Maximiano Lemos testemunha que êle tambem lá escrevia em 1858 (obra cit., pag. 237).

[3] O Dr. Maximiano Lemos, a pag. 622 do livro *Camilo e os Medicos*, cita alguns desses escritos, do ano de 1846, não registados pelo sr. Henrique Marques, cuja *Bibliographia* só se refere á colaboração de 27 de agosto de 1847 em diante.

consentiu que a publicação continuasse naquela primeira folha «porque a redacção se recusou á correcção de muitos e essenciaes erros de imprensa»[1].

Da transcrição acima feita vê-se, pois, que foi em O NACIONAL, que «era então o jornal portuense de mais acentuada feição litteraria»[2], e portanto no periodismo diario, segundo Camillo explica, que se lhe desenvolveu a capacidade literaria.

Explanando mais e melhor alguns episodios da sua vida de jornalista durante o ano em que permaneceu no carcere, assim prossegue a narrativa no segundo volume das *Memorias:*

«Já n'outro relanço disse que os meus primeiros trabalhos na cadeia foram a tradução do *Ensaio sobre a arte de ser feliz* de José Droz, e artigos de politica, politica innocentissima, politica de estylo para *O Nacional*».

«Ao terceiro mez senti-me revigorado para o trabalho, e com bastante socego para prender o espirito ás transformações da phantasia. Ensaiei-me, como quem começa, pelas leituras aturadas de livros portuguezes. Quando a alma fugia das ideias alheias para se infernar nas suas, lá ia a paciente razão arrancal-a, e de lá a vinha chamando com a luz da esperança que parece alimentar-se do mesmo oleo santo que flammeja e arde na lampada da religião.

«Da leitura passei á escripta. Tracei alguns capitulos do romance *Annos de prosa*[3] para a REVOLUÇÃO DE SETEMBRO e traduzi uma

[1] *Camilo e os medicos*, pag. 88.

[2] *Os amores de Camillo* por Alberto Pimentel, pag. 305.

[3] O sr. Henrique Marques, a pag. 249 da *Bibliographia*, declara que «não teve nunca occasião de verificar até que ponto isto é verdade, por não ter visto o jornal em questão neste anno».

O sr. Alberto Pimentel, em *Os Amores de Camillo*, pag. 299, diz que effectivamente êste começara a escrever no carcere, para publicar em folhetins na REVOLUÇÃO DE SETEMBRO, os *Annos de prosa* «onde D. Anna Placido é Rachel nitidamente photographada».

Esse romance só foi acabado em 1863 (Ib. pag. 336).

novella, muito apreciavel e consolativa, para o COMMERCIO DO PORTO.

.....................................................................

«Escrevi *Revistas do Porto* nos jornaes de Lisboa, e parece-me que tambem escrevi *Revistas de Lisboa* nos jornaes do Porto.

«Era de mais para quem não via nada!

«Formei parte duma redacção programmatica para o NACIONAL que esteve por um cabello a hombrear com o *Times* em tamanho corporeo e intellectual. Sahiram-lhe os fados esquerdos, e apenas se manteve em egualdade com o seu cofre de pagadoria.

«Tomei parte na redacção do 1.º DE DEZEMBRO, jornal anti-iberico, o qual valeria um Nuno Alvares e um Pinto Ribeiro se o iberismo não fosse um phantasma, e os apostolos da nacionalidade uns terroristas que já escassamente se aturam, de enfadonhos que são no palco. O jornal calou-se ha dias, deixando acamadas algumas resmas de mau papel e maus artigos, como pyramide monumental do seu patriotismo. De crer é que não tenham outro padrão os preclaros heroes de 1640.»

Em 1849, Camillo redigia o noticiario do NACIONAL, — a «*secção das frioleiras*», segundo o seu dizer [1] — cujos artigos de fundo eram escritos por um honrado político que veio a ser bispo de Viseu.

«Era eu (recordava Camillo algumas dezenas de anos depois) ás vezes quem escrevia os artigos dictados pelo egresso Antonio Alves Martins rapidamente e atabalhoadamente. Não mandava pontoar; e, no fim, dizia-me: Se você quizer, ponha lá as virgulas» [2].

Já vimos que, segundo êle proprio confessa, foi em O NACIONAL que Camillo experimentou a vocação. Ali foi que em 20 de fevereiro de 1850, teve o seu primeiro e publico desabafo poético a ardente paixão por D. Anna Placido,

[1] *Cartas de Camillo a Eduardo da Costa Santos*, pag. 34.
[2] *Obolo ás creanças*, pag. 159.

nos célebres versos com o titulo «...», que assim começam

*Era n'um baile. Ondulava*
*D'ouro e sedas o salão* [1].

Em O Nacional foi que muitos experimentaram tambem a dureza dos seus ataques, por vezes em proporções de rara energia e violencia. Assim sucedeu em 1852, por motivo duma questão entre duas das mais consideradas familias do Porto, originada no facto da baroneza do Bulhão haver intentado acção de separação de pessoas e bens contra seu marido, com fundamento em injurias e maus tratos recebidos.

«Camillo (conta o sr. conselheiro Antonio Cabral) tomou o partido pelo barão do Bulhão contra a baroneza e contra a familia Constantino, e em artigos de inexcedivel truculencia, escriptos no Nacional e transcriptos no Braz Tisana, depois reunidos em livro a que deu o titulo *Revelações*, desancou violentamente, como elle o sabia fazer, os adversarios do seu amigo» [2].

Foi até esta contenda jornalistica que determinou um dos mais graves conflitos em que Camillo se viu envolvido. Refiro-me ao incidente que podia ter tido as mais funestas consequencias, ocorrido entre o escritor e Antonio de Sales de Sousa Guedes Vieira (pertencente á familia Constantino Cabral, a que tambem pertencia a baroneza) o qual agrediu e maltratou o articulista de O Nacional.

[1] *Camillo desconhecido*, pelo conselheiro Antonio Cabral, pag. 89.
[2] *Camillo de perfil*, p. 50.
Esta questão tambem foi tratada por Camillo no *Eco Popular*, do Porto, segundo diz o sr. Henrique Marques (*Bibliogr.*, p. 10 e 240) e o sr. Alberto Pimentel, em *Os Amores de Camillo*, p. 15.

Assim o conta Ramalho Ortigão:

« Espancado na Rua de Santo Antonio, em reivindicação dum artigo de jornal contra a familia Constantino, então em demanda com a familia Bolhão, Camillo, já por terra com uma larga ferida na cabeça, antes de ser levado em braços para casa do alfaiate Augusto de Moraes, desfechou ao peito do agressor um tiro, de que êle escapou pela circumstancia de trazer em couraça um espêsso colete de peles » [1].

Em O Nacional, jornal predilecto de Camillo, voltou este a escrever em 1858 [2], e ainda, como já disse, desde outubro de 1860, logo que entrou para a cadeia da Relação do Porto.

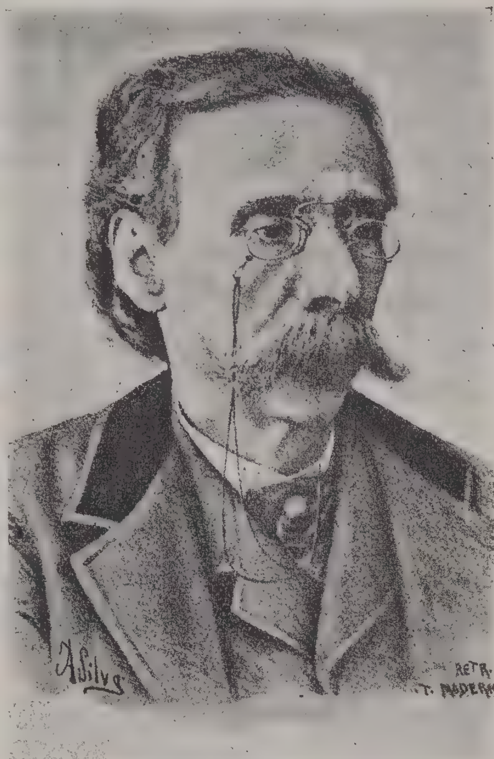
Dos mais antigos jornais em que colaborou foram tambem o Ecco Popular e o Jornal do Povo, ambos do Porto, e A Nação, de Lisboa.

No Ecco Popular publicou, alem dos trabalhos apontados pelo sr. Henrique Marques [3], em outubro de 1848 « um singular romance historico que ficou incompleto, e se intitulava *Um episodio de Alcacer-quibir* » [4], ao qual já aludi, ao referir-me ao primeiro folhetim inserto em O Nacional; em novembro seguinte, em folhetim, *Uns versos por despedida* e *Viagens* [5], assim como em janeiro de 1849, uns folhetins assinados por *Um saragoçano* [6].

No Jornal do Povo, entre varios escritos, sairam em 1850 uns folhetins de Camillo com o pseudonimo *Anastacio das Lombrigas* [7], e em 1851, *As commendas*.

[1] *Estudo critico* publicado na edição monumental do *Amor de Perdição*.
[2] *Camillo e os medicos*, p. 237.
[3] *Bibliogr.*, p. 240.
[4] *Camilo e os medicos*, p. 88.
[5] Ib., p. 92.
[6] Ib., p. 102.
[7] Ib., p. 106.

Em A Nação de 28 de novembro de 1849 veio a lume o celebre folhetim politico de ataque ao conde de Thomar, *O caleche;* e posteriormente diversas poesias — *O Templo, Lamentações de Jeremias* (27 março 1850), *Salvé rei!* (ao casamento de D. Miguel) e outra inspirada pela morte de D. Maria II.



CAMILO — REPRODUÇÃO D'UMA LITOGRAFIA DE A. SILVA, 1886

Colaborando em A Semana, de Lisboa, *jornal litterario* redigido por João de Lemos, Silva Bruschy, Ayres Pinto de Sousa e Aguiar de Loureiro, ali publicou grande parte do romance *Anathema* [1] que começou em maio e continuou até outubro de 1850, não o concluindo naquela folha, onde deixou de escrever desde que passou a ter outra redacção e a ser dirigida por Silva Tullio.

Em A Semana sairam as poesias de Camillo *Amai a Deus, Um anjo, O teu livro* e *Não chores,* e alguns artigos sobre *Artes,* assim como um, deveras curioso, àcerca da *Revista del Medio Dia*, ao qual adiante me referirei.

[1] «A publicação do *Anathema* na *Semana* ficou suspensa no fim do capitulo XV, a que, no livro, Camillo accrescentou, para fecho do capitulo, esta phrase: «A historia, essa é que o padre não esquecia por coisa nenhuma.» *O Romance do romancista,* p. 194.

Muitas poesias tambem de Camillo ficaram arquivadas na MISCELLANEA POETICA (1851-52, Porto)[1], e em O BARDO (Porto 1852-57), de que eram redactores Antonio Pereira Caldas e Faustino Xavier de Novais.

Impelido por uma das suas crises de fervor religioso, muito escreveu em dois semanarios católicos do Porto, O CHRISTIANISMO (1852) e A CRUZ (1853).

No primeiro, cuja redacção êle dizia ser-lhe «empresa tanto mais sublime quanto receiosa», sustentou com o professor Pedro d'Amorim Vianna, então redactor de A PENINSULA, uma longa e acalorada polémica «em que Camillo combatia pela Fé, e Amorim Vianna pela Razão»[2], e a esse periodico destinou primitivamente alguns capitulos do livro impresso em 1865 com o titulo *Horas de paz*.

Em A CRUZ, periodico redigido por êle e por Augusto Soromenho, tambem vieram primeiramente a lume outros capitulos daquele mesmo livro, e ali publicou o romance *Temor de Deus*[3] reeditado em volume com o titulo de *Lagrimas abençoadas*.

No PORTO E CARTA, diario portuense de que Camillo foi redactor principal (1851-58), teve, segundo testemunha o autor da *Bibliographia*, «uma grande collaboração anonyma», pois «só desde 1855 foram todos os seus escriptos assignados».

Num folhetim citado pelo sr. Henrique Marques (pag. 242 da *Bibliographia)* e publicado no PORTO E CARTA de 29 de fevereiro de 1856, lê-se a seguinte curiosa nota referente a um pseudonimo que Camillo já havia adoptado em 1850,

[1] *Camillo e Eça de Queiroz*, pelo conselheiro Antonio Cabral, p. 45.

[2] *O romance do romancista*, p. 201.

[3] «Romance moral que principiara a publicar no *Christianismo*, que depois continuara na *Cruz*». *Os amores de Camillo*, pag. 199.

em folhetins do JORNAL DO POVO, mas de que outrem se apropriara:

«De hoje ávante deixo de ser Anastacio das Lombrigas. Não sei que imbecil instaurado num jornal de Braga, se lembrou de ser meu homonymo. Este tortulho litterario bem poderia adoptar-se um pseudonymo escolhido entre os muitos que o imaginoso Buffon lhe proporciona. Cedo-lhe a elle a propriedade das Lombrigas, e felicito pela acquisição a terra das frigideiras. Ex-Anastacio».

Depois de 1852 tambem colaborou, em prosa e verso, em O PORTUENSE (1853-54) onde saiu, em novembro de 1853, em folhetim, o conto *Aventuras dum boticario d'aldeia,* e em dezembro o romance *A Caveira;* em A CONCORDIA e A VERDADE [1], que em 1855 era por êle redigida [2], e onde então inseriu, alem das *Memorias de alem campa de um Juiz eleito,* reproduzidas em O NACIONAL [3] e tambem no JORNAL do COMMERCIO (em 1864), uma longa carta, em verso, em que o romancista se queixava das inimisades que o perseguiam [4].

Muito escreveu igualmente para a AURORA DO LIMA, de Vianna do Castello [5], de que foi colaborador assiduo nos primeiros tempos [6] e onde publicou diversos folhetins (1856)

[1] *Camilo e os medicos,* p. 195.

[2] Ibd. p. 232.

[3] *Escritos de Camilo* por J. Dias da Costa, p. 158.

[4] *Camilo e os medicos,* p. 147.

[5] «Pensou então em buscar um sitio, ameno e saudoso, menos distanciado do Porto. Lembrou-se do Minho, e foi assentar domicilio em S. João de Arga, arrabalde de Vianna do Castello, certamente attraido pelos irmãos Barbosa e Silva, seus amigos dilectos.» *Os amores de Camillo,* p. 209.

[6] Para ir «grangeando o suado pão da existencia» *Divindade de Jesus e tradição apostolica,* cit. pelo sr. Alberto Pimentel em *Amores de Camillo,* p. 209.

alguns com o pseudonimo de *João Junior* [1] e os romances *Carlota Angela* (1858) e *A Natureza das coisas* (1859). Ali apareceu pela primeira vez o trecho da descrição do desenterramento da Maria do Adro, inserto em 23 e 27 de março de 1857, e no qual «há muito de fantasia» [2].

Com Evaristo Basto e Coelho Lousada, pertenceu Camillo á redacção do Clamor Publico (1856-57) onde viu a publicidade, em folhetins, o romance *Homem de brios*. Abandonou, porém, êsse jornal com declaração publica, acompanhado daqueles seus dois amigos, em 19 de fevereiro de 1857.

O Mundo Elegante (1858-62) foi redigido por Camillo, sendo de sua autoria, alem de muitos outros escritos, a *Noticia dum viajante em Portugal ha 393 anos,* reaparecida mais tarde, em 1867, sob o titulo — *Portugal ha 400 anos* — no volume *Cousas leves e pesadas*, depois de haver sido reproduzida em A Revolução de Setembro, e no Diario do Rio de Janeiro, em 1861.

O Atheneo (Coimbra 1859-60) teve como redactores Camillo, J. C. Vieira de Castro e A. Victorino da Motta, colaborando o primeiro em quatro dos cinco numeros publicados.

Embora diminutamente, tambem colaborou Camillo em O Civilisador (Porto 1860-65) assim como no Archivo Pittoresco (Lisboa 1863) e na Chronica dos Theatros (Lisboa 1862-63).

O Commercio do Porto é um dos jornais em que se encontram maior numero de romances de Camillo, tais como *As tres Irmãs* (1861) *Estrellas funestas* e *Estrellas propicias* (1862) *O bem e o mal* (1863), *A filha do Doutor Negro* e *Vinte horas de liteira* (1864), *Lucta de gigantes* (1865), *O Santo da Montanha* (1866), *Um viajante do Minho* e *O Senhor do Paço de Ninães* (1867) [3].

[1] *Camilo e os medicos*, p. 245, n. 3.
[2] Ibid., p. 8, n.º 1.
[3] O Commercio do Porto de 23 de novembro de 1924.

E' de notar que, segundo o testemunho de Joaquim de Araujo, numa carta de justos elogios, mas tambem de aditamentos e correcções á *Bibliographia Camilliana* [1], dirigida ao autor deste valioso trabalho, o «unico logar em que Camillo rubricou, com o seu nome transformado, um escrito literario», foi o folhetim do n.º 91 do COMMERCIO DO PORTO de 13 de abril de 1887, em que o *Visconde de Correia Botelho* aprecia, com os maiores encomios, os estudos da Sr.ª D. Carolina Michaëllis de Vasconcellos ácerca de Sá de Miranda, a propósito da edição anotada das *Poesias* daquele nosso insigne escritor, publicada em 1885.

Outra importante folha, de Lisboa, O JORNAL DO COMMERCIO, inseriu, durante alguns anos, folhetins de Camillo. Ali se publicaram *O esqueleto* [2] e *Memorias de alem campa de um Juiz Eleito* (1864), *Queda de um anjo* (1865), *Olho de vidro* (1866), *Memorias ineditas de D. Frei João de S. Joseph Queiroz, bispo do Grão Pará* (1867), *Mysterios de Fafe* e *Retrato de Ricardina* (1868).

E alem destes escritos, todos mencionados na *Bibliographia Camilliana*, á excepção dos dois ultimos, embora o *Dicionario Bibliographico portuguez* já os registasse [3], tambem no JORNAL DO COMMERCIO foram insertos mais estes escritos de Camillo: *Leiam*, em folhetins nos n.ºs 3074 a 3082 (1864) e *A innocencia das aldeias* no n.º 4425, em 1868 [4].

Entre outros jornais diarios de Lisboa, ainda Camillo

[1] *Sá de Miranda, com uma carta ácerca da Bibliographia Camilliana de Henrique Marques*, p. 29.

[2] Camillo publicara outro romance com o titulo *O esqueleto*, em 10, 13 e 14 de julho de 1847, em O NACIONAL, mas que «nada tem com o que depois foi publicado em volume sob o mesmo titulo» (1865) e que fôra inserto primeiramente no JORNAL DO COMMERCIO *(Bibliogr. Camil.*, p. 236 e 250).

[3] Tomo 9.º, p. 10.

[4] JORNAL DO COMMERCIO E DAS COLONIAS de 17 d'outubro de 1917 e numeros seguintes.

colaborou na GAZETA DE PORTUGAL, de Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos (1863), onde tambem escreveu D. Anna Placido, e que era uma das folhas quotidianas mais bem redigidas daquela epoca [1].

Um dos periodicos literarios contemplados por Camillo com a sua colaboração em prosa e verso, foi a REVISTA CONTEMPORANEA DE PORTUGAL E BRAZIL, fundada em 1 de Abril de 1859, em Lisboa, sob os auspicios e com o concurso dos melhores escritores de então.

Foi na REVISTA que, em janeiro de 1863, saiu a lume, a acompanhar um retrato de Camillo, a biografia d'este a que aludi no começo do presente estudo.

Ali publicou êle, no primeiro ano, a colecção das seis historias de *Casamentos, Aquella mulher d'azinhaga,* e depois *A Carteira dum suicida* (abril de 1862), as cartas a Ernesto Biester com o titulo — *Poetas e prosadores* (1862) e a poesia *A mensageira do céo* (dez. de 1862).

Á ENCICLOPÉDIA POPULAR, (Lisboa 1867-68) dirigida por João José de Sousa Telles, destinara Camillo as *Chronicas do Minho*, que deviam compreender «varios romancinhos e narrativas ageitadas ao formato do livreto», segundo dizia em carta de 16 de fevereiro de 1867, a Castilho, que parece se interessava pela publicação, que era em fasciculos mensais e teve dificil vida.

Não chegaram a ser lá insertas as *Chronicas* pelo motivo constante de outra carta de Camillo a Castilho, em 10 de maio do mesmo ano, bem honrosa para o primeiro:

«O Telles escreveu-me dando-se como impossibilitado de pagar os artigos. Em virtude de que lhe mandei outro enorme com a

[1] *Factos e homens do meu tempo*, por Brito Aranha, T. I p. 160.

condição de m'o não pagar. Auxiliemol-o, porque é infeliz. E se os infelizes se não socorrem, fica a gente sem saber a que veio Jesus ao mundo»[1].

A Gazeta Litteraria do Porto (1868), periodico semanal, redigiu-a Camillo, de colaboração com D. Anna Placido, que escrevia sob o pseudonimo de Gastão Vidal de Negreiros.

A tal propósito, é interessante transcrever os seguintes periodos duma carta de Camillo a Castilho, de 28 de setembro de 1867:

«Contra o parecer de V. Ex.ª, a meu ver sisudissimo, aceitei a direcção da *Gazeta Litteraria do Porto*. Isto ha de viver pouco. O fedor do bacalhau d'aqui faz tuberculos nos bofes destes periodicos em que se não dá o preço do feijão e do sumagre. Se pouco viver menos terei que perder.

«Não peço a V. Ex.ª a sua collaboração, mas aceito-a com muito reconhecimento. Não lh'a peço porque os proprietarios dão 1.600 rs. por pagina. Deus me livre do opprobrio de offerecer isto a Antonio Feliciano de Castilho»[2].

O *Mosaico e sylva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas* é a compilação, quase completa, dos artigos insertos por Camillo neste semanário de pouca dura[3].

[1] *Cartas* cit., pag. 194, 201 e 289.

[2] *Cartas* cit., pag. 206.

[3] Aludindo á *Gazeta litteraria*, em carta de 9 dagosto de 1868, dirigida ao bibliófilo Innocencio Francisco da Silva, dizia lhe Camillo que ela morrera no n.º 16. E acrescentava:

«Estrangulou-a o proprietario roubando os assignantes, e roubando me a mim 70$ rs. Não me espanta. É o 4.º velhaco que me explora. Difficilmente serei logrado por outro.»

Esta carta vem incluida a pag. 56 do livro do sr. Visconde de Villa-Moura — *Camillo inedito*.

O proprietario devia ser Anselmo de Moraes, a quem, por motivo da

É curioso que, havendo um poeta enviado a Camillo uma composição para a Gazeta Litteraria, o romancista, embora achasse nos versos «graça e originalidade, coisas que escassamente se nos deparam abraçadas, e ainda mesmo em separado», não lhos publicou, justificando-se nestes termos, que resumiam a sua orientação como director daquele periodico:

«Deliberei esquivar quanto pudesse a Gazeta Litteraria a poesias, por saber que não ha quem as leia, ainda que ellas venham recommendadas pelos mais grados nomes da familia litteraria, que, por ironia, se chama *republica*» [1].

E acrescentava:

«Alem de quê, tenciono empenhar-me, ainda com os collaboradores em prosa, para que mantenham uma tal seriedade na

*Gazeta*, Camillo escreveu duas cartas reproduzidas a pag. 25 a 27 do Tomo II das *Cartas de Camilo Castelo Branco* coleccionadas pelo sr. Cardoso Martha.

E a proposito do livro do sr. Visconde de Villa-Moura, e das cartas ali coligidas, notarei que deve ser tambem Innocencio o destinatario da segunda, reproduzida a pag. 137, entre as *Diversas* de destinatarios desconhecidos.

A pregunta final de Camillo: «Qu.do temos o 1.º vol. supplem. ao Dicc.?» é clara referencia ao tomo 8.º do *Diccionario Bibliographico Portuguez* (1.º do *Supplemento*) publicado por Innocencio no mesmo ano em que foi escrita a carta.

[1] Como era vulgar em Camillo, não manteve firme este intuito. Quase ao mesmo tempo que repudiava os versos de Antonio dos Santos Silva, aceitava outros, que parece não lhe agradaram muito, de Bulhão Pato, mas que lhe foram recomendados por Castilho, a quem assim escrevia, em carta de 29 de janeiro de 1868 (*Cartas* cit., pag. 216):

«Tencionava eu não publicar versos, senão bons, na *Gazeta*; estes, porem, remettidos por indicação de V. Ex.ª, serão impressos».

E comentava irónico, aludindo ao autor dos versos:

«Aquelle homem, quando deixará de amar! Em Portugal, por via de regra, quem escrever um soneto á visinha, aos quinze annos, entende que lhe corre a obrigação de ser Anacreonte».

*Gazeta* que os faça parecer a todos homens que não abrem a torneira á inspiração sem sorverem duas pitadas do meio grosso, como eu estou fazendo» [1].

O que é facto, porém, é que nestas recomendações e preceitos, Camillo parecia-se com o Frei Thomaz do bro-



CAMILO — DESENHO (NÃO ASSINADO) REPRODUZIDO DA PAG. N.º 73 DA REVISTA «GENTE LUSA», N.$^{os}$ 4-5, SERIE II, 1917

cardo popular. Se, de facto, impunha a seriedade mais grave aos colaboradores, raramente se dispensava de empregar, para seu uso, a mais acerada ironia ou a mais desenfastiada graça; e, se não queria versos alheios na Gazeta propria, mandava com frequencia versos proprios para as gazetas alheias.

Vejam-se, para exemplo e prova, as colecções de O Nacional, A Semana, O Bardo, A Nação, O Mundo Elegante, a Miscelanea Poetica, A Verdade, o Jornal das Damas, para só falar em periodicos de mais remota data.

[1] *Cartas de Camilo Castelo Branco*, T. I, p. 75. Carta a Antonio A. dos Santos Silva.

Assim como da GAZETA LITTERARIA DO PORTO Camillo fez passar para volume a colecção dos escritos lá publicados, assim tambem nos tomos das *Scenas innocentes da comedia humana* e dos *Esboços de apreciações litterarias* se encontram reunidos os artigos que havia enviado ao FUTURO, do Rio de Janeiro, de que era redactor principal um seu intimo amigo e companheiro, o poeta Faustino Xavier de Novaes, e onde sairam alguns capitulos do romance *Agulha em palheiro* (1863).

No DIARIO DA TARDE (Porto, 1871) «onde a collaboração de Camillo foi extensa», acha-se reproduzida a materia do BICO DE GAZ [1], cujo numero I declarava ter como *redactor em chefe* «o *antigo juiz das almas de Campanhã*» e como *collaboradores* «*vários espíritos eminentes do século* XIX», mas que foi todo escrito pelo romancista, e de que não saiu senão o numero aludido, em maio de 1854. Segundo o testemunho de Silva Pinto, a polemica sustentada por êle com Camillo «durante os meses de março a julho de 1874, tem os seus documentos nas colunas da *Actualidade* e do *Diario da Tarde*» [2].

Nas ARTES E LETRAS (1872-75) revista mensal ilustrada, de Lisboa, publicou *Aquella casa triste...* e, sob o titulo *Elisa Loeve Weimar*, o escrito antes incluido nas *Noites de Lamego* sob o titulo *A formosa das violetas*, e depois, em 1880, em opusculo denominado *Suicida*.

Para A REPUBLICA DAS LETRAS (Porto, 1875) revista mensal dirigida por João Penha, escreveu Camillo *A sinceridade de Boileau* «que é, na sua essencia, um excerto do *Curso de Litteratura Portugueza*, saído a lume no ano seguinte» [3].

Em A ARTE (Lisboa, 1879-81) sairam os primeiros capi-

[1] Joaquim de Araujo, obra cit., p. 36.

[2] *Controversias e estudos litterarios*, p. 160.

[3] Julio Dias da Costa, obra cit. p. 125.



CAMILO — SANGUINEA DO PINTOR ANTONIO CARNEIRO

tulos do romance *A Brazileira de Prazins* e alguns outros escritos.

A Bibliographia Portugueza e estrangeira (1879-83) da casa Chardron, do Porto, contem uma larguissima colaboração de Camillo «quase toda reproduzida depois nos *Narcoticos* e noutras publicações»[1], e versando apreciações de livros recem-aparecidos. Era mensal e consta de 4 volumes in-8.º, que encerram, entre outros muitos escritos, grande parte das celebres polemicas com os criticos do *Cancioneiro Alegre* e com Alexandre da Conceição.

Ás Ribaltas e Gambiarras (1881), revista dirigida por D. Guiomar Torrezão, destinou Camillo artigos da violenta polemica mantida com Alexandre da Conceição a proposito do *Eusebio Macario,* romance de processos novos em cuja dedicatoria o segundo julgou ver uma afronta à escola realista.

Foi essa uma das mais acesas contendas jornalisticas que Camillo sustentou, ali e na Bibliographia Portugueza e Estrangeira[2].

Em O Panorama Contemporaneo (Coimbra, 1883) quinzenario a principio dirigido por Trindade Coelho, e em A Folha Nova (Porto 1882-86) tambem se encontram escritos de Camillo, sendo, neste ultimo periodico, um artigo sobre *Etnographos palacianos*, outro sobre a *Morte de Philarète Chasles,* etc.

Em O Primeiro de Janeiro, do Porto, onde Camillo publicou «a *Necrologia do commendador Vieira de Castro,* as cartas a Germano de Meyrelles, por motivo do processo do grande tribuno dêste nome, e a João d'Oliveira Ramos, em

[1] *Bibliogr. Camil.*, p. 218.

[2] «Esta polemica encontra-se completa na Bibliographia Portugueza e Estrangeira de Chardron (n.os 1 a 12). Os artigos de Camillo foram ainda reproduzidos na *Bohemia do espirito*» — *Camillo inedito,* pag. 29.

occasiões varias»[1], foi publicado em 17 de julho de 1884, um folhetim seu com o titulo *O Paraguay da Europa.*

«Oliveira Martins respondeu no jornal de 22 e Camillo replicou em 24. Mais tarde os três folhetins foram reproduzidos na *Bohemia do Espirito* com o titulo *Os Jesuitas e a Restauração de 1640*»[2].

E a este propósito não deixa de ter interesse reproduzir a seguinte nota extraida duma carta de Camillo ao editor Eduardo da Costa Santos em 22 do aludido mês de julho:

«Se houver contenda demorada com o O. Martins — o que me não parece provavel — continual-a-hei no *1.º de Janr.º* E, se eu vir que o homem se azeda, levantarei mão da questão, p.r que não me quero indispor com elle, nem vale a pena sustentar, por amor de uma caturrice historica, a pasmaceira das galerias»[3].

Em A Alvorada (1885-86) de Vila Nova de Famalicão, terra onde Camillo viveu em epoca de fecunda actividade literaria, ficaram arquivados diversos escritos seus, já impregnados do desalento e das angustias morais e fisicas que tão cruelmente lhe torturaram o final da existencia, e que tão outros se mostravam dos que, vinte anos antes, d'ali mesmo enviava aos periodicos mais importantes que lhe disputavam a colaboração.

[1] Joaquim de Araujo, obra cit., p. 36.

[2] *Cartas de Camillo Castello Branco a Thomaz Ribeiro*, p. 118.

O sr. H. Marques tambem regista, a pag. 251 da sua *Bibliographia*, um comunicado de Camillo para o Primeiro de Janeiro, em 17 de nov. de 1889, noticiando o «bom resultado tirado das pastilhas inventadas por um tal Rebello»!

Seriam do medico homeopata Rebello da Silva, de Lisboa, que, precisamente nessa epoca, era o assistente de Camillo, que nêle depositou, durante mêses, uma fé como talvez lhe não inspirasse nenhum outro clínico? (V. *Camilo e os medicos*, p. 620 e seguintes.)

[3] Cit. *Cartas*, pag. 42.

Em as Novidades, de Lisboa, de 26 de maio de 1887, lia-se um artigo de Camillo intitulado — *Procissão dos mortos* — (rol de escritores falecidos, todos do norte) depois incluido no *Obolo ás creanças* e do qual o Autor disse que «sentiu certo prazer em falar de escriptores ha 40 annos esquecidos», na carta em que convidava Bulhão Pato a escrever dos mortos da região do sul [1].

No Circulo Camoneano (Porto, 1889-92) revista mensal dirigida por Joaquim de Araujo, puderam ainda ser admiradas algumas suas «notaveis paginas, entre ellas uma serie de artigos sobre Manoel de Faria e Sousa» [2]; no Diario Illustrado (Lisboa) trouxe Camillo em 1889 «uma polemica com Pinheiro Chagas ácerca da celebre lenda do Machim, polemica que, sob este mesmo titulo, veiu depois reproduzida no livro *Historia e Sentimentalismo*» [3]; em O Imparcial (Lisboa 1887-89) a sua colaboração foi principalmente em verso; e em A Republica (diario portuense) veiu inserto, em 22 d'abril de 1890, um folhetim de Camillo — *As raças latinas a Guerra Junqueiro, Canto VI do poema inedito intitulado «Exterminação da Inglaterra»* — em relação ao qual o sr. Henrique Marques anota o seguinte:

«É datado de S. Miguel de Seide, de 14 d'abril de 1890 e supponho que a ultima publicação inedita do grande escriptor, feita em sua vida. Outro trecho deste mesmo poema veiu no numero unico do Anathema, mas datado de março do mesmo anno» [4].

Finalmente, pelo que diz respeito á ultima revista em que,

[1] *Cartas de Camilo Castelo Branco,* T. I, p. 103.
[2] Ib., T. II, p. 129 n.
[3] *Bibliographia Camilliana,* p. 252.
[4] Ib. p. 259.

mais ostensiva do que assiduamente figurou como redactor, As Republicas (Lisboa, 1884-86) encontram-se na correspondencia de Camillo com o fundador do periodico — Thomaz Ribeiro — curiosas notas reveladoras do juizo que êle formava de tal publicação, cujo primeiro numero tem a data de 6 de dezembro de 1884, figurando, a partir do n.º 3, Thomaz Ribeiro como *Director-politico* e Camillo como *Director-litterario* [1].

Decorrido mês e meio, já êle preguntava desconfiado:

« O nosso periodico tem leitores? Estou que o acham seriamente engravatado de mais; mas como os outros andam em mangas de camisa, pode ser que o leiam como contraste e anachronismo » [2].

Desenganado, porém, do exito da publicação, assim expendia as suas ideas àcerca dos defeitos dela e do que entendia dever fazer-se, no caso de se tentar outra nova:

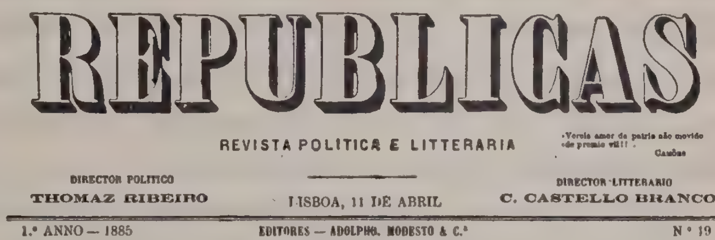
« Não podemos fazer nada deste periodico. Nasceu incuravelmente aleijado — pelo formato, pelas condições de hebdomadario — pela falta de noticiarismo diario, pela gravidade da redacção, pela collaboração revelha e sem interesse litterario, de alguns amigos, bem intencionados, mas fugidos do Almanak para onde devem regressar».

« Olha, T. Ribeiro, a minha opinião é que te aguentes na 1.ª serie e vejas se podes sem pêrda acabar com isso. E depois pensaremos em uma *Revista quinzenal* — politica, litteraria e critica — com 32 paginas em 8.º, na qual eu entrasse com um capitulo de romances, tu com uma revista politica e uma poesia, o Caldas com um artigo de critica literaria, e, se podesse ser (pagando-lhe) a D. Maria Amalia com o que quizesse, e mais alguem que se encarregasse do *Carnet Mondain*. Assim creio que fariamos uma coisa bonita mas lucrativa » [3].

[1] *Cartas de Camillo Castello Branco a Thomaz Ribeiro*, p. 117.
[2] Ib., p. 58.
[3] Ib., p. 59.

Foi este mais um plano malogrado, como 5 anos antes, em 1880, se malograra tambem, depois de curta vida, um quinzenario em que puzera muitas esperanças — os Echos Humoristicos do Minho —, no qual reproduzia as cartas quinzenais que enviava ao Cruzeiro, jornal do Brasil, e de que êle dizia ao editor Chardron: «estou que hão de ser recebidos, senão com igual alvoroço (ao que despertou o folheto *Ratazzi)* com mais elogio dos entendidos», aconselhando que fossem «no formato das *Farpas*» [1], como efectivamente foram.

O pouco interesse que inspirava a Camillo a publicação para que o chamara Thomaz Ribeiro. e na qual tão graves defeitos reconhecia, e a diminuta importancia que lhe ligava inferem-se desta passagem duma carta sua a Joaquim d'Araujo, em 22 de outubro de 1885, isto é, passados mais de 11 mêses sobre a iniciação da revista:


REPUBLICAS

REVISTA POLITICA E LITTERARIA

«Vereis amor da patria não movido
de premio vil!!»
Camões

DIRECTOR POLITICO THOMAZ RIBEIRO — LISBOA, 11 DE ABRIL — DIRECTOR LITTERARIO C. CASTELLO BRANCO

1.º ANNO — 1885 — EDITORES — ADOLPHO, MODESTO & C.ª — N.º 19

CABEÇALHO DA REVISTA POLITICA E LITERARIA «REPUBLICAS» DE QUE FOI DIRECTOR LITERARIO CAMILO CASTELO RRANCO

«Escrevi para as Republicas duas bagatelas, porque, sendo eu o director literario, nunca dera nada inedito ao T. Ribeiro» [2].

Á extensissima, e, apezar disso, certamente incompleta lista dos periodicos onde Camillo colaborou [3] devem acrescentar-se

[1] *Cartas de Camilo Castelo Branco*, T. II, p. 84.

[2] Ib., p. 126.

[3] Nunca me propus, neste trabalho, dar a nota completa das publicações periodicas enriquecidas com a colaboração de Camillo. E tambem divirjo do crite-

três notaveis publicações que, embora não tenham o caracter propriamente jornalistico, e por isso decerto o sr. Henrique Marques as não cataloga nos respectivos grupos das *revistas,* foram, em todo o caso, periodicas, e, como tais, as incluiu Silva Pereira nos seus excelentes livros — o *Jornalismo portuguêz* e *Os jornaes portuguezes, sua filiação e metamorphoses* (1896 e 1897).

Quero referir-me às NOITES DE INSOMNIA (1874); ás NOVELLAS DO MINHO (1875-77); e aos SEROENS DE S. MIGUEL DE SEIDE (1885-86), todas mensais, sendo a segunda impressa em Lisboa, e as outras duas no Porto, e das quais, provavelmente, Camillo repetiria, com o seu habitual sarcasmo, o que, anos antes, dizia, em carta a Castilho, àcerca de outros trabalhos que trazia entre mãos: — «pequeninos volumes, á proporção das pequeninas almas dos editores» [1].

Das NOITES DE INSOMNIA «*offerecidas a quem não pode dormir*», escreveu o Visconde de Benalcanfor:

«Reflectindo innumeros prismas variegados, as paginas das *Noi-*

rio seguido pelo sr. Henrique Marques, ao incluir nas listas de tais periodicos até aqueles em que apenas se encontram reproduções, *post mortem*, de escritos camillianos. Não considero que, em tais casos, Camillo *colaborasse* neles, como diz o sr. Marques, pois aquele verbo exprime uma *acção* incompativel com a *inacção* d'um morto.

Por isso eu, nas listas que constituem o 5.º grupo, a pag. 278 e seg. da *Bibliographia Camilliana*, abateria talvez mais de metade dos periodicos relacionados, preenchendo algumas dessas baixas com as indicações dos que lá faltam, como A CONCORDIA, A VERDADE, a GAZETA DE PORTUGAL, o DIARIO DA TARDE, o CIRCULO CAMONEANO, o DIARIO DE NOTICIAS, etc.

Bem basta, para tornar fatigantissimo um trabalho bibliografico da natureza daquele a que o sr. Henrique Marques tão meritoriamente meteu ombros, limita-lo aos escritos que, em vida, Camillo expressamente destinou aos jornais ou revistas, para onde espontaneamente os mandava ou donde empenhadamente lhos solicitavam.

[1] *Castilho e Camillo* — Correspondencia trocada entre os dois escritores, anotada por João Costa (1924) pag. 40.

*tes de Insomnia* affiguram-se-nos as vistas diversissimas e sempre cambiantes de um kaleidoscopo.

«Agora a malicia caustica...; logo a satyra e a invectiva aceradas, voando rapidas e certeiras ao alvo de seus tiros; em seguida um romance apaixonado e commovente, como o que se intitula *Aquella casa triste*...» [1].

Nas Noites de Insomnia, constituidas por 12 volumes in-8.º, de 100 paginas cada um, correspondentes aos 12 mêses de 1874, foi publicada parte da polemica violenta entre Camillo e Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento, sobre propriedade literaria [2].

As Novellas do Minho constituem uma serie de 8 pequenos romances, em 12 volumes mensais, in-8.º peq., de 80 e 100 paginas cada um.

Aos Seroens de S. Miguel de Seide sub-intitulava-os o Autor «*Chronica mensal de litteratura amena, — Novellas, polemica mansa, critica suave dos máos livros e dos máos costumes.*» São 6 volumes in-8.º peq., de 70 a 80 paginas.

*

* *

Propositadamente deixei para o fim a referencia, que para muitos oferecerá novidade, visto que nem sequer lhe faz alusão o sr. Henrique Marques na sua *Bibliographia* — á colaboração de Camillo no Diario de Noticias, porque, a tal proposito, alguns elementos documentais posso aqui transcrever que alongarão um pouco tal referencia, mas que certamente despertarão interesse naquelles em quem se mantem, cada vez mais fervoroso, o culto camilliano.

[1] *Phantasias e escriptores contemporaneos*, p. 160.

[2] Julio Dias da Costa, obra cit., p. 32.

São algumas cartas, quasi todas dirigidas a Eduardo Coelho, o bondoso e benemérito fundador do Diario de Noticias, de Lisboa, cuja obra jornalistica eu tive o honroso encargo de continuar durante mais de 25 anos, e nas quais o romancista se propunha regular as condições da sua colaboração naquela folha.

Mostram elas a forma como Camillo negociava os seus escritos e fazia os seus contratos literarios com empresas jornalisticas.

E mostram tambem com que desleixo de redacção e de ortografia Camillo escreveu essa correspondencia, que aliás se destinava a pessoa que êle tratava cerimoniosamente. As *Senhorias* alternam com as *Excellencias,* até na mesma carta (a VII), assim como na mesma carta (a I) se chama ao periodico — Jornal de Noticias e Diario; o nome da localidade donde enviou algumas delas, é ortografado na III — *Famalicão* — e nas outras — *Famalicam* —; escreve deste modo as palavras *vereficar, incarecidamente, devisão, clauzula, ingodo, pertençoens,* que não apresentam conformidade com nenhum sistema ortografico aceitavel; e assina de 5 modos diversos: *Camillo Cast.º Br. — Camillo C. Br. — Cam. Cast.º Br. — Camillo Castello Br. — C. Castello Br.,* sendo as cartas apenas 8, das quais 7 do mesmo ano!

E' de notar, porém, que com esta variada e um tanto desordenada maneira de redigir, contrastava singularmente o talhe bem lançado da letra, a forma regular e cuidada da caligrafia, em quasi todas as cartas digna de que se lhe aplicassem as proprias palavras do Autor, ao participar a José Silvestre Ribeiro, em carta de 16 de setembro de 1865, que lhe dedicara um livro: «uma letra que faria invejas a um guarda livros de especieiro»!

Não sei quando se estabeleceram relações entre Camillo e Eduardo Coelho. Teriam provindo da colaboração deste em

O Nacional, de que foi correspondente em Lisboa [1] talvez quando aquele o redigia no Porto, ou da do primeiro na Chronica dos Theatros que o segundo fundou e redigiu durante o ano inicial (set. de 1861 a ag. de 1862) e na qual ambos tambem escreveram durante o ano seguinte?

Só começariam essas relações depois da oferta, feita por Camillo, por intermedio de terceira pessoa, dos seus folhetins ao Diario de Noticias?

O que é certo é que, em carta que não datou — o que era vulgar nêle [2] — mas que devia ser do ano de 1866, oferecia Camillo á folha popular de Lisboa a primeira serie de folhetins. Eis essa carta, não dirigida ainda (como foram as que se lhe seguiram) a Eduardo Coelho, mas sim a alguem que não pude averiguar quem tivesse sido:

CARTA I

*Am.º*

*Veja se o empresario do* jornal de noticias *(do qual hontem recebi o 1.º n.º q. agradeço) convem nas seguintes propostas: Cada folhetim de dez tiras, que dão 2 folhetins de frente p.ª o jornal, 9$ rs., vindo assim a ser a gratificação de cada folhetim 4:500 rs. A propried.e dos folhetins fica sendo minha. Remetterei trez cada mez, vindo assim o Diario a publicar seis. Os pagamentos de 27:000 rs. serão feitos no fim de cada mez por via do correio. Quando possa responda ao*

*Seu collega e amigo*

Camillo Cast.º Br.

[1] O Diario de Noticias — *A sua fundação e os seus fundadores* — por Alfredo da Cunha (1914), p. 133. — *Traços biographicos do Dr. Custodio José Vieira* por Luiz Augusto Palmeirim (1879), p. 24.

[2] *Camillo de perfil*, pelo sr. Conselheiro Antonio Cabral, p. 152 — *Cartas de Camilo a Eduardo da Costa Santos*, p. VIII.

Na carta transcrita a pag. 163 dêste ultimo livro, dizia Camillo: «Houve erro na data da m.ª carta. É cousa q. nunca sei. Os dias já são tantos q. nem conto. Dato sempre a ôlho».

As cartas seguintes são já todas, sem a menor duvida, dirigidas a Eduardo Coelho, com quem se pôs em correspondencia directa.

CARTA II

*Meu amigo*

*Rec a carta em q. V. Ex.ª acceitava a m.ª proposta.*

*Tem-me faltado a saude p.ª escrever os primeiros folhetins.*

*Remetterei seis, ou 30 tiras, d'uma vez; receberei por estes 27$ rs. e escreverei mais quando vir que o jornal os tem publicado. É assim que V. Ex.ª me esclareceu?*

*Não tenho á mão a sua carta p.ª rereficar. De V. Ex.ª*

*am.º e collega*

Camillo Cast.º Br.

CARTA III

*Meu amigo*

*Hoje vou para a aldeia, curar de reedificar esta maquina que se desconcertou.*

*De lá lhe envio os 6 folhetins.*

*Queira remetter-me o Diario p.ª V.ª Nova de Famalicão.*

*De V. Ex.ª am.º e collega*

Camillo C. Br.

CARTA IV

*Meu am.º e Ill.mo Sr. Eduardo Coelho*

*Remetto 3 folhetins e brevemente irão outros 3. Duas coisas*

*lhe peço incarecidamente: que veja V. S.ª as provas, e que mande publical-os segundo a devisão que eu fiz.*

*A importancia virá, com as dos outros, para V.ª Nova, qd.º lh'os remetter.*

*De V. S.ª*

*V.ª Nova de F.am*
*27 de Maio de 1866*

*am.º e collega*

Camillo C. Br.

CARTA V

*Meu amigo e collega*

*Remetto 2 folhetins. Peço-lhe que os leia já e os publique antes dos outros. Se a clauzula final do 2.º folhetim lhe desagradar, corte-a.*

*Estão lá, pois, 5 folhetins.*

*No mez que vem, se o meu am.º quizer, mandarei outros 5 ou 6.*

*Adeus. Espero aqui neste ermo o Castilho, o Thomaz Ribr.º e o V. de Castro p.r estes dias. Venha tambem se quizer rever o Minho.*

*Seu am.º*

Cam. Cast.º Br.

Nesta carta, sem data, Camillo refere-se á projectada visita do Visconde de Castilho, de Thomaz Ribeiro e de Vieira de Castro a S. Miguel de Seide; e o convite de Camillo a Eduardo Coelho devia ter sido feito em 1866, pois foi no mês de julho dêsse ano que aqueles ilustres escritores fizeram a visita a que a Senhora D. Branca de Gonta Colaço, no prefacio epistolar ás *Cartas de Camillo Castello Branco a Thomaz Ribeiro,* e o anotador das mesmas cartas (a pag. 113) aludem, parecendo que de então ficaram tambem datando as estreitas relações do grande romancista com o poeta insigne do *D. Jayme.*

CARTA VI

*Am.º e Collega*

*Queira dizer-me, quando possa, se recebeu 5 folhetins.*

*De V. Ex.ª*

*v.or coll.ª O.*

Camillo Castello B.

CARTA VII

*Meu amigo*

*Se recebeu 2 folhetins, intulados* (sic) Um parente de 54 monarcas, *enviados ha 2 mezes pouco mais ou menos, tem V. S.ª a enviar-me a importancia d'elles, provavelm.te esquecida no marulho de suas m.tas occupaçoens.*

*De V. Ex.ª*

*V. N. de F.am.* *am.º obg.do e v.*

*18 de Ag.to 66*

Camillo C. Br.

CARTA VIII

*Meu amigo*

*Procurei-o para lhe pedir o favor de me dizer a residencia do sr. Araujo de Assis* [1]. *Tambem lhe queria exprobrar mui amiga-*

[1] A'cerca dum folhetim publicado por Araujo Assis no *Diario de Noticias*, de 26 de setembro de 1868, escreveu Camillo a Eduardo Coelho outra carta, em 28 daquele mês, a qual vem reproduzida a pag. 61 do 2.º volume das *Cartas de Camilo Castelo Branco*, colecção, prefacio e notas de M. Cardoso Martha (1923).

*velm.te a sua tolerancia em deixar passar no seu judiciosissimo diario a noticia de q. a commenda de Carlos III me fôra dada como ingodo a pertençoens ibericas. Certo é q. V. Ex.a fez trasladar o boato d'um jornal de provincia, mas tanto Thomaz Ribr.o como eu lhe mereciamos o silencio ou a correcção.*

*Elle escreveu o* D. Jayme *e eu redigi no Porto em 1861* o 1.o de Dezembro.

*Como q.r que seja, o meu am.o toma em boa conta estas reflexoens do seu*

*velho am.o e v.*

C. Castello Br.

*N. B.*

*Se tiver a bond.e de me responder, faça-o p.a a Praça da Alegria, 84, 1.o*

Segundo se lê no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, T. 9.o, pag. 7, o governo de Espanha conferira a Camillo, em fevereiro de 1869, a comenda de Carlos III.

O Primeiro de Dezembro era aquele jornal anti-iberico a que Camillo se referia no trecho das *Memorias do carcere* reproduzido noutro logar deste trabalho.

Os folhetins a que estas cartas aludem e que o proprio Autor classificava de «*ligeiros e magros*», em carta a Castilho, de 25 de maio de 1866 [1], foram os seguintes:

Diario de Noticias n.o 421 de 5 de junho de 1866: *Dois corações guizados;* n.o 433, de 21 de junho: *Estudantes portuguezes em Salamanca;* n.o 455, de 18 de julho: *O primeiro baile de mascaras em Portugal;* n.o 470, de 4 de agosto: *Saudade;* n.os 541 e 543 de 27 e 29 de outubro: *17 annos depois;* n.os 596 e 597, de 4 e 5 de janeiro de 1867: *Folhetim scientifico.*

[1] *Cartas* cit., pag. 98.

Eis o *argumento* deste ultimo folhetim, que reproduzo para dar ideia de humorismo do Autor:

«Se o mundo foi creado no outono ou na primavera. Se foi creado á terça feira ou ao domingo. Se os paizes de Ophir e Tharsys foram no Minho. Prova-se que sim. Diz-se donde vieram para o Minho elephantes e outros bichos. Se existem antipodas, gigantes-femeas e pigmeos. Se os delfins amam as delfinas, e porquê. Dá-se a razão de existir o unicornio, e do prazer que elle sente em dormir no regaço das donzellas, e do mais que no folhetim se disser».

Todos estes seis escritos de Camillo acima indicados e insertos primeiramente no Diario de Noticias [1], assim como *Um parente de 53 monarchas* [2] publicado no *Brinde aos senhores assignantes do Diario de Noticias* em 1867, vieram a ser incluidos no livro *Coisas leves e pesadas,* editado em 1867, no Porto, pela casa Luiz José d'Oliveira.

---

Camillo dividiu a sua actividade jornalistica principalmente pelos periodicos literarios e políticos já citados, sem

[1] O sr. Henrique Marques, que na sua *Bibliographia* cita sempre os jornais em que primeiramente sairam a lume os escritos de Camillo, não alude á publicação de nenhum dos seis acima apontados, no Diario de Noticias. Cita-os, sim, a pag. 56 e 57 daquela obra, ao tratar do volume *Coisas leves e pesadas,* em que vieram a ser coligidos e reproduzidos, mas escaparam-lhe aquelas outras indicações.

Nem admira, nem isto aqui é trazido como censura, pois o infatigavel bibliografo, em cuja autoridade aliás eu fiz fé em mais de um ponto deste estudo, logo põe de sobreaviso o leitor, prevenindo-o de que o seu trabalho «não é o que se chama a ultima palavra em bibliographia camilliana».

[2] E não 54, como Camillo diz na carta de 18 d'agosto de 1866, parecendo haver perdido a conta aos parentes do seu protagonista! Este trabalho não saiu em folhetím, como fôra intenção do Autor, mas sim num *Brinde do Diario de Noticias.*

falar em que tambem foi, como êle mesmo se exprime, «collaborador assiduo dos *jornaes dum numero só*», prestando a quantos *numeros unicos* se publicavam com intuitos glorificadores ou beneficentes aquela «collaboração de Andadores das almas numa effectividade quasi humoristica», a que se refere na chistosa carta a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, inserta no *Feixe de pennas* [1], e de que, mais aborrecidamente, dizia ao editor Costa Santos:

«Estou farto de creches e centenarios. D'hora em diante não respondo a q.^m me escrever sobre tais coisas» (pag. 126 das *Cartas)*.




CAPA D'UM FOLHETO POPULAR SOBRE A VIDA E HISTORIA DE CAMILO CASTELO BRANCO

Não poupava Camillo os jornais e os jornalistas ás suas críticas acerbas, porque ninguem fugia á sua veia sarcástica.

Quem ler a curiosa colecção das cartas trocadas entre o romancista e o poeta Castilho, recentemente publicadas e muito criteriosamente anotadas, pelo sr. João Costa, lá encontrará a prova, tanto mais concludente quanto eram desabafos intimos entre os dois escritores [2].

[1] Numero unico. 1885. Esta carta foi incluida na *Bohemia do Espirito.*

[2] E tambem se ficará convencido de que, ainda sob esse aspecto, Camillo era, na lealdade e franqueza dos juizos criticos, na sinceridade com que os expendia, bem superior a Castilho. Este, menos impulsivo e mais frio, era,

Curioso é, pois, saber como encarava êle os periodicos literarios e que sentimentos experimentava pelos jornais politicos, ou, melhor, pelos assuntos a que estes especialmente se dedicam.

Quanto á parte *noticiosa* dessas e doutras folhas, bastará recordar o que Camillo escreveu a propósito do silencio da imprensa ante a homenagem que em S. Miguel de Seide foi prestada a Castilho, em 15 de julho de 1866, homenagem a que se associaram Thomaz Ribeiro, Eugenio de Castilho e Vieira de Castro, e que consistiu na inauguração dum pequeno monumento comemorativo da estada de Castilho em casa do romancista.

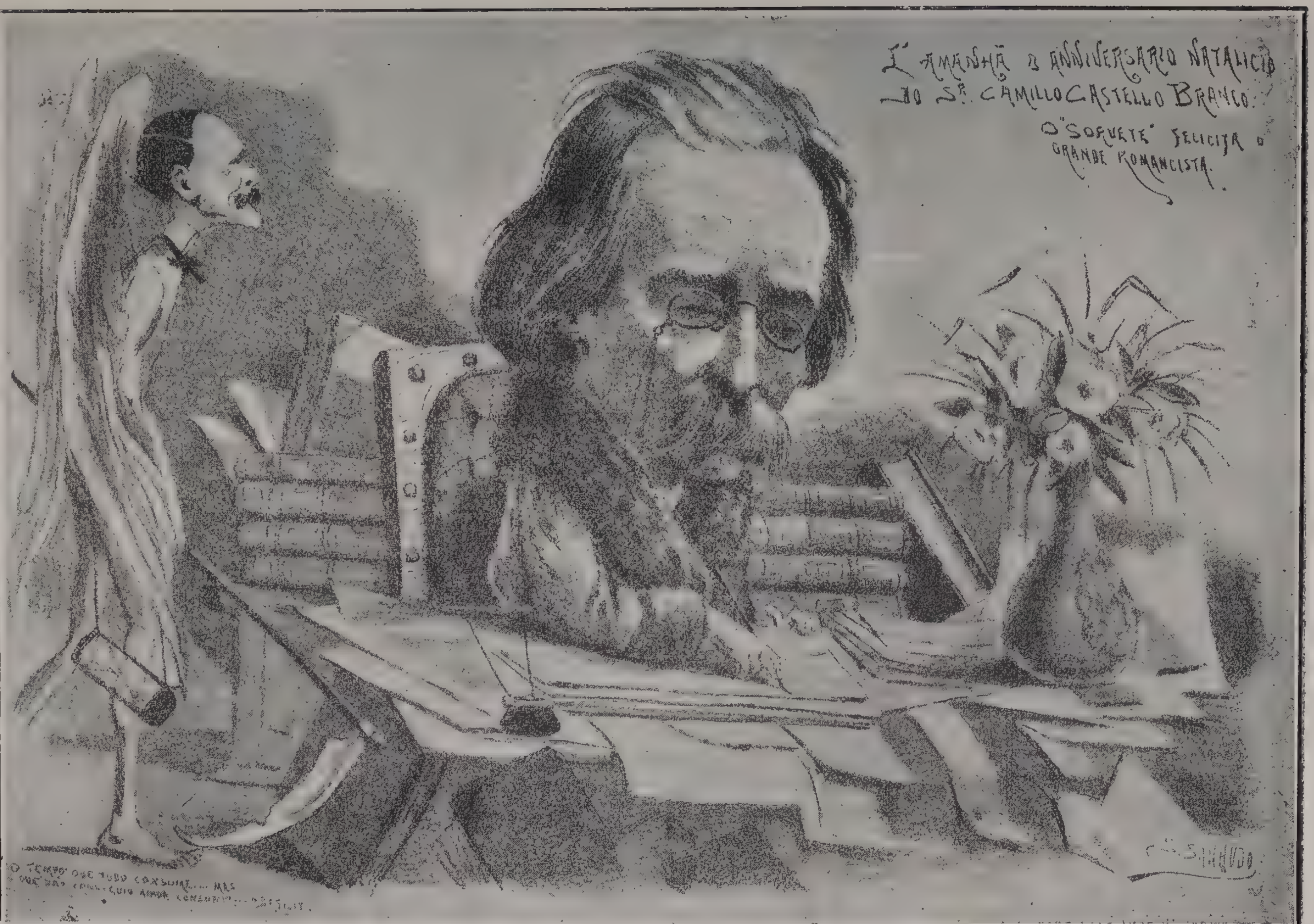
Eis como êste, em carta de 25 de agosto de 1866, obtemperou ás imprecações do *Mestre*, que fôra seu hospede, e cujo orgulho o levara aos mais irritados e deprimentes desabafos contra jornais e jornalistas, aos quais, aliás, particular e publicamente, se não cançava de testemunhar fingido respeito e refalsada estima:

«Tem V. Ex.ª honrosas e admirandas illusoens no tocante a jornaes e jornalistas!

Se o barão da Trovisqueira erigisse um monumento ao barão de Ranhados, as gazetas retirariam os artigos de fundo para se derramarem em actas do caso, de modo que a Europa se maravilhasse do feitio como os baroens se amam na nossa terra.

por isso mesmo, mais culpado da mordaz duplicidade com que tratava aqueles que não viviam na constante e aduladora adoração da sua pessoa e dos seus meritos, sem poupar até os que êle sabia serem-lhe mais sinceramente devotados.

Dada a diversidade dos dois caracteres, que admira, pois, que da convivencia e das cartas, ressumando mel e lisonja, de Castilho, viesse Camillo de tal modo a enjoar-se que, em 1874, escrevia ao Visconde de Ouguela a declarar-lhe «que o *afastava da casa dêle* a idéa de lá encontrar Castilho do qual «*só o cheiro das cartas* o intediava»? (*Cartas* cit. pag. VII).




REPRODUÇÃO D'UMA DUPLA PÁGINA CENTRAL DO N.º 358 DO JORNAL HUMORISTICO PORTUENSE «O SORVETE», DE 15 DE MARÇO DE 1885

«Aconteceu ao justo o que eu esperava. V. Ex.ª tem muitos inimigos, e eu glorio-me de ter os de V. Ex.ª e mais alguns. Tomaram elles poder quebrar-nos nas cabeças as pedras do monumento. Esperemos cem annos, meu amigo. Lá virá quem se assente nos degraos d'aquella coisa a ler os livros de V. Ex.ª e os do seu filho e os do Thomaz.

«Ora, as gazetas contemporaneas já começam a ser lidas nas latrinas» [1].

Isto escrevia Camillo a Castilho, talvez mais para ser agradavel a este, que o enchia de louvaminhas, do que por se sentir intimamente com factos a que era superior ou indiferente. E escreveu-o tambem sem atentar em que não houve gazeta do seu tempo, digna de nota, para que êle não tivesse largamente dado trabalho literario, ou como director, ou como redactor efectivo, ou como simples colaborador adventicio! E ás vezes, como já se viu em relação ao Diario de Noticias, sendo êle mesmo que se oferecia espontaneamente para prestar a sua cooperação valiosissima!

A que sujos destinos Camillo, segundo os seus dizeres, votava o seu proprio nome e as suas proprias obras!

Quanto aos *jornais literarios*, dos quais escrevia, em 6 de fevereiro de 1880, ao editor Chardron, dizendo-lhe: «Jornaes litterarios mandei-os ao diabo» [2], mas aos quais, apesar desta impaciente expansão, continuou a dar largamente o seu precioso concurso, formulou-lhes Camillo um terrivel libelo acusatorio. Consta dum artigo, hoje talvez esquècido, de A Semana, artigo que aos olhos do leitor aparecerá com a frescura e a surpresa dum inedito [3].

Ali descreveu êle por estas palavras essa «mercancia»

[1] *Cartas* cit., p. 140.

[2] *Escritos de Camilo*, com uma noticia por Julio Dias da Costa (1922), pag. 106.

[3] 1.º vol., p. 306, de set. de 1850.

que « atravessa as fronteiras do senso commum, sem pagar os direitos do completo despreso » :

«A' sombra tutelar de alguns centos de assignaturas, enchem-se columnas de papel, umas vezes de inepcias tediosas, e em todas ellas de caracteres alphabeticos.

«O papel que assim nos vem impresso — como amostra de typos — baptisa-se para a pia enorme do seculo das luzes, e chama-se *jornal litterario.*

«Conforme o impulso de vida que traz do cerebro do seu autor, o vivente jornal, se não expira na ultima hora do primeiro trimestre, ei-lo ahi vae estirar-se no sophá do cabelleireiro, ou fecundar de sciencia as horas de ocio de algum ledor de boa fé, e de exemplar paciencia».

«Para os descridos da conversão da estupidez, a vida destes jornaes não é, como devia ser, o irrisorio doudejar de um truão: é um pesadello, uma ferida, uma decepção nas suas esperanças de erguer um dia este paiz á dignidade da sciència europea.

«Não temos critica — dizem-no todos. Em compensação temos uma tolerancia incrivel, e uma indifferença escandalosa por quantas incapacidades litterarias se lembram de enfeixar miserias com o atilho do jornalismo».

«Escrever, sem consciencia nem vergonha, como aqui se escreve, é uma das muitas desgraças peculiares a Portugal. Quem vir de fora esta ousadia reaccionaria de espiritos frivolos pensará que o nosso mercado scientifico, em carestia de bons alimentos, consome quanta fructa verde e podre lhe trazem estes saloios da sciencia».

Quanto aos *jornaes politicos,* de alguns dos quais foi redactor, como O NACIONAL e PORTO E CARTA, embora lhe pertencessem muitos artigos editoriais sobre politica, nunca o interessaram tais assuntos. E os seus trabalhos nessa especie de jornalismo jamais representaram tambem senão simples episodios secundarios e acidentais, determinados por circunstancias ou apuros de momento, na sua vida de escritor.

Porque seria ?

O Dr. Theophilo Braga procurou responder a esta pregunta na biografia de Camillo esboçada para a *Encyclopedia Portugueza Illustrada,* observando que foi na cadeia da Relação do Porto, quando ali preso por causa de uma aventura amorosa, e por ocasião das lutas entre cartistas e setembristas, que, pelo conhecimento com muitos presos politicos, o romancista adquiriu «essa desdenhosa indifferença que o afastou de todas as facções politicas que se succederam até á sua morte na devastação deste paiz».

Nem foi apenas *indiferença,* mas declarada *aversão,* o que Camillo sempre sentiu pela politica e pelos politicos, como tais, nem me parece que para um espirito tão vigoroso e independente como o dêle, fossem precisas influencias alheias para o determinarem no sentido em que sempre se afirmaram e patentearam os seus sentimentos e propensões.

Camillo entrou para a prisão em outubro de 1860, aos 35 anos, e portanto com o espirito já formado e fortalecido numa vida muito mais intensa e acidentada do que a da maioria dos homens naquela idade.

Não eram os presos politicos, de craveira intelectual certamente muito inferior á dêle, que lhe orientariam as ideas, lhe mudariam as convicções ou lhe torceriam a vocação, se a tivesse, para as lides da politica.

E' até de notar que foi precisamente na cadeia que êle escreveu aqueles artigos de «politica innocentissima», de «politica de estylo», segundo a sua propria classificação, para O Nacional, do Porto.

Não! O motivo do alheamento de Camillo em tais assuntos deve encontrar-se na sua inata repugnancia por êles. Encontra-se nestas suas palavras:

«O esforço que faço para torcer a alma no potro da politica é indisivel.

«Estou entre o dilema que faz os apostatas e os volantins politicos — escrever assim ou experimentar a miseria»[1].

Por isso, como nota o sr. Alberto Pimentel, que muito bem e muito de perto conheceu Camillo, «o militantismo partidario jamais o empolgou»[2].

O proprio Camillo desdenhosamente classifica, segundo já recordei, de *innocentissima* a sua politica, e os seus artigos, em tal materia, de meramente estilisticos, o que queria dizer que não eram nem de inclinação nem de convicção.

Embora portanto êle fôsse a encarnação viva da paixão nos dominios da sentimentalidade romantica e ninguem o excedesse nas susceptibilidades do amor proprio ofendido, «não era — observa-o ainda o autor do *Romance do romancista* — sujeito a paixões politicas, que aliás o enfastiavam, como em annos sazonados tantas vezes manifestou»[3].

Nos seus escritos, quantas provas se nos deparam dêste assêrto!

Com que despreso e repulsão se refere á «estupidez» e á «infamia» dos «fiscais da republica» que «sobem arreiados de placas e fitas», como êle diz naquele capitulo das *Noites de Lamego*[4] intitulado *A formosa das violetas,* ao falar dos infortunios do seu querido e infeliz amigo José Joaquim Gonçalves Basto!

Com que indignada repugnancia, nas paginas dos *Narcoticos,* ao tratar das *Eleições liberrimas á antiga portugueza,* êle condena as operações do sufragio realizadas nas egrejas, que «se franquearam, segundo a lei eleitoral, para que entrassem os vendilhões que Jesus de Nazareth varrêra

[1] Cit. pelo Sr. Nuno Catharino Cardoso, em *Camillo, Fialho e Eça,* p. 24.

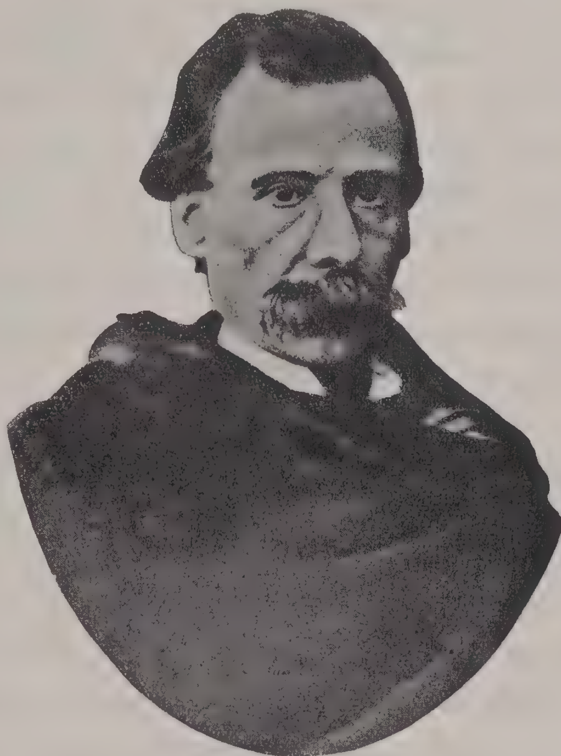
[2] *Os amores de Camillo,* p. 16.

[3] *O Romance do romancista,* p. 128.

[4] Pag. 161.

do templo »[1] e aconselha que se « arranjem os eleitos do povo nas fabricas de cortumes onde nem a pureza atmospherica nem as côres das epidermes surradas tem que perder ».

O modo como Camillo pensava, em 1882, do exercicio do sufragio popular em Portugal, não se modificou com o rodar do tempo e acentuou-se-lhe até o fim da vida.


CAMILO SEGUNDO UMA FOTOGRAFIA DE 1870

O sr. conselheiro Antonio Cabral, no seu ultimo e excelente livro *Camillo e Eça de Queiroz*[2], recorda que, a-proposito das eleições gerais realizadas em 20 de outubro de 1889, o jornal O TEMPO dirigiu-se a varios escritores portuguêses pedindo-lhes que dessem o seu parecer sobre aquele assunto. O de Camillo terminava assim:

« Conheço pouco a engrenagem eleitoral; mas observando no Minho as Saturnaes do suffragio popular, fiquei edificado, e estive vai não vai a dar vivas ao sr. D. Miguel 2.º »[3].

[1] Tomo II, p. 212.
[2] Pag. 101.
[3] Pag. 180.

Com que pungente sarcasmo relembra, como figura típica do politico moderno, «o Apricio de todos os paladares, o Rodrigo da Fonseca Magalhães, com as suas raposias, o qual, entendendo com Aristoteles que o homem é um animal essencialmente politico, inaugurou o elasterio membranoso de todos os esôphagos, sob o especioso lemma da homogeneidade de principios, pela fusão de todos em uma só consciencia que vinha a ser nenhuma propriamente dita, ou o relaxamento de todas as consciencias n'um estomago commum de duas ou trez politicas. E assim conseguiu que todos os candidatos á panella do Estado esmoessem o corneo bôlo indigesto das suas *Bernardas* no largo e fundo estomago da alma, *mentis nostræ stomachum*, como disse S. Pedro Damião, prophetisando a physiologia do espirito politico do século XIX» [1].

Com que acerada ironia êle põe na boca do Dr. Tiburcio de *O sr. Ministro,* ao terminar a legislatura em que fôra deputado, e com referencia ao meio politico em que vivera, a confissão do que «neste diluvio de porcaria, as bestas eram tantas e a arca tão pequena, que afinal não se salvava ninguem por causa das bestas!» [2].

Parece indubitavel, porém, que, fazendo parte da mal aventurada hoste do general Mac-Donell, Camillo assentara praça nos arraiais legitimistas em 1846 e levara algum tempo vida de guerrilheiro pela causa de D. Miguel [3].

Por arreigada convicção? Não me parece: antes por condescendencia com as opiniões dum tio afim, de quem dependia e com quem então vivia em Vila Real, e para comprazer com as «senhoras realistas, filhas de capitães-mores, de desembargadores, de brigadeiros e morgados

[1] *O Vinho do Porto — Processo d'uma bestialidade ingleza,* 2.ª ed., p. 43.
[2] *Narcoticos,* t. I, p. 244.
[3] *Camillo de perfil,* p. 19 e seguintes.

em decomposição» a que alude na *Maria da Fonte* [1]. E, se na imprensa miguelista de 1850, como A Nação e A Semana, aparecem escritos seus em prosa e verso, tambem apareciam, pelo mesmo tempo, na folha constitucional do Porto — O Nacional. E, passados poucos anos, em 1865, andou envolvido na campanha eleitoral a favor do candidato oposicionista Custodio José Vieira, liberal, fazendo até Camillo discursos a seu favor em comicios de propaganda.

Mas tudo isto não passou de meros episodios aventurosos e efemeros da sua vida, tão efemeros e de tão pouca monta para êle que, em relação ao ultimo referido, nem mesmo no periodico onde mais ardentemente era defendida tal candidatura, se encontra alusão sequer á intervenção de Camillo nessa luta! [2].

É tambem certo que exteriorisou retumbantemente na imprensa periodica a sua animosidade contra os Cabraes [3]. Mas «á violencia da linguagem não correspondia no espirito de Camillo, o ardor da convicção política» [4].

E essa atitude foi, em grande parte, motivada pelos graves conflitos pessoais e de vias de facto que teve com um caceteiro cabralista — o *Olhos de boi*, de Vila Real — que

[1] *Camilo e os medicos*, p. 80.

[2] *Camillo de perfil*, p. 179 e seguintes.

[3] «O seu caprichoso destino arremessou-o definitivamente para o Porto, onde na imprensa atacou violentamente o conde de Thomar.» «Atacava os Cabraes porque era um perigo ataca-los: mais uma proeza arriscada.» *Os amores de Camillo*, p. 16.

[4] O sr. conselheiro Antonio Cabral, a quem se devem alguns dos mais valiosos trabalhos ultimamente publicados ácerca de Camillo, citando uma curiosa anedota em que intervieram este, Thomaz Ribeiro e o Dr. Antonio Candido, diz, em nota a pag. 275 do seu *Camillo de perfil*, que ele «detestava a politica» e mostra como chegava até a ferir de satiras pungentes os seus maiores amigos quando estes, na sua presença, se embrulhavam em discussões politicas.

o espancou quando Camillo voltou para aquela cidade e d'ali escreveu para O NACIONAL uma correspondencia contra o governador civil cartista, em agosto de 1847 [1].

A esses incidentes e ao seu espirito de revolta contra quaesquer opressões ou violencias, mais do que a convicções ou represalias partidarias, se devem atribuir alguns folhetins políticos, como o *Caleche* e o *Ultimo anno de um valido*, que tanta impressão causaram.

Mas o primeiro mandou-o Camillo para a folha legitimista A NAÇÃO, onde saiu em 28 de novembro de 1849, e o segundo para O NACIONAL, folha inspirada e redigida pelo liberal D. Antonio Alves Martins [2], que o publicou em 19 de dezembro seguinte E, a pouca distancia de datas, fazia versos de saudação a D. Miguel, em 1852, e compunha-os tambem para lastimar, no ano imediato, no PORTUGUEZ de 17 de novembro de 1853, a morte de

*Maria, regia pomba que esvoaça,*

e que era a rainha D. Maria II [3].

Como, portanto, a política pouco o interessava, a não ser para zurzir, mais ou menos ás claras, os que lhe eram pessoalmente desafectos, ou para auxiliar aqueles a quem era afeiçoado, não lhe causavam escrupulos de consciencia, nem melindres de lealismo partidario estas aparentes contradições de principios, que afinal não professava.

O que verdadeiramente o dominou sempre foram os seus impulsos sentimentais e afectivos, os seus devaneios romanticos, as suas predilecções literarias, as suas investigações historicas, os seus gostos e curiosidades de erudito,

[1] *Camilo e os medicos*, p. 82 e 87.
[2] *Obolo ás creanças*, p. 159.
[3] *O romance do romancista*, p. 128.

e tambem, com paixão e ardor não menores, os seus desforços e retaliações pessoais.

Não admira por conseguinte que, no jornalismo partidario, Camillo ficasse abaixo da grandeza colossal a que ascendeu nos outros generos literarios que cultivou e em que assumiu proporções de assombro. Porque, se êle «deixava o coração ditar os seus livros», na expressão feliz do seu íntimo, como irmão, Thomaz Ribeiro, se èle *sentia* os seus romances — e foi o proprio romancista que o declarou — o que nunca *sentiu* foi a politica facciosa, a não ser para a detestar, e o que jamais estimou ou teve em apreço foram as qualidades e as astucias, as artes e os feitos que distinguem, assinalam e engrandecem os politicos.

Eis o que de Camillo *jornalista* pode escrever quem só verdadeiramente admirou o *jornalismo* de Camillo quando êle revestiu a forma do folhetim humoristico ou da novela romantica, da critica dos homens ou da satira aos costumes, das memorias sentimentais ou das excavações eruditas, das palpitantes evocações da historia ou das apaixonadas e nervosas polemicas literarias. Nesse jornalismo, sim, era Camillo inconfundivel, porque foi unico, e porque ahi, nesse vasto campo onde as suas forças se mediam vitoriosamente com as dos nossos maiores escritores da segunda metade do seculo passado, quase pode dizer-se que de cada frase ressaltavam, coruscantes e vivos, uma sentelha de originalidade e um revérbero de genio!

ALFREDO DA CUNHA

P. S. — Em todas as transcrições acatei escrupulosamente a ortografia dos trechos reproduzidos, assim como a respeitei na do proprio

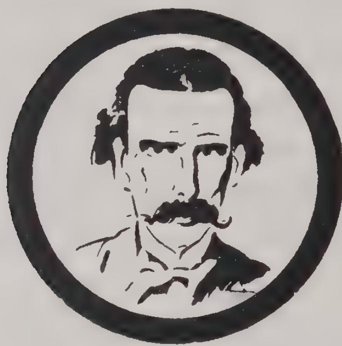
nome de Camillo Castello Branco, de cuja adulteração penso que é o mais abusivo de todos os atentados contra a sua maneira de escrever.

Perfilho, neste ponto, absolutamente, a opinião do meu querido e velho amigo conselheiro Antonio Cabral no seu recente livro — *Camillo e Eça de Queiroz* —, e tambem «*sou dos que entendem que, ao trasladar-se nas paginas dum livro, em letra d'imprensa, qualquer documento manuscrito* (eu vou mais longe e, salvo para tornar compreensiveis trechos que na ortografia original o não sejam, digo — manuscrito ou impresso), *deve copiar-se fidelissimamente o que n'esse documento se lê. O contrario d'isto é falsifical-o. É fraude, é contrafacção.*»

E entretanto não acompanho o ilustre escritor que assim tão sensatamente discreteia, no seu ódio á moderna ortografia oficial portuguêsa. Por minha parte, pratico-a e adopto-a, não a considerando ao serviço doutro regime que não seja o do senso prático e o da incontroversa autoridade de quem a estabeleceu e justificou.

Para obviar á suspeita duma incoerencia da minha parte, devo explicar que sou alheio á ortografia dos dizeres sotopostos ás gravuras que acompanham este capitulo.

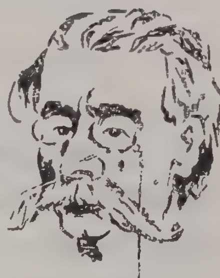
A. DA C.





# A JAÇA DO BRILHANTE

POR uma destas inexplicaveis coincidências, acabaramos de mais uma vez manusear o magistral estudo onde Fialho, em elevado estilo, consagrou, pelas colunas da «Revista Ilustrada», toda a sua admiração a Camilo, quando nos veio ás mãos o discurso de Olavo Bilac, proferido em Lisboa, perante uma escolhida assembléa de intelectuais lusitanos.



CAMILO
MÁSCARA DE SAAVEDRA MACHADO

O trabalho do autor dos «Gatos» tinhamo-lo relido á evocação da data em que, amargurado e desiludido, o romancista notavel cumprira aquele seu conceito, externado nas paginas das «Horas de Luta» — «A vida dos desgraçados irremediaveis seria um pérfido escárneo ao Criador, se o suicidio lhe fôra defêso.» E, justamente, meditando sobre a figura excepcional, que, chamejando-se na dôr e cristalisando-se na infelicidade, brunira lidimas pro-

ducções de prosa aprimorada, acudimos pressurosos a correr o olhar através das linhas com que o nosso poeta, durante uma saudação entusiastica e colorida, gisára as épocas historicas da literatura portuguêsa.

Foi de um sôrvo que apreendi os primeiros periodos da oração frement, harmoniosa e brincada, recitada num banquete em que o Brasil merecêra inequivocas provas de fraternal amizade do povo luso. Nos trechos cuidadosamente compostos, cheios de vibrações e amaviados de imagens, defrontava-se-nos a alma da raça, que bracêja uma fecunda existência, desde os murmurios sentimentais dos aventurosos troveiros dos cantares de Traga-Mouros, até ás irradiações deslumbradoras das criações contemporaneas.


ANTHERO DE QUENTAL

Entretanto, os encantos da alocução de Bilac, quebraram-se-nos em meio; lemo-la até final, é certo, impressionando-nos um topico que nos pasmou extremamente.

O poeta focalisara, na fáse romantica, Herculano, o pensador sombrio «do Monasticon», Garrett, o mimoso paisagista das «Viajens na minha terra», o cantor eximio de Camões. Extasia-se ante o versejar candido de João de Deus, a lirica «simples» de Guerra Junqueiro, o romance realista de Eça, e interrompe, depois, os seus hinos aos vultos distinctos, «ondas cantantes e triunfais deste glorioso rio da nossa civilização».

Então, o orador, que tanto se exalçara a paramos levantinos, desmaia, ensombra-se, rasteja a observações im-

pensadas e exclama: — «Infelizmente, houve um momento em que, á tona destas aguas puras, boiou uma vegetação verde-negra, estendal de sargaços venenosos. Foi a literatura da ironia, mãe da descrença e do impatriotismo. Amaldiçoada e sinistra, esta germinação de coisas daninhas! A ironia é ás vezes nobre e criadora, quando nascida da revolta de um grande amor... Mas a perversa ironia vulgar, a ironia mordaz, fria, inconsciente e calculada — essa maldade de matar pelo envenenamento gradual, sarcástico, infecundo, essa ironia é um crime torpe, que não pode obter perdão, nem misericordia...



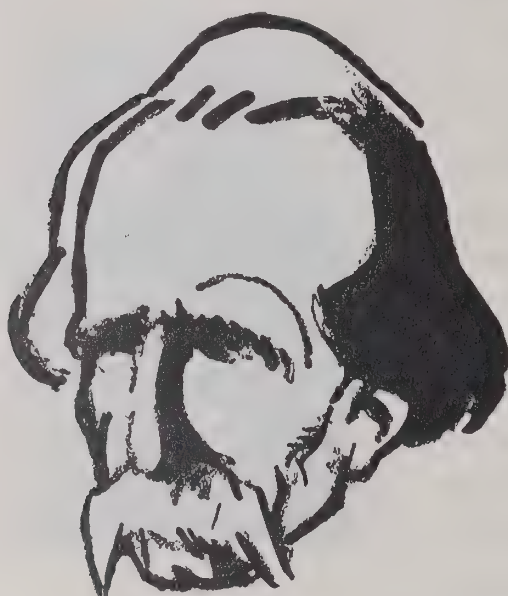
EÇA DE QUEIROZ

Mas rejubilemo-nos! A fase ignobil passou. Fatalmente devia passar...»

Claro que nos parece insustentavel a critica do poeta, estabelecendo na literatura portuguesa uma «fase ignobil», que não poderia ser sacrificada por «um bando de loucos amorais, sem coração e sem genio». Boquiabertos ante a audaciosa asserção, procuramos, definidas e personificadas, as figuras sinistras que constituiram «o pesadelo», já dissipado, pois a «literatura, ali e no Brasil, é hoje racionalista e será racionalista».

Quem são esses escritores dos ultimos tempos da vida portuguesa, atirados por Bilac á proscrição, avincados com o sinete de perversos? Os decadistas que lá surgiram, e passaram, rápido não obstante formarem um núcleo, de rapazes de talento e de valor? O poeta da tristeza e da

dúvida, que compôs os lindos «sonetos», reflectores de um cérebro onde sobrava o talento e de um espirito onde escasseava a alegria? O romancista que talhou milhares de páginas em polido vernáculo e cuja vida acidentada, toldada de desregramentos e crivada de martirios, não lhe abafou os clarões do génio, vivido sempre, apezar das expiações dos «delictos da mocidade», e das malsinações á «mulher fatal». O sentimental cantor que, «só», se conduz á «torre de marfim» dos seus anelos e se crava nas dôres incessantes de enfermidade incuravel? O panfletário destemido, que escôa a mocidade em «vida irónica», e flagela uma sociedade inteira? O estilista finissimo, que arroja «farpas», galhofando, chasqueando, mofando dos homens e das coisas do seu país?



CAMILO SEGUNDO A MÁSCARA DE LEAL DA CAMARA PUBLICADA NO «CATALOGO E LIVRO D'OIRO DA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO DE 1922», SECÇÃO PORTUGUESA

Não se enquadraram em contornos legitimos as proposições destacaveis, no discurso do nosso patricio. Esse ciclo de pesadêlo, por êle acentuado, carece de determinantes e precisa de mais elementos, afim de ser nitidamente compreendido; não o lobrigamos, por mais que percorramos, num retrospecto ligeiro, as manifestações esteticas de Portugal, no século XIX. Depois do movimento do romantismo, que conta em Garrett e Her-

culano os dois epígonos, aponta-se, na terra lusa, a grande lucta da «questão coimbrã». Castilho, Antero, Teófilo, nomes que Bilac, indesculpavelmente, não relatou, armam-se e aligeram-se a combate adestrado. É um tempo de remodelação e de critica, de orientação nova ás letras.

Bilac esqueceu-se dessas individualidades, da mesma sorte que jogou á penumbra Camillo, o escritor de raça, a personalidade «única, intrinsecamente, tradicionalmente portuguêsa, da arte nacional, nossa contemporanea», conforme se exprimiu *Bruno*. Camillo traduz a moderna alma lusitana, como Camões sintetisou as glorias portuguêsas, num passado de herois. É o novelista insigne, inimitavel na linguagem, pintando a mata minhota, a estrada trasmontana, os «pinheirais gementes» e criando tipos primaciais, como a filha do ferrador do «Amor de Perdição», ou bisturisando entes despudorados de uma familia dos tempos dos Cabrais. É um vulto alevantino, que não póde, nem deve ficar á margem. Soube cinzelar a lingua que falamos.


RAMALHO ORTIGÃO

Ao invés das extremadas malsinações, pouco cavalheirosas, em instante de festivos cumprimentos, exigiam o momento e o feitio do discurso referências acentuadas ao genial Camillo, incarnação acabada da arte, sabendo, segundo a frase de Fialho, «modelar almas tão diversas e tantas, numa prosa plástica como a cera e numa lingua rija como o bronze». Da mesma sorte, em relação a Teófilo, a erudição

feita critica, o reedificador da historia da intelectualidade lusonia. Antero, o filosofo emotivo, espirito de poeta em creação de apóstolo, tentando as tendências literarias de uma época; Fialho, a violência ao serviço da observação, a coloração artistica encadeada á rijesa da combatividade, desembestando toda a mordacidade na cronica e construindo belezas admiraveis no conto. E, se a extensão de farta nomenclatura não comportasse maiores apreciações, tinham direito a uma leve menção Tomás Ribeiro, cuja musa vibrou versos esplendorosos; Pinheiro Chagas, o moirejador da pena, fazendo do próprio cerebro uma forja a produzir, diariamente, todos os generos; Antonio Feijó, o parnasiano delicado, Júlio Dinis, o romancista campesino, João da Camara, o comediografo pastoril, o dramaturgo historico, Cesario Verde, o analista sentimental, Gomes Leal, Gançalves Crespo, Teixeira de Queirós, Abel Botelho, Eugenio de Castro, Alberto de Oliveira, Correia de Oliveira, estes somente, para não ir arrancar aos refundidores das «caronicas» os nomes de Oliv. Martins, Latino, Rebelo da Silva, á oratoria, José Estevão, Vieira de Castro, Alves Mendes e Antonio Candido, ao jornalismo Sampaio, Navarro, João Chagas; á filologia, Tulio, Viana, Figueiredo, Vasconcelos e outros, muitos outros.

Lançou, porém, Bilac ao Letes que derivou aos tropos do seu discurso, homens inesquèciveis e não quis revolver, sobre a superficie das águas puras, o que êle chamou brutalmente «estendal de sargaços venenosos». Quem representa a alga fugacea a turvar a pureza da corrente, onde, coroada, passa a «ala de namorados» da cultura lusitana?

Camilo, Fialho, que tiveram azedumes, dardejaram sem medo, zurziram muitos idolos e retalharam sujeitos empavesados, que se envaideciam dos seus mínimos méritos? Ramalho, cujas «farpas», na opinião de um dos biografos,

causavam á sociedade portuguesa efeitos de demolição, superiores ás bombardas virulentas dos jornais oposicionistas?

O nosso apreciado lírico verberou a ironia de escritores, que, declara, resumem uma «fase ignobil» e revela o busto de Eça, o acerado humorista, cujos livros entusiasmaram os seus contemporaneos e, por muito tempo, enlevarão os seus pósteros. Eça, entretanto, teve «ironias», frementes, ás vezes, e, embora explodidas sem o manejo do vocabulario causticante de Camilo ou a expressão maledicente de Fialho, manifestavam a inclinação do seu temperamento, apto á caricatura, à mordacidade, ao sarcasmo.

Talvez a idolatria que Bilac parece nutrir por Eça de Queirós coibisse o poeta de falar de Camilo e Fialho, colocando-os fóra dos «homens equilibrados, que não deixam o espirito naufragar nesse desastre sem honra». Seria, quem sabe, propositada a omissão de duas individualidades ousadas, que se atreveram, uma a desancar agressões contra os «Os Maias» e outra a bordar, sobre o romancista do «Primo Basilio», comentários ironicos, em represália a alusões ferinas.

Razões houvesse Bilac para as considerações externadas, motivos lhe assistissem a obumbrar Camilo e Fialho, a ocasião pouco ou nada propicia se aprazia ás desarrazoadas recriminações, mòrmente balanceando o nosso compatriota, com esmero e brilho, o movimento literario de Portugal. Não se lhe reclama a transigência de destacar, pelo menos, um vulto da estatura de Camilo, que deu plasticidade á lingua, rindo e chorando, soltando a gargalhada do sceptico ou distilando as lagrimas do triste. — Camilo é uma consagração e significa literaria blasfemia o despreza-lo, ou profanar-lhe a memoria, esquecendo-o. Bilac não merece desculpas, pela falta de uma reverência ao dolorido de S. Miguel de Seide, que fazia «desfilar o cortejo do idioma, desde o

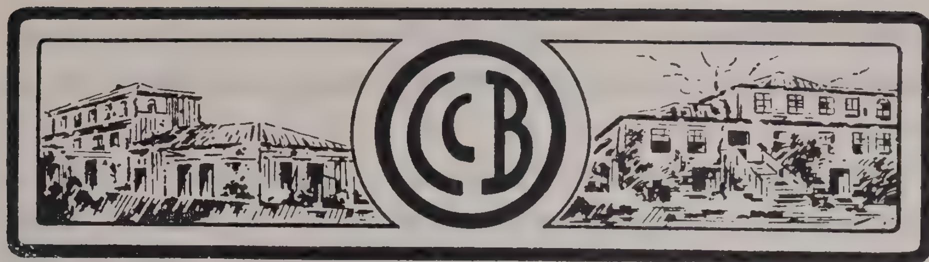
vocábulo rude e forte, contemporaneo de Viriato, até á expressão flexivel e delicada dos modernos, polida pelo roçar constante dos seculos activos», — repetindo o conceito de Coelho Neto.

Dest'arte deparou-se-nos, na ressonante oração do poeta, uma jaça indelevel, contrastando com o alvor magnificente daqueles periodos ataviados, onde os encantamentos da prosa timbram por vezes ondulações maviosas de uma lira afinadissima.

Que magua! Um painel fresco, vivido, superabundante de fantasia, estragado, na sua contestura artistica, por tão negro borrão!

TEODORO MAGALHÃES





# A MINHA VISITA Á CASA DE CAMILO

RECORTO das minhas impressões, escritas em viagem de ferias, pelo norte de Portugal, no mez de setembro de 1912:

« Entramos em casa de Camilo. Acompanha-nos a mulher do Nuno e os dois filhos. Ela ensina-nos tudo, diz-nos tudo, evocando os mais insignificantes episodios da vida do *sr. Camilo.* O que ele fez e o que disse no dia em que se matou; onde o fez e como o fez — encostando o revolver á fonte da cabeça e separando com a outra mão, cujos dedos chamuscou ainda. Ao estampido tudo foge, aterrado. A *sr.ª D. Ana* grita pelos corredores, alucinada; o medico, querendo serenar, afirma que não é nada, que o pulso continua batendo com regularidade e que não ha vestigios de ter entrado bala alguma. O Mestre, contudo não abre os olhos, não ergue os braços, não se move. Apenas arqueja, sobre a cadeira de braços. E é ela que o trans-

porta e ampara. E' ela que por fim lhe vê luzir, na fronte, uma *lagrima de sangue.* E' o orificio da bala. E ele morre...

E contando isto, vai mostrando o quarto onde ele dormia e o gabinete onde tanto livro escreveu. Os nossos passos fazem gemer o soalho. Na verdade tudo ali é velho e podre. A casa está caíndo aos pedaços e de certo não tardará muito



CASA DE CAMILO CASTELO BRANCO

que toda ela caia, em derrocada sinistra. Ha buracos no telhado, por onde a chuva cai. Os tabiques, a apodrecer, deixam passar a vista, atravez de grandes fendas. Quem salvará esta reliquia? »

Á pregunta d'então respondem agora os amigos e admiradores de Camilo, preparando um museu Camiliano, alem da reedificação da casa, ha pouco devorada por um incendio.

E' pois certo que o grande Romancista vae ter, emfim,

um monumento que dele fale? Ou será o seu destino, neste ponto, egual ao do grande Estadista que ele tão injustamente combateu?... Que os inimigos de Camilo não teem o estofo dos do Pombal. Entre o descendente do comendador da Praça Nova e o do Padre Malagrida, ha uma diferença consideravel. Tão grande como a que vai do boi ao tigre...

TOMÁS DA FONSECA






CAMILO CASTELO BRANCO — CARICATURA INÉDITA DE FRANCISCO VALENÇA QUE FIGUROU NA EXPOSIÇÃO PROMOVIDA PELO GRUPO DE HUMORISTAS PORTUGUESES EM 1924



# PREITO AO GRANDE MORTO!

NESTE honrado e selecto livro, cujo principal intuito é o d'uma nova homenagem prestada ao eminente auctor das *Novellas do Minho, Mysterios de Lisboa*, e de tantissimas outras producções de cunho, deviam collaborar apenas eximios ecriptores consagrados e não simples amadores das letras, que, como eu, se reputem invisiveis átomos em face d'esse *Everest* de genio que se chamou Camillo Castello-Branco.

Entretanto — tendo recebido a honra d'um convite para fazer parte do elenco d'escriptores, que veem hoje aqui renovar o seu tributo d'admiração e respeito ao mais legitimo mestre da litteratura do nosso tempo —, eu não podia regeitar tal distincção, tanto pelo motivo da sympathia que me prende ao iniciador d'esta espécie d'apotheóse, como pelo da veneração que alimentei sempre pelo maior dos romancistas e polemistas, que, n'este alfobre de litteratos e *doutores,* até hoje conheci.

Eu — sobre cuja cabeça já pesam setenta annos d'illusões

e desillusões — conheci e tratei no Porto, ainda que perfunctoriamente, com o grande e celebrado Camillo, assim como, em Santarem, tive a honra de tratar com o immorredouro Herculano.

Ah! que dois temperamentos tão differentes, e como elles mutuamente e psychologicamente se admiraram!...

...................................................

Mas não nos enredemos em incidentes vagos, pois que o unico objectivo d'estas despretenciosas linhas é dizer o que se me afigura ácêrca da obra colossal do sublime escriptor, se bem que nada possa accrescentar ao que já disseram d'ella (e d'elle) Vieira de Castro (tão infeliz como talentoso), Ernesto Biester, Julio Diniz, Teixeira de Vasconcellos, Oliveira Martins, e varios outros escriptores de nome, alguns d'elles ainda vivos — e como que condemnados a assistirem á agonia lenta d'esta nossa pobre terra —, e outros (mais felizes do que aquelles) dormindo ha muito o eterno somno da morte, depois de terem brilhado no firmamento das letras patrias como outros tantos astros de primeirissima grandeza.

*

* *

Se abrirmos o opulento livro de Vieira de Castro[1], amigo intimo de Camillo, encontraremos retratado n'elle o grande romancista, tanto pelo que respeita á sua vida, exuberantemente amargurada, como ao seu grandioso trabalho, augmentado muito depois da morte do seu insigne

[1] O bacharel José Cardoso Vieira de Castro — um dos mais notaveis oradores e escriptores d'estes ultimos 50 annos — morreu degredado em Angola (1872) pouco tempo depois de haver estrangulado, por ciumes, a sua propria esposa.

biographo: Nasceu em Lisboa a 16 de março de 1825. Não teve mãe; affirma elle, como que com pranto nas palavras. Filho natural de Manoel Botelho Castello-Branco (fidalgo transmontano) ficou orphão, ainda menino, em 1836.

Depois seguiu para Villa-Real, onde se conservou, durante tempo, sob o abrigo d'uma tia, tambem fidalga.

Muito cêdo começára a sua extraordinaria *odysséa*, que teve por primeira estrophe a prematura orphandade, e, por ultimas, a cegueira... o desespero... e a bala d'um rewolver!



JOSÉ CARDOSO VIEIRA DE CASTRO
REPRODUÇÃO D'UMA GRAVURA DO PROF. SOUSA, PUBLICADA NO 1.º TOMO DA «CORRESPONDENCIA EPISTOLAR», 1874

Se alguma coisa lhe suavisou as tempestades da existencia, foi, sem dúvida, o estudo das sciencias e da litteratura, que produziu em si um tão notavel mestre, até ao ponto de possuir uma erudição altamente espantosa em quasi todos os ramos da sabedoria humana, e manejar a penna com tal elegancia e correcção, que não sei d'outro escriptor mais distincto nos generos que cultivou.

Camillo — como affirmou o finado Ernesto Biester — conheceu todos os clássicos portuguezes e francezes; poetas latinos e gregos; historiadores; economistas; dramaturgos; criticos; e todas ou quasi todas as notabilidades espirituaes, que, em varias épocas, pozeram ao serviço da civilisação os primôres das suas privilegiadas cerebrações.

Mas, apesar de tudo, foi infeliz... supinamente infeliz.

Vieira de Castro não exaggerou quando, atravez dos ferros da *Relação do Porto,* pintou a vida do monumental escriptor como um mixto d'angustia e triumpho entrelaçada d'espinhos e flôres, esmaltada de gloria, e cortada d'amarguras crueis, e d'eguaes decepções.

Entre o muito que de Camillo affirmou o desgraçado prisioneiro d'Angola, attrahiram-me a attenção estes periodos, burilados por mão de mestre, que hão de soar sempre aos meus ouvidos como outr'ora soára aos de Romulo o velho cantico dos *arvaes:* Camillo começou cêdo a chorar, e só sabe chorar quando escreve; mas ha tanta poesia, tanta resignação, tanta humildade n'estes prantos, que bem glorioso devia ser o infortunio que lhe rasgou a sua primeira ferida.

Prende pela agonia, arrasta pela dôr, e magnetisa pela commoção violenta.

E' como a attracção magnetica dos espiritos melancholicos, que se abraçam, que se extasiam, e que coleam na communhão d'uma mesma angustia!

Ah! que riqueza d'estylo, que milagre de locução, que pompa de phrase, que opulento dizer!

E, ás vezes, veem-lhe ahi assacando culpas os cizaneiros da critica meticulosa, accusando-lhe demasia de flôres, exhuberancia d'enfeites, e fartura de primôres, que, agora ou logo, a imaginação — para não morrer suffocada em tantos e taes perfumes — lhe derrama a flux na pintura d'uma imagem que merecia ser mais singelamente vestida.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Em Portugal, o desgraçado que, d'alma e coração, veio a professar na ordem das letras, está irremediavelmente perdido: E' que é tamanha a matilha dos pretenciosos e ôccos, que não ha cannellas que logrem não ser mordidas. O triumpho dos mediocres assenta n'um pedestal de lama, que ha de

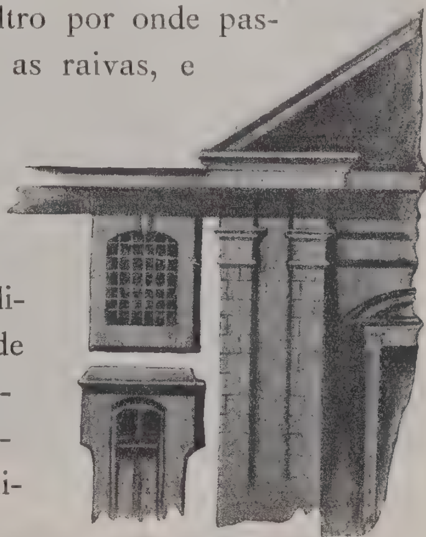
escoar-se pelas vertentes da praça publica quando a camada dos imbecis poder entender um livro.

Deus — o mysterioso Deus — tem em tão pouco as glo-riolas, que as concede unicamente aos tôlos............
.......................................................

*

* *

Camillo Castello-Branco — a quem a munificencia d'um rei trahido e infeliz fez mercê do titulo de visconde de Corréa Botelho — ha de ser inteiramente glorificado no futuro, porque é este o unico filtro por onde passam e desapparecem as invejas, as raivas, e as estultas pretenções criticas de ridiculos e irrisorios *Pontmartins* de papelão.



JANELA DO QUARTO EM QUE ESTEVE PRESO CAMILO NA CADEIA DA RELAÇÃO DO PORTO E ONDE ESCREVEU O ROMANCE «AMOR DE PERDIÇÃO»

N'uma epoca em que, por encommenda e a tantos reis a linha, o elogio quasi sempre incide sobre os mais completos refractarios da mentalidade, muito ganhará a obra monumental do eminente escriptor com ser colocada sobre o pedestal que lhe é devido, quando a justiça não fôr um mytho, a verdade uma descarada mentira, e a critica uma espécie de *soalheiro* sem sciencia nem consciencia.

A individualidade litteraria do infeliz cenobyta de S. Miguel de Seide deu exuberante seiva para quatro ramos distinctos; e se alguns d'estes vegetaram um tanto ou quanto enfesados,

é certo que os outros cresceram e floriram tanto, que, como arcos triumphaes, cobrem toda a sua época, derramando cada florescencia o fino arôma que embriagou, embriaga, e ha de embriagar sempre os fanaticos da philosophia e da arte.

*

* *

Eu — na pequenez da minha comprehensão e do meu senso esthetico — admiro mais a grandiosidade da obra romantica e critica de Camillo, do que a que se filia na historia e no theatro.

Como romancista — talqualmente Balzac, « brillant e trés fecond auteur de la *Comédie humaine* », eu tenho-o como o principal de todos os tempos da nossa litteratura, — não tanto pela variedade d'entrechos do grande numero dos seus romances, senão « pela ductilidade e riqueza do vocabulario, e pela facilidade e colorido do estylo suggestivo e apropriado ás situações ».

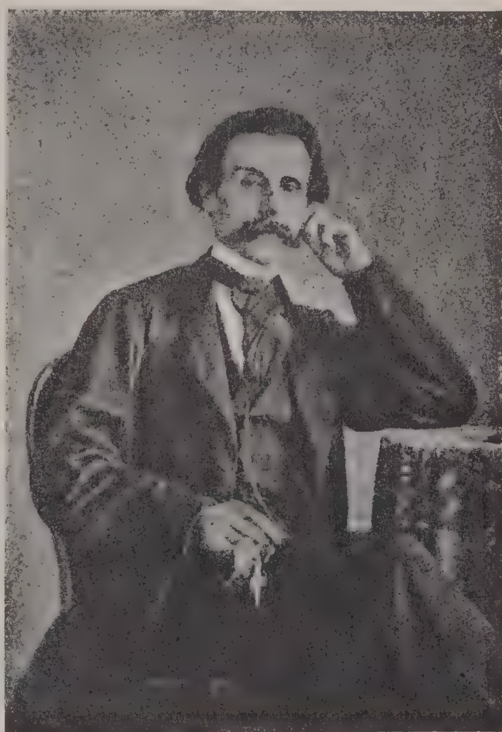
Dentro d'um pequeno volume ri como Demócrito, chora como Heráclito, ensina, censura, desmorona, e de seguida reedifica.

É o *Antéu* da litteratura romantica, mais forte que o mythologico filho de *Neptuno;* pois que não houve *Hercules*, entre nós, que conseguisse vencel-o, esmagal-o, destruil-o.

E se, como critico e polemista, produziu, além de muitos outros, os notaveis espécimens denominados *Noites d'insomnia, Serões de S. Miguel de Seide,* e *Cavallaria da Sebenta,* em que fez morder o pó a theologos de polpa, e a prosadores e poetas de diversas estaturas, já não foi tão feliz no theatro; ao qual, apesar da finura da phrase e do valor dos conceitos, faltou isso a que se chama *carpintaria de Sardou,* que tanto dinheiro e gloriolas tem

dado á auctores de variadas craveiras, por mercê d'um progressivo mau gosto, réclames dos jornaes, e *ovações* das *claques*.

Como historiador, finalmente, Camillo — que nunca teve o fôlego do nosso inclito Herculano — não segue, é verdade, o systhema massudo, servil, e indigesto da maioria dos historiadores fradescos, e até antes se eleva, pela forma, á altura dos mais eximios artistas da penna; porém é, por vezes, fraco observador, e d'uma flagrante parcialidade, inadmissivel em Historia, desde que esta — no dizer dos mestres e no consenso de todos — deve ser profundamente a expressão da verdade.



CAMILO SEGUNDO UMA FOTOGRAFIA DE 1860 PUBLICADA NA PAG. 17 DA CONFERENCIA DE OLDEMIRO CESAR «CAMILO CASTELO BRANCO SUA VIDA E SUA OBRA», 1914

No seu formoso volume intitulado *Historia e Sentimentalismo* li, com espanto, as inexactidões contidas n'elle, relativamente ao honrado e meritorio governo de D. João de Castro, na India: inexactidões que tresandam a um inconfundivel mau humor, talvez originado pelo que houvesse lido nos diversos historiadores dos casos orientaes, attinentemente ás ladroeiras e varios desleixos administrativos d'outros governadores e viso-reis, taes como Martim Affonso, Lopo Vaz, Francisco Barreto, etc., etc.

Entretanto as tradições dos portuguezes na Asia teem ainda um inalteravel repositorio no espirito d'aquelles povos; e eu ouvi-os alli, muitas vezes, dizerem da obra e honradez do grande viso-rei o que não vi escripto no volume de Camillo.

N'outro livro *(D. Luiz de Portugal)* Castello-Branco trata tão desabridamente o decimo oitavo rei da dynastia d'Aviz, D. Antonio, *Prior do Crato,* que, — esquecendo-se das lições de patriotismo, bravura, e abnegação que elle deu (até ao ponto de regeitar a proposta da venda dos seus direitos á corôa, feita por seu primo Filippe 2.º da Hespanha, e ir morrer, depois disto, pobremente em Paris) — até lhe negou o ser filho legitimo do infante D. Luiz, como se não existisse uma sentença da ligitimidade do casamento d'este principe com D. Violante Gomes, formosa mãe do *Prior*.

E, além d'esta sentença — que os Filippes e seus sequazes não poderam destruir —, outra prova existe da authenticidade do citado matrimonio n'um dos antigos livros de baptismos, ainda ha pouco archivados na magnifica bibliotheca d'Evora.

*

* *

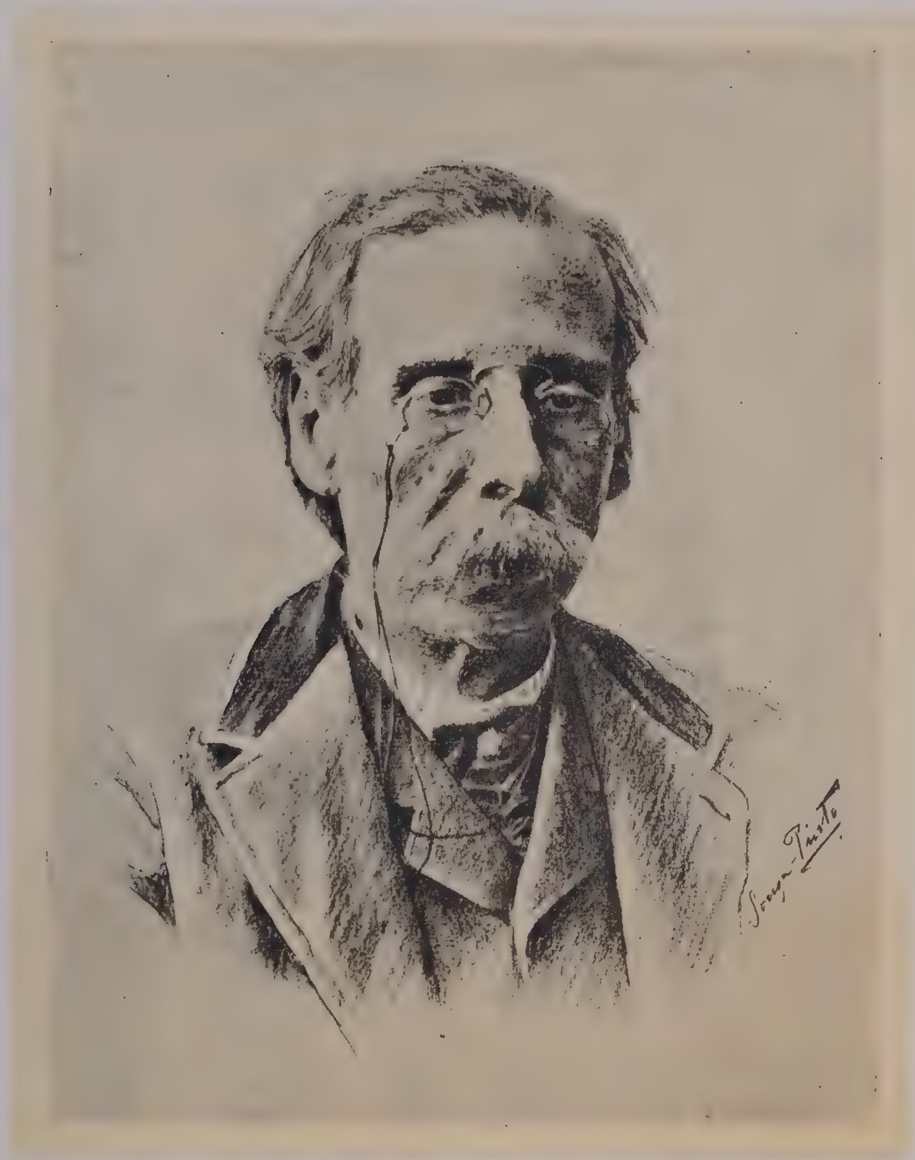
Ah! mas estes diversos *senões* do historiador, bem como as respectivas deficiencias do poeta e dramaturgo, jámais o poderão apear do pedestal de gloria a que o elevaram os seus inexcedidos méritos de romancista, polemista e critico.

Se não estivesse solidamente provado que o grande auctor do *Amôr de Perdição* viera à luz « n'esta formosa terra de marmore e de granito », sete ou mais cidades — levadas pelo

assombro produzido pela grandeza da sua obra — haviam de pleitear-lhe o logar do berço, talqualmente aconteceu a Homero, o divino cantor da *Iliada*.

OLIVEIRA MASCARENHAS






CAMILO — DESENHO DE SOUSA PINTO REPRODUZIDO NO FRONTISPICIO DA EDIÇÃO MONUMENTAL DO «AMOR DE PERDIÇÃO»



# HORA CAMILIANA

«*Estou entre o dilema que faz os apostatas e os volantins politicos — escrever assim ou experimentar a miséria*».

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«*Se alguma vez falsifico as tintas, ou derramo a mãos cheias flores sôbre as úlceras, é isso um excesso de generosidade que uso com o mundo e comigo*».

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Engenho de bem escrever! *Palavra ôca de que ri galhofeiramente quem tiver um de fazer assúcar ou serrar madeira*». — Camilo.

ABRO os livros que a sua Dôr ditou,
De fôlha a fôlha, e em lava o coração,
Pasto de uma outra igual Expiação,
Debruça-se nas trevas do que sou...

Exilado, quási órfão — mal brotou
A voz infanticida da Razão —,
Também a sós comigo e a imensidão
O mesmo atroz Destino me arrastou...

E neste anseio louco de entregar-me,
Em cilícios de intantes transmigrados,
A' mesma Aspiração libertadora,

Chego tanto, meu Deus!, a odiar-me,
— Prêsa senil de códigos malvados! —
Que já nem o suicídio me apavora...

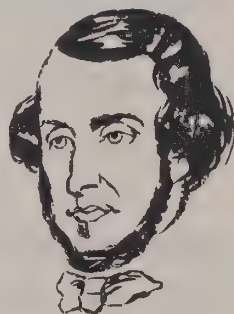
MATEUS MORENO





# GARRETT E CAMILO

A leitura, no livro *Camillo homenageado — o escriptor da graça e da belleza,* organisado pelo sr. Dr. Azevedo e Menezes, desta phrase, atribuida a Garrett: « *Ninguem diz como Camillo* », sugeriu-nos a ideia de averiguar se, realmente, teria havido quaesquer relações entre Garrett e Camilo.



MÁSCARA DE GARRETT — DESENHO DE SAAVEDRA MACHADO

Aquela frase encontra-se numa carta, existente no Museu de Camilo em S. Miguel de Seide, dirigida ao romancista Camilo pelo seu grande amigo Carlos Ramiro Coutinho, Visconde de Ouguela, que, neste logar, podemos reproduzir por nos ter sido amavelmente facultada a sua copia por aquele mesmo senhor que, tão dignamente, ocupou o lugar de director do referido Museu.

Eis a carta:

Meu querido Camillo

Se isto não é Africa declaro-te, que nada entendo de geographia, nem de temperatura.

Sinto um calor ardentissimo, e acórdo todas as manhans a imaginar, que adormeci n'alguma cubata de Moçambique.

Lévo a minha modestia a fallar-te simplesmente do estado phisico da nossa Lusitania. — Da vida moral deixo ao «Diario Illustrado» a sua apreciação. Li o artigo do Theophilo Braga. Leio tudo quanto me vem á mão.

Creio que o Herculano vae responder.

Estou ancioso por vêr o *Demonio do ouro*.

Não te esqueças da *Infanta*.

Em portuguez só as tuas prozas me enthusiasmam. Ninguem diz como tu. Disse Garrett. Tenho sêde d'um livro teu. Quero enchaguar a boca das phrases dos criticos e criticados que por cá enxamêam.

Minha mulher e mãe recommendam-se-te muito a ti, á Ex.ma Snr.a D. Anna, e a teus filhos.

De mim só te digo, que tu sabes o que eu penso e sinto.

Todos fallamos aqui sempre de ti e dos teus.

Todas as tuas cartas são lidas em familia.

A cadeira, meu filho, é tua como é a alma do teu do c.

14 ag.to 1873

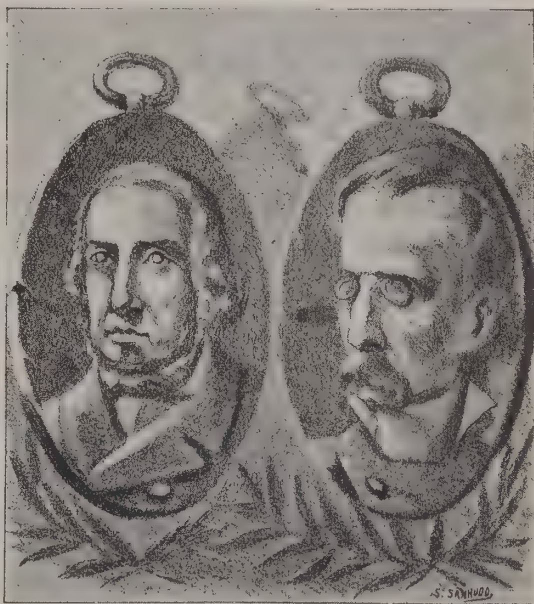
*Carlos.*

A quem o *principe da lira (Cancioneiro alegre)* teria dito aquelas lisongeiras palavras a respeito de Camilo, então no verdor dos anos e no inicio da sua esplendida carreira literaria, palavras que o Visconde de Ouguela, provavelmente, recolheu da tradição, é, agora, caso bem dificil de determinar.

Certo é porém que, em toda a obra de Camilo, não ha a menor alusão nem a elas nem ao seu conhecimento directo com Garrett, como seria natural; mas o que não sofre duvida

é que o notavel romancista se ocupou de Garrett em muitos dos seus livros como veremos. Entre os papeis de Garrett conservados pelo nosso amigo o sr. Eduardo da Cunha e Costa nada encontrámos que pudesse esclarecer este assunto.

Contudo é muito possivel não só que Camilo procurasse conhecer, durante a sua estada em Lisboa, em 1850, o afamado escritor cuja obra lêra certamente, como tambem a este não passasse despercebido o nome que, no 1.º volume da revista literaria *A Semana* (1850-51) subscrevera o romance *Anathema*, elogiado por Lopes de Mendonça na *Revolução de Setembro*, e outras composições em prosa e verso.



GARRETT E CAMILO — REPRODUÇÃO DA 1.ª PAG. DO N.º 106 DO JORNAL «O SORVETE» DE 6 DE JUNHO DE 1880. DESENHO DE SEBASTIÃO SANHUDO

Observaremos que no 2.º volume daquela revista não vem escrito algum de Camilo, mas que nele colaborou Garrett. Mais tarde, em 1854, por ocasião do aparecimento das *Folhas cahidas*, tendo publicado Camilo, sob o pseudonimo de *Um antigo juiz das almas de Campanhan* e o titulo de *Folhas cahidas apanhadas na lama*, uma satira àquele *ramilhête de flores (Cancioneiro alegre)*, satira que, com outras vindas a publico pela mesma época, tanta magua causou ao poeta, não procuraria este saber quem era o autor dela?

E te-lo-hiam informado que o autor da satira era Camilo Castelo Branco, que até àquela data havia já dado á publicidade, alem dalgumas obras anonimas, estes livros: *Agostinho de Ceuta,* e *O Marquez de Torres Novas*, dramas; *Inspirações, Um livro, Duas epochas da vida,* poesias; *Mysterios de Lisboa,* romance?

Na impossibilidade de documentar, como seria do maior interesse, as relações que, porventura, tivessem existido entre estes dois astros de primeira grandeza que tanto brilharam no céu da literatura portuguesa do seculo XIX, limitar-nos-hemos a reunir as opiniões de Camilo sobre a vida e obras de Garrett, para demonstrar o alto conceito em que era tida por ele esta gloria portuense.

Num extenso artigo sobre Garrett, saído na revista *O Mundo elegante* e recolhido depois nas *Cousas leves e pesadas* escreveu: «... João Baptista Leitão de Almeida Garrett, o mais brilhante espírito que um descuido ou capricho da natureza, ingendrara no Porto».

E na *Maria da Fonte* considera-o como «talento abalisado» e «culminante escriptor portuguez deste seculo.» Nas *Noites de insomnia,* rebatendo opiniões de Teofilo Braga e Joaquim de Vasconcelos acêrca de Garrett, chama-lhe «gloria imperecedoura de Portugal».

Acêrca da influencia exercida por Garrett na restauração do teatro nacional disse, no artigo do *Mundo elegante:* «Garrett regenerou a comedia e a tragedia trajando-as de galas que pareciam novas pelo feitio, mas que estavam congenitas no genio da lingua e costumes nacionaes».

Em varios lugares analisou as principaes obras teatraes de Garrett.

Assim na mesma revista referiu-se por este modo á tragedia *Catão:* «... o typo da liberdade, o ardido *Catão*, que parece esculpido em bronze».

No livro *Cavar em ruinas* depara-se-nos o interessante artigo *Uma epistola de Garrett e o Porto,* em que Camilo vae sublinhando, nessa composição poetica, as referencias, injuriosas umas, elogiosas outras, á sua terra natal a que chamou *grande aldeão* e aos seus patricios de um e outro sexo.

E termina: «Ora, quem diria que o author da epistola... viria a escrever *Camões,* o *Alfageme, D. Branca* e *Frei Luiz de Sousa*? Como aquelle juizo e coração se depuraram e refizeram no desterro, no estudo e nas dôres intimas, dolorosa bigorna em que aos bons anjos de infortunio compraz retemperar a alma!».

A este ultimo drama alude no *Curso de litteratura:* «... perfeitissima elegia de *Frei Luiz de Sousa.*» E tambem no *Mosaico:* «... Fr. Luiz de Sousa,... não menos luzido pela poesia tragica da vida que mais ou menos lhe fabulou o visconde de A. Garrett,...».

E nos *Esboços de apreciações litterarias* ocupando-se do 1.º volume do *Romanceiro portuguez,* publicado em 1841 por Ignacio Pizarro de Morais Sarmento, observa: «Neste volume convidam a reparo as trovas intituladas *Fr. Luis de Sousa.* O que em mim suscita o reparo é ter o *Fr. Luis de Sousa* d'Almeida Garrett apparecido tres annos depois (1844). Quem houvesse lido as oitavas do snr. Pizarro, enfloradas com as peregrinas phrases do chronista de S. Domingos, na relação dos tragicos amores de Manoel de Sousa e Magdalena de Vilhena, sentiria para logo a sublimidade dramatica do successo: e, se o leitor tivesse em si o *ecce Deus* de Garrett, faria resaltar do poemeto do snr. Pizarro a formosa tragedia para a qual nunca se hão de esgotar elogios nem lagrimas».

A esta observação de Camilo acrescentaremos que Almeida Garrett poderia tambem ter sido sugestionado por estes trabalhos anteriores ao seu drama: *Luiz de Souza,*

romance de Ferdinand Denis publicado em 1835; *O Captivo de Fez*, drama de Antonio Joaquim da Silva Abranches, inspirado pela ideia de Manuel de Sousa Coutinho, publicado em 1841 e *Manuel de Sousa Coutinho*, romance historico por P. M. publicado em 1842 no sexto volume do *Panorama*.

Da tragedia *Merope* escreveu, com toda a rudeza, esta nota coligida pelo nosso amigo o sr. Dr. Julio Dias da Costa, no seu curioso volume *Escritos de Camilo:* «Alentada semsaboria!».

Acêrca do *Auto de Gil Vicente* ha estas duas notas camilianas extractadas naquele mesmo volume: «Um titulo estragado pelos episodios extra-historicos, e d'uma fantasia pueril com niquices de velho. O' gigantes de cebo que o sol de 20 annos derreteu!». «Quando assim se mutila e deturpa a tradição, não é permittido usar nomes historicos e de tão alto quilate».

Num artigo *Dois corações guisados (Cousas leves e pesadas)* diz que Almeida Garrett caluniara o *candidissimo* Bernardim Ribeiro afirmando, na ultima nota daquele *Auto*, que êle «fôra feito commendador da ordem de Christo e governador de S. Jorge da Mina onde talvez morresse de carneirada» e corrige este erro do grande poeta.

Ainda a respeito desta nota garretteana escreveu no mesmo exemplar do «Theatro de Garrett», donde foram copiadas as anotações anteriores: «Esta Nota é um rozario de anachronicos desconchavos, e de ignorancia indesculpavel a sujeito de tal cathegoria litteraria».

Das varias colectaneas de versos de Garrett tambem se ocupou Camilo.

No citado artigo do *Mundo elegante* lê-se: «Na *Lyrica* de João Menino (sic), nas *Flôres sem fructos* (sic), em todo aquelle vergel de peregrinas flôres, abrindo-se em sorrisos de esperança, ou desbotando ao amarellecer da saudade, faz

gosto e magua vêr a historia do coração humano tão lealmente contada áquelles que a entendem».

Porém num exemplar da *Lyrica* pertencente ao sr. Avelino



CAMILO — DESENHO DE MANUEL DE MACEDO
E GRAVURA EM MADEIRA, DE CAETANO ALBERTO, REPRODUZIDA
DO «ALMANAK ILLUSTRADO DO OCCIDENTE» DE 1886

de Almeida e anotado por Camilo, encontra-se esta nota referente ao poemeto *Filinto:* «Massada cruel!».

Das *Folhas cahidas*, que satirisou, escreveu no *Cancioneiro alegre:* «Quando Garrett, ao lusco-fusco da vida, fez um ramilhete de flôres — que pareciam borrifadas pelo or-

valho de dezoito primaveras, mas em verdade traziam crystallisadas as lagrimas dos cincoentas annos...».

E a proposito deste belo livro disse no mesmo *Mundo elegante:* «Fôra sempre amor a vida de Garrett».

Ao «sempre formoso poema» *Camões*, cujo protogonista, segundo as suas proprias palavras, «é um Luiz de Camões romantico, remodelado na phantasia melancolica d'um grande poeta exilado, amoroso, nostalgico», consagrou estas expressões nas *Scenas innocentes da comedia humana:* «...o livro das saudades, o hymno grandioso do que fomos como heroes, e a asperrima condemnação do que fomos como ingratos».

Nesse poema, diz Camilo *(Luiz de Camões*, prologo da 7.ª ed. do *Camões* de Garrett), «Garrett fez uma apotheose ao genio, e a si se ungiu ao mesmo tempo principe reinante na dynastia dos poetas portuguezes, creando aquella incomparavel maravilha litteraria».

Resta saber se no exemplar do *Camões,* anotado por Camilo, actualmente em S. Miguel de Seide, existirão algumas notas que não condigam com estes excerptos...

A proposito das belas antiteses empregadas por Garrett, no poema *Camões*, para definir o vocabulo *saudade,* escreveu Camilo um artigo sob o titulo *Saudade,* que faz parte do volume *Cousas leves e pesadas.* Nele transcreve trechos de autores classicos portugueses, que afirmaram não existir, em nenhuma outra lingua além da portuguêsa, uma palavra especial para designar o *gosto amargo de infelizes,* o *delicioso pungir de acerbo espinho.* Esses autores foram, por ordem cronologica: Duarte Nunes de Leão, Fr. Isidoro de Barreira, Manuel Severim de Faria, Antonio de Sousa de Macedo e D. Francisco Manuel de Melo, todos muitos anos anteriores a Garrett «que, segundo Camilo, o disse melhor e mais judiciosamente que todos eles, porque esse consentiu

que todas as nações sentissem o sentimento representado pela saudade».

Mais tarde na *Bruxa do Monte Cordova* refere-se a este seu escrito e torna a enumerar os varios escritores portugueses que, antes do cantor de *Camões*, definiram a *Saudade*.

Sobre este assunto é interessante lêr os seguintes trabalhos: *Notas lexicologicas* por Manuel de Melo; *A Saudade portuguesa* por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos e *Uma carta e algumas notas inéditas de Camilo Castelo Branco* por Nicolau da Fonseca.

No *Curso de literatura* escreveu do outro celebre poema de Garrett: «*D. Branca*, poema o mais philintista e todavia menos vernaculo do grande poeta...».

Naquele livro observou que, neste poema, Garrett usa a palavra *doce*, como bordão.

Num exemplar da *D. Branca* que foi de Camilo e actualmente (*Jornal de um rebelde*, de Forjaz de Sampaio) pertence ao ilustre escritor o sr. Lopes de Mendonça, aparece sublinhada aquela palavra em todos os lugares em que Garrett a empregou.

Ainda no mesmo *Curso* conclue acerca dos dois poemas garretteanos: «Os poemas *D. Branca* e *Camões*, suggeridos a um emigrado, que se acalentara com a toada das musas classicas, são não sómente a aurora, que tambem o alto dia do romantismo em Portugal».

Ás *Viagens na minha terra* referiu-se no folheto *O general Carlos Ribeiro*: «o Garrett que faiscava, como um cerebro de diamantes facetados, as *Viagens na minha terra*...».

No *Cancioneiro alegre* aludindo á graça garretteana, assunto que, sem duvida, será tratado, com todo o brilho, num proximo trabalho do sr. Julio Moreira, autor do curioso livro *A graça portuguesa*, assim se referiu ao espirito contido nas

paginas das *Viagens:* «Trouxe Garrett do exilio excellentes prendas. Trouxe o languido sentimentalismo, a architectura composta do estylo — o anglicismo castiçado com a francezia, e colorido á portugueza com tintas sediças de Filinto —; trouxe o ideal que dramatisou, e as lindas ligeirices do *humour* britannico com que esmaltou as *Viagens,* em que a parte romanesca é banal. Trouxe, emfim, elementos de regeneração litteraria que pouco deram de si... O que elle não trouxe de Paris foi a graça gauleza».

E mais adiante: «Eu de modo nenhum pretendo enviar a este astro de primeira grandeza e luz perpetua um sopro com o propósito assás temerario de apagal-o. O que pretendo dizer é que elle não teve graça que nos faça rir a nós».

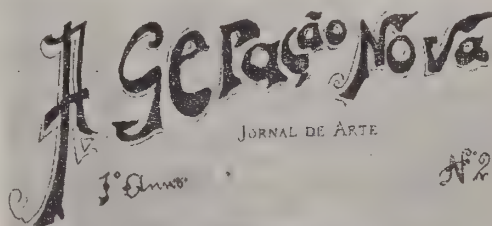
Do romance *Arco de Sant'Anna* disse: «O *Arco de Sant'-Anna* é obra de bom cunho litterario pela linguagem, mas prejudicada pelo intuito de satyrisar paixões coevas com mal escolhidas situações d'um seculo remoto».

Em resumo, segundo Camilo, *(Curso de litteratura)* as obras de Garrett que, para sempre, ocuparão um lugar especial na literatura portuguesa são as seguintes: «As obras de Almeida Garrett destinadas a imperecedouro renome são *D. Branca, Fr. Luiz de Souza, Um auto de Gil Vicente, O Alfageme de Santarem,* e as *Viagens na minha terra,* senão pelo fino tacto do romance, de certo pelo gracioso e variado interesse da narrativa».

Camilo *(Maria da Fonte)* considera Garrett como o «maior orador que deu Portugal».

Da linguagem de Garrett fez, no artigo do *Mundo elegante,* este grandioso elogio: «Eram admiraveis os recursos do vocabulario de Garrett. Sabia dizer tudo em lingua purissima dos que melhor a escreveram n'esta terra. Se, porém, a idéa nova sincava na impropriedade do termo

usual, o accusado escriptor enxertava a palavra estranha, e o mesmo era dar-lhe fôro de portugueza. Se n'estas liberdades se demasiava alguma vez, era preciso aceitar-lhe o capricho, porque não havia audacia que lhe pedisse contas, vista a immaculada dicção das suas obras mais consideradas ».




CAMILO
DESENHO DE CONSTANTINO, REPRODUZIDO DA 1.ª PAG. DO N.º 2 DO JORNAL DE ARTE « A GERAÇÃO NOVA », PORTO, 1894

Tratando da amizade de Garrett com José Gomes Monteiro nos *Esboços de apreciações literarias,* refere-se á sua correspondencia epistolar: « Sabes tu o que eu queria roubar á gaveta de José Gomes Monteiro? As cartas de Almeida Garrett, as confidencias daquelle immenso genio, que se expandiam na alma e intelligencia de José Gomes Monteiro. Estas seriam as paginas de ouro da biographia de ambos ».

Falando dos prologos de Garrett nas suas obras, alude satiricamente na *Bibliographia portugueza e estrangeira,* á sua « costumada modestia ».

Ainda a este assunto se liga esta nota de Camilo num exemplar do *Catão,* na posse do sr. Avelino de Almeida:

«Garrett é quem escrevia estes prologos. De si diz elle que estava no verdôr da idade aos 46 annos!».

Como se vê o estilo de Camilo, nas notas á margem, era muito diferente daquele de que usava nos livros...

É o que se confirma com esta apreciação contida no livro do sr. Dr. Dias da Costa: «Garrett era tão avêsso a inutilisar os seus versos que até os vendia a 2 editores simultaneamente — os mesmos versos. Digam aos successores dos Bertrand que lhes mostrem 2 vol. authographos e ineditos. O talento não redime d'estas porcarias».

É curioso consignar aqui que estes dois volumes, indicados e extratados por Teofilo Braga no volume *Garrett e os dramas romanticos,* pertenceram a José Bastos (sucessor dos Bertrands), que os ofereceu ao distincto camilianista o sr. Dr. Tavares de Carvalho que, por seu turno, presenteou com eles o nosso amigo o ilustre escritor sr. Delfim Guimarães, que tenciona publicar, em volume, as poesias ineditas (algumas eroticas) de Garrett.

Sobre o monumento que deveria ser erguido á memoria do grande poeta, lê-se na *Filha do Arcediago:*

«No Porto, onde nasceu Garrett, invocaram-se todos os Antonios Josés coevos para idearem um monumento a Garrett... Não se fez o monumento; mas ficou um de vergonha na memoria dos vivos, e bom é que passe além».

Mas «de que serviriam padrões de marmore onde estão os livros de Garrett?»... «que pyramides lhe alteariam o nome mais que as elegias de *Camões* e *Luiz de Sousa?,*» escreveu Camilo no artigo que dedicou ao poeta no *Mundo elegante.*

Numa carta publicada no jornal a *Patria* (1920) encontra-se esta referencia ao janotismo de Garrett: «florida elegancia de Garrett».

No folheto *Vaidades irritadas e irritantes,* com que entrou

na celebre questão do *Bom senso e bom gosto,* alude aos «homens da altura de Garrett, Herculano e Castilho» que «escreviam livros monumentaes».

Concluimos estas ligeiras notas com as seguintes palavras de Camilo no artigo inserto no *Mundo elegante:* «O visconde de Almeida Garrett, na sua provincia litteraria, não tinha emulo».

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA





44 O ANTONIO MARIA 29 de Janeiro de 1880

**A sr.ª Rattazzi, ou a bixa de sete cabeças**



Camillo Castello Branco cobre-se com a pelle do leão de Numea, por causa do frio, e começa á pancada á hydra. A hydra não o entende e nós nunca entendemos a hydra.

Lithographia Guedes, rua do Vasco da Gama, 9.

REPRODUÇÃO D'UMA CARICATURA DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO PUBLICADA NO «ANTONIO MARIA» DE 29 DE JANEIRO DE 1880



# A ULTIMA SCENA DA TRAGÉDIA

Ex.[mo] Snr. Dr. Souza Martins

RECORRO a V. Ex.[cia] como o faria a Deus, se a desgraça me não houvesse delido totalmente a fé.

Levantei-me hoje completamente cego. Não posso arrancar do seio destas trevas o menor traço de coisa em que apareça o simulacro de luz. Não posso respirar. No estomago um spasmo que sobe até me estrangular na garganta. Estou perdido. Resta-me só que V. Ex.[a], pondo de parte a compaixão, me diga que realm.[te] estou perdido. Esta agonia despedaça-me. Venha V. Ex.[cia] logo que possa dar-me algum alento ou um desengano que me dê força para acabar com a vida.

Dicto esta carta na maior desesperação e coberto de lagrimas, V. Ex.[cia] nunca teve um doente mais digno da sua commiseração.

De V. Ex.[cia]
amigo e creado
*Camilo Castello Branco* [1]

[1] Carta publicada na *Seara Nova* de Julho, 1923.

Efectivamente um cego não crê em Deus, um cego que não tem a sustental-o uma grande fôrça interior e ao mesmo tempo uma mulher a envolvel-o n'uma atmosfera de ternura só tem como recurso imediato a morte.

Esta carta é um grito, é o grito do homem a debater-se na escuridão cerrada. Camilo chega ao fim da vida de romantico com a treva interior mais espessa ainda do que a da cegueira.



ACÁCIA DE JORGE

Para se comprehender bem os seus ultimos anos é preciso ir-se a Seide. O scenario ajuda a reconstituir o drama de que esta carta é o grito mais alto e mais profundo.

*

* *

Seide, um largo triste com alguns carvalhos decepados, uma cruz, e duas casas, uma em frente da outra. A casa amarela de Camilo cae aos pedaços: as janelas em cima teem os vidros todos partidos; as grades em baixo parecem grades de prisão. Mostram-me de fóra a sala de bilhar onde ele se matou e o cano do fogão onde ele se aquecia. Um buraco — casa para uma tragédia ou para um crime.

Ao pé os carvalhos mutilados e reduzidos a torresmos teem atitudes de humano desespero: não gritam porque não podem gritar. Entro a mêdo no quintal: o terreiro, a acacia de Jorge, e logo ao lado da porta o banal monumento

de Castilho. Subo as escadas. Toco na arvore que o chamava, batendo-lhe nas janelas nas noites de tragica ventania. Porque se recusou Camilo a ouvil-a? Era a natureza humilde a chamal-o, a natureza sem sobresaltos para todos os que aceitam a vida e cumprem a vida. Lá dentro aquele homem reduzido a dôr, curvado sobre os eternos papeis, cá fóra a acacia a bater-lhe devagarinho nos vidros, no silencio da noite e no isolamento da aldeia...



CASA DE CAMILO CASTELO BRANCO EM S. MIGUEL DE SEIDE

Entro. Tudo isto se desagrega: as paredes com fendas, os soalhos sujos e gretados, o fogão comido de ferrugem. A casa está deshabitada. Nem um vestigio de ternura n'este buraco, donde ele sahia de combinações de dramas e de combinações de dinheiro, para correr a cavalo as batotas de Famalicão e de Guimarães. Aqui escreveu alguns dos seus melhores livros, os *Serões*, as *Novelas do Minho*, a *Brazileira de Prazins*. Aqui maquinou o rapto da orfã, que veio a acabar com olhos de espanto entre sêres que não podia com-

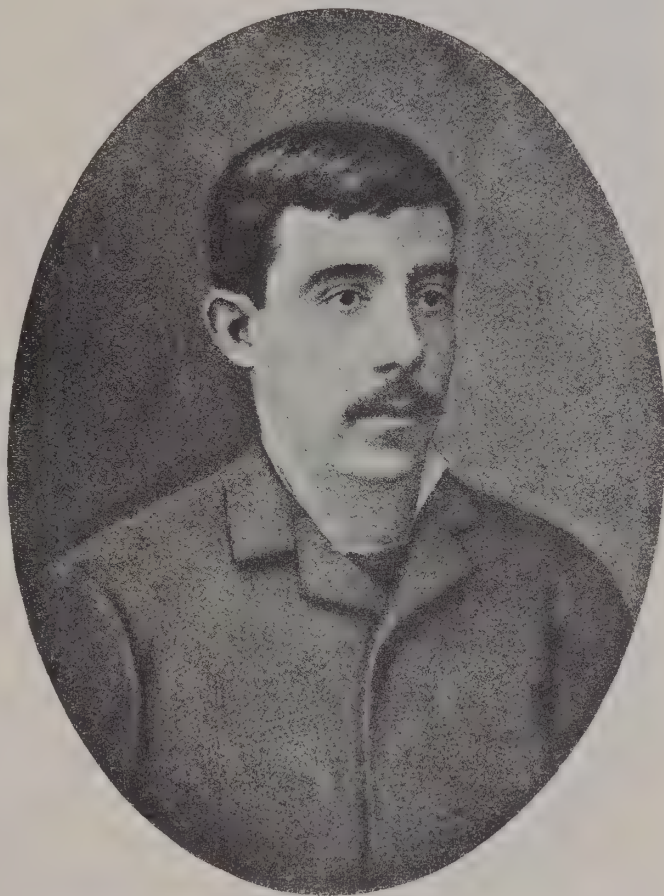
prehender nem amar, Camilo, D. Anna, o doido. Aqui cumpriu a condenação perpetua de escrevêr, de escrevêr sempre, com uma pala sobre os olhos, contando o seu drama e os dramas alheios, passando sem transição das lagrimas para o riso e do riso para o sarcasmo até á ultima hora e até á ultima gôta. Estou a vel-o entrar por aquela porta dentro — e tenho mêdo d'esta grande figura dolorida. Mete-me mêdo mesmo depois de morto. Vejo deante dos meus olhos o fantasma quasi cego, com a bôca amarga, só osso e pele, só osso e desespêro.



CASA DE NUNO CASTELO BRANCO
EM S. MIGUEL DE SEIDE

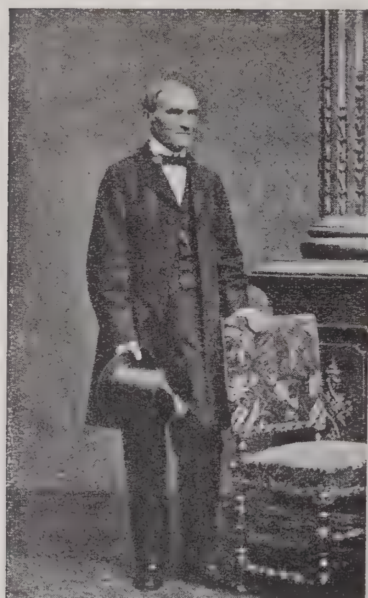
De fronte fica a casa do Nuno, a que Silva Pinto lançou os alicerces, começando a levantar a alvenaria. N'ela moram os netos de Camilo e se guardam algumas recordações do grande escriptor: os seus livros — duzentos volumes — a sua cadeira e papeis Os netos nunca lêram ou nunca comprehendêram a obra do avô. A uma, Flora, foi preciso alguem dizer-lhe que Camilo escrevêra o *Amôr de Perdição* (A. de Figueiredo). E estes folheando um album dizem: — O Camilo...

— Um, mostrando o retrato do primeiro marido de D. Anna, aponta a rir-se: — Cá está o Pinheiro!... — Nas paredes fotografias e bilhetes postais — Camilo, Afonso Costa, Azeitão, o retrato da orfã, o retrato da D. Anna Placido já espapaçada, o retrato de Nuno com olhos de doido, o retrato romantico de Camilo oferecido á sua companheira de carcere. Isto pega-se? .. Tenho a impressão de que estou isolado no mundo como nunca estive. Não é a aldeia — é a dôr. Não é o largo com a cruz e os carvalhos mutilados — é a atmosfera de desespêro. Acabo por fugir de abalada no carro: — Depressa! depressa! — com uma opressão horrivel no peito. Aqui a desgraça anda no ar. E ainda por cima o cocheiro todo o caminho me fala com familiaridade no Nunes (o Nuno), que ele conheceu muito bem: — Era um pandego! Todas as noites jogo e brodio



RETRATO DE JORGE CAMILO
FILHO DE CAMILO CASTELO BRANCO

em Famalicão. Gastou tudo... — E conclue: — Foi pena morrer tão cedo de venereo. — Depressa! Depressa! — Atraz de mim ouço risadas e chufas e clamôres a perseguirem-me. É o fantasma imenso que enche tudo isto de dôr e de sarcasmo...



MANUEL PINHEIRO ALVES
PRIMEIRO MARIDO
DE D. ANA AUGUSTA PLACIDO

*
* *

Deus foi um dos grandes problemas da sua vida. É um dos problemas fundamentais da nossa vida. Mas o drama representado no tablado d'aquela alma assume proporções desmedidas. Primeiro afirmou-o, negou-o depois, sempre com a mesma violencia. Um dia no Porto, alguns homens ilustres discutiram a existencia de Deus, e Camilo encerrou o debate n'estes termos:

— Ah, Ele não existe? Então vamos esta noite cear ao Palacio com francezas e champagne!... — Mais tarde Guerra Junqueiro, ao sabel-o desesperado, procurou-o em Seide para lhe prégar Deus. Ele respondeu-lhe com ironias. Já o seu mundo moral era um inferno... Ao fim da vida o homem detem-se e scisma: cada passo que avança lhe mete mêdo, e a frialdade do sepulchro entranha-se-lhe cada vez mais fundo na alma. Respira-a. Faz-se mais pequeno, talvez para escapar... Ele não — ele engrandece. Debate-se e grita. Blasfema.

Muitas vezes me detenho e o interrogo. O riso não me

mete mêdo, nem as lagrimas, mesmo quando o devoram; o que me mete mêdo é esta atitude deante da Sombra cada vez maior e das trevas eternas que se acumulam e o envolvem... E notem que cada vêz o amo mais. Cada vêz que pego n'um dos seus livros me sinto envolvido n'um turbilhão que me arrasta para onde ele me quere levar. Todos os outros escriptores recuam de plano, só esta figura atormentada toma a rampa e enche o palco todo. Meu pai chorou com ele, eu choro com ele, e tenho pena de não têr filhos para, vivos e mortos, comungarmos das mesmas lagrimas.

A sua vida está de tal maneira entranhada na sua obra que não ha separal-as. Desde a fuga á tia Caldeirão,—ás prisões, ao carcere—duas vezes preso—até á tragédia de Seide—é sempre o mesmo drama, que no isolamento da aldeia chega ao acume da tragédia. É ali que a sua alma se debate na escuridão cerrada. Á dôr fisica junta-se a dôr moral. E, exactamente quando já não crê é que na sua vida intervem como em Shakespeare uma nova personagem, fantasma.



RETRATO
DE D. ANA PLACIDO NA VELHICE
AGUARELA ASSINADA SILVA
REPRODUZIDA DA PAG. 345 DO LIVRO
« OS AMORES DE CAMILO », 1899

«Em 1863 nascia Jorge Camilo e morria Pinheiro Alves, e Camilo (ao tempo na casa de saude do largo do Monteiro, onde escreveu a dedicatoria de *O Bem e o Mal* e uma carta

a Ernesto Biester sobre Joaquim Pinto Ribeiro inserta nos *Esboços de apreciações literarias* sentia no mesmo passo uma inexplicavel sensação de asfixia, como se mão invisivel procurasse estrangulal-o» *(Alberto Pimentel e João de Meira)* —Luzes! muitas l zes!—pedia. Em vão antes de adormecer procurava o fantasma nos recantos escuros da casa. De repente transfigurava-se: a boca amarga ria.

O que eu dava para o vêr n'esse ultimo periodo da vida, e ao mesmo tempo para fixar o debate na escuridão, e o terrôr misturado de escarneo quando sentia as mãos do outro apertar-lhe a garganta. O sarcasmo é sempre diabolico, o sarcasmo deante da vida, que me parece sagrada, é a risada horrivel de Mefistofeles. A não sêr que o sarcasmo seja um producto de dôr; só se resulta de lagrimas, só se é tão amargo que represente dôr concentrada, e, melhor ainda, a dòr dos que não querem mostrar quanto sofrem. Suponho eu que o riso de Camilo seria d'este quilate. Ria-se da sua alma e da tragi-comedia da vida. Quando o seu mundo moral era uma derrocada, vinha-lhe o protesto em golfadas á bòca com sabôr a fél.

Em roda d'esta grande personagem o isolamento; em roda os montes, e mais perto D. Anna, os filhos doidos, todos enrodilhados no mesmo desespero, atirando-se á cara, palavras, ditos, improperios. Para comprehender bem isto é preciso lêr os bilhetes que o grande escriptôr e a mulher escreviam um ao outro, de sala para sala, em papeis d'acaso: (Sebastião de Carvalho). Depois choravam, depois ele blasfemava ou passava toda a noite sem fim debruçado sobre os livros porque não conseguia dormir. Já ninguem podia aturar aquele farrapo dorido, e nem ele decerto se podia aturar a si mesmo. Fugia. Fugia talvez ao fantasma que o não largava—Judeu Errante amaurotico, n'um mundo d'acaso, sem uma luz interior a alumial-o.

Porque os fantasmas, uma vez creados, nunca mais nos deixam. Acompanham-nos toda a vida. Geramol-os com os nossos actos, chegando a ter assim uma existencia muito mais real e tangivel, do que a dos outros sêres com quem lidamos todos os dias. Por fim dominam-nos.

Camilo escusava de se rir d'eles ou de sahir de Seide. Escusava de os procurar por os cantos e de pedir luzes que os afugentassem. O que n'uma alma vulgar se reduz a fogos fatuos n'este grande homem só osso e nervos, redobra de intensidade, todas as raizes que arrancou pela vida fóra lhe deixaram buracos em carne viva. Chegou assim ao ponto em que lhes pertence definitivamente. Sua alma é o dominio d'um outro mundo de fantasmagoria e dôr. Desafia o destino e lucta com todas as sombras. Mesmo cego grita e protesta, interroga e debate-se: ha Deus? Não ha Deus — ha sofrimento. Dôr e fantasmas. Aqui estão todos á minha volta... Que é a vida? Qual é o fim da vida? — Uma blasfemia, um grito. — Isto não tem fim nem destino. E' um absurdo. — Uma gargalhada — uma bala nos miolos.



NUNO PLACIDO CASTELO BRANCO, VISCONDE DE S. MIGUEL DE SEIDE, FILHO DE CAMILO

*

* *

Na sua obra não ha uma arvore — nota Junqueiro. Ha. Ha na sua vida aquela arvore que teimava em lhe bater devagarinho na vidraça, aquela acacia que é um dos gran-

des actores d'esta tragédia, apesar de lhe caber um papei tão modesto que não pronuncia palavra. Noite cada vez mais negra, silencio cada vez maior... E ela ahi tornaria a tocar muito baixinho nos vidros. Debalde. Ele não a podia ouvir.

RAUL BRANDÃO





# CAMILLO

EIS um nome que tem calado no animo dos portugueses, como calou o de Camões. Camillo foi lido pelos seus contemporaneos como o grande Épico o terá sido nesses ultimos dias da dinastia de Aviz; e o nome deste sobreviveu a essa leitura intensa como o de Camillo sobreviverá, quando a sua obra estiver esquècida ou fôr sòmente citada por *snobs* e cotejada por algum velho erudito, no remanso ignorado do seu gabinete de estudo.

Notai que um pouco já se vai verificando o dito: são muitos mais os que falam de Camillo chamando-lhe o Grande, o Unico, do que os que o lêem nessas páginas de egotismo sugestivo, de recordar flagrante, de sarcasmo acerado, de piedade bruxuleante e de intermitencias mórbidas. Mas um dia se realisará a previsão que Fialho em tom prophético nos deixou, depois de pintar tràgicamente um Portugal vencido e desaparecido como nação, talvez em longinquos séculos: «o vulto de Camillo, sempre de pé no seu cerro

minhoto, visivel para toda a rosa do espaço, parecerá dizer: Fui eu o ultimo!».

Entretanto Camillo é o symbolo duma raça enfraquecida como o autor dos «Lusiadas» o foi duma raça pujando na pléthora da vida. Camillo, talvez direi melhor, symbolisa o seu e nosso povo, desde o remoto início, ao sair do erotismo provençal para o nervosismo das descobertas, e da irrequietude das conquistas para a cegueira mental do século XVIII. No extraordinário polygrapho ha também a phrase erótica extremamente acentuada, que descamba nessa nevrose deambulante, trágica, por vezes mystica, acalmada em Seide mas logo seguida da angustiosa cegueira, que por ser só physica mais angustiosa se tornou. Poz-lhe termo o suicídio, se assim se póde chamar esse acto de um doente que outr'ora, em dias de paz, condemnara attentados de tal espécie.

Emfim, é um mysterio feito homem, esse Camillo de quem, à bocca pequena, todos detráem, como se detrae da Pátria, e de que todos em alta voz fazem o elogio, como altisonamente se procede para com a Pátria gloriosa.

*

* *

Hall Cain, o grande romancista inglês, descrevendo a principal personagem do seu melhor romance, *O Filho Prodigo,* diz: «Dando-lhe alguma coisa de semelhante ao génio, a Natureza privara-o de caracter — sem o qual o génio é um suplício».

Eu creio que todo o português que haja lido estas palavras se terá lembrado de Camillo, o homem de bom coração que tantas maldades praticou... ou o ser de ruim sentimento que se comprouve tantas vezes em fazer o bem.

Esse homem de irregularissimo caracter que o rapto da *tricentenária*, para seu filho, nos revela — e citarei esse caso para não lembrar o silencio gélido a que votou sua primeira mulher e o desdem com que entremeou na posse o amor à segunda — esse homem verdadeiramente genial foi um auto-supliciado. Em Herculano, disse-o Oliveira Martins e disseram-no todos depois dele, o primeiro traço é o caracter, o segundo o talento. Em Camillo o primeiro é o talento, e o segundo... o talento tambem. Pois Herculano foi feliz ainda em Vale-de-Lobos, refinando o seu azeite e *pousando* sobre



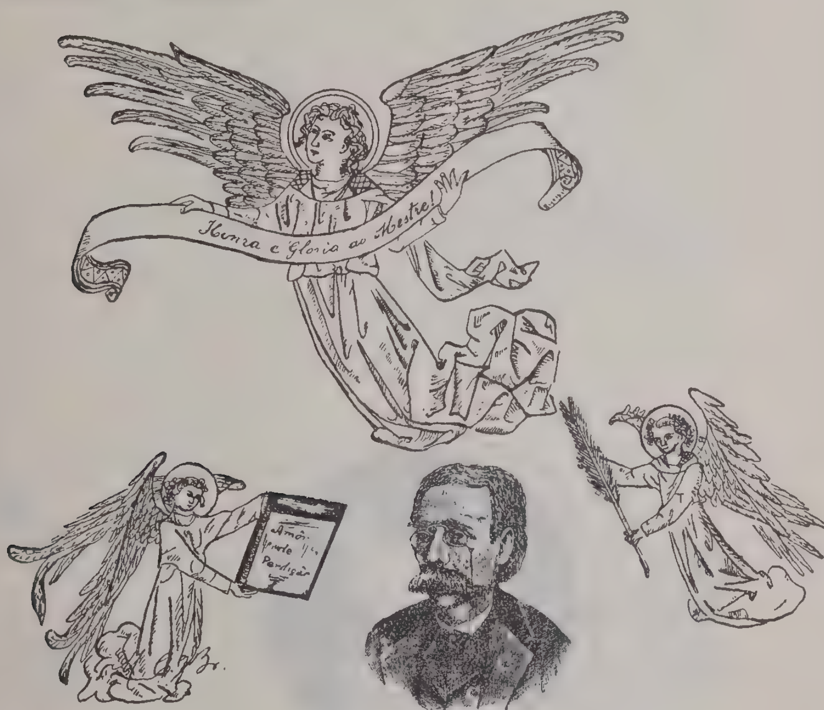
D. ANA AUGUSTA PLACIDO
GRAVURA REPRODUZIDA DO N.º 217 DA REVISTA «A B C»
DE 11 DE SETEMBRO DE 1924

o cesto vindimo, apesar da já lendária phrase: «Isto dá vontade de morrer». Entretanto Camillo, que quer viver, produzir, *ver,* azorragar os zoilos, não se resigna à imensa desgraça da cegueira, nem à velhice e à pobresa e ao tripudiar dos imbecis, e ao afastamento de falsos amigos e, segundo dizem, matou-se.

Que eu não o creio. Estes suicídios como o de Antero, o de Trindade Coelho e o de Camillo não são actos nascidos da plena pósse dum ser. Longe de mim a dissolvente intenção de aplaudir tais actos; mas sinto a necessidade de os reduzir às suas justas proporções.

Pela obra de Camillo tenho até agora encontrado a seguinte linha de oscilação psicológica que, despida de documentação para não alongar de mais o escrito, vos ofereço: Aos 11 anos ajuda à missa, aos 20 escreve um poema com o fim de «dizer mal de toda a gente» segundo o seu testemunho de 20 anos depois; aos 21 é anticlerical; aos 22 replica a Herculano com a «Harpa do Sceptico»; aos 23 está possuido da venalidade literária de que se ufanam os nossos escritores d'hoje; dos 25 existe na sua biografia um rasgo de real generosidade; aos 26 despe-se do scepticismo de póse, e é crente; dos 27 aos 29 é a sua epoca mística seguida do escandalo do adultério — a derrota moral depois da gigântea luta com o seu morbo amoroso; outro rasgo de generosidade nos aparece aos 31, e aos 32 surgem os seus ataques à intolerancia e ao formalismo romano-católico, que o lançam na duvida sobre a propria essencia de Deus e suas manifestações providenciaes, aos 33. Ha ainda nessa idade e d'aí aos 35 anos, o preconceito católico entretecido na crença ingénita de sua alma; aos 37 fala do suicidio que condenara aos 33, como duma idea habitual; aos seus 39 pertence a *charge* aos frades misturada ainda com a crença iconolàtrica; e aos 40 vemos-lhe a fé fulgindo de par com o ataque incoerente à

Reforma; aos 41, novos rebates contra Roma; aos 47, frases de crença suave, desilusões que o fazem roçar pela blasfemia, de que foge; aos 54, rebates de consciencia acerca de D. Ana Plácido, aos 56, o rapto e o casamento de seu filho em Braga; aos 58, a sátira mordente ao sistema católico, «estagnação da teologia», «aluvião de torpesas»... aos 59, aos




DESENHO ALEGORICO DE MANOEL CASTELO BRANCO (NETO DE CAMILO)
PUBLICADO NO N.º 23 DA 2.ª SÉRIE DO JORNAL «O LEME», 1913

60, aos 61, continua o scepticismo irónico misturado com trechos de crença consciente — lembrando Agripa d'Aubigné — aos 63 sofre revoadas de misticismo e sonha o suicídio; aos 64 quer fugir dessa idéa fixa; aos 65 céga...

E depois mata-se!

Aí fica muito que considerar. Eu creio que, através destas simples anotações se sente a figura máxima de Camilo

perpassar entre nós, quase que ouvimos o tiro que o prostrou...

Que luta é a vida de Camillo! E' ele que termina a sua historia: « Ceguei na luta e fiquei vencido ».

Gloria victis!

EDUARDO MOREIRA





# CAMILO E O CAVALEIRO DE OLIVEIRA

Na guarda do primeiro volume do *Amusement Periodique,* pelo Cavaleiro de Oliveira, exemplar pertença de Joaquim de Araújo, lia-se esta nota, lançada pelo punho de Camilo: «Dei por êste livro o ms. da *Divindade de Jesus*, reputado em 14 libras, a José Gomes Monteiro.» Era êste, ao tempo, gerente da Livraria Moré, editora de Camilo, tratando-se, por conseguinte, duma transacção em que o romancista empenhou os seus direitos de autor. O exemplar transitara já pelas mãos de Augusto Sorome-



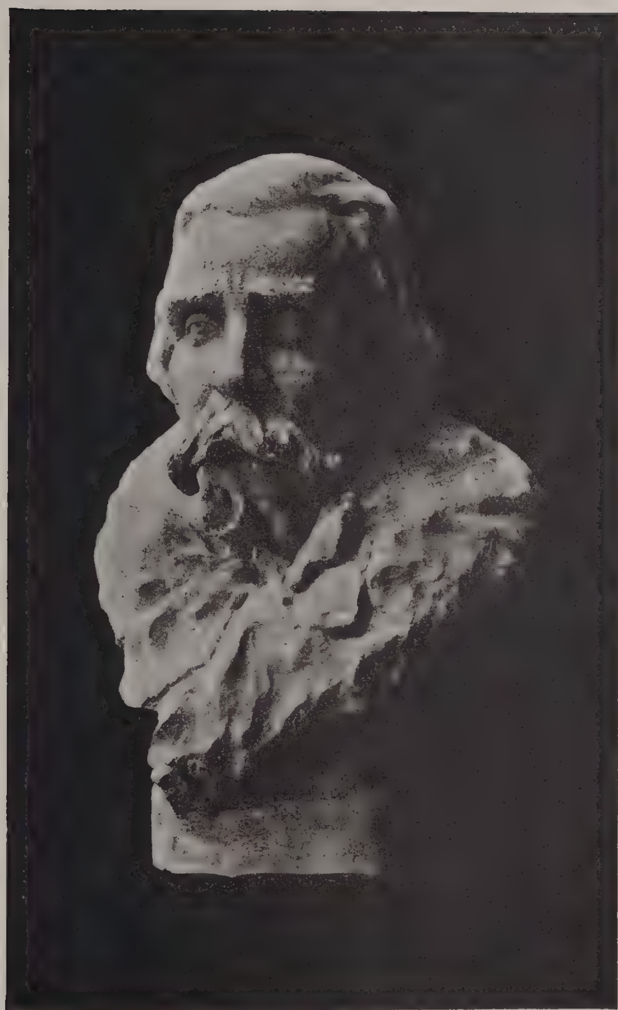
CAMILO
«CROQUIS» DE MANUEL GUSTAVO REPRODUZIDO DA «ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA» DE 14 DE JULHO DE 1913, N.º 386, 2.ª SÉRIE

nho, passando, em seguida aos dois possuidores já citados, a Anibal Fernandes Tomás, na livraria do qual, vendida em hasta pública, o adquiriu Joaquim de Araújo.

Do opúsculo *Sobre o Tumulo de Camillo*, por Joaquim de Araújo, esta passagem duma das cartas do romancista elucida-nos sôbre a veia documental e inspiradora que se lhe deparou no cavaleiro: «Dos *Amusements* servi-me com vantagem em novelas da velha escola de capa e espada (*Judeu, Caveira da Martyr*, etc.) e em pequenos esboços esquecidos. Particularizo-lhe as *Noites de Insomnia*, como repositório da maior parte dessas bagatelas».

Devia estar completo o exemplar compulsado por Camilo, pois no *Judeu* se encontram trechos trasladados do fascículo de Janeiro (as facécias do Doutor Machuca) e no fascículo de Outubro vem historiado o crime de Isaac Elliot, que constitui a trama da *Caveira da Martyr*. Todavia no *Judeu*, aludindo ao *Amusement*, escreve que o periódico tivera, apenas, uma existência de oito meses, quando o exemplar da Biblioteca aí está para atestar que durou pelo menos doze. O exemplar da Biblioteca compõe-se de três tomos, cada um por grupo de quatro fascículos; o exemplar de Araújo de dois. A tomação é arbitrária, sem dúvida, mas a observação de Camilo mergulha-nos em perplexidade. E ou Camilo cometeu um êrro de memória, filiando a *Caveira da Martyr* no *Amusement*, e a referência do *Judeu* é inexacta, ou o exemplar está truncado. Se Camilo utilizou o *Amusement* na *Caveira da Martyr*, dêle também foi subsidiado na *Lucta de Gigantes*, por aquela página em que descreve a batalha de portugueses com espanhóis nas ruas de Roma.

Fonte ou não de todos os livros de Camilo em discussão, o *Amusement* forneceu ainda matéria de crítica ao *Perfil do Marquez de Pombal*, e foi decalcado numa das novelas de que se compõe *Sentimentalismo e Historia*: a *Pena*



BUSTO DE CAMILO DO ESCULTOR RUY TEIXEIRA BASTOS

*de Talião.* O episódio dramático da morte do Corregedor, em que o cavaleiro é seguido linha por linha, aparece no *Judeu,* constitui o nó da *Pena de Talião,* e volta ainda no n.º 4 das *Noites de Insomnia,* tanto êle impressionou o romancista, se lhe não foi agradável repousar, repetindo-se.

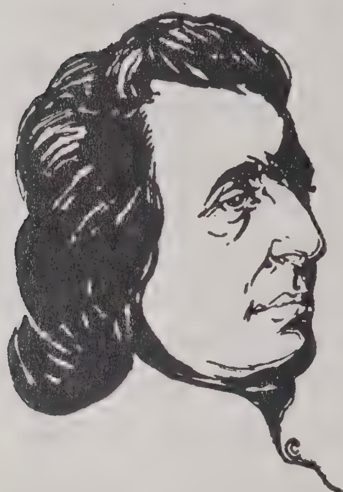
Dentre os trabalhos de Camilo, o *Judeu* é de todos o que mais abundante contribuïção deve ao cavaleiro. Êle próprio o declara em nota, no corpo do romance:

« Observo ao leitor que estas e outras miudezas atinentes à biografia do pequeno Francisco Xavier são extraídas dos próprios livros do celebrado cavalheiro de Oliveira que assim há de êle chamar-se em Portugal e na Europa, quarenta anos depois. Espero poder dar neste romance a mais completa, bem que rápida, biografia de Francisco Xavier de Oliveira, entre tôdas publicadas. Dois volumes, os menos conhecidos das suas obras, são os mais importantes para o estudo da vida revezada e desditosa do filho de José de Oliveira e Sousa. Á livraria do erudito bibliófilo José Gomes Monteiro, meu prestante amigo e indicador de óptimos repositórios de notícias sôbre coisas nossas, pertencem os dois preciosos volumes de que vou colhendo êstes pormenores interessantíssimos, não só pelo que respeita à vida do cavalheiro de Oliveira, senão que dos costumes, crenças e viver daquela geração tão corrompida quanto fanática. »

Não obstante a promessa de « biografia », a personalidade do cavaleiro de Oliveira sai de suas mãos viciada de maravilhoso, interpolada, sob o ajoujamento romântico, de feitos inverosímeis, atitudes que não deixa supor, relações a que, pela natureza dos figurantes, jamais ousou a licença mais descomedida de novelista. É certo que aproveita a verdade onde a verdade se lhe oferece como pedra de construção. Mas o material era escasso, e inventa, cria, completa o cavaleiro com o barro virgem que abunda na sua vasta imagi-

nação e suas mãos geniais sabem modelar a primor. E a figura cresce até superar o âmbito moral da sociedade em que se move.

O escritor pega dêle, ainda menino, e com exactidão histórica — exactidão que corresponde às impressões deixadas pelo cavaleiro — no-lo descreve beato no meio beato de Lisboa. Áparte o comércio de fraternal amizade que nutre com António José da Silva, o *Judeu*, de que ninguém reza, de que é temerário afirmar que um soubesse da existência do outro, porquanto o cavaleiro não era parco em falar das suas relações com homens de letras, ainda para mais vítima aquêle do Santo Ofício — arbítrio que excede as regras toleráveis da fabulação — a fidelidade psicológica mantém-se até o momento em que, apertado o autor nas malhas do próprio enrêdo, Francisco Xavier de Oliveira intervirá providencialmente, como os heróis de Eugène Sue. E êsse momento é quando o cavaleiro, na peugada da cigana Vitorina, será, junto do alcaide de Valhadolid, a sombra tutelar de Leonor e de Sara, denunciadas como judaizantes. Do lance e circunstâncias que o rodeiam, traçou Camilo páginas de grande calor e brilho, mas de todo fantásticas, pois se são certos os amores do cavaleiro com a boémia, apenas uma vez esteve em Madrid, jornadeando pela Extremadura. Depois, como o interêsse em arte reside nos sêres e coisas em crise, Leonor, a noiva do judeu, tomar-se há de paixão surda e es-



MÁSCARA DE ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA (O JUDEU), REPRODUZIDA DA PÁG. 309 DA REVISTA «ARTE E VIDA» N.º 7, DE MAIO DE 1905 — DESENHO DE CRISTIANO DE CARVALHO

tiolante por Francisco Xavier. E porque êste, segundo a norma camiliana, devesse manter a sua feição rectilínea, para desquite da enamorada, se sacrificara a casar com D. Ana Inês de Almeida, menina doente do peito, com mostras de curta vida. E assim obteve Camilo intensidade dramática no jôgo das suas personagens e resolveu o problema emocionante do primeiro casamento do cavaleiro! Depois, atirada fora tôda a circunspecção histórica para com uma figura histórica, o cavaleiro será o vingador de António José, na pessoa do denunciante Bartolomeu Lôbo, filho do tradutor da *Sentinela contra Judeus*. Á hora morta do entardecer, quando as ribas do Tejo estão desertas e silenciosas, no Dafundo, de mão resoluta, travará do patife pelo gasnete e afogá-lo há.

A seqüência da vida do cavaleiro, sem relação directa com a meada do romance, é dada a firmes, posto-que breves traços, com grandes lacunas, explicáveis pela minguada documentação de que se servia, suprindo-lhe a intuïção maravilhosa os embaraços ante o vazio e a meia sombra em que acaba de perder-se o desditoso cavaleiro. Da miséria que arrostou em Londres compôs um quadro de fortes e maravilhosas tintas. E, discreteando sôbre a data do seu segundo matrimónio, que no *Amusement* parece ser 1733, ferido do prelo o último algarismo, que era um 8, diz: «A meu juízo, a incongruência destas datas procede dum êrro tipográfico na última letra numérica do ano designado no periódico do cavalheiro de Oliveira. A publicação era feita em Londres e eu suspeito que o escritor, naquele ano de 1751, tivesse a vista muito debilitada pelo chorar, senão pela fome».

No *Perfil do Marquez de Pombal* encontram-se ainda tópicos importantes sôbre a vida do cavaleiro. Aí o inculca em relações de fraternal amizade e analogia de ideas com Sebastião de Carvalho, contraídas em Londres, em 1744, e continuadas em Viena. Que se avistaram em Londres é facto

incontroverso, em face duma carta do marquês dada a lume; que ataram comércio seguido, parece deduzir-se das passagens que nas *Reflexões* e no *Discours Pathétique* e ainda no *Amusement* ao ministro de D. José dizem respeito, embora êste tenha falado dêle com a sobranceria e o acinte de quem sacode tais contactos. Mas em Viena não podiam conviver, havendo o cavaleiro saído definitivamente da côrte imperial em 1740, e Sebastião de Carvalho ocupado aquela embaixada de 1745 a 1749. «A orçar pelo ano de 1734, em que passei à Holanda e onde quedei desde 1740 a 1744, para vir habitar em Londres, onde me tenho conservado desde então...» escreve o cavaleiro.

No mesmo livro o aponta Camilo como um dos oráculos do marquês em matéria de reformas inquisitoriais. Aludindo ao capítulo do *Amusement*, que analisa uma ordenança do rei de Portugal onde se determina que dali em diante as pessoas condenadas à morte pelo Santo Ofício não fôssem executadas sem que as sentenças tivessem sido vistas e aprovadas pelo seu conselho e firmadas por sua mão, escreve Camilo: «... e aí aparece, como no *Testamento Político*, a idea salvadora de chamar ao Conselho de Estado os processos da Inquisição.» Ora, o cavaleiro não alvitra, limita-se a comentar uma medida que em escrito nenhum seu anterior vimos sugerir. Há, aqui, por parte de Camilo, um abuso de interpretação, pecha a que nem sempre o seu pensamento se furta no ardor da crítica, e falsa atribuïção, a menos que se aceitem como boas as conferências de Londres entre o cavaleiro, inimigo jurado do Santo Ofício, e o ministro, estudando, já a distância, o programa de reformas cuja prática viria a encetar meia dúzia de anos depois.

Como se vê, a figura do cavaleiro de Oliveira, esboçada por Camilo, não tem inteira realidade, nem histórica, nem psicológica. Onde é apenas problemática, Camilo insinua-a

como verídica, e onde nebulosa reconstitui-a a palpite e à feição da narrativa.

Êste desleixado obséquio à verdade coa-se ainda de pequenos trechos do *Amusement*, vertidos para o *Judeu*, onde se sente o escritor, que enchia o mercado literário do seu tempo, compondo sôbre o joelho, à lufa-lufa. Assim, trasladando a anedota sebastianista da vara de marmeleiro que, espetada no chão, instantaneamente floriu, se cobriu de fôlhas e deu marmelos, contada a Francisco Xavier pelo sapateiro Vicente Duarte, com a pressa, se não logrado pelo parentesco gráfico com *cordelier*, de *cordonnier* traduziu para frade franciscano.



REPRODUÇÃO DE UMA FOTOGRAFIA DE CAMILO — 1870 ?

Na passagem do *Amusement* sôbre os escândalos amorosos da côrte de D. João V, estabelece também uma confusão lamentável entre João Gomes da Silva, quarto conde de Tarouca, plenipotenciário em Viena; e o filho, « o cavaleiro de Tarouca », D. Estêvão de Menezes, que veio a casar com D. Margarida de Lorena e, com ser o primogénito, herdou o título materno, além de primeiro marquês de Penalva. Foi êste que raptou ao plenipotenciário M.^lle^ Peles, e não o plenipotenciário ao pai, terceiro conde de Tarouca. Adiante escreve Camilo: « Como bom homem que era êste marinheiro — diz o cavalheiro de Oliveira — conseguiu ser

criado supra-numerário da Imperatriz Amélia». O cavaleiro diz textualmente: «*M.lle Pelles ne prit le non de Rocha qu'en épousant un Laquais du chevalier de Tarouca qui portait ce non. C'était un bon homme: et c'est sa bonté qui le fit devenir Valet de chambre surnuméraire de l'Imperatrice Amélie.*» Onde iria Camilo desaparafusar aquêle «marinheiro»?

Na *Pena de Talião*, onde descreve a morte do corregedor, permito-me ainda de espulgar uma deficiência de tradução ou de interpretação no gigante da prosa portuguesa. «Quando caíu no lagedo já estava morto, escreve o cavalheiro de Oliveira. O padre, que era o seu confessor, apenas pôde apertar-lhe a mão; porém o marquês não correspondeu à pressão; parece que se correspondesse, teria dado sinal de arrependimento bastante para aquela alma se não perder.» Esqueceu a Camilo, o jornalista católico da *Cruz*, e enfronhado em literatura sagrada, que, em teologia sacramental, ao acto acima descrito do eclesiástico, se chama «absolvição pelo pulso on *in articulo mortis*».

Outros pecadilhos seria fácil joeirar nos muitos empréstimos que Camilo fêz ao cavaleiro de Oliveira, quanto a fidelidade e abusiva interpretação. Não vale a pena; aos seus livros não se vai buscar história, mas arte, uma arte que se não comprazia a respeitos e travões. A verdade é que essa estranha e inditosa figura do cavaleiro de Oliveira só começou a ser divulgada a partir de Camilo. O homem de génio tocou-o com o seu sôpro e trouxe-o à plana pública. Êle lhe serviu de pretexto a belas páginas de prosa, no meio das quais aljofram as lágrimas. Camilo sentiu em Francisco Xavier um irmão no sofrer, como êle mordente no chiste, azorrague de tôdas as tiranias e braço dado em defesa de tôdas as vítimas. Compreende-se daí que Camilo, tomado de carinhos por êle, o enaltecesse.

AQUILINO RIBEIRO



# HORAS DELEITOSAS

DIZER o que penso de Camillo e da sua obra colossal?... E' pedir muito a quem tão pouco pode dar. Atrever-me eu a escrever qualquer coisa que, de perto ou de longe, pudesse parecer-se com uma crítica ao grande mestre, seria estulta pretensão que jamais poderia atravessar-me o espirito.

Dizer que o admiro, isso, sim; que lhe devo as horas mais deleitosas para o meu espirito, isso posso fazel-o porque tal affirmação representa a verdade. Julgo conhecer grande parte da nossa litteratura e não encontro, no genero romance, nada de mais caracteristicamente portuguez que os trabalhos de Camillo. O entrecho das suas novellas, onde a phantasia respeita sempre a verosimilhança, a observação meticulosa do meio onde a acção decorre, o caracter das personagens definido com o rigor de um desenho, a linguagem castiça, o estilo sóbrio, a ironia acerada do commentario picante, tudo se encontra na mais perfeita communhão na grande maioria das suas obras, cuja leitura tem o raro condão de agradar a

todos, seja qual fôr o grau de cultura do seu espirito. E é este, a meu vêr, um dos melhores elogios que pode fazer-se a Camillo. Mas se como romancista o seu engenho e merito litterario eram de molde a criar-lhe o renome que tão justamente conquistou, julgo que a sua feição de polemista não foi a faceta menos brilhante do seu notavel talento.



REPRODUÇÃO D'UMA GRAVURA EM MADEIRA PUBLICADA NO FOLHETO CAMILIANO «A PRAGA ROGADA NAS ESCADAS DA FORCA», 1899

Eu sei que a audacia do conceito e a virulencia irreverente da phrase o levaram por vezes ao desbragamento; mas é de justiça accentuar que eram os antagonistas quem arrastava Camillo para esse caminho, e elle acceitava sempre a lucta.

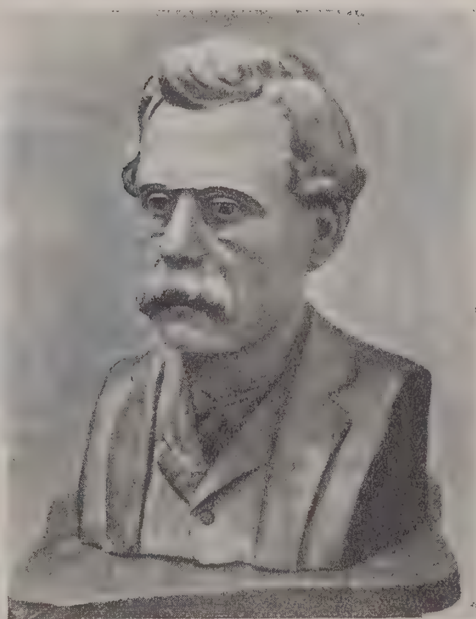
Para mim, Camillo Castello Branco é, se não o melhor, um dos melhores prosadores da lingua portugueza, e a sua obra, intelligente e fecunda, vincou uma epoca de modo tão notavel, que tornou o seu nome immorredouro uma autentica gloria no mundo das lettras que, felizmente, não tem Fronteiras.

MORAES ROSA



# CAMILLO

TRES vezes peguei num quarto de papel para escrever as dez linhas que me pedem sôbre Camillo Castello Branco, e outras tantas vezes as rasguei, relendo as dez banalidades com que preenchi as dez linhas.



BUSTO DE CAMILO
DO ESCULTOR ROGERIO D'ANDRADE, 1917

Camillo é simultaneamente tão amplo e tão escapo, tão simples e tão complicado, tão luminoso e tão escuro, tão recortado e tão impreciso; tem, emfim, na sua literatura como na sua alma,

uma tão emaranhada rede de literaturas e de almas, que se não aprecia em dez linhas, e dificil mesmo será apreciá-lo convenientemente em dez páginas. A sombra enorme do suicida de Seide paira ainda e por muitos seculos, dominadora e inapagavel, sôbre as letras portuguesas. Por isso eu, esmagado no fundo da minha pequenez por esse formidavel avassalador de espiritos, desistirei do intento, e simplesmente me restrinjo, sempre e cada vez mais, a admirá-lo.

M. CARDOSO MARTHA





# O PERFIL DE CAMILLO

O perfil de Camillo — esboceto d'uma raça — é uma grande sombra a revolvêr tragédias. A obra do Mestre foi o escopro que talhou as nossas gentes fadadas de Desgraça. É a ironia a revelár-nos a dupla face do Artista sedento de Bellêza — *clown* maquilhado, pondo na Dôr a mascara de vermelhão e cobrindo a alvaiade a face torturada. Grêda animada, a obra de Camillo resume em si a Dôr e o Sarcasmo.



CAMILO — «CROQUIS» DE S. SANHUDO REPRODUZIDO DO N.º 97 DO «SORVETE» DE 4 DE ABRIL DE 1880

E porque o Sarcasmo é, bastas vezes, uma face da Dôr, a obra do genial suicida de Seide é como um livro d'Horas com illuminuras de Gavarni.

CARNEIRO GERALDES



# CAMILO

Ao tenaz e amoroso organizador-editor do *In Memoriam* de Camilo, Ventura Abrantes.

MAGICO artista da palavra,
Teu estro a luz intensa e vária,
Arado d'ouro o ouro lavra
Nos campos d'arte literaria.

Mas se deparas a alimaria,
Erva feroz, daninha e brava,
Tua ironia ali se crava
Fera, tremenda, sanguinaria!

# IN MEMORIAM DE CAMILLO

Seres banhaste a tanta luz,
Outros cobriste a tanto púz,
Pincel-escopro genial!

Foram veneno os teus amores!...
Sofreste, a fundo, as maiores dôres!
Por preço atroz... eis-te imortal!

ALCANTARA CARREIRA

A historia da organização deste trabalho monumental, tem motivos de mais fina e melancolica poesia. Se um dia se tornar concluida, nela aparecerão dois adoraveis vultos femininos: o da desaparecida companheira de lar, de Ventura Abrantes, para quem hoje, ele, na sua saudade vive, e que foi a inspiradora da obra e sua primeira, apaixonada colaboradora, e o da filhinha do desditoso casal, por cujo futuro seu pai, hoje, exclusivamente se bate.

A. C.





CARLOTA ANGELA — ESTUDO DE SAAVEDRA MACHADO



# O POETA DE SEIDE

NASCER poeta é nascer com a alma fadada para a desgraça, com o coração aberto á desventura. É trazer, na fronte, o estigma dos que passam, na vida, com o corpo coberto de mazelas e com a alma junto das estrelas. É transportar um alforge de miserias e ter a ilusão de que se guardam os tesouros maravilhosos da Belkiss! É ser, enfim, como esse doido — do monólogo de Raul Brandão — que é feliz porque sonha sempre e porque se imagina um rei absoluto!

Mas, quando me refiro aos *poetas,* não me dirijo áqueles que são, unicamente, poetas pelo facto de rimarem bôa com Lisboa ou de arranjarem um feixe de palavras que não somam um conceito. Refiro-me, é claro, áqueles que se servem da poesia como do mais alto simbolo da Beleza, que teem no cérebro a scentelha do genio e na alma o fogo do sentimento. Dirijo-me áqueles que sabem fazer do nada um poema e que sentem, no seu peito, o prazer e a dor dos outros.

Portugal tem sido um paiz abençoado: quantos talentos não teem florido sob este misterioso ceu azul! Quantos genios não teem desabrochado sob a ardente caricia deste sol brilhante?

Começando em Camões — o Principe dos Poetas — quantos nomes não ha para mencionar? Muitos, como sabem.



CASA
DE VILARINHO DE SAMARDAN
ONDE CAMILO FOI EDUCADO

Entretanto, entre tantos poetas, ha um que tem passado quási despercebido: Camilo Castelo Branco.

Todos sabem quem é o romancista Camilo, é uma verdade; mas, muito poucos recordam o poeta de Seide.

E, se ninguem deixou de lagrimejar com as desventuras do *Amor de Perdição*, poucos se teem comovido com esse torturante *Nas trevas*, que é, na minha opinião, muito mais emocionante e muito mais vivido

*

* *

Camilo foi, talvez, de todos os poetas aquele que mais sofreu. Dêsse sofrimento se ressentem as suas poesias.

No entanto, não julguem os leitores, que o poeta de Seide não soube rir ou não conheceu o sabor da bohemia... Camilo foi um dos maiores bohemios do seu tempo; mas, lá tinha no coração o germen da tristeza e da amargura!

Se gosava uma hora, era compensado com cinco de pesar. Nem de outra maneira pode florir o génio!

Desde menino, que a sua vida foi um calvário espi-

nhoso: a mãe morreu pouco tempo depois do seu nascimento; e da sua existencia, até aos dez anos, sabe-se, unicamente, que frequentou uma escola, na rua dos Calafates, dirigida por João Ignacio Minas Junior.

Nessa idade, perdeu o seu maior amigo: o pai que, horas antes de morrer, murmurava, com um trágico cuidado: «que será de ti, meu filho, sem ninguem que te ame!».



CAMILO SEGUNDO UM RETRATO A OLEO DE JOSÉ DE BRITO QUE SE ENCONTRA NO MUSEU CAMILIANO DE SEIDE — GRAVURA REPRODUZIDA DO LIVRO «CAMILO HOMENAGEADO», 1920

Foi, então, enviado para casa de uns parentes, em Trás-os-Montes. Camilo que até ali vivera rodeado de carinhos, encontra-se, subitamente, desprovido dêles e entregue ás reprimendas duma tia fria e rabujenta. A criança era travêssa e impetuosa: e a tia não tinha paciencia para aturar as tropelias do sobrinho. Uma tarde, Camilo com esse espirito de aventura e de rebeldia herdado por um fatalismo mórbido, foge de casa levando consigo, apenas, um par de peugas e duas camisas, atadas num lenço!

Vai para casa duma irmã, em Vilarinho de Samardan. Conta ele proprio — nas *Duas horas de leitura* — que foi esse

o periodo mais feliz da sua vida. Correram alguns anos. Aí por 1841, Camilo tem a sua primeira paixoneta. Com ela, nasceram os seus primeiros versos:

Se as tristes expressões do triste Alcino
Em versos dolorosos moduladas
Merecem de atenção um só momento
Não recuseis, Senhor, atenção dar-lhes:
Pois se a lira é de Alcino, o estro é vosso.
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Nesta poesia, Camilo revela-se o adolescente impregnado dum sabor árcade, tratando a sua musa por Elmena e chamando-se ingenuamente Alcino.

Vê-se, nestes versos, a sugestão dos cantares da marquesa de Alorna.

Surgem novos amores: agora é uma lindissima camponesa que ilumina o coração infantil do poeta. E, com ela, nascem novos versos:

Luisa, flor d'entre as fragas,
donairosa camponesa,
tipo gentil de pureza
lindo esmalte das campinas, etc.

Os quinze anos de Camilo são adoraveis de simplicidade e de frescura: é a mulher do campo que atrai a sua alma sedenta de afectos, proporcionando-lhe alguns idilios, castos como as boninas dos montes.

Depois, principia o namoro com Joaquina Pereira, aldeã muito gentil, e realisa-se o casamento em 18 de Agosto de 1841.

É, então, por essa época que Camilo mostra a sua habilidade na sátira. Faz uns versos a uns noivos, tão espirituo-

sos e tão cheios de ridiculos que os pobres alvejados sofrem a troça do povo!

O noivo que é fidalgo e quer presumir de valentão, ameaça-o de morte.

Em vista disto e porque o sogro quer torná-lo médico, Camilo vai para Lisboa e, depois, para o Porto frequentar as aulas superiores. Mas, antes da sua partida, um novo amor espiritual viera perturbá-lo: o da Maria do Adro. E, como sempre, aparecem novos versos.



CASA DA PRIMEIRA MULHER DE CAMILO, EM FRIUME

Nesta altura, as suas poesias são duma singeleza encantadora. Já não é o Alcino dirigindo-se a Elena: é o poeta dando a alma ás suas musas. Os versos brotam espontaneos, como duma fonte de agua cristalina.

Depressa outra mulher faz esquècer a Maria do Adro; agora, é uma linda Amelia que faz palpitar o coração do poeta. Camilo conta-nos como a sua paixão nasceu:

. . . Da lua um raio nascera
e de improviso ilumina
as feições emaciadas
dum anjo que, por magia,
suas azas convertia
nas cabaias alvejantes
com que, virgem, se vestia

Entretanto, morre-lhe a esposa. Embora o amor por ela já tivesse morrido ha muito tempo, Camilo sofre com a noticia dessa morte.

Tempo depois, vai estudar para o Porto e em 1845

aparecem publicados os seus *Pundonores desagravados*. É um poemeto em duas partes, oferecido aos académicos portuenses. Graciosamente, o poeta faz troça dum projectado duelo entre dois condiscipulos seus.

ASSINATURA DE D. ANA PLACIDO

No meu conceito, estes versos pecam, muitos, por excessivas citações São um pouco forçados, embora tenham espirito. Um ano depois, surge *O Juizo Final* e o *Sonho do Inferno*: é ainda uma sátira.

Nela, Camilo descreve a vida que passam, no Inferno, todas as classes da sua antipatia.

> ... Na terceira caverna vou mostrar-te
> O sordido glutão de lautas mezas.
> Opiparos banquetes foram seu idolo
> E co'elles esquecendo seus deveres,
> Entregue á inercia, aguardava a hora
> De intumecer o desmedido ventre.

Neste poema, Camilo revela-se melhor poeta do que nos *Pundonores*. Sente-se a sinceridade a dar calor á sátira. É o espírito delicado do artista a combater a materialidade grosseira de certas criaturas.

Mas, mais uma vez, o amor lança uma seta ao coração do poeta.

Camilo vê, pela primeira vez, Ana Plácido. Fica avassalado. Ela sente um deslumbramento. No entanto, Ana tem que esmagar esse amor porque é a noiva do brasileiro Pinheiro Alves.

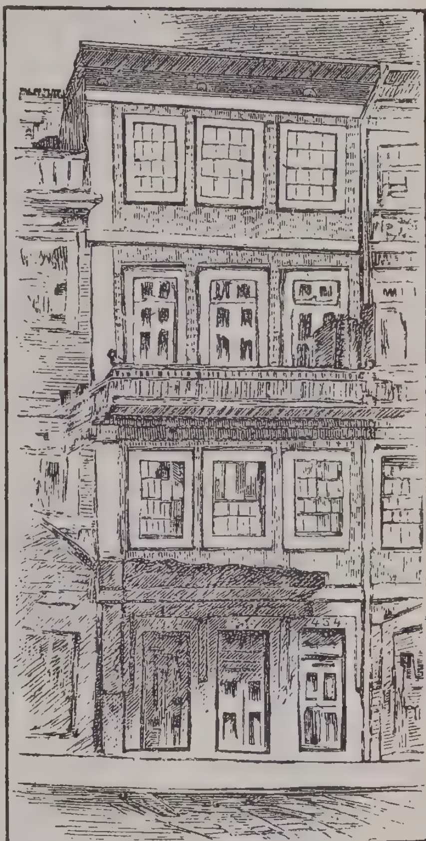
O poeta não a esquece e canta-a em todos os seus versos. Muda-lhe muitas vezes o nome; mas quer cante a Lu-

dovina, quer cante a Raquel, é sempre Ana Plácido a bem-amada.

Passam dois anos: aparece publicada a *Murraça,* sem o nome do auctor. Alguem aponta o poema como sendo de Camilo, e era-o realmente.

Deslisam mais trez anos: desabrocham as *Inspirações.* São poesias cheias de lirismo; pressente-se, nelas, um doce amor espiritual.

Um ano depois, é publicado o *Salvé, Rei!* que, como o titulo indica, é uma poesia de saudação, inspirada pelo casamento de D. Miguel de Bragança.


CASA DA RUA DE SANTA CATHARINA, NO PORTO, ONDE CAMILO DESPOSOU D. ANA AUGUSTA PLACIDO

Nessa época, atravessava-se um periodo de ardente romantismo. Morria-se de amor com a mesma facilidade com que hoje se morre duma indigestão. Dois factos bastam para o provar: o dêsse « José Augusto que, sabendo, entre o rapto e o casamento com Fanny Owen que essa senhora já depois de o conhecer, escrevera a um amigo, dizendo que não tinha ainda achado um coração que a compreendesse, deixou-a passados meses, morrer virgem. Quando dias depois, uma febre cerebral o levou, dentro da unica mala que trouxera para o hotel de Lisboa onde morreu, encontrou-se, apenas, um vestido de noivado e uma corôa de flores de laranjeira »;

e o de « quando foi á scena, no Porto, pela primeira vez, a *Dama das Camelias,* a gente moça deu em procurar por toda a parte, já não nos salões, mas nas ruelas da miseria e do vicio, a Margarida Gauthier que o seu amor redimiria ».

Bons tempos estes!

Hoje, a mocidade se alguma coisa procura é o dinheiro com que possa mandriar e divertir-se...

Camilo continua a trabalhar; mas o seu espirito ressente-se da saudade amorosa que o mina.

Quer fugir dessa mulher que o amarrou a si, com um dos mais fortes laços da vida. Pensa em ir para o Brasil e não vai; retira-se para o Minho, mas a saudade fá-lo voltar; matricula-se no Seminário, com o propósito de ser padre, e as fòrças faltam-lhe obrigando-o a vir-se embora.

No Seminário, o poeta não é o místico que muitos escritores apontam; pelo contrario: dá muitas faltas e continua a ser a mesma voluvel borboleta, sempre á procura de novas flores... Mas, querendo provar a Ana Plácido o seu arrependimento pelo passado, escreve a *Hosanna!* que é uma série de poesias religiosas.

De resto, eu creio que o poeta foi sincero em tudo quanto escreveu; porque os verdadeiros poetas teem o condão de sentir tudo quanto sonham e tudo quanto escrevem.

E aqui teem uma nova fase de Camilo: o misticismo.

Senhor! não accuseis os meus delictos
　　Em o vosso furor!
Inflamado nas iras da justiça,
Não olheis para mim, que sou um fraco
　　Bem digno de dor!

Como vêem, o poeta confessando a Deus os seus delictos, dirige-se ainda á sua amada.

Anno 12.° Porto, 8 de JUNHO de 1890 N.° 7

O SORVETE

SEMANARIO DE CARICATURAS

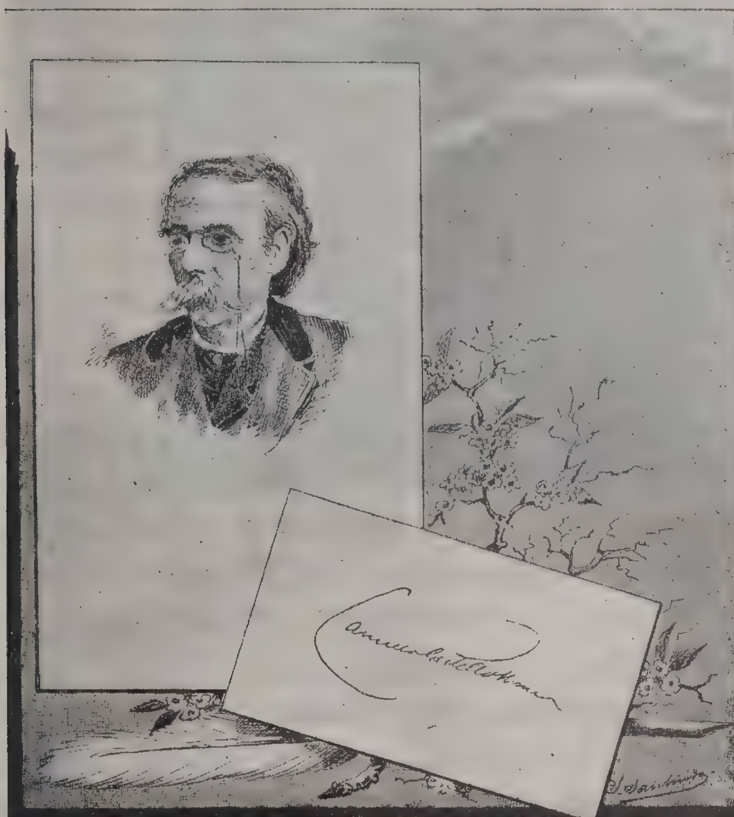
PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Director artistico, proprietario e editor, Sebastião Sanhudo

ASSIGNATURA: 6 mezes . . . [illegible] reis; 1 anno . . . [illegible]

Preço avulso . . . . . 20 reis
8 DIAS DEPOIS . . . 40 REIS.

CORRESPONDENCIA. Rua de Santa Catharina, 100 PORTO



REPRODUÇÃO DA PRIMEIRA PAGINA DO JORNAL HUMORISTICO PORTUENSE «O SORVETE» DE 8 DE JUNHO DE 1890 — DESENHO DE SEBASTIÃO SANHUDO

Todos os versos da *Hosanna,* se ressentem dum estado de espirito muito transcendente e dum misticismo muito exagerado para ser sincero...

Em 1854 aparecem mais versos: *Um livro.* Nêste volu-

me, Camilo tem poesias delicadissimas, duma tristeza e duma ternura quasi mórbida. Sente-se vibrar, nêle, essa tara de desgraça que o perseguiu sempre! São versos amassados com lágrimas, são lamentos dum coração esfacelado.

Depois, surgem: *Duas Epocas da Vida*, que é mais um volume de liricas, dividido em duas partes: *Preceitos do coração e Preceitos da consciencia.*

Nas *Duas Epocas da Vida*, Camilo é o romantico que de nada faz um poema. É o triste, é o apaixonado.

Mas o seu temperamento satirico e bohemio não resiste ao prazer duma gargalhada sàdia... E aparecem as *Folhas caidas*. Em seguida, publica duas poesias a Laura Geordano, uma cantora ilustre.

Entretanto, Ana Plácido vai seguindo, de longe, o talento de Camilo. Tudo quanto vem desse homem a interessa. Tudo a encanta e tudo a delicia. Por sua vez, o poeta que é um sensualão — sente os sentidos exasperados com a dificuldade de possuir essa linda mulher que o destino atirou para os braços dum outro e tortura-se diabolicamente.

Em 1858, encontram-se no Bom Jesus do Monte: então, a carne canta a suprema victoria porque não se contenta já com as delicias da alma!

O poeta envia-lhe, pela primeira vez, uns versos:

Quem ha aí que possa o calix
Dos meus labios apartar?
Quem nesta vida de penas,
Poderá mudar as scenas
Que ninguem pôde mudar?

Ana recebe-os e como a alma feminina é muito fraca, quando ama, ela deixa-se embalar no unico amor de toda a sua vida e entrega-se a Camilo.

Pelo poeta, abandona o marido, calca aos pés todos os preconceitos e segue desvairada de paixão, esse homem anormalmente voluvel e divinamente grande.

Pinheiro Alves — o marido ultrajado — processa por adulterio a mulher e o amante. Ana é presa; e Camilo, incapaz duma resolução, porque, afinal é um fraco, vai visitar os lugares e as terras ligadas á sua saudade ou á sua tristeza.



O GABINETE DE TRABALHO DE CAMILO,
EM S. MIGUEL DE SEIDE, NO DIA DO SEU ENTERRO

Até que não podendo aguentar, mais tempo, a falsa posição de fugitivo, quatro mezes depois da prisão da amante, vai entregar-se á justiça. O julgamento do poeta e da sua cumplice no crime de adulterio, começou a 15 de Outubro de 1861 e terminou no dia seguinte pela absolvição dos acusados.

Desde esse dia a vida de Camilo foi um inferno: o amor fôra morto pelas dificuldades vencidas e o casamento veio algemar a alma desse amoroso aventureiro.

Publica, em 1874, *Ao anoitecer da vida* em que veem muitos versos dedicados á Raquel, ou seja a Ana Plácido.

Se o amor findara, em compensação o poeta ergueu um altar á Ana do passado. Ergueu um hino á unica mulher inteligente e culta que se sacrificara por ele.

E, embora já lhe não quisesse como antigamente, o ciume continuava a estrangula-lo, o «Monstro de olhos verdes» continuava a persegui-lo:

> Quando tristes versos fazes,
> quem te influe a inspiração?
> Quem te ensina os brandos hymnos
> que prantea o coração?

Neste livro, o poeta mostra-se seguro da sua lira; fá-la vibrar com sons mais elevados. Ainda que continue a ser um romantico, é mais sincero, é mais simples, deixa sair os pensamentos menos enflorados de retórica.

Ano de 1888. A vida de Camilo é cada vez pior: Deus dera-lhe um filho, é certo. Mas, para não desmanchar a tara da desgraça, esse filho é doido!

Não admira: o poeta foi sempre um desequilibrado e um impetuoso, Ana Plácido uma romantica e uma histérica. Depois, fôra gerado numa época de terrivel excitação nervosa e, todos sabem, que a influencia do espirito dos pais no momento da concepção, influe poderosamente sobre o organismo dos filhos. Já Moreau o disse: «assim como a loucura real pode reproduzir-se hereditariamente sob a forma de excentricidade, assim um estado simples de excentricidade, que não vá além de certas extravagancias de caracter, de certas singularidades de espirito, pode ser para os filhos a origem dum verdadeiro delirio».

Foi o que se deu com o filho de Camilo: a excentricidade dos pais degenerou na loucura do filho.

Consumido de desgostos e de saudades, o poeta encontra, ainda, no peito esta fôrça maravilhosa: fazer das lágrimas gracejos! E, assim, publica as *Nostalgias*.

Está cego: não voltará mais a admirar a beleza femi-

nina nem os doces olhos da amada; mas, que importa? se tem a esperança a reflorir?

Julga que se cura; e todo o seu desejo é voltar a ver o sol e todos os que estremece! Mais dois anos de amargura acabam de passar. Agora, o poeta é um pobre cego sem a luz dos olhos e sem a luz da esperança!

Publica os seus ultimos versos: *Nas trevas.* E' quando Camilo atinge o apogeu da poesia. Dir-se-hia que Deus tirando-lhe a vista, quis dar-lhe um coração mais sensivel e um talento mais forte. Bastam dois sonetos para o imortalisar como um grande poeta: *A maior dor humana* e *Raquel:*

Que immensas agonias se formaram
Sob os olhos de Deus! Sinistra hora
Em que o homem surgiu! Que negra aurora,
Que amargas condições o escravizaram!

As mãos, que um filho amado amortalharam,
Erguidas buscam Deus. A Fé implora!
E o ceu que respondeu? As mãos baixaram
Para abraçar a filha morta agora.

Depois, um pai em trevas vai sonhando
E apalpa as sombras d'elles onde os viu
Nascer, florir, morrer. Desastre infando!

Ao teu abysmo, pai, não vão confortos
E's coração que a dor empederniu,
Sepulcro vivo de dois filhos mortos.

Libavas, borboleta, a flor da vida
No parque ameno d'ideais chimeras.
Que seja amor, não sabes; mas esperas
Vencer captiva e captiva vencida.

Chega a paixão... Retrais-te espavorida!
Saudade tens das quinze primaveras,
Em que, menina e moça, amada eras,
Sempre isenta, risonha e distrahida.

Vence a paixão... E o teu anjo inocente,
Desligado de ti, misto e dolente,
Regressa para o ceo; mas vai chamando-te...

Não foste! E's presa á minha desventura!
Um grande amor te dei de grande amargura...
Fui teu verdugo, mas verdugo amando-te.

Nas *Trevas*, o poeta de Seide atinge uma beleza tão intensa, uma sensibilidade tão requintada, que parece ser já do céu!

Camilo é um desgraçado como são todos os grandes artistas.

A felicidade nasceu para as creaturas grosseiras que fecham a alma ás emoções e que morrem, banalmente, como nasceram...

O artista é um predestinado para a dor porque é um insaciado de beleza, uma eterna criança que — como ela — ambiciona a lua e deseja prender o Sol!

# IN MEMORIAM DE CAMILLO

É a sina de Camilo: os seus sonhos são tão grandes, a sua ansia de Arte é tão elevada, que ele não alcançando a lua nem podendo prender, nas suas mãos convulsas, o Sol, resolve matar-se.

Está cego, irremediavelmente cego, nem sequer pode iludir o seu sofrimento com o prazer do trabalho; tem só a Dor, a Dor profunda, a Dor sem calma para o embalar.

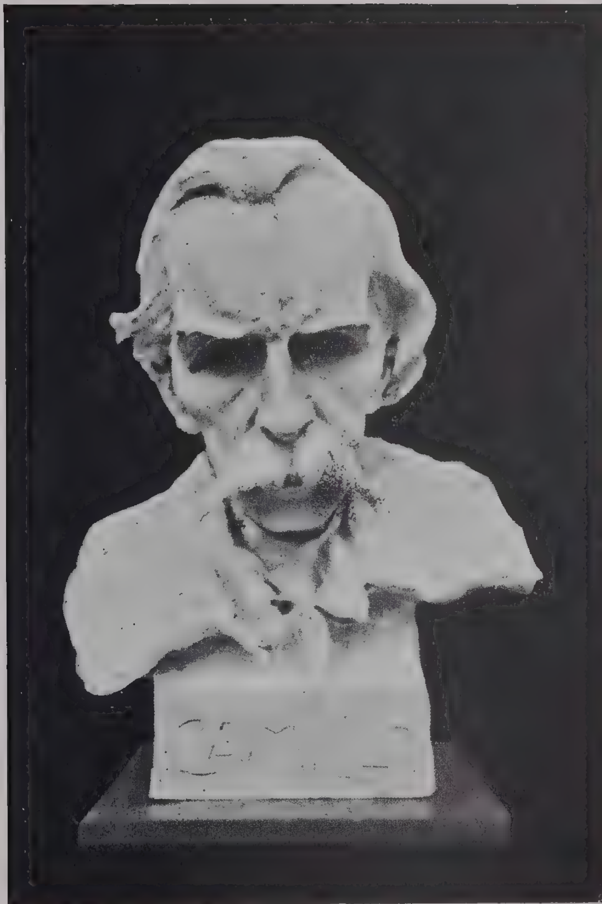
E, tendo escrito as *Trevas*, o grande poeta pressente que só nas Trevas encontrará a paz que lhe é negada na luz...

Então, com um tiro de revolver, entra nas trevas, nessas Trevas supremas que são o fim da vida e o principio da Eternidade!

Pobre Camilo!

BEATRIZ DELGADO





BUSTO DE CAMILO DO ESCULTOR DIOGO DE MACEDO



# CAMILO CASTELO BRANCO

CAMILO Castelo Branco não foi bem um escritor do seu tempo, mas sim um produto, embora alguma coisa já distanciado, da grande época literaria que se assinalou nos meados do seculo XIX, dando vida nova e desusada expressão ao sentir nacional.

Brilhou em tempo algum tanto posterior a Herculano e a Garrett, mas não deixou por isso de ser astro radiante da sublime pleiade de escritores que engrandeceram tal época.

Está no caso de Francisco Manuel de Melo, que, sendo embora considerado o mais primoroso dos quinhentistas, figura, todavia, em tempo posterior ao quinhentismo.

Pelas suas extraordinarias faculdades de romancista, sabendo fazer vibrar, como ainda ninguem fizera em nossa lingua, a nota mais fundamente impressiva, quer na paixão fantasista, que desvaira, quer na implacavel realidade, que deslumbra, Camilo conquistou uma imortalidade que ninguem jamais lhe contenderá.

Foi o romancista ideal do seu tempo, uma transição assombrosa entre o romantismo piegas, que tinha findo a sua carreira, e o naturalismo triunfante, que já começava a alvorecer nas obras dos grandes autores da nossa época.

CESAR DA SILVA





# NOTAS ACÊRCA DA LINGUAGEM DE CAMILO

## (FRAGMENTOS)

É bem conhecida a *Carta a C. C. Branco*, de Eça de Queirós, publicada no livro *Últimas páginas*. Nessa carta, subtilmente irónica, mas onde transparece grande veneração por Camilo, diz o autor de *a Cidade e as Serras:*

... «sempre me exprimi sobre o auctor do *Esqueleto*, d'um modo que é irrecusavelmente mais digno d'elle e da sua obra do que esse outro estranho modo por que o costumam decantar aquelles que se ufanam, já na palestra, já na imprensa, de serem seus amigos e seus discipulos.

«Porque eu, fallando de V. Ex.cia, considero sempre a sua imaginação, a sua maneira de vêr o mundo, o seu sentimento vivo ou confuso da realidade, o seu gosto, a sua arte de composição, a fraqueza ou a força do seu traço; e, pelo menos, admiro sem reserva

em V. Ex.cia o ardente Satyrico, neto de Quevedo, que põe ao serviço da sua apaixonada misanthropia o mais quente e mais rico sarcasmo peninsular. E os seus amigos, esses admiram apenas em V. Ex.cia, sêccamente e pêccamente, o *homem que em Portugal conhece mais termos do Diccionario!*

«Sempre, «a todo o talho de fouce», em artigo, em local, em annuncio de partida, em felicitação de dia d'annos, V. Ex.cia é pelos seus discipulos e amigos louvaminhado e thuribulado — como o grande homem do Vocabulo, esteio forte da Prosodia, restaurador da Ordem grammatical, supremo architecto das phrases archaicas, acima de tudo castiço, e immaculadamente purista!» [1].

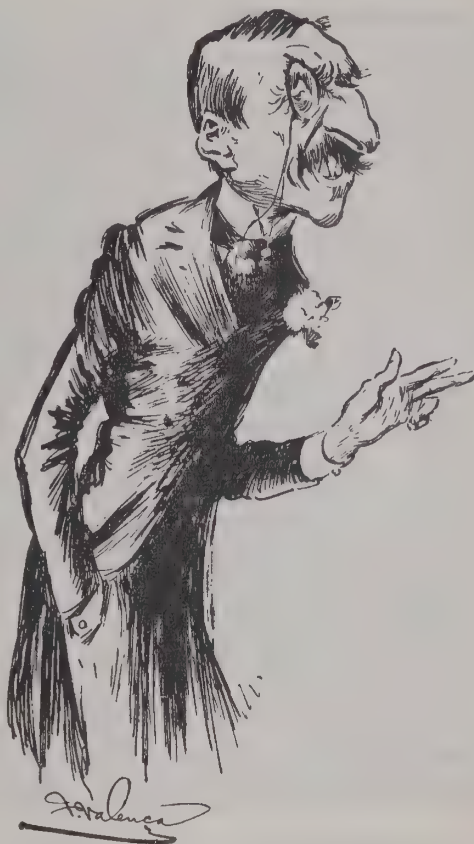
Ainda hoje é costume situar na primeira plana dos atributos que exalçam Camilo — a riqueza numérica dos vocábulos que êle usou. Não é em tal riqueza, porém, que está o valimento de um literato. Ela é, sem dúvida, factor de valimento, mas não é «o valimento». Camões empregou apenas 5.000 vocábulos diferentes nos *Lusíadas*, — repetindo alguns com demasiada insistência: 86 vezes «peito», 101 vezes «alto»... [2]. E, no entanto, os *Lusíadas* são — os *Lusíadas*. O próprio Eça de Queirós, que tem um vocabulário reduzido — não tanto como no geral se crê —, é, contudo, um artista literário como poucos.

Camilo possui, de facto, uma extraordinária riqueza vocabular; não é, todavia, sòmente ao *número de termos* que se deverá atender; dever-se há atender ainda ao seu emprêgo próprio, inteligente e harmónico. A dição não sai da pêna de Camilo — rebuscada, retorcida, confusa, impenetrável, com o bafio de alardeada erudição e com o enjoo de pretensiosa originalidade... Sai límpida, perceptível de todos, com perfeita naturalidade — e de cunho bem característico, inimitá-

[1] *Ultimas paginas*, 3.ª ed., Pôrto 1921, pág. 341-342.

[2] Cfr. Afrânio Peixoto e Pedro A. Pinto, *Dicionario dos Lusíadas*, Rio-de-Janeiro 1924, págs. 9 e 11.

velmente *pessoal*. Os termos — jorrantes, sem qualquer esfôrço, de tam fértil e célere caneta, acorridos de origens múltiplas — são claramente combinados, claramente *doseados*, de modo que da prosa do Escritor, embora um ou outro vocábulo não seja conhecido, ressalta sempre a transparência do sentido. O Dr. Júlio Moreira isto mesmo notou já, limitando-se porém à consideração do emprêgo de termos extraídos aos livros clássicos [1]. Não vejo motivo para essa limitação. O facto observa-se, qualquer que seja a origem dos vocábulos desconhecidos.



EÇA DE QUEIROZ
CARICATURA DE FRANCISCO VALENÇA
REPRODUZIDA DIRECTAMENTE
DO ORIGINAL EM PODER DO AUTOR

Depois, não é só a opulência *numérica* de termos e o seu *bom uso individual* que devem atrair a nossa admiração, — mas ainda a maneira por que êsses termos gramaticalmente se ligam. A sintaxe camiliana, haurida nas obras dos clássicos e no linguajar do povo — o povo do norte, que o Romancista ouvia, é também um clássico —, mantém e lustra a «índole» da língua portuguesa. A esta luz, a linguagem de Camilo é notabilíssima, muito

[1] *Estudos da língua portuguesa*, vol. II, Lisboa 1913, pág. 205-206.

mais notável do que pelo «número» dos vocábulos. Se, entre êstes, a revezes é falseada a pureza da linguagem, — na sintaxe o cunho «português» é cuidadosamente respeitado e brilhantemente realçado. Camilo não é um simples restaurador da Ordem gramatical; é, no aspecto aludido, um verdadeiro Mestre.

Uma língua não perde a sua *fácies*, a sua alma, porque se lhe misturem vocábulos bárbaros, — corpos estranhos, visìvelmente estranhos, que não adulteram afinal a «organização» dessa língua e que, sacudidos, a deixam resplandecente na sua pureza. A língua macula-se, porém, quando a sua «organização» é tocada e lacerada pelo barbarismo, pois que então, como uma substância onde se realize um fenómeno químico, a língua perde as suas propriedades particulares, abastarda-se fundamentalmente, desfigurando-se-lhe a *fácies*, pervertendo-se-lhe a alma.

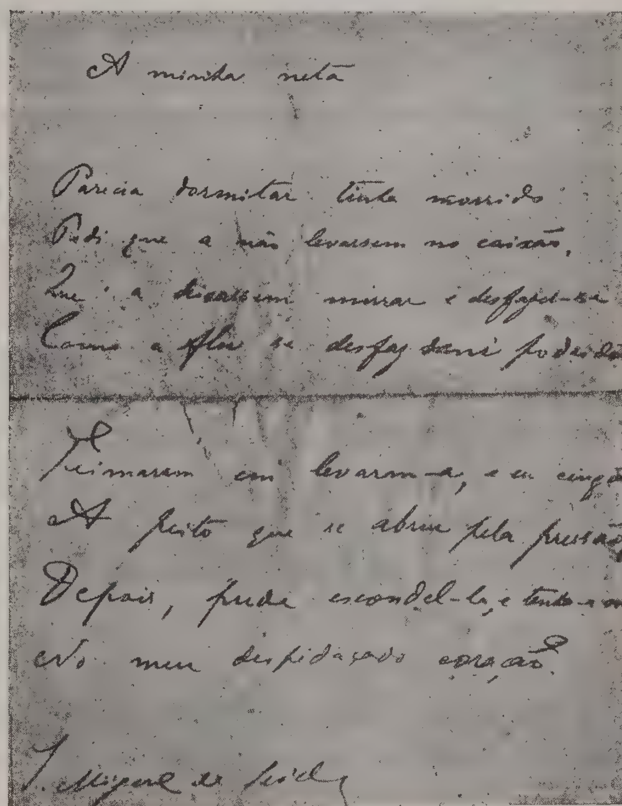
O barbarismo sintático é o pior de todos os barbarismos, e, por conseguinte, a pureza da sintaxe é a qualidade mais louvável de um escritor, — no aspecto considerado.

Os dicionários não costumam ligar importància de maior às construções gramaticais. No entanto, a maneira de se construírem as frases — sobretudo a maneira de se relacionarem as palavras pelas preposições — deveria ser arquivada nos dicionários, com exemplos onde tais factos quedassem bem precisos e explícitos. Destarte se registaria convenientemente a língua e muitíssimo se contribuiria para a manutenção do seu génio.

Neste sentido, no esbôço de estudo da Linguagem camiliana que estou preparando (e de que ora se publica um breve extracto [1]), — não me limitarei a notar vocábulos, acep-

[1] Tenho em preparo contribuições para o estudo da *Linguagem de Eça de Queirós*, da *Linguagem de Fialho* (de que se publicou um fragmento no *In Me-*

ções, frases..., mas darei largas à recolha de construções gramaticais, que o Romancista empregou com assinalável e correcta variedade: a um tempo se concorrerá para o estudo da sua linguagem e para o aperfeiçoamento do Dicionário português, na directriz que proponho e que me parece não rejeitável.



A minha neta

Parecia dormitar tinha morrido
Pedi que a não levassem no caixão,
Que a deixassem murchar e desfazer-se
Como a flor se desfaz dentro do
Teimaram em levarem-a, e eu cingi-a
Ao peito que se abriu pela pressão
Depois, pude escondel-a, e tenho-a
No meu despedaçado coração.

S. Miguel de Seide

AUTOGRAFO CAMILIANO
DEDICADO PELO ROMANCISTA A SUA NETINHA MORTA

*
* *

A linguagem de Camilo tem as seguintes origens:

I. Como já de relance foi dito, Camilo não pretendeu nunca banir nem obscurecer a linguagem «corrente», isto é, a linguagem de que usam em geral as pessoas de vulgar cultura. A linguagem corrente é, para assim dizer, o exíguo alicerce sôbre que se ergue, opulentamente esbracejante, a inconfundível prosa camiliana.

*moriam* organizado no Pôrto, em 1917, pelos Drs. António Barradas e Alberto Saavedra) e da *Linguagem de Camilo* de que, presentemente, é publicado êste resumidíssimo extracto.

II. A leitura curiosa de livros scientíficos deu margem a Camilo fazer uso apreciável de termos técnicos, quer no sentido próprio, quer no figurado. Quanto a vocábulos de medicina e sciências físico-químico-naturais (de que bastante êle usa), colheu-os não só em leituras — que, pelo menos para aulas, não seriam muitas — mas também na convivência a que se viu forçado com estudantes e professores dessas especialidades.

III. Camilo criou muitos vocábulos, formando-os em regra dentro da própria língua, por processos correctamente gramaticais.

IV. e V. Aonde, porém, Camilo foi buscar mais importante material para a sua linguagem, foi aos clássicos, que estudou atentamente, e ao povo, em especial do norte do país, cuja linguagem é, como o próprio Escritor diz, clássica também. São de Camilo as notas seguintes:

«Eu leio muito pelo diccionario inedito do povo d'aquellas provincias [Trás-os-Montes e Beira-Alta], que sabe a lingua portugueza como fr. Luiz de Sousa» *O Bem e o Mal* [1].

«a linguagem popular do classico povo do Minho e Traz-os-Montes.» *Noites de Insomnia* [2].

«É boa palavra [*apresigar*], porque tem a chancella do mais classico povo de Portugal [o das províncias do norte]. *A Bruxa de Monte-Cordova* [3].

[1] 5.ª ed., Lisboa 1902, pag. 40, nota
[2] N.º 2, Pôrto 1874, pag. 35, nota.
[3] Lisboa s. d., pág. 11, nota.

*

* *

Têm sido feitos reparos à linguagem do autor das *Novelas do Minho* que, a meu ver, são infundados.

O sr. Nuno Catarino Cardoso, no seu recente livro *Camilo, Fialho e Eça* (pág. 37), acha que são «menos autorizadas» as expressões *bem bom* e *sua... dele*.

*Bem bom* é modo-de-dizer corrente, — popular e familiar. Não vejo que haja motivo para o censurarmos.

« — Isso sim; se podéssemos escrever-nos era bem bom:» *Filha do Arcediago*, 29 [1].

« — E bem boa estampa, ó senhor morgado, não é?» *Anos de prosa*, 101 [2].

« — ..... Eu andava com o olho em cima de uma quinta bem boa d'elle» *Ibid.*, 102.

« — ..... Era um arranjo bem bom para o nosso José...». *Narcóticos*, I, 137 [3].

Nestes exemplos, Camilo faz falar, *naturalmente*, várias personagens das suas obras. Camilo usou também a expressão, sem a pôr na bôca de outrem:

« depois, morreu; mas está na posse da immortalidade. Bem boa coisa.» *Gen. Carlos Ribeiro*, 66 [4].

[1] 8.ª ed., Lisboa 1918.
[2] 4.ª ed., Lisboa 1920.
[3] Pôrto 1920.
[4] Pôrto 1884.

ALGUMAS ASSINATURAS DE CAMILO CASTELO BRANCO

A expressão, como disse, é popular e familiar.

*Seu — dele* (com as mais formas, para o feminino e plural) apenas é empregado por Camilo quando o uso simples de *seu* pode levar a confusões.

Exemplificarei:

« — ..... tenha o primo a longanimidade de os admittir á sua convivencia, e verá como se elles desfazem em lorpas cortezias, e citam a cada instante o seu nome, como um dos seus amigos d'elles... » *Anos de prosa*, 70.

« Dei um abraço democrata no meu caseiro; procurei os meus quatro conhecidos, mostrei-lhes o cartão, e fiz o elogio do seu valimento d'elles. » *Ibid.*, 153.

« Com estas palavras sempre na bocca espumante de colera, frei Martinho fez crer aos parentes e amigos que a sua pobre razão d'elle naufragava »... *Lucta de Gigantes*, 85 [1].

Ora esta excepção — pois que só no caso referido o Escritor, justificadamente, emprega *seu dele* etc. — é autorizada pelo uso, — na linguagem corrente e na de bons autores.

« razão he que os maridos as encaminhem á razão, e lhes fação certo que ellas he bem que sigão o seu parecer delles; pois á sua conta delles está sua honra e credito dellas. » *Carta de Guia de Casados* [2].

« Mal cuydariam os dous amigos quando aceitaram a alta *empresa* de guardar as auenturas deste valle pera soo aprazer as fermosas duas donzellas que era pera tanto seu desprazer dellas. » *Menina e moça* [3].

[1] 4.ª ed., Lisboa 1920.

[2] D. Francisco Manuel de Mello, *Carta de Guia de Casados*, 2.ª ed., Pôrto (Renascença Portuguesa) 1923, pág. 163.

[3] Bernardim Ribeiro e Cristovão Falcão, *Obras*, nova ed., vol. II, Coimbra (Imprensa da Universidade) 1923, pág. 26.

*

*   *

Ainda outras expressões têm sido censuradas a Camilo, injustamente. Apontarei tam só mais as seguintes:

— *De sorte que.* Esta expressão é portuguesa.

«De sorte que também» Teodoro de Almeida, *Recreação filosofica*, VIII, Lisboa 1792, 10.

«de sorte, que se perguntarem» *Ibidem,* 65.

«mas de tal sorte que» *Carta de Guia de Casados,* 46.

«de sorte que vos haveis» Manuel Bernardes, *Pão partido em pequeninos* [1], 89.

*De sorte que* é igual a *de maneira que. Sorte* é *maneira.* Vid. Camões, *Lusíadas*, II, 6, 7, 103; III, 103, 106 etc.

— *Fazer com que.* Camilo usou *fazer com que* e *fazer que.*

«Fazei que ella» *Ao anoitecer da vida,* 28 [2].

«e fiz que me chorassem» *O que fazem mulheres,* 211 [3].

«Faz com que ella me perdôe o mal que lhe fiz» *Ibid.* 143.

[1] Edição da Renascença Portuguesa, Pôrto 1923.
[2] Lisboa 1874.
[3] 3.ª ed., Lisboa s. d.

« e faz com que ella lhe obedeça » *Ibid.* 46.

Ambas as formas são legítimas. *Fazer com que* vem de *fazer com alguém* (ou *algo) que,* por deslocação sintática e elipse do nome (ou seu equivalente) regido pela preposição. (Vid. *Revista lusitana*, XVI, 339 e o que escrevi no periódico vianense *A Sombra da capa,* de 21-Set.-1922).

« dizendo que por respeito desse casamento elle *faria com D. Manuel que* obedecesse » Rui de Pina, *Chronica* de D. Afonso, cap. IX.

« E dalli até Portugal veio o Duque d'Alba com el-rei, e *fez com elle que* viesse ». *Obras* de Garcia de Resende, parte: *Entrada de El-Rei D. Manuel em Castella* [1].

*

* *

Há modos-de-dizer que por Camilo foram castigados, e que êle todavia empregou — correctamente, pois que motivo não havia para censura.

Veja-se, para exemplo, o que o autor do *Amor de perdição* escreveu acêrca de *si* e *consigo* (*Bohémia do espírito* [2], 419 e 424) e vejam-se êstes passos:

« — Cale-se ahi que vossê é uma regateira; eu não fallo comsigo. » *Filha do Arced.*, 37.

[1] Êstes exemplos foram colhidos pelo sr. Lindolfo Gomes, que ao caso se referiu no periódico brasileiro *O Estado,* de 4-Agôsto-1913. O artigo foi transcrito na *Rev. lus.*, loc. cit.

[2] Pôrto 1886.

«— Pois então! cûida que eu me esquecia de si?» *Ibid.* 54.

«— E eu a pensar em si todos os dias» *Ibid.* 55. — Etc.

*

* *

Como já acima notei, Camilo não é impecável quanto à pureza dos vocábulos.

Há na sua linguagem palavras estranjeiras:

*soirée, mise en scène, blasé, adresse, guéridon, punch, fashion, roué, parvenu, spleen, speech, cache-nez. rêverie, calembour, boulevardière, dandy, lorette, touriste,* etc. etc.

Há palavras estranjeiras com máscara portuguesa:

*bambochata, legenda* (lenda), *assassinato, baiadera, marabu, flanco* (ilharga), etc.

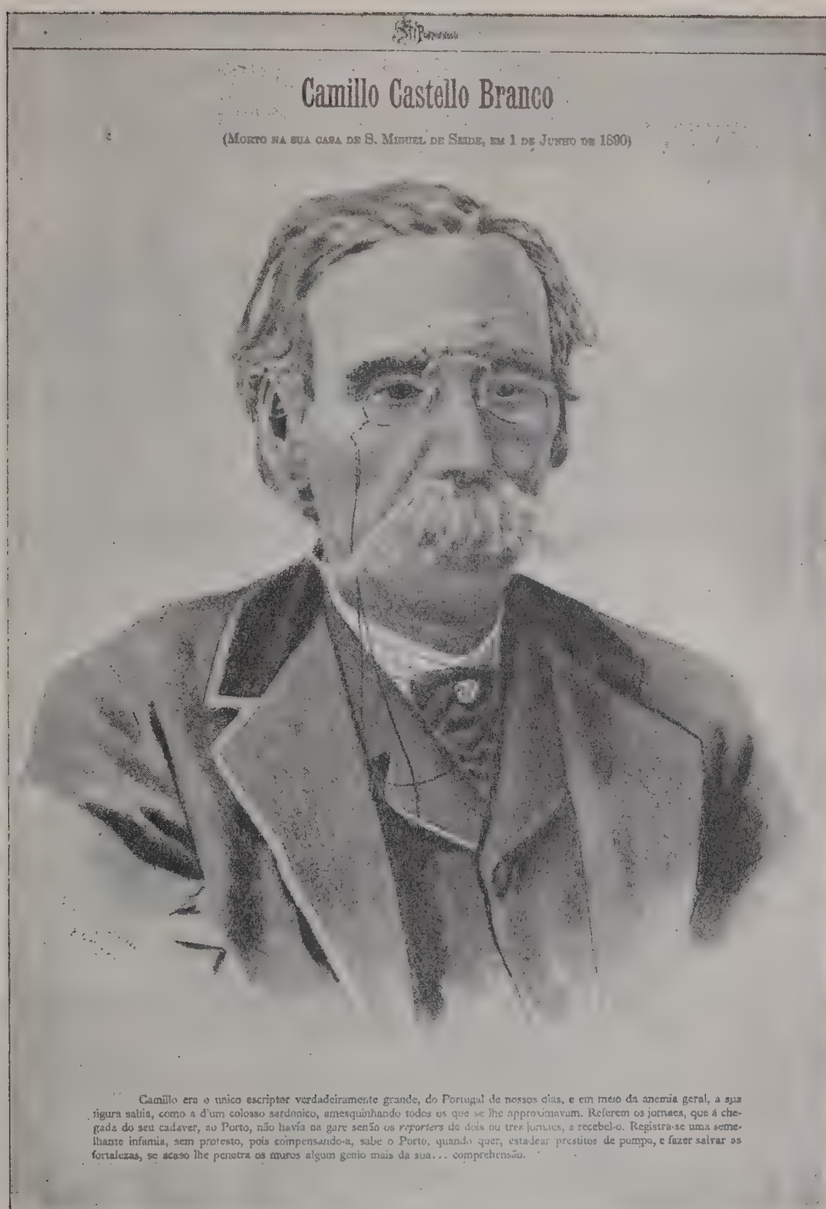
Há barbarismos, porém, que de tal modo entraram na língua corrente que temos de os aceitar, — como *atitude, banal.*

Outras expressões há que não deverão ser acoimadas de bárbaras, — como *cair das nuvens.* Esta expressão é popular em Portugal e corre em vários países: *tomber des nues, cascar dalle nuvole, to fall from the clouds, aus den Wolken fallen, caer de las nubes...*

Camilo é contra os barbarismos. Se por vezes os empregou, deve isso atribuir-se a inadvertência, quando não a propósito, amiúde irónico. Em vários lanços das suas obras, o Escritor combate o estranjeirismo e frisa o seu *portuguesismo.*

«os meus [romances], que são escriptos em lingua portugueza e modelados em cousas de Portugal»... [1].

[1] *Annos de prosa,* 165.



Camillo Castello Branco

(Morto na sua casa de S. Miguel de Seide, em 1 de Junho de 1890)

Camillo era o unico escriptor verdadeiramente grande, do Portugal de nossos dias, e em meio da anemia geral, a sua figura sahia, como a d'um colosso sardonico, amesquinhando todos os que se lhe approximavam. Referem os jornaes, que á chegada do seu cadaver, ao Porto, não havia na gare senão os *reporters* de dois ou tres jornaes, a recebel-o. Registra-se uma semelhante infamia, sem protesto, pois compensando-a, sabe o Porto, quando quer, estadear prestitos de pompa, e fazer salvar as fortalezas, se acaso lhe penetra os muros algum genio mais da sua... comprehensão.

CAMILO — REPRODUÇÃO D'UMA DUPLA PÁGINA CENTRAL DO JORNAL HUMORISTICO «PONTOS NOS II» DE 6 DE JUNHO DE 1890

É que, na verdade, Camilo escreveu sempre *em língua portuguesa* — porque sempre respeitou a índole dela. O *portuguesismo* da sua linguagem está na «sintaxe». Os *vocá-*

*bulos* estranjeiros ou estranjeirados — de que aliás fêz limitado uso — nunca deformaram a «organização» da língua que êle tanto ilustrou; são os tais «corpos estranhos» de que acima falei.

*
* *

A colocação dos pronomes é, em regra, ao gôsto clássico, conservado ainda pelo nosso povo:

«O que me lá deram foram as *Horas Mariannas*» *Filha do Arc.*, 46.

«quando me ella disse que»... *Ibid.*, 45.

«quarto que me elle indicou», *Voltareis, ó Christo?,* 13 [1].

«pessoas que..... se então nobilitavam», *D. Antonio Alves Martins,* 19 [2].

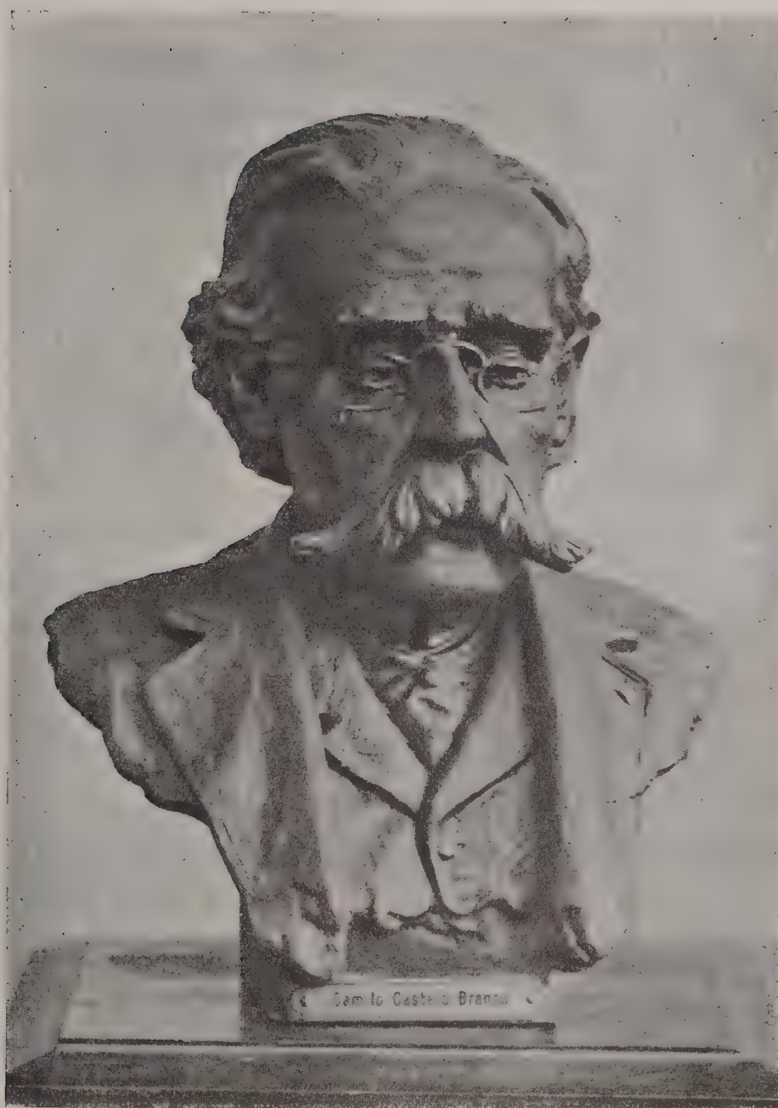
«os ossos direitos que me aquella terra ingrata queria comer», *Anoitecer,* XX.

«se o ellas são», *Anos de prosa,* 191.

«com que os ella repelia», *O que fazem mulheres*, 82.

Notam-se, porém, exemplos, embora raros, de deselegante colocação de pronomes.

[1] Pôrto 1871
[2] Pôrto 1870.



CAMILO — BUSTO DE BARRO DE A. VICTORINO

*
* *

Camilo emprega *todo, tudo*, e *todo o, tudo o:*

«todo o mal» *Othello,* 66 [1].
«todo o homem» *Filha do Arc.*, 243.
«todo o caso» *Lucta de gig.*, 158.
«tudo o que» *Livro negro,* 58 [2].

«todo homem» *D. Ant. Alv. Mart.*, 8.
«todo caso» *Gen. C. Rib.*, 22.
«toda esperança» *Anoitecer,* 102.
«todo escritor» *Lucta de gig.*, 192.
«tudo que» *Anoitecer,* XXIII.

—Escreveu *melhor informados* (*Lucta de gig.*, 66), *melhor agourado* (*Anos de prosa,* 59), em vez de *mais bem informados, mais bem agourado* etc. Raro empregou aquele modo--de-dizer.

—Usou também indistintamente:
—«*personagem*» como fem. e masc. (é fem.);
—*quanto a* e *emquanto a* (a segunda forma é errada);
—*que?* e *o que?*
Na pág. 88 de *O que fazem mulheres.:*

«Que é?—respondeu o barão»

«—O que é?—exclamou o barão»

[1] Pôrto 1886.
[2] *Livro negro do padre Diniz*, 4.ª ed., Lisboa 1880.

A segunda forma é errada. No entanto, como é da linguagem usual, não é estranhável por aí além que o Romancista a empregasse, mòrmente na bôca de personagens dos seus livros.

— *dize* e *diz*. Ainda é menos estranhável que o Escritor usasse muitas vezes a forma corrente *diz*, por *dize*. (Vid. os reparos de Castilho, in *Arqivo literário*, VI, 179).

— Erros como os que se notam nos passos seguintes devem ser atribuidos a lapso do escritor ou do revedor:

«Haviam dois « *O que fazem mulheres*, 113.

«quando haviam lagrimas» *Narcóticos*, I, 12.

«hajam sempre aves» *Anos de prosa*, 130.

«eram..... batalhadores invulveraveis quem venciam as lides» *Narc.*, I, 11 [1].

*

* *

A análise da linguagem camiliana ocuparia muito espaço. Vejo-me forçado a suspender estas notas, que aliás reduzi o mais possível, — lembrado sempre dos limites que o artigo não deve ultrapassar.

A linguagem de Camilo, pela sua opulência quantitativa e qualitativa, pela sua extraordinária variedade sintática, pelo seu classicismo remoçado, pelo vasto e magnífico registo do

[1] Acêrca da revisão das obras de Camilo, vid. o que deixei escrito n-*a Aguia*, do Pôrto, III série, n.os 21-22 — *(Obras de Camilo — A «Colecção do Centenário»)*.

falar do povo, pelo rigor e vigor com que apaixonadamente mantém o génio da nossa língua, — é uma linguagem maravilhosa que exige muitíssimo estudo, realizado com vagar, com tempo.

Dêsse estudo resultarão inúmeras notas, relacionadas com todos os capítulos, com todos os parágrafos da gramática portuguesa. E não é numa dúzia de páginas, escritas apressadamente, a prazo e com medida, que se logrará condensar, sumariar sequer um tal estudo.

Limitei-me, por isso, a indicar, na linguagem de Camilo, factos que têm sido castigados ou discutidos — justa e injustamente. Quási nada mais.

Já que não posso fazer desfilar, ante o Leitor, o extensíssimo cortejo de excelências e belezas da linguagem de Camilo, — ponho-lhe deante dos olhos os defeitos dela.

E êsses defeitos são tam poucos, tam pequenos, de tal insignificância, que apontá-los é demonstrar afinal a grandeza do Escritor.

*

*    *

Concluirei por uma abreviada amostra do vocabulário de Camilo.

A 3.ª edição do Novo Dicionário, do Sr. Dr. Cândido de Figueiredo, contém numerosíssimos termos extraídos das obras do Romancista. Muitos dêles chegaram lá por intermédio das minhas *Notulas ao « Novo Dicionário »* [1]. Pois, apesar disso, apesar da já importantíssima contribuição voca-

[1] As expressões de Camilo, registadas em as *Nótulas*, são extraídas de: *A Bruxa de Monte-Córdova, A Filha do Doutor Negro, O Romance de um homem rico, Estrellas propicias, Scenas Contemporaneas, Novellas do Minho, Historia de Gabriel Malagrida, As três irmãs, O Retrato de Ricardina, O Santo da montanha, Luiz de Camões, Othello, D. Luiz de Portugal* e *Vinte horas de liteira.*

bular que os livros de Camilo têm proporcionado ao Novo Dicionário, ver-se há — por uma exígua amostra — como ainda há muito que observar e colhêr na linguagem camiliana!

Mencionarei vocábulos e frases não registados, acepções novas, e inéditas abonações camilianas. A tudo isso, antepor-se há o sinal **. Incluirei alguns vocábulos e significados, já vindos em o Novo Dic., com * anteposto (sinal de que se não vêem «nos dicionários mais modernos, menos imperfeitos e menos incompletos da língua portuguesa»), para também dar ideia de quanto a linguagem camiliana concorreu para o enriquecimento do Dic. do Sr. Dr. Cândido de Figueiredo. Registarei ainda construções gramaticais, muito poucas; o registo, nêste aspecto, seria interminável [1].

Para não alongar demasiado êste extracto, pus de lado vocábulos sôbre que era necessário bordar comentários, mais ou menos largos.

** ABUNDAR A — «o dinheiro, enviado da patria não abundava ás necessidades do fidalgo», *Lucta de gig.*, 26.

** ACHICANAR — *D. Luiz de Port.*, 29.

** ACHOCOLATADO — «o Mouro, a quem o chasqueador chama tambem um *abençoado podim,* comparando-o pela côr ao

[1] São citadas as seguintes obras de Camilo: *Vinte horas de liteira,* 2.ª ed., Lisboa s. d.; *D. Luiz de Portugal,* 2.ª. ed., Pôrto 1896; *Luiz de Camões,* Pôrto 1880; *O Sangue,* 4.ª ed., Lisboa 1921; *Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado,* 4.ª ed., Lisboa 1920; *Folhetins de Camillo... publicados n'A Aurora do Lima,* 2 séries, Viana-do-Castelo 1911; *Anathema,* 7.ª ed., Lisboa 1918; *Memorias de Guilherme do Amaral,* 5.ª ed., Lisboa 1918. E as seguintes, de que já foram especificadas as respectivas edições: *Lucta de gigantes*; *Othello*; *O general Carlos Ribeiro*; *Voltareis, ó Christo?*; *Annos de prosa*; *D. Antonio Alves Martins*; *O que fazem mulheres*; *Narcóticos*; *A Filha do Arcediago*; *Ao anoitecer da vida*; *Bohemia do espirito* e *Livro negro do padre Diniz.*

*pudding* achocolatado pela effervescencia do *punch*», *Othello,* 38.

* ACIRRANTE, adj. * * Abon. « era casado com uma peccadora acirrante », *Gen. Carlos Rib.,* 43. Como *m.,* abonado já pelo Novo Dic. com Camilo.

ACRE, * * m. « casa onde se respirava um acre nauseativo de cadaveres », *Voltareis,* 26.

* * A ESPAÇOS — « onde, a espaços, uma gosmenta matrona », *Anos de prosa,* 7.

AFERVENTAR — * afervorar. * * Abon. « aferventavam o zelo religioso », *Luiz de Camões,* 74.

* A FITO — Loc. incluída já em o Novo Dic., abon. por Camilo.

AFORISMÁTICO, * * Abon. « Forrageemos ainda trez apophtegmas na seara aphorismatica de Iago », *Othello,* 45.




COPIA DA REVISTA POPULAR « COSMOS » ONDE SE VÊEM CAMILO CASTELO BRANCO, TEOFILO BRAGA E GUERRA JUNQUEIRO — DESENHO DE SILVA E SOUSA

* * AFORISTICAMENTE — *O Sangue,* 172.

* * A GOLFOS — « d'onde irrompem, a gôlfos, agrupamentos », *Othello,* 7.

* AGORENTAR, * * Abon. « não se lhe agorente por isso o qui-

late », *Othello*, 13. Camilo também escreveu *agurentar:* « se um desculpavel scepticismo lhe agurentasse a crença nos principios »... *D. Antonio Alv. Mart.*, 27, e usou ainda *aguarentar:* * * « e aguarenta a curiosidade do leitor », *O que fazem mulh.*, 137. Na *Eufrosina*, encontra-se *agorentar* (pág. 152 da ed. da Academia, 1919). O Novo Dic. traz *agorentar* e *aguarentar,* — mas trata-se do mesmo voc. escrito de duas maneiras. Acêrca dêste voc., vid. Cortesão, *Subsídios para um dic.*, s. v. *aguarentar*.

AGREGAÇÃO, * * reunião, conjunto: « são grupos de moleculas, agregações granulosas », *Gen. C. Rib.*, 45.

ALDRAVAR, v. i * bater com a aldrava: « Manuel aldravou com quanta força lhe dera o contentamento », *Voltareis,* 11. Vem no Novo Dic., abon. com Camilo.

* ALTIVEZA, * * Abon. *Narcóticos,* I, 15.

* * ALVARMENTE — *Filha do Arc.,* 103.

* ALVOREJAR v. t. * * fig. anunciar, indiciar: « luz redemptora a alvorejar civilisação para o mais ignaro, escuro e abatido torrão da Europa », *D. Antonio Alv. Mart.,* 8. — Como subst.: « Ao alvorejar da manhã », *Voltareis,* 26; « o alvorejar dos afectos », *Ibid.,* 32.

A MIÚDO — *D. Antonio Alv. Mart.*, 13; *Lucta de gig.,* 129, etc. Não há motivo para censurar esta expressão, que é da linguagem corrente.

* AMOLDURAR, amoldar — *Anos de prosa,* 5. Incluído em o Novo Dic. com abon. de Camilo.

* * ANÓDINAMENTE — *Othello,* 14.

* * ANTI-CANÓNICO, « Este casal anti-canonico », *Gen. C. Rib.,* 25.

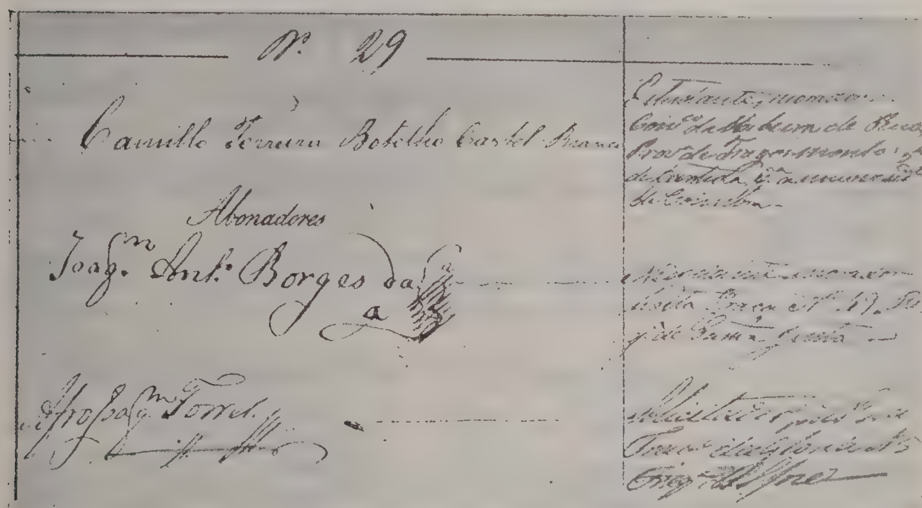
* * AO CLARO — *D. Ant. Alv. Mart.,* 24.

* A OCULTAS, * * Abon. « adorando a occultas a idea » *D. Ant. Alv. Mart.*, 8; *Lucta de gig.*, 36. — *a ocultas de:* « a occultas d'ella », *Anathema,* 277.

* * ao deante, « rutilem, ao diante, pelas trapeiras das aguas-furtadas »... *Gen. C. Rib.*, 37. Note-se, neste passo: « trapeiras das águas-furtadas ».

ao invés de — *Othello*, 46.

* * apoplecticamente — *Lucta de gig.*, 246.


N.º 29

Abonadores

SINAL DE CAMILO, ABERTO NO CARTORIO DO TABELIÃO SALDANHA, DE LISBOA, AOS 29 DE SETEMBRO DE 1843

* * arcadiano, « me queria dar um pinto de alviçaras, o qual eu regeitei com um pudor anachronico, arcadiano. » *Gen. C. Rib.*, 59.

* * a rôjo — Vid. de rôjo.

* artesoar, * * Abon. *Voltareis*, 12.

* * ás más « N'aquella terra andavam ás más dois irmãos » *Anoitecer*, XIX.

* * áticamente — *Sangue*, 94.

* atolambar, pop. aparvalhar: * * « como se um impulso celeste nos atolambasse » *Othello*, 66.

* autopse, * * Abon. *Gen. C. Rib.*, 61.

* * avantajar-se em, « illustração em que..... se avantage

aquella corporação», *D. Ant. Alv. Mart.,* 6. «Passado o anno 1508 não tenho noticias d'elle, nem sei que se avantajasse no posto com que sahiu do reino... Provavelmente não «fez fazenda», como lá se dizia na Asia», *Luiz de Cam.*, 30-31.

* * AVENTUREIRAMENTE — *D. Luiz de Port.*, nota.

* AZINHAVRAR, * * Abon. «e articulaçoens de cobre azinhavrado» *Gen. C. Rib.*, 8. Está em sent. fig.

* * AZUL-CELESTE, «e o azul-celeste horisonte» *Anoitecer*, 123.

BACANTE, * * adj. «existe uma litteratura bachante» *Gen. C. Rib.,* 37.

BAIXO, m. «morava n'um baixo da rua Direita», *Filha do Arc.*, 128.

BASTAR A — «estas qualidades..... não bastam a um commissario geral», *Lucta de Gig.,* 50. «Os carinhos de sua mulher não bastavam a desenrugar-lhe a testa» *Filha do Arc*, 157. — *bastante a:* «um ranger de dentes bastante a justificar»... *Sangue,* 14. — Cfr. na *Eufrosina,* 71: «nam ha vida tam cumprida que baste a vos fazerme merce».

BESTIFICAÇÃO, * * Abon. «estava ella muito atordoada, n'uma bestificação, a queixar-se de fome», *Gen. C. Rib.,* 60.

BRAGAL, * * Abon. «Quanto a pares de meias, só tinha sete e lençoes quatro. Vê-se, pela falta de bragal,» *D. Luiz de Port.,* 143.

BROSLAR, *Ant.* diz o Novo Dic. Encontra-se em Camilo: * * «nem já se ageitam casos em que possamos broslar em tela nova esses pedaços sediços de guadalmecins com bafio e traça», *Othello*, 29.

* * CAMPESTREMENTE — *Sangue,* 215.

* CANHESTRAMENTE, * * Abon. *Sangue,* 16.

* CANHESTRO (Vid. J. Moreira, *Estudos,* II, 214).

* * CAPITULADO, m. «os capitulados..... vinham ao reino», *Luiz de Cam.*, 51.—De *capitular:* «instaurou-se-lhe processo para o capitularem e remetterem para o reino» *Ibid.*, 51; «devia vir para o reino *capitulado*—accusado em capitulos, ou, como hoje se diria, *pronunciado*», *Ibid.*, 58.

* CHATEZA, * * Abon. «tem de evitar chatezas de locução», *Othello*, 33.

* * CHILRAMENTE—*Othello*, 32.

* CIGANAGEM, * * Abon. «com todos os caracteres ethnicos da siganagem portugueza», *Gen. C. Rib.*, 38.

* * COMEDORIA, comezaina: «Depois, noite alta, havia comedorias», *Gen. C. Rib.*, 53.

COMENTARISTA, * * Abon. *Luiz de Cam.*, 44.

COMPRAZER-SE DE, EM—«Thomazia comprazia-se de recordar», *Sangue*, 158—«compraz-se em o fazer discursar», *Luiz de Çam.* 29.

* * CONDESCENDENTEMENTE—*Othello*, 21.

* * CONFORTÁVELMENTE—*Luiz de Cam.* 39.

* * CONGRAÇAR-SE EM—«Homens de arraiaes contrarios congrassaram-se no mesmo intuito», *D. Ant. Alv. Mart.*, 18.

CONTENTAR-SE DE—«contentou-se bastantemente do applauso da consciencia», *D. Ant. Alv. Mart.*. 24.

CONTENTE DE—«estava contentissimo do filho», *Filha do Arc.*, 59.

* * CONVENCIONALISTA, «O que me gela o enthusiasmo e faz cahir o livro da mão com um tedio,—sacrilego, se os convencionalistas quizerem—são as pantomimas do *Fausto*», *Othello*, 22.

CONVERSAR—«confidencias que os dois haviam conversado algumas vezes» *D. Luiz de Port.*, 23. «Vae ve'-la todos os dias, conversa litteratura com a mãe,» *O que fazem mulh.*, 29. Como v. i., e nesta acepção, não vem no Novo Dic.—«elle parava a conversar com femeas prostibularias,

de dia..... O Aretino..... tambem as conversava nas praças» *D. Luiz de Port.*, 130.

* * CRIADA-DE-SERVIR — «Antes quero ser criada de servir ou trabalhar para viver» *Filha do Arc.*, 15

* * CULMINANTEMENTE — *Gen. C. Rib.*, 14.

CUMPRIR — «cumpriram a pouco e pouco as ordens» *D. Luiz de Port.*, 35. — «Respondi como cumpria dilatando»... *Voltareis*, 12. — «para cumprir com as obrigaçoens» *D. Luiz de Port.*, 26.

CURVETEAR, * * v. t. «Gonçalo Borges curveteava o seu cavallo», *Luiz de Cam.*, 25.

* DANTESCO, * * Abon. *Othello*, 76, nota.

DAR — *dar a* «assoprar escarceus que déssem a lembrar as divergencias» *D. Antonio Alv. Mart.*, 22. — *dar-se* «Deu-se então que Tasso» *Anoitecer*, 100. — *dar as mãos*, «felicidade e genio pareciam dar-se as mãos» *Voltareis*, 30: está em sent. fig. — *dar com* «davam os espectros com elle» *O que fazem mulheres*, 177. — *dar de rosto em* «Nicoláo, ao dar de rosto na mulher» *Sangue*, 16. — *dar pêso* «Não dei peso á linguagem chula» *Sangue*, 16; «não deram grande peso ao desdouro» *Lucta de Gig.*, 187. — *dar á canella* «deu á canella e sumiu-se-nos» *O que fazem mulh.*, 89. — *a dar-lhe!* «— Faltei aos meus deveres de esposa? — E ella a dar-lhe!» *Ibid.*, 79.

* DARWINISTA — O Novo Dic. traz o voc. apenas como subst. É também * * adj.: «A lei darwinista» *Bohémia*, 421; «transformismos darwinistas», *Gen. C. Rib.*, 67.

* * DE AVESSAS, «não te mostres d'avessas com tua mulher» *Sangue*, 133.

* * DE CARA A CARA, «dizer de cara a cara» *Sangue*, 51.

DECLINAR, v. i «qualquer outra senhora..... declinaria facilmente ao odio» *Sangue*, 89. — v. t. não declinava os olhos do cepo informe» *O que fazem mulh.* 48.

DE COSTA ACIMA — *Lucta de Gig.*, 222.

* * DE DIA PARA DIA — *D. Luiz de Port.* 35.

DE ESCONSO — *Sangue*, 72, etc.

DE ESGUELHA — *Sangue* 79, etc.

DE ESPAÇO — *O q. fazem mulh.*, 144.

* * DE FITO — «perfilando o rosto para a não encarar de fito» *Sangue*, 94.

* DE FORA PARTE — «as cartas..... eram falsas, subrepticias, de fóra parte a nullidade de serem solicitadas por um homem expulso da communhão dos fieis» *Lucta de Gig.*, 60; «Innocencio estava um homem acceitavel em qualquer sala e muito conversavel de fora parte a compostura pessoal, que toda se devia ao gosto delicado da franceza em materia de trajar.» *Sangue*, 175. — O Novo Dic. dá à expr. apenas o significado de «excepto» (citando Camilo). Além dêsse signif., a expressão tem ainda, como nos passos transcritos, o de «pondo de parte», «sem já falar de».

OS

**PUNDONORES DESAGRAVADOS,**

**POEMETO**

EM DUAS PARTES,

OFFERECIDO

AOS ACADEMICOS PORTUNSES.



**PORTO:**

TYPOGRAPHIA DA REVISTA,

*Rua dos Ferradores n.° 31.*

1845.

* * DE FRECHA «fitando-a de frecha com os olhos coruscantes», *Sangue*, 187.

DEFRONTAR, * v. t. Incluído em o Novo Dic. com abon. de Camilo. — *defrontar com* «a cavallaria defrontou com Badajoz» *Lucta de Gig.* 107; «A cadeira de Innocencio defrontava com a sua [da menina]» *Sangue*, 93-94; «Silvina defrontava com elle» *Anos de prosa*, 155. — *de-*

*frontar-se com* «Era noute quando se defrontaram com a fortaleza.» *Lucta de Gig.*, 100; «quem se defrontára com todas as procellas politicas» *D. Antonio Alv. Mart.*, 26. — *defrontar-se a* «É que o encarcerado da Ilha se lhe defrontou, não já como principe..... mas como homem» *Lucta de Gig.*, 235. — Vid. in *Arquivo literário*, V, 42, nota de Castilho acêrca do verbo.

* * DE FUNDAMENTO «não queria morrer sem ter conhecido de fundamento e com certeza os meus inimigos» *Lucta de Gig.*, 133.

* DE GOLPE — *Lucta de Gig.*, 18.

DE GÔRRA (fazer-se) — *D. Luiz de Port.*, 13.

* * DE IMPROVISO — *Filha do Arc.*, 55.

* DE INDÚSTRIA — «Muito de industria lembramos» *D. Ant. Alv. Mart.*, 7.

DE JEITO QUE — *Aventuras de Bazilio*, 82.

DELAPIDAR, * v. i. «o governo..... delapidava e prodigalisava, como se»... *D. Ant. Alv. Mart.*, 18.

DELICIAR-SE EM — Notado já por Castilho (Vid. *Arquivo lit.* V, 42): «para se deliciarem na vaidade», *Vinte horas de lit.*, 54.

* * DE LONGE A LONGE — *Filha do Arc.*, 72.

* * DELUCIDAR — Vid. DILUCIDAR.

* * DE MANSO — *Filha do Arc.*, 54.

* * DE MANSO E MANSO — *Memorias de Guilh.*, 25.

DE MÃOS DADAS COM — Vid. *dar as mãos*, s. v. DAR

* * DE MEIAS — «e batiam de meias» *Gen. C. Rib.*, 29. — *de meias com* «Gervasio que tinha bebido de meias com o filho uma garrafa de 1815» *Sangue*, 109.

* * DE MEIO A MEIO, redondamente: «está enganada de meio a meio», *Filha do Arc.*, 121.

DEPARAR, «E é admiravel que deparando Santo Antonio todas as cousas perdidas, me não depare a minha saudosa cha-

ruteira» *Folhetins*, II, 19-20; «me deparára para ti um digno marido» *O que f. mulh.*, 48. — Também usou: «deparar com alguma invectiva» *Anathema*, 286; «deparava com o vulto» *Livro negro*, 47.

* * DEPLORATIVAMENTE — *Narc.* I, 116.

* DEPLORATIVO — Incluído já em o Novo Dic., com abon. de Camilo.

* * DE REVÉS — *Lucta de gig.*, 180.

* * DE RÔJO, «fui de rojo aonde pude» *Anoitecer*, 33. — *a rôjo* «verias, a rojo, no chão ..... o mundo aviltado» *Ibid.*, 62.

DESANDAR, * * retirar-se: «E desandou.» *Voltareis*, 13.

DESAPERCEBIDO — Bastante usado por Camilo.

DESAPERCEBIMENTO, «Bem via elle a innocente alegria com que Ludovina andava nos honestos brinquedos, e o desapercebimento, se não desprezo, com que ella acceitava as louvaminhas dos primos.» *O que f. mulh.*, 60.

DESAVERGONHADO, A, usado por Camilo como adj. e * * subst. — É pop.

DESAVERGONHAMENTO — *Filha do Arc.*, 62.

* DESBALISAR — Narc., I, 77.

* * DESBRAGAMENTO — *Othello*, 31.

DESCAIMENTO, * * Abon. *Othello*, 47.

* * DESCONDENSAR-SE — «A nebrina descondensava-se « *Othello*, 8. — Como v. t., *descondensar* vem já em o Novo Dic., abon. com Camilo.

**HOSANNA!**

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO.



PORTO:

TYPOGRAFIA DE F. P. D'AZEVEDO

*Rua das Horias n.º 82 a 84.*

1852.

DESDE O MOMENTO QUE, EM QUE — Vid. respectiv. *D. Ant. Alv. Mart.*, 5, e *D. Luiz de Port.*, 42.

DESINQUIETAR — « desinquietar as minhas vizinhas », *Filha do Arc.*, 34.

* DESLINGUADAMENTE — Vid. DESLINGUADO.

DESLINGUADO, * * desbocado, despejado: « sem que aos vocabulistas e aos deslinguados se instaure processo de estragadores dos costumes que se derrancam por meio de phrases. » *Othello*, 75. — O Novo Dic. não regista esta acepção a *deslinguado*, mas inclui « *deslinguadamente*, desbocadamente, despejadamente », que também é abon. com Camilo.

* * DESNECESSITAR — *Sangue*, 70.

DESPEITORAR — « nos camarotes, onde estava a propria virtude..... despeitorada á Aspasia, » *O q. f. mulh.*, 81. — * * fig. « o melhor da tragedia — as passagens despeitoradas, as phrases de cazerna » *Othello*, 26.

DESPENHO, * * despenhadeiro: « por aquelles despenhos e selvas de castanheiros », *Voltareis*, 10.

* * DESTRONAÇÃO — *Lucta de gig.*, 203.

* * DESULTRAJAR, v. t. — *Filha do Arc.*, 71.

DESVIDRADO — « Compunge vêr rolar a lagrima preguiçosa de olho desvidrado d'outra » *Anos de prosa*, 6.

DESVINCULAÇÃO — * * Abon. *D. Ant. Alv. Mart.*, 18.

DILUCIDAR — Camilo empregou *dilucidar* e *delucidar*: « as calamidades..... dilucidaram-me a escureza enigmatica do homem » *Voltareis*, 8; « delucidar estas evoluções no cahos dos historiographos » *Lucta de gig.*, 184. — Castilho acha « talvez melhor » *dilucidar* (Vid. *Arq. lit.*, V, 42).

* * DOM-JUANISMO — *Bohémia*, 19.

* * DRAMICÍDIO — *Folhetins*, II, 33.

ENFLORAR, * * v. i. dar flor, enflorescer: « Onde hervecem e infloram as moitas de boninas » *Anoitecer*, 95; « Quando

a *Acacia* de *Jorge* ainda outra vez inflore» *Bohemia,* 132. —Fig. «aldeia, onde apenas resoam as reputações que infloram no Largo das Duas Egrejas» *Narc.,* I, 10.—v. t. «as boninas que infloram o chão sagrado do Calvario» *Sangue,* 9.

* ENFLORECER, * * Abon. «Um jardim oloroso de taboleiros esmeradamente enflorecidos», *Othello,* 13.

ENGATAR, * * fig. pop., fazer suceder: «ia engatando uns calices nos outros» *Gen. C. Rib.,* 32.

ENTESTAR COM — «até entestarmos com um largo portão» *Voltareis,* 11.

* * ENTRAVAMENTO — «o sibillo do nordeste no entravamento da casa» *Voltareis,* 26.

ENTRELUZIR — «Quando entre-luziu á minha idea a apparição d'esta amiga de vinte e quatro annos?» *Anoitecer,* VI.— * v. t. Já abon. em o Novo dic. com Camilo.

* * EQUIVOCANTEMENTE — *Folhetins,* II, 39.

ESCOIMADO — *Luiz de Cam.* 20.

* * ESCOTEIRAMENTE — «vagamundeando a sua vida escoteiramente» *Gen. C. Rib.,* 31.

* ESPUMEJAR, * * v. t. «Um espinho de amor ou ciume que lhe arranhe a epiderme espumeja borbotoens de sangue» *Othello,* 16.—* v. i. Já incluido em o Novo Dic. com abon. de Camilo.

ESQUIVAR (alg. a)—«o que não posso, minha senhora, é esquival-a ao desaire de proceder do macaco» *Gen. C. Rib.* 21.

ESTAMPILHAR, selar — * * fig. «cadaver estampilhado com a infamia» *Gen. C. Rib.,* 61.

ESTREPE, * * Abon. «não sem receio de que os molossos remetessem contra nós de sobre os estrepes que vedavam o muro» *Voltareis,* 11 (Vid. J. Moreira, *Estudos,* II, 273 e segs.).

ESTRINCAR, lacerar com os dentes: * * «O linheiro, se não tem botas de cano alto, sahiria com as canellas estrincadas [pelos dentes do cão]», *Anos de prosa*, 213. Vem de *trincar*.

EXPIAR, * * v. i. «almas que morrem..... sem expiarem sobre a terra» *Othello*, 57.

* EXPLOSIR — usado por Camilo a par com *expluir*. Fialho também empregou os dois verbos. *Explosir*, por influência de *explosão*, *explosivo*.

* EXPLUIR — Vid. EXPLOSIR. É da linguagem comum.

* EXULTANTE — * * Abon. *Sangue*, 232.

* * EXULTANTEMENTE — *Sangue*, 217.

* FALARIO, pop. «Na rua havia um borborinho de falario alegre» *Narc.* I, 198. — J. Moreira (*Estudos*, II, 232) acentuou erradamente *falário*.

FARFALHAR, * * v. t. «a farfalhar espuma na torrente» *Othello*, 22.

* * FENOMÉNICO — *D. Luiz de Port.*, 12.

* * FRASISMO, fraseado: «Esse phrasismo pletorico, sorna» *Othello*, 29.

* * FRASISTA — *Ibid.*, 33.

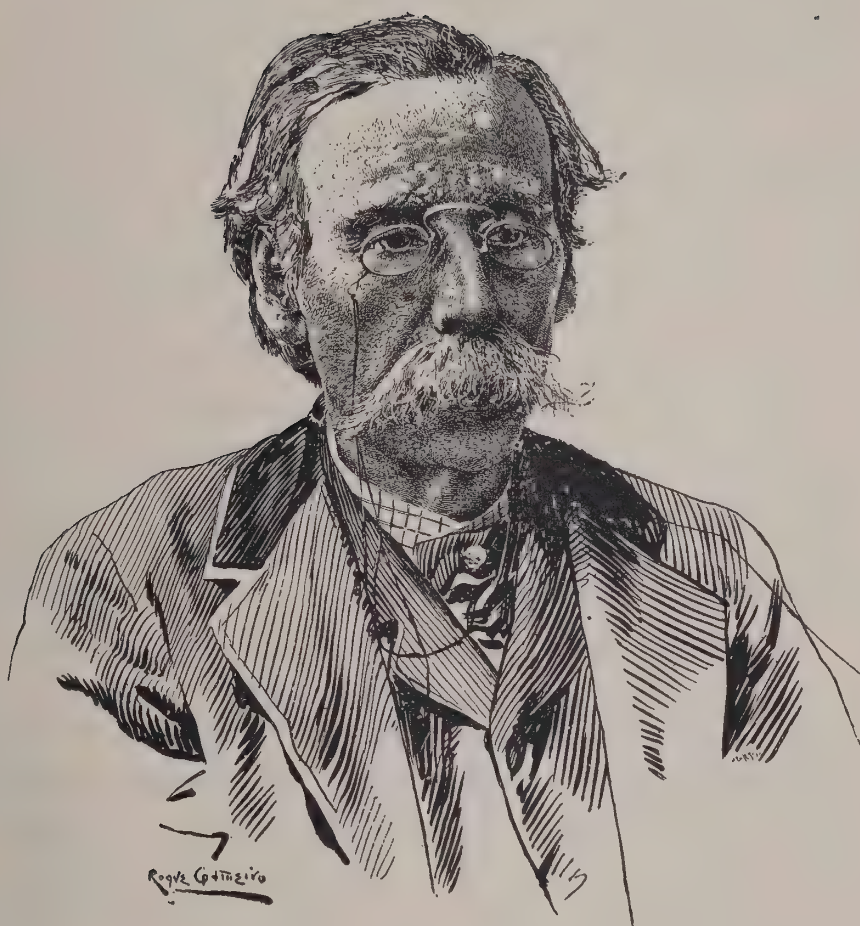
FRESCAL, * * bem conservado: «senhora..... ainda frescal» *O q. f. mulh.*, 21.

GOLFO, golfada. Bastante usado por Camilo (Vid. J. Moreira, *Estudos*, II, 236).

LAGRIMOSO — Muito usado por Camilo.

* * LANIAR — «Os dentes laniares ou caninos « *O q. f. mulh.*, 41. Termo anatómico (Cfr. Franco, *Anatomia*, I, 50). Do lat. *lanius*.

LAPARDÃO — O Novo dic. traz o voc. como *trasm.* Encontra-se em Camilo: * * «O filho do retrozeiro, a quem Elisa denominava *patego*, *parrano*, *gebo*, e outras amabilidades como *lapardão*», *Filha do Arc.*, 44.



CAMILO SEGUNDO UM DESENHO ORIGINAL
DE ROQUE GAMEIRO PUBLICADO NO N.º 12
DE «A ILUSTRAÇÃO» DE 20 DE JUNHO
DE 1890

* LETRIA, pop., aletria — * * *Sangue*, 108.

LÍNGUA DE TRAPOS — *Filha do Arc.*, 129.

* * LUSITANAMENTE — *Othello*, 39.

LUSTRAR, v. t. «grande homem que lhes lustrava os appellidos» *Sangue*, 233-234. — v. i. «o snr. marquez de Sá, em quem lustram honra acrisolada com eminentes predicados de bom juizo», *D. Ant. Alv. Mart.*, 26.

* MAGNATA — * * *Anoitecer*, 101.

MAIS QUE MUITO — «pouco menos de facciosas e mais que muito impopulares», *D. Ant. Alv. Mart.*, 17.

* * MAL-AGOURADO — *Anos de prosa*, 24.

* MALICIAR, v. t. * * *Ibid.*, 62.

* * MAL-SORTEADO — *Sangue*, 120.

* MANGUEIRA (de malho) — * * *O q. f. mulh.*, 179.

MENDIGUEZ — * * Abon., *Luiz de Cam.*, 44.

* * MESTRA-DE-DENTRO — «a pequena está em mestra de dentro» *Filha do Arc.*, 9.

* METALIZAR, * * Abon. «Teria elle o cerebro como metallisado pela saturação dos venenos?» *Narc.*, I, 34.

METER FERRO — *Sangue*, 126.

* MILHA — «farinha milha» *Filha do Arc.*, 40.

MOLDURAR, * * amoldar: «estas clausulas não bastaram a moldural-o no feitio trivial dos estudantes sertanejos» *Narc.*, I, 123. — Cfr. AMOLDURAR.

MORBIDEZA — *Gen C. Rib.*, 36. — «pouco vernáculo» diz o Novo Dic. — *Morbideza* vem de mórbido, como *sisudeza*, *frouxeza*, *absurdeza*, *pequeneza*, *mesquinheza* etc., de *sisudo*, *frouxo* etc.

* * MURMUROSAMENTE — *Othello*, 9.

* * NARIZ-TORTO — «as sacrifico ao nariz-torto das mães de familia» *Filha do Arc.*, 138.

* * NESTA EXTREMIDADE — «N'esta extremidade, o sr. bispo de Vizeu» *D. Ant. Alv. Mart.*, 30.

* NESTE EM MEIO — *Sangue,* 107.
* NEVOENTAR-SE, * * Abon. *Othello,* 8.
* * NICHAR, anichar — *O q. f. mulh.,* 42.
* NINFEIA — * * *Gen. C. Rib.*, 60.
OCCIPÍCIO — *Anos de prosa,* 172.
OLHAR CONTRA — « o sacerdote deteve-se olhando contra o mar» *Voltareis* 29.
* OPINIATIVO, * * Abon. *Luiz de Cam.* 41.
* * ORANGO, por *orangotango: Gen. C. Rib.*, 22.
OUTRO — « saiu muito outro do que»... *O q. f. mulh.*, 91.
PARALELO DE — « espirito parallelo da perversidade» *Othello*, 33.
* * PARA LOGO — « encapellaram-se para logo aversões» *D. Ant. A. Mart.*, 27.
PASBÓBIS (pax-vobis), « — Olha, Rosa, não contes a ninguem que foste namorada d'esse pasbobis» *Filha do Arc.*, 44.
* PASCACICE, * * Abon. *Othello*, 23.
* PATEANTE, * * Abon. *Folhetins*, II, 34.
* * PÁVIDAMENTE — *Filha do Arc.*, 69.
* * PEÇONHOSO — *Anos de prosa*, 11.
* * PECUNIOSAMENTE — *D. Luiz de Port.*, 20.
* * PELO CLARO — *Sangue*, 68.
* * PELO COMUM — « a gente, pelo commum, apenas tem noticia», *Gen. C. Rib.*, 14.
* * PELO CONSEGUINTE — *Sangue,* 217.
* * PELO MODO — *Ibid.,* 52.
PELO ORDINÁRIO — *D. Ant. A. Mart.*, 18.
* PENUJAR, * * Abon « que viram pennujar o buço do snr.».. *Narc.*, I, 120.
PER SI — *per* subsiste hoje em: *de per si*, *de per meio* e *pelo*. Camilo empregou *per si:* « Homens d'este vulto, per si mesmos nobilitados» *D. Ant. Alv. Mart.*, 5; « elles — os poemas — só per si sobejam» *Luiz de Cam.,* 45.
* PONTILHÃO — * * Abon. *Voltareis,* 9. — Melhor *pontelhão.*

* * POR EGUAL, «lhe eram por egual odiosos» *D. Ant. Alv. Mart.*, 13; «As melhoras de D. Angelica augmentavam por egual com as d'elle» *O q. f. mulh.*, 170.

* POR SEM DÚVIDA — * * *Lucta de Gig.*, 159.

* * POR VIA DE REGRA — *Othello.*, 79.

PREVISTO, * * previdente: «Os mais previstos..... o meu triste destino predisiam» *Anoitecer*, 95; «o frade era menos previsto, e mais corajoso que o bispo» *Lucta de Gig.*, 111.

* PRIMACIALMENTE — * * Abon. *D. Ant. Alv. Mart.*, 6.

* PRIMATA — * * Abon. «O mammifero primata», *Gen. C. Rib.*, 17.

* PROCUSTIANO, * * Abon. *Othello*, 27.

PRODIGALIZAR, * * v. i. — Vid. passo s. v. DELAPIDAR.

* * PROTO-ORGANISMO — *Gen. C. Rib.*, 47.

PROVÉRBIO — «O velho que era o proverbio da bondade» *D. Luiz de Port.*, 144.

* PUNGIDOR, * * Abon. *Anoitecer*, VI.

* QUEQUE — * * *Gen. C. Rib.*, 32.

QUINHOAR DE, EM — «um nome, hoje obscuro, será exhumado do esquecimento para quinhoar da gloria» *Filha do Arc.* 6. — «quinhoar no pabulo satyrico» *Livro negro*, 256.

QUINHOEIRO DE, EM — «que a fez quinhoeira d'uma bordoada que a deslombou» *Anoitecer*, XI. — «não o condecoram como quinhoeiro nos fastos das carnificinas memorandas» *Luiz de Cam.*, 44.

* * REBRADAR «— Quero o meu filho! — rebradava Thomazia» *Sangue*, 203.

* * RECREATIVAMENTE — *Gen. C. Rib.*, 46.

A MURRAÇA

**POEMA EPICO**

EM

3 CANTOS.



PORTO:

TYP DO ECCO POPULAR,
*Rua do Bomjardim n.º 650.*

1848.

* REFERVENTE — * * «refervente indignação» *Sangue*, 72.

* * REFLORECENTE — *Othello*, 15.

REFOLHADO, disfarçado: * * «refolhada hypocrisia» *D. Ant. Alv. Mart.*, 25.

* * RELAMPADEJANTE — *Sangue*, 222.

RELAMPEJAR, * * v. t. «ella..... relampejava uns claroens electricos» *Gen. C. Rib.*, 33.

RELOUCADO — *Lucta de Gig.*, 202.

* * RELOUCURA — *Filha do Arc.*, 201.

* * RELUMBRAR, reluzir, scintilar: «Insolitos fulgores relumbram na prizão» *Anoitecer*, 97. — O Novo Dic. não menciona o voc., que no entanto vem noutros dicionários. Morais abona-o com a *Eneida Port.*

* RELUSTRAR, tornar mais brilhante: * * «e a luz que doira as pompas e a bellesa relustra!» *Anoitecer*, 76.

REMOQUEAR, v. t. *D. Luiz de Port.*, 46.

* * RENGIR — Vid. RINGIR.

REPOLHUDO, * * fig. «Arredondava phrases repolhudas, pomposas, de dramalhão» *Gen. C. Rib.*, 34; «linguagem repolhuda» *Sangue*, 67.

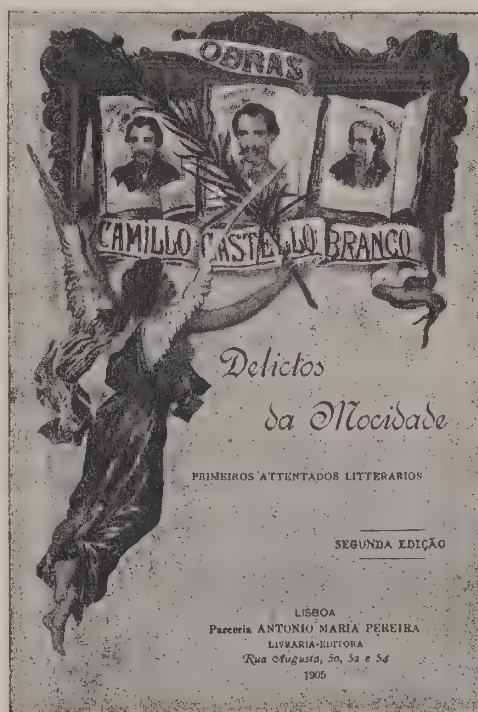
* REPUXÃO — *O q. f. mulh.*, 67.

RESFOLEGAR, RESFOLGAR, v. t. «resfolegando soffrego as fumaças» *Sangue*, 71. — «Monologo a resfolgar vingança» *Othello*, 61.

RESPIRÁCULO — «Acto de respirar, respiração» diz o *Novo Dic.* Aliás *respiradoiro*, *espiráculo*. «Apenas lhe constou que era eu o instrumento da vingança de seu irmão, preferiu quebrar o instrumento..... avisadamente conjecturou o homem que, esganando a musa que o verberara, abafaria aquelle respiraculo da detracção inimiga.» *Anoitecer*, XX. Cfr. «o respiradouro da gazeta» *Filha do Arc.*, 71.

* * RESSAIBADO — «a linguagem é ressaibada de gallicismos» *Folhetins*, I, 20.

* * REVESADO — « vou para o Porto; lá terminarei esta revezada carreira, toda voragens, umas cobertas de silvêdos pungentes, outras de flores traiçoeiras; mas voragens sempre. » *Lucta de Gig.* 212. — *Revesado*, de *revés*, isto é: « cheio de reveses ». Não confundir com *revezado:* « drama « Pedro Sem », joia litteraria que ainda rebrilha no palco do *Palacio de crystal*, revesada com *Ignez de Castro* » *Sangue*, 126 — Camilo escreveu com *s* a palavra que deve ter *z* e com *z* a que deve ter *s*.




REVEZAR, * * repetir « revesou no caldo » *Filha do Arc.*, 26.

* * REVOLUCIVO, « um drama orientado, didactico, revolucivo, prerafaelista, immanente de uma idéa avançada », *Bohémia*, 217; « O *Cancioneiro*, que tem o nome do seu collaborador mais primoroso, é um monumento, um padrão do itinerario do dialecto portuguez no momento revolucivo da sua emancipação » *Othello*, 75; « exaltados já pelas razões, já pela eloquencia revolucivo de Diogo Cesar » *Lucta de Gig.*, 45. — *Revolucivo* a par com *revolução*, como *revulsivo e revulsão.*

RINGIR, « uma viga do velho teto ringiu », *D. Luiz de Port.*, 146. Também se diz * * *rengir:* « rengir de dentes », *Sangue*, 244.

ROFEGO, REFEGO — Muito usadas ambas as formas por Camilo.

* RUTILAÇÃO, * * *Gen. C. Rib.*, 35.

* SAIOTO — *Sangue*, 95; *Filha do Arc.*, 97.

SALITRAR, * * fig. « a comprehensão publica está por tanta maneira salitrada d'estas podridoens », *Gen. C. Rib.*, 62.

SALITROSO, * * fig. « paginas galhofeiras, picarescas, salitrosas, travando bem á malagueta », *O q. f. mulh.*, 6.

SALIVAR, * v. t. * * molhar com saliva: « salivando as arestas asperas da estriga, redopiando o fuzo », *Narc.*, I. 128.

* SALTARILHAR, * * Abon. *O q. f. mulh.*, 72.

* * SANGOEIRA, pop. — *Sangue*, 156.

SANTOPEIA, ant. e pop. — *Filha do Arc.*, 19.

* * SAPATEIO, sapateado — « dava, no repicado sapateio da sua furia endiabrada de selvagem de Ceylão, oscillaçoens de terramoto ao predio », *Gen. C. Rib.*, 53. — Camilo refere-se a um dançador do « Sarambeque ».

* * SAZONÁTICO, por *sezonático*, * * m., doente de sezões: « lamenta..... que os sasonaticos déssem á estátua [que curava de maleitas] »... *D. Luiz de Port.*, 134.

SEGAR, * * cortar fino, com golpes paralelos sucessivos; *sega-se* a hortaliça que, assim, fica às tiras muito estreitas: « — Está a Anna a segar o caldo... » *Filha do Arc.*, 23 — *Caldo* é aqui *hortaliça*.

SEGURAR — « o golpe..... era a segurar; » *Luiz de Cam.*, 26.

* * SETÍNEO, setinoso — *Gen. C. Rib.*, 51.

* SHAKESPEARIANO — *Othello*, 27.

SIMPLISSIMO — *D. Ant. Alv. Mart.*, 13 e 23.

* * SINONISMO, sinonímia — *Othello*, 73.

SOBREEXCITAR, * * Abon. *D. Ant. Alv. Mart.*, 13.

* * SOFRALDAR, « não sofraldando a barra do vestido áquem da ponta do pé », *Othello*, 75.

* * SÓS A SÓS, « Eu é que hei-de castigar em pessoa, e sós a sós, D. Antonio de Mascarenhas », *Lucta de gig.*, 14.

* * SUBLIMADO, m., sublimado-corrosivo — *O q. f. mulh.*, 7.
SUCIATA, * * Abon. *Luiz de Cam.*, 55.
SUPERIORIZAR, * * Abon. *Othello*, 23.
* * SUPRA-CELESTIAL — *Anoitecer*, XII.
* TEMPORÃMENTE, * * Abon. *Lucta de gig.*, 22 e 159.
* TERÇOLHO, * * Abon. *Filha do Arc.*, 8.
* TÉROLÉRO, pop. cabeça no ar, pessoa leviana: *Folhetins*, I, 39. Não é só *beir.* e *trasm.*, como diz o Novo Dic.
* * TIRANAMENTE — *Filha do Arc.*, 26.
* * TOALHA-DE-MÃOS — *Ibid.*, 13.
* * TREMICULOSO, «borborinho sonoroso de interjeições tremicullosas como calefrios», *Gen. C. Rib.*, 36.
* * ULTRA-HUMANO — *Ibid.*, 63.
* VITALIZADOR, * * *Gen. C. Rib.* 36.
VIVEDOIRO, «se o pequenino sem alma, aos nove dias, não désse signaes de pouco vivedoiro» *Sangue*, 200.
* VIZO-REINADO — * * Abon. *Lucta de Gig.*, 110.
* VIZO-REINAR — * * Abon. *Ibid.*, 116.
* * VOZEIRA, «a vozeira de Gervasio José, chamando Thomazia» *Sangue* 74.
* ZABUMBEIRO, tocador de zabumba. * * «o zabumbeiro da ronda agressora» *Anoitecer*, XI.
* * ZOLAISMO (de Zola) — *Narc.*, I, 102.

*

*   *

Tudo o que fica dito, quanto à linguagem de Camilo, não passa de uma gôta de água no Oceano...

Releve-se-me, todavia, a pobreza da contribuição para a presente homenagem ao Escritor.

Essa pobreza não advém tão só de mim, da minha insignificância, demais a mais peada pelo tempo e pelo espaço,

mas ainda, e principalmente, da própria linguagem camiliana: de ela ser muitíssimo rica e ter muitíssimo que estudar e referir.

Viana-do-Castelo.

CLÁUDIO BASTO





# CAMILLO

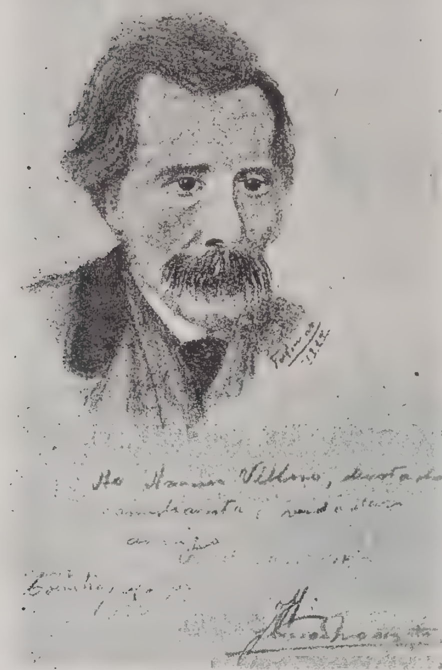
CAMILLO é um genio que oscilla, convulso, hysterico, ás vezes emphatico, entre uma grande lágrima e uma gargalhada estridente, mas com alguns estilhaços de dor explosiva no timbre do riso e com muitos resaibos de fel pungitivo na prata das lágrimas.

Poeta acima de tudo, e por isso grande romancista, independente de moldes, encontrando-se com Balzac e Dickens, até com Lamartine, e só por desfastio com algo de Zola, Camillo é mais o vate do que o novellista, assim como Herculano o foi, bem mais ainda do que historiador eminente.

Impelliram para a prosa Camillo os ciumentos poetas, que engenhosamente louvam a prosa do rival perigoso, e tambem os lances mesquinhos do seu tempo, aberto por uma caricatura do heroismo na desvirtuada revolução de Maria da Fonte. O seu vigor de polemista, a sua frequente contradição de erudito historiador e philosopho pessimista vieram-lhe muito d'aquelle impulso e das bizarrias do temperamento morbido. Porisso, elle, a principio fascinado pela emphase larga de

Herculano, d'elle conservou apenas o tom de algumas meditações, que enflorou de archaismos e neologismos, e a amargura ironica e solemne que, por assim dizer, satanisou até ao burlesco mais cruel e vivo, farpado e hervado.

E, como o poeta da *Harpa do crente* e o romancista do *Monasticon* tinha, além d'um temperamento austero, um outro baptismo de ideias e crenças na utopia liberal do exilio e do Cerco do Porto, onde Herculano foi trovão, foi Camillo sarcasmo, duvida, lamento que ri, tortura que raciocina, ironia que chora.



CAMILO — DESENHO DE TAVARES MOURATO REPRODUZIDO DA PAG. 9 DO N.º I DA REVISTA DE ESTUDANTES DE COIMBRA «VIA LATINA», MAIO DE 1924

*

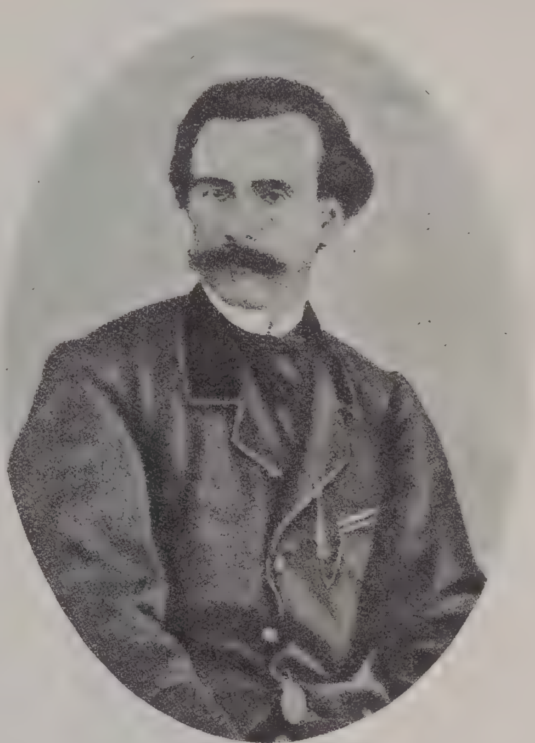
*   *

O nosso maior romancista? Não: o unico que, pouco variado, fez sempre uma obra nova e forte nos mimos valiosos dos seus romances; um escravo doloroso da estupidez e rapacidade do meio, dominando, como senhor invencivel, os seus exploradores e os criticos que o podiam deprimir, por vezes com razão; um poeta enorme, resignado em tudo com a prosa, mas entrecortando a resignação de preces, blasphemias, invectivas leoninas, paginas d'oiro ou de aço, segundo o coração pedia prantos, ironias ou cóleras; um grande observador, interrompido pela angustia, e um grande martyr, ferido pela odiosa

realidade das coisas; um artista prodigioso pela vernaculidade, pela imaginação, pela vasta leitura, e a cada passo torvado pela psychose que lhe desequilibrava a arte, ou lhe amontoava na alma as paixões.

*
* *

Emfim, um clássico, mais puro do que Garrett, um pensador dentro das paginas mais frivolas, um amargo poeta dentro dos realismos mais deploraveis.



RETRATO DE CAMILO REPRODUZIDO DO LIVRO « CAMILO DESCONHECIDO » DE ANTONIO CABRAL, 1918

Genio estrangulado pelas privações e pelas provações, muito erudito e ignorando coisas simples, muito religioso e com heresias ásperas e demoniacas, muito inventivo e repetindo-se para poder respirar debaixo d'um trabalho fatal e excessivo, tal foi Camillo que julgo, depois de Herculano, o nosso maior polygrapho, no seculo XIX, depois de Julio Diniz o nosso maior romancista, depois de Anthero o nosso maior poeta pessimista, depois de Castilho o nosso maior ourives da linguagem, depois de Garrett, Mendes Leal e Antonio Ennes, o nosso maior dramaturgo... mas nos seus romances.

JOSÉ AGOSTINHO



CAMILO CEGO — ESTUDO DE SAAVEDRA MACHADO



# O AMOR
# NA BRUXA DO MONTE CORDOVA

A amabilidade do editor d'este *In Memoriam,* solicitando-me algumas palavras sobre o vulto gigantesco de Camilo Castelo Branco, leva-me a percorrer numa sofrega ansiedade, a obra vastissima, do imortal escritor, que ha um seculo veio ao mundo fadado para os mais cruciantes sofrimentos.

Na meia luz do gabinete onde trabalho, sobre o tampo espelhento da minha secretaria, repousam algumas dezenas de livros de Camilo; as suas capas vermelhas formam uma nodoa sanguinea que se alastra; folheio — um, outro, e outro, e os meus olhos passeiam voluptuosamente, por sobre as belas páginas de *O olho de Vidro,* a *A Doida do Candal, O Esqueleto, A Queda d'um Anjo,* e outros, muitos outros, onde o escritor numa prodigalidade espantosa, espalhou em fortissimas pinceladas de verdade, todo o talento do seu cerebro privilegiado. As inumeras personagens, criadas pelo artista

em horas divinas de inspiração, quando a mão do escritor deslisa pelo papel, nervosa, veloz, incansavelmente laboriosa, deixando vincadas para sempre palidas figuras de dor e tragedia, ou grotescas caricaturas sociaes, rodeiam-me, conversam comigo, encantam-me com a sua ingenua candura, estendem-me os braços, contam-me as suas desventuras em doridos soluços. O brasileiro enfatuado que regressa á aldeia natal, vergando ao peso dos seus brilhantes, com os seus dentes de ouro faiscando, sempre que abre a boca para estampar na rustica fisionomia do compadre, uma sonora gargalhada, quando este, olha boquiaberto, a vistosa gaiola onde se ostenta, magestoso, falador, vestido de verde, o inseparavel papagaio; os brasileiros e as brasileiras de ocasião, que o riso de Camilo celebrizou, e que povoam de ridiculo várias páginas dos seus livros, fazem-nos sorrir, e admirar a extraordinaria facilidade, com que o escritor passava do sorriso leve ás lagrimas sentidas, da gargalhada atroadora, á dor incomensuravel do esfacelar d'uma alma.

Mas, a minha atenção, fixa-se mais detidamente, num livro: *A Bruxa do Monte Cordova.* E' um caso de loucura mistica, tratado com superior mèstria, e as suas duzentas páginas, revelam-nos o estranho temperamento do romancista.

Angelica Florinda, a Bruxa, é uma pobre louca de espirito, é a religião que exagera, que se embriaga no proprio perfume, e que pastores d'almas menos escrupulosos, levam ao extremo do fanatismo que embrutece.

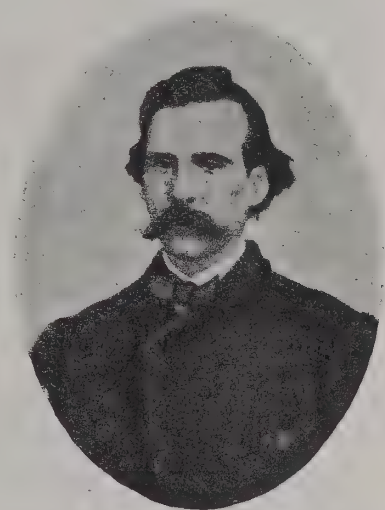
O amor bafejou-a, foi mãe extremosa, mas a guerra surpreende-a em plena adoração, estonteada de felicidade e leva-lhe o amado.

Logo, no seu espirito fraco, transtornado, e sobretudo mal dirigido, sugeriu a tristissima ideia de que essa morte valorosa havia sido um castigo de Deus.

Como salvar a alma do amado das penas do inferno, dos

horrendos suplicios do purgatorio? Abandonando o filho, encerrando-se num convento, isolada do mundo, entregando-se a Deus, e rezando sempre, numa mistica exaltação, morrendo na penuria, e a rezar, a rezar...

As personagens d'este livro foram copiadas da vida real, ou viveram apenas na fogosa imaginação do fecundo romancista? Facil pergunta; dificilima resposta. E' possivel que o proprio escritor, interrogado sobre este ponto, não soubesse responder com a devida precisão. E' inegavel, que todo o artista, vae arrancar à vida, as personagens dos seus livros ou os motivos da sua arte. O pintor, diante da tela que se reclina preguiçosa no cavalete, olhando com amor o seu modelo, que veio da vida, para dar vida á sua arte tão bela, trabalha, trabalha doidamente, e quando num gesto de cansaço e alivio, depõe emfim, a paleta e os pinceis, mostra-nos um quadro estuante de vida, um rosto cuja epiderme assetinada parece palpitar, enrubescer sob a pressão do nosso olhar, uns labios que se entreabrem num fascinador sorriso, e que apetece beijar, tanta é a verdade que o seu talento soube imprimir a um simples pedaço de tela.



CAMILO AOS 41 ANOS
REPRODUÇÃO D'UMA GRAVURA PUBLICADA NO LIVRO DE ANTONIO CABRAL «CAMILO DESCONHECIDO», 1918

Como o pintor, o escultor trabalha fixando interrogadoramente o seu modelo.

Nas suas mãos de artista, o cinzel guiado pela intensa emotividade da sua alma, rasga a pedra, criando beleza, e quantas vezes, oh! mas quantas! quando os nossos olhos

percorrem deslumbrados o corpo belo d'uma escultura, onde as cordas musculares parecem latejar, arquejantes de vida, sentimos a singular tentação de gritar como o artista extasiado do proprio talento, ao terminar a sua obra: Porque não falas?

Mas o escritor, esse grande pintor d'almas, o escultor maximo do coração humano, trabalha sempre, longe do seu modelo. As personagens que encontra através da vida, e que formam por assim dizer, a materia prima da sua obra, guarda-as avaramente na sua imaginação, ou quando muito traça numa folha de papel um ligeiro esboço moral, breves *croquis* que a maior parte das vezes não mais procura. Depois, um dia, quasi sempre bem distante, essas figuras que a imaginação retem, são transportadas ao papel, tomam fórma, humanizam-se, vivem e sofrem, e o escritor embrenha-se na luta, luta titanica comsigo mesmo, ansiando aproximar da verdade, da crudelissima realidade da vida, os mais variados caracteres, os mais diversos temperamentos, geralmente tão contrarios á sua maneira de ser.

Camilo Castelo Branco, escrevendo *A Bruxa do Monte Cordova,* focou flagrantemente, as varias nuances do temperamento humano.

A bravura, a hipocrisia, a beleza moral, o amor de Deus e o amor dos homens, palpitam nas páginas admiravelmente emotivas d'este livro.

Relendo-o, ouço Tomás d'Aquino gritar a sua dor, a revolta da sua juventude sacrificada; ferem-me os ouvidos os risinhos de escarneo, velhacamente hipocritas, de Frei Joaquim do Vale e Frei Antonio do Sepulcro.

O sofrimento de Angelica Florinda, ou para melhor dizer a sua demencia moral, excita-me os nervos, faz-me vibrar de dolorida compaixão, mas a rudeza bem sincera das nossas aldeias vem compensar-me, trazendo ao meu espirito que

sufoca, uma salutar lufada de bom humor, o halito esplendido das serranias abençoadas. A senhora Maria, e o criado João Antonio, atravessam o livro amparando ternamente nos seus braços robustos de camponeses sàdios, o pequeno abandonado, o desgraçado filhinho da Bruxa do Monte Cordova.

Mas a principal figura que mais me prende, e que domina quási por completo todo o enredo do romance, a figura transbordante de fé christã e de grande moral, representa-a Frei Jacinto de Deus.




A ESQUINA DA RUA CAMILO CASTELO BRANCO
EM LISBOA

Frei Jacinto de Deus, por certo a personagem mais querida do romancista neste livro, aquela que foi trabalhada com mais carinho, e desvelado amor, encerra em si, toda a beleza espiritual d'um verdadeiro servo de Deus.

Tem setenta e oito anos, a airosa elegancia da mocidade desapareceu ha muito; o seu corpo insensivel á violencia tempestuosa das paixões do mundo, inclina-se para diante, dobra-se teimosamente para a terra, que breve o ha-de receber, mas supremo capricho do destino! debaixo do habito que o amor talha em vida, palpita ainda, o seu pobre coração de vinte anos, alanceado d'amor. Elle o confessa, numa hora de desafogada expansão, conversando com Frei

Manoel da Redenção no momento em que ambos combinam entre si, a melhor maneira de libertar Tomás, da forçada clausura conventual.

*Que grandissimo amor tens a êste moço,* observa-lhe Frei Manoel. E o velho monge, estremecendo dentro do seu habito, sente um estranho calor subir-lhe ás faces maceradas, e responde calmo, sereno, brandamente triste:

*E' amor á justiça, e compaixão d'aquela pobre alma doente, e incapaz de reconhecer Deus nos ministros que o perseguem. Este rapaz não pode ser frade. Praticou a rara virtude de vestir o habito, por obedecer ao pae, quando o amor mais contraditorio d'este outro amor violento, de Deus, o atava á liberdade, aos prazeres inocentes de ser amado, e de crer, que a providencia boa e adoravel, era a que lhe enchia de graça a mulher da sua ternura. Porque entendo eu a alma d'este moço?*

E pelas faces rugosas de Frei Jacinto de Deus as lagrimas saltam ardentes, brazas vivas rolando sobre gelo, e termina numa excitação:

*Ainda tenho lagrimas, ainda as sangra o coração de setenta e oito anos... Não posso ainda orar por alma de meu pae, que não veja aquela mulher, antepor-se ao fantasma do velho, e dizer-me: eu acabei de paixão por ti; reza por minha alma.*

Continuo a leitura maravilhada, e a páginas 112 detenho-me novamente. Frei Jacinto surge em plena guerra. A soldadesca brutal, ebria de sangue, suja de polvora, rodeia-o, em algazarra insulta-o, empurra-o, e grita-lhe aos ouvidos numa violenta apostrophe:

Tu és malhado ou realista?

E ele, encarando a soldadesca raivosa, que espera a resposta coruscante de colera, levanta os olhos ao ceu, e responde docemente: *Sou frade!*

Chamam-lhe burro, lorpa, santarrão de pulpito, um sol-

dado mais ousado, arranca-lhe das mãos tremulas, o seu querido breviario; e levam-no aos encontrões até ao pateo do quartel, onde um major façanhudo o interroga com arrogancia:

— *D'onde vem?*

— *De S. João de Alpendorada.*

— *Para onde vae?*

— *Para a minha familia.*

— *Que ideias politicas tem?*

— *Oitenta anos, senhor.*

— *Não lhe pergunto a edade.*

— *Ouvi bem. Respondi de modo diferente da pergunta para melhor ser entendido e querido de Vossa Senhoria. Aos oitenta anos um monge tem só uma ideia: a da morte.*

Admiravel! Sublime página! Adoravel escritor que a concebeu!

Umas páginas mais, e Frei Jacinto é novamente insultado pelo capitão de infantaria, Pita Bezerra.

Recebe os insultos com estoica resignação, responde com a suave ponderação que o caracteriza, e mais tarde, num dia em que Pita Bezerra vencido, é condenado á morte, vê á saida do tribunal, uma multidão ululante, sedenta de sangueira, como é sempre uma multidão revoltada, pedindo em altos gritos a morte do vencedor d'ontem. Pita Bezerra com o rosto transtornado de pavor, viu erguer-se a seu lado, a figura veneranda do frade, protegendo-o, estendendo os braços tremulos á enormissima onda de povo, esfaimado, falando-lhe, serenando os animos com a magia das suas palavras bemditas, implorando clemencia para o homem que tão ferozmente o insultara. Um suave perfume de bondade, se evola das mimosas páginas d'este livro, onde a figura moral de Frei Jacinto é tratada pelo autor com inexcedivel carinho.

Os artistas dedicam ás suas obras o mesmo enternecido amor que um pae a seus filhos. As obras d'arte, são filhas da alma, do sentimento e do cerebro do artista que as criou. A Bruxa do Monte Cordova foi sem dúvida um dos filhos mais queridos de Camilo Castelo Branco.

Logo após a morte de Tomás d'Aquino, o valente voluntario da rainha, Frei Jacinto de Deus, correu solicito a levar o seu amparo moral e material, á desditosa Angelica Florinda e a seu filho.

Começa nesse momento, a sua luta de bom cristão, procurando a todo o transe salvar Angelica das funestas demencias do fanatismo. Lutou, lutou, num esforço sobrehumano para as suas debeis forças, e na hora dolorosa de desalento, em que se convenceu de que não conseguia restituir ao filho a pobre mãe transviada do caminho que Deus lhe havia traçado, Frei Jacinto ajoelha, junta as mãos, e levanta para Deus a sentida prece: *Senhor, se chamasseis a outra vida o espirito d'esta pobrezinha!...*

Resta-lhe então o pequeno filho de Tomás. Afaga-o ternamente, acarinha-o, sonhando para o pobrezinho um futuro de ventura, e sentindo aproximar-se o fim da sua vida sem mácula, o momento supremo de ajoelhar aos pés de Deus, chama os sobrinhos, aponta-lhes o pequeno ente que só a ele tem no mundo, e recomenda-lhes muito que velem por ele com amor, pede com sofreguidão para o querido filho da sua alma, todo o amparo de que necessita um pobre orfão desamparado.

E por um dia lindo de Abril, em plena Primavera, quando as flores florescem nos canteiros, a alegria canta nas almas, Frei Jacinto de Deus manda abrir as janelas de par em par, para ver bem pela derradeira vez o formoso ceu d'um azul tão puro, as arvores floridas, a vida que vai deixar, e que brota da terra vigorosa e bela, por esse florescente mês de

Abril. A sua mão que o beijo da morte torna transparente e humida, treme num ultimo gesto de benção, sobre a infantil cabecita do filho de Tomás d'Aquino e de Angelica Florinda; uma lagrima deslisa vagarosa, desaparece na nevada alvura das suas compridas barbas, e o santo expira, mansamente, sem sobresalto, levando para a eternidade o doce sorriso, que dá a satisfação do dever cumprido religiosamente, através dos pantanos profundos da vida.



RUA DE CAMILO CASTELO BRANCO, EM LISBOA
FOTOGRAFIA DE MANUEL JOSÉ DE ANDRADE
TIRADA EXPRESSAMENTE PARA ESTE «IN MEMORIAM»

Se ha livros que concorrem para boa formação d'uma alma, apurando a sensibilidade e o sentimento de quem os lê, *A Bruxa do Monte Cordova*, pode contar-se nesse numero.

Se bem que os implacaveis moralistas de ha cincoenta anos, alcunhassem de excessivamente imoral a obra de Camilo, escondendo de suas filhas como bicho peçonhento os livros do desventurado escritor, fruto de longas e penosas horas, de intenso labor intelectual, o que é certo, é que perante a imoralidade d'hoje, e a descarada perversão moral, que domina o espirito da maior parte das nossas raparigas,

Camilo, sai victoriosamente ilibado de todas as culpas, e os seus livros oferecem-nos como uma obra redentora e abençoada, adoravelmente ingenua, e moralizadora.

Nós, mães e paes da actualidade, não temos por certo necessidade de fazer o que fizeram os nossos avós:

Esconder de nossos filhos os belos livros de Camilo Castelo Branco.

LAURENTINA DE JESUS CORDEIRO





# CAMILLO CASTELLO BRANCO

Meu caro Ventura Abrantes

PEDE-ME V. a minha opinião sobre a individualidade de Camillo Castello Branco e eu respondo-lhe sinceramente que, para qualquer conhecedor da obra do mestre, essa individualidade se patenteia tão forte e nitidamente que sobre elle me parece que não pode haver duvidas.

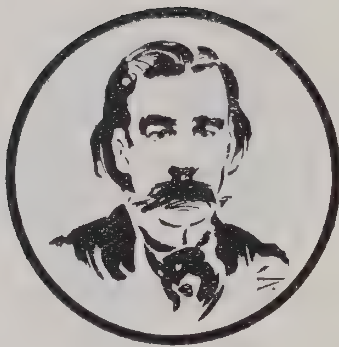
Calumniaram-no os seus contemporaneos; e, dos que nasceram depois da sua morte, alguns o calumniam ainda. Prova sufficiente da bondade da sua alma se o desenho justo dos bons caracteres que atravessam os seus romances não bastasse para a demonstrar.

Ha quem distinga entre o Camillo polemista e o Camillo romancista para preferir um ou outro. Eu venero ambos igualmente porque em ambos vejo as constantes que definem o verdadeiro Camillo: desgraçado e luctador. São estas as caracteristicas do mestre.

Camillo poderia ter sido apenas um talento erudito. N'este caso nunca da sua penna sahiriam para gloria nossa «O Bem e o mal», «O Amor de perdição», nem *Augusta* nem *Guilherme do Amaral.* Soffreu e luctou. Soube soffrer e soube luctar. E eu, que admiro o talento recurso de desgraça, ajoelho perante a desgraça e o talento de Camillo.

Creia V. no sempre dedicado amigo

RUY CHIANCA





# CAMILLO CASTELLO BRANCO

Snr. Abrantes :

A minha humilde opinião ácerca de Camillo?

Eu lhe digo, meu caro editor: não merece confiança porque, pelo menos n'um ponto, é vivamente apaixonada.

Li, muito môça, reli mais tarde, e julguei então ter comprehendido cabalmente, a obra d'esse feixe de nervos que se chamou Camillo, e que consegue na mesma pagina, apenas com duas linhas de differença, fazer-nos rir e chorar com igual vontade. Como romancista, caracteristicamente portuguez, elle é para mim o primeiro da sua epoca pela independente individualidade, pelo estylo simples, fluente, magnifico e genuinamente nosso, pela vida intensa, pelo soberbo colorido de que os seus livros conteem scenas esplendidas e descripções encantadoras que nenhumas excedem em primor. Como romancista, é pois deslumbrante, e tem o grande mérito de ser inconfundivel.

Por Camillo polemista, embora lhe ache vivo interesse e lhe reconheça valor, já não tenho a mesma absoluta admiração. A *sua maneira* não me é sympathica. É irrespondivel? Talvez; mas a sua argumentação nem sempre está á altura a que o seu talento a devia manter; e o que muita vez, no impeto da controversia, elle escrevia não era digno da sua penna, embora nos arranque imprevistamente uma grande gargalhada. Não conservava na lucta a placidez dos fortes: tinha o arrebatamento dos impulsivos e muita vez os seus juizos eram formados levianamente e sem escrupulos, embora o seu talento se empenhasse em os manter por bons e justos.




CAPA D'UM ROMANCE DE CAMILO — DESENHO DE MANUEL DE MACEDO, GRAVURA EM MADEIRA, DE CAETANO ALBERTO

Como comediographo ou dramaturgo tem graça, espirito, sentimento, mas desconhece a technica teatral e os effeitos scénicos.

Como poeta não tem merecimento algum: enchendo a sua prosa de poesia parece que nada lhe ficou para ornar os versos que são frios, perfeitos na fórma (conhecia e manuseava muito a arte poetica) mas não tinha inspiração. Nos seus versos nota-se a construcção habil e não a criação espontanea. São um producto de habilidade e não um jacto de poesia que o espirito não pode conter nem guardar.

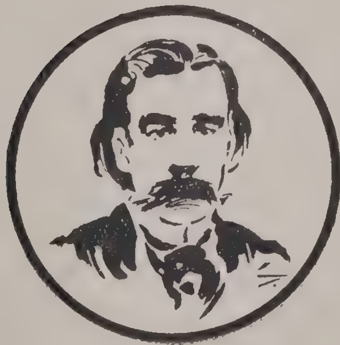
## IN MEMORIAM DE CAMILLO

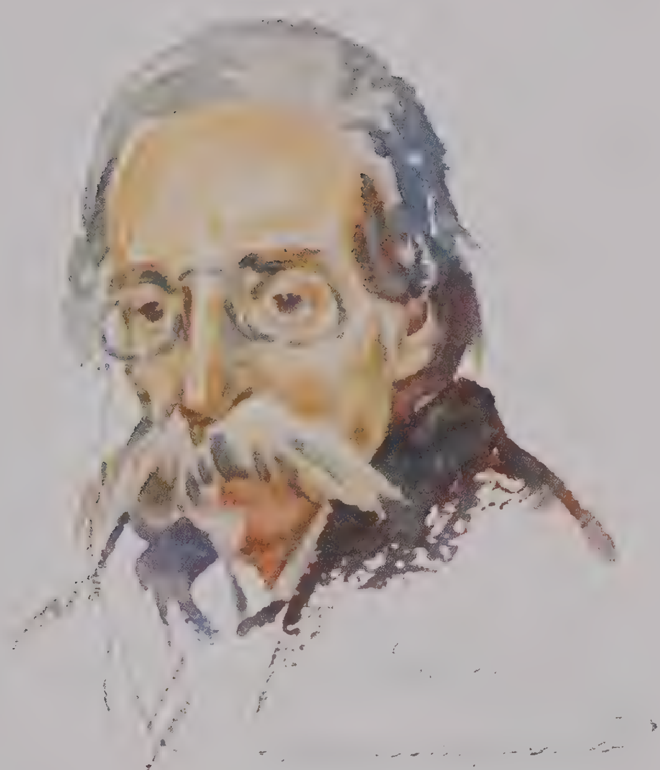
Em Camillo psychologo e observador, o valor é immenso: não creio que haja talento, por muito superior que seja, que não assignasse com prazer, como propria, aquella scena da *Brazileira de Prazins* em que o camponez escorva a espingarda assobiando, emquanto a mulher afflicta deseja e receia penetrar-lhe as intenções, a montaria aos lobos, e muitas outras scenas e quadros descriptivos cuja perfectibilidade nada tem que invejar a ninguem.

Para mim, pois, a parte da obra de Camillo que é verdadeiramente superior e que o guinda á imortalidade é: *o romance*. O resto, é o que não podia deixar de ser: o trabalho d'um cerebro como o seu, uma leitura aprazivel, mas mais nada.

Aqui tem com toda a sinceridade e em poucas linhas, o meu juizo ácerca do grande mestre que admiro e estimo, e do qual, para mim, o maior mérito é não ter imitado ninguem, e não querer ser senão o que realmente era: *um talento bem portuguez e bem inconfundivel.*

MARIA O'NEILL





CAMILO — ESTUDO A AGUARELA DE SAAVEDRA MACHADO



# CAMILLO, ETHNOGRAPHO




CURIOSIDADE ICONOGRAFICA
DESENHO REPRODUZIDO
DA PARTE INTERIOR DUM SOBRESCRITO

CAMILLO é uma figura singular na litteratura portuguesa. Genuinamente nacional, foi um romancista da raça. Não abandonou nunca esse feitio ethnico das velhas contadeiras de contos á lareira, nas pittorescas provincias do Norte. Teve a sommar aos vicios romanticos os defeitos caracteristicos da estirpe, e mesmo por isso a obra ficou mais portuguesa ainda.

Por odio ás novidades litterarias, que se succederam em França ao movimento romantico, elle não poupava por sen-

timento e por nacionalismo os adeptos da «Ideia Nova», d'esse realismo que dizia conhecer «sem expositores francezes» (*Os criticos do Cancioneiro Alegre*, Porto, 1879, p. VII). Se dividisse em duas phases o romantismo, comparaveis á divisão da arte alphabetica do Egypto, ficariam com o *hiera-*




UM EXEMPLAR DE ICONOGRAFIA POPULAR—RÓTULO DE UMA CAIXA DE BOLACHAS DA FABRICA DA PAMPULHA, DE EDUARDO COSTA, LITOGRAFIA COLORIDA DE MATTA & C.ª, LISBOA

*tico* os medievalismos cosmopolitas de Garrett e Herculano, para o *demotico* se instituir no nacionalismo provincial de Camillo.

Vivendo e morrendo nas provincias de Trás-os-Montes e Minho, conheceu directa ou indirectamente os heroes de suas novellas, personagens que encontrou em pessoa ou na de

parentes e coevos, todos typicamente minhotos e trasmontanos Viu os lugares que descreveu, sentia a originalidade, a côr local dos costumes que as figuras animavam no decurso das novellas e romances. Por este conjuncto de razões, que no assumpto, no estylo, no espirito, na localização, o tornaram o mais português de todos os litteratos portugueses, os livros de Camillo estão recheados de informações ethnographicas do viver, da indole, do genio da raça.



CURIOSIDADE ICONOGRAFICA — PRATO ORNAMENTADO NO QUAL SE VÊ UM DOS RETRATOS MENOS CONHECIDOS DE CAMILO

Abram-se os *Doze Casamentos Felizes,* a paginas 103 e 104 (3.ª ed. 1902). Na aldeia do Cerigo, nas Alturas de Barroso, Camillo conta como ceou em casa de uns aldeãos «Abancaram a uma longa taboa na qual não havia toalha nem garfos. As alfaias unicas eram algumas colheres de pau. Em cada extremo da taboa estava uma broa descommunal. Seguiu-nos para a mesa uma grandissima gamella de batatas com a tona, e, ao lado das batatas, uma escudella de sal. Mais de cincoenta dedos, incrustados de lama empedrada, convergiam sobre a gamella. Enxerguei esta cousa suja e ignominiosa á luz de dous paus de urze, que ardiam espetados na parede. Fiquei attonito, quando vi aquella gente rolar as batatas na escudella do sal e comel-as assim!... Em seguida ao aprezigo, veio o

caldo: era de leite... talvez o primeiro alimento de Abrahão, de Jacob, de Mathusalem, e de Sara... Cada tijela de caldo era um lago de leite, em que elles formavam, a modo de ilhetas, pyramides de broa»... Como se vê, é a descripção completa e fiel de uma refeição popular.

Para não sair do mesmo livro, procure-se a paginas 45, e encontrar-se-ha o costume trasmontano de cantar as *maias*, no primeiro dia de Maio. *O Esqueleto* descreve a paginas 226 (4.ª ed., 1909) uma romaria a certa «capellinha no cume da serra», onde duas aldeias, de perto de Vidago, se desavieram e metralharam, o que é vulgar, «desordem que se avantajou á espectativa». E no mesmo sitio chama a curiosidade uma rixa grave entre malhadores de duas casas.

Repare-se na descripção da casa dos Militões de Villa Cova, nas faldas da serra da *Castra* em *O Bem e o Mal* (5.ª ed. 1902, p. 13). Veja-se em *O Regicida* a tradição de Guimarães na industria: «tudo que ali nasce parece sair da forja onde se fazem as rijas laminas das facas de matto e das alabardas». (4.ª ed., 1905, p. 14).

E as citações prolongavam-se com paginas inteiras ou allusão de passagem, todavia caracteristica. Para findar, não me furto a recordar em *O Santo da Montanha* as festas do Corpus-Christi em Braga em 1687 (3.ª ed., 1907, p. 50-62).

LUÍS CHAVES





# CAMILO

NUM ritmo incerto, alucinado e quente,
Oiço-te ainda o coração bater,
Que a tua dôr não cessa de doêr,
Nem se calou a sua voz pungente!

Porque não pode a tua dôr morrer?
O teu misterio surpreende a gente.
— No proprio riso a tua dôr não mente,
E esse teu riso é que nos faz sofrer!

## IN MEMORIAM DE CAMILLO

Teu coração sinto-o pulsar ainda...
Pobre Camilo! a tua dôr não finda,
Pois nem a morte lhe abafou a voz!

Por muito amar é que sofreste tanto!
— E em tua dôr eu vejo, com espanto,
Sangrando, em chaga, a dôr de todos nós!

REBELO DE BETTENCOURT





# CAMILO CASTELO BRANCO

CAMILO Castelo Branco deve ser considerado, acima de tudo, como um heroi do Trabalho. A sua vida é uma luta contínua, um labôr opressivo e extenuante.

Tinha um grande, tinha um enorme talento. Mas tinha tambem faculdades de trabalho tão desenvolvidas, que, por assim dizer, só êle produziu mais que todos os escritores da sua geração.

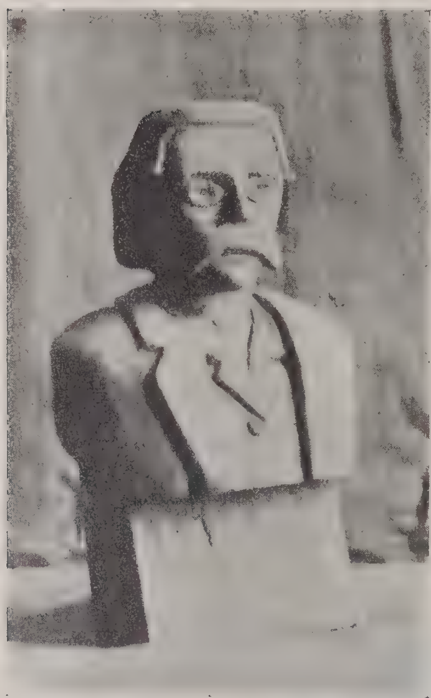
O Judeu Errante da antiga lenda, exausto, parava à beira das estradas, para descansar... Vã quimera! No espaço retumbava logo, terrivel, esmagadora, aquela voz que o perseguia, que o torturava: — Caminha! Caminha!

E êle, desesperado, retomava a sua marcha, os pés a escorrerem sangue, tropeçando a cada passo, morto de fadiga, sem a consolação de um sonho de existência melhor...

Assim, através de toda a sua vida, a voz de um destino cruel perseguiu, amargurou Camilo. Foi o Judeu Errante das Letras Portuguesas. Aquela era a sua missão — não lhe

podia fugir. Nascera para escrever, vivia para escrever e de escrever. Foi como lhe chamou o sr. Forjaz de Sampaio — um galeriano da pena.

Agrilhoado a êsse Caucaso horroroso onde êle ergueu o seu Calvário, lutando, como um gigante, nessa luta grandiosa da arte onde tantos Mártires das Letras têem encontrado a tisica, Camilo sofreu, sofreu muito!



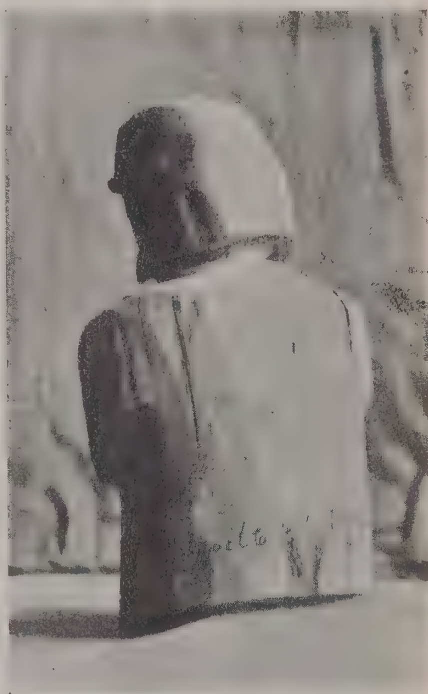
CAMILO, SEGUNDO UM BUSTO DE MADEIRA FEITO POR SEU NETO MANUEL CASTELO BRANCO — DA CAMILIANA DO JORNALISTA PAULO FREIRE (MARIO)

A Dôr é a Escola do Sentimento, disse alguem. Pois foi na Dôr que se formou a sua Arte, que desabrochou o seu Coração.

Foi na Dôr que êle produziu. Foi na Dôr que êle foi grande, incomparavelmente grande. Mas o sofrimento demasiado traz sempre a desilusão. E da desilusão brotou aquela ironia, cáustica, amarga, extraordinária, aquele sarcasmo veemente de toda a sua Obra ao qual Eça de Queiroz chamou o mais rico e o mais quente sarcasmo peninsular. Mas onde Camilo é verdadeiramente grande é nos arrancos de paixões, é nas scenas violentas, cheias de coração, cheias de alma, scenas de lágrimas, irresistiveis, perturbantes, scenas de emoção que nos enternecem, que nos fazem sofrer com as personagens.

A sua ironia é um natural resultado de desgostos, de desilusões, de incomensuraveis desgraças — o fruto das

suas relações com a sociedade. A sua ironia é o desejo de rebaixar diante da Posteridade os seus contemporâneos que o deixaram morrer de fome, todos os invejosos que o abocanharam — o que lhe deu o título de homem que melhor sabia descompôr o seu semelhante. Forçado pelas exigências da vida a aumentar ininterruptamente a sua enorme lista de obras, êle, sem tempo para burilar um estilo, deu-nos aquela sua natural e rutilante linguágem, vernácula, maleavel, extraordinária, que fere todas as notas, que dá todas as côres, sempre elevada, sempre nobre, sempre inimitavel.



OUTRO ASPECTO DO BUSTO DE CAMILO POR MANUEL CASTELO BRANCO, NETO DO GRANDE ESCRITOR

Não vemos na sua Obra, como na de Eça de Queiroz a obcecante tortura do estilo.

São duas fontes com água da mesma origem — a alta origem do Génio; mas uma resplandece n'um parque aristocrático, scintila n'um tanque de mármore com estátuas de alabastro, outra sussurra n'um bosque, junto a um valado toucado de silvas. Comtudo a água é a mesma, tem o mesmo sabôr e a mesma limpidez. Com uma diferença — é que no parque não é mais do que um ornamento, um encanto para os olhos, talvez destinada a banhar cisnes e a escutar confidências de amôr na paz hierática de uma noite opalescente.

Mas no campo, expadanando entre fraguedos, deslisando

entre papoilas, regando hortas e pomares, não é só um encanto para a vista, um motivo de arte e de amôr. Os camponeses, bemdizem-na, com a ternura a amaciar-lhes os olhos, porque ela lhes dá vida aos campos, porque lhes afoga em suas pequeninas gôtas, brilhantes como pérolas, o fantasma negro e horrivel que os espreitou durante todo o inverno — a Fome.

A obra de Eça é um largo estendal dos defeitos, dos vícios da sociedade, postos a nú impiedosamente, ás vezes mesmo exageradamente, fazendo-nos acreditar que debaixo do sol só existem podridões, desgraças, degenerescências [1].

A Obra de Camilo, se mostra os crimes sociais (muito subjectivamente, é bem verdade), se critica a moralidade da Época, apresenta-nos comtudo delicadas figuras de bondade e sentimento nas quais os olhos se nos prendem, se nos vai o coração, e nos aliviam um pouco da opressão esmagadora desta luta constante, que é a nossa vida.

Tão extensa como é, a Obra de Camilo, seria erroneo querê-la considerar toda perfeita. Escrita sôbre o joelho, sôb o acicate impiedoso do editor que exigia o trabalho que d'antemão tinha pago, os seus livros ressentem-se d'isso. N'alguns existe mesmo a monotonidade da narrativa, isto é, em muitos dos seus romances são as mesmas personagens que nós vemos, sem ao menos terem emagrecido ou mudado o vestuário.

Mas no seu aspecto geral, e atendendo sôbretudo ás condições especiais em que ela foi elaborada, a Obra de Camilo é um dos mais altos padrões da Literatura Portuguesa e coloca-o no indiscutivel lugar de Primeiro Romancista da sua Escola e na cátedra indeclinavel de Mestre.

[1] Como todos sabem, Eça, nos ultimos tempos da sua vida, afastou-se muito da índole dos seus primeiros romances. A exemplo, *A Cidade e as Serras* e as *Ultimas Páginas*.



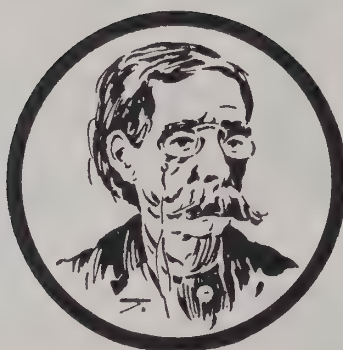
MORTE DE SIMÃO, A BORDO DO NAVIO QUE O LEVAVA AO DEGREDO — DESENHO DE CAETANO MOREIRA DA COSTA LIMA PUBLICADO NA PAG. 198 DA EDIÇÃO MONUMENTAL DO « AMOR DE PERDIÇÃO »

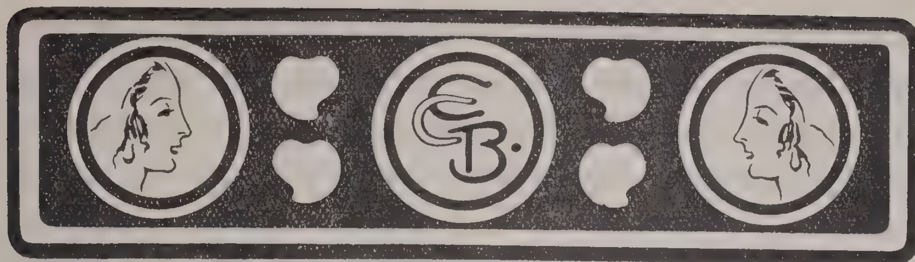
E hoje, que a Morte já derrubou o Homem, que o tempo vai avolumando a sua grandiosa figura de Artista, não é descabido êste monumento á sua Memória porque significa mais

do que um decreto ordenando em nome do Estado a erecção de uma estátua, é a apoteose entusiasta ao seu nome imortal feita por algumas dezenas de corações que, sentindo a sua Obra, já riram e choraram com ela!

Algarve — Faro.

JOSÉ DIAS SANCHO





# AS MULHERES NA OBRA DE CAMILO

POR muito ter amado e por muito ter sofrido, foi Camilo o autor que melhor definiu as mulheres, aquêle que ao recôndito da sua alma vai buscar as ingénuas preces de menino e ao âmago do coração dolorido vai arrancar os gemidos de paixão com que as unge, as divinisa e as chora. Porque Camilo chorou com as heroinas dos seus livros: por elas se apaixonou, com elas vibrou e sofreu. Cada uma que morre leva consigo um pedacito da alma amarfanhada que a criou. Poucas foram por êle escarnecidas ou satirisadas.

Vingador de falsos preconceitos e leis injustas, eleva até si as desditosas que a sociedade repudia, consola as fracas que a lei do mundo amedronta.

Por isso, êle foi sempre o preferido, aquêle que todas as mulheres lêem amorosamente, consoladôr das horas de desalento em que o espírito é sombra e a alma é ansiedade.

Ao acaso, da farândola luminosa e emocionante de mulheres que na sua obra perpassam, vou escolher apenas tres. Com elas viverei alguns minutos de loucura sagrada, de humildade amorosa e de paixão e morte.

*A Doida do Candal*, a « santa esposa do coração de Marcos Freire » — trevas de amargura em que o espírito sossobrou de repente, amôr fatal que a levou da loucura á morte.

Para êle fugiu deixando a família e a honra, a êle se entregou toda numa humildade de escrava e amante submissa.

Não a feria o desdém do mundo. Na sua alma serena vibrava apenas a adoração pelo amado: mãos postas junto ao berço do filho, olhos ansiosos procurando o olhar do amante.

Enquanto a vida lhe sorriu na vida d'ele foi uma figura quási apagada — « flôr sem viço e já esmaida de que o filho era o arôma ».

Foi quando em resultado do funesto duelo em que o filho ficou sem pai — trémula gôta de sangue que a crueldade dos homens orfanou — que Maria de Nazaré se revelou amorosa sublime, dolorida imagem de dôr e de paixão.

Nem os tenros bracitos do filhinho, — rescendente poema de carne rósea a palpitar — nem o seu balbuciar incipiente, nem os beijos angélicos que tão bem sabiam enxugar-lhe as lágrimas, impediram que ela resvalasse ao abismo horrendo da loucura.

Morreu-lhe o amado, morreu-lhe o espírito!

Apenas o corpo da martir ficou a desfibrar-se — matéria a apodrecer lentamente!

Ela que fôra uma esplendida flôr humana, graciosa e linda, tornou-se feia, tão feia como a própria imagem da demência, irmã gémea da morte.

A doida do Candal! Humilde mulher que o amor sublimou, que a desgraça abateu e que a morte compadecida levou emfim. Nos torturados olhos de Camilo boiavam lágrimas quando esta sentida fráse escreveu: «Que custava á desgraça levar-lhe a alma com a razão?».



A DOIDA DO CANDAL
DESENHO DE RIBEIRO CHRISTINO, REPRODUZIDO DO LIVRO «A DOIDA DO CANDAL» DE CAMILO CASTELO BRANCO, 1888

Mariana, do *Amor de Perdição* — dôce e singela sacrificada, espírito sacrosanto de abnegação e humildade. Nesta ignorada flôr rústica que um tempestuoso vento de adversidade veiu colocar junto de Simão — o que por amor se perdeu — incarna Camilo a imagem da mulher que ama sem esperança, que em silêncio tôda se entrega a um coração indiferente, sem que um vislumbre de felicidade a anime, sem que uma palavra d'amôr a acalente.

Nunca o Mestre a tirou da humildade que é a sua graça, nunca lhe colocou nos lábios palavras estudadas que lhe tirariam a auréola de perfumada rusticidade que a cinge, e é ela a figura máxima da obra, a mulher que aos pés

do amado vem depôr a sua reputação, os seus cuidados, a segurança da sua existência material e a sua vida.

Para que êle não sofra e se revolte — convalescente que uma imprudencia pode matar — faz-se a sublime interprete da paixão de ambos, tendo nos lábios as cariciosas palavras dêle para a amada, no íntimo a agonia do seu amôr infindo que se revolta, se ergue e se funde — labareda dolorosa que as lágrimas diluem e amortecem.

Renunciando ao mundo, que aos seus formosos vinte e seis anos ainda podia trazer calôr e alegria, segue-o no degrêdo.

Anjo da Guarda, flôr de pureza que ao seu seio de mulher inculta soube acolher e amparar o triste para quem o sol já não brilha e tudo morreu...

Sublime consoladôra do desditoso que a morrer lentamente, vai vivendo, procurando na trágica negrura que o envolve, o coração esfarrapado que o sofrimento dilacerou e que a sangrar ficou para sempre preso ás grades da cela-túmulo da amada!

... E antes que o corpo dêle no mar caísse já ela lá estava á sua espera...

Primeiro, último e indissolúvel abraço que os dois corpos unidos levou para o Além.

« Mulher que não tem mais inteligencia que a do coração alumiado pelo seu amôr ».

A Sereia — virgem esplendente de formosura e de frescôr, mulher aristocrática e sensitiva que um amôr louco perdeu e a desgraça derrubou.

Esplêndido corpo de amorosa, latejante de paixão que ao seu amôr tudo sacrificou, desde a honra á vida.

Foi por Êle, por Gaspar de Vasconcelos o deserdado da sorte, que dum acaso nasceu e que a fatalidade veio a

amortalhar num burel de frade crúzio, que Joaquina Eduarda se enamorou, se tornou mulher e se perdeu.

Ora o amava num amôr incandescente de volúpia e de paixão — bôcas unidas e braços enroscados — ora o adorava num êxtase espiritual feito de ansiedade e de receio — mãos postas a tremular numa dôce súplica d'amôr.




REPRODUÇÃO D'UM ANUNCIO ILUSTRADO
DA PEÇA « AMOR DE PERDIÇÃO » PUBLICADO NO JORNAL
« O SECULO » DE 25 DE JUNHO DE 1921

Quando êle veio a Portugal e a deixou doente de corpo e espirito trazia já quebrado o dolorido coração. Por suas mãos cavou nêsse momento a sepultura de ambos. Insensato que naquela divina mulher de amôr e de paixão possuia a felicidade, malaventurado que sem desfalecer conseguiu dizer adeus á alma esfarrapada que a chorá-lo ficou, a esvaír-se em lágrimas dolorosas, em soluços gritantes de desespêro.

Os beijos húmidos de saudade e de amargura que nêsse minuto trocaram foram os últimos em que a sua carne vibrou e o coração estremeceu O sofrimento que a dilacerava envolveu-a no manto negro da loucura, fê-la rir quando a alma sangrava, fê-la escabujar de dôr quando em visualidades trágicas a imagem dêle lhe aparecia.

Pobre Sereia cuja garganta privilegiada embalava dôcemente numa fascinação maravilhada.

O momento culminante da sua vida foi aquêle em que no mesmo quarto onde se entregou ao amado o viu morrer.

É no minuto infernal em que saltando do leito « como se um ferro ardente a trespassasse dos colchões até ao seio », ela corre para o frade crúzio — o amor da sua vida e da sua morte — a envolvê-lo num abraço trémulo, a enroscar-se nêle num arripiante gesto de louca e de amorosa, que ela verdadeiramente deixa de existir.

O suicídio é a finalidade dum corpo que já não vive — farrapo humano que a morte do coração e do espírito atrozmente aniquilára.

Repousou emfim a desditosa e esmaecida flôr de carne que Camilo comparára a « um busto de Pigmalião não aviventado pelo amor ardente de seu autor mas por influxo radioso da vida dos querubins ».

AURORA JARDIM ARANHA





# UM COLOSSO

NINGUEM foi tão colossal na nossa terra, como Camilo Castelo Branco!

Esse sol, infinitamente grande, que aquèceu e doirou uma geração, marcando a época mais brilhante da nossa literatura, foi quem melhor iluminou o coração caprichoso e apaixonado da mulher portuguesa.

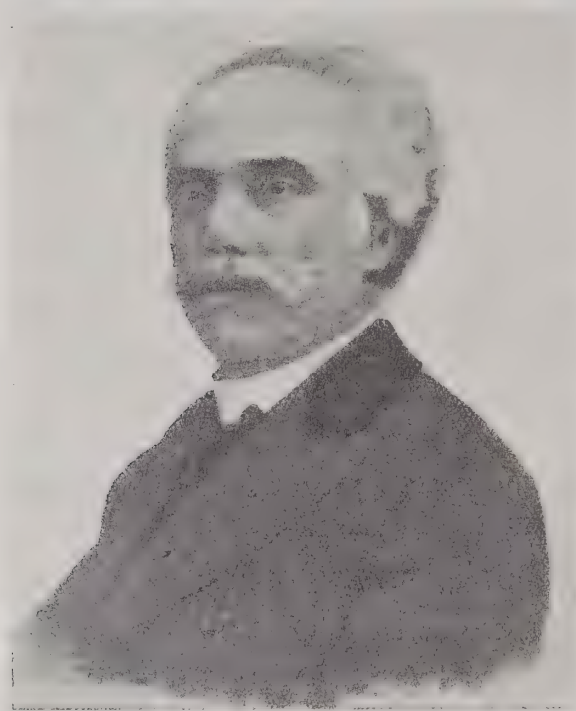
Ninguem, como ele, lhe soube adivinhar toda a sua fisiologia.

Na sua obra enorme lá se vêem pintadas todas as sublimes transformações da mulher da nossa terra — transformações essas que percorrem toda a escala do sentimento, e que se acham perpetuadas nessas estatuas, de paixão umas, de sofrimento e resignação outras, como sejam a *Tereza* do *Amor de Perdição*, *a Maria Nazaré* da *Doida do Candal*, a *Filomena* da *Mulher Fatal*, e muitas outras almas que ele semeou na sua obra estupenda e maravilhosa.

Ele foi, como escreveu Silva Pinto — o seu maior admirador e amigo — a garra formidavel, garra amoravel e bemfei-

tora, que nos despedaçou a represa das lagrimas e nos dilatou as fauces para o riso.

E na verdade, ninguem como o divino mestre soube vibrar as cordas da nossa alma, fazendo-nos chorar ou rir, conforme ele chorou ou riu tambem.



SILVA PINTO — DE UMA FOTOGRAFIA

É preciso ter chorado, dizia ele, para imortalizar o riso, no livro, na estrofe, na sentença, na palavra.

*

* *

Camilo devia de ser o santo das nossas orações. Ele foi o maior amigo da nossa terra, e o mais sublime intérprete das nossas almas. A sua obra é o estudo mais perfeito e mais humano da gente portuguesa. Nas páginas vibrantes e coloridas dos seus livros, está bem gravado todo o odio e todo o amor, toda a baixeza e toda a altivez que vincaram a nossa raça, numa determinada época.

Ninguem foi tão cruel nem tão rigoroso nesses *croquis* exactos em que ele perpetuou a geração do seu tempo.

Camilo, esse sol da nossa terra que, apesar de ter tombado no horizonte, continua a iluminar os nossos corações e os nossos cérebros, não teve ainda, como era de toda a

justiça, a consagração devida ao seu talento. Os Eusebios Macarios e outros sevandijas a quem ele pôs na testa o ferrete da ignomínia, conservam de geração para geração, o odio mais execravel, por aquele que foi o maior de todos.

E é por isso que as suas cinzas ainda acolá estão num jazigo da Lapa — jazigo que nem lhe pertence! — quando deviam estar nos Jeronimos, ao lado das demais glorias portuguesas.

E' uma vergonha até, que ainda nada se tenha feito em honra do monumental romancista, quando 25 anos são já passados desde que ele desapareceu.

Mas é que nós, os portugueses, somos duma ingratidão criminosa para com as glorias da nossa terra.

Os unicos que, ainda assim, conseguem ter consagrações são os heroes e os politicos. Os outros, ou morrem de fome como Silva Pinto, ou são esquècidos como Camilo Castelo Branco.

E quando algum fervoroso admirador desses esquècidos tem a ingenuidade de promover uma subscrição, vê que esta não passa duma irrisoria quantia, ou é roubada, como fizeram àquela que a Camara Municipal de Lisboa realizou em 1900, a instancias de Silva Pinto, e que tinha por fim tributar as devidas homenagens ao romancista de maior imaginativa que se chamou Camilo Castelo Branco.

*

* *

Mas vá!...

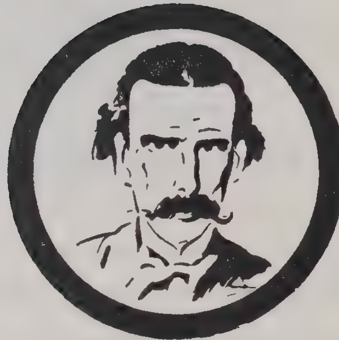
Despertemos agora para honra nossa. Aproveitemos esta corrente de simpatia que começa a envolver o nome do grande

romancista e façamos aquilo que as outras gerações não quiseram ou não souberam empreender.

Já é tempo de repararmos esta falta!

Porto.

ARTUR DE MATOS





# CAMILO CASTELO BRANCO

Ex.^me Senhor Ventura Abrantes

TENDO sido amavel e imerecidamente incluido no numero das pessoas convidadas pela sua circular de junho ultimo a colaborar no volume ácerca de Camilo, e na qual me são pedidas — *«as palavras com que o meu criterio avalia a obra do Mestre»* — foi desde logo intenção minha não acudir á chamada, a despeito do meu incondicional e fervoroso aplauso a essa tão simpatica homenagem.

Embargava-me apenas a enormidade do assunto e a carencia de forças para tão elevado cometimento. Embora amante e cultor das letras, é tão modesto o meu papel de rabiscador de noticias historicas ou investigador de velharias arqueologicas, que um acto de consciencia, perante o convite, me coage a manter-me meramente na numerosa turba dos admiradores do Mestre.

Não me tendo estreiado nunca no ramo das obras de

arte e de fantasia, nem no romance, nem no conto, nem na poesia, nem no teatro, eu nem sequer por qualquer titulo remoto poderia pretender enfileirar nas ultimas camadas dos discipulos do Mestre.

Nada poderia dizer, nem me abalançaria a proferir ou escrever sobre tão elevado vulto literario, palavras de critica, que, não podendo ser senão elogiosas, cairiam na banalidade, sem ter o valor que só lhes adviria saindo da pena autorisada em materia de critica literaria.

Como porém me disse que tencionava incluir no volume a lista das pessoas consultadas, e não querendo eu nem incorrer no desprimor do meu silencio, nem na suspeita que alguem quizesse lançar-me de menos respeitador da alta gloria de Camilo, eu venho com esta carta, prestar apenas o meu voto e o meu aplauso á homenagem da sua iniciativa. Ela merece-o, sejam quais fôrem as condições da sua realização. Faço-o gostosamente como português, como escritor, como academico.

Associando-me a este *In Memoriam* eu venho simplesmente como leitor sempre sofrego e entusiasta da prosa inimitavel do Romancista português, depôr, humildemente, com frémitos da mais profunda veneração, o meu bilhete de visita, a assinatura de um modestissimo cultor das letras no sopé do belo monumento que escritores, de nome e de autoridade, vão erguer nas paginas deste volume, à Memoria imarcessivel daquêle que foi um dos vultos primaciaes da Literatura Nacional.

E' quanto posso e quanto devo fazer.

De V. Ex.ª, mt.º at.^to ven.^dor

VICTOR RIBEIRO




MEDALHÃO DE GÊSSO DE F. DA SILVEIRA




# CAMILLO

CAMILLO domina a nossa litteratura contemporanea. O talento abre-lhe as clareiras gloriosas dos eleitos, a desgraça acabrunha-o e esmaga-o nos circulos dantescos do inferno humano.

A vida do escriptor é um drama ironico de incoherencia e de soffrimento. Vergasta o abdomen ridiculo do burguez presumpçôso e flatulento, azorraga a vaidade dos comendadores bacalhoeiros, chasqueia os pergaminhos aristocratas enxertados em marçanos do Brazil, mas acceita a graça regia d'um titulo de visconde. Combate o suicidio, e põe, como ponto final da tragedia interior, a mancha negra d'uma bala de desespero.

Comoveu uma geração com o prestigio do seu espirito; tel-a-hia feito chorar — se ella o soubesse — com a desventura do seu coração.

É formidavel o trabalho litterario do Mestre; deve ter sido horrivel a epopeia intima d'aquella consciencia, com a Dôr, por soberana maxima, traçando uma existencia, mar-

cando um desenlace que atinge o horrôr gigantesco dos grandes torturados.

Viveu assim o homem, mas a obra do artista, lançada pela penna tersa, ora vigorosa e rija chispando condemnações e retalhando pustulas, ora emocionante e sentimental carpindo magoas e cantando amôres, forma o pilar supremo d'uma epoca de litteratura.

Por um raro prodigio espiritual, o latego zurzidor do polemista, a silvar castigos nas paginas contundentes da critica, adóça-se, humanisa-se, floresce em sentimento e vida, até transformar-se no cinzel emocional do estatuario d'almas, creando caracteres, psychologias e paixões. Traceja a vibração da *Corja,* modela a figura de *Maria Moysés,* e eternisa n'um blóco d'amargura a desdita da *Doida do Candal.* Escreve esse evangelho do sentimento portuguez que é o *Amôr de Perdição,* e faz recuar d'assombro a matilha dos contradictores, com o realismo admiravel do *Eusebio Macario.*

É sempre a garra do espirito magistral a tecer, no esfôrço omnipotente, a marcha ascensional d'um cerebro, em elevações de belleza, que sobe e se fixa, como estrella de plena luz, na constellação imortal do Genio.

VICTOR MENDES





# CAMILLO CASTELLO BRANCO

CAMILLO é, quanto a mim, a unica individualidade literaria verdadeiramente portugueza que a nossa história do romance conta, de ha cem anos para cá.

Garrett, Castilho e Herculano, embora magnificamente dotados, não deixaram de ser creaturas artisticamente vergadas ao peso dos moldes vindos da França e da Inglaterra.

Camillo não poude eximir-se á influencia do romantismo, mas o seu temperamento artistico subrepõe-se e a sua personalidade literaria resalta sempre perfeita e, profundamente vinculada, sobre todos os escriptores do seu tempo.

O romance camilliano é a unica tradição do romance portuguez reatada, aqui e acolá, em algumas paginas de Fialho d'Almeida, o maior admirador do Mestre.

Eça de Queiroz foi sem duvida um artista, mas na sua obra tudo é francez e só á custa de laboriosa vontade conseguio dar-nos essas admiraveis bellezas das *Cidades e serras* e da *Illustre casa de Ramires*.

Depois de Eça o que vemos? Com profunda desolação constatamos nos actuaes escriptores (sé é que os ha com verdadeiro nome para isso) a influencia franceza, nos moldes, nas ideias, nas personagens, nas obras em livro ou nas obras de theatro.

Camillo teve a accusação da critica que se queixava da pouca variedade da sua obra.

Fialho chamou a isso a mais idiota das accusações visto o grande romancista ter sempre procurado a verdade chegando mesmo, na sua probidade, a rebuscar o assumpto dos livros na sua propria familia.

E' certo que o Camillo do *Euzebio Macario* é inferior ao auctor do *Amor de Perdição*, da *Queda de um anjo*, do *Onde está a felicidade*, etc. mas tambem é certo que elle nunca soube escrever, pensar, ou porventura imitar, o que não fosse portuguez, ou melhor ainda, o que não fosse exclusivamente seu.

Este é o melhor merito de Camillo entre tantos outros que o caracter d'esta opinião me não permite expor, pois seria longo.

E' o maior merito, repito, merito que eu tanto desejava ver nos actuaes escriptores da minha terra onde alguns tão cheios de talento se estiolam em imitações servis, sem alma, sem harmonia, sem aquela possante belleza que caracterisa uma raça e que todos deveriam pôr ao serviço d'esta nossa terra tão cheia de sol, tão linda, tão bemdita como uma Patria o pode ser.

ANTONIO PONCE DE LEÃO



# CAMILLO CASTELLO BRANCO

NA etiologia das desordens mentaes, disse Maudsley, as investigações devem fazer-se sob o ponto de vista social.

Para apreciar, estudar e analysar Camillo, segue-se a ordem inversa, descendo pela etiologia do suicidio premeditado do solitario de Seide, à nevrose hereditaria dos Botelhos, cuja estrella funesta lhe demarcou na vida a estrada da desventura, pela porta-aberta da orphandade.

E toda a sua obra se resente d'uma psychose pessimista, estalão, por onde romanceou e estudou a vida social do seu tempo, descrevendo-a, naturalmente, como a sentiu, sob a impressão dolorosa do infortunio adquirido e da fatalidade herdada.

Não pouco concorreu, tambem, para — «a exaltação sentimental do ultra-romantismo que caracterisa a expressão esthetica dos seus romances» — a instabilidade politica e moral da epocha em que se effectuou a geração do es-

criptor e certos desvarios amorosos que se reflectiram sempre na sua compleição e sensibilidade artisticas.

Acresce, ainda, o considerar-se Camillo, predestinado, desde a infancia, para a desgraça que fez com que elle encarasse o mundo sob o duplo aspecto da ironia e revolta, relampagueando-lhe de quando em vez, embora negativamente, pelo céu nublado da sorte, reflexos de suicidio, cuja força magnetica não poude vencer nunca a sua energia psychica, senão quando de todo desilludido do amor pela sombra da morte e exilado da Terra pela cegueira do corpo, deixou entrar na alma a cegueira da razão.



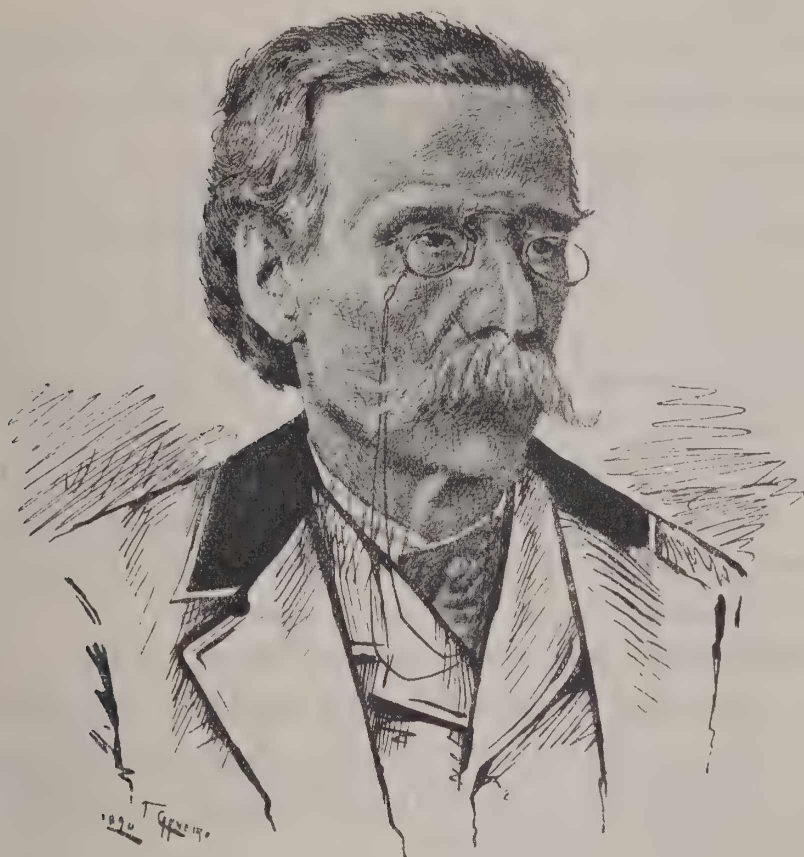

CAMILO — REPRODUÇÃO D'UMA CARICATURA DE SEBASTIÃO SANHUDO PUBLICADA NO N.º 99 DO JORNAL HUMORISTICO PORTUENSE « O SORVETE » DE 18 DE ABRIL DE 1880

Todavia, na galeria nobre dos romancistas portuguezes, apparece Camillo Castello Branco, como uma gloria e um symbolo. Porque não conta a litteratura nacional outro romancista, que tanto se avantajasse na fecundidade de trabalho e na complexidade de pensamento como Camillo.

Por isso é que se eleva acima do nivel commum, sobresahindo caracteristico e novo d'entre o atavismo littera-

rio de todas as gerações, com uma — «larga periferia de legitimo renome e de original trabalho».

Sobretudo modernisou e nacionalisou o romance. E fel-o com tanta plasticidade de imaginação, romantisou com tão variada concepção a vida portugueza, que, não obstante a



CAMILO — REPRODUÇÃO D'UM DESENHO Á PENA ASSINADO T. CARNEIRO, 1890

circumscrever sempre aos mesmos typos e aventuras, augmenta e desperta de livro para livro a sugestão e o interesse, de modo, quasi, a produzir um milagre de transubstanciação, de uma pura imagem ideal n'uma verdade positiva.

Resalva a monotonia do entrecho pela modalidade esthetica das concepções, e a redundancia impertinente, successivamente baseada em identicos caracteres e acção identica, pela ironia espontanea e leve de Balzac, por vezes até um pouco azeda de mais — « pela exploração systematica dos ridiculos e mazellas sociaes » — e pela continuidade superflua do sarcasmo.

Da sua obra reçuma tambem um pouco de metaphysica, mas tão sómente quanto entra dentro das proporções da romantisação despreocupada ás differentes phases da sociedade — « tal qual é nos pontos em que a estuda » — sem critica profunda, sem observação philosophica, sem ensinamento moral.

Dotado d'um estylo fluente e elegante, narra com tanta precisão e naturalidade, descreve com tanta minuciosidade e perspicacia que — « na personificação, no descriptivo e no dialogo » — a natureza revive em todas as situações, o realismo fala em todos os typos, a verdade resalta em todos os costumes, e todas as idealisações do escriptor se transformam, por encantamento, em factos verosimeis e quasi reaes.

Mais nobre e alevantada, porém, seria a sua gloria, se á beleza inexcedivel da forma houvesse reunido a verdade justa da doutrina, e em vez de autopsiar escalpellisando, causticasse sarando, em vez de instruir apenas com a Arte, tivesse educado tambem com a Moral.

Funchal.

EDUARDO PEREIRA



# UMA CARTA AO EDITOR DO «IN MEMORIAM DE CAMILLO»

Meu caro amigo:

EU não tenho categoria para emitir opinião acerca de um vulto como é Camillo; sou um grande admirador do seu genio, e não posso ser mais nada. Mas como *noblesse oblige,* e já agora se dignam considerar-me parte obrigada no culto a Camillo, ahi vae junta meia duzia de palavras sem valor, para encher um pedaço de pagina do livro que o meu amigo quer dedicar á memoria do grande Homem.

Eu escrevi isso na melhor das minhas calligraphias; entretanto, não dispenso a prova nem um exemplar do livro em que a coisa sair.

Tão complexa é a individualidade de Camillo, que só outra individualidade de egual estructura poderá elaborar um estudo do seu estranho feitio de homem e da sua extraordinaria envergadura de escriptor.

A unica coisa que, perante a amavel consulta que me é dirigida, se me torna licito fazer, é declarar mais uma vez a razão por que se me afigura Camillo superior a todos os outros homens de lettras de Portugal: é porque,



HENRIQUE MARQUES ATRAZ DO «BICO DE GAZ»
AGUARELA INEDITA DE LUIS CALADO NUNES — DA CAMILIANA
DE HENRIQUE MARQUES

em minha modesta opinião, elle personifica melhor do que qualquer outro a alma da raça portuguesa, com todas as suas qualidades e com todos os seus defeitos, principalmente no que diz respeito ao temperamento apaixonadamente amoroso d'essa raça, conseguindo que nas personagens, que elle cria nos seus inimitaveis romances, vibre intensamente esse temperamento, capaz de todos os crimes, e capaz, por egual, de todos os heroismos e de todos os sacrificios.

HENRIQUE MARQUES



# CAMILO

Meu querido amigo

PEDE-ME V. a minha opinião *sobre a individualidade que foi Camilo,* e algumas palavras com que eu *avalie a obra do Mestre.*

Tarefa árdua no curto prazo que V. me dá. Recuso, pois, terminantemente, fazer em poucos dias, aquilo que eu desejaria preparar em mêses, porque só depois de uma cuidada revisão á obra do grande mestre, eu me sentiria forte para condensar a opinião que devesse sintetisar um livro, em uma simples carta ou pequena critica. Assim, limito-me a sintetisar impressões longinquas, já gastas nos nervos pela luta diaria da vida que nos afasta dos livros e nos lança no campo puramente contrario às lides intelectuais.

«Camilo foi um oceano de sentimentos. Tal como o grande mar varia os seus aspectos, ora encapelado e sereno, ora vestindo as mais puras galas da natureza, ora incar-

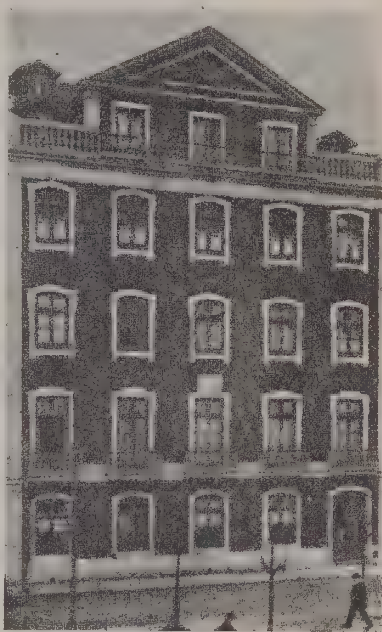
nando-lhe os maiores horrores, assim o mestre se nos apresenta na sua obra. Atrai e desola, encanta e apavora, faz-nos rir e chorar, e, neste trabalho, é superior ao seu colega oceano, porque no mar ha a transição da bonança para a tempestade, mas o mestre faz-nos — quantas vezes, quantas! — rir e chorar simultaneamente. Camilo é tudo, meu caro: tem o lirismo delicado no corpo da sua obra como o oceano tem a pérola no interior denegrido do seu seio; tem a ironia do mar, porque assim como ele nas suas aguas sorridentes tem a morte, tambem o mestre nas suas divinisações tem o negrume da vida, a tragédia que mata; ás vezes as ondas encapelam-se um pouco, a ironia passou a ser escarneo, e então os impetos da sua alma de artista — Deus, esmagam de encontro ás penedias aqueles que, na vida da sua obra — a sua imensidão psiquica — se aventuraram a viver.



CASA DE CAMILO EM S. MIGUEL DE SEIDE
SEGUNDO A REPRODUÇÃO D'UMA GRAVURA EXTRAÍDA
DA « REVISTA ILLUSTRADA »

Como personagem natural e artistica é aquilo. Como entidade social custa mais a defeni-lo. Criador de riquezas abisma-se no lodo da miseria, sente-se principe vestido de

farrapos, e lívido, quer pôr a corôa do seu título. Então aparece fidalgo, mas... a estructura do seu ser chama-o á vida gloriosa da arte e fa-lo decair do seu pedestal hierárquico. A sua natureza de artista ri-se d'ele, escarnece-lhe o sonho social e amarra-o de novo e para sempre á grilheta da arte.



CASA DO LARGO DO CARMO, NUMERO 15, ONDE ERRADAMENTE SE SUPUNHA TER NASCIDO CAMILO CASTELO BRANCO

Sabendo que o seu maior prazer era ver para retratar, a natureza e a sociedade, o Destino cega-lhe os olhos do corpo; reconhecendo que ele pairou em espírito muito alto cega-lhe os olhos do espirito. Então, o cisne que os anjos vinham de noite, em sonhos, libertar das correntes chumbadas para voar, é desprezado dos proprios anjos. E o santo diabolisa-se, o crente faz-se ateu e perpétra o mais infernal dos crimes, mata-se. Quantos, meu caro amigo, fartos da pesada grilheta da vida, cheios de valor, mas vilipendiados pela chusma dos ignorantes e inúteis, não estarão a estas horas pensando numa ou mais balas redentoras? Para esses, Camilo, suicida e diabolisado é o seu santo. Por isso eu de joelhos o adoro».

EUGENIO VIEIRA




JOÃO DO COUTO, O DEGREDADO DAS «NOVELAS DO MINHO», INTERPRETADO PELO PINTOR FERNANDO DOS SANTOS




# CAMILO CASTELO BRANCO

VERNÁCULO, cáustico, facéto, mestre máximo da linguagem pátria, soube empregá-la com superioridade inconfundivel; pouquissimos o egualaram ou imitaram no seu assombroso poder descritivo e evocativo e em fazer vibrar os mais diversos sentimentos, desde o riso ás lágrimas.

Historiador, atacou de frente a lenda pombalina, criada por fetichistas nacionais e sectarios de cá e de fóra e apresentou-nos o ministro de D. José I como realmente foi: de uma crueza ferina, um tirano sem grandeza, participando da insignificancia do meio indigena e das cousas mesquinhas e depravadas que o caracterisam, emfim um portuguesinho da costa, meio moirisco ou selvagem.

Fustigou os ridículos, os imbecis e os maráus do seu tempo, fazendo-nos rir à custa dêles, que assim puderam entrar na história.

Que pena não viver ainda hoje para escrever, contar e cantar!

Quantos assuntos para empregar a sua ironia incomparável, os seus sarcasmos pungentes o seu espirito esfusiante de graça!

Quantos *Corjas* comporia, sem adulterar os factos, tendo, como ai existe, matéria prima copiosa, às miríades de toneladas, que é tudo o que fazem e dizem parlamentos, autoridades, escritores e oradores desta patusca Asnilândia, jardim da inépcia à beira da Europa plantado que está pedindo não um grave e austéro Tácito ou Herculano mas um Juvenal ou quem ponha *isto* em opera-bufa.

ANTONIO FERREIRA DE SERPA





# CAMILLO

Aí vai uma anedota que tenho por inedita.

A introdução do velocipede em Portugal foi feita pelo inglês Miching, no Porto, onde Camillo se encontrava por essa ocasião.

Eu conheci êsse Miching, aí por 1891, na Invicta tripeira, naqueles belos tempos de caloiro de liceu. Era alto, pernalta, esgrouviado, tendo disperso na sua britânica composição, em partes mais ou menos iguais, um tanto de cegonha, girafa, orangotango e dromedário. Nada de inglês na côr, porque era trigueiro, de um trigueiro amarelo de japonês e não dêsse sàdio moreno peninsular de maçã reineta. Aquela pernilonga e desengonçada figura do engenheiro electricista ou de um *fitter* do alto do seu enorme velocipede (*canguru* ou *aranha*, como lhe chamavam, creio eu) rasava quási os primeiros andares dos prédios com sôbreloja, e dava a impressão de um macaco a saltar continuamente de prédio a prédio numa vertigem doida!

Era um acontecimento na cidade o aparecimento da

nova e imprevista máquina, e as vendilhonas de Valongo e de Avintes, moças valentes de nalga rija e saracoteante, coitadinhas, até se benziam!... Era um abrir de bôcas, que muita mosca foi vítima imbele de tal pasmaceira!

Ora Camillo encontrava-se, numa dessas ocasiões, á sagrada porta duma joalharia da Rua das Flores numa roda de amigos, cenáculo de crítica e de má língua indígena dando largas à sua veia sarcástica. O grande romancista que pela vez primeira via o singular aparelho, mordeu o beiço, assestou a sua lupa de miope, estendeu o pescoço para a rua e com aquela sua incomparável mordacidade de um neurasténico insaciável largou logo, meneando a cabeça num gesto de irónica aprovação: — « Pois, sim senhores... até que emfim aí temos uma carruagem onde a besta vai dentro ».

*Tableau !*

MARIANO GRACIAS





# CAMILO CASTELO BRANCO NA ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS

QUANDO ingressei na burocracia-bibliotecária, pelo portão da Academia das Sciências de Lisboa, encontrei ali um antigo funcionário que privára — posto que cerimoniosamente, — com Camilo Castelo Branco. Ouvido o seu depoimento autorisado e vista a documentação comprovativa, reconstitue-se o relato concernente ao glorioso escritor no consistório dos... imortais.

*
* *

Das relações entre o solitário de Val-de-Lobos e o trabalhador incançavel de S. Miguel de Seide é prova de urbana camaradagem literária *O Clero e o sr. Alexandre Herculano*. Foi esse facto em 1850, e está suficientemente esclarecido em *O Romance do Romancista*.

Herculano, no conceito de Camilo, «representava uma inteligência superior nas letras portuguesas do seculo XIX». Não o esquèceu Herculano e acorreu a Camilo «quando a Câmara do Porto lhe negou o lugar vago de bibliotecário». Baldadas as diligências, subsistiu a gratidão.

Na sessão académica de 28-Outubro-1858, Herculano apresentou a candidatura de Camilo. Dos termos da proposta não reza o livro das actas. Bastante volumosa era já nessa época a obra do candidato: tres desenas de especies bibliograficas entre poesias de vulgar mérito, dramas inteatrealisados e romances apreciaveis. Todavia o seu talento literário era incontestavel.

Na sessão imediata foi lido o parecer[1]:

> «A Comissão encarregada de dar o seu parecer sobre a proposta feita em sessão de 28 de outubro pelo socio A. Herculano para ser eleito socio correspondente o sr. Camilo Castelo Branco, é de voto que a mesma proposta seja approvada. São já conhecidos tão vantajosamente os escriptos do sr. Camilo Castelo Branco, demonstram tanto engenho e fecundidade tão singular, e gozam de popularidade tão geral, que seriam sobejas todas as considerações que se fizessem a este proposito. A Comissão limita-se a declarar que concorda plenamente com o auctor da proposta.
>
> Lisboa, 2 de Dezembro de 1858.
>
> *Rodrigo José de Lima Felner.*
> *Dr. Levy Maria Jordão*».

[1] Foi publicado pelo sr. Alberto Pimentel em *O Romance do Romancista*. Em 1912 andava o original extraviado, mas reapareceu ha pouco, no arquivo da Academia.

Herculano então reconciliado com os académicos recebia deferências especiaes. Contribuiu essa circunstância para não demorar a eleição. Em 9-Dezembro-1858, Camilo Castelo Branco foi eleito sócio correspondente da conspícua e preconceituosa Academia.



CAMILO ACADEMICO «CROQUIS» HUMORISTICO DE S. MACHADO

Honrou-se a douta instituição com o consagrado cujo merito literário premiou. Porêm o primoroso prosador não consta ter agradecido a honra recebida.

Da comparencia de Camilo em sessão académica, tampouco se recordava o pessoal coevo. Visitou-a uma vez para consultar livros na rica e preciosa biblioteca conventual, outra vez para falar ao supersticioso Latino Coelho. Mas aos doutos labores não constava ter assistido. Quiçá o fossem irritar aquelas «celebridades juvenis e luxuriantes que afofam cadeiras nas Academias e vão desde o Pote-das-Almas ao templo dos imortais com a «moustache en croc et l'esprit en pointe»! [1].

No entanto, o academico possuia o colar, distintivo da corporação.

*

* *

Depois da visita lapidarmente assinalada, as relações entre o «torturado de Seide» e o «principe da lira portuguesa» — no dizer de Camilo, — foram mais cordeais. É prova eloqùente a correspondência ora impressa. Assim se compreende

[1] Palavras de Camilo.

que assuntos académicos, de interêsse para Camilo, fossem tratados por Castilho, a quem escrevia em agosto de 1866:

> «... um hespanhol que vive ha 20 annos em Portugal, cazado com uma irman do Conde d'Azenha, escreveu um livro sobre a agua. Scientificamente, á minha ignorancia parece bom; em linguagem é dos menos sujos que a gente lê em português. Dedicou-o á Academia Real das Sciencias, e quer saber de mim como hade elle enviar á Academia exemplares e quantos. Se isto é coisa a que V. Ex.ª possa responder sem incommodar-se, faz-me favor de me esclarecer?» [1].

Prontificou-se o destinatário a ser o apresentante do livro. Em Setembro, era informado por Camilo:

> «O D. Santiago escreveu-me dizendo que enviara a V. Ex.ª 4 volumes de *Agua*. Ature mais essa canceira que lhe vai d'aqui. Parece-me que o sonho d'ouro do hespanhol é ver se a Academia o recebe no seu corpo. Pode ir, que andam lá lombrigas peores. Há, porem, lá uns Academicos a quem um tractado acerca d'agua não deve lisonjear o paladar e o esophago. Esses reprovam-no. Convem que o bebado do Seromenho esteja nesse dia afogado em coisa mais solida e menos inodora que o protoxido de hydrogenio do hespanhol. O autor do sermão de S. Baforinho é que sabe o que é que convem ao sandeu» [2].

Na correspondência dos sócios não existia,—em 1912,—no arquivo da scientífica colectividade qualquer missiva do

[1] Cf. *Castilho e Camilo*, correspondencia trocada entre os dois escritores. Coimbra, 1924. p. 143.
[2] Cf. *Castilho e Camilo*, cit. p. 153.

fecundo epistolografo. Todavia ao secretário geral Latino Coelho escrevia:

*Ill.^mo Ex.^mo Sr.*

*Se V. Ex.^a vir q̃ não é injustiça aos socios correspondentes da Academia real das sciencias propor como collega d'elles D. Sanctiago de Mendosa, dá V. Ex.^a um bom galardão a este homem sinceram.^te estudioso e dedicado ás coisas de Portugal. Assim me honra m.^to V. Ex.^a aceitando-me a lembrança, e mais ainda considerando-me um dos que m.^to se condecoram sempre que podem assignar-se como eu*

*De V. Ex.^a*
*Amigo e obseq.^mo creado*

Camillo Castello Br.^o

*Villa Nova de F^am*
*11 de 8^bro de 1866.*

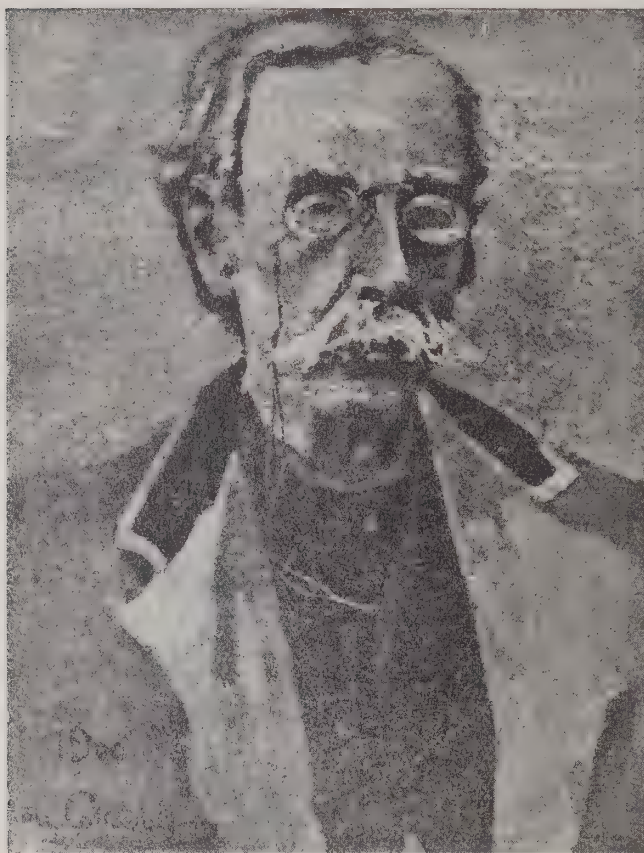
D. Santiago Garcia de Mendosa, simanquino de nascimento, «tomou parte no movimento legitimista» de 1846, e «acompanhou a revolução denominada da Maria da Fonte». Tentara em Portugal os estudos geológicos escrevendo a propósito do desenvolvimento dos mananciais aquáticos o livro *A Agua*. Estes factores justificam o título de «sinceramente estudioso e dedicado ás cousas de Portugal». Demorado o parecer académico, veio Don Santiago reforçar o conceito de Camilo. Em 1867 ofereceu ao município de Ponte de Lima uma *memoria* sobre a creação duma sociedade económica e agronómica, e escreveu o *Esboço critico acerca de Pereira Caldas e da sua vindicação do fabrico de papel de massa de madeira.*

Em 12-Março-1868 era eleito sócio correspondente e atendido, tardiamente, o pedido de Camilo.

*
* *

Morto o purista insigne do idioma português, não teve no mísero funeral representação da Academia.

Ele havia considerado alguns dos seus consócios: — « bebados » e « ilustrados lorpas »[1]. Ele havia considerado os « serões da Academia Real das Sciências » peores do que a « aldea com chuva »[2].



CAMILO, SEGUNDO UM INTERESSANTE ESTUDO A OLEO DE LUIS CALADO NUNES

Camilo, o proficiente artista da prosa portuguesa, tinha inimigos, tinha invejosos.

Era um génio... que baqueára. Estava morto o audacioso polemista. Já ninguem o temia... a homenagem era desnecessária.

[1] Cf. *Castilho e Camilo*. cit. p. 195.

[2] Cf. *Cartas de Camilo a Silva Pinto*. 2.ª *edição* p. 48.

# IN MEMORIAM DE CAMILLO

Em doze de junho reuniu a classe de letras. Tomás Ribeiro, da presidência, propoz: que na «acta se lance um voto de profundo pezar pela perda que o falecimento de Camilo Castelo Branco representa para a literatura». Foi «unânimemente aprovado por aclamação», e... mais não diz a acta no seu laconismo.

No *Relatorio* lido em sessão pública de 17-Dezembro-1893 o secretário Manuel Pinheiro Chagas lamentando as perdas sofridas no grupo de literatura concluiu dizendo: — «dois homens, que veiu a unir no desenlace da sua vida o mesmo lúgubre e trágico destino, e que foram comtudo — um Julio Cesar Machado, a mais luminosa personalisação da alegria, o outro Camilo Castelo Branco, entre as varias manifestações da sua realesa intelectual, o soberano incontestado do riso» [1].

Não teve um elogio histórico em sessão real. Era anti--regulamentar.

Herculano, por cortesia, Tomás Ribeiro, por amisade, Pinheiro Chagas por dever-de-cargo, eis os académicos que renderam preito ao notável escritor.

*

* *

Decorreu um quarto de século. Na gravidade duma sessão, entre duvidas de ortografia e uma balada de Goethe, o sr. Pedro de Azevedo disse:

> «entre os escritores do século XIX que ficarão retidos pela posteridade, conta-se o romancista Camilo Cas-

[1] Cf. *Historia e Memorias da Academia*, nova serie VII — Parte II p. XXII.

telo Branco. Menos culto do que Herculano, Garrett e Castilho, aproxima-se mais do povo que estudou e que fixa nas suas novelas, do que qualquer outro escritor. É subjectivista em alto grau e dentro de um povo subjectivista que nos dá poetas que, na maior parte, não se cançam de cantar aos seus compatriotas os seus anceios, a sua vida erótica e a sua penuria.

«Para que a obra principal de Camilo, segundo o público, seja *O Amor de Perdição*, pelo próprio autor confessada como incorrecta, é necessario que ali se contenha uma dose considerável de sentimentalismo. Em face da ética absoluta, a obra é perigosa, mas, segundo a ética nacional, muito elástica, o assassino, que é o heroi principal da novela, torna-se um ente simpático aos leitores.

«A vida um pouco aventureira de Camilo e da família a que pertence foram já objecto de estudos, sem que os autores dêstes tenham logrado dissipar muitas obscuridades que nela se encontram. Uma das épocas da vida do romancista tem-se ido esclarecendo, apesar de ser aquela que se considera mais difícil de averiguar, por ser a da primeira infância. Sabiamos documentalmente a data exacta do nascimento de Camilo, sucedido em 16 de março de 1825, e da morte de seu pai, sucedida em 22 de dezembro de 1835, enterrado no cemitério do Alto de S. João, na vala n.º 7, sem caixão, segundo um documento inédito.

«Ignorava-se, porém, a data do falecimento da mãe, mas pelo assento, recentemente descoberto pelo sr. Augusto de Castro no livro 9 da freguesia do Sacramento, fl. 87, sabe-se que ela faleceu em 6 de fevereiro de 1827, contando Camilo então 22 meses.

«As últimas investigações feitas veem destruir a tradição que corria sobre o lugar do nascimento do romancista. Julgava-se, na fé das proprias palavras de Camilo, que êste nascêra num prédio do Largo do Carmo; mas a essa tradição opõe-se o êle ter sido baptizado na freguesia dos Martires, da qual fica

excluido, e sempre o esteve, todo o largo. Em 1825 Manuel Joaquim Botelho, pai de Camilo, habitava na rua da Oliveira, n.º 3, 4.º andar, num prédio que deita para êsse largo e nêle habitou até 1830. O prédio pertencia ao capitão-mór José Feliciano de Sousa, que recebia 60$000 reis de renda da moradia de Botelho. É o que consta dos livros dos arruamentos da superintendência da décima da freguesia do Santíssimo Sacramento. Em 1833, ainda Manuel Joaquim Botelho não morava na rua dos Douradores, n.º 29, onde faleceu, pois o prédio todo encontrava-se com escritos e devoluto, como diz o livro da décima da freguesia de Santa Justa.

«Foi na rua da Oliveira que morreu Jacinta Rosa, a mãe de Camilo.

«Em virtude do que fica dito, as investigações para averiguar a casa onde nasceu o romancista devem circunscrever-se à freguesia dos Mártires, ficando arredado de tal honra o prédio que até agora passava por merecê-la.

«Por último ainda se deve divulgar um anúncio do juiz de paz da freguesia de Santa Justa, de certo valor, datado de 12 de fevereiro de 1836, mez e meio depois da morte do pai de Camilo.

«É o seu teor o seguinte: «Pelo Juizo de Paz da freguesia de Santa Justa se procede a inventário dos bens ficados por obito de Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco; todos os credores que o forem ao casal do dito falecido concorrerão ao dito Juizo no prazo de quinze dias, contados da data deste anuncio, a legalizar seus creditos, para no acto da partilha se lhe dar pagamento».

«Ainda fica bastante por fazer, mas com persistência muitas lacunas da vida de Camilo ficarão preenchidas[1].

[1] Transcrito na integra, — com autorisação do autor, — do *Boletim da Segunda Classe*, vol. X. 1915-1916. Coimbra 1917. p. 19.

Tam prolixa comunicação comprova a residencia de Manuel Joaquim Botelho na rua da Oliveira, nos anos de 1825 a 1830. Essa residência pertencia á paróquia do Sacramento como se infére das preditas citações.

Desconheço pessoa mais autorisada, como paleógrafo e conhecedor de fontes para estas investigações, do que o meu presado camarada sr. Pedro de Azevedo. Ergo ninguem melhor podia pesquisar nessas fontes e elucidar onde nasceu Camilo. Oxalá os seus estudos posteriores venham ribombar no silêncio da conventual Academia, silêncio injustificado ante a memoria de tam insigne artista da prosa portuguesa.

*

* *

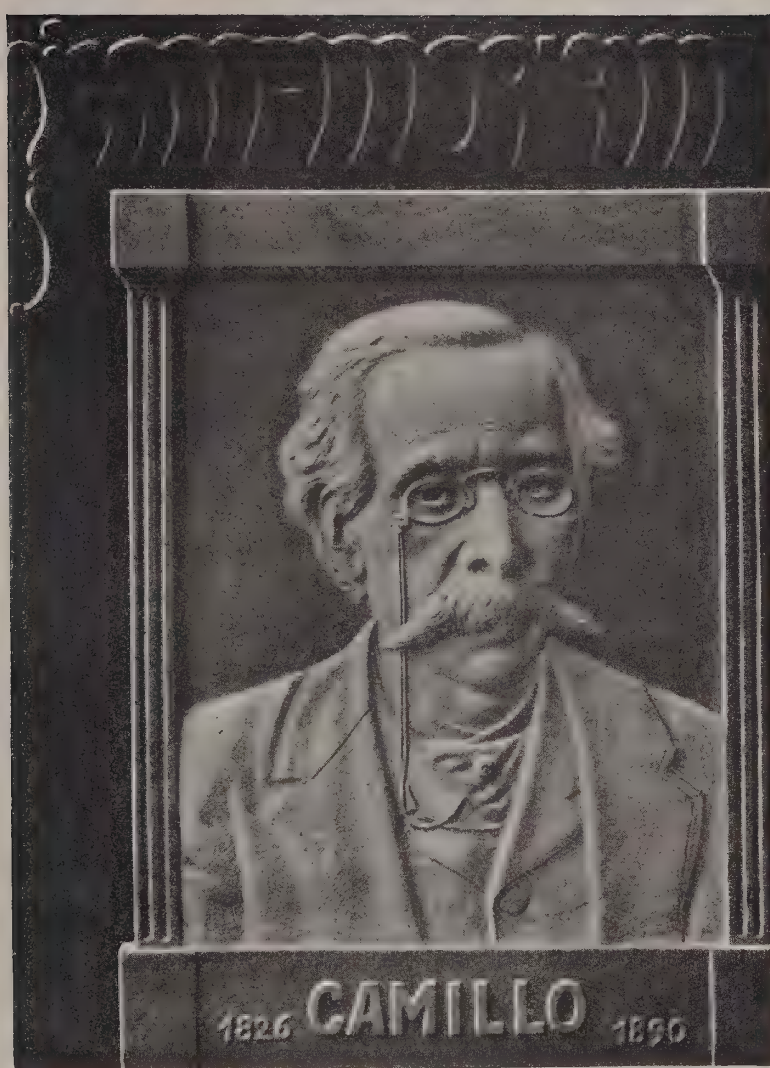
Camilo exuberantemente ennobrecido pelas características de génio, foi académico. O'... irrisão do destino!

Foi ele o primeiro «génio» que ingressou no templo da celebridade. Para o glorificarem? não. Para a Academia se glorificar? sim.

Ela nem editou um só estudo de Camilo. Camilo não colaborou no famoso *Diccionario*, aonde seria proficiente e magistral a sua colaboração!

Camilo académico...!

ALVARO NÉVES




CAMILO CASTELO BRANCO — BAIXO RELEVO DE MARMORE, DE D. FERNANDO DE ALMEIDA.



# CAMILO CASTELO BRANCO

## (PALAVRAS BREVES)

NÃO existisse o analfabetismo e Camilo seria o maior reformador de Portugal. Os livros de tese são de leitura restrita, os romances influem em todos que sabem ler, àtuam dirètamente no seio das familias, pela natural discussão e comentarios intimos que provocam.

Quando o romancista alia ás mais brilhantes qualidades de estilista vernaculo a maxima energia util para zurzir os ridiculos, castigar a maldade, vencer a rotina, polir os costumes, exaltar a virtude, educar, emfim, atinge a culminancia da Gloria.

Tal foi Camilo, prodigioso romancista!

Anteviu e defendeu acontecimentos, principios, ideais, que só muito mais tarde vingaram impor-se; enriqueceu criteriosamente a lingua portuguêsa; foi altruista, evangelisador, filosofo, poeta; sintetizou algumas dezenas de maxi-

mas; escreveu para todos, dominando estranhamente o riso e as lagrimas; foi ironico e sentimental; materialista e devaneador; foi ... tudo que um escritor incomparavel póde atingir!

*

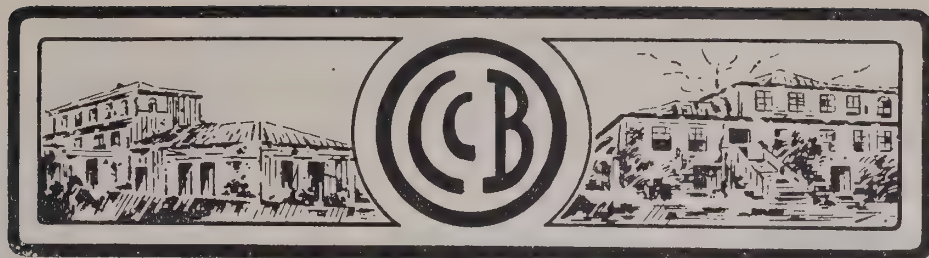
* *

Quando será que os leitores de Camilo, que deviam ser todos os portuguêses, se unirão, numa homenagem justissima, conseguindo o pagamento da divida patria ao egregio romancista — o monumento?!

E não fique no olvido que a unica sepultura condigna de Camilo Castelo Branco é o panteão nacional.

CRUZ MAGALHÃES






# LIGERAS REFLEXIONES

QUIEN ha leido « Amor de Perdição », « Noites de Insomnia » y ultimamente las sabrosas migajas de « Esparsos » reunidos y publicados por la misma casa Ventura Abrantes, que hoy hace este admirable alarde editorial, no se encuentra ciertamente capacitado, para hacer un juicio crítico y menos biográfico del gran hombre de letras portugués que se llamó Camillo Castello Branco.

Pero yo modesto literato español, no pretendo estudiar, critica ni biograficamente, al traductor « Del genio del cristianismo » al portugués: cuando ha habido, hay y habrá, una falange de distinguidos escritores, mi compatriotas que lo han hecho tan brillantemente, lo hacen aún y haram; laborando sin cesar en la inmensa cantera, que es la obra de un hombre que empieza à escribir à los catorce años y muere, se puede decir con la pluma en la mano: no; mi presente ê insignificante trabajo, que ilustro con un dibujo también mio, no és más ni menos que

una ligera contribución, un sincero homenage al autor de « Carlota Angela », « Cavar en Ruinas », « Dos Epocas en la Vida » el maravilloso « Libro Negro », « Los Misterios de Lisboa », «Ojo de Vidrio», « Sangre », etc. à este castizo escritor, de «Escenas contemporaneas», « Dos horas de lectura », « Lucta de Gigantes » y « Donde está la Dicha? » el cual como Gerardo de Nerval, no encontrandola tiene el valor de desertar la vida; afirmando el derecho de irse de ella y contestando asi á Baudelaire cuando preguntava porque no existia el derecho de matarse entre los derechos del hombre. Esta contribución de pleiteria, á una de las mayores cumbres de la literatura comtemporanea portuguesa, que tanta semejanza tiene en muchos puntos, con las francesas, de Anatole France, Paul Bourget, Catulle Mendes (de estirpe




MÁSCARA E CASA DE CAMILO, EM SEIDE
DESENHO DO PINTOR ESPANHOL D. JUAN DE NOGALES

lusa este último) en «Espinas y flores», «Lo que hacen las Mujeres», «A Queda de un Anjo», «La Mujer Fatal», sobrepasandolas muchas veces en altura y recia estructura; es personalísima y no pretendo llevar la nómina de la representación de España; otros compañeros mios, traductores y literatos como Andres Gonzalez Blanco (acaso con un parentesco á mayores de sangre, ya que el espiritual está probado) Rivera Rovira y otros, mas hubieran podido hacerlo mas gallardamente y con mayores títulos.

Si mi homenage de adhesion y simpatia à Camillo Castello Branco és personal y sin transcendencia, es probador sinembargo, de que en España también se le conoce y estima. Tiene por causas mi amor á las letras y sobre todo, la coincidencia de nuestras almas, en ese terreno para muchos quimérico, para mi como para el real y positivo del *mas allá; el mimoso vertedor em linguagem* de «Los Amores del Diablo» de J. Cazotte, sin olvidar ni despreciar, las profecias y revelaciones con que lo precedio Gerardo de Nerval; era un iniciado en el genero de estudios que han ocupado y pasionado mi vida entera y como mi compatriota y correligionario en la Religión de lo Maravilloso positivo, Emilio Carrere, decia de nuestro novelista y sociólogo Felipe Trigo; digo yo de Camillo; «Quiero recordarlo aqui devotamente y sé que su nombre me lo agradecerá, su trágica sombra con el dolor del pistoletazo en la sien» esta sombra de fertil imaginación, que acaso ahora no esté atormentada con las inquietudes filosóficas de *Nosotros*.

JUAN DE NOGALES
Secretario de la Sociedad Española
de Estudios Metapsiquicos



# CAMILO, ÍNTIMO [1]

.....................................................

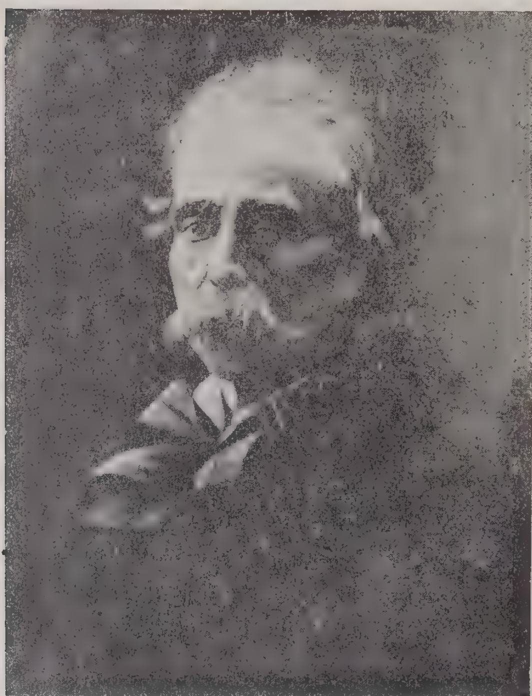
HÁ pontos da vida do ilustre tribuno, que correm por aí impressos, que não correspondem inteiramente à verdade. Um que anda deturpado em todos os livros que tratam da biografia de Camilo, é o da visita daquele desgraçado aos grandes infortunados de S. Miguel de Seide.

O snr. Alberto Pimentel, que em uma série de interessantes livros nos vem desfiando desde há anos a complexa e emmaranhada vida dos dois gloriosos solitários de Seide, diz-nos no seu livro *Os amores de Camilo:* «Em 1866 Antonio Feliciano de Castilho, acompanhado por seu filho Eugénio, Tomás Ribeiro e José Cardoso Vieira de Castro foi a S. Miguel de Seide visitar Camilo».

No seu livro *O Romance do Romancista*, afirma a mesma

[1] Excertos do livro em preparação «Camilo em S. Miguel de Seide».

coisa pelas seguintes palavras: «Desgostoso (Camilo) pelo nenhum aproveitamento dos filhos, resolveu retirar-se definitivamente para a quinta de S. Miguel de Seide, para a sua Tebaida do Minho, onde até aí se tinha limitado a passar temporadas, durante uma das quais o 1.º visconde de Castilho, seu filho Eugénio, Tomás Ribeiro e J. C. Vieira de Castro o visitaram no mês de Julho de 1866». E convencido que a visita de Vieira de Castro aos seus amigos de Seide se fez na mesma ocasião em que Castilho, seu filho Eugénio e Tomás Ribeiro visitaram o imortal romancista, o ilustre camilianista no seu livro *O Torturado de Seide,* chega a inventar a conversação do eloquente orador num jantar íntimo em casa de Camilo, num daqueles jantares minhotos em que os hospitaleiros habitantes dessa ajardinada província do Minho pretendem traduzir no número de pratos servidos a satisfação e o prazer que os anima ao receber os amigos em suas casas.



CAMILO
REPRODUÇÃO D'UM QUADRO A OLEO
DE MARIO SANTOS

...«Contando os pratos que já tinham sido servidos, o venerando Castilho admirou-se, dizendo:

—Mas isto é um jantar de Luculo na casa de um romancista português!

—D'um romancista que tambem é Luculo... de talento, trocadilhou Vieira de Castro.

—Bravo! bravo! aplaudiu Castilho. E o nosso Tomás onde é que ele está alapado? perguntou.

—Eu mal tinha acabado de saborear o gigote de vitela, que me pareceu melhor que um soneto de Camões, alegou Tomás Ribeiro, e já estou a braços com este loiro assado, mais apetitoso que alguma quintilha de Tolentino.



D. ANA AUGUSTA PLACIDO
REPRODUÇÃO DE UMA GRAVURA
A TALHO DOCE DO PROF. SOUSA

—Pois toda essa portuguesissima poesia culinária, se realmente é poesia, disse Camilo, nós a devemos á sr.ª D. Ana, que se esmerou em honrar os nossos hospedes fazendo um *menu* minhoto e vigiando zelosamente pela sua execução. Logo Castilho volveu:

—Graças mil á sr.ª D. Ana, que sabe repartir o seu talento entre as lucubrações literárias, o governo da Casa e o bem estar de quantos se acolhem ao seu hospitaleiro domicílio rural.

—Nosso Mestre o decretou: louvor, pois, á sr.ª D. Ana, aduziu Tomás Ribeiro.

—Mil louvores, graças mil, á deusa patronal d'este lar glorioso, interveio Eugénio.

—Que posso eu agora dizer, apostrofou Vieira de Castro, senão que serão mil e um os louvores, se V. Ex.as se dignarem contar o meu voto.

.................................................

... Castilho, na sua instintiva previsão de cego, aventava:

— A julgar pela voz da Cantadeira ha de ser uma forte e bonita cachopa, rosada e perfeita, lépida no bailar e sacudida no gesto.

É assim ou não? Digam-me se me enganei.

— V. Ex.ª, exclamou Vieira de Castro, acaba de fazer um retrato parecidissimo ..................................

... — O que eu quero, disse Camilo, é que V. Ex.ª sr. Castilho, a oiça cantar ao desafio. Penso que se ela e Bocage fossem contemporáneos e parceiros de boémia ganhariam rios de dinheiro andando de terra em terra a glosar motes ........................................

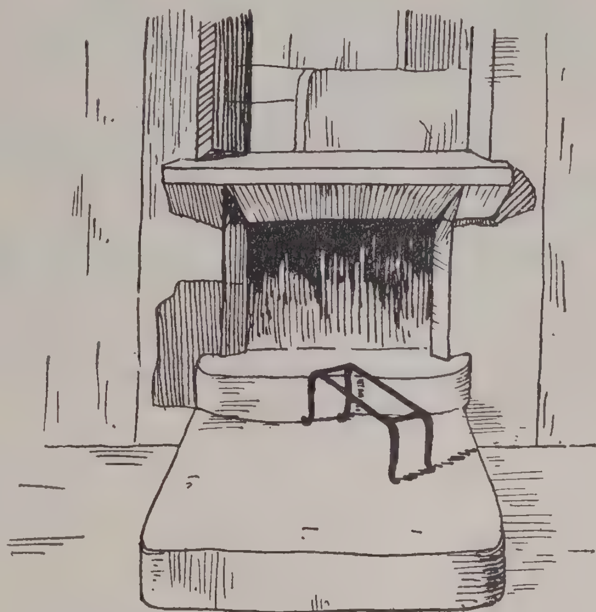
... Castilho declarou-se inteiramente de acordo com o juizo de Camilo: sim, o talento repentista da contralto de Landim tinha muito de bocagiano, alem de certa graça feminil em salgar os despiques».

Apesar das afirmações transcritas, a leitura da colecção das cartas inéditas de Vieira de Castro que possuo, dirigidas, quando solteiro, a Ana Plácido, diz-me que o eloquente tribuno não esteve em Seide na ocasião em que lá estiveram o Príncipe da Lira Portuguesa, seu filho Eugénio de Castilho, e o autor dos *Sons que Passam*.

Além dêste, outros reparos se me oferecem. A *cantadeira* não era de Landim; era a Custódia Maria, da freguesia de S. Julião do Calendário. De Landim era a Amélia, a quem o filho de Castilho namorou com os olhos cubiçosos as formas gentis dessa beleza campezina, môça esbelta e graciosa, em cujas veias, segundo afirmação do romancista, corria sangue fidalgo dos Mendanhas de Barcelos. Ela cantava também, mas por desfastio. Não era pròpriamente a cantadeira, que

foi contratada para esta festa. Nem uma nem outra tinham voz de contralto, afirmação que o senhor Alberto Pimentel pôs na boca de Castilho. Estas vozes de contralto são, afinal, raríssimas, no Minho.

A Amélia de Landim era um bom soprano, com intuição artística, que velha já, cantava ainda *por cima* nos côros de raparigas que vinham ao anoitecer de sachar os milharais, ou de ceifar o centeio nos canteirinhos do seu jardim rural, em Pouve.




UM ASPECTO DA COZINHA DA CASA DE CAMILO
SEGUNDO UM «CROQUIS»
DO ARQUITECTO JORGE SEGURADO

Este facto provam-no todos que conheceram a mãe do actual abade de Requião, freguesia próxima de Seide, falecida há cêrca de um ano.

Os outros êrros julgo que ficam irrefutàvelmente provados com as cartas que vão seguir-se:

«Lisboa 12 de Julho de 1866.

Minha querida amiga. As singelas provas são as grandes provas!

Nunca me escreveu uma carta como esta, que tanto o meu

coração lhe agradecesse: olhe que nunca. Pareceu-me que se isolou dos seus hospedes para se lembrar de mim; pareceu-me e eu sou um perverso que não tenho pena d'elles.

Hei-de ir. Pois não havia de ir. Mas para estarmos sós, os tres, não é melhor? Eu parto talvez depois de amanhã e virei por ahi na volta de Fafe.

Estimarei ter carta de V. Ex.[cia] no domingo ou seg.[da] feira, no Porto, em que V. Ex.[cia] me diga a que distancia fica a sua quinta da estrada de Guimarães.

Adeus. Creia, minha excelente amiga, que não morrerá nunca, como nunca chegou a morrer para os intimos affectos do meu coração, para as santas saudades da minha alma e para os elevados respeitos do meu caracter e da minha palavra. Adeus. Beija-lhe as mãos o seu eterno am.[o]

*J. C. Vieira de Castro*».

---

«Porto 4 de Agosto.

Minha querida santa

Esperava hoje carta sua, mais longa que a primeira e doeu-me não a ter.

Eu tenho hoje as mesmas saudades que tinha ao deixal-os, e hontem olhei com profunda tristeza para a sua casa da rua do Almada. Não os esqueço um momento. Creia agora esse formosissimo coração que me faz sol nas escuridões da m.[a] alma sempre que entre por ellas com a luz abençoada dos seus carinhos.

Não se esqueça nunca de mim. Eu vou fazer duas linhas ao Camillo — Adeus. Beija-lhe as mãos o seu do C. adm.[dor] creado e amigo sincero.

*J. C. Vieira de Castro*».

«7 de agosto — Foz

Minha querida santa. Escrevo-lhe na Foz, aonde acabo de ler as suas cartas. Eu tinha tenção de partir para aí amanhã á noite, e estar em Seide quinta-feira e sexta. Noto que a m.ª querida amiga não me diz uma palavra a respeito da m.ª volta.

Como o Camillo ahi chega de manhã, eu parto de noite.

Peço-lhe que me responda pelo mesmo correio, porque eu não queria ir sem que o Cam.º ahi estivesse. Ahi falaremos muito. A. H.[1] já lhe respondeu. Adeus, amiga e santa. Adeus.

Amigo
*Vieira de Castro*».

---

«Porto-8 — quarta-feira

Minha querida e santa amiga

Ás 5 horas da manhã ou 5 ½ conto estar na Portella[2].
Ahi abraçarei os meus velhos amigos. Até logo. O velho amigo

*Vieira de Castro*».

Castilho em 20 de Julho de 1866 estava já em Lisboa, como se prova com a seguinte carta inédita, assinada por êle:

«Ill.ma e Ex.ma Senhora e meu caro
Camillo Castello Branco

Aqui chegamos emfim a esta prozaica Lisboa hontem ainda com dia, comidos de saudades que não tem de passar nunca.

Os nossos pensamentos cifram-se todos sob o titulo = o pa-

[1] Refere-se a Henriqueta Couceiro, senhora que durante anos foi amante do ilustre orador.

[2] Lugar na estrada de Famalicão a Guimarães, que dista da casa de Seide cêrca de 3 quilómetros.

raizo perdido =. O que me consola é a esperança de que tambem hei-de ter como o poeta inglez um paraizo reconquistado.

O dia que passamos na minha Coimbra, levámol-o a recordarmo-nos de V. Ex.cias muito mais do que a gozar das bellezas da terra.

Até a Lapa dos Poetas tam cheia para mim de memorias e de mocidade me não desluzio do espirito nem por momento as vizões de S. Miguel de Seide.

Que digo! aqui mesmo entre os carinhos da minha familia, cá estam e hão-de estar por muito tempo e sempre a negacear-me as imagens das amenidades e dos affectos e dos ocios semi litterarios desse açafatinho onde V. Ex.cias foram emboscar os seus bellos corações e a sua immensa poesia. Deus lh'o conserve que se jamais se lembrassem de invejar a vida a quem quer que fosse seria isso uma coisa para mim ininteligivel.

Agora é que eu avalio bem as affectivas tristezas do Melibeo despedindo-se do Titiro, e aquele: *Fortunate senex! ergo tua rura manebunt.*

Comparem-me V. Ex.cias isso com isto de estar dictando esta carta ao vestir-me para me ir para o Conselho.

Basta de fallar de mim.

Como vão os nossos olhos, amigo Camillo? Quando digo os nossos, não lhe fallo senão dos seus. Principiou já os seus banhos de chuva? eu tenciono principiar os meus amanhã. Oxalá nos aproveitem.

As horas estam-me apertando; estas poucas linhas foram só para noticiar a V. Ex.cias que chegamos a esta sua casa. O cavaquear fica para outra vez, e as saudades para todo o sempre.

Mil coisas affectivas para V. Ex.cias ambos da parte de toda a minha familia que toda está captivada e encantada do que nos tem ouvido acerca d'esses seis dias de bemaventurança.

Peço a cada um de V. Ex.cias que abrace por mim ao outro o mais apertadamente que poder. Este requerimento que é tão justo por gosto se despacha.

Por aqui fico e ficamos todos muito bem com esta encommenda; não é assim?

Lisboa 20 de julho de 1866».

*Castilho*».

Em face dos documentos transcritos conclui-se que Vieira de Castro não esteve em Seide a quando os outros ilustres visitantes.

Os factos passaram-se da seguinte forma: Vieira de Castro chegou a Seide dias depois de Castilho e os seus companheiros terem saído de lá, saudosos de tudo que poderam prelibar naquele cantinho minhoto, que as graças e amabilidades dos seus gloriosos habitantes tornaram mais apetecido e desejado.

Demorou-se pouco nesta sua visita e em breve voltou ao Porto, como se depreende da sua carta de 4 de agosto. Regressou, porém, poucos dias depois para a companhia dos seus saudosos amigos. É por isso que o vamos encontrar no aniversário de Manuel Plácido, em Seide, como nos afirma a carta de D. Henriqueta Couceiro, datada de Portimão em 20 de Agosto de 1866, transcrita nêste capitulo, aniversário que ocorria em 11 do mesmo mês, conforme se observa no respectivo registo de baptismo. Em 13 d'esse mesmo mês estava de novo no Porto. Prova-n'o-l'o a carta seguinte:

« Porto, 14 de agosto, 1866.

Minhas queridas amigas

São 8 horas, cheguei ás 4 $^1/_2$, e sinto-me doente. Fomos imprudentes em não evitar estas recahidas de saudades. São profundezas estas que eu sinto e que irão comigo a toda a parte. Adeus, meus anginhos. Amem-me muito, que eu estremeço-as do fundo da minha alma. Adeus, minhas queridas e boas amigas. — Beija-lhes as mãos

O seu querido am.º do coração

*J. C. Vieira de Castro* ».

Porto. 12 de agosto. 1866.
Minha querida Amiga.
São 8 horas, cheguei às
4 1/2, e sinto-me doen-
te. Fomos imprudentes
em não evitar esta re-
cahida de saudades. São
profundas estas que
eu sinto e que irão comi-
go a toda a parte.
Adeus, meus anjinhos.
Amem-me muito,
que eu estremeço-os
do fundo da m.a al-
ma. Adeus, minha
querida e boa ami-
ga — Beija-lhe a
mão
O teu D.do Am.o
do C.ção

J. C. Vieira de Castro

E o que é certo é que Camilo em nenhum dos seus escritos diz ter estado Vieira de Castro em Seide na ocasião em que lá estiveram os outros seus amigos.

Na referência à festa realisada em Seide em honra do Príncipe da Lira Portuguesa e de seus companheiros, na qual tomaram parte a esbelta e graciosa Amélia de Landim e a sua rival nos descantes a célebre cantadeira Custódia Maria, as quais com os seus desafios improvisados puseram notas alacres e eumólpicas naquele ambiente de poetas; na referência a essa festa, tam caracteristicamente minhota, onde as mais poéticas e sugestionadoras manifestações da gente rural daqueles arredores de Seide se patentearam aos olhos daqueles Mestres da Arte, desde a viola chocalhada em insubordinados compassos que permitiam a dança do *vira* e do *malhão*, até aos descantes improvisados de um desafio ora inocente e espirituoso, ora mordaz e ofensivo; desde as iluminações com tigelinhas e lamparinas até ao concerto estridente da filarmónica de Ruivães; na referência feita por Camilo a essa festa, no conto *Aquela Casa Triste,* com que abre o segundo volume das *Noites de Insomnia,* o grande escritor fala dos seus visitantes e não cita Vieira de Castro.

« Sou um homem feliz e digno de inveja. Tenho saboreado os innocentes deleites que prodigalisam ao seu auditório as quatro bandas musicais de Landim, Fapião, Ruivães e Guinfões. Quando algum amigo vai alegrar o ermo de S. Miguel de Seide, chamo logo a musica mais delicada a de Ruivães; principalmente se o amigo é de Lisboa, e frequentador de S. Carlos.

O senhor visconde de Castilho e seu filho Eugénio são chamados a depôr nêste processo da immortalidade que vou instaurando ao figle e à requinta, principalmente à requinta de Ruivães. Não vi o senhor visconde chorar de prazer, mas observei que s. ex.ª estava commovido quando a requinta assobiava uns guinchos estridentes da Maria Caxuxa.

Thomaz Ribeiro, o poeta eminente, recolhia-se ás vezes, não ao seu quarto a calafetar os ouvidos, mas ao intimo de sua alma a fazer viveiro de inspirações.

Eugenio de Castilho, o poeta das phantasias louras, quer a musica de Ruivães lhe amolentasse a sensibilidade, quer os rouxinoes das ramarias lhe déssem invejas dos seus amores, fosse o que fosse, foi assaltado e vencido duma paixão »

Na dedicatória da novela *Maria Moysés* a Tomás Ribeiro, Camilo fala de si, do homenageado, e de Castilho nada dizendo acêrca de Vieira de Castro.

Na *Bibliographia Portuguesa e Estrangeira,* escreveu o imortal prosador a este respeito ainda:

« Ao folhear a 3.ª edição dos *Sons que Passam,* uma curiosidade dolorosa depara-me a página 135.

Á margem d'essa poesia esfumam-se esvaidos como imagens vistas através de lágrimas, uns quadros d'aquelle festivo dia de Julho de 1866. Junto de Castilho, que tinha no seio o coração de Jesus amigo das creanças, estam dous meninos. Eram meus filhos. Com uma alegria infantil — o jubilo das almas sãs que fazem a sua felicidade de cousas pequenas como as aves fabricam os ninhos de leves pennas que furtam á viração — Thomaz Ribeiro lia os versos que fizera para meus filhos recitarem ao principe da lyra portugueza.

As crianças amavam o seu venerando amigo, mas em silencio como deve adorar-se o incomprehensivel.

Nas franças dos arvoredos fizera-se tambem o silencio d'esses outros poetas que nos ensinam a cantar, sem a discutir, a Providencia que lhes dera a sombra, as flores e as searas.

Thomaz Ribeiro disse em nome das duas crianças que o contemplavam absortas:

«Somos de troncos robustos
Os louros, os tenros gomos.
Das flores surgirão pomos?
Se Deus regar os arbustos!...»

«Castilho puzera as mãos sobre as cabeças de meus filhos; rolavam-lhe as lagrimas pelas faces, quando Thomaz Ribeiro proferiu a última quadra:

«Vais partir! leva-a comtigc
e jura por teus carinhos
que, em nós já sendo homenzinhos
serás nosso mestre e amigo».

..................................................

Como se vê, a respeito de Vieira de Castro nada diz. Se de facto êle lá tivesse estado de-certo que Camilo não omitiria nas suas recordações e referências a esta visita o nome do seu tam afeiçoado e querido amigo.

E Ana Plácido no artigo — *A Promessa* — que escreveu com a alma em luto, pouco tempo depois da morte do seu desventurado amigo Vieira de Castro, publicado num almanaque da época e mais tarde junto por Camilo à *Correspondência Epistolar*, diz-nos claramente o mês em que êle esteve em Seide. «Era por noite d'agosto ardente e balsamica».

O snr. Alberto Pimentel em nota a esta frase afirma que foi *lapso de memória* da escritora, como se fôsse provàvel que a memória prodigiosa da santa amiga do malditoso degredado a traísse numa recordação tam grata à

sua alma alanceada pelo golpe impiedoso e atroz que a morte inesperada do seu infeliz amigo lhe produziu [1].

[1] Já depois de escrito este capitulo e até, por coincidência, publicada esta parte na revista portuense «A Aguia» chegou-me ás mãos um livro posto á venda ha dias — *Castilho e Camilo — Correspondência trocada entre os dois escritores* — João Costa — que vem fazer mais luz sobre este já esclarecido caso. Vieira de Castro tinha de facto combinado com os seus poetas em Lisboa juntar-se a eles para visitar os seus amigos em Seide (carta de Castilho de 19 de Junho de 66, pag. 101 da obra citada).

Da carta de Camilo da pagina 116 depreende-se claramente que Vieira do Castro não esteve lá a quando os outros: — «Vieira de Castro mostrou grande desejo de ser tambem nomeado entre os discipulos de V. Ex.cia na tal pedra tosca. Lá foi apesar da mentira chronológica». Em muitas cartas d'ai em diante ha referencias á estada de Vieira de Castro em Seide, em visitas sucessivas.

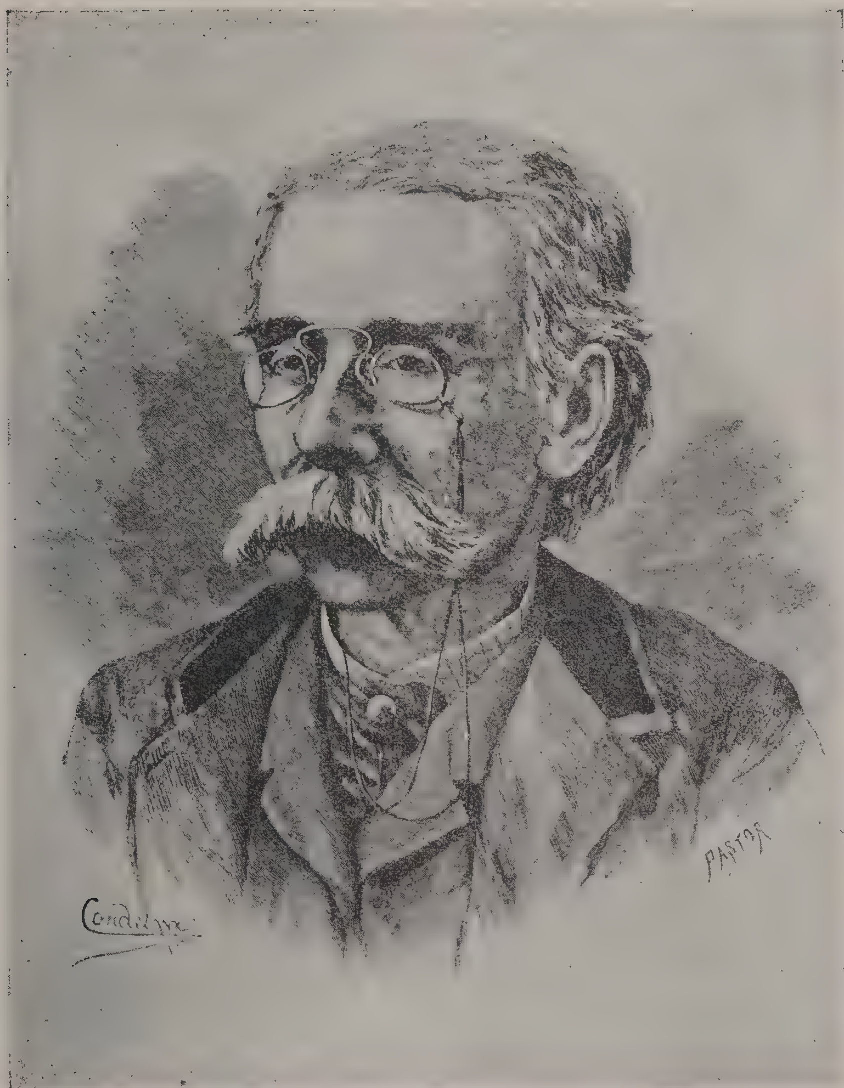
Chega-se á carta da pagina 140 e depara-se com uma afirmativa que me deu que fazer para no meu espirito a poder admitir como verdadeira. Escreveu Camilo: «Chegou hontem aqui o Vieira de Castro; demora-se tres dias». Esta carta tem a data de S. Miguel de Seide 25-8-66.

Precisamente no dia 24 de Agosto de 66 escreveu Vieira de Castro de V.la N.va de Portimão, a Ana Placido, onde estava a gosar as belezas do Algarve e as caricias da sua Henriqueta, filhas de uma amisade um pouco enfraquecida já de amôr. Nessa carta, que fica transcrita n'este capitulo, dá-lhe conta dos seus esforços tendentes a conseguir o que a sua amiga de Seide lhe pede e fala-lhe das suas impressões colhidas na linda provincia do sul. Esta data está de acordo com a da carta de D. Henriqueta, aqui transcrita tambem em que participava a Ana Placido que Vieira de Castro chegava a Portimão a 22, ás 6 da manhã. Está ainda de acordo com a data de uma carta de Vieira de Castro, que vai publicar-se no livro — Trinta anos em Seide — por uma neta de Camilo, Raquel Castelo Branco — dirigida de Lisboa a Ana Placido, em que diz: «Lisbôa 21 de Agosto de 1866. Minha querida e Santa amiga. Parto n'este momento para o vapor. Quero ainda de terra dizer-lhe adeus...»

Portanto aquela data S. Miguel de Seide 25-8-66 da carta de Camilo está errada.

Não foi sem um trabalho exaustivo de análise e investigação que pude certificar-me d'isso. Essa carta responde necessária — e — precisamente á carta de Castilho de 21 de Julho de 1866: Vejamos:

«Meu estimavel Camillinho: Não acha V. Ex.cia exquisito, pelo menos, que os papeis publicos, não ommitindo o sôco da senhora Gertrudes Maria na cara do snr. Antonio Bernardo, nem o lenço roto perdido na rua dos Ca-




CAMILO — DESENHO DE JOSÉ FERREIRA CONDEIXA REPRODUZIDO DA PAG. 145 DO SEMANARIO ILUSTRADO «BRANCO E NEGRO», N.º 62, DE 6 DE JUNHO DE 1897

O que é certo, porém, é que êste êrro assentou arraiais em todos os livros que tocam êste assunto.

nos, nem meia linha escrevessem sobre um monumento generosamente levantado por V. Ex.cia e que muito mais ainda, honra a V. Ex.cia do que a mim? Isto é uma corja de patetas e vilões ruins como não ha outros.
.........................................................................

Creio que nos ficou lá em cima da sua meza o apontamento dos livritos que eu lhe havia de mandar; — se ficou tenha a bondade de m'o remeter. Um dos taes livritos lembro-me eu que era a minha traducção da «Arte de Amar»........................................................

A estas horas já V. Ex.cia está com a heroina do seu novo romance na solidão saudosissima do convento e já talvez até na brenha do Gerez enlevado em contemplar aquelle ninho de amôres. Como a sua musa corre por vias ferreas, pouco tardará que chegue a Roma. Tomara-o eu já lá. Que elementos! que elementos para grandissimos effeitos. Quem me dera já ver a sua Freira meditando sobre o campo em que se enterravam as vestaes descuidadas..................................................................

Diz-me agora o meu secretario que a copia que eu offereci, do 4.º canto das Georgicas á Ex.ma Snr.a D. Anna Placido, tem algumas emendas que não ficaram no borrão que temos em nosso poder. Peço portanto a V. Ex.cia que obtenha da mesma senhora o especial favor de m'a recambiar, obrigando-me eu a remeter-lhe, sem perda de tempo, segunda copia e mais decente.....................................................................»

«Meu muito do coração

Tem V. Ex.cia honrosas e admirandas illusões no tocante a jornaes e jornalistas!

Se o barão da Trovisqueira erigisse um monumento ao barão de Ranhados, as gazetas retirariam os artigos de fundo para se derreterem em actas do caso de modo que a Europa se maravilhasse do feitio como os barões se amam na nossa terra.

Aconteceu ao Justo o que eu esperava. V. Ex.a tem muitos inimigos, e eu glorio-me de ter os de V. Ex.a e mais alguns.

Tomaram eles poder quebrar-nos nas cabeças as pedras do monumento. Esperemos cem anos meu amigo. Lá virá quem se assente nos degraos d'aquela coisa a ler os livros de V. Ex.a e os de seu filho e os do Thomaz.

Ora, as gazetas contemporaneas já começam a ser lidas nas latrinas!

Chegou hontem aqui o Vieira de Castro; demora-se tres dias.

Não encontro os apontamentos dos livros; lembro-me, porem, que era a

Assim, por exemplo, o snr. António Cabral, no seu excelente livro *Camilo Desconhecido*, onde com uma paciência grande e aturado esfôrço conseguiu arrumar ano a ano a complexa e atribulada vida dos dois solitários de Seide, afirma também êste êrro:

«Em 15 de julho d'esse anno, esteve em Seide o illustre poeta Antonio Feliciano de Castilho, que foi acompanhado por seu filho Eugenio de Castilho, Thomaz Ribeiro e José Cardoso Vieira de Castro.

Biblia indiatica, a Arte de amar, a Defeza do barão de Morena, e não sei que mais. Remeto hoje o manuscrito das Georgicas.

Não comecei ainda a escrever; mas já trabalho no entrecho da *Freira* ou da *Engeitada*.

A D. Anna pede a V. Ex.ª que, sendo possivel lhe devolva o manuscrito que vai ainda com emendas. Faça-lhe V. Ex.ª a vontade.

Muitos affectos d'ella e abraços do seu amantissimo e saudoso.

S. Miguel de Seide, 25-8-66.

*Camilo*».

E evidente que Camilo ao datar a carta, em vez de pôr a data em que a escreveu 25-7-66, poz, por engano, 25-8-66.

No tocante a datas era costume inveterado no grande escritor — erra-l'as ou omiti-l'as.

Ve-se, pois, que Vieira de Castro chegou a Seide a 24 de Julho de 66. Já de lá se haviam retirado os poetas havia dias.

Em 4 de agosto estava já Vieira de Castro no Porto. N'essa data escreve ele a Ana Placido aquela carta em que diz: «Eu tenho hoje as mesmas saudades que tinha ao deixa-l'os e hontem olhei com profunda tristeza para a sua casa da rua do Almada».

Camilo na sua carta dirigida a Castilho em 4 de agosto confirma o facto: «O Vieira de Castro já está no Porto etc.».

Em 11 deste mês já estava de novo em Seide, como se deduz das suas cartas de 7 e 8 de agosto, da carta de Camilo escrita para Castilho em 9 do mesmo mês — «Vieira de Castro volta do Porto para aqui amanhã.» — e da carta de D. Henriqueta escrita de Portimão em vinte.

Fica, portanto, apontada toda a documentação do facto e posta assim a verdade em evidência.

# IN MEMORIAM DE CAMILLO

*

* *

*«Todas as minudencias são traços grandes nos vultos magestosos».*

CAMILO — «Duas horas de leitura».

Camilo conhece-se quasi só através dos livros. Os episódios da sua vida romanesca e atormentada, diversos em caracter e sentimento, mixto de trágico e cómico, dualidade interessante que se manifesta igualmente em toda a sua obra de uma maneira sublime e eminentemente educadôra, não ficaram firmados na memoria imaginativa das gentes rústicas, em cujo meio o romancista viveu.

A sua tradição ficou nos livros e pertence quasi exclusivamente aos intelectuais.

Esse povo simples, austero nos seus principios de moral tantas vezes demasiadamente exagerados, esse povo que Camillo estudou em todas as suas manifestações e sentimentos, no belo, no grotesco, na ignominia, n'um estudo mais de intuição que de prolongada convivência, não se interessou muito em fixar, episódios da vida do atrabiliario visinho feio de aspecto, mau de humores e duvidoso em moral.

As mães nos serões prolongados dos intérminos e inclementes invernos d'aldeia não contavam ás filhas, entre a ceia e a tarefa do linho a fiar, as peripécias da vida do homem que se ensimesmou com as dôres da sua tragédia doméstica entre as quatro paredes da casa *amarela,* n'um ambiente de misterio moral, que o facto de viver amancebado com a mulher de Pinheiro Alves, a quem ensinou a fumar, ultima degradação a que póde chegar uma mulher no conceito dos povos do campo, mais avolumava e condensava.

Camilo entre os seus visinhos d'aldeia nunca gosou de boa reputação. Entre o escritor e essa gente com pruridos de honestidade havia como que uma repulsão instintiva que os afastava.

Nas tertúlias aldeãs, que se constituiam então nos serões de inverno junto das lareiras aquecidas pelos calorificos rezineiros que amornavam o ambiente escurecido da acolhedora cosinha minhota, contavam-se só as façanhas do José do Telhado ou do seu discipulo o Lourenço Ladrão de Riba d'Ave, já então gatuno celebre em todos os arredores da pacata Vila Nova de Famalicão.

E se adrede vinha o nome de Camilo, rarissimas vezes era acolhido com indulgencia ou amizade.

Os pais de familia aproveitavam a ocasião para darem aos filhos uma lição de moral, exacerbando, com asco ocasionalmente avolumado, o sujo viver d'aquele *maçonico*, femeeiro, que andava fóra da graça de Deus, que não ia à missa e despresava os preceitos da igreja. Isto era uma voz geral em todos os arredores de Seide.

As crianças receavam-n'o. Se vinham da aula n'uma brincadeira descuidada pelos caminhos vicinais d'aldeia bastava que uma dissesse por brincadeira — ai vem o sr. Camilo — para o bando infantil instintivamente fugir em debandada, para depois de convencidas do lôgro se reunirem em sonóras e cristalinas gargalhadas.

Camilo passeava a cavallo frequentes vezes.

Ele sabia que as crianças lhe fugiam receosas e nas suas horas de bom humôr, muitas vezes se divertia em persegui-l'as para as apanhar e falar-lhes na sua linguagem meiga e sugestionadora.

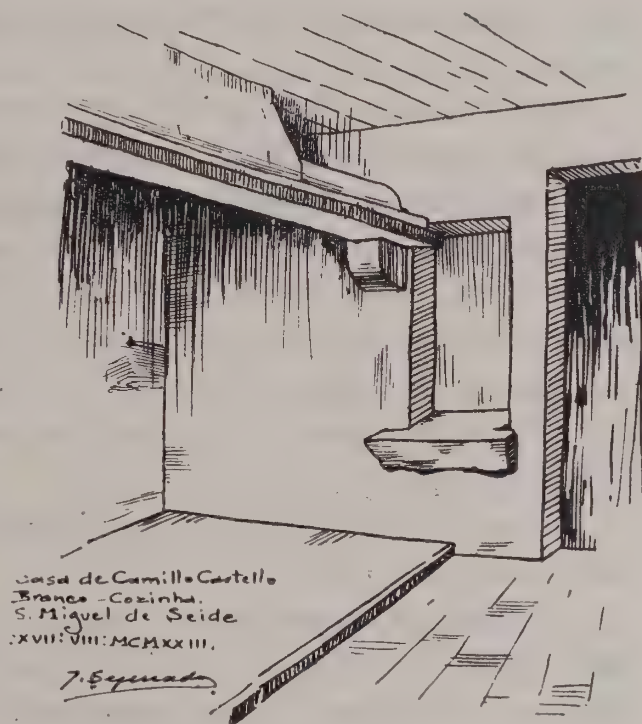
Se as apanhava bem depressa as pazes ficavam feitas. Esse homem feio que as assustava, depressa lhes captava as simpatias e até a dedicação.

E o que se dava com as crianças dava-se com as moças garridas e donairosas d'áqueles lugares.

Á primeira impressão de desagrado nascida ante a fealdade fisica de Camilo, o homem mais feio d'aqueles arredores no conceito estético das moças da aldeia, sobrevinha a simpatia nascida da formosura dos seus olhos, do misticismo da sua linguagem d'amor e do que quer que fosse de sugestivo, que havia n'aquela constituição de nevropata.

Camilo admirava e quasi adorava as fórmas euritmicas de um belo corpo de mulher.

O seu vasto vocabulario laudatorio esgotava-se na apreciação intima de uma mulher bonita.




OUTRO ASPECTO DA COZINHA DA CASA DE CAMILO
SEGUNDO UM CROQUIS DO ARQUITECTO JORGE SEGURADO

E este bom gosto por vezes acarretava-lhe másquerenças na aldeia, que o faziam andar receoso e sempre armado.

As beatas é que nunca lhe perdoavam o seu feio aspecto e as suas irreverentes condições de vida.

Arraigadas aos preceitos de um beatério estúpido e incongruente, se acaso encontravam em seu caminho o infeliz romancista, entre duas figas e um mar de objurgações intimas

á alma suja d'aquele homem pactuando com o diabo, encostadas a um lado, deixavam-n'o passâr sem a salvação.

A essas indelicadas apreciações Camilo deveria talvez corresponder do fundo da sua alma engulhada com aquela frase que pôz na bôca do *Melro* no fim do vigéssimo capitulo de *A Brazileira de Prazins*.

Estas scenas estam ainda na memoria de alguns habitantes de Seide que m'as contaram como reminiscencias da sua infancia.

Mas, apezar de tudo, aqueles que privaram das familiaridades do infeliz romancista, os raros que entraram na sua convivencia intima, prenderam-se pelo afecto e pela dedicação.

Camilo no trato intimo e familiar era verdadeiramente distinto; era crente e era bom. Sabia cativar simpatias e criar dedicações até nas almas rudes e simples. Todos os seus creados lhe foram dedicados. O ultimo, o Manuel Caniço, foi um Jau junto do seu génio que se afogava em atrocissimo desespero.

No seu suicidio chorou-o com lagrimas sentidas de verdadeiro amigo.

Acompanhou o cadaver de seu amo desde Seide até á ultima jazida no Cemiterio da Lapa, no Porto, despresando alimentos e confortos. O seu pungimento soube impôr lagrimas a muitos indiferentes que por um dever de urbanidade vinham deixar o seu cartão de condolências na mesa funebre da igreja da Lapa.

Francisco Correia de Carvalho, velho amigo e compadre de Camilo, remediado proprietario da visinha freguesia de S. Paio de Seide, retratado, pelo escritor no José Fistula do *Eusebio Macario,* foi sempre um dedicado. No periodo da cegueira de Camilo era ele quem lhe lia as sacas de correspondência que diariamente recebia de toda a parte, jornais, cartas, etc., e escrevia tudo o que o amigo lhe ditasse.

## IN MEMORIAM DE CAMILLO

Aos grandes genios, quasi sempre uns grandes desgraçados, reserva-lhes ás vezes a Providencia umas dedicações singelas nas horas finais, como flôres rústicas nascidas nas falésias e escarpas de acroceráunios acervos para suavisar o aspecto horrivel da paisagem.

A tradição de Camilo em S. Miguel de Seide é vaga e resumida. N'este capitulo reuno o que pude colhêr ainda de interessante entre os contemporáneos do infeliz suicida.

D'estas notas uma grande parte são inéditas; algumas estam já referidas em livros, mas de qualquer fórma incompletas ou deturpadas.

*
* *

Camilo tinha em Seide tres cães, seus companheiros inseparaveis, os quais estimava com tanta complacencia, que parecia nascida de preconceitos mussulmanos.

O *Nero* era o maior de todos. Magnifico cão de fila, de cabeça grande, beiços grossos e pendentes, nariz arrebitado e fendido, o *Nero* era um valente, muito senhor da sua força e da sua vontade. Investia-se de uma autoridade própria, que fazia valer através de tudo, com grande satisfação do dono.

Se se deitasse na passagem de uma porta não se dava ao trabalho de levantar-se para deixar passar fosse quem fosse. Se o intimavam, n'um arreganhar de dentes ameaçador, metia na ordem o atrevido insurrecto, sem ceder nada do seu autoritário egoismo. E o remédio era procurar passagem por outro sítio.

Os outros eram mais doceis e, consequentemente, mais esti-

mados de todos, á excepção de Camilo, cujas preferências iam para o Nero, mais audaz e atrevido, que com as suas variadas travessuras lhe proporcionava momentos de hilaridade e de prazer.

Nunca o castigava nem consentia que lhe batessem ou o desautorizassem na sua egoista vontade.

O *Navarro,* produto de um cruzamento esquisito, era listrado como uma zebra.

O *Black* era um excelente Terra Nova, de cabeça larga e focinho grosso, muito amigo da agua, de pelo preto, comprido e abundante.

N'uma tarde de Junho, abrigado do sol pelas seveiras e ramadas, que suavisavam o caminho com as suas apetecidas sombras, Camilo saiu a gozar as belezas rústicas da paisagem campesina, que o sol d'essa tarde de verão, tamizado através das folhas esmeraldinas d'aquela vegetação minhota, inundava de luz, de côr, e de graça.

As raparigas sachadeiras, que decruavam ou arrendavam os milharais quasi em flôr, entoavam seus córos regionalmente belos, n'uma porfia de vozes, n'uma emulação artistica que deleitava o valetudinario escritor, fazendo-o esquecer as suas dores e canseiras.

Acompanhavam-n'o n'esta excursão de deleite os seus tres cães amigos, em disputa brincalhona dos tagatés do dono.

O caminho atravessava agora um largozinho plantado de carvalhos, cuja ramaria ensombrava a capelinha humilde e simples de Nossa Senhora da Guia.

Uma reduzida vara de porcos, constituida ao todo por 4 ou 5 bízaros de pernas delgadas e ligeiras, orelhas curtas e erguidas, de focinho comprido e descarnado, esfoçavam com prazer a terra fresca com que desencalmavam momentaneamente as suas parcas gorduras.



CAMILO — ESTUDO INCOMPLETO DE H. PELAGIO

O *Nero,* logo que os avistou, achou ocasião asada para se divertir e divertir os outros.

Deu-lhes uma corrida mestra por todos os cantos do largo, e quanto mais bufavam e grunhiam, mais ele os perseguia, enquanto os outros dois companheiros faziam cerco ladeando as corridas.

A certa altura um dos suinos travou luta com o *Nero.*

Este, por suprema vingança, arrancou-lhe o rabo e brincando com ele nos dentes, levou-o ao dono perdido com riso.

De um valado superior aparece a dona do porco advertida pela chiadeira do animal e ao vê-l'o sem rabo, exprobou e invectivou Camilo, afirmando-lhe que lhe havia de pagar o porco *com lingua de palmo.*

Camilo tomou a apostrofe plebea pelo melhor sentido e respondeu no auge da hilaridade:

—Sim Senhora; eu levo-lhe o porco e mando-lhe a lingua.

*

* *

Passados dias os cães foram encontrados n'uma manhã, no terreiro da casa de Seide, em convulsões horriveis, produzidas pelo envenenamento.

O pobre escritor preparou imediatamente um vomitório para os seus infelizes amigos e salvou-os ainda. Porêm, depois disto, arrastaram uma vida pejada de doenças os fieis e inseparaveis amigos dos solitarios de Seide.

Foram-se despelando pouco a pouco e perderam aquela exuberancia de vida, que era por vezes o encanto e o passatempo de seus donos, que sofreram imenso com esta estupida vingança. Em Seide não teve Camilo mais cães desde então.

*
* *

Em certa ocasião precisou o escritor adquirir uma égua para o serviço da casa.

Um lavrador d'uma freguesia visinha tinha uma égua manhosa, velha e doente, que andava a engordar para vender na feira de maio em Famalicão.

Este cigano em negocios de bestas tinha sido um dos conjurados no envenenamento dos cães.

Camilo não o sabia, porém. E não satisfeito com o mal que já havia feito ao infeliz romancista, o velhaco preparou-se para meter o enfermiço animal nas cocheiras de Seide e inculcou-a a Camilo e ao seu filho Nuno como um animal fiel e valente. E com tais ciganices se houve que a velha égua com os dentes rasos, habilmente limados, com o pelo rapado e polido à custa de pomadas lustrosas, passou da sua córte esburacada com teto de colmaço para as cavalariças suficientemente montadas da quinta de Seide.



CAMILO — AGUARELA DE C. SILVA REPRODUZIDA DA PÁGINA 7, DO LIVRO «OS AMORES DE CAMILO» DE ALBERTO PIMENTEL, 1899

Para a experimentar, o novo dono, com presunções de

mestre nos processos de gineta e de estardiota, foi dar um passeio até Santo Tirso. No fim de um pequeno percurso a égua cansou.

Como o cavaleiro a forçasse, suou de mais e uma vez na córte nunca mais se levantou.

Na seguinte carta inédita, dirigida a seu filho Nuno, refere-se o escritor a este caso:

Nuno

Até agora tem sido impossi-
vel levantar a burra. Creio q
ella está a dar a alma ao
diabo q a leve. Se ella se
erguer, mando-t'a. No caso
que o patife q lhe limou os
dentes a aceite, envia-lh'a;
mas se elle a não quizer q
torna a mandar-m'a, p
q não quero q tenhas pre-
juiso. Nós havemos de ser
sempre enganados pelos esper-
talhões de tamancos.

Teu pai

C. C Branco

«Nuno

Até agora tem sido impossivel levantar a burra[1]. Creio que ella está a dar a alma ao diabo que a leve. Se ella se erguer, mando-t'a. No caso que o patife que lhe limou os dentes a acceite, envio-lh'a; mas se elle a não quizer, torna a mandar-m'a que não quero que tenhas prejuizo. Nós havemos de ser sempre enganados pelos espertalhões de tamancos.

Teu pai
*C. C. Branco*».

VELOSO D'ARAUJO



[1] É costume no Minho chamar burros tanto aos asnos como aos cavalos.

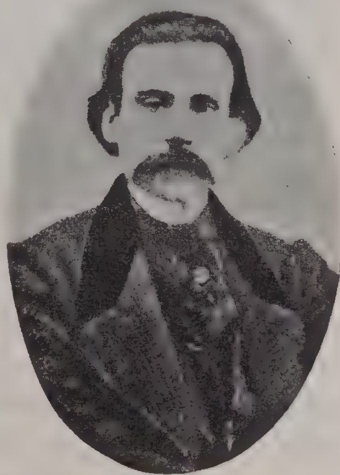


# CAMILO

## O QUE HA ÁCERCA DO SEU PATRIMONIO

EM mais de um passo dos seus livros aparece em Camilo a queixa de ter sido esbulhado do seu patrimonio, ninguém tendo averiguado até hoje o fundamento desta queixa, antes sendo ela considerada mera fantasia do escritor.

Não o é, como consta de um longo e demorado processo que correu a este respeito, do qual se transcreve a seguir a peça final.



CAMILO
SEGUNDO UMA FOTOGRAFIA
DE 1857

Já o sr. Pedro de Azevedo nos tinha dado em *Os antepassados de Camilo* a escritura de perfilhação feita por Manuel Joaquim Botelho no intuito evi-

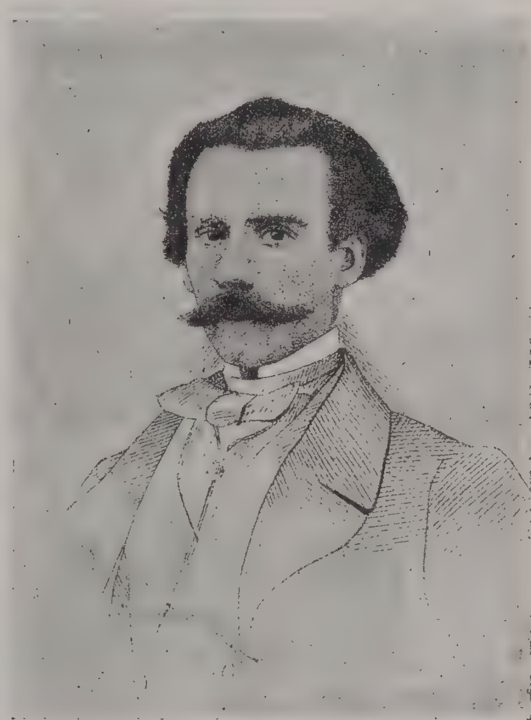
dente de assegurar aos filhos a posse da herança paterna, e em *A primeira mulher de Camilo,* do sr. Alberto Pimentel, vem a seguinte resposta dada por D. Rita Emilia Castelo Branco a um requerimento daquele:

«Manda-me Vossa Real Magestade Fidelissima responder ao requerimento de meu Irmão Manoel Joaquim Botelho Castello-Branco, como unica interessada á sua herança, se elle fallesce-se ab intestato, a fim da Perfilhação de hum seu filho Natural Camillo Ferreira Botelho Castello Branco e de huma filha Carolina Ritta Botelho Castello-Branco, nada tenho que dizer, e antes muito louvo ao ditto meu Irmão Recorrente, os seus honrados sentimentos de bom Catholico, e por isso a tudo presto o meu consentimento, e V. R. M. F. Mandará o que fôr justo. Villa Real 20 de Agosto de 1829. D. Ritta Emilia Castello Branco».

O processo mostra que esta senhora, que tão cheia de isenção aparece nesta resposta para com os sobrinhos em vida do irmão, tornou-se depois da morte deste a mola real do processo movido contra os mesmos, a quem realmente espoliou pelo menos de parte da herança que lhes competia, desdizendo-se assim do que antes dissera.

«Registo da Carta de filiação de Camillo Ferreira Botelho Castel-Branco do Lugar de Friume, mandada passar por S. M. F. a Sn.ª D. Maria 2.ª Eu Rainha Faço saber aos que este Meu Alvará de Legitimação virem, que Camillo Ferreira Botelho Castello Branco Me representou que por Escriptura Publica havia sido perfilhado por seu Pae Manoel Joaquim Botelho Castello Branco, o qual houvera o supplicante de mulher com quem não tinha impedimento canonico para casar; pedindo-Me que para succeder como legitimo ao referido seu Pae Houvesse Eu por bem Mandar-lhe passar Diploma de Legitimação, e visto o Requerimento do Supplicante, traslado que apresentou da dita Escriptura, lavrada nas notas do Tabellião da Cidade de Lisboa Jose Ma-

noel d'Antas Barboza, em 27 de Junho de 1829, a informação do Administrador Geral do Districto de Villa Real, com a citação da Tia do Supplicante, única sucessôra ab intestato, que a pezar de ter impugnado a Legitimação não provou a falsidade da filiação allegada, e parecer do Conselheiro Procurador Geral da Corôa: Hei por bem legitimar como com effeito legitimo e Hei por legitimado o sobredito Camillo Ferreira Botelho Castello Branco, para ser havido como filho de Manoel Joaquim Botelho Castello Branco, para os fins e effeitos somente que as Leis e estillos de Reino attribuem a este Alvará, sem prejuizo dos direitos adqueridos por terceiro, nos termos da Resolução Regia de 16 de Dezembro de 1798 etc. etc...» [Identico para a sua irman Carolina].



CAMILO — REPRODUÇÃO DE UMA GRAVURA A TALHO DOCE, DO PROF. SOUSA

Vê-se, pois, que, por virtude da Resolução citada, o espolio de Manuel Joaquim Botelho passou para a sua irman D. Rita, e não para os seus filhos, pelo menos em parte, sendo o esbulhamento de que Camilo se queixou um facto verdadeiro.

O alvará anterior tem a data de 30 de Julho de 1841. E como, naquele tempo, as comunicações não eram faceis como hoje, de prever é que tardiamente tivesse chegado a Ribeira de Pena o documento. E tanto isso deve ser assim, que a 18 de Agosto do mesmo ano de 1841 casava

Camilo com Joaquina Pereira, de Friume, e tres dias depois de casado, a 21 do mesmo mez, fazia á mulher, num assomo passional, doação de parte dos seus bens, cuidando ainda que os viria a herdar, como se vê do documento que se segue:

CERTIDÃO

José Manuel Taveira, escrivão-notario do primeiro oficio, desta Comarca de Vila Pouca de Aguiar.

Certifico que em meu poder e cartorio existe findo um livro de notas, do extinto julgado de Ribeira de Pena, devidamente rubricado e no mesmo a folhas desassete verso se vê a escritura que se segue:

Escritura de doação que faz Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco, a sua mulher Joaquina Pereira de França do lugar de Friume deste julgado.

Saibam quantos este publico instrumento de escritura de doação e declaração ou como em direito melhor lugar haja mais firmeza e validade possa ter virem que no Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de Mil Oitocentos e Quarenta e Um, aos vinte e um dias do mês de Agosto do dito ano neste julgado de Ribeira de Pena e meu escritorio apareceram presentes em suas proprias pessoas Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco, e sua mulher Joaquina Pereira de França do lugar de Friume, deste julgado pessoas reconhecidas de mim tabelião e das testemunhas adiante nomeadas e no fim deste publico instrumento escritas e assinadas, e estas tambem de mim pelos proprios de que dou fé, serem os proprios por quem aqui se nomeiam. E logo pelo dito Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco, foi dito na minha presença e das mesmas testemunhas que com favor e ajuda de Deus, na forma do Sagrado Concilio Tridentino, e Constituições deste Arcebispado se achava casado com a segunda outorgante Joaquina Pereira de França filha legitima de Sebastião Martins dos Santos e Maria Pereira de França do lugar de Friume deste julgado com quem de presente residem e por que se lembra não ter certa a hora nem o momento em que Deus a chame a si, e por ser a esposada sua mulher

muito do seu gosto por isso disse queria por este publico instrumento celebrar as declarações seguintes: Que dissolvendo-se o matrimonio, aliaz. Que ele era senhor de uma bôa legitima que tinha a perceber pela parte de seu pae Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco, falecido na cidade de Lisbôa, da qual dissolvendo se o matrimonio sem haver filhos na constancia do mesmo, e sobrevivendo ela sua mulher a ele outorgante lhe dá e dôa, e deixa para seu sustento, e alimentação a quantia de quatrocentos mil reis em dinheiro de metal ou em bens, e o resto da sua legitima passará a quem diretamente pertencer, sem que pessoa alguma sua obrigação, ou interposta tenha a opôr-se contra ela, sobre este objéto, sendo que sobre o resto não faça outra declaração, que ainda o direito de a fazer reserva para a hora de seu falecimento tendo á mesma para isso conhecimento, com obrigação de que ela sua mulher lhe mandará fazer os seus bens de alma na forma do uso e costume da sua igreja de onde forem, ou estiverem fregueses e qualidade de sua pessoa e lhe mandará dizer por sua alma duzentas missas de esmola de cento e vinte reis cada uma e ditas por uma vez sómente; E declarou mais que quando sucedesse ou suceda, o




REPRODUÇÃO DA CAPA D'UM LIVRO DE OLDEMIRO CESAR

que Deus tal não permita, falecer primeiro, e a este tempo não tenham ainda recebido a mencionada sua legitima a ela deixa o direito de poder haver e puxar a si a predita quantia de quatrocentos mil reis, na forma dita; E logo por ela sua mulher, dita Joaquina *Pereira* F. digo Pereira de França, foi dito que a ser da vontade e gosto de seu marido esta doação a aceitava com todas as suas declarações clausulas e obrigações aqui estipuladas; Um e outro assim o disseram outorgaram quizeram e aceitaram, e se obrigou o outorgante digo obrigou o autor quiserão acertaram e se obrigaram a ter e manter este contrato em sua forma e a não o revogar nem reclamar nem ir contra ele em tempo algum do mundo debaixo da obrigação de suas pessoas e bens, e de tudo rogaram a mim tabelião se fizesse esta escritura neste meu livro de notas como pessoa publica estipulante e aceitante lha estipulei e aceitei em nome das partes presentes e ausentes ao aquem toca e tocar pode tudo quanto posso devo e valho em razão do meu oficio sendo testemunhas a tudo presente Francisco José, Joaquim Leite do lugar de Picanhel deste Julgado que aqui assinaram com os outorgantes ao depois de lida por mim José Antonio Borges tabelião que a escrevi e assinei em razão. José Antonio Borges. Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco. Joaquina Pereira de França. Francisco José. Joaquim Leite ( de cruz ).

Á margem tem a seguinte nota: Destribuição trinta reis, Raza seis reis, Escritura oitenta reis; Selos papel trez reis digo Raza quatrocentos reis, Escritura quatro centos e oitenta; selos e papel quarenta e trez reis: Matos. E quanto continha na dita escritura que aqui fica bem fielmente copiada, tendo-me sido indicado o ano mês e dia em que foi feita. Vila Pouca de Aguiar em quinze de Setembro de mil novecentos e vinte e dois. Eu José Manuel Teixeira me subscrevo e assigno

*( a )* José Manuel Teixeira

notario Braga 60 centavos

Selo

Encontra-se em Nota 70, Fl. 17, anos 1840-1843.



DECIMO ANNO N.º 437 — Numero avulso 20 réis — Terça-feira, 13 de Março de 1906

RUA FORMOZA, 43 — LISBOA

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

Pagamento adiantado.

Editor: José Joubert Chaves

# O SECULO

SUPPLEMENTO HUMORISTICO

Director artistico: Jorge Colaço — Director litterario: Accacio de Paiva



## ESTATUAS

—Então aquelles collegas, que são mais velhos, não apanham estatua?
—Apanham, com o dinheiro que sobrar do monumento ao marquez de Pombal...

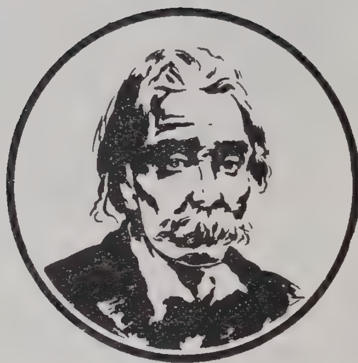
REPRODUÇÃO D'UMA PÁGINA DE « O SECULO » SUPLEMENTO HUMORISTICO, DE 13 DE MARÇO DE 1906 — CARICATURA DE FRANCISCO VALENÇA

Perante o esbulhamento de que se tornou vitima calcula-se facilmente qual teria sido a decepção, não só de Cami-

lo, mas ainda do sogro, que tinha consentido no casamento da filha com mera e risonha esperança em que viria ter um genro rico e relacionado com as principais familias de Vila Real. Todas as desavenças subsequentes, sobrevindas entre o sogro e o romancista, e ainda entre este e a propria mulher, justificam-se pela amargura das consequencias do alvará transcrito, como tratarei de mostrar no volume III do meu estudo.

Quem sabe se Camilo, se não tivesse sido desherdado, teria sido o grande e glorioso escritor que veiu a ser?

LUDOVICO DE MENEZES





# CAMILO NAS ESCOLAS

É quasi uma verdade fútil afirmar que a educação literária é um valioso auxiliar da formação intelectual e moral do indivíduo. Bem presada a literatura alarga a experiência, afina e corrige a sensibilidade, põe ao espírito problemas que a própria vida de cada um dificilmente apresentaria no seu decorrer e torna mais vastos os horisontes da existência. A literatura, porque é uma bela arte cheia de emoções, deve ser considerada como factor educativo. As figuras dos romances, sendo de todos os tempos e de todos os lugares, têm grande influência na cultura dos sentimentos. A literatura é a vida e, tal como a música, traduz as alegrias e os sofrimentos. Plantar com ponderação e com equilíbrio as belas virtudes, dirigir a vida para um ideal superior de espiritualidade, eis a principal missão do educador nestes tempos que tendem para o scepticismo frio e para o materialismo grosseiro.

É inegável que a maneira de ser do indivíduo depende

muitas vezes das suas leituras. Os Românticos têm muitas páginas em que a imaginação vagabunda, a sensibilidade doentia, o amor mórbido e as fraquezas das paixões podem ser medicamentos fatais para rapazes de 14 ou 15 anos com o coração a entreabrir-se ao sol das realidades. As vidas idealizadas por muitos romances podem perturbar o espírito das gerações de amanhã, levando-as ao sonho, arrastando-as a uma existência falsa. A imaginação apresenta também ás vezes os seus inconvenientes. Malebranche apelidou-a de «La Folle du Logis», para exprimir a desordem que pode causar no domínio da razão. A sensibilidade é fonte onde se alimentam as paixões mais repugnantes e os sentimentos mais elevados. Cultivar a sensibilidade nas escolas é uma arte.

Lendo os romances de Camilo em globo, sem indicação nem escolha, os rapazes fazem da alma um campo próprio para se desenrolarem tempestades violentas. Um amigo meu da juventude confessou-me um dia que o seu maior prazer era fechar-se no quarto e passar horas a chorar com alguns personagens de Camilo. — Sabem tão bem, acentuava êle, as lágrimas que derramo! Camilo, portanto, tem de ser dado aos novos em dose cautelosa. Êle possue a par de grandes virtudes grandes perigos. É um autor passional, mas a sua concepção romântica, por vezes, duma intensidade trágica, é sempre desiquilibrada. E a escola o que pretende é dar á sensibilidade dos educandos equilíbrio e moderação. Além disso, uns estudantes não entendem muito de cousas de amor, outros estão na fase das primeiras impressões quando tudo se grava para sempre na alma.

Camilo é um autor muito subjectivo, fala de si em toda a parte, dando relêvo excessivo a tudo o que lhe diz respeito, procurando o sofrimento ás vezes mais imaginário

que real. Ora a escola, pelo contrário, tem de combater o egotismo.

Os personagens dos seus romances matam e matam-se freqüentemente. E isso não pode deixar de ser pernicioso para os corações moços. Apresenta-se também possuido da necrofilia, o que constitue lição funesta para a gente nova. Egas Monis na «Vida Sexual» tomou a sério essa má inclinação, baseando-se na história da «Maria do Adro» no livro «Duas horas de leitura» mas Maximiniano de Lemos que sabe muito bem da vida e das obras de Camilo, demonstrou nos Arquivos de Medicina Legal («As perversões do sentido genésico em Camilo»), que essa necrofilia era artificiosa.



CAMILO
SEGUNDO UM DELICADISSIMO DESENHO
DE CERVANTES DE HARO

Na prosa polémica Camilo é inexcedivel. Com trocadilhos de linguagem, deslealdades, argumentação de efeitos cómicos confunde e ridiculariza o adversário. Mas essa polémica do romantismo — pessoalissima — não se deve apresentar aos rapazes como modêlo de argumentação e discussão.

Há também injustiças nos seus livros — a sátira contínua aos Brasileiros que regressam a Portugal, o que faz que se julgue o Brasil atravez deles.

Mas o talento do professor de literatura está em saber formar com as obras dos escritores caracteres sãos e fortes que possam servir de baluarte a todas as emoções que ennegrecem o céu da mocidade. Para isso è preciso saber escolher o que o autor tem de bom para os rapazes. Não há livro algum donde não se possa tirar ensinamentos úteis.

Diderot escreveu: «não há livro nenhum bom para um parvo, mas também não há nenhum completamente mau para um homem de juizo».

Ora Camilo traçou pedaços literários impecáveis no conteúdo e na forma. Aparecem nos seus livros trechos em que êle atingiu o apogeu na expressão das ideias. Como mestre da lingua não pode deixar de ser aproveitado para o ensino. Serve para exemplificar a imensa variedade do léxico e da sintaxe e é um artista na descrição, principalmente da paisagem melancólica, como se pode ver na Samardã (S. Miguel de Seide).

Convém notar que êle não pratica a descrição como método pretendido literário, como peça obrigada dos seus romances, tal como fizeram os realistas que sobrecarregaram os seus livros de descrições.

Camilo também faz isso, no «Eusébio Macário» e nos «Vulcões de lama», mas sómente para satirizar os realistas.

De diálogos dá-nos exemplos admiráveis nas «Novelas do Minho». Quadros movimentados fá-los êle muito bem. São célebres «a morte do lobo» (Eusébio Macário) e a morte de «Zeferino das Lamelas» (Brasileira de Prazins).

É sem dúvida um verdadeiro missionário da boa linguagem, mas nem sempre os seus escritos distilam nos corações juvenis o perfume sàdio da moral. Ás vezes o ouro do seu génio brota-lhe da pena salpicado do lodo das paixões.

A título de exemplo apresentarei aqui alguns trechos mais recomendáveis para as escolas [1].

Os primeiros capítulos do conto «Morrer por capricho» das «Scenas Contemporâneas». «Aventuras dum boticário d'aldeia», conto engraçadissimo da mesma obra. O prólogo do romance «Onde está a felicidade». Admirável de ironia e de descritivo. O diálogo entre Simão Botelho e o ferrador João da Cruz do «Amor de Perdição». A scena da morte de João da Cruz do mesmo romance. Algumas páginas do romance «Coração, cabeça e estômago» onde há vida bem portuguesa, sàdia e positiva. «Duelo» — (capitulo XVI) e «Amor de família» — (capítulo XVII) das «Horas de Paz». Todo o romance «Queda dum Anjo». O capítulo VII do «Santo da Montanha» intitulado «A festa do Corpus Christi em Braga». O capítulo



TUGURIO DE MARIA MOYSÉS — «MARIA MOYSES» DAS «NOVELAS DO MINHO» DE CAMILO CASTELO BRANCO (AGUARELA DE A. GAMA), 1921

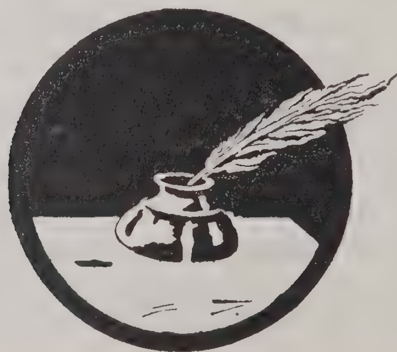
[1] As escolas, a que me refiro aqui, são as secundárias, pois nas Universidades todo o labor literário de Camilo merecia ser estudado com desenvolvimento e com carinho. A sua poderosa imaginação, a sua sensibilidade e, sobretudo, a sua linguagem podiam ser objecto dum curso muito interessante e muito vantajoso.

XV do «Retrato de Ricardina», «Como o sentimento de gratidão faz um tigre» admirável de descrição e de vida. Alguns capítulos do romancezinho «Maria Moisés» das «Novelas do Minho» (2.º volume). Vários capítulos, principalmente o V, do «Senhor Ministro» no I volume dos «Narcóticos». Vários capítulos da «Brasileira de Prazins» v. g., o VII e parte do XVI. O I capítulo e parte do IV do «Eusébio Macário». O comendador dos Serões de «S. Miguel de Seide» e o «Morgado de Fafe», comédia engraçadissima, etc., etc.

O estudo, pois, de Camilo tem de ser feito, quanto possivel, por excertos, embora a obra integral tenha também algumas vantagens para os novos. Assim, muitos conhecimentos de história são espalhados pelos seus livros — lições muito proveitosas para os estudantes. Luís de Almeida Braga quis ver na exposição histórica dos romances de Camilo um significado político — a apologia do tradicionalismo.

Em conclusão: Se Camilo fôr lido com cautela, com tacto pedagógico, com reflexão, esfôrço e talento, êle ensinará aos moços das escolas a sentir a natureza, a compôr um quadro, a enriquecer a sua palheta de côres, de expressões e de imagens pitorescas e ao mesmo tempo ajudará a talhar caracteres e a embelezar corações.

JOSÉ GUERREIRO MURTA

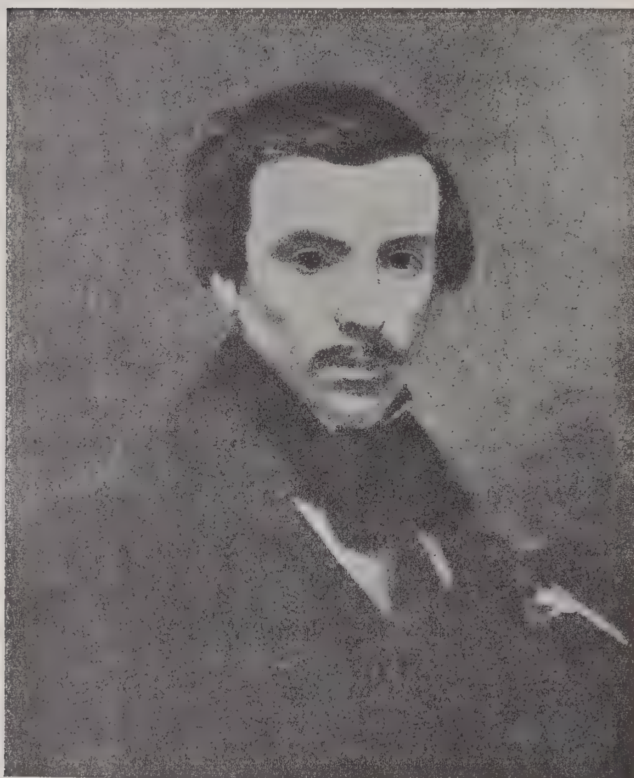





# O POLEMISTA

CAMILLO o portentoso! Em tudo o que a sua penna toca tudo transfigura, tudo engrandece, tudo agiganta. Faz jornalismo, faz poesia, faz theatro, faz religião, faz historia, faz genealogia, faz romance e faz polemica. D'essa penna de aço sahiu o riso, do sorriso á gargalhada; sahiu a lagrima, da que humedece as palpebras á que solta os diluvios da commoção. Sahiu o orgulho de muita gente e ao mesmo tempo tambem d'ella golfou, para muita gente, o cyclo ferreo de agonias sem nome. Porque se encararmos Camillo sob todos os seus aspectos não sabemos em qual d'elles maior o vejamos. Mas se, como tudo, elle foi enorme, como polemista elle foi um assombro. Camillo nasceu polemista porque nasceu brigão. Porradeava os adversarios a caneta quando os não podia esmocar a *casse-tête*. Á sua pimponice fisica succedeu a sua pimponice litteraria e ai do adversario que nos seus assomos de bilis elle topasse! Ai d'elle que quanta amargura a vida accumulava nos seus dias tanta elle

trasmudava em arrochada sangrenta, sanhudo e feroz, d'alto a baixo, escachando n'um pavor, demolindo n'um impeto, formidavel como um tufão, enorme como um genio mau sedento de vingança. A caneta na sua mão era ao mesmo tempo lódo do Minho e aço de Toledo. Como fueiro não ficava arcabouço de pé; como toledana não havia finta que não conhecesse, guarda que não parasse, sangue que ella não fizesse borbotar. Mas era tambem implacavel e piedoso, grande como um Deus impassivel, terno como um amigo leal. Viu-se esse velho formidando tomar os que se lhe chegavam em som de guerra e como o velho Quasimodo de *Notre-Dame* despir-lhes uma por uma as peças da armadura com que se mascaravam e depois arremessal-os fora desprezivamente. Uns esqueciam, outros volteavam no espaço e cahiam grotescamente agonisando em esgares com que a multidão gargalhava.



CAMILO (?) REPRODUÇÃO DE UM RETRATO PUBLICADO NO LIVRO «CAMILLO E CASTILHO», 1924

Camillo polemista dava um livro. D'esse livro se veria

o que ele era, uma especie de negus Menelick, ou uma sorte de gigante indomavel e invencivel que faz pagar com a casquinada de irrisão das multidões a audacia de o ter ido provocar ao seu covil.

*

* *

Muitas questões e polemicas teve Camillo pela vida fóra e não vale resenharmo-las todas porque os fieis do genio do mestre a todas teem ante os olhos pavidos ou deslumbrados. A Silva Pinto transmutou-o de molosso inimigo em cão de guarda; a Ayres de Gouveia amarrou-o ao pelourinho da *Queda de um Anjo;* á Rattazi de tal maneira a escorchou de lambada, a alfinetou de ironias, a informou de piparotes que a celebre princeza teve em Portugal o seu Waterloo. *Le Portugal a vol d'oiseau* transformou-o Camillo em *Portugal a vôo de passara* e não ficou pedra sobre pedra! Foi um alevante, uma fuga, um desastre, uma derrota. Foi um cataclysmo com o velho a rir-se, mostrando lá dos confins de Portugal o carão picado das bexigas, a grenha revolta,



D. ANA PLACIDO
SEGUNDO UMA AGUARELA DE C. SILVA

os dentes palidos do mascar da nicotina e o *cache-nez* amarfanhado de friorento! Pobre princeza que um bando de salistas apaparicou em banquetes e galanias! Pobre Rattazi desolada e desolativa!

Questões de interesses tambem elle as teve com Anselmo de Moraes e Lugan y Genelioux. A todos pôz o sal na



COMISSÃO PROMOTORA DA HOMENAGEM A CAMILO CASTELO BRANCO, EM SEIDE, NO ACTO DE SE LAVRAR A ESCRITURA DE COMPRA DAS RUINAS DA CASA DO ESCRITOR

moleira e a todos deixou mal-feridos. Mas as duas polemicas celebres foram com Alexandre Conceição que supportou rijamente os ataques e com o Dr. Avelino Calisto em soccorro de quem sahiu o Dr. José Maria Rodrigues. Viram-se azues, viram-se gregos porque Camillo já não era um homem, era um demonio e como demonio uma legião. O que isso foi está escripto e merece ser lido. Por ali se vê o

que elle foi, a sua grandesa, a enormidade do seu genio, a multipla pujança das suas faculdades de grande féra de ataque, que é ao mesmo tempo impetuosa como o tigre, paciente como a cobra, subtil como um veneno, catapultante como um ariete.

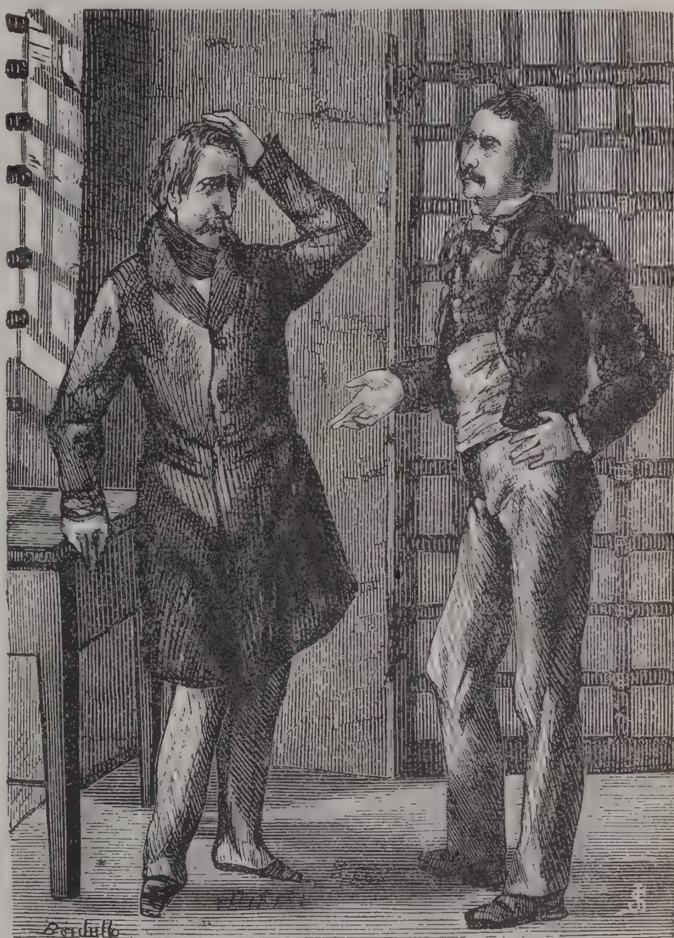


ILUSTRAÇÃO REPRODUZIDA DA PAG. 128 DO 2.º VOLUME DO ROMANCE «O DEMONIO DO OURO» — DESENHO DE RAFAEL BORDALO E GRAVURA EM MADEIRA DE SEVERINE

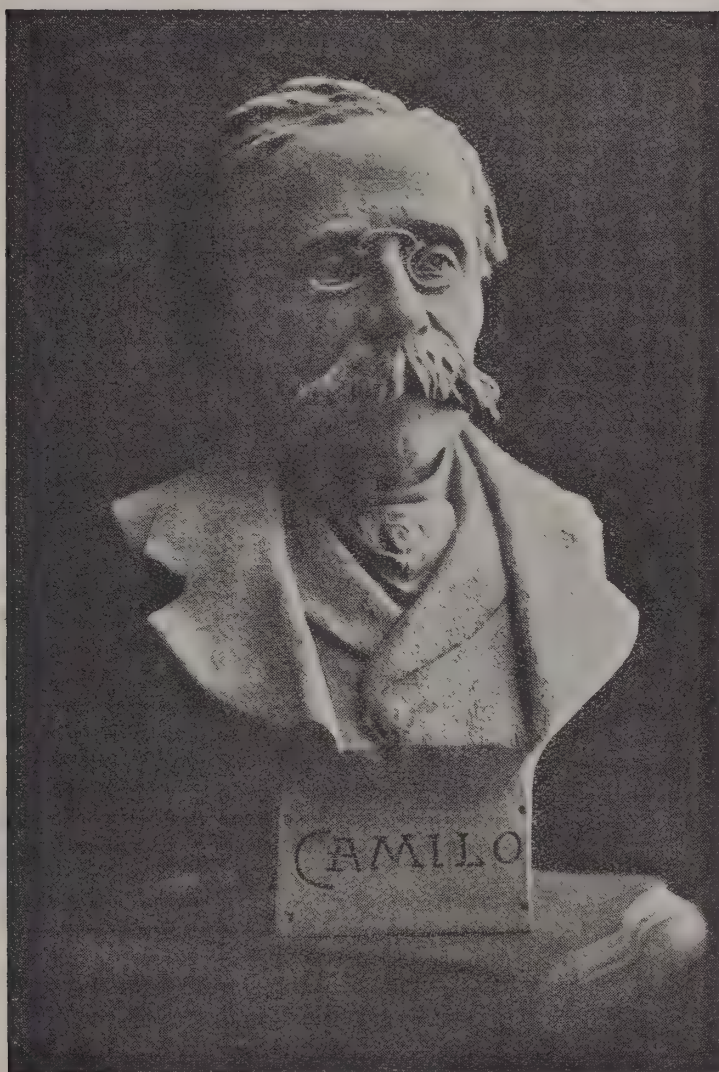
Das suas questões como a do Conde do Bolhão e a de Cypriano Jardim não se fala, mas a poeira de ataques que lhe surdiu a quando da publicação do *Cancioneiro* essa ficará na historia. A tareia em Marianno Pina, aquella fraze em que Thomaz filho *deputa e delega na bengala de Arthur a sua desforra,* os sopapos litterarios em Theofilo Braga, isso o torna a meus olhos um semi-Deus caprichoso e torvo cuja colera não era bom accordar sem projectos de suicidio. José Agostinho de Ma-

cedo que teve o genio da briga exercitou as unhas toda a sua vida e não agatanhava só, mordia, sovava. Camillo não foi o polemista politico e profissional como aquelle. Camillo pugnava para que lhe desempachassem o terreno recolhendo depois ao seu mosquiteiro a dormir o somno bem ganho.

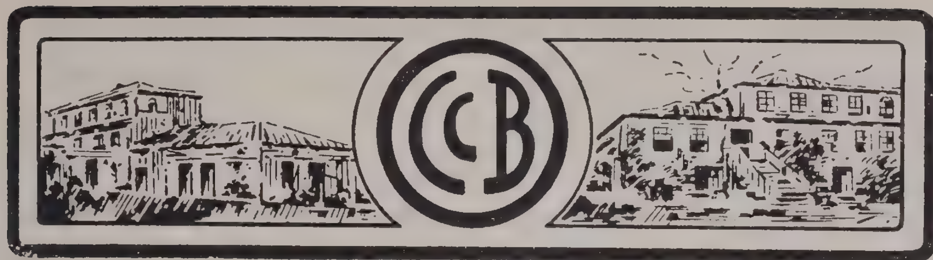
E um dia, farto, deitou-se a dormir e a dormir ainda está, alheio ao que por cá vae. Deixemol-o dormir, não torvelinhe ainda o seu genio em critica amarga e não tome o seu espirito á conta os tempos de agora, bem mais tristes, bem mais torvos do que os seus. É que isto de escriptores como elle liquidou com elle, e de polemistas como elle, olhando em roda, a não ser Ricardo Jorge e o velho Homem Christo, o primeiro mais Camillo e o segundo mais José Agostinho, não os vemos...

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO






BUSTO DE CAMILO DE MANUEL GUSTAVO
BORDALO PINHEIRO

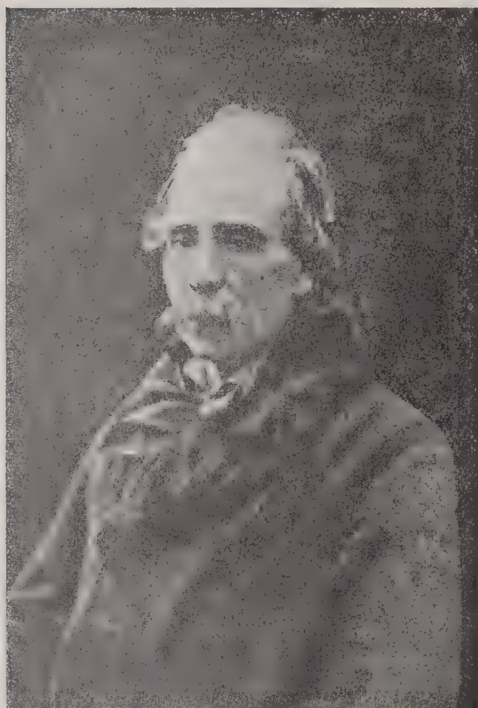


# NOTAS SOLTAS — VESPERAS DE BATALHA — UMA VISITA A SEIDE (1883)

## O DIARIO DE UM SUICIDA

QUARTA-FEIRA de Trevas: 21 de Março de 1883. Meu pai — o pai Ramos da tradição carinhosa dêsse Porto que tanto lhe quis e tanto o admirou — diz-me que irá no dia seguinte a S. Miguel de Seide falar com Camilo, e pergunta-me se eu o quero acompanhar. Aceito o convite com alvoroço. Eu era um rapazola, cursava na Universidade de Coimbra os estudos preparatórios para o que então se chamavam as armas scientificas. Achava-me no Porto a gozar as férias da Páscoa. No dia seguinte partimos para Seide. Eramos três: meu pai, director literario do « Primeiro de Janeiro », Joaquim Pacheco, um dos proprietarios do jornal e eu, que

não tinha a bem dizer qualidade alguma a declinar, senão a de aspirante de caçadores 9, terceiranista de Matematica e Filosofia e menos do que soldado raso das letras, nas quais apenas gatinhava. O meu alvoroço foi grande. Nunca serei por demais reconhecido a Deus por me ter concedido, á falta de outras prendas, a de admirar exaltadamente tudo o que se me afigura digno de admiração. Ora precisamente Camilo foi e é um dos vultos literários que mais teem empolgado o meu espirito, por êsse duplo condão das lágrimas e do riso que ele tem num grau e intensidade talvez não igualado por qualquer outro escritor do seu século. Mas qual era o fim da visita a Seide? No caminho conversou-se sobre o caso. Havia alguns dias que o Dr. Calixto, do alto da cadeira de Direito Eclesiastico Português fizera as mais graves referencias a Camilo a proposito do seu livro sobre o Marquês de Pombal.



REPRODUÇÃO DO ULTIMO RETRATO DE CAMILO — 1882

Pode julgar-se da violencia da acusação pelas palavras transcritas na sebenta, que mão anónima (sempre o ignominioso anónimo) enviou ao grande romancista. Com efeito, aí se fala abertamente da venalidade do escritor, repetindo uma atoarda, então corrente, na qual se insinuava

que o terrivel panfletário se vendera aos Jesuitas. Não trato aqui de saber se as palavras da sebenta eram na verdade a repetição textual das proferidas pelo catedrático. Nem isto me pareceu nunca bem apurado, embora creia que o Dr. Calixto atacasse o romancista e o fizesse vigorosamente, como estava no seu caracter combativo. Isto



CAMILO E O PROF. RICARDO JORGE
FOTOGRAFIA TIRADA NOS «ATELIERS» PERES & VERA, DO PORTO
REPRODUÇÃO DA FOTOGRAFIA VASQUES, DE LISBOA

digo (embora ninguem o ignore) por impressão directa, pois conheci muito bem o Dr. Calixto na casa em que primeiro me instalei quando fui para Coimbra. Como professor, dizia-se, que espantava os caloiros na cadeira de Filosofia do Direito, que pertencia ás disciplinas do 1.º ano, com algumas generalidades metafisicas e brilhantes que bebera em Ahrens e Jouffroy.

Mas aqui falo de outiva e por acidente.

Vou registando impressões sem, nem por sombras, reavivar ódios. Os contendores, com excepção de um, já morreram e com êles os ódios que se degladiaram e a que fui tão estranho que só os pude palpar de perto, graças a uma tentativa de conciliação de que fui testemunha, de todos ignorada, creio eu, e que falhou completamente.

Este Marquês de Pombal e os seus conhecidos adversários da Companhia de Jesus teem o dom de levantar, ainda hoje, a mais de um século de distancia, os mais encapelados temporais nos dominios da controversia. Para uns, o Marquês de Pombal foi um grande homem, só porque esmagou os jesuitas; para outros, foi precisamente este facto que o tornou abominavel.

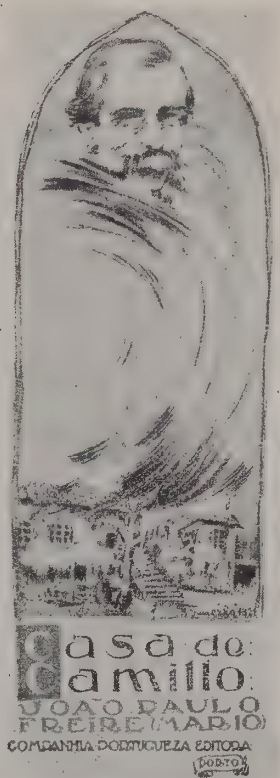
Quando Camilo apareceu com o seu libelo, logo os admiradores do Marquês espalharam que o escritor se vendera. Ora o romancista defendeu muitas vezes, os Jesuitas, mas tambem os não poupou nas suas invectivas, e feitas as contas, ninguem hoje acredita que ele se vendesse, e menos do que ninguem os que espalharam a noticia.

A leitura da sebenta, irritou profundamente o grande escritor, e irritaria qualquer outro de nervos menos excitaveis. Pegou na pena e escreveu para o «Primeiro de Janeiro» uma tremenda carta, que não sei onde pára, mas cujo final era (tanto quanto a memoria me permite reconstitui-lo a 41 anos de distancia) o seguinte: «e qualquer dia irei a Coimbra com um chicote estampar na cara do Dr. Calixto a única lição de honra que êle seja capaz de compreender e sentir».

Meu pai, que era a Senhora da Paz em pessoa, (quando o não faziam zangar) resolveu intervir imediatamente no caso. A carta não se publicaria no «Janeiro», mas era indispensavel ir dar uma explicação a Camilo e desviar o raio. Tal o motivo da visita a Seide.

Chegámos á pitoresca vivenda do escritor, seriam 9 para as 10 horas da manhã. O aldeão a quem nos dirigimos para nos certificarmos da residencia do escritor, referiu-se ao terrivel polemista empregando o diminutivo.

Que era efectivamente aquela a casa do Senhor Camilinho.



CAPA DO LIVRO «CASA DE CAMILO» DE JOÃO PAULO FREIRE (MARIO)

Ninguem é grande para o seu creado de quarto, observou um dia, segundo uma cristalisada tradição, o mais magnificente dos reis franceses. A vizinhança humanisa as proporções. Entramos numa pequena sala mobilada com simplicidade, mas a que não faltava um certo cunho de distinção. Algumas cadeiras, um canapé, um tapete de pele de tigre, estantes com livros. O grande homem não se fez esperar. Entrou, apoiando-se a um bengalão, o andar pouco firme, cabeleira grisalha, o seu casacão de gola de peliça, fisionomia avelhentada e atormentada. Tirou o seu boné e cumprimentou-nos. Pareceu-me um velho á beira dos oitenta.

Tinha 58 anos. Conversou-se sobre o caso. Pouco intervi na conversa, onde não era chamado. Falei de Coimbra e do Dr. Calixto e propus o alvitre de uma carta ao professor, perguntando-lhe se eram realmente suas as palavras registadas na sebenta. Podia ser que não fossem e tambem era possivel que o sebenteiro, não sendo provavelmente um taquigrafo, tivesse deformado involuntariamente os dizeres do catedrático.

— E se êle me não responder? Pergunta vivamente Camilo.

— V. Ex.ª então, procederá como entender, observou um dos circunstantes, não sei bem qual. Almoçamos naquela mesma sala.

Camilo ofereceu *brevas* aos visitantes. Quando chegou a minha altura, declinei o oferecimento. Nunca tinha fumado na presença de meu pai. Camilo insistiu, alegou a minha qualidade de académico, meu pai acedeu e eu fumei. Lembro-me muito bem, que á despedida Camilo me atafulhou os bolsos com *brevas,* que eu distribui no Porto aos meus amigos como trofeus, fazendo grande alarde da procedencia. Eram charutos do Camilo!

Nascido entre livros, creado entre livros, no meio de jornalistas e homens de letras, acordei muito cedo para o amor dos livros, para o vicio dos livros. Ao retirar-me exprimi a Camilo o desejo de levar de S. Miguel de Seide um livro seu.

— Qual prefere?

— O que V. Ex.ª escolher.

E deu-me um exemplar encadernado dos «Narcóticos» com uma dedicatoria do seu punho e a data de 22 de Março de 1883. No dia seguinte, como se pode ler na «Bohemia do Espirito», Camilo escrevia ao Dr. Calixto, que não respondeu. Este silencio explica-se. A situação do Dr. Calixto era dificil. Ele não era creatura que repudiasse as suas responsabilidades ou coisa que o parecesse e não esteve para se incomodar a assumi-las por escrito. O romancista faria o que quisesse. O repto estava lançado. A campanha ia romper.

No diminuto espólio epistolar de meu Pai, onde figuram cartas do Visconde de Ouguela, Teixeira de Queiroz (Bento Moreno), Júlio Lourenço Pinto, Oliveira Martins, D. António da Costa, Manuel Duarte de Almeida, Guilherme de Aze-

vedo, Luiz de Andrade (Júlio Verim), Sousa Viterbo, Tomás Bastos, José Caldas, António Cândido e Padre Mendes, um grande jornalista ignorado, encontrei tambêm sete cartas de Camilo sendo uma dirigida ao «Primeiro de Janeiro» e as outras seis a João Ramos. Falta ahi a última que o grande romancista escreveu a meu Pai em trinta de Maio de 1890, isto é, na ante-véspera do suicídio. Esta deve considerar-se a última carta de Camilo, até prova em contrário. O meu ilustre Amigo senhor José de Azevedo e Menezes, da casa do Vinhal, familiar e admirador fervoroso do insigne escritor tem a êste respeito a mesma convicção que eu tenho. Esta carta cujo tom é um dobre de finados, foi já publicada, no «Romance do Romancista».




REPRODUÇÃO DA CAPA
DE UM DOS ROMANCES DE CAMILO

Das seis cartas dirigidas a meu Pai (e de que brevemente espero fazer uma edição íntima), a terceira na ordem cronológica refere-se à questão da Sebenta e nela se leem estas palavras: «Li o folheto que devo à sua dedicação. Foi o único que recebi. Aquillo é deploravel, mas tem resposta. O theologo tambem me não merece menos attenção». A alusão ao folheto do Dr. Calixto e a intenção de uma resposta ao meu velho e erudito Amigo Dr. José Maria Rodrigues são aqui manifestas. O passo que transcrevo não traz elementos novos

para a história da famosa polémica e se o registo é apenas a titulo de inventário, e porque não contém qualquer ofensa pessoal, embora o azedume transpareça.

A carta começa nestes termos: «Duas linhas porque estou bastante incommodado, e mal vejo o que escrevo». As referências aos seus males dariam na obra extensíssima do escritor para uma selecta da dor, uma verdadeira ladaínha de jeremíadas, um «Livro de Lazaro» não menos pungente que o do maravilhoso poeta do «Intermezzo».

Balisemos apenas, e um tanto ao acaso, alguns passos desta «via dolorosa».

Já nas «Vinte horas de liteira», em 1864, se refere á necessidade de atenuar a luz para escrever, por não poder suportar a radiação forte do sol. Na «Correspondencia epistolar» (1874), em carta a Vieira de Castro que, como se sabe, morreu em Outubro de 1872, dizia êle: «não posso trabalhar, e dificilmente entendo o que leio, quando os olhos se não esquivam», e noutro passo: «Os olhos não me deixam escrever, filho. Estão afogados em lágrimas, mas olha que são da ophtalmia».

Em 1880 em carta a Silva Pinto: «Eu, mal de tudo, e principalmente dos olhos. Vejo só com um, para não ver tudo duplicado. Absurdos de optica». Em Outubro de 1881, ainda a Silva Pinto «Desconfio que vou ficar cego. Ha muitos dias que nem ler posso». Neste mesmo ano e ao mesmo escritor repetem-se os queixumes sôbre a diplopia que, presumo, será pior coisa do que a cegueira. Ao Dr. Tomás de Carvalho em 1887: «Dou-te a triste nova de que estou sofrendo uma ambliopia, precursora da cegueira. Antes da catastrofe tenciono transferir-me para outro planeta». A ideia do suicidio é aqui bem manifesta.

A João de Deus, alguns dias depois: «estou quasi cego,

paralitico». Registe-se, ainda que de fugida, o diagnóstico de Júlio Denis em 1869 a respeito de uma suposta doença de espinha medular que o autor das «Pupilas» fixou com rara penetração: «O homem está realmente muito escavacado», comenta na carta a Custódio Passos.

A precocidade dêste diagnóstico pô-la em evidência o meu eminente amigo Dr. Egas Moniz no seu belo e documentadíssimo estudo sôbre o iniciador, entre nós, do romance de observação. O telegrama ao Padre Sebastião de Vasconcelos em 1888 marca um momento de crise: o doente descrê da sciência e apela para Deus. De uma carta sem data (1888?) a Freitas Fortuna: «Assevero-lhe que não cegarei completamente; e o mais é que o próprio medico aprova a minha resolução do suicidio, dada a catástrofe». A obsecção do suicídio volta mais acentuada ainda do que nas palavras a Tomás de



REPRODUÇÃO DE UM DESENHO (NÃO ASSINADO) PUBLICADO NA OBRA «UM LIVRO», DE CAMILO, 1908

Carvalho, e ao editor Costa Santos a quem já dizia em 1886: «não quero nem posso viver mais».

O desenlace trágico aproxima-se. O recurso desesperado à Sciência reaparece na comovente carta ao Dr. Edmundo Machado. O clínico aveirense não pode abandonar a sua clínica e deseja um relatório da doença. Este relatório oferece dificuldades. Só um interrogatório directo poderá orientar o médico sôbre a evolução duma doença que afligia o escritor «há 40 anos». A angustia de Camilo não comporta dilacções, o que determina a carta a Melo Freitas, de 26 de Maio, solicitando a sua intervenção para alcançar a vinda do Dr. Machado a Seide. O desejo do escritor é satisfeito. A 30 Camilo telegrafa a Melo Freitas: «Bem haja pelas suas cartas». E' do mesmo dia a carta a meu Pai que saiu no «Primeiro de Janeiro» e foí transcrita no «Romance do Romancista», como já dissémos. Camilo declara, n'essa carta, finda a sua carreira literaria desde que aceitou uma pensão do Estado.

No dia 1 de junho, pelas 11 da manhã o Dr. Machado chega a Seide. O clínico deixa transparecer levemente a sua limitada confiança na cura e acaba por aconselhar o escritor a ir para o Gerez onde a Viscondessa de Correia Botelho poderá encontrar algum alívio para o seu fígado arruinado.

Não era necessário ter a inteligência de Camilo para compreender o significado desta diversão. O médico despede-se e mal chegado ao pátio ouve-se uma detonação... Eram 3 horas e 15 minutos. A's 5 horas o romancista expirava.

Não faltou, mesmo entre os seus íntimos, quem julgasse que o escritor não realisaria um propósito de que falava com tanta frequência. Em 1887 escrevia a Martins Sarmento: «Eu bem queria poupar-me ao sacrifício, mas desde

os 18 anos que presinto a necessidade desta evasiva, sem me lembrar que a cegueira seria o impulso justificadissimo da catastrofe».

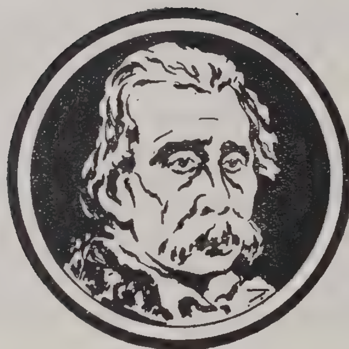



REPRODUÇÃO D'UM CARTAZ ANUNCIADOR DO « FILM »
« AMOR DE PERDIÇÃO »

A ideia terrível mináva-lhe o espírito, por uma erosão lenta e sem tréguas havia quási 50 anos. Os cegos não costumam suicidar-se, segundo afirma um cego ilustre que é um pensador e um escritor eminente da França contemporânea. Devo observar que para Velley não há cegos senão os de nascença, porque só esses teem a mentalidade, por assim dizer profissional da sua condição. Mas para mim a cegueira foi, em Camilo mais o pretexto do que a causa da sua resolução. Camilo sofria do mal romântico e foi um dos

mais acabados exemplares do genero. O suicídio era para os homens desta espécie quási um artigo de programa. O freirático, o espadachim, o janota em cuja prodigiosa existência lampejam, por vezes, os rasgos aventurosos, à Casanova, caminhava para o suicídio desde os 18 anos quando a primeira grande crise sentimental salteou em plena adolescência o homem em cujas veias estuava o sangue exaltado de Simão Botelho.

MANUEL RAMOS





# O GÉNIO DE CAMILO

A definição do génio de Camilo nas suas manifestações tão desencontradas como variadíssimas, só nos será dada pelo estudo psicológico da hereditariedade do escritor. Não se trata, evidentemente, de resuscitar os velhos processos lombrosianos, nem de ver em toda a admiravel fulguração literaria do grande romancista o final iniludivel duma longa descendencia de desequilibrados. Passaram os tempos em que as esfinges inexoraveis do determinismo pesavam despoticamente nos rumos do destino humano! Contra esse falso

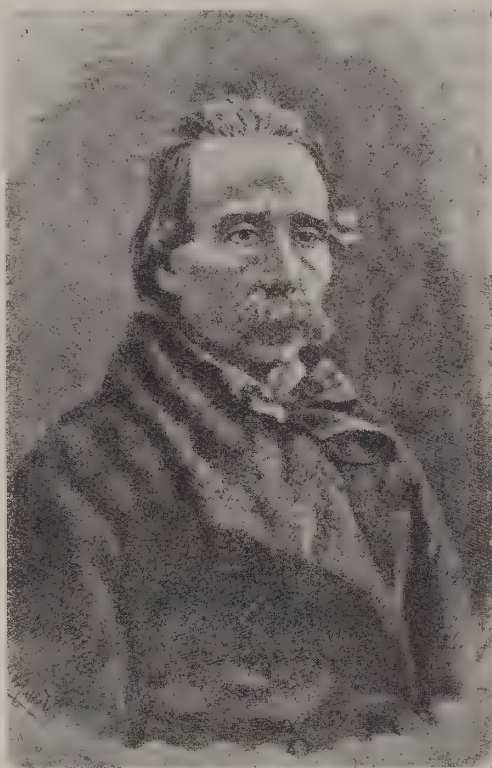


REPRODUÇÃO DE UM RETRATO DO DR. ANTONIO SARDINHA

dogma scientifico, que inspirou as brutalidades incomparaveis de Zola, se insurgiu nobremente o pensamento moderno no seu esplendido volume, *L'hérédo,* espécie de breviario laico da saude da alma, no qual com firmeza declara Léon Daudet que «*la personnalité humaine tend à se realiser pleinement au cours de la vie et à échapper à la servitude héréditaire*». Mas, se não cuidarmos de reincidir no pleito de Lombroso, não podemos alhear-nos da importancia que em Camilo nos oferece a sua ancestralidade. Tema para vastas meditações, aí se condensa o fundo misterioso e abundante em que a forte individualidade de Camilo mergulha as suas raizes.

Camilo, na sua espontaneidade fecundissima, foi sempre governado por uma «disputa de mortos» como certamente diria Léon Daudet. Na verdade, se considerarmos a obra literaria dêsse escritor como a libertação das imagens ancestrais que lhe povôam o sub-consciente, Camilo Castelo-Branco aparece-nos como da estirpe dos Shakspeare e dos Balzac. Mais dos Balzac que dos Shakspeares. Porque se Camilo escolheu, como Balzac, para a libertação dos seus demonios interiores, a forma de romance, é porque palpitava nele, como no autor formidavel de *La comédie humaine*, «um historiador poderoso e profundo, ainda que difuso». Como Shakspeare, Balzac é para Léon Daudet um acumulador — o acumulador prodigioso duma multidão de antepassados. Balzac descobre-se-nos, efectivamente, como «*un de ces privilégiés, ou un de ces damnés — c'est au point de vue humain presque la même chose — qui en proie à une foule intérieure, à vingt reviviscences, au mystère continuel de l'autofécondation, se délivrent de leurs héredismes par la création littéraire*». Ocupando na nossa literatura uma posição que o aproxima de Balzac, é assim que Camilo se apresenta ás reflexões da critica que o deseje ser.

De certo modo, ele proprio o sentia, ao confessar-nos num raro momento de exasperação! — « *Vou ao jazigo das minhas illusões, exhumo os esqueletos, visto-os de truões, de principes, de desembargadores, de meninas poeticas à semelhança das que eu vi, quando a poesia era o aroma dos seus altares. Visto-me tambem das côres prismaticas dos vinte annos, aperto a alma com as garras da saudade até que ella chore abraçada ao que fui. E depois, neste festim de modas, conversamos todos; e eu, no alto silencio da noite, escrevo as nossas palestras* ». Tal é o teatro intimo a que Camilo assiste a cada hora, chorando e rindo, dentro de si, — dentro da sua caudalosa personalidade. Em tantas queixas de paixão dolorida, em tantas rixas ensanguentadas de familia, o trama corrente das novelas de Camilo não ultrapassa os horizontes atavicos em que a arvore genealogica do escritor se desenvolveu e bracejou. Trabalhos recentes avivaram para nós essa linhagem irrequieta de inadaptados que são os ascendentes de Camilo, cheios de tatuagens sociais e morais, a que não faltava nem a nota infamante do judaismo. Não me parece ser outro o motivo porque Camilo, na mesma convergencia de qualidades

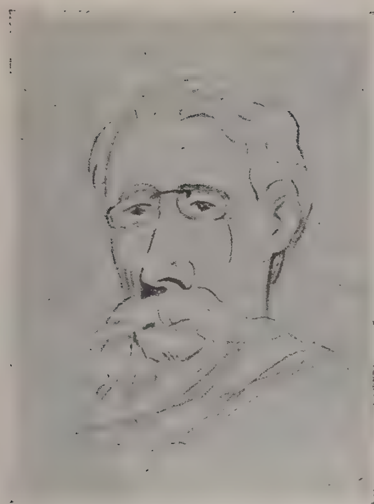


CAMILO — DESENHO DE MANUEL DE MACEDO
GRAVURA EM MADEIRA DE CAETANO ALBERTO

e de situações, não nos deixou a obra legada por Balzac, — seu irmão na chispa e na riqueza inexgotavel do genio. Balzac recebera dos seus antepassados uma esplendida vaidade psíquica, que se reflecte ao longo dos propósitos constructivos de todo o seu activissimo labor de romancista. Por isso Balzac, se antecipou ao seu seculo, atingindo nos seus romances as conclusões contra-revolucionarias que são hoje a mais bela conquista da inteligencia contemporânea.

Colocado igualmente na transição do regimen tradicional para a sociedade saida do liberalismo, se Camilo fixou os tipos immorredoiros desse conflicto de ideias e de instintos irreconciliavelmente adversos, não poude, no entanto, elevar-se à altura de serenidade superior em que Balzac se refugiou. Havia em Camilo, como em Balzac, um intenso sentido da historia. Mas Camilo sofria, tanto na sua inteligencia como na sua sensibilidade, as consequencias do duelo que nele travavam incessantemente duas hereditariedades hostis. De livro para livro, quando não de pagina para pagina, a luta acentua-se entre o Camilo regido por avós bem plantados no coração eterno da patria, — e o Camilo sacudido, num sabbat violento, pela constante intervenção da sua ancestralidade israelita. Não devemos atribuir a outros factores a mobilidade excessiva dos juizos de Camilo, — a fraqueza em mais dum lance do seu caracter, o aflorar de desejos depressivos, ao lado de altissimas scintilações de espirito, onde não é raro brilhar a ansia mística da Cruz.

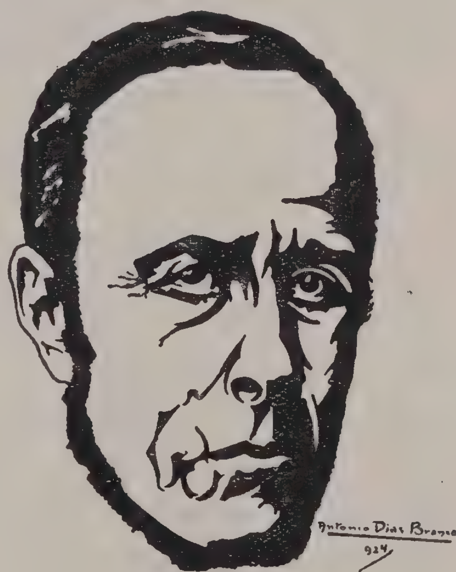
No excelente trabalho sobre Camilo, o senhor Paulo Osorio chama já com agudeza a nossa atenção para a influencia que o atavismo hebraico exerceria em Camilo, — não em Camilo como escritor, mas em Camilo-homem, — no doente, no desequilibrado, se me permitem. Resente-se a monografia do senhor Paulo Osório da sugestão erronea das teorias



CAMILO SEGUNDO UM DESENHO DE GABRIEL FERREIRA LIMA

de Lombroso. O seu ponto de vista critico, aceitando como definitivos os conceitos medico-psiquicos dos fins do seculo passado, não poderá prevalecer inteiramente.

É-nos, contudo, agradavel assinalar que até agora, no choramingado camilianismo oficial dos nossos plumitivos, não se conhece nada que se lhe iguale pela amplitude que restituiu à figura de Camilo, de todo deprimida na admiração quantitativa dos bibliofilos de profissão. Ha exageros no livro do senhor Paulo Osorio, prejudicado pelo excessivo espirito clinico com que por vezes encara a psicologia atormentada de Camilo. Mas ninguem negará que os termos do problema se encontram ali esmiùçados e classificados com perfeita e metódica segurança. Assim, um dos elementos em que o senhor Paulo Osorio insiste como predominante na determinação do temperamento de Camilo é esse do judaismo da parte dos antepassados do romancista.



MÁSCARA DE ALEXANDRE HERCULANO
DESENHO DE ANTONIO DIAS BRANCO

Não ignorava Camilo as afinidades que o prendiam a Israel. Salienta-se

sempre na sua pena a proposito do minimo pretexto uma defesa apaixonada dos judeus.

No conhecidissimo trecho «*O jazigo de A. Herculano*» da *Bohemia do espirito*, referindo uma pagina de memorias familiares, Camilo observa: — «Conjecturando, pois, que os ossos de A. Herculano esperam a resurreição da carne, de camaradagem com meu terceiro avô Domingos Correia Botelho, sinto extraordinaria alegria, antevendo o meu antepassado, evidentemente um pouco analfabeto, ao lado do primeiro historiador da Peninsula, no dia de Juizo universal!». E acrescendo imediatamente: — «Por outro lado, contrista-me a idéa de que A. Herculano, na congregação cosmopolita de Josaphat... sentirá pejo de se ver ao lado de uns companheiros de jazigo que fôram infamados de judeus. Por que meu tio bisavô José Luis Correia Botelho *(horresco referens)* quando professou na ordem de Christo em 1778, viu-se em pancas para contraditar as testemunhas do inquerito que uniformemente asseveravam ser elle terceiro neto do cavalleiro de S. Thiago, Martim Machado Botelho e da judia de Villa-Real, Rachel Mendes. Ora eu, acreditando por justos motivos que as testemunhas, todas fidalgas de Villa-Real, juravam a pura verdade, presumo piedosamente que a veneranda viuva de A. Herculano e os seus amigos, por ignorancia, collocaram em pessima companhia os ossos do plangente cantor da Paixão de Jesus de Gallilea, crucificado pelos judeus».

Fala Camilo a seguir dum artigo de D. Guiomar Torresão, em que se descreve uma visita a Val-de-Lobos e ao jazigo no adro da igreja de Azoia, em que Alexandre Herculano repousou até á sua trasladação para os Jerónimos. Nesse artigo afirmam-se as crenças de Alexandre Herculano pelos sinais religiosos, que a visitante encontrou na velha quinta habitada pelo historiador. A par de D. Guiomar Torresão, Camilo evoca o testemunho de Oliveira Martins



A DOIDA DO CANDAL — ESTUDO DE SAAVEDRA MACHADO

no *Portugal contemporaneo* naquele ponto em que se consigna que «deus era para Herculano o deus christão». E Camilo conclue: — «Pois, não obstante a capella e as imagens idolatricas dos santos em altares ricamente ornamentados — tanto monta que sejam bellas esculpturas como grosseiros manipansos — a minha razão, reagindo aos escrupulos, suggere-me que Alexandre Herculano, o incomparavel auctor da *Origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, — elle que nos fez chorar sobre a sorte desastrosa dos hebreus — não se envergonharia de resurgir da sua primeira para a segunda immortalidade entre os obscuros e malsinados descendentes de Rachel Mendes, a judia, por alcunha a *Barbuda*, minha 5.ª avó».

Essa quinta avó de Camilo não se chamava, afinal, Raquel, e sim Isabel Mendes do Rocio. Dela, sendo solteira, nascera o marchante Lazaro da Costa, de quem o escritor, apesar das suas veleidades nobiliarquicas, descendia por direita linha. O judaismo de Isabel Mendes do Rocio não se acha comprovado, porque alem de ser irmã de varios sacerdotes, foi avó do padre Manuel Lourenço, escrivão dos livros de fiador da camara eclesiastica de Vila-Real e ordenado em 1690. Agora, se remontarmos mais alto, é que vamos deparar com costela denunciadamente suspeita em Martinho Machado Pinto, pai presumivel do marchante Lazaro da Costa.

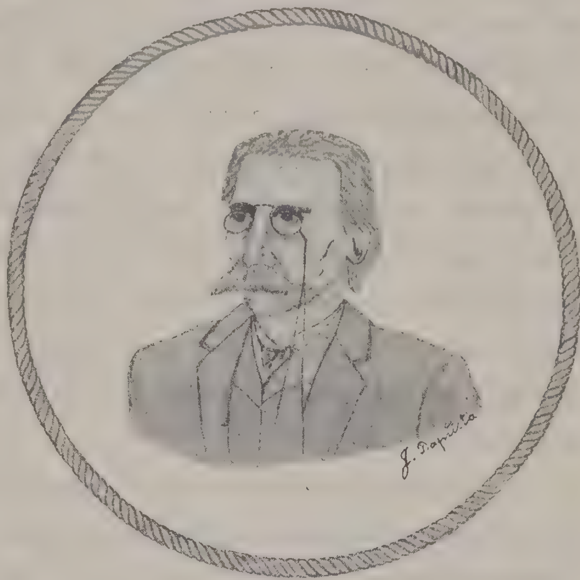
Era Martinho Machado Pinto cavaleiro de Santiago e tivera por progenitores a Domingos Rodrigues Pinto e a Isabel Machado. De baixo nascimento, Domingos Rodrigues Pinto, vulgo o *Marvão*, elevou-se da sua pequena situação de tendeiro por serviços prestados na restauração do reino em 1640. Sua mulher, Isabel Machado, da casa e quinta de Silvela possuia parentes clerigos e afazendados. A alcunha de «Marvão» aposta ao tendeiro Domingos Rodrigues Pinto

indica-nos procedencia hebraica, como acertadamente observa o senhor Pedro de Azevedo. E', pelo menos, o que se infere da habilitação para o Santo Oficio de Francisco Machado Botelho, filho, mas este legitimo, de Martinho Machado Pinto.

Quando José Luiz Correia Botelho, tio-bisavô de Camilo, pretendeu ingressar na ordem de Christo, levantou-se-lhe o obstaculo da impureza de sangue. Neto do marchante Lazaro da Costa por ser filho do picheleiro e vendedor ambulante Domingos Correia Botelho, no processo respectivo viu José Luiz Correia Botelho espalharem-se todas as mazelas da sua estirpe. Confessa durante as inquirições uma testemunha, que Domingos Correia Botelho «*padecia a infamia de ser infamado de christão novo, mas não sabe se esta infamia lhe vinha por parte de seu pai Lazaro da Costa ou de sua mulher Francisca Mendes*». Outra testemunha declara «*que Lazaro da Costa hera infamado de christão novo, cuja fama lhe vinha dos chamados por alcunha «Os Barbados do Assougue*». A Mesa (de Consciencia e Ordens), — esclarece o senhor Pedro de Azevedo — aceitou a suspeição e ordenou investigações sobre a *christanovice* de Lazaro, em virtude de que eram argumentos mais moraes que positivos, ella illibou a fama dos descendentes de Lazaro de semelhante macula. Efectivamente, tendo sido o pretenso pai de Lazaro cavalleiro de S. Tiago e sua mãe avó de um eclesiastico, não era logico que o sangue hebraico corresse nas veias daquelle. Mal sabiam porem, os acusadores de que o pai do cavalleiro de S. Tiago não era de tão limpo sangue, no bem fundado dizer do povo, como os seus descendentes pretendiam».

Mas, já tão adubada de cal e remida, a descendencia de Lazaro da Costa engrossaria o seu judaismo estrutural pelo casamento de Manuel Correia Botelho, bisavô de Camilo e

irmão de José Luiz, o Cavaleiro de Christo, com D. Luiza Maria de Menezes, ou D. Maria Luiza de Magalhães Menezes, ou ainda D. Maria de Carvalho Menezes, filha de Francisco Martins Menezes e de Luiza Rebelo, ambos de Vila-Real, christãos-novos e moradores na rua de Santa Margarida. Averigua-se e comprova-se assim a ancestralidade hebraica de Camilo, de que o escritor possuia completa consciencia, como o verificamos pela transcrição da *Bohemia do espirito*. Facilmente se explica já como Camilo era levado, sempre que a sua pena raspasse de leve pelos judeus, ao seu natural panegirico.



UM CURIOSISSIMO EXEMPLAR DE ICONOGRAFIA POPULAR — CAMILO DESENHADO PELO OPERARIO DO ARSENAL DE MARINHA J. BAPTISTA — DA CAMILIANA DE ALVARO NEVES

É esse um dos aspectos mais vincados da sua obra longa e tão enxameada de verdadeiras scintilações de portuguesismo. No gosto que atraia Camilo irresistivelmente para as questões e assuntos de historia, ele que tão nacionalisado se manifestava no demais, não lhe estranhemos por isso a sua constante insurreição contra a composição catolica e monarquica da nossa sociedade tradicional.

No fundo, os avós, marcados pelo stigma da raça, faziam de Camilo um permanente inadaptado, abrindo um conflicto violento com os outros, — com os avós, agrarios

ou maritimos, mas enraizados, mas autóctones, de que a hereditariedade de Camilo estava igualmente cheia.

Em tão doloroso e emaranhado dualismo reside a explicação do genio de Camilo. Atento com um notavel cuidado critico ao exame dos antecedentes do escritor, o senhor Paulo Osorio filia no atavismo hebraico de Camilo a sua inquietação nervosa, — a alma mórbida que, se o conduziu a ele á chama doirada da criação genial, atirou com tantos da sua carne, — a uns para o crime passional, a outros para a cegueira dantesca da loucura. Indubitavelmente, as familias de origem israelita oferecem ás estatisticas uma percentagem notável de doidos e de neurastenicos, comparadas com as familias de outra extracção etnica. A nevrose, que na gente de Camilo nos aparece vinculada como um patrimonio familiar, não derivará, provavelmente, de razões diferentes.

É preciso considerar, no entanto, que as regras sociaes e moraes da Igreja mais observadas retraiem então consideravelmente o campo e a acção das psicoses desenvolvidas depois pelo desvario romantico; desde o terreno de patetica ao de pura agitação sentimental, duma maneira quasi incalculavel. E posto isto, não tenho tambem, como saida de agentes diversos, — que não sejam os engendrados pelo peso do stigma hebraico, — a nevrose que acidenta em episodios desencontrados a cadeia genealogica do bastardo de Martinho Machado Pinto, — esse Lazaro da Costa, pertencente em Vila-Real aos «Barbados do Assougue».

O que se me afigura, porém, de necessidade salientar, é que, ao encarar-se a personalidade de Camilo através de semelhante criterio, se confunde ordinariamente a *causa* com o *efeito*. De facto, não é a nevrose, que fere em Camilo a instabilidade constante e as constantes alterações da sua movimentada psicologia. É antes o choque de duas forças

atávicas hostis — que provoca no sub-consciente do escritor — no *moi*, diria Daudet, o desarranjo das imagens, a contradição dos sentimentos, a versatilidade extrema das simpatias e das inclinações, originando a nevrose. Caimos assim na tese de Léon Daudet, no *l'Hérédo*.

Para Daudet, — e a experiencia psicológica demonstra-o largamente — a personalidade humana é composta de dois elementos concorrentes e na maioria dos casos antagónicos: — o *moi* e o *soi*. O *moi* expressa-se no conjunto, tanto fisico, como moral, dos nossos antecedentes hereditarios, enquanto o *soi*, constituindo a essencia propria da nossa individualidade se define, pelo que de original e novo a consciencia e a vontade conseguem extrair das transmissões comunicadas pelo *moi*. Camilo é, na exemplificação desta teoria um *soi* em perpetuo naufragio perante os embates ruidosos do seu *moi* revolto e desordenado. Os mortos mandavam nele com um imperio cego, em vez dele mandar nos seus mortos, e de os tornar em agentes doceis e cumplices do seu ennegrecimento psicológico. Habitado permanentemente por hospedes inquietos e traiçoeiros, dessa luta, desse duelo inconciliavel saiu a obra literaria do grande romancista. «*L'œuvre d'art est souvent un effort personnel de l'individu, en vue de se délivrer de la foule des personnages qui le hantent, empruntés à son ascendance*», — insiste Léon Daudet. Era o que por outras palavras dizia Ibsen — «Escrever é dar liberdade aos demónios que moram nas celulas secretas do nosso espirito».

«*Comment voulez-vous que j'aie le temps d'observer, mon cher ami?*» preguntava Balzac a Raymond Brücker. «*J'ai à peine celui d'écrire*». Apesar da sua preocupação em «observar» («Estou apto para trasladar o que vi e vejo; sem pedir emprestado á imaginativa o que a natureza me não dá» declara ele no prefacio de *A filha do Doutor Negro)*,

Camilo podia fazer seu o desabafo de Balzac a Raymond Brücker. «Disse Armand Carrel que a vida de um grande escritor, — discorre o senhor Paulo Osorio —, é o melhor comentario das suas obras, a explicação e, por assim dizer, a historia do seu talento. A ninguem, melhor que a esse desgraçado e grande Camillo se pode, com justeza, applicar o conceito, de tal modo os multiplices incidentes da sua vida acidentada influiram na génese da sua obra, quer indirectamente originando os estados de espirito que deram terreno ás suas creações, quer d'um modo directo sugerindo assuntos que a sua fantasia exuberante depois romantizou. E, assim, essa obra saiu irregular, desordenada, desigual, por vezes até incoherente, como irregular, desordenada, desigual e incoherente foi a vida do grande artista que a creou. É o psicopata a revelar-se a cada pagina: aqui, atirando para os olhos do publico a sua propria vida, no que ela tem de mais secreto e de mais intimo; além, repudiando opiniões na vespera defendidas, com a mesma convicção e o mesmo ardor; ora fazendo da pena um instrumento de vindicta, numa arremetida indómita de orgulho que se não deixa impunemente maguar; ora procurando no leitor o confidente das suas horas de desalento e extrema angustia; esgrimindo hoje contra a palha d'uns monos, na ilusão megalomana de que por trás d'ela existe a cota d'armas de mercadores dignos d'ele; acumulando amanhã provas contra uma dinastia, pela vaga suspeição de que o representante da linhagem poluída lhe não quer dar um titulo; umas vezes, escalpelizando com o bisturi do sarcasmo, amorosamente, cruelmente deliciado, como uma fera do Santo Oficio a comandar uma tortura; outras vezes, arrancando da vida real os personagens dos seus livros para os exalçar aos extremos romanticos, do amor, da abnegação e da ventura, por onde se librava, nas horas calmas, a fantasia alada

do seu sonho». Tal é Camilo, na verdade, reflectindo espantosamente na sua ondulação sentimental o fluxo e o refluxo hereditario, de que reproduz o côro dissonante e alucinado. Compreende-se assim que ele, improvisando aos galões, quasi sem fôlego para respirar, não faça mais que dar expansão ao tumulto ancestral em que dentro dele as formas já vividas do seu atavismo se debatem, extorcionam e gritam.

*Leituras para Caminhos de Ferro*

A PRAGA ROGADA

NAS

ESCADAS DA FORCA

ROMANCE

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

PREÇO ENCADERNADO *700 reis*



PREÇO BROCHADO *600 reis*

LIVRARIA PORTUGUEZA — EDITORA

DE

JOAQUIM MARIA DA COSTA

55, Largo dos Loyos, 56 — PORTO

REPRODUÇÃO DA CAPA DO ROMANCE CAMILIANO «A PRAGA ROGADA NAS ESCADAS DA FORCA», 1899

Como se estivesse considerando a hipótese de Camilo, tornemos a escutar agora Léon Daudet nas suas reflexões. «*Les créations littéraires et artistiques — et au premier rang les créations dramatiques — sont les seules qui libérent aussi complétement l'hérédo*». Se nos dedicarmos, com este preceito sempre em vista, a examinar de perto as personagens mais caracteristicas da vasta obra de Camilo, concluiremos, sem esforço, que, brotando indecisas e espontaneas da pena do romancista, elas correspondem, no fundo, ao turbilhão de fantasmas que trazem em revolta *inapaziguavel* o *undi* do escritor. Como esteio sirvamo-nos do pequeno, mas valioso estudo do meu velho amigo e condiscipulo Dr. Jorge Faria, — *criminosos e degenerados em Camilo (esboceto duma cami-*

*liana criminal*). É um trabalho de estudante, — do tempo em que, tirando ambos o nosso direito, saudosamente *in Garlandia fuimus*. Jorge Faria dispõe numa curiosa e perceptivel classificação a facies heterogenia dos tipos de Camilo. «Quem não conhece certas personagens de Camilo, maravilhosamente descritas com uma lucidez estranha, com uma sobriedade assombrosa? — interroga, Jorge Faria, tomado pela profunda admiração que lhe merece o mestre de S. Miguel de Seide. E o desfile começa com o Luis da Cunha, da *Neta do Arcediago*, com Elias, o assassino repelente da *Caveira da martir*, com o Alvaro de Abreu, dos *Gracejos que matam*, com o Abade de Espinho, Leonardo Botelho de Queirós, e com o Narciso Alvaro de *O cego de Landim*, nas *Novelas do Minho*, incorporados por Jorge Faria na classificação de «criminosos» dos tratadistas.

Seguem-se os delinquentes por loucura com Baltasar Pereira de *O Santo da Montanha*, com o *Santo de Midões* das *Quatro horas innocentes*, com a doida das *Vinte horas de liteira*, empurrando Lourenço Pires, que dormia à ourela do Ave, para o redemoinho convulso da corrente. A estes sucedem os delinquentes passionais, a cuja cabeceira toma logar Simão Botelho, o malaventurado tio do romancista. São depois os criminosos ocasionais, — uma fieira deles. E não faltam, na galeria debuxada por Jorge Faria, mas já em apontamento posterior, os « avarentos », tal como se nos manifestam na obra de Camilo.

Perfeitamente identificados com as varias especies determinadas e fixadas, tanto pela psiquiatria, como pela sociologia criminal, os « criminosos » de Camilo, tirando um ou outro colhido da realidade imediata, surpreendem pela exactidão que os caracterisa até nos mais ligeiros detalhes. Dificil, senão impossivel, que o romancista os fosse compôr ao espelho das nomenclaturas e teorias scientíficas numa hora em

que só existiam na sua forma embrionaria. Se meditarmos no problema, a sua solução, — e num escritor, para mais como Camilo em quem o improviso era a base febril da criação literaria, — não é senão a que possivelmente Léon Daudet nos oferece, ao enunciar a sua doutrina sobre a génese da obra de arte. «*L'œuvre d'art, spontanée et géniale* — acentua o autor de *L'hérédo* e do volume complementar *Le monde des images* — *est moins un agglomérat d'observations qu'une émission de ces hôtes intérieurs, reliés les uns aux autres par des circonstances plus ou moins forgées, logiquement déduites de leurs contrastes*». Onde quero então eu chegar? Simplesmente a isto: — como num mero acto de fecundação sexual, Camilo transmite às suas novelas, no delirio alto em que a pena do escritor galopa por sobre o papel, os uivos desencontrados e clamorosos da sua linhagem quasi sempre desavinda com a lei de Deus e com a justiça dos homens.



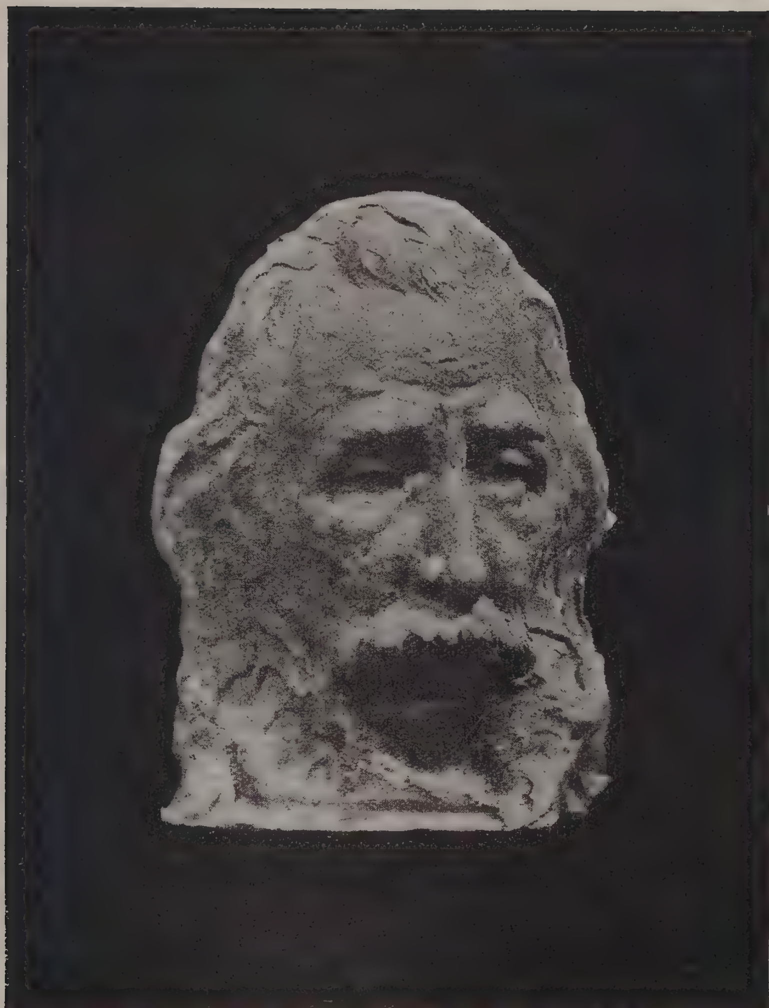
SCENA DO «DUETTO» FINAL
DA OPERA «AMOR DE PERDIÇÃO»

Peguemos nos «avarentos» de Camilo, peguemos nos seus «passionais» sanguinarios, marchando a direito, como fera

por matagal — e o confronto é concludente, é decisivo, se os alinharmos ao lado desse «doutor Bexiga», Domingos José Correia Botelho, «excentrico, brigão... acusado de irregularidades no desempenho dos seus cargos publicos, e de cumplicidade num crime de assassinio»; de seu irmão José Correia Botelho de Menezes, «provocador e desordeiro», de seu pai, Manuel Correia Botelho, genro de christãos-novos, quatro anos antes de morrer perdoado dum crime de assassinio, de que participou com seus filhos Domingos José Correia Botelho e José Correia Botelho de Menezes; de fr. José de S. Bernardo, agostinho descalço, que no claustro levava vida escandalosa, «não só para os domesticos como para os estranhos, por acçoens que produzia indignas do habito e muito mais do cargo e ministerio que ocupava»; e, finalmente, de Domingos Correia Botelho, que, «durante uma existencia vagabunda, andou de terra em terra propagando as profecias do Bandarra e exercendo o mister de picheleiro». De Domingos José Correia Botelho, — o «Bexiga», avô do romancista, anota o senhor Pedro de Azevedo, a proposito duma reivindicação de divida: — «Estes emprestimos sucessivos despertam em mim a suspeita de que o *Bexiga* se metera a agiota».

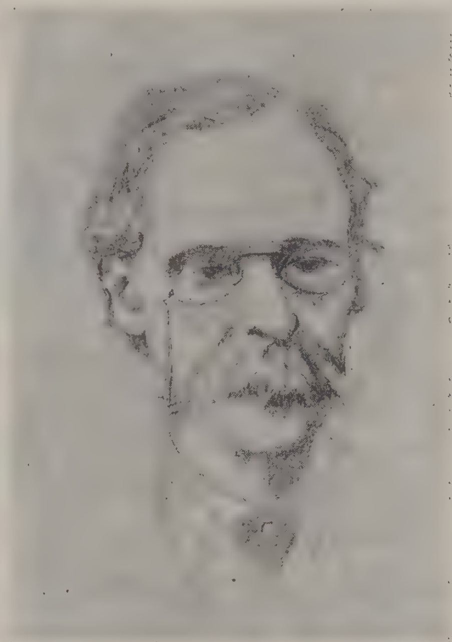
Em Vizeu, para onde foi juiz-de-fora em Junho de 1803, a Nobreza, Clero e Povo capitula energicamente contra o magistrado, acusando-o de receber «por si, sua mulher e filhos e amigos quantias avultadas». O que é curioso é que o dr. Domingos Correia Botelho se defende, como pilar de ordem, com palavras que tresandam a hipocrisia, mas tambem a uma consciencia exacta da sua época.

Diz o juiz-de-fora: — «*A mudança de tempos, a corrução de costumes, tem desgraçadamente produzido as intrigas e as cabalas nos corações dos homens que conduzidos por uma falça felozofia, não querem conformar suas acçoens*



MÁSCARA DE CAMILO DO ESCULTOR JOÃO JOSÉ GOMES

*com as leis, aborressem os sopriores, e só desejam viver soltos, sem corações e sem magistrados que os contenham e ponham diques á sua resolução».* A Mesa do Desembargo do Paço, perante o resultado da devassa, não se deixou enlear na «felozofia» do avô de Camilo, visto provar «quanto basta para dever ser suspenso, sequestrado e prezo», — e tudo porque «elle se acha gravemente indiciado de crimes enormes que pela lei do Reino tem pena de morte, oferecendo tão bem a impunidade a malfeitores a preço de dinheiro, e vendendo a justiça em publico leilão...». Camilo, concedendo a seu avô gratuitamente a toga de desembargador da relação do Porto, informa-nos que o «doutor Bexiga» faleceu na sua quinta de Montezelos, cerca de Vila-Real, assassinado por salteadores. Mais em harmonia com a logica da situação, o senhor Pedro de Azevedo presume «que Domingos José Correia Botelho se suicidasse para escapar a uma vergonha publica».



CAMILO SEGUNDO UM ESTUDO A LAPIS DE HEITOR DE CARVALHO

Neto do outro Domingos Correia Botelho, — do pichefeiro que vagamundeava de terra em terra, cantarolando os versos fatidicos do Bandarra, sabemos já que o «doutor Bexiga», na sua mocidade se envolvera com seu pai e irmão numa rixa gravissima em Vila-Real, de que resultara a morte dum soldado. O pai, — Manuel Correia Botelho,

era escrivão do publico e judicial e tanto ele como a mulher, «pouco doces de temperamento, por via de repetidas contendas, malquistavam-se com a maioria da gente de Vila-Real». Trata-se, como se vê, duma floração espessa de violentos. O «doutor Bexiga», alcançadissimo de inteligencia, obteve, no entanto, o lugar de juiz-de-fora em Cascais. É ai que se casa com D. Rita Teresa Margarida Castelo Branco, sendo suspenso do lugar, como mais tarde em Vizeu, pelos abusos e tropelias cometidas por articulados dum processo de partilhas a sogra mimoseia-o com as seguintes gentilezas: — «*Este supplicado Domingos José Correa Bottelho sendo natural de Villa Real, filho de hum nacimento escuro, e de baxa e pobre fortuna, vendo-se condecorado com o honorifico emprego de juiz de fora da vila de Cascaes, e sabendo que a caza da supplicante era das principaes, e das mais ricas daquela villa, e que tinha filhas donzellas, tomou cazas para a sua habitação junto ás da supplicante com quintal rústico ao seo que só lhe servia de divizão hum pequeno muro, e por via de hũa Escrava, que conrrompeo, se intruduzio fora de horas na casa da supplicante deshonestando a dita sua filha menor de 20 annos, com a qual se acha cazado, recebendo-se em 30 de Outubro de 1771 vindo a parir sua filha hum filho, que naceo a 14 de Junho de 1772, 8 mezes depois de cazados como mostrão as certidoens do cazamento... esta verdade he incontestavel, porque os filhos só nacem de 7 e 9 mezes, e raras vezes de 11 e 14 mezes*».

Paulo Osorio sublinha o devaneio ginecológico da sogra do «doutor Bexiga». Nós sublinharemos os devaneios romanescos de Camilo, extraindo com a sua facil imaginação dos factos tão pouco edificantes da sua familia mais dum episodio, que ainda agora nos tocam pelas tintas comunicativas da evocação. Não se esqueceram decerto no *Amor de perdição* da chegada a Vila-Real de Domingos José Correia Bote-

lho com a sua joven esposa D. Rita Terêsa, — maís tarde D. Rita Preciosa da Veiga Castelo-Branco, com as parentes que saiam do campo a receber Domingos José, que Camilo nos apresenta como « Solarengo de Vila-Real », e toda a nobreza da capital transmontana que desfila junto do coche em que o magistrado avança, bamboleando pelos caminhos da montanha, ao lado de D. Rita Preciosa. Atribui-se aí Camilo uma prosapia linhajuda de que, se á data estava convencido, as suas correspondencias com o visconde de Sanches de Baena o desiludiriam depois. A mesma deformação literaria se alonga por todo o romance, onde Camilo, pelo simples poder da emoção, alcançou restaurar a tradição perdida da novela portuguêsa, — personificação inolvidavel da « *Gran coyta de corazon* » dos *Cancioneiros* transitada mais tarde para o *Amadis* e para a *Menina e moça*.



PERSONAGENS DA OPERA « AMOR DE PERDIÇÃO »
DESENHOS DE SANTOS SILVA (ALONSO)

Efectivamente, o caso de Simão Botelho não é como no-lo ressuscita Camilo no *Amor de Perdição*. Restituiu-o às suas linhas naturaes e veridicas o esforço infatigavel e benemérito do senhor Pedro de Azevedo. Nos documentos examinados por ele no arquivo do extinto Desembargo do Paço, Simão Botelho reproduz na sua turbulencia instintiva o irrequietismo estrutural dos *Brocas* — que assim eram conhecidos em Vila-Real os descendentes dos « Barbados do Assougue ». Em

3 de agosto de 1894, um quarto de hora depois da meia noite, foi ferido em Vizeu, na rua Direita por um tiro de clavina, Francisco José Ferreira, criado de José Cardoso Cerqueira. Acusados do crime: — Simão Antonio Botelho e José Jeronimo de Loureiro e Seixas. Depõe uma testemunha ácerca de Simão Botelho: — « *sendo tambem publico que o mesmo filho do Juiz atirara mais tres tiros a outras varias pessoas e que he verdade que sabe pello ver e ouvir que toda esta cidade*[1] *andava com temor e estava em grande desasocego em quanto o ditto filho do Juiz de Fora se achava nesta cidade pellos insultos que fazia e esperançado na falta de castigo por seu Pai ser Juiz* ».

Procede-se em Vizeu a uma devassa, que resulta ineficaz pelas pressões exercidas sobre os depoentes. Ordena o Desembargo do Paço que se proceda a segunda. Entretanto, Simão Botelho e seu companheiro, « *homens vadios custumados a commeter similhantes delitos, e a andarem de noute e de dia dando tiros em varias pessoas* », haviam-se precatado com a devida « *carta de seguro* ». Contra Simão não cessam as reclamações e os protestos. Nos capitulos apresentados por Vizeu na sua repulsa unánime pelo Juiz-de-Fora, conta-se: — « *he publico... que o referido filho* (Simão Botelho) *asuciado com o referido Quintas deram hum tiro e foram dezafiar a porta hum do cappitam de São Salvador, em ocazião que se queixava de lhe matarem as suas pombas* ». Ora José Rodrigues Quintas, do lugar de Travanca, afirma-se ser « *ladrão publico que rouba pelas feiras e mercados quanto pode, he de amizade do dito Juiz de Fora, e um caçador que muitas vezes acompanhava com seus filhos* ». Agora, pelo que respeita ao crime que atirou com Simão Botelho para a condição de degredado, escutemos ainda o senhor Pedro de Azevedo, que

[1] Vizeu.

considera os motivos da pena bem diversos dos que nos são relatados por Camilo.

«Em 17 de março de 1807 embarcou para a India Simão António Botelho, segundo diz uma relação existente no livro das entradas dos presos da cadeia da relação do Porto de 1803 a 1805, de que nos dá conhecimento Camillo no *Amor de Perdição*... Os documentos dizem-nos só, que elle foi criminado pelo estropiamento que praticou com um tiro da sua carabina ou clavina na pessoa do criado de um individuo de Vizeu. De ter sido o amor que lhe armou o braço, estão mudos os processos que compulsei; só o archivo da Relação do Porto nos dirá alguma cousa, no caso que este ainda exista. Quanto a Teresa, seu pai, seu primo, o ferrador João da Cruz e a filha deste, são figuras ao que me parece criadas pela fantasia de Camillo». A lenda sofria um golpe ainda mais implacavel. Ao contrario do que a novela de Camilo fizera crer sentimentalmente a duas ou tres gerações de leitores condoídos, Simão Botelho chegou á India e no arquivo do Governo de Gôa descobriu o senhor Ismael Gracias os elementos necessarios para o poder comprovar.



PERSONAGENS DA OPERA «AMOR DE PERDIÇÃO»
DESENHOS DE SANTOS SILVA «ALONSO»

Se de tudo isto se deduz o quanto Camilo alterou os traços fisionomicos dos acontecimentos, deduz-se tambem quanto, no fundo, o preocupava o drama intimo da sua familia. Sen-

tiria o romancista, como emissor constante dos seus fantasmas hereditarios, que a ela pertencia o folego bravo de inquietação e passionalismo animal que marcou com a scentelha do genio o criador de tantas maravilhas de humanidade real e dolorosa? Evidentemente que não. Tomado pela aura indominavel da sua psicose, Camilo escrevia, escrevia, libertando-se da possessão genésica que se lhe congestionava no *moi*. E daí, como se assinalou em rapido escorço, a assombrosa coincidencia entre os delinquentes da extensa galeria dos seus romances e os tipos ancestraes que dentro dele não terminavam nunca a sua eterna disputa.

Acentuou-se já o dualismo que tornava Camilo uma verdadeira victima do seu duelo infatigavel. É precisamente na linha genealógica dos Correias Botelhos que os passionais e criminosos concorrem em proporção do judaismo que lhes engrossa na hereditariedade o stigma tragico da degenerescencia. O pai de Camilo, sucumbindo á fatalidade dessa herança, é um apatico e um inerte, que em rapaz deserta, — sempre o inadaptado! — das fileiras militares em que serve como cadete de cavalaria. Da mãe do romancista, Lucinda Rosa de Almeida do Espirito Santo, nada de positivo se apurou até agora.

Provavelmente adúltera, e duma ninhada de histéricas, reforça no *moi* do escritor as desgraçadas aquisições atávicas que lhe são transmitidas por via paterna. Onde ir buscar por isso, o outro factor do dualismo, o elemento são que reage aqui e alem e que se deixa entabular perfeitamente em Camilo, nas suas sensibilidades em que o escritor se transforma e modifica com frequencia. Duas sensibilidades? — perguntar-se-á com bem explicavel pasmo. Duas sensibilidades, — confirmo, — porque, ao lado de Camilo revoltado, sobretudo em materia politica ou religiosa que roce pelos judeus, ha um Camilo de sensibilidade genuinamente

tradicional, em quem passa o sopro admiravel de Balzac nos seus ataques ao liberalismo e aos variados aspectos, tanto sentimentais como sociais, por que o erro revolucionario se manifestava entre nós.

O que faltava a Camilo era a necessaria unidade da sua inteligencia, desviada do recto juizo, não só pela insurreição ancestral que lhe flamejava no *moi,* mas tambem pela intensa rajada individualista que se desencadeava sobre os povos estruturalmente catolicos e monarquicos. Se Camilo possuisse uma *doutrina*, sem duvida que a sua obra ombrearia em arquitetura e conclusões com *La comédie humaine* de Balzac. Os seus desembargadores, as suas morgadas, os seus professos por amor e as suas meninas poeticas são bem dum Portugal que se dissolve na poeirada liberalista, arrastando para o tumulo o segredo, a um tempo forte e emotivo, da nossa antiga sociedade. Camilo quasi que prescruta o mal,—quasi que o diagnostica. «Se vaes até ao calvario, faz lá recomendações ao mau ladrão, — ironiza n'*O sangue* um dos seus personagens — e diz-lhe que se florescesse em Portugal, mil oito centos e trinta e cinco anos depois, seria *visconde* de *Festas,* visto que elle se chamava Festas».

Outra definição com o gravado incisivo e sóbrio dum medalhão clássico: — «A feição que individualisa o povo, nos ajuntamentos, nas praças, nas officinas constitucionaes, onde se fabricam as formulas do governo representativo, essa feição não é a sua, é a compostura que o desaira, o velho cobre da velha moeda com cunhos novos, abertos á pressa, despolidos e grosseiros». E ainda: — «Quando nascerá o genio que nos conte devagar, phenomeno por phenomeno, as metamorphoses que temos visto? Que comedias e que tragedias, desde o leme de um barco de pipas até á vara de uma presidencia da camara municipal?

desde a tripeça da palmilheira de aldeia até á banqueta carmezim do *coupé* da viscondessa?»

Esse genio podia e devia ser Camilo. Em intermitencias de penetração, que lhe advinham, por certo, do seu obscurecido, mas profundo instinto de historiador, Camilo atinge a desastrada deslocação moral e politica em que o constitucionalismo submergira Portugal. Calixto Eloy e o doutor Libório, em confronto, são incontestavelmente as duas metades de Portugal que se chocam, incaracterizam e acabam por se fundir uma na outra. O novelista de *A queda dum anjo,* abrindo uma excepção no cortejo repetido das suas criações, legou-nos aí a prova completa de quanto o seu pulso valeria, se, para alem da sátira e da caricatura, lhe fosse possivel entrar francamente nos dominios do romance balzaquiano.

A ausencia total de espirito filosófico não o permitia a Camilo, imerso por condições especiais do meio e época na maior das anarquias intelectuais. No entanto, o iluminado sentido da sua costela nacionalista rebrilhava em relampagos fugitivos. É frequente vê-lo na *Queda dum anjo* aludir a Berryer, — o grande tribuno tradicionalista. No intimo de Camilo dormia uma simpatia miguelista secretissima. Só por isso ele sauda em verso o Rei-Proscrito, quando do seu casamento com D. Adelaide de Loewenstein. De onde em onde, transparece e aflora um outro detalhe francamente revelado, em que Camilo nos denuncia a sua decidida incompatibilidade com a sociedade derivada da aventura de 34. Oiçamo-lo, por exemplo, n'*O Demonio do Ouro:* — «*Solarengo* antigo vinha de *solar;* o moderno vem de *sola:* entre as duas derivações está o Progresso» ou nos *Mysterios de Lisboa* naquela inolvidavel definição do jornalismo, que causticamente chama «calamidade imprevista por Guttemberg».

Não se pode ser mais inexoravel com as forças destructivas da sociedade tradicional: — a burguezia e a imprensa! A noção exacta que Camilo possue do atavismo que substituiu em Portugal a escala ordenada do desenvolvimento individual concentra-se numa pequena passagem dum dos episodios das *Noites de Lamego:*—é na resposta a Guilherme do velho professor, pai de Helena. «Querias ser meu filho para me herdares o meu Horacio de 1629? e o meu Thucydides de 1731? És tolo, Guilherme! Melhor fôra ser filho d'aquele forçureiro, que ali mora defronte, que já tem um filho cónego, e prepara outro para os conselhos da corôa. Tu não sabes o que



ILUSTRAÇÃO REPRODUZIDA DA PAG. 33 DO 1.º VOLUME DO ROMANCE DE CAMILO «O DEMONIO DO OURO» — DESENHO DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO E GRAVURA EM MADEIRA DE SEVERINI

é ser pobre!...» O mesmo conflicto entre as duas partes em que Portugal se dividiu moral e intelectualmente se desenha num segundo episodio das *Noites de Lamego:* — «*O tio egresso e o sobrinho bacharel*».

Prosseguindo na nossa demonstração, repassemos n'*A bruxa do Monte Cordova* á scena magistral do encontro de fr. Jacinto com os soldados de D. Pedro. O frade caminha, de breviario e bordão, dependurado dos seus oitenta anos. Grita-lhe um dos da tropa, «ilhéo de más entranhas»: — «Quem vive?» — «Vive vocemecê, vivem os seus camaradas, e vivo eu. Agora, quem amanhã viverá, Deus o sabe», respondeu Fr. Jacinto. — «Não pergunto isso, seu burro! — tornou o farcista. Quem vive? O Miguel ou o senhor D. Pedro?» — «Vivem ambos, creio eu — tornou o monge. «Tu és malhado ou realista? — perguntou outro, já bandeado com o ilhéo no escarneo. — «Sou frade». — «Isso vemos nós que és, velhote; mas queremos saber que partido tens; que bandeira segues...» — «A de Christo». — «Christo era republicano — disse um sargento que tinha emigrado e lido muita tolice philosophica». E fiquemo-nos no sargento «*que tinha emigrado e lido muita tolice philosophica*» para penetrarmos, por meio das páginas da *Agulha em palheiro,* nos salões do Principe de Montforte. Transponhamos para aqui um expressivo dialogo.

.........................................

«*Talvez que, se me disser o nome de seu pae, eu possa conhecer a sua familia.*

— «*V. Ex.ª não conhece decerto o nome de meu pae. Sou filho de um homem do povo.*

— «*De onde sahem os reis do génio* ajuntou Jerónimo Bonaparte.

«Bartholo fez um gesto significativo com a cabeça, e disse, passados uns minutos:

— «*Veio de Portugal ha muito tempo?*

— «*Ha vinte e trez mezes.*

— «*Como estão as coisas por lá?*

— «*Quem governa a canalha?*

— «*Governa-se ella, presumo eu*, disse Fernando.

«O Principe sorriu e murmurou:

— «*A resposta e um livro completo. A canalha governa-se a si em Portugal...*

— «*Em Roma no reinado dos Cesares e no Baixo Imperio, e em toda a parte onde as sociedades se dissolvem* — acrescentou Fernando.

— «*Diz muito bem!* — acudiu Briteiros. *Portugal está em dissolução. O senhor é necessariamente realista.*

— «*Não, senhor. Fui soldado nas linhas do Porto. Pugnei a favor da liberdade, sinonimo de humanidade. Servi-me a mim, servindo as classes abatidas pelo privilegio. Se me enganei, a culpa não foi minha.*

— «*Mas enganou-se...* atalhou Bartholo com má cara. *A canalha é que reina.*

— «*Mas com gravata, luva branca, espada, chapeu de plumas e arminhos* — ajuntou Fernando Gomes.

— «*E isso é bom?* — redarguiu o fidalgo.

— «*É bom como lição, como experiencia...*

— «*E depois? quando se quizerem emendar, era uma vez Portugal...*

— «*Seremos hespanhoes, inglezes, ou turcos, mas com juizo* — disse Fernando.

— «*Ahi está o patriotismo dos malhados* — exclamou Briteiros.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Transitemos agora para os *Annos de prosa.* «Jorge Coelho estava sentado na cama, lendo a *Nova Heloisa* de J. J. Rousseau. O egresso foi de mansinho ao pé do leito, tirou pausadamente os oculos de um enorme estojo encar-

nado, montou-os na ponta do nariz, abriu e arredondou os beiços, pendido o queixo, e, examinando o livro, disse:

> — «Era bem grande esse Saint Preux, ó Jorge!...
> — «Pois o tio conhece Saint Preux!
> «Relacionei-me com esse cavalheiro e com outros da sua estofa ha bons quarenta annos. Nunca t'o apresentei, quando praticavamos litteratura, porque sempre entendi que o ias encontrar em Coimbra, de parçaria com os muitos filhos que elle gerou para amparo de Heloisas novissimas, de que está inçado o mundo, graças ás novellas e ao descredito a que baixou a roca e o fuso. Que carta lês?

O egresso levou o nariz com os óculos á linha horisontal do livro, e leu algumas linhas da pagina.

> «Ah! — continuou elle — trata do suicidio... Está muito atiladamente debatida a questão por uma e outra parte. O Rousseau era mestre em paradoxos, e sabia bastante de musica; mas os paradoxos dava-os de mimo á humanidade, e para elle guardava a vida com todas as suas paixões villãs, mal resguardadas por uma côdea de soberba e orgulho. Ensinava o modo de educar os filhos, e mandava os d'elle para a roda».

Tal é o Camilo tradicionalista, o Camilo que á sua ressurreição constante do Portugal-português, — do Portugal dos capitães-móres, dos desembargadores, das senhoras morgadas e dos egressos pachorrentos — ligava por vezes um superior pensamento politico, a ponto de sentenciar n'*A filha do Arcediago* que «*quem sae fora da sua classe, não tem classe nenhuma*», e de observar nos *Doze casamentos felizes:* — «*A familia, meu amigo, é a base fundamental da sociedade; é o refugio das virtudes acossadas pelas paixões dos*

*que vagabundeiam de escolho em escolho; é a arca santa que alveja o dorso empolado das tormentas do coração e do espirito. — Sem a familia, qual seria o destino da mulher, pergunta Legouvé. Sem a familia o que seria do homem. Só a familia póde moralisar o rico e o pobre*». Dir-se-ia que, pelos exemplos reproduzidos, o grande romancista se norteava por uma doutrina, especie de idéa-organica em que a sua alma fragmentaria se condensava e robustecia. Verificamos já que não, como facil nos era verificar que, desde o seu ataque sistemático á dinastia de Bragança a tantas e variadas afirmações dum manifesto rebeldismo sentimental, um outro Camilo existe, inteiramente antagónico do que assim se nos apresenta, assestando armas contra o liberalismo demolidor da nacionalidade. Nessa marca caracteristica do genio de Camilo é onde se evidencia, duma maneira transparente, o dualismo que principiámos por notar, — estrutural e irreductivel, no suicida de S. Miguel de Seide. Da linhagem psicologica dos grandes «*hérédos*», — aceitando-se de Léon Daudet a sua classificação, — Camillo não passou, desgraçadamente, duma victima expiatoria da disputa de mortos que dentro dele se travava sem tregua nem descanso. Duas personalidades se nos revelam assim no romancista, — ambas contraditorias e ambas poderosissimas. Em semelhantes termos reside, quanto a mim, o drama da individualidade do desventurado escritor.

MATRICIDIO SEM EXEMPLO.
UMA FILHA
que matou e esquartejou sua propria
MÂI.
MATHILDE DO ROZARIO DA LUZ,
EM
*Lisboa — na travessa das Freiras, n.º 17.*



*A's almas sensiveis — aos paes de familia — e aos bons Christãos offerece-se em meditação, a descripção do attentado praticado pela perversa matricida Maria José = seguido do interrogatorio da accusada, e da sentença do tribunal do 1.º districto, que a condemnou a morrer n'uma forca, no Campo de Santa Clara, em Lisboa.*

3.ª Edição.

*Publicado por Guimarães & Silva.*

REPRODUÇÃO DO FRONTISPICIO DA 3.ª EDIÇÃO DE UMA OBRA DE CAMILO

«Camilo Castello-Branco, degenerado hereditario, sofreu na sua vida agitada, de trabalho e de martirio, uma nevrose — *a hystero-neurasthenia* e uma doença organica do systema nervoso, — o *tabes*. Ao desvio pathologico da sua funcção nervosa devem attribuir-se os seus males physicos, as suas desigualdades de caracter e a sua superioridade intelectual eminentissima». Esta é a definição que de Camilo nos apresenta Paulo Osorio. Dentro de limites ela conforma-se com a realidade, quanto á observação dos factos. Já assim não sucede quanto á sua interpretação, ou seja pelo que respeita ás conclusões duma critica segura e lógica. Padece Paulo Osorio da sugestão perniciosa das teorias lombrosianas e dos ensinamentos da escola da Salpêtrière. Só dessa maneira se explica que o autor da monografia *Camilo Castelo Branco, a sua vida, o seu genio, a sua obra,* atribua conjuntamente ao desvio patologico da função nervosa do mestre de S. Miguel de Seide «os seus males physicos, as suas desigualdades de caracter e a sua superioridade intelectual eminentissima». Concedemos que o desvio patologico assinalado pelo senhor Paulo Osorio fosse a causa dos males fisicos e até certo ponto das desigualdades de caracter de Camilo. Mas o que de forma alguma subscrevemos é que a fulguração genial de Camilo se considere como uma enganadora aura luminosa do demonio terrivel que lhe atormentava a existencia, tanto fisiologica, como psicologicamente. Pelo contrario, trabalhado por elementos inimigos e irreconciliaveis, se Camilo não realizou nunca a vaidade do seu *moi* e, por consequencia a posse plena do seu alto e admiravel espirito, a culpa pertence á luta interminavel em que o escritor se debatia, sem um ligeiro instante de apaziguamento.

Já mais duma vez o acentuámos e nunca é demais repeti-lo. Assim, o genio de Camilo, longe de ser uma

emanação do seu desvio nervoso, é talvez a sua mais dolorosa e excruciada vítima.

Nada mais são, na verdade, de que o genio de Goethe, — supremo exemplo de harmonia e de equilibrio, em quem as duas potencias do entendimento, — a emoção e a compreensão propriamente dita, se aliaram sempre num consorcio permanente e reflectido. Despojemo-nos, pois, do preconceito romântico que nos apresenta o genio como uma excepção desregrada, morando para alem do *humano*, já fóra de toda a limitação. Não era outro o figurino que Victor Hugo compunha diariamente para si mesmo, espelhando-se na agua revolta do seu revolto egocentrismo. O segredo do genio reside precisamente na medida com que se exterioriza e ritma uma abundante personalidade interior. Lembremo-nos dos gregos que nesse campo são modelos a meditar. Lembremo-nos mesmo de Cicero, de Vergilio, de Tito Livio — enfim, de tantos e tão elevados padrões moraes e intele-



GRAVURA REPRODUZIDA DA PAG. 270
DO ROMANCE DE CAMILO
« O RETRATO DE RICARDINA », 1887

ctuais que o mundo pagão nos legou, embora não tocado ainda pelo vento depurador do Christianismo. Respondem em seguida, já batizados pelo sentido eterno das coisas, inspirados como Dante, Camões ou Shakspeare. Eles são, irrecusavelmente, — e o genio é apenas isso — « *types achevés de ce qui existe chez le commun des mortels, d'une façon moins nette et continue,* — — na palavra de Léon Daudet. « *Car il n'est rien, chez Lucrèce, Shakspeare, Dante ou Virgile, que ne puisse, à la rigueur, concevoir et éprouver l'épicier du coin, ou la prostituée. Il s'agit, en ces derniers cas, d'un éclair, d'une lueur, ou d'une phosphorescence d'images, alors que les maîtres des âges y apportent de durables, d'éternels flambeaux. Ces maîtres totalisent les parcelles du commun, rangent et ordonnent leurs hérédismes, leurs « ancestraux », afin de les lancer, de les couler dans le flôt pâteux et doré de leur verbe. Ils font frémir leur peuple intérieur, avant de lui donner des voix, qui se conjoindront en une voix, la leur* ».

Como um totalizador privilegiado de quantidades dispersas na variedade do comum, devemos nós, com efeito, classificar o genio. Não cái ele, derivadamente, na alçada dos psiquiatras só porque representa uma forma excepcional da natureza e condição do homem. Esse abuso pseudo-scientifico achou já, na renovação do pensamento contemporaneo, a necessaria correcção. Não foi, portanto, Camilo um genio por ser um doente, — um nevropata. Antes o seu genio se ressentiu fundamentalmente da psicose que atormentou o escritor. Invertam-se os termos do problema, — e a sua solução aparecer-nos-á imediatamente e revestida da maior segurança. Incluamos, pois, Camilo, no numero dos genios fragmentados, em quem o « *soi* » não conseguiu jamais prevalecer sobre o « *moi* » confuso, heterogéneo e antagónico.




V — Camillo Castello Branco — 1870
*(Inedito)*

REPRODUÇÃO D'UMA CARICATURA DE BORDALO PUBLICADA NO LIVRO «RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO» DE MANUEL DE SOUSA PINTO, 1915

Donde vinha o antagonismo sabemo-lo nós. O simples exame da hereditariedade de Camilo desvenda-nos o intimo do seu drama sub-consciente. Em Camilo guerreavam-se encarniçadamente, duas sensibilidades inconversiveis: — a sensibilidade nómada, rebelde, em continua e indominada insurreição, do seu profundo atavismo judaico; e a sensibilidade do enraizado, — do *territorial,* do autóctone, recebida talvez da avó de Camilo, D. Rita Terêsa Margarida Castelo Branco. Enquanto na linhagem de seu marido, o famigerado «doutor Bexiga», de remarcado cunho israelita, a «inadaptação» é a tara que se transmite de geração a geração, na arvore genealógica de D. Rita Terêsa Margarida Castelo Branco, os «emoldurados» desfilam, uns atrás dos outros, numa perfeita conformidade com as normas e com o curso do existente. Creio mesmo não ferir um traço de caricatura, recordando que um dos bisavós de Camilo, Diogo Luis de Mesquita Castelo-Branco, pai da furibunda sogra do bacharel Domingos Correia Botelho fôra «criado grave» da condessa de Aveiras, com cuja aia, Isabel de Matos, se matrimoniou. O que isto significa, de valor moral no quadro da sociedade antiga apreende-se facilmente, se nos fixarmos no papel de dedicação e colaboração domestica que a famu-



PERSONAGENS DA OPERA «AMOR DE PERDIÇÃO» DE JOÃO ARROYO
DESENHOS DE SANTOS SILVA (ALONSO)

lagem desempenhou dentro do lar christão e da familia portuguêsa.

Da mão destes ascendentes de Camilo, alguns mais se destacam para a luz das nossas reflexões, em contraste singular com os que se nos oferecem ao longo da prosapia, falsamente enramalhetada, dos netos do marchante Lazaro da Costa. Ha soldados que servem desde o posto mais humilde até á conquista dos galões emancipadores, tal como o pai da avó de Camilo, o capitão José Pereira da Silva. Há gentes anónimas,—pedreiros e mareantes, que saíam dos reservatorios inexgotaveis da nacionalidade; com as feições estampadas á imagem e semelhança da raça que nos fez e creou a todos. A serie ancestral dos Castelo-Brancos desfia-se numa ordem e numa sequencia que debalde pedimos á turbulencia doentia dos Corrêa-Botelhos. Achar-se-á aqui a incógnita da individualidade de Camilo? Não hesito em repetir que sim. No duelo das duas metades em que Camilo se divide, se contém, palpavel e doloroso, o drama agitado do escritor. Por causa da garra hereditaria que o esmaga e persegue é que o genio de Camilo se não vazou nunca nas linhas serenas duma obra definitiva e suprema. Continuemos ouvindo a Léon Daudet, renovador extraordinario da critica moderna.

«*De toutes les lubies insanes qui ont désolé la pensée et la culture française entre 1880 et 1914, la plus falote, non la moins nocive,*—escreve ele no seu volume *Les œuvres dans les hommes*—, *est vraisemblablement l'assimilation du génie poétique et littéraire á l'excés paroxystique et au delire. Quand on disait «génie», la foule voyait Hugo et la pauvre critique de l'époque, interpréte de la foule* (Idola fovi), *n'admettait pas qu'un autre type de génialité fut possible. «Désordre et génie»... «Folie et génie»... «Dégénérescence et génie»... Vous retrouvez, dans ces titres les thè-*

*ses, absurdement matérialistes, du vulgarisateur du néant Lombroso, du Boche Max Nordau et de leurs congénères. Vers 1890, Nietzsche, paralytique génial, tenta cependant une distinction entre les génies apolliniens ou équilibrés, dionysiens ou déséquilibrés. Les travaux récents sur l'hérédo—syphilis et l'hérédité intellectuelle et imaginative tout court jettent des lueurs nouvelles sur le problème, entre tous passionnant, du génie. Je crois qu'il importe de distinguer la surabondance des images,*




ILUSTRAÇÃO REPRODUZIDA DA PAG. 56 DO 2.º VOLUME DO ROMANCE DE CAMILO «O DEMONIO DO OURO» — DESENHO DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO E GRAVURA EM MADEIRA DE SEVERINI

*la facilité à les libérer et la prédominance de la raison. Cette surabondance, due á une rapide et intense coulée des ancêtres le long de la personnalité profonde, c'est le moi. Cette prédominance de la raison, assurant et réglant, tel*

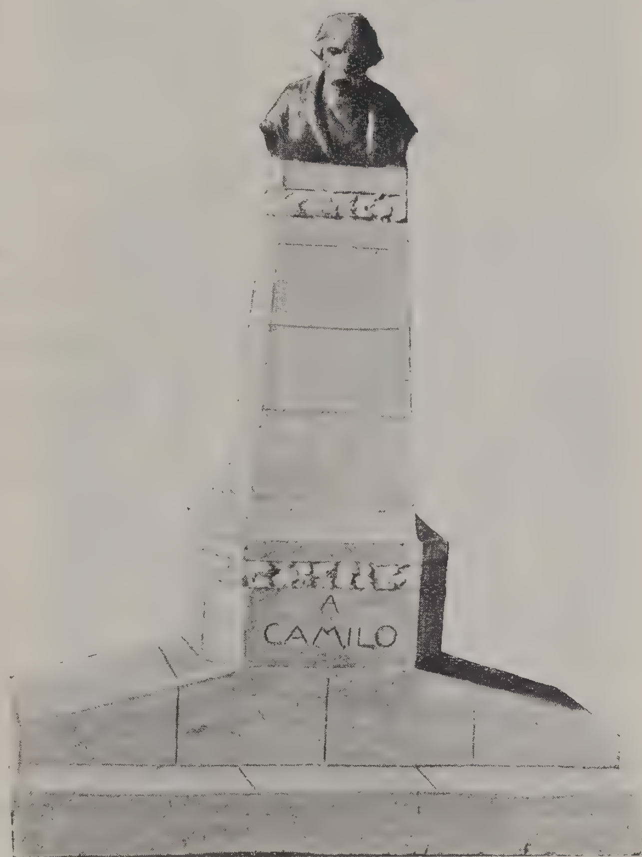
*un soleil intérieur, la gravitation mentale des images, c'est le soi. Le génie véritable, authentique et sain, relève du soi. Il appartient à la clarté, non à la confusion, à l'ordre, non au desordre; à l'équilibre, non à la folie».*

Meditado o exposto, não podia, pois, o genio de Camilo derivar do desvio da sua função nervosa — como pretende o senhor Paulo Osório, sacrificando os seus juízos ao prestigio já decadente da superstição lombrosiana. O genio de Camilo, inerente á riqueza da sua personalidade congenital, foi esmagado pela difusão revolta dessa mesma personalidade. Filiando-se no tipo genial dum Balzac ou dum Shakspeare, Camilo difere deles, na direcção da sua individualidade porque não logrou dominar a culpa original do seu atavismo. Genio incompleto o de Camilo, falta-lhe a «*maîtrise du soi*», que enchia de legitimo orgulho a Balzac, quando esculpia no pórtico de *La comédie humaine: — J'écris à la lueur de deux vérités eternelles, la réligion et la monarchie...* »

Aproxima-se assim Camilo de Nietzsche, de Poë, de quantos, afinal, se abandonam sem reacção à querela escumante dos seus mortos.

Aludindo ao primeiro, observa Léon Daudet: *Je le vois déchiré par ses ascendants, comme le docteur Faust, dans la légende originale allemande, fut déchiré par le diable. On suit même, à travers son œuvre vociférante, chuchotante, balbutiante, bredouillante, les changements de ton et d'accent de cinq ou six ancêtres tyranniques, auxquels il cède tout le terrain, avec des yeux exorbités d'epouvante. C'est que, polie, courtoise, onctueuse, chez un Renan, la contradiction des fantômes était, chez Nietzsche, hargneuse, rageuse et furibonde, ainsi qu'il sied à des revivescences, plus ou moins hagardes, de haines de race, la slave et la teutonique».*

Identico conflito o conflito de Camilo, tragicamente expresso na dualidade em que o escritor se degladia. No seu judaismo irreductivel achamos a decifração de tanta luta, de tanta agonia — convem acentuar. Exagero? Ora escutemos um testemunho insuspeito. Num livro curioso de Henry William Steed, traduzido para francês por Firmin Roz, — *La Monarchie des Habsbourgs*, comenta o seu autor: — «O caracter da raça judaica tem tanta força que o cunho judaico continuará persistindo durante gerações nas familias não judaicas em que o sangue judeu entrou. Semelhante caracteristica póde produzir a beleza ou o genio, ou, inversamente, trazer consigo o desarranjo de espirito tão frequente nas familias hebraicas da classe elevada. Na sua brochura *Die Zukunft der Juden*, Werner Sombart fornece-nos sob a autoridade do Dr. Wieth-Knudsen alguns dados estatisticos impressionantes, embora incompletos, ten-



REPRODUÇÃO DA MAQUETTE DO MONUMENTO A CAMILO DO ESCULTOR HENRIQUE MOREIRA

dentes a mostrar que os casamentos entre judeus e não judeus são menos fecundos que a média das uniões puramente judaicas ou puramente não judaicas em circunstancias análogas, e afirma ainda que os filhos dum casamento mixto estão sujeitos com frequencia á falta de harmonia e equilibrio mental. Efectivamente, é um problema saber se os filhos de tais matrimonios escapam, pelo menos, na primeira geração ao dualismo de caracter que por toda a parte se verifica nos mestiços. Quando eles escapam, os caracteres duma raça dominam sobre os da outra».

Tal o que sucede com Camilo. Recebeu Camilo dos «Barbados do Assougue» em Vila-Real a inquietação peculiar da psicologia judaica e, sem dúvida, ao seu semitismo hereditário deve Camilo a chispa sarcástica que o distingue com admiravel insolencia na arrastada caravana ultra-romantica do seu tempo. Aí está, sem dúvida, a causa fundamental da psicose que o invalidou para a plena aplicação das suas altas qualidades intelectuais.

É certo que donde em onde Camilo triunfa de si mesmo, — da tendencia que ha em todo o *hérédo* para a auto-destruição, e para o suicidio, perante çuja atracção fatal o escritor acaba por sucumbir. Seriam as oscilações tão próprias do psicopata? Insistamos sempre: — essas oscilações existiam, mas com raiz na disputa atávica que Camilo presenciava dentro de si. Porém a sociedade romanesca em que viveu agravou-lhe a tendencia mórbida, comunicando-lhe os seus habitos de depravado individualismo. O meio tornou-se cumplice, deste modo, da inclinação natural de Camilo para o naufragio e submersão da sua consciencia, tanto moral, como literaria.

Mas contra o nómada — contra o judeu, protestando incessantemente a sua revolta, opunha-se em Camilo o *territorial*, e se o segundo elemento componente da individua-

lidade do mestre de S. Miguel de Seide não venceu inteiramente, é á sua acção que podemos ainda agradecer o que Camilo salvou e realizou no deploravel desperdicio do seu grande e abundante genio. Deixemos ao *judeu* o sarcasmo, deixemos-lhe o seu odio instintivo á lição antiga da nossa historia. E aceitando do *autóctone,* do *territorial* a sua ressurreição nacionalista da vida em provincia, com morgados e desembargadores, com egressos e vates de abadessado, vejamos agora que factores disciplinaram a pena de Camilo, a ponto de ser ele, apesar de tudo, o mais fiel arquivista do Portugal que sucumbiu ás investidas dos barões da Finança e dos seus consocios, os varios doutores Liborios. Não nos é dificil apurar quaes fossem.



GRAVURA REPRODUZIDA DA PAG. 447
DO LIVRO «REI SANTO»
CRONICA DO REINADO DE D. PEDRO V, 2.º VOLUME

Camilo, retirado ao assomar da adolescencia para os confinados êrmos duma aldeia da montanha, conta-nos enter-

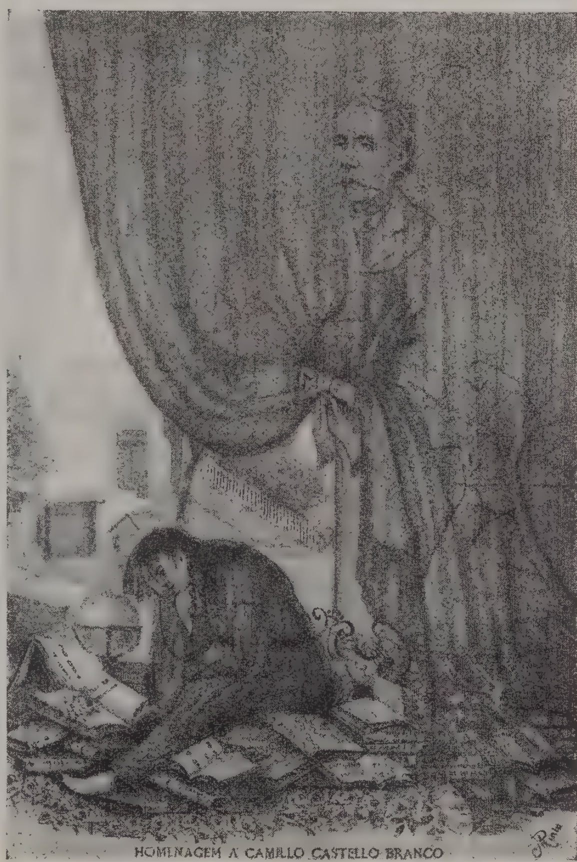
necidamente a vida que aí levou na companhia e direcção do Padre António de Azevedo. « Uma vidração do nosso quarto não tinha portadas. Ele queria ver o repontar da aurora. Quando a lua nascia por alta noite, eu acordava ás vezes, e via-o sentado no seu leito banhado de luar, rezando os doze mysterios, por umas contas monásticas. Depois, chamava-me. Rezavamos *matinas* com luz artificial. Iamos para a egreja. Eu tangia á missa e acolitava, pingando mais somno que devotas lagrimas. De volta do Presbyterio, faziamos chá; depois, lia-se a versão de Alexandre Garrett, os *Annaes da propagação da fé,* as *Noites de Young,* a *Miscellanea curiosa e proveitosa,* os *Luziadas,* o *Theatro de los dioses,* as *Viagens de Cyro,* as *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto, e a *Historia de Portugal* por uma sociedade de inglezes ».

Assim se exprime Camilo nos *Serões de S. Miguel de Seide.* No volume *Ao anoitecer da vida* acrescenta :

— « Creio que tinha eu então entre os quinze e os dezeseis annos. Scismava mais do que lia, e lia mais poetas que compendios escolares. Porém, que poetas eu conversei na minha infancia ! O peculio das riquezas rithmadas que enthesourava a pequena bibliotheca da minha familia de aquelle tempo, bibliotheca de padres, lá em cima na serra do Mesio em Trás-os-Montes, eram dois volumes de Bocage, um Camões, e umas trovas de não sei quem, dispersas nuns cinco tomos denominados *Miscellanea poetica*... Já então e de muito antes, se liam e tomavam para molde as poesias de Castilho, Garrett e Herculano ; avultavam os Lamartinistas ; balbuciavam os bardos novos aquellas meiguices e amaneirados dizeres, nunca ensaiados entre nós com tanta louçania como, poucos annos depois, os admiramos na pleiade de moços, que, em Coimbra, escreveram o *Trovador*. Ora, eu, em 1842, não conhecia alguns

d'aquelles nomes, nem áquellas montanhas, onde me fiz homem, havia chegado livro de poeta, que merecesse enfilleirar-se entre Bocage e um sermonario de José Agostinho de Macedo, com o *Theatro dos Deuses* á esquerda e o Fernão Mendes Pinto á direita, e as *Viagens de Cyro* por cima, e a theologia do *Lugdonense* por baixo».

Sobre estes depoimentos, e resumindo a conclusão a que se chega em seguida a uma leitura cuidadosa de Camilo, comenta o senhor Paulo Osorio:—«Litterariamente, educou-se pois Camillo fora da athmosfera do seu tempo, começou a ler romanticos na altura já em que o seu espirito estava apto a recebê-los sem esse entusiasmo vulgar na gente nova pelos nomes aclamados; ao contrario de todos os outros incipientes plumazes do seu tempo, elle soube que existiu um Bocage, um José Agostinho e um Fernão Mendes Pinto; antes de boquiabrir-se ao estylo floribundo do visconde de Castilho, adorou o visconde Garrett na *Ly-*




REPRODUÇÃO D'UM DESENHO LITOGRAFICO DE M. PINTO, PUBLICADO NO «CHARIVARI» DE 7 DE JUNHO DE 1890

*rica de João Minimo* e em Herculano, humildemente, saudava o Mestre. D'ahi o seu amor aos classicos, que foi depois lendo e estudando com interesse e, mais tarde, a sua paixão de papelista, proporcionando-lhe excelentes meios de investigação de factos historicos deturpados ou controversos; e ainda, como natural consequencia d'essas leituras a acquisição d'um vocabulario vastissimo que lhe permitiu levar a nossa lingua, que desde o seculo dezoito se viera deploravelmente empobrecendo e abastardando, a um grau de maleabilidade e a um poder de expressão nunca atingidos».

E afigura-se-me que não é preciso prosseguir nas transcrições. A formação intelectual de Camilo, confiada a um modesto cura de montanha, destaca-nos bem nitidamente as suas pronunciadas direcções classicistas. Fôram as *humanidades*, — retomando hoje de novo o predominio que lhes pertence na cultura do espirito —, o método seguro que imprimiu ao genio desabrochante de Camilo a couraça com que se defendeu mais tarde, nas ondulações doentias da sua personalidade de escritor, duma desagregação total. Hão-de perdoar-me a insistencia em recorrer constantemente ao conselho e á experiencia de Léon Daudet. Mas na necessidade evidente de libertar a critica dos preconceitos lombrosianos e deterministas que a escravizam, eu não sei de guia mais digno da nossa completa confiança.

Pois, no seu recente discurso, *Défense des humanités gréco-latines,* — discurso proferido na Camara dos Deputados francêsa em 27 de Junho do ano de 1922, — Léon Daudet afirmava: — « *L'éducation de l'enfant s'adresse à lui dans deux périodes de sa formation qui, selon moi, sont différentes. Il y a, pour les jeunes garçons, comme d'ailleurs pour les filles — mais je ne m'occupe en ce moment que des garçons — une première partie de l'éducation*

*et de la formation intellectuelle qui va jusqu'à la puberté. À ce moment, les influences héréditaires, les influences transmises, qui sont le plus souvent des influences sages, ne sont pas encore troublées, ne sont pas devenues limoneuses par des préoccupations de l'ordre sexuel. C'est seulement entre la neuvième et la dixième année et jusqu'à la vingtième année, qui est l'âge où ces préoccupations se sont en quelque sorte décantées, c'est dans cette période de la vie que l'application du jugement, que selon moi forment surtout les lettres anciennes, est le plus nécessaire...* » E Léon Daudet insiste e esclarece-se: — « *Vous savez que la maladie du jugement, qu'on appelle, d'après la racine grecque, l'aphronie: de* a *privatif et* phronos, *jugement, est un trouble cérébral et corporel qui prend les enfants à l'âge de onze ans et les accompagne jusqu'à*



JAZIGO DE D. ANA AUGUSTA PLACIDO
NO ANTIGO CEMITERIO DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

*l'âge de vingt ans, l'âge de l'echéance philosophique, des connaissances métaphysiques qui libérent la personne humaine des préoccupations exclusives de l'instinct sexuel* ».

« *Pendant cette période, je considére que les humanités, même sans la forme réduite oú elles sont enseignées sont la meilleure assise du jugement* », — continua Léon Daudet. E porquê? Porque, « *la connaissance par l'homme des racines du langage, la çonnaissance même cursive et abrupte au moment où il parle et où il écrit, est nécessaire pour la formation du jugement et lui enléve ce flottement, ce je ne sais quoi d'incohérent et de trouble que le maître psychologue, le docteur Révillon, a appelé l'aphronie* ».

E Daudet, — o denodado « *procurateur du Roi* », — desenrola as suas considerações naquele tom sacudido e facil que é tão proprio da sua veemencia persuasiva. « *Quelle ignorance profonde,* — exclama — , *des conditions de la nature humaine, et surtout de la nature enfantine! L'enfant ne forme son jugement — ce qui est le but essentiel, nous l'avons dit — que par l'effort. L'enfant n'éprouve du plaisir dans ses études que lorsqu'il a fait un effort intellectuel mésuré à sa jeune personnalité, et, j'ajoute, un effort intellectuel qui lui donne précisément le sentiment de cette personnalité* ». Não nos é possivel acompanhar Daudet em toda a sua longa e cerrada exposição. Mas para o ponto de vista especial que nos preocupa, precisamos de o escutar mais uns instantes. « *Je crois que ce que j'apelle la formation du jugement, c'est-à-dire, l'imposition à ce qui nous entoure et aux circonstances de notre vie des connaissances accumulées par l'esprit humain en général et par l'esprit de nos ancêtres en particulier, que cet esprit, dis-je, qui est proprement l'humanisme, présuppose ce fait que l'homme va en quelque sorte au-devant de la nature pour la résoudre, au lieu que ce soit la nature qui vienne le rechercher et l'accabler* ».

Mede-se o alcance das *humanidades* como elemento fixador, não só do gosto literario, mas dos proprios fundamentos da razão e do caracter. Camilo, respirando-lhes o influxo, achou assim um dos apoios de que mais tarde a sua individualidade se socorreu para resistir ás forças intimas que lh'a pretendiam destroçar. E não passe em claro o facto de Camilo receber num humilde presbiterio de montanha a formação intelectual que o tornou grande e inconfundivel! Devido ainda ás mesmas *humanidades*, a cultura media, antes da invasão romantica, encontrava-se, além de mais solida, mais largamente distribuida É essa a gloria da sociedade antiga e a honra das velhas classes eclesiasticas, — seculares e regulares, tanto as humildes, como as privilegiadas!



PERSONAGENS DA OPERA « AMOR DE PERDIÇÃO »
DE JOÃO ARROYO
DESENHOS DE SANTOS SILVA (ALONSO)

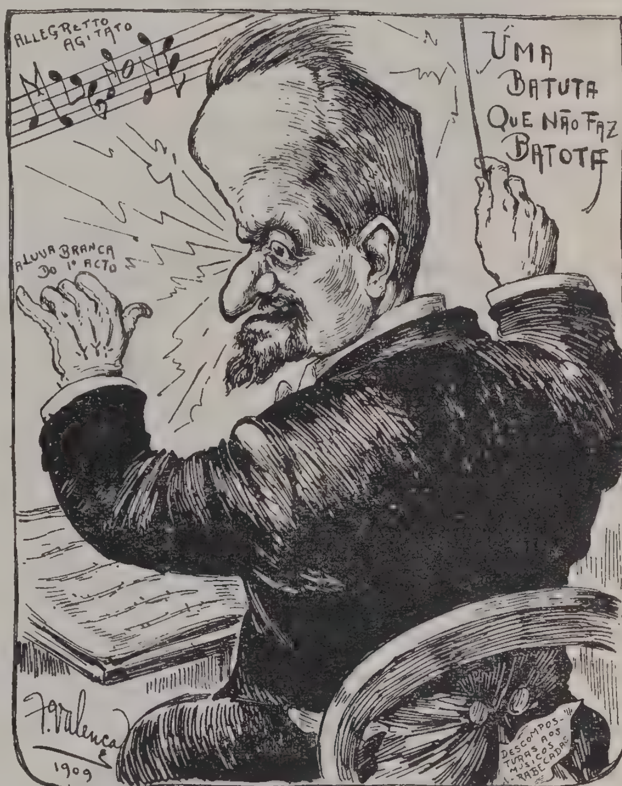
Graças á forte educação classica ganharia Camilo o conhecimento da lingua, a posse plena do espirito e da pureza do seu idioma nativo. « *Le langage humain,* — define Léon Daudet — *est une réprise des éléments héréditaires du moi par le soi et, dans une certaine mesure, il fait partie de la victoire du soi... Dans le langage, le soi joue le rôle du chant, le moi celui de l'accompagnement. Le verbe, quand vient la phrase, relève en général du soi. Les pronoms, substantifs et qualificatifs, traduisent les alternatives*

*variées du moi et des hérédopresences. La phrase elle-même est un petit système verbostellaire, reglé et dominé par le soi. Le style peut être considéré comme un ensemble de ces systèmes verbostellaires, eux-mêmes gravitant en compagnie des hérédofigures, et où ce soi est constamment vainqueur. Ce qui n'empêche que, chez le meilleur écrivain aussi, le ciel intérieur soit parsemé d'éclats et de débris héréditaires, où l'automatisme se manifeste sans forme de tics et de réflexes variés. La beauté, la force, l'intrépidité du style se mesurent à la qualité et à la prédominance du soi de l'écrivain. Il en est de même de la beauté, de la force, de l'intrépidité d'un langage. La langue latine, la langue française sont deux réussites, ou mieux deux apothéoses du soi. Le verbe y a la toute puissance. Le verbe y tient l'emploi d'un soleil*». Tal foi a psicoterapia que em Camilo inconscientemente, pela pratica da lingua, pela renovação do lexico, por uma apurada combinação da linguagem popular com a linguagem erudita ou culta, o impediu de cair no aniquilamento mental debaixo da pressão violenta duma hereditariedade contradictoria, como era a do mestre de S. Miguel de Seide.

« *Quand le moi, dans le mot, l'emporte sous ses formes péjoratives, il mène á l'obsession et à la folie — surtout alors que l'instinct génésique le gonfle et le fait éclater à travers l'esprit. Quand c'est le soi raisonnable qui l'emporte, le mot grave la loi et administre la cité. Dans le premier cas, le mot anarchise; dans le second, il hiérarchise* ». Hierarquisando a viva revolta do seu sub-consciente, Camilo, ao mesmo tempo que no seu labor de romancista se libertava dos fantasmas que o povoavam interiormente, dava realce e predominio á costela autóctone, — ao atavismo de enraizados e de adaptados que debalde se esforçava dentro dele para lhe imprimir homogeneidade ao sentimento e á visão. Por esse lado, — pelo lado da linguagem e da for-

mação classica, o judaismo de Camilo, tão vivo no sarcasmo, tão presente nos apaixonados ataques ás instituições tradicionais, tão manifesto no rebeldismo ingénito do panfletario, não alcançou victoria, — a victoria que seria a irremediavel destruição do escritor.

Em S. Carlos




Raios e coriscos . . . lyricos

O «MAESTRO» LEOPOLDO MUGNONE, QUE REGEU A OPERA «AMORE E PERDIZIONE» DE JOÃO ARROYO — CARICATURA DE FRANCISCO VALENÇA, REPRODUZIDA DA REVISTA «TIRO E SPORT» DE 20 DE FEVEREIRO DE 1909

Léon Daudet caracteriza em breves conceitos a anormalidade permanente do hebreu. «*Psychologiquement*, — escreve ele —, *le peuple juif doit son malaise et son besoin d'agitation á la perte de son dialecte, á cette aphasie profonde (sans amnésie) qui lui fait emprunter le double langage international de la bourse et de la révolution*». E Daudet repete: — «*Le juif est une migration arrêtée, une migration installée dans les principaux comptoirs et marchés financiers de l'Europe*».

*Le juif est un personnage à part, ayant ses qualités et ses defauts à part, poursuivant une destinée de race qui est*

*sans analogie, sinon sans point de contact, avec la destinée des autres races, auxquelles ils se mêlent sans s'assimiler*». É, palpavelmente a anormalidade que, meio debelada, persistiu em turvar o genio altissimo de Camilo. O seu irrequietismo é a projecção sentimental e social desse como que exilio interior — desse como que «ghetto» moral em que nos laboratorios profundos da individualidade do escritor os descendentes dos «Barbados do Assougue», de Vila-Real, se degladiavam na contorção eterna das fossas dantescas. Faltou a Camilo o dom da «psico-analise», tão reclamada pelos neurologistas e psiquiatras contemporaneos, mas que a sociedade antiga exercia num plano superior e intenso, frequentando a confissão e os consequentes sacramentos. Por aí decerto acharia Camilo remedio, se a profunda desconexão da sua personalidade não fosse agravada, — como já notámos — pelo sopro anarquico do ultra-romantismo. O capitulo dos amores do mestre de S. Miguel de Seide, de sobejo conhecido, concede-nos toda a razão e dispensa-nos de buscar mais justificações

Não nos resignamos, por isso, a considerar, segundo o senhor Paulo Osorio, o genio de Camilo como uma floração patológica, — como uma consequencia do desvio nervoso do escritor. Sofrendo as consequencias da meia irresponsabilidade que o individualismo do seu tempo conferia aos «apaixonados», aos «emotivos» e a varias outras especies sentimentais em que o «coração sensivel» foi fecundo, Camilo, que, no culto das disciplinas classicas e no convivio renovador da linguagem, conseguiu obter um quadro em que se condensou intelectualmente, naufragou, debaixo do ponto de vista do sentimento e da vontade porque a sua psicologia levantadiça e doente não conseguiu rectificar-se nos mesmos termos e com vantagens identicas. Eis porque o devemos lamentar no conflicto em que uma critica




REPRODUÇÃO DE UMA CARICATURA DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO, PUBLICADA NA PAG. 125 DO «ANTONIO MARIA» DE 15 DE ABRIL DE 1880

séria o contempla hoje, — critica liberta dos preconceitos deterministas e pseudo-scientificos a que o senhor Paulo Osorio, com toda a admiração pelo grande escritor, não se poude furtar.

É preciso entoar um hino á liberdade da alma humana, — vencer com animo heroico os fantasmas que dentro de nós persistem em nos sujeitar á vida inferior dos impulsos e das obsessões. « *C'est un fait aussi, observé par tous les aliénistes, que la persistance d'actes de conscience, jusque dans les périodes ultimes d'une maladie telle que la paralysie générale, persistance tenant á la survivance et aux réapparitions d'un soi, qui peut être masqué, affaibli, mais non détruit ni supprimé. Lá est la grande ressource de la médecine de l'avenir* ». E Daudet acrescenta, — porque a Léon Daudet, como a um guia seguro nos amparamos neste ensaio destinado a abrir novos caminhos ao problema da nosografia camiliana: — « *Il est même des cas, comme celui, classique, de Pasteur, où une légère hémiplegie, succédant à un épanchement cérébral, coincide avec une amplification notable du génie créateur et correspond à une ascension du soi. C'est sans doute le soi qui, dans sa lutte et dans sa victoire, a maltraité un système hérédostellaire jusque dans son prolongement organique. Cette augmentation de la personnalité, que la science materialiste prend par un effet, est une cause* ».

Percebe-se com que optimismo se não encaram assim os dramas crudelissimos em que a nossa consciencia, alterada por espectros tiranicos e dominadores, tantas vezes sucumbe, esmagada de todo! Sofrendo o legado duma ancestralidade contraditoria, Camilo, só por si, demonstra-nos o acerto com que o eminente Dr. Grasset nos aconselha aquela operação de higiene fisica e moral, que ele intitula expressivamente « preparação da hereditariedade ». Julgamo-nos habilitados a supôr a que altura subiria Camilo, se no seu

genio o «*soi*» do escritor triunfasse inteiramente. Não triunfou, pelos motivos expostos. Mas ainda assim, «*hérédo*» caracterizado, contemplemos em Camilo a confirmação de que o genio é sempre uma ordenação superior das faculdades compreensivas do homem. Defendido dos elementos psíquicos que lhe perturbavam a individualidade pela influencia salutar do «humanismo» o semi-nevado da rebelião congenita que o judaismo lhe depuzera no sangue pela penetração nacionalista com que o gosto da lingua lhe arejava o «*moi*», julgo achada a fórmula do genio de Camilo. Em Camilo o escritor é são, quando o sabbat hereditario que lhe torvelinha na composição animica se detem confinado nos dominios mais reclusos da vontade e da emoção. Se Camilo escritor é assim intelectualmente um producto da sociedade antiga, por mercê da acção depuradora e coordenadora das «humanidades», varridas pelo contrario, as altas probabilidades introspectivas dessa sociedade pelo relaxamento da vida inteira, já não podemos abranger Camilo no mesmo juizo, se o considerarmos debaixo do angulo exclusivamente psicologico.

Dispondo, numa rara aquisição dos recursos liricos da nossa novela, [o *Amadis*, a *Menina e Moça,* o *Palmeirim de Inglaterra* e a *Diana* são os ascendentes legitimos do *Amor de perdição*], Camilo subverte-se na desordem passional do ultra-romantismo. E ele, a vergontea assimilada de tanta linhagem de judeus, na influencia do ultra-romantismo, no irreparavel crepúsculo dos conceitos eticos e sociaes da nossa dupla tradição católica e monarquica, sente acordar o fundo adormecido e ei-lo dardejando a sua invectiva atávica, sempre que penetre os atrios augustos da historia patria. Porque Camilo, tão português na ressurreição incomparavel dos seus tipos dum mundo que se vai, assume imediatamente uma posição anti-nacional (me-

nos na questão pombalina), quando desponta o rei ou assoma o perfil duvidoso do christão-novo.

Quanto ao mais (e no «mais» incluo o Camilo que sofreu e que insultou, o Camillo que amou e que odiou, o Camilo que encheu de admiração e de vociferações meio seculo de existencia publica em Portugal), esse é o enfermo que o senhor Paulo Osorio, naturalmente enfeudado ás superstições deterministas da sua formação mental, nos quer levar a admitir como contendo em si toda a razão de ser do genio tão facetado do desventuroso escritor. Firmados em criterio irreductivelmente oposto, nós proclamamos a triste sujeição, padecida pelo genio de Camilo, que não se ampliou tão alto e tão largo, como as suas arrancadas lh'o permitiam, unicamente porque a doença constituia para o mestre de S. Miguel de Seide a grilheta

**Companhia de Opera Lyrica Italiana**

RECITA POPULAR

*Segunda-feira, 8 de Março de 1909*

A representação da opera em 3 actos, de **JOÃO ARROYO**, lettra de **F. Braga**

# Amore e Perdizione

Sob a direcção do maestro **Leopoldo Mugnone**

DISTRIBUIÇÃO

| | |
|---|---|
| Teresa ... | Sr.ª Baldassarre |
| Marianna ... | » Di Angelo |
| Badessa ... | » Garavaglia |
| Marguerita ... | » Maran |
| Monaca ... | » Lugano |
| Simone ... | Sr. Rosanoff |
| Baldassarre ... | » Lara |
| Taddeo ... | » Rapisardi |

Bailados no 2.º acto, pelo corpo de baile e tomando parte as 1.as bailarinas **Laura** e **Constanza Cerri**

*Scenario de* **Bertini** *Guarda-roupa de* **Chiappa**

«FAC-SIMILE» D'UM PROGRAMA
DA REPRESENTAÇÃO DA OPERA «AMORE E PERDIZIONE»
NO TEATRO DE S. CARLOS DE LISBOA
EXEMPLAR CEDIDO POR ARGIMIRO MARTINEZ

que não cessou nunca de o amarrar ás tristes condições da sua natureza inferior.

Não inquiriremos se Camilo «degenerado hereditario», arrastou consigo os frutos terriveis do «*tabes*». Falecem-nos para isso, — para o pormenor clinico e nosográfico, a competencia e a categoria necessarias. Agora o que repelimos é o conceito fatalista, tão proprio do materialismo expirante, em que a figura de Camilo se envolve, ao apresentarem-lhe o genio como filho da agitação infatigavel da «hystero-neurasthenia». Assim, diminuido na sua personalidade livre e criadora, jamais Camilo podia agradecer ao mal que o excruciava a scentelha inconfundivel com que Deus o dotara. Enredado na eterna disputa do «*soi*» com o «*moi*» nesta disputa Camilo sossobrou, afastado do conforto teologico que na confissão nos facilita uma disciplina regeneradora, em que o principio experimental da introspecção psiquica nos aparece erguido ás suas mais belas e salutares possibilidades. [1] Eis como o problema se deve

[1] Não é inutil chamar em meu reforço um auxilio decisivo. Abramos esse admiravel *Guide des nerveux et des scrupuleux (Vade-mecum de tous ceux qui souffrent ou qui voient souffrir)*, do Padre Raymond, da ordem de S. Domingos, capelão do célebre *Kneippianum* em Wörishofen, na Baviera. O Padre Raymond, vivendo por caridade en re uma espessa e variada flóra de nevroses as mais caprichosas, restitúi-nos com a leitura das suas reflexões, impregnadas de piedosa elevação, a certeza que nunca devemos perder na plenitude do nosso destino, mesmo sobre a terra. «*Puisque, dans l'homme, l'âme et le corps sont unis dans une unité de personne et que «tout se fond et s'unit dans l'âme raisonnable» il est facile de comprendre l'influence de l'âme sur le corps, la puissance qu'elle a de gouverner l'organisme et ses forces. Comme elle ne peut puiser dans son corps la force nécessaire pour donner libre essor à ses facultés et l'entraîner à sa suite, elle doit puiser en elle--même une force de direction supérieure*».

E o factor religioso, como educador da consciencia perturbada ou invadida, desdobra-se diante de nós nos seus infinitos recursos e com uma multidão de exemplos e de obras, que o Padre Raymond cuidadosamente assinala. O livro do capelão do *Kneippianum* constitui deste modo um breviario

colocar. Eis como devem ser apreciadas a acção e a reacção do genio de Camilo sobre os sedimentos patologicos da sua individualidade. E pretendendo iniciar embora modesta e hipoteticamente, com as nossas reflexões, um novo roteiro critico no exame e estudo da obra do desgraçado escritor, consinta-se-nos que assentemos, como verificações basilares:

a) *Camilo, escritor espontaneo, reflectiu na génese e composição dos seus romances as formas ancestraes, de que provinha;*

b) *O seu genio, longe de ser uma derivação do seu desvio nervoso, espelhou-lhe antes a influencia desagregadora e mortifera;*

c) *Por seu turno, o individualismo solto do periodo ultra-romantico roubou a Camilo os recursos psico-terápicos que a confissão religiosa lhe patentearia,—recursos que renascem hoje na «psico-análise», numa triunfante experiencia;*

d) *Em compensação, o desequilibrio dos sentimentos que afectou em Camilo a unidade intima do caracter e da vontade,*

de consolação do espirito e de medicina da alma. É simples o tratamento. Ele consiste na *confiança* num medico ou num confessor,—confiança que leva á *obediencia*,—« *seul moyen efficace de guérison* ». Como se vê, Freud nada inventou de novo. E justo é consignar que o aumento das devastações morais, reunidas debaixo da designação geral de « nevrose » coincide, ha um seculo a esta parte, com o decrescimento da vida interior, como a religião a prescreve. Falo no *sentido objectivo* — e não no *sentido apologetico*. Junte-se-lhes o absolutismo ferreo da irresponsabilidade, ditado pelas doutrinas deterministas. Anota Léon Daudet: — « *L'homme asservi dans sa lignée, l'humanité libre et indefiniment ascendant, telle était l'antinomie sur laquelle vécurent les deux générations de 1870 et 1900* ». Semelhante antinomia esmagou Camilo nas suas tenazes inexoraveis. Não insistamos, pois, no erro crasso de supor que o seu genio foi função da sua nevrose. A nevrose é que lhe enfraqueceu o genio, e se tanto o flagelou e acabou por vencer, a razão está na ausencia total daquelas inhibições psicologicas, que a Igreja, inscrevendo como principio dogmatico o livre-arbitrio, naturalmente aponta ao homem para autonomia e defesa da sua personalidade.

*viu-se restringido, quanto ao campo da inteligencia, pela robusta conformação mental que o escritor recebera das «humanidades»;*

e) *que o natural amor e conhecimento da lingua, transmitido a Camilo pelo convivio das letras classicas, atenuou a afloração semita que em Camilo pesava esmagadoramente, como força hereditaria descoordenadora;*

f) *que esse semitismo, estabelecendo em Camilo uma disputa atavica com os mortos territoriais ou autóctones da outra costela do escritor, daria origem á dualidade frisante que a psicologia de Camilo nos manifesta*;

g) *finalmente, apesar da pressão de elementos tão dissolventes como os que ficam sumariados, o genio de Camilo, resplandecendo pela intensa luminosidade das suas criações literárias, permite-nos adivinhar a que ponto ele se duplicaria, se a vontade o houvesse acompanhado na revoada extraordinaria.*

Sobre as alineas apontadas, uma conclusão se levanta, dominadora e indiscutivel: — e é a da verdade que assiste a Léon Daudet quando nos ensina que unicamente de nós depende, ou jazermos na escravidão ancestral ou enriquecermos a nossa individualidade com os atributos invenciveis da alma livre e soberana. Tão grande na sua tragedia e no seu talento, ainda Camilo se excede a si proprio pela lição que do seu infortunio se desprende e vem até nós.

Descubramo-nos diante da sua memoria ensanguentada e guardemos sempre comnosco aquelas suas palavras, traçadas numa noite de agitada invernia, — a noite de 22 de novembro de 1886: — «*Quando se ler este papel, eu estarei gosando a primeira hora de repouso. Não deixo nada. Deixo um exemplo. Este abismo a que me atirei é o* terminus *da vereda viciosa por onde as fatalidades me encaminharam. Seja bom e virtuoso quem o puder ser*».

Em tão crispado testamento ha como que a consciencia da impossibilidade em que o escritor se debatia para dominar o seu dualismo irreconciliavel. Dele morreu Camilo. Mas matou-o, principalmente, a submissão voluntaria dos espiritos do seu tempo ás esfinges inflexiveis do determinismo e da hereditariedade, — superstição criminosa com que a falsa sciencia nos encadeou, ao mesmo tempo que ditirambicamente declarava o homem emancipado da tutela de Deus. É o que se desprende desse grito inolvidavel, — sintese palpitante duma existencia truncada e sem centro: — «*Seja bom e virtuoso quem o puder ser*». A vontade inclinava-se, desaparecia, diante duma fatalidade escondida e insaciavel. E o suicida, em holocausto ao monstro anónimo, saltou nas trevas, no antegoso dum imaginario alivio.




REPRODUÇÃO DA CAPA DA TRADUÇÃO HESPANHOLA DO LIVRO DE CAMILO «A DOIDA DO CANDAL» — CASA EDITORIAL, VIUDA DE LUIS TASSO

Se ligarmos o fim de Camilo ao desnorteamento da sua existencia, entenderemos melhor que os homens não são diferentes das ideias que os regem Camilo sofreu paixão e morte, porque o individualismo frenético do seu ambiente cultivou e engrossou o individualismo frenético que o escri-

tor reflectia como herança estrutural. A não ser outra a causa da diminuição da sua personalidade, do desencontrado da sua obra. Invertam-se pois, os dados da questão, — e seja para se afirmar contra os preconceitos lombrosianos, que em Camilo a *doença,* longe de lhe alimentar o *genio,* só lh'o mutilou e desfigurou, acabando por extingui-lo.

ANTONIO SARDINHA





# O PRIMEIRO OPUSCULO DE CAMILLO[1]

COMO da primeira e unica edição da *Bibliographia camilliana* se não encontram ha muito exemplares nas livrarias, attingindo preços exaggerados algum que por acaso apparece, pensei em refundir esse trabalho, aproveitando os muitos elementos que, para um estudo completo de Camillo e da sua obra, teem vindo á publicidade de ha trinta annos a esta parte.

Desejando de algum modo corresponder á delicadeza com que foi solicitada a minha collaboração n'este *In me-*

[1] Quando esbocei as poucas palavras que se encontram a pags. 549 d'este *In memoriam*, foi no intuito de responder a uma especie de interrogação que o seu editor me dirigiu sobre o que eu pensava de Camillo. Vendo, mais tarde, que este livro tomava um outro aspecto de gravidade que a principio nem suspeitára, pensei em retirar essas palavras e substituil-as por este artigo, em que ha alguma coisa de mais concreto sobre o escriptor; cheguei tarde: a folha em que aquellas palavras vinham já estava impressa; por isso saem os dois escriptos, no mesmo *In memoriam*.

*moriam,* lembrei-me, para não sair dos limites que me impuz de só tratar de bibliographia, porque a consciencia me diz que d'este ramo de estudo camilliano me não devo desviar, lembrei-me, repito, de trasladar para aqui o que, a proposito da primeira brochura de Camillo, preparei para uma problematica segunda edição d'aquelle meu livro.

OS

**PUNDONORES DESAGRAVADOS.**

**POEMETO**

EM DUAS PARTES,

OFFERECIDO

AOS ACADEMICOS PORTUNSES.



PORTO:
TYPOGRAPHIA DA REVISTA,
*Rua dos Ferradores n.° 31.*

1845.

REPRODUÇÃO DO FRONTISPICIO DA 1.ª EDIÇÃO DO POEMETO DE CAMILO «OS PUNDONORES DESAGRAVADOS», 1845

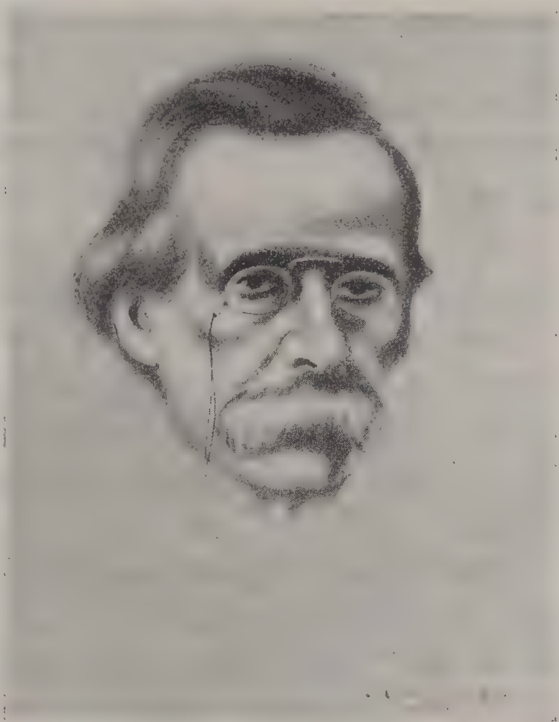
Os / PUNDONORES DESAGRAVADOS, / *poemeto / em duas partes, / offerecido / aos academicos portunses* (sic). / Porto: / Typographia da Revista, / Rua dos Ferradores n.º 31. / 1845. — Op. in-8.º de 10 pags., afóra as duas primeiras inns.

Porquanto se mantenha ainda a raridade d'esta primeira producção de Camillo impressa em folheto solto, aqui reproduzo com as necessarias alterações o que acerca d'ella escrevi em 1894.

Durante muito tempo andei pedindo informações, a toda a gente que mais ou menos conhecia as obras de Camillo, sobre este seu primeiro livro, vista a impossibilidade em que, no decurso de annos seguidos, me vi de alcançar um exemplar; a unica informação que logrei obter d'um intimo do grande escriptor, João Antonio de Freitas Fortuna, foi a que se pode inferir das seguintes palavras que extracto de uma carta que d'elle recebi, datada de 13 de dezembro de 1889: «Não ha um só exemplar da primeira edição, que se conhece, apenas,

pela declaração do auctor que se encontra na edição conhecida. A impressão primeira foi limitadissima, e soffreu as consequencias de um immerecido desleixo »

Passado largo tempo consegui vêr um exemplar d'essa primeira edição, que me foi mostrado com todas as reservas e cautelas devidas a tal raridade bibliographica, por um certo padre Ramalho, que hoje supponho já fallecido, admirador de Camillo e bibliophilo distincto; depois de 1890, anno em que tive de me transferir de Lisboa para o Porto, é que consegui vêr n'esta cidade novo exemplar nas mãos de outro bibliophilo, o sr. Antonio Teixeira dos Santos.



CAMILO SEGUNDO UMA SANGUINEA DE AMARELHE, 1916 — REPRODUÇÃO AUTORIZADA PELA DIRECÇÃO DO « GREMIO LITERARIO »

Só decorridos tres annos, em 1893, logrei alcançar n'um leilão o exemplar que possuí, e que era, portanto, o terceiro em que punha os olhos. Muito posteriormente vi ainda o que serviu á Parceria Antonio Maria Pereira para a reproducção que esta casa fez em 1917, em edição fac-similica, e soube da existencia de mais dois exemplares (a não ser que fossem o mesmo) vendidos em dois leilões de Lisboa em 1912 e 1916.

E' natural que fosse um d'estes o que serviu para a reproducção em fac-simile do frontispicio que veiu publicado no primeiro volume da *Revista bibliographica camiliana*, trabalho interessante e minucioso do intelligente livreiro antiquario Manuel dos Santos.

Ultimamente, n'este mesmo ano de 1925, é que appareceu ainda outro exemplar no leilão que a livraria Moraes, de Lisboa, realisou no Porto no mez de janeiro.

*Os pundonores desagravados* vieram depois reproduzidos:

Pela primeira vez a seguir, dentro do mesmo opusculo, a *O juizo final; e o sonho do inferno,* no mesmo anno de 1845.

Pela segunda vez em 1889, na 1.ª edição dos *Delictos da mocidade,* Porto, onde occupa as pags. 1 a 14.

Pela terceira vez em 1905, na 2.ª edição dos mesmos *Delictos da mocidade*, Lisboa, pags. 17 a 30.

Pela quarta vez em 1916, em uma edição de 10 exemplares impressos na typographia Henrique Pereira & C.ta, Lisboa.

Pela quinta vez, egualmente no anno de 1916, na *Revista bibliographica camiliana*, a que acima me refiro, pags. 13 a 24. D'esta reproducção na *Revista bibliographica* se fez uma tiragem em separado de 50 exemplares em papel de linho, dos quaes mais tarde se inutilisaram 45, para não prejudicar a Parceria A. M. Pereira, proprietaria dos *Delictos da mocidade.*

Pela sexta vez em 1917, em uma edição fac-similica da 1.ª, feita pela Parceria Pereira, edição que unicamente se distingue da original, pela differença do papel, que é muito inferior ao da primitiva.

Qualquer das edições que acabo de mencionar — exceptuadas: a 2.ª que vem a seguir a *O juizo final,* etc., e as que apparecem nas duas edições até agora publicadas

dos *Delictos da mocidade* — traz, além de um *Prologo* de 11 linhas, na pag. 1, os seguintes tres versos do poeta quinhentista Antonio Ferreira, no reverso do frontispicio:

De arêa, cal, e pedra os que edificam
Baixas, mas necessarias miudesas
As torres erguem que tão altas ficam.
*Ferr. Car.* 2 L. — 2.

Este poemeto, especie de satyra em verso branco, foi escripto por Camillo afim de ridiculisar os duellos, especialmente o que se realisára, pouco antes de o delinear, entre um certo Arnaud e José Augusto de Novaes Vieira, mais conhecido pelo *Novaes dos Oculos* ou *Novaes da Patria*, que desde essa data se tornou inimigo pessoal de Camillo, atacando-o violentamente pela imprensa, sempre que se lhe offerecia ensejo, e com quem mais tarde teve scenas de pancadaria, uma das quaes é espirituosamente descripta pelo saudoso Ramalho Ortigão, no bello artigo com que elle prefaciou a edição monumental do *Amor de perdição.*

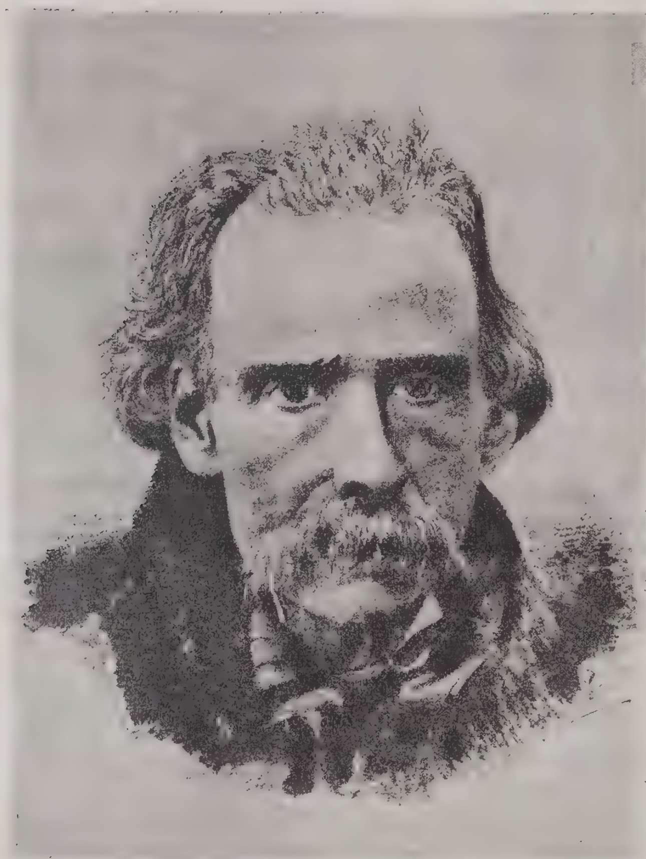
A referencia d'*Os pundonores desagravados* ao Novaes é mais de que transparente no seguinte verso:

D'oculos apparece N... excelso

O odio votado pelo Novaes a Camillo era de tal ordem, que passou além da morte d'este. Quem o quizer verificar pode fazel-o, lendo um celebrado jornal de *chantage* do Porto, intitulado *O riso do Diabo*, que saiu nos annos de 1902-1903.

O escriptor que, pela primeira vez, tratou de *Os pundonores desagravados,* fazendo a historia alegre dos antece-

dentes do duello que inspirou o poemeto, e o subsequente duello de troça entre Camillo e A. de Freitas Barros, foi José Cardoso Vieira de Castro no seu *Camillo Castello Branco (Noticia da sua vida e obras)*, 1861 e 1862; depois foram o sr. Alberto Pimentel no n.º 50, 4.º anno (1888) do semanario *A illustração portugueza*, noticia posteriormente transcripta em *O romance do romancista*, 1890 (1.ª edição) e 1923 (2.ª ed.); em seguida Freitas Fortuna nas notas que acompanham os *Delictos da mocidade*, 1889 e 1905; Alberto Pimentel volta a tractar do caso em *Os amores de Camillo*, 1899 (1.ª ed.) e 1923 (2.ª ed.), e ainda nos *Poemas heroi-comicos*, Porto, 1921; tractaram egualmente do assumpto Paulo Osorio em *Camillo, a sua vida, o seu genio, a sua obra* nas duas edições de 1908 e 1924; Antonio Cabral no



CAMILO — REPRODUÇÃO D'UM DESENHO PUBLICADO NO N.º 45 DO JORNAL «O PALITO» DE 13 DE SETEMBRO DE 1888

*Camillo de perfil*, em 1914, e no *Camillo desconhecido,* em 1918; e o proprio Camillo nas *Noites de insomnia,* vol. 7.º, 1874.

Como se acaba de vêr só o estudo do assumpto que serviu de thema a *Os pundonores desagravados* dava para um volume.

Camillo era, ao tempo do picaresco duello, alumno simultaneamente da Academia polytechnica e da Eschola medico-cirurgica do Porto; por signal que n'esta ultima não fechou matricula em junho, por ter perdido o anno.

O facto de elle ser estudante explica a offerta do poemeto aos *Academicos portuenses,* tendo os compositores, n'uma grande phobia de *e,* transformado esta ultima palavra em *portunses.*

Nas datas das diversas edições que depoís se imprimiram do curioso opusculo, tenciono, se levar ao fim o meu trabalho, como espero, fazer as devidas referencias bibliographicas

HENRIQUE MARQUES



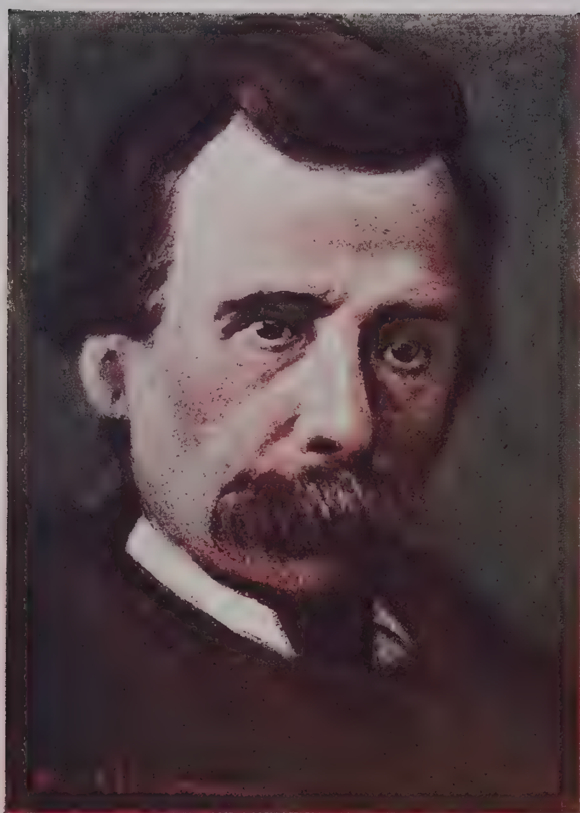
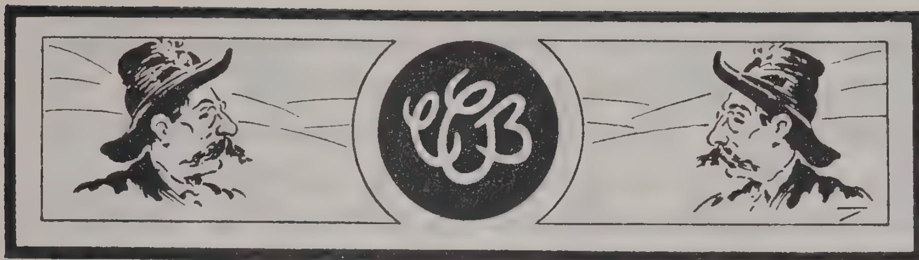


ILUSTRAÇÃO REPRODUZIDA DA CAPA DO LIVRO «CARTAS DE CAMILO CASTELO BRANCO» — PASTEL DE ALBERTO SOUSA



# CAMILLO CASTELLO BRANCO

FOI entre nós o mais genuino e legitimo representante da Escola Romantica, da grande e illustre geração francêsa de 1830, este supremo artista da palavra, este fluente esgrimador da logica, este escultôr admiravel do pensamento que se chamou Camillo Castello Branco, o inolvidavel solitario de S. Miguel de Seide.

A sua obra é colossal e bem caracteristica da psycologia d'uma raça!... Realista de notaveis e profundas concéções, elle traçou vigorosamente, com mão de mestre, a verdadeira orbita da litteratura nacional. Se Almeida Garrett foi o fundador do Theatro Moderno em Portugal, Camillo foi o fundador da hodierna litteratura moderna e o verdadeiro precursor d'Éça de Queiroz, de Ramalho Ortigão, de Fialho d'Almeida, de Teixeira de Queiroz e de muitos outros que lhe seguiram a tradição, continuando-lhe a Obra, esta Obra sublime que é o monumento mais completo, o monumento mais perfeito do Intellectualismo Português.

Em Camillo admira-se a purêsa castiça, a opulencia da

lingua portugueza que tambem immortalizou a Obra de Castilho, de Julio Diniz e Latino Coelho.

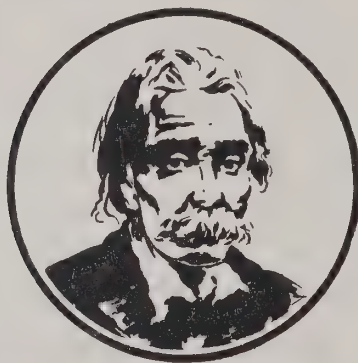
Se Castilho foi no conceituoso dizer d'um illustre escritor «o Cego de maior vista que eu conheço» Camillo foi de certo, após a cegueira que o levou ao suicidio, o Cego, cujo espirito sctintillante maior luz em si continha, conforme Affonso d'Albuquerque foi o mais colossal gigante nascido em terra lusa.

A maior homenagem que se pode prestar ao genial Mestre não é apreciando-se collectivamente a sua Obra, mas sim perpetuá-la em successivas edições, vulgarisando-a em todo o mundo civilisado.

O desapparecimento de Camillo deixou nas letras patrias um vácuo que difficilmente será preenchido. E é reconhecendo toda a extensão d'esta lamentavel falta, que eu me curvo reverente ao evocar seu prestigioso Nome n'esta minha modesta, mas sincera apreciação.

Apreciar Camillo a fundo é o mesmo que escalar o Himalaya!... Não tenho arcaboiço para tanto!...

FAZENDA JUNIOR





# ALGUMAS IMPRESSÕES ACÊRCA DA ICONOGRAFIA DE CAMILO

*Ao grande pintor Columbano e aos devotados camilianistas: Alberto Pimentel, Henrique Marques, Dr. Julio Dias da Costa, Tavares de Carvalho, Oldemiro Cesar, Dr. Jorge Faria, Cruz Magalhães e Luis Ferreira Lima.*

SÃO já decorridos bastantes anos depois que travámos conhecimento com um livro notavel de John Grand-Carteret intitulado *Zola en images* e lembramo-nos ainda da pregunta que fizemos a nós proprios, depois de minuciosamente o termos analisado: ¿Haveria em qualquer parte do mundo outro escritor que, á semelhança do imortal autor da *Obra,* tanto tivesse chamado sobre si a atenção dos artistas? Á nossa juvenil curiosidade afigurava-se naturalissima a pregunta, porque o livro de Carteret é um repositorio abundante de imagens de Zola e encerra,

entre retratos, caricaturas e documentos diversos, 280 ilustrações que lhe dizem respeito.

Com o andar do tempo, e dado o nosso permanente contacto com alguns ramos de especialização artistica, convencemo-nos naturalmente de que o que se déra com Zola acontecêra tambem a outros escritores igualmente notaveis e que, até entre nós, um, principalmente, havia existido que muito chamára sobre si a atenção dos artistas. Queremos referirnos ao nosso grande romancista Camilo Castelo Branco.

O que tem faltado algumas vezes a muitos celebrados escritores do nosso e de outros países não são propriamente pintores, escultores e desenhadores que de suas prestigiosas figuras se tenham ocupado; têm-lhes faltado os Carteret devotados, persistentes, amorosos, que, pacientemente, vão carreando o material iconografico, estudando-o, deleitando primeiramente com ele o seu proprio espirito e depois o do público, entre o qual o referido material deve tornar-se tambem divulgado e conhecido.

Tendo-nos encarregado o editor Ventura Abrantes da direcção e confecção artistica do presente *In memoriam*, não foi sem reiterados rogos da sua parte, e muitas recusas e receios da nossa, que nos resolvemos a aceitar tão espinhosa tarefa.

É que nós sabiamo-la de responsabilidades demasiadas para as nossas forças — tanto mais tratando-se d'um livro de homenagem a Camilo, escritor dos maiores da nossa terra, e um dos que possuem mais vasta iconografia.

Desempenhamo-nos agora d'esse encargo e apresentamos aos leitores o material que nos foi possivel recolher. Acêrca d'ele não faremos abundantes comentarios, que se tornariam fastidiosos e superfluos numa obra que não é exclusivamente iconografica. Dos trabalhos que nos parecerem mais interessantes, e que são ainda assim numerosos, daremos apenas

breves impressões, reservando possivelmente para futuro um estudo mais desenvolvido sobre a iconografia de Camilo. Se, para realizarmos tal propósito nos falta, é certo, a competencia de Carteret, sobra-nos um desejo identico ao seu: — o de tornar bem conhecido pela gravura um grande vulto da literatura nacional.

Nascido num país pequeno pelo seu territorio, embora grandioso pela sua historia, Camilo foi um escritor profundamente português que descreveu nos seus livros os tipos e os usos da sua terra. Não teve, nem podia ter facilmente a sua obra a repercussão universal que teve a de Zola, pois a d'este, além de ter alcance social, era habitualmente lançada de Paris, capital do mundo latino. Não admira, pelas razões expostas, que a imagem de Zola, bem como o seu labor literario, tivessem interessado artistas das mais diversas nacionalidades e que a *facies* de Camilo tivesse interessado apenas, — que saibamos, — os artistas do país em que ele nasceu [1]. Mas se a iconografia de Zola se avantaja em alguns pontos á de Camilo, — na abundancia, por exemplo, de desenhos humoristicos, — a d'este último póde perfeitamente, nas suas diferentes modalidades, ombrear com aquela em valor artistico e até se lhe mostra superior na parte que diz respeito á escultura.

Se no livro *Zola en images* podemos ver esculturas de Alexandre Charpentier, Charmoy; uma pintura de Manet (o retrato de Zola exposto no Salon de 1868); desenhos de Liphart, Guillaumot Junior, M. Guth, Loévy, Henry Céard, Marcellin Desboutin, Couturier, Henry de Groux; caricaturas de Steinlen, Cinirin, Robida, André Gill, J. Blass, Moloch, Da-

[1] Já depois de termos quasi concluido o presente estudo solicitámos do pintor e escritor hespanhol D. Juan de Nogales um desenho e um artigo sobre Camilo, que noutro lugar d'este livro se publicam.

niel Frimm, Forain, C. Léandre, Caran d'Ache, Stop, Depaquit, Jüttner, Dalsani e Jorge Colaço; máscaras de Fr. Valotton, L. Braun, Leroux, Bellery — Desfontaines; numerosas fotografias e varios documentos artisticos dos mais valiosos; — no *In memoriam* camiliano podemos observar interessantes esculturas de Teixeira Lopes, Diogo de Macedo, Ruy Teixeira Bastos, Raul Xavier, João José Gomes, D. Fernando de Almeida, Rogerio d'Andrade, Manuel Gustavo, A. Victorino, F. da Silveira, Manuel Castelo Branco, Henrique Moreira; pinturas de José de Brito, Mario Santos e Roque Gameiro; desenhos de Sousa Pinto, Antonio Carneiro, Cristiano de Carvalho, Manuel de Macedo, Roque Gameiro, Ernesto Condeixa, Cervantes de Haro, Santos Silva (Alonso), Ribeiro Cristino, Alberto Sousa, Amarelhe, Almeida e Silva; caricaturas de Rafael Bordalo Pinheiro, Sebastião Sanhudo, Francisco Valença, Alfredo Can-




JOHN GRAND-CARTERET SEGUNDO UMA CARICATURA DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO REPRODUZIDA DA PAG. 232 DO JORNAL «PONTOS NÓS ii» DE 17 DE JULHO DE 1890

dido e Armando Boaventura; máscaras de Cristiano de Carvalho, Leal da Camara, Hipolito Colomb, Antonio Soares, C. Craveiro, Antonio Dias Branco; e, ainda, outros variados trabalhos assinados por diferentes artistas: litografias, aguarelas, *croquis,* além de razoavel número de fotografias e curiosidades iconograficas interessantissimas, que vão desde as que se vêem gravadas na parte interna de sobrescritos, ás que se ostentam nas tampas de velhas caixas de fosforos.

Os Portugueses ignoram habitualmente algumas das riquezas que possuem e amesquinham quanto lhes pertence para valorizarem apenas o que é dos estranhos; mas não é razoavel que procedam assim. ¡Que rica não é, por exemplo, a iconografia de Camilo e como ela estava em parte por conhecer devido, talvez, á falta d'um trabalho de conjunto!

Quem se der ao cuidado de verificar, reunidas no presente *In memoriam* a vitalidade, a graça, a competencia, a nobreza, com que, de modo quasi sempre elevado, os artistas de Portugal souberam, em diferentes datas e em publicações diversas homenagear um dos seus maiores escritores, poderá certificar-se de que não pertencemos a um povo morto. Apesar d'isto, a colecção da iconografia camiliana, que publicamos, apresenta, decerto, algumas deficiencias de ordem artistica e está numericamente longe (somos os primeiros a reconhecê-lo), de ser um trabalho *completo.*

¿Mas quem poderá tambem, na verdade, considerar alguma vez completos os trabalhos d'esta natureza, se em cada dia, e até em cada momento que passa, aparecem com extrema facilidade elementos novos para lhes acrescentar? Não passando este nosso estudo d'um despretencioso ensaio iconografico, consideramo-nos no entanto satisfeitos se ele puder dar origem a trabalhos de maior folego.

*

* *

Se um exame cuidadoso que se faça á vida e á obra de um escritor nos dá ensejo de o apreciarmos e compreendermos melhor, o exame não menos atento que se faça á sua iconografia é tambem utilissimo porque nos auxilia a vê-lo *mais nitidamente*, a *completá-lo,* — podemos acrescentar.




O MAIS RECENTE RETRATO DE ALBERTO PIMENTEL, ESCRITOR INSIGNE, AMIGO E DISCIPULO DILECTO DE CAMILO — DESENHO DE SAAVEDRA MACHADO

Os estudos iconograficos não têm tido entre nós o desenvolvimento que seria para desejar e póde até dizer-se, sem exagêro, que estão na sua primeira infancia. As imagens gravadas — que lá fóra, em países melhor orientados que o nosso, têm nas multidões um culto fervoroso e entusiastico, o qual alimenta, só por si, milhares de belissimas publicações — têm pecado e pecam, nos nossos « In memoriam » e em outros livros e revistas, ou pela excessiva pobreza, ou pela ausencia. E isto é um mal, sabendo-se como as belas imagens desenhadas foram e serão sempre um complemento poderoso da palavra escrita e um dos mais importantes factores educativos que se conhecem.

IN MEMORIAM DE CAMILLO

A descrição d'um homem, d'um arbusto, ou d'um edificio póde ser literariamente muito bem feita. Através d'ela podemos *visionar* o que sejam esse homem, esse arbusto ou esse edificio. Mas teremos dos tres uma noção muito mais concreta, muito mais exacta, muito mais perfeita, se a descrição vier acompanhada de bons e fieis desenhos. Em determinados passos scientificos e literarios, e para melhor compreensão, os desenhos são *absolutamente indispensaveis* porque, muito embora ás vezes se empreguem para os substituir excelentes fotografias, estas nem sempre nos poderão dar, com acertado relêvo e minucia, *particularidades* d'uma imagem ou d'um objecto, as quais haja conveniencia em fazer salientar.

O que, em parte, torna utilissima a consulta do livro intitulado *Musée préhistorique* de Gabriel e Adrien de Mortillet, são os desenhos d'este último que ilustram a citada obra. Na sua especialidade esses desenhos são magnificos, d'um rigor e consciencia admiraveis, o que faz com que o precioso volume se torne muito elucidativo e atraente. Analisando-os com atenção, o estudioso adquire um conhecimento visual muito perfeito dos objectos, armas e utensilios usados pelos homens primitivos. Lanças, raspadores, facas, pontas de setas, machados, percutores, tudo isso ali está carinhosa e pacientemente tratado. Poderemos, é facto, achar talvez esses desenhos demasiadamente frios; ¿mas que importa se eles traduzem a verdade d'aqueles objectos, e nos dão, através da sua frieza, a emoção d'um passado remoto?

O que, inegavelmente, muito valoriza a obra *Handatlas der Anatomie des Menschen* de Werner Spalteholz são as suas belas estampas, a preto e a côres, d'uma perfeição e precisão inegualadas. Os ossos, os musculos, os vasos e muitas particularidades, enfim, de que se compõe o corpo humano, ressaltam das páginas d'esta obra magnifica, tor-

nando-a não só utilissima para os medicos, mas ainda para os artistas que pretendam fazer estudos de desenho anatomico com aplicação a trabalhos de investigação médica.

No mesmo caso está o *Traité d'anatomie humaine*, de L. Testut, com desenhos de Devy, e o *Traité d'anatomie topographique*, de L. Testut e O. Jacob. Esta última obra, que consta de dois tomos, é valorizada, no texto, com 553 figuras desenhadas por S. Dupret.

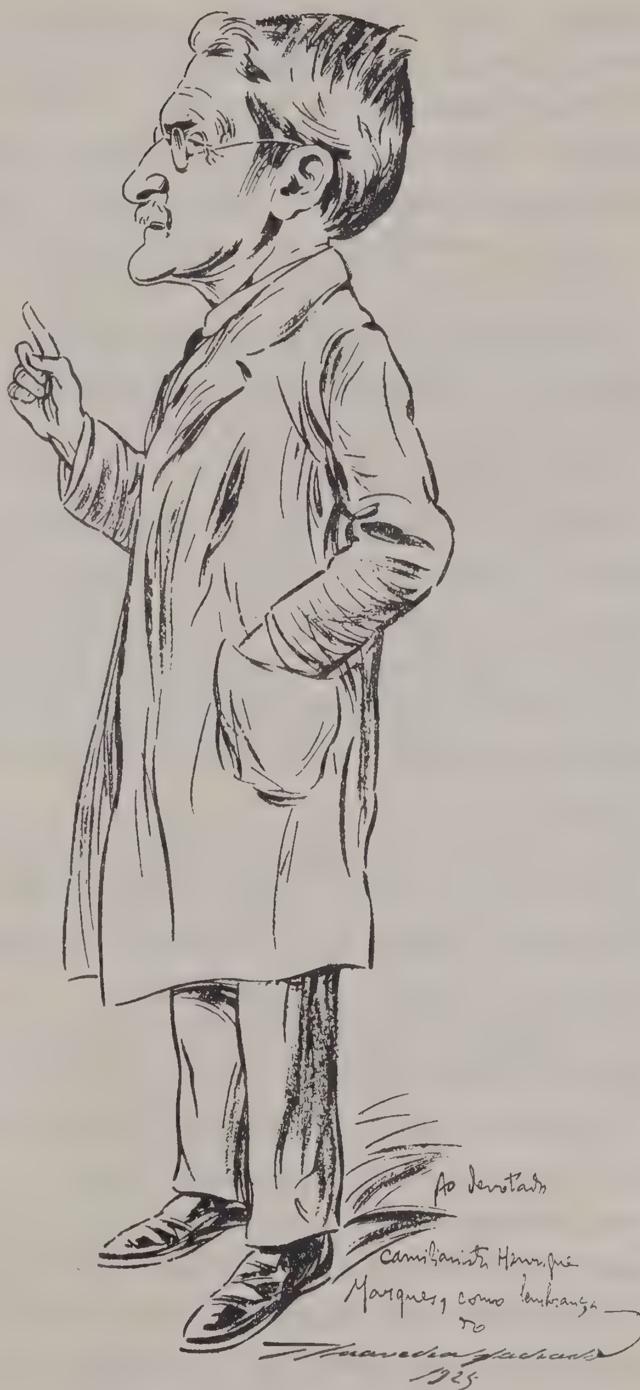
Os livros intitulados *Rauber's Lehrbuch der Anatomie des Menschen*, do Prof. Dr. Fr. Kopsch, 8.ª ed., Leipzig, 1908; *Lehrbuch der Topographischen Anatomie für Studierende und Ärzte*, do Dr. H. K. Corning, Wiesbaden, 1911; *Anatomie humaine descriptive et topographique*, de H. Rouvière, Paris, 1924; e o *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, da direcção do Prof. H. de Vilhena, Lisboa, 1912—1924, têm tambem belas estampas.

Para a educação propriamente plastica de pintores, escultores e desenhadores, os conhecidos livros ilustrados de Anatomia artistica de Fau e Mathias Duval são da maxima utilidade, — principalmente o primeiro, devido ás suas primorosas gravuras.

O que muito contribuiu, de certo, para que se tornasse notavel o livro *Pompei*, de Pierre Gusman, — livro premiado pela Academia francesa, — foi a serie de ilustrações do proprio autor, que é um verdadeiro temperamento de artista. Os seus 600 desenhos á pena e as suas 32 aguarelas representando as estátuas, os templos e tudo quanto de belo havia na outr'ora opulenta Pompeios são trabalhos excelentes, bem iluminados e compostos. Só um espirito esclarecido, profundamente conhecedor do assunto de que o livro trata, aliado a uma visão artistica pouco vulgar poderia ter produzido tão valiosa e bem documentada obra.

O *Orlando furioso*, de Ariosto, a *Divina Comedia*, de

Dante, o *Paraiso perdido,* de Milton, o *D. Quixote,* de Cervantes, a *Atala,* de Chateaubriand, os *Contes drolatiques*, de Balzac, os *Contos de Perrault* e os *Poemas*, de Tennyson, adquirem maior beleza quando os vemos acompanhados pelos desenhos surpreendentes de Gustavo Doré. Foi o lapis d'esse artista prodigioso que fez realçar de modo brilhante os melhores passos de tão grandes livros. Doré possuia uma fantasia exuberantissima, uma facilidade de compor e agrupar figuras, que raras vezes tem sido




HENRIQUE MARQUES, UM DOS MAIS NOTAVEIS CAMILIANISTAS PORTUGUESES, AUTOR DA «BIBLIOGRAFIA CAMILIANA» — «PORTRAIT-CHARGE» DE SAAVEDRA MACHADO

igualada. Ele interpretou maravilhosamente as figuras medievais e toda a multidão caprichosa de criações dantescas; desenhou encantadoras paisagens de frondosos arvoredos; planicies escalvadas, cheias de tristeza; palacios sumptuosos e choupanas miseraveis. Desenhou reis, cavaleiros, ciganos e mendigos, tudo quanto a sua organização privilegiada de artista soube sentir e amar.

A edição monumental do imorredouro poema epico de Camões *Os Lusiadas*, que a Imprensa Nacional fez imprimir em 1878, torna-se muito notavel porque é enriquecida com desenhos do grande escultor Soares dos Reis.

As edições hespanholas de algumas obras do apreciado escritor José M. de Pereda, como sejam, por exemplo, as intituladas *El sabor de la tierruca*, 1882, e *Al primero vuelo*, 1891, são ilustradas com esplendidos desenhos de Apeles Mestres, e foram ainda as delicadas ilustrações d'este primoroso artista que deram maior relêvo aos contos de Hans Christian Andersen.

As edições populares hespanholas *Los Contemporáneos*, *El libro popular*, *El cuento galante*, *El cuento semanal* e *El cuento decenal* são profusamente ilustradas por grande numero de artistas do paiz vizinho.

O precioso livro de Edwin Bormann *Der Shakespeare-Dichter. Wer War's? und wie sah er aus?* Leipzig, 1902, é valorizado com magnificas reproduções de diferentes retratos do célebre poeta e dramaturgo inglês. Este volume, pela fórma sobria e criteriosa como foi organizado, póde ainda hoje servir de modêlo a pequenos estudos de iconografia.

O estudo de Rafael Doménech sobre Sorolla torna-se mais interessante pelas 116 ilustrações reproduzidas dos trabalhos d'aquele notabilissimo pintor.

Como obras de divulgação artistica e belos repositorios de imagens que apresentam, são notaveis, entre muitas ou-

tras, *Les grands musées du monde* (Pierre Lafitte et C.ie, ed.), *Les peintres illustres* (Pierre Lafitte et C.ie, ed.), ambas com estampas coloridas. *Les artistes célèbres* (ed. de J. Rouan), *L'art de notre temps* (Jean Gillequin et C.ie ed.), *Les peintres français nouveaux* (ed. da «Nouvelle revue française») e a encantadora colecção inglesa *Gowans's Art books* (Gowans & Gray, Ltd. ed.).

A conceituadissima revista inglesa de Arte *The Studio*; as revistas, tambem inglesas, *Punch, London Mail, London Opinion, The passing Show, Tit Bits;* e as alemãs *Illustrirte Zeitung, Die Gartenlaube, Simplicissimus, Die Woche, Berliner Leben, Fliegende Blätter, Jugend, Lustige Blätter, Meggendorfer Blätter* etc.; as revistas hespanholas *La Esfera, Blanco y Negro,* e outras; as francesas *L'Illustration, Le sourire, Fantasio, Le Rire, Le journal amusant* etc. todas elas testemunham abundantemente a cultura artistica dos ambientes em que se publicam e constituem colecções das mais variadas imagens.

Além dos livros e das publicações que citámos, outros ha tambem onde podemos ver desenhos d'uma *emoção* e d'uma *verdade* tão intensas que alguns d'eles poderiam dispensar as legendas.

Muitos relatorios e livros ilustrados se fizeram acêrca da grande guerra nos quais se dava conta das atrocidades que os alemães praticaram na Belgica. Acima porém d'esses relatorios e d'esses livros, — muito mais fieis e belos que todos eles, muito mais sinceros e humanos, — estão os formidaveis desenhos do Holandês Raemaekers. Esses desenhos ficam e não esquècerão jamais. São verdadeiros monumentos erguidos á Dor e simbolizam-na amplamente; personificam os mais inauditos sofrimentos; mostram-nos casos de loucura, de abnegação e de miseria; gritam todos eles as mais tremendas acusações contra a criminosa brutalidade do poderio

militar alemão. Nunca podemos olhar esses desenhos com indiferença. Eles chamam-nos, prendem-nos, fazem-nos tremer de indignação e de revolta.

Mas não são apenas os desenhos de Raemaekers que têm um extraordinario poder emocional. Ha muitos outros. Um miseravel desenhado por Gavarni não é menos sugestionante que um miseravel descrito por Victor Hugo. Ambos nos emocionam e dão ensejo a fazermos amargas reflexões. O belo album *Oeuvres choisies de Gavarni,* que o divino Gautier amorosamente prefaciou, tem, na parte que se refere á gente de Paris, algumas figuras de vagabundos que foram tão admiravelmente surpreendidos, mostram-nos expressões tão cruelmente anatomizadas, que, ao vê-las, sentimo-nos abalados e confrangidos.



MORTICINIO DOS BELGAS — EMOCIONANTE DESENHO DE RAEMAEKERS, LONDRES, 1916

Folheae atentamente o curiosissimo album de Steinlen *Dans la vie,* que abre com um excelente proemio de Camille de Saint-Croix, e vereis perpassar deante de vossos



MARIANA — AGUARELA INEDITA DE AL-
FREDO DE MORAES

olhos uma legião estranha de criaturas que o lapis do artista soube colher com flagrante realidade. *Les ouvrières, Filles et marlous, Gosses et gosselines, Bals et bastringues, Les idylles, Les petites ouvrières* e *Les miséreux,* são páginas artisticas notaveis onde uma análise cuidadosa se alia a uma emoção profunda. Alex. Steinlen não anotou superficialmente a vida. Profundou-a, sentiu-a, sofreu-a decerto. ¡Que página tragicamente bela não é a que ele intitulou *Le loup garou*, reveladora da mais repugnante crueldade a que tem descido esse animal imperfeito e daninho que é o homem!

Reparae ainda nos miseraveis de Bernard Naudin: são figuras angulosas e tragicas, de corpos chagados e andrajosos; párias sem eira nem beira, fazendo longas jornadas por interminos caminhos; famintos que vemos aguardando a esmola d'umas sopas ás portas dos palacios e dos quarteis; desgraçados cheios de canseira que jamais conheceram o confôrto d'um lar, sentados ou deitados nos bancos das praças públicas. Todas estas figuras poderiam *dispensar* as legendas. As gentes que representam, nascem, vegetam e morrem em todos os países e não têm patria; ha habitualmente nas suas máscaras, que se nos mostram ora ansiosas, ora revoltas, ou resignadas, uma expressão de sofrimento doloroso e profundo, facilmente reconhecivel como tudo quanto diz respeito á Dôr, á Desgraça ou á Fatalidade...

*

* *

Nas series de desenhos que formam as iconografias dos grandes escritores nem sempre abundam aqueles cujo alto poder simbolico dispensa as legendas; mas outros se encontram possuidores de particularidades curiosas que dizem respeito não só ás diversas modalidades das expressões

fisionomicas mas tambem aos *gestos* que muito as completam.

No livro de Feg e Po, *A figura humana na arte e no ensino*, lemos um dia estas palavras que nunca esquècemos: « O gesto é a expressão do pensamento e da ideia por transmissão e repercussão. O gesto é o meio fisico, concreto, empregado para figurar o abstracto e o imaterial. É indispensavel a qualquer expressão de verdadeira arte ».

Embora a iconografia camiliana não seja das mais ricas em gestos, os que possue, bastam, no entanto, para definir alguns dos pensamentos mais dilectos do escritor, e, principalmente, para nos revelar as suas ocupações mais favoritas.

Pode talvez dizer-se — e nós concordamos — que nem todos os artistas tenham sido felizes no modo como interpretaram as *expressões* da face de Camilo. ¿Isso que admira? Além de muitos o não terem conhecido, as emoções e os efeitos de luz recebidos diariamente pelo Homem *actuam* no seu rosto modificando-lhe *constantemente* as expressões e tornando estas muito *variaveis*. E variaveis são, afinal, os gostos de cada observador pois o que uns julgam optimo podem outros julgá-lo detestavel. O que é mais dificil é afirmar-se que alguns artistas não tenham interpretado bem os *gestos* do escritor quando no-lo apresentam nas suas horas de febre criadora, escrevendo muito e aceleradamente, para angariar o seu sustento e o dos que lhe pertenciam, ou fazendo da pena uma clava com que esmagava os adversarios, — como nos mostram algumas caricaturas de Bordalo e de Sebastião Sanhudo. ¿Não foi na verdade Camilo um trabalhador incansavel e um terrivel polemista?

Como em todas as iconografias em que as imagens abundam, e tendo d'essas imagens tomado conta, tanto o lapis

de artistas consagrados, como o de simples anonimos, ou curiosos populares — a de Camilo apresenta — porque propositadamente os reunimos e fizemos publicar — desde os desenhos magnificos e bons, aos sofriveis e detestaveis até. Todos porém têm neste livro a sua utilidade, e o seu interêsse. Se uns valem como obra de Arte, exclusivamente, valem outros pela interessante documentação, ou pela graça espontanea e ingenua que lhes deram os seus autores. E' assim que podemos ver aqui retratos de Camilo interpretados por Sousa Pinto e Antonio Carneiro, dois dos maiores artistas da nossa terra, e retratos de Camilo feitos por Joaquim Serrano e J. Baptista, simples populares. Ambos operarios do Arsenal da Marinha, o segundo caprichou até em meter o busto do romancista numa graciosa moldura de corda, como se o autor do *Amor de perdição* fosse um bom e honrado marinheiro! Tem d'estes caprichos a alma popular. Inutilizá-los ou apoucá-los é um contrasenso, porque a espontaneidade artistica dos simples vale muito na sua encantadora singeleza.



DESENHO DE GAVARNI, REPRODUZIDO DAS « OEUVRES CHOISIES DE GAVARNI », 1857

*
* *

Poucas *facies* temos encontrado, como a de Camilo, que melhor nos façam evocar uma vida acidentadissima. Analisar a extensa e curiosissima serie dos seus retratos é assistir á passagem d'um rosto que, muito embora tivesse pertencido ao mesmo homem, nos dá por vezes a impressão de ter pertencido a homens diferentes. E o que encontramos no seu rosto, verificamo-lo ainda nas suas assinaturas, porque um e outras variam bastante de aspecto.

Ha individuos aos quais o tempo, durante os periodos sucessivos d'uma longa existencia, pouco modificou as *linhas gerais* da expressão e acontece até que podemos reconhecê-los, já idosos, em qualquer dos retratos da sua juventude. Em Camilo não. E' vermos, por exemplo tres dos seus retratos em epocas diferentes:—o que abre o livro *Os netos de Camilo*, de Alberto Pimentel, 1901; o que veio publicado a pag. 376 do semanario *Luiz de Camões*, 1864, e, finalmente, o que possue o Dr. Tavares de Carvalho, conhecido pelo último retrato, 1882, já reproduzido, em diversas publicações, e que reproduzimos tambem neste *In memoriam*. ¿Não são todos estes retratos tão desiguais, tão diferentes entre si?

Em alguns dos retratos do escritor o que encontramos de mais caracteristico é o bigode farto, quasi sempre descaído nas pontas, o olhar inteligente e perscrutador, e a fronte elevada e vasta.

De Camilo ha retratos esculpidos em bronze, em marmore, em gêsso, em barro e em madeira; ha retratos pintados a oleo e a aguarela; retratos litografados; desenhados á pena e a lapis, a sanguinea e a carvão. De alguns dos retratos do escritor fizeram-se gravuras em madeira e a talho doce;

e ha tambem grande número de fotografias suas, quer em poder de particulares, quer publicadas em diversos livros, revistas e jornais.

Analisemos os trabalhos de escultura em primeiro lugar.

Dos bustos do escritor os que se nos afiguram mais valiosos são os que foram modelados pelos escultores Diogo de Macedo e Raul Xavier. O primeiro d'estes artistas modelou um Camilo de vasta fronte pensadora e torturada, rosto ossudo, emagrecido e triste, as arcadas supraciliares e os malares acusando grandes saliencias, o bigode farto, descaído e longo, muito camiliano, o olhar perscrutador e profundo recolhido na sombra. Julgamos acertada e feliz a interpretação de Diogo de Macedo. O busto parece que sofre e medita.



« LE LOUP-GAROU » — DESENHO DE STEINLEN, REPRODUZIDO DO LIVRO « DANS LA VIE »

O escultor, não se prendendo com minudencias de fórma, criou um Camilo como no-lo apresentam alguns dos seus biografos mais competentes e uma parte da obra do escritor o revela — um Camilo criador de novelas muitas vezes urdidas com o proprio sangue e as proprias lagrimas.

No busto feito por Xavier não encontramos uma expressão tão macerada nem tão intelectual como no que fez

Macedo, mas é, no entanto, um trabalho interessante e julgamo-lo até o melhor que tem produzido o moço escultor. O seu Camilo foi tratado com uma tecnica desprendida e larga. Ha naturalidade naquela cabeleira negligentemente atirada para trás deixando a descoberto uma fronte espaçosa, ha expressão naqueles olhos indagadores que parecem fitar-nos através d'umas lunetas sumariamente indicadas, ha relêvo e modelação naquela face. Apenas o craneo, quando o observamos de perfil, nos parece curto e o maxilar inferior acanhado na distancia que parte do mento para o angulo da mandibula.

O busto de Ruy Teixeira Bastos e a máscara de João José Gomes são tambem apreciaveis e bem assim o amaneirado baixo relêvo de marmore de D. Fernando d'Almeida, que traz errada a data do nascimento do escritor que é a de 1825 e não a de 1826. Cada um d'estes artistas observou Camilo a seu modo, os dois primeiros figurando o escritor nos derradeiros anos da sua atormentada vida, o último numa idade menos avançada e na qual mais capricharam em retratá-lo os artistas, os fotografos e os curiosos populares.

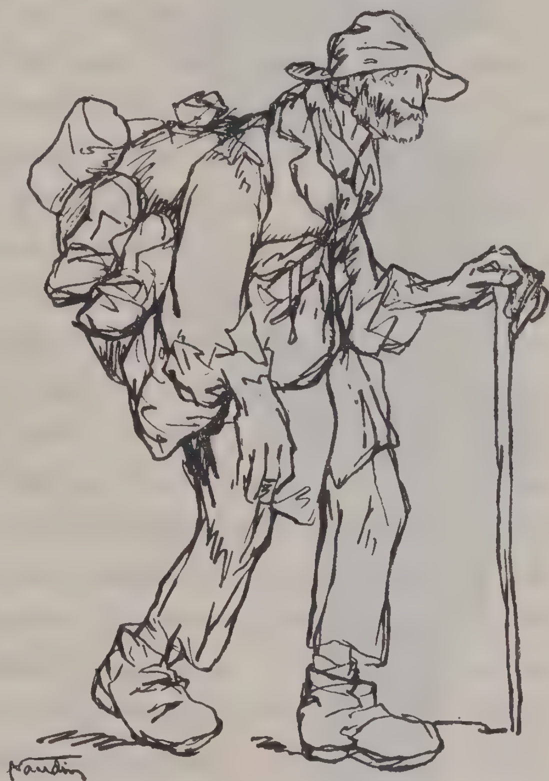
No busto modelado em barro pelo sr. A. Victorino encontramos uma particularidade muito curiosa. Quando olhamos atentamente para o seu trabalho podemos, de facto, recordar-nos um pouco de Camilo, mas não é menos certo que nos recordamos tambem do dr. Brito Camacho.

O saudoso ceramista Manuel Gustavo e o escultor Rogerio de Andrade modelaram, em tempo, dois bustos do escritor que não deixam de ser interessantes, embora os seus autores não tivessem a pretensão de apresentá-los como obras notaveis de escultura.

Do romancista conhecemos ainda pequenos bustos de

somenos importancia — dois que vimos nas casas dos camilianistas Luis Ferreira Lima e Dr. Julio Dias da Costa — outros de pura fancaria que temos observado nos mostradores de varios estabelecimentos comerciais.

Por meio de fotografia tivemos recentemente conhecimento de um busto do escritor, feito de madeira (urze). Pertence ao conhecido jornalista Paulo Freire (Mario) que amavelmente autorizou a reprodução É uma curiosidade camiliana digna de museu etnografico. Tem a valorizá-la o ser um trabalho da autoria de Manuel Castelo Branco, neto de Camilo, e ter sido oferecido a Paulo Freire pela sr.ª D. Raquel Castelo Branco.



DESENHO DE NAUDIN
REPRODUZIDO DE « L'ASSIETTE AU BEURRE »
1907

O medalhão de gêsso por F. da Silveira tem apreciaveis qualidades de modelação, que se notam na fronte e em parte da cabeleira do escritor, mas muito mais no trajo que ele veste. As rugosidades dos panejamentos têm naturalidade. Pena é que um dos braços do romancista esteja demasiadamente chegado a um dos lados do tronco, numa atitude contrafeita.

# IN MEMORIAM DE CAMILLO

Das *maquettes* do projectado monumento de Camilo, feitas pelo grande escultor Teixeira Lopes, aquela por que temos maior admiração e aprêço é a primeira, que veio reproduzida no n.º 12 da revista portuense *A Aguia* (2.ª serie), Dezembro de 1912, e noutras publicações. Nessa *maquette*, o notavel criador da *Viuva,* do *Monumento de Eça de Queiroz,* e de tantas belas obras da escultura portuguesa, colocou o vulto do escritor num plano superior ao das figuras dos seus romances, de modo que todos os olhares o pudessem abranger facilmente. As expressões e as atitudes d'essas figuras, — incluindo a do romancista, — têm aquela particular beleza, sentimento e naturalidade que Teixeira Lopes costuma transmitir às suas obras, tornando-as superiores e perduraveis. Toda a composição d'essa *maquette* é sobria e agradavel; mas já na segunda o busto de Camilo nos surge, meio apagado, de entre um montão de figuras bem movimentadas, mas cuja composição total nos parece um tanto confusa. É provavel que a intenção de Teixeira Lopes consistisse em apresentar-nos o novelista identificado com a sua obra, irmanando-se ou confundindo-se com as personagens que o seu talento multiforme criou, sentindo-as e vivendo-as intensamente. Se foi essa a intenção do mestre escultor, é ela digna de todo o aplauso porque procurou assim afastar-se, mais uma vez, dos processos convencionais de interpretação abusivamente usados pela maioria da nossa gente do cinzel. Mas como obra de feliz realização plástica que fique a perpetuar a memoria de Camilo, é que, julgamos, deixa alguma coisa a desejar, e diante d'esse trabalho não sentimos as emoções agradaveis que o primeiro nos causou. Por muito valor que tenha um estatuario, afigura-se-nos que nem todos os pensamentos são de molde a poderem ser revividos no barro. Aí, talvez mais que na tela ou no papel, é dificilimo reproduzir mate-

rialmente o que, na verdade, é imaterial por sua natureza: o Pensamento. Rodin, Querol e Meunier conseguiram algumas vezes esse desejado fim; mas nem sempre o atingiram com felicidade. E se um dos principais *objectivos tecnicos* da escultura consiste em reproduzir as fórmas com feliz nitidez, de modo que recebamos d'ela uma impressão de verdade duradoura, veremos ainda que o trabalho de escultura de Teixeira Lopes, a que nos vimos referindo, não atinge tambem esse objectivo. Olhamos para as fórmas um tanto devaneadoras d'aquele busto de Camilo e ficamos na dúvida se ele representa um homem que medita, um homem que ameaça, ou, simplesmente, um homem que tem o dedo indicador da mão direita sobre o malar. ¿É o busto d'um músico, d'um prosador, d'um filósofo ou d'um poeta? ¿Quem, não conhecendo previamente a figura que pretende representar esse trabalho do ilustre escultor, poderá responder ao certo?



LUIS FERREIRA LIMA, UM DOS MAIS ILUSTRADOS COLECCIONADORES DA OBRA DE CAMILO — «PORTRAIT-CHARGE» DE SAAVEDRA MACHADO

Quanto ás figuras que ornamentam o monumento, são, como já dissemos, bem movimentadas, mas prejudica-as — parece-nos — o estarem aglomeradas um tanto confusamente. Num monumento de Camilo tudo deve aparecer bem expressivo e claro, de modo que todos os portugueses o possam facilmente compreender e amar.

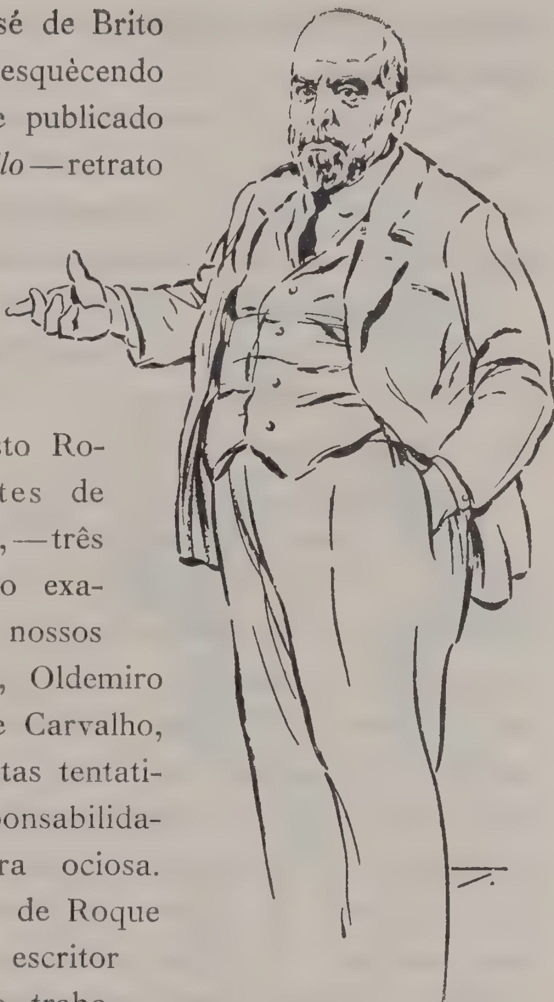
O monumento de Camilo, de Henrique Moreira, que está sendo levado a efeito em Famalicão por simpatica iniciativa do jornal *O Comercio do Porto*, é, segundo se depreende da *maquette*, uma peça de escultura modesta, com algumas qualidades, mas cujo aspecto nos parece um pouco tumular. Além d'isso temos a impressão de que o busto do escritor não apresenta proporções que se harmonizem com a parte restante do monumento.

Na ocasião em que escrevemos dão-nos a notícia de que Anjos Teixeira está trabalhando na *maquette* do seu projecto de monumento do romancista. Falta-nos agora ensejo de analisarmos o seu trabalho, que nos dizem muito atrasado ainda; mas conjecturamos que Anjos Teixeira produza uma bela obra, digna do seu nome e dos seus elevados meritos de escultor. Se a *maquette* ficar concluida brevemente, é provavel que possa ainda obter-se a sua reprodução para o *In memoriam*.

Passemos agora a ocupar-nos de alguns retratos de Camilo devidos aos pinceis dos nossos artistas, sem deixarmos de lamentar, primeiro, a falta que se faz sentir de não haver, do grande escritor, qualquer retrato pintado por Columbano, Malhôa ou Salgado.

Poucos, ou raros, são os retratos de Camilo pintados a oleo e a aguarela que tenham verdadeiro merito artistico. Se exceptuarmos o pequeno retrato aguarelado por Gameiro, destinado á capa do livro *Cartas de Camillo;* os retratos

pintados a oleo por José de Brito e Mario Santos; não esquècendo o que veio recentemente publicado no livro *Castilho e Camilo* — retrato que parece não estar por enquanto averiguado se foi pintado por João Baptista Ribeiro se pelo pintor suiço Augusto Roquemond [1], — os restantes de que temos conhecimento, — três dos quais nos foi dado examinar nas casas dos nossos amigos Cruz Magalhães, Oldemiro Cesar e Dr. Tavares de Carvalho, — não passam de honestas tentativas de estudo sem responsabilidades, realizadas em hora ociosa.



O ESTUDIOSO CAMILIANISTA DR. JULIO DIAS DA COSTA, COMPILADOR DOS «DISPERSOS DE CAMILO» — DESENHO DE SAAVEDRA MACHADO

A aguarela, a côres, de Roque Gameiro, representa o escritor sentado á sua mesa de trabalho alumiado por um velho candeeiro de três bicos. O rosto de Camilo é figurado de perfil, inclinado para diante, mostrando-nos uma expressão de quem, tendo interrompido momentaneamente o que escrevia, procura, talvez, recordar-se de qualquer scena, pensamento ou

[1] Ha quem suponha até que o retrato nem sequer representa o escritor. Mas sobre o facto abstemo-nos de emitir uma opinião concludente, visto faltarem-nos os elementos de estudo para o fazer. Deixemos pois o caso aos especialistas ou criticos de arte que melhor do que nós o poderão resolver.

imagem que virá completar ou embelezar a descrição que ficára suspensa.

Esta pequena pintura de mestre Gameiro é delicada e formosa como tantas que têm saído do seu pincel de aguarelista eximio, o qual tem prestado tambem em outros trabalhos de ilustração alguns excelentes serviços, bem patentes, por exemplo, em algumas das belas páginas artisticas da edição monumental da *Historia da colonização portuguesa no Brasil,* e, principalmente, na grande e luxuosa edição das *Pupilas do snr. reitor.*

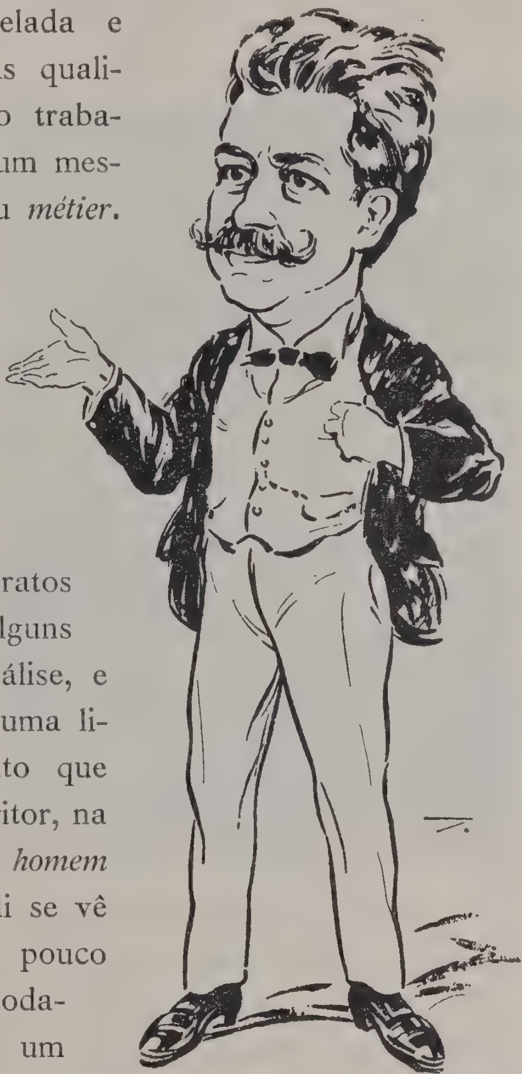
No retrato a oleo pintado por José de Brito, que se encontra no Museu camiliano de Seide, o escritor é representado de pé, em pouco mais de meio corpo e a fumar. A face tem uma expressão natural e toda a parte restante da figura foi observada com aquele saber e cuidado que fizeram do autor d'*A vaga,* d'*O avarento,* e da notavel tela *Martyr do fanatismo,* um dos nossos pintores mais justamente apreciados. A mão esquerda, que segura o charuto, é primorosa; e a direita, que está apoiada na mesa que se vê por detrás de Camilo, embora não seja tão feliz, tem bom desenho. O escritor está envolvido numa larga capa.

Mario Santos, cujas faculdades de retratista são excelentes, figurou Camilo nos derradeiros anos da sua vida. Já uma vez, não nos lembramos agora onde, nos referimos com justiça ao modo acertado e sobrio como Mario Santos faz ressaltar da tela uma face, dando-lhe a psicologia do retratado. Cuidando um pouco mais do desenho e dos ambientes onde, por vezes, coloca as personagens que retrata, Mario Santos virá a ser, sem dúvida, num futuro proximo, um dos nossos mestres da especialidade. O seu retrato de Camilo, que não é isento de defeitos, mas que possue tambem boas qualidades, comprova o que dizemos.

Diante da pintura de Roquemond (?) gostamos de nos

conservar silenciosos e descobertos, admirando-a. É um belissimo retrato que representa um moço em plena juventude, mas em cuja expressão se adivinha uma sombra velada e prematura de tristeza. As qualidades tecnicas d'este belo trabalho revelam-nos a mão d'um mestre bem conhecedor do seu *métier*.

Das pinturas passemos a referir-nos aos retratos de Camilo reproduzidos pela litografia ou arte de Senefelder.



O NOTARIO TAVARES DE CARVALHO, DEVOTADO CAMILIANISTA—«PORTRAIT-CHARGE» DE SAAVEDRA MACHADO

Conhecemos varios retratos litograficos de Camilo, alguns d'eles muito dignos de análise, e deu-se até o caso de ser uma litografia o primeiro retrato que apareceu publicado do escritor, na 1.ª edição do romance *Um homem de brios*, Porto, 1856. Ali se vê o romancista figurado em pouco mais de meio corpo, comodamente sentado e vestindo um casacão desabotoado de amplas bandas, sob o qual se observa um casaco mal apertado que deixa a descoberto parte do colete. Duas grandes fitas ligadas na extremidade inferior pendem de cada um dos lados do pescoço, que uma volumosa gravata de laço envolve, e da qual emergem, como

que sufocadas, as pontas do colarinho. A expressão da face apresenta-se carregada e melancolica.

Um outro retrato litografado, do romancista, foi publicado em 1857 no drama *Espinhos e flores*. Como no primeiro que descrevemos, neste vê-se tambem o escritor comodamente sentado, porém mostrando-nos uma expressão menos soturna. Observando-a bem, dir-se-hia até que a ilumina um ar levemente ironico. Sobre parte da mesa, coberta por um pano, está assente um dos ante-braços do escritor; o outro ergue-se um pouco, elevando a mão até á altura da cava do colete. Sem ter grandes qualidades, esta litografia não deixa de ser digna de observação.

Porém, muito mais apreciaveis que as litografias de que falamos, achamos a que foi publicada no n.º 47 do semanario *Luís de Camões*, Porto, 1864, e a de Cardoso Marta (não datada) impressa na litografia da Figueira. A litografia (não assinada) que reproduzimos do citado semanario do Porto é devéras interessante e reputamo-la a melhor que se fez de Camilo.

Não possuindo as grandes insuficiencias de desenho nem as imperfeições e durezas que nos apresentam algumas litografias de Santos, Sá, e Caggiani, nem os cuidados de modelação, delicadeza e arte a que chegaram várias litografias de Sequeira, das quais o Dr. Xavier da Costa se tem ocupado com muita proficiencia, — ela possue, no entanto, apreciaveis qualidades. É desenhada com certa sobriedade e, além d'isso, tem a vantagem de nos mostrar um Camilo que a nova geração anda pouco habituada a ver ou não viu sequer, talvez. É o retrato d'um homem novo, em pouco menos de meio corpo. O escritor mostra-se ali de cabeleira apartada a um dos lados e penteada a primor. No rosto salienta-se o olhar que nos fita sobranceiramente, quasi com arrogancia e desdem. O bigode

espesso e negro, alargando-se nas extremidades, cae sobre o labio inferior um pouco arrepanhado.

O desenho litografico de Cardoso Marta, que este fez imprimir na litografia de Ribeiro Couto, da Figueira da Foz, representa um Camilo esboçado largamente e vestindo um amplo casacão de peles. Traz na cabeça um chapeu alto, de abas direitas, e debaixo do braço esquerdo uma bengala. A figura do escritor, embora pouco pormenorizada, tem uma atitude natural. A expressão da face é muito curiosa. O romancista parece olhar-nos de revés, desconfiadamente. São hoje bastante raros os exemplares d'esta litografia porque o seu autor tem destruido todos que póde haver á mão. O exemplar que reproduzimos, devido á gentileza do nosso amigo e apreciado escritor Forjaz de Sampaio, tem escrito no angulo inferior esquerdo: *C. Marta des.*, e no angulo inferior direito: *lit. Figueira.*



RETRATO DA RAINHA DA SUECIA
SEGUNDO UMA AGUA FORTE DO GRANDE PINTOR
ANDRÉ ZORN

Além dos retratos litograficos que descrevemos, e de alguns que podem vêr-se tambem no *In memoriam*, ha ou-

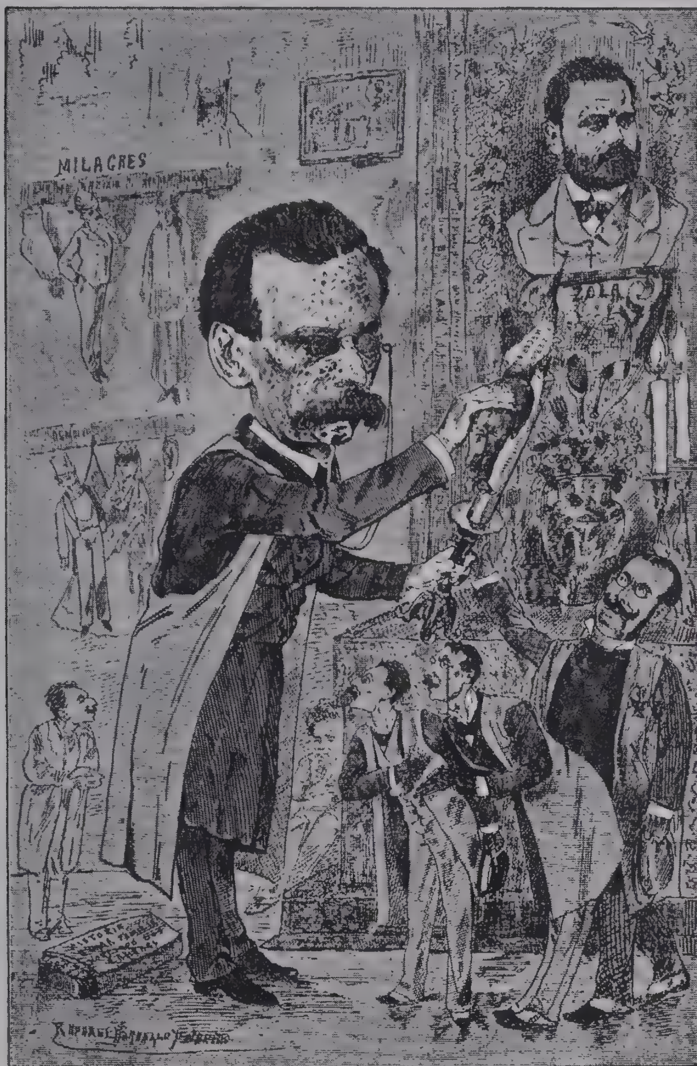
tros de menos importancia, pequenos e de execução tôsca, no genero do que fizemos reproduzir do n.º 183 da *Parodia* de 23 de Fevereiro de 1907 e dos quais não faremos descrição especial.

Dos retratos artisticos de Camilo salientam-se os desenhados por José Julio de Sousa Pinto, Antonio Carneiro, Cristiano de Carvalho, Condeixa, Manuel de Macedo, Roque Gameiro, Alberto Sousa e Cervantes de Haro.

Sousa Pinto é um dos nossos mais consagrados pintores e dos que maior permanencia fizeram no estrangeiro. Os museus de Lincoln, Montecarlo, Amiens, Luxemburgo, Australia, Nice, Rio de Janeiro e outros, guardam trabalhos valiosos que o seu nome firmou. Paisagista notabilissimo, hoje na plena posse de todos os conhecimentos do seu *métier*, os seus quadros acusam uma solidez de processos que a poucos dos nossos profissionais de arte é dado igualar. A paisagem não tem segredos para o seu pincel privilegiado e, quer interpretando-a no seu país, quer nos estranhos, mostra-se-nos sempre bela e superior, dotada de perspectiva excelente e de colorido admiravel. O pintor compreende e sente a natureza nos seus diferentissimos aspectos. As mais variadissimas tonalidades de luz são-lhe familiares. Mas Sousa Pinto não é apenas um grande paisagista. É tambem um dos maiores desenhadores portugueses do seu tempo. Os seus desenhos são quasi todos d'uma simplicidade adoravel, sobrios no claro-escuro e de modelação rigorosa. Para eles nos chamou um dia a atenção, no Museu de Arte contemporanea o grande pintor Columbano, dedicando-lhes elevadas palavras de justiça. E merecidissimas foram, porque o criador das esplendidas telas que são *La culotte déchirée* e *L'appel au passeur* é tambem o desenhista do magnifico retrato de Ca-

28 de Agosto de 1879 O ANTONIO MARIA 89

A LITTERATURA REALISTA




Camillo Castello Branco accende, com o *Eusebio Macario*, uma vella na nova egreja de Zola, resolvido a entrar para a irmandade. Parabens ao grande romancista e a todos nós.

Volume I 12

CAMILO E A LITERATURA REALISTA — CARICATURA DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO REPRODUZIDA DO JORNAL «O ANTONIO MARIA» DE 28 DE AGOSTO DE 1879

milo que em página d'arte publicamos neste livro, — retrato que é uma bela obra de arte pela expressão vívida, modelado vigoroso, correcção e nobreza de linhas. Sousa Pinto possue, como o grande pintor sueco André Zorn, o condão de deixar bem vincados nos seus desenhos os *principais valores* do claro-escuro, que sabe apreender com facilidade e mèstria.

Antonio Carneiro tem no presente *In memoriam* alguns dos seus primorosos retratos de Camilo, já conhecidos, e um inedito que é das coisas mais admiraveis e surpreendentes que o seu prodigioso lapis tem produzido.

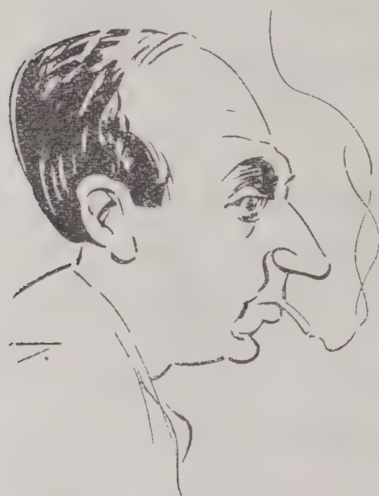
Manuel Larangeira escreveu um dia a propósito do grande desenhador: — «É Antonio Carneiro um artista que só realiza *quanto sente e pensa* e não apenas quanto *vê*». Estas palavras do saudoso escritor encerram uma verdade duradoura e podem aplicar-se ainda, e muito bem, ao belissimo retrato que citamos. De facto, para realizar esse retrato de Camilo, que é uma autêntica obra de arte, o artista não necessitou *ver* o escritor. Bastou-lhe apenas *pensá-lo* e *senti-lo*. Toda a arte de Antonio Carneiro é subjectiva e através d'ela adivinhamos sempre a propria alma do artista, acentuadamente contemplativa e sonhadora.

Cristiano de Carvalho, — um outro grande artista de temperamento diferente — criou um Camilo que nos impressiona pela magnifica atitude da sua figura romantica, a larga capa traçada airosamente sobre os ombros, o desmedido chapeu alto bem firmado na cabeça, a face mostrando uma expressão voluntariosa, e o olhar soberbo, estatico, d'uma fixidez penetrante...

Cristiano de Carvalho transmite sempre aos seus trabalhos um pouco do seu intenso amor da Vida fecundante e victoriosa, que despreza o êrro e a treva, e caminha em busca das grandes e justiceiras claridades.

Condeixa, desenhador meticuloso, fazendo valer o retrato mais pelo rigor excessivo das linhas do que pelas qualidades de emoção, apresenta-nos um Camilo de cuidadoso desenho, mas de fisionomia pouco animica.

De Manuel de Macedo reproduzimos alguns apreciabilissimos retratos de Camilo, os quais, não obstante terem sido bastante prejudicados por sucessivas e pouco cuidadas impressões, nos dão ainda assim uma noção do alto valor d'esse saudosissimo artista, cuja inegualavel actividade empregada a favor da nossa arte e no estudo dos tipos populares portugueses, constituiu uma inesquècivel e grande lição. Os retratos de Camilo, de Roque Gameiro, respectivamente publicados na *Comedia portuguesa* de 15 de Dezembro de 1888 e na revista *A Illustração* de 20 de Junho de 1890, são dois trabalhos que bastariam para afirmar os meritos de Roque Gameiro como desenhador. A sua pena meticulosa, delicada e vibrante imprimiu àqueles retratos uma correcção, finura e vida que surpreendem. Se o primeiro trabalho é, nos dominios da expressão, um emocionante e belo retrato, onde Gameiro soube colocar muito sentimento, o segundo, desenhado um pouco ao modo de Liphart, ombreia, se não os excede na perfeição e nos cuidados da tecnica, com alguns dos mais primorosos retratos d'esse notavel desenhador francês.



O JORNALISTA OLDEMIRO CESAR, AUTOR DA NOTAVEL CONFERÈNCIA «CAMILO CASTELO BRANCO, SUA VIDA E SUA OBRA» — «CROQUIS» DE SAAVEDRA MACHADO

O retrato de Camilo, desenhado a pastel pelo distinto

aguarelista Alberto Sousa tem um colorido forte e agradavel; e o retrato do romancista desenhado por Cervantes de Haro, possue, como todos os trabalhos desenhados á pena pelo distintissimo artista, uma doçura e delicadeza inimitaveis.

Não devemos tambem deixar sem referencia o retrato do escritor desenhado por Santos Silva (Alonso), que é muito apreciavel pelo seu cuidadoso desenho e grande simplicidade de linhas.

Analisemos a seguir as caricaturas.

De Rafael Bordalo são notaveis todas as caricaturas de Camilo que publicamos neste livro — notaveis não só pela documentação, mas pelo espirito — um dos mais radiantes que tem criado a boa terra de Portugal. Organização complexa e curiosissima de artista, Bordalo não foi apenas o documentador, pelo lapis, da sociedade portuguesa no último quartel do seculo XIX. Bordalo foi decorador, ceramista, ilustrador de livros, panfletos e cartazes; foi pintor de aguarela e anotador compassivo de tipos humildes e tipos populares. Litografou e gravou a agua forte. Dispendeu energia e talento a rodos. As suas faculdades criadoras eram surpreendentes; desenhava e compunha com facilidade prodigiosa. A sua obra, pela quantidade, chega a não parecer produzida por um só artista; porém, Bordalo possuia o segredo de multiplicar e fazer valer a sua actividade. Mas pelas notaveis qualidades de observação e tecnica muito individual, essa obra é bem d'ele, e só d'ele, e pode hoje examinar-se no Museu que tem o nome do glorioso artista criado por generosa iniciativa do benemerito português Cruz Magalhães.

O *Camilo picado do genio e das bexigas*, do *Album das Glorias*, é um dos mais flagrantes, dos mais vívidos e valiosos *portrait-charges* que possue a caricatura portuguesa.

Expressão, naturalidade na pose, semelhança, boa análise da figura e do vestuario, bom desenho humoristico e boa graça, tudo isso vamos encontrar nesta famosa caricatura do escritor. Junto d'ela, alguns dos melhores *portrait-charges* de André Gill não lhe são superiores.

A *charge* do *Camilo visconde expulsando o Camilo romancista*, vale, não só pela graça e minucia dos pormenores, como pela crítica ao escritor que aceitára o titulo de visconde. Belas são ainda as *charges,* onde Camilo aparece a acender uma vela no altar de Zola na ocasião em que publicava o *Eusebio Macario;* e aquela em que nos aparece espancando a bicha de sete cabeças, no caso Rattazzi.

É tambem muito digna de aprêço a caricatura de Camilo que Bordalo havia destinado ao seu album de aguas fortes *O calcanhar de Achiles,* 1870, caricatura que estava inedita e que o Dr. Manuel de Sousa Pinto mandou reproduzir pela primeira vez em 1915 no seu livro intitulado *Raphael Bordallo Pinheiro* (o caricaturista). Escarranchado sobre a máquina d'um comboio vê-se o famoso romancista munido de duas grandes penas que segura em cada uma das mãos, escrevendo aceleradamente em compridas tiras de papel. Em volta, contornando o escritor e a máquina, observam-se várias figurinhas que vão lendo, — montadas umas em bicicletas, outras caídas, outras correndo e ainda outras que seguram as extremidades dos linguados, procurando lê-los àvidamente. Tanto da chaminé da máquina, como da que se vê na cabeça do romancista, saiem novelos de fumo de mistura com muitos livros.

Ha tempos, o n.º 211 da revista *A B C* de 31 de Julho de 1924 reproduzia a mesma caricatura e sob ela a seguinte legenda: « Alusão ao desastre do comboio no qual Camilo ficou ferido ». Houve engano da parte de quem escreveu a legenda, pois aquele desenho humoristico não

alude ao desastre em caminho de ferro, que se deu muito posteriormente [1]. Bordalo quis simbolizar nesse trabalho a extraordinaria fecundidade literaria do grande romancista, o qual, além de escrever bem, escrevia muito e depressa, como é sabido.

Sebastião Sanhudo e Francisco Valença têm no *In memoriam* algumas interessantes caricaturas. Do primeiro não é muito conhecida a que reproduzimos do n.º 6 da *Galeria do Sorvete*, 1879. Como na caricatura de Bordalo que acima descrevemos, Sanhudo quis tambem simbolizar, neste seu trabalho, a rapidez e a facilidade verdadeiramente *mecanicas*, com que o escritor compunha os seus livros, e para isso colocou-o a escrever, sentado á mesa de trabalho, numa oficina, figurando-lhe os braços movidos pela acção da máquina de vapor que se vê no segundo plano.



O CARICATURISTA FRANCISCO VALENÇA, UM DOS COLABORADORES ARTISTICOS DO «IN MEMORIAM DE CAMILO» — DESENHO DE SAAVEDRA MACHADO

Noutra caricatura que damos em página d'arte, do mesmo artista, — caricatura que reproduzimos do n.º 358 do jornal *O Sorvete* de 15 de Março de 1885, a qual foi publicada na vespera do aniversario natalicio do escritor, — este é tambem figurado a escrever. Aqui, porém, não se encontra desenhada máquina alguma, mas a figura do estadista Fontes Pereira de Melo que simboliza o Tempo.

[1] O descarrilamento deu-se quando o romancista ia de Famalicão para o Porto em 11 de Outubro de 1878. *O Sorvete* de 3 de Novembro de 1878 publicou uma caricatura a tal respeito.

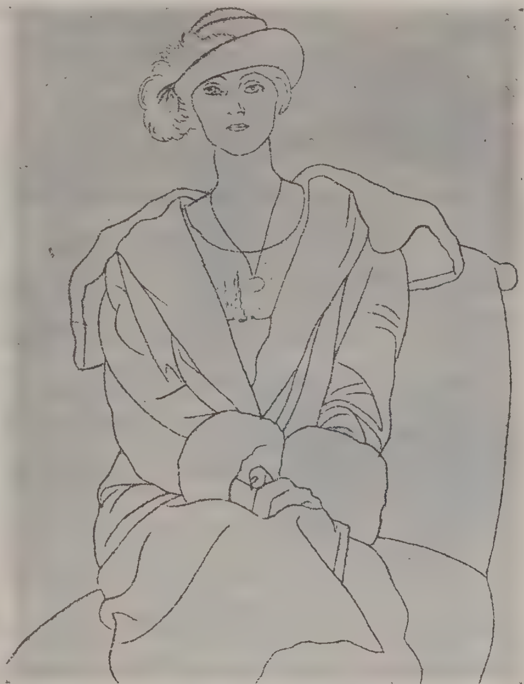
Francisco Valença tem no seu Camilo, a côres, um dos *portrait-charges* mais belos que têm saido do seu lapis. Espirito, poder de visão e desenho humoristico consciencioso e brilhante, estão bem patenteados nesse trabalho.

A *charge* ao Monumento de Camilo, na qual Silva Pinto conduz pela mão o grande romancista para que este ocupe lugar no referido monumento, enquanto ao lado, muito pesarosas se vêem as figuras de Herculano, Garrett e Castilho, esperando, vestidas com o traje dos asilados a sua vez de obterem monumento — é das que ficam a atestar a graça bem sàdia de Valença e a incúria das resoluções portuguesas que, ou levam anos para colher em bons resultados, ou não conseguem nunca realização prática.

Na caricatura que representa Hermenegildo Fialho Barrosas, tipo d'*Os brilhantes do brasileiro*, de Camilo, o caricaturista dá-nos a ridicula e engraçadissima figura de Barrosas movendo-se lentamente, adiposa e cansada, no momento em que limpa o suor respeitavel da mortificação...

E vem aqui a propósito dizer, já que nos referimos ás caricaturas de Valença, que discordamos da opinião mais d'uma vez divulgada de que ele é o artista que melhor tem seguido as *pisadas* de Bordalo e o *continuador* da sua obra. Não porque o caso, a dar-se, fosse deshonroso para Francisco Valença, mas porque não condiz com a verdade. Nas primeiras fases da sua carreira, Valença pode ter sido, e foi de facto *tecnicamente* influenciado por Bordalo como é facil verificar-se em algumas páginas de *O chinelo* e nas de outras publicações onde primeiramente colaborou. Iguais influências receberam de comêço varios artistas que entre nós cultivaram a caricatura, como por exemplo Manuel Gustavo, já desaparecido, o Dr. Jorge Cid, Alfredo Candido e em especial o Dr. Manuel Monterroso, que foi, e é ainda assim, de todos eles, aquele cujo traço mais se *aproxima* do de Bor-

dalo. Mas pretender-se, apenas pelo que deixamos exposto, que Valença, ou qualquer dos artistas que mencionamos sigam ainda as *pisadas* do grande humorista, esquècendo-se assim das suas proprias individualidades, ou, — o que é mais grave, — sejam os *continuadores* da obra do Mestre, é que nos parece insensato. Bordalo foi uma individualidade unica, de traço espontaneo, inconfundivel. ¿E além d'isso como poderia alguem *continuar* hoje a sua obra se esta caricaturou as figuras e os factos d'uma epoca e d'um regime politico desaparecidos?



RETRATO DE M.^ME PICASSO
DESENHO DE PICASSO

Temos estudado e seguido de alguns anos para cá a evolução da carreira de varios artistas e verificamos que aqueles a que nos vimos referindo se têm afastado da maneira do Mestre, procurando criar individualidades distintas. Valença é em Portugal, como Léandre o é na França, um eximio cultor do *portrait-charge*. Neste genero em que se tornou muito habil é-nos grato observar que os seus desenhos apresentam já hoje uma individualidade flagrante.

Tambem na caricatura de Camilo, de Alfredo Candido, que a gentileza e amizade d'esse artista quiseram ofertar-nos, estão bem patentes a sua individualidade e o desejo de apu-

rar e simplificar o seu traço. Alfredo Candido que por várias vezes tem estado no Brasil, onde colaborou em diferentes jornais e revistas, sabe melhor do que nós como os desenhadores d'aquela florescente nação, entre os quais se contam Raul Pederneiras, Calixto Cordeiro, Artur Lucas, J. Carlos, Luís Peixoto, Emilio Aires e outros, têm conseguido *atingir* nos seus desenhos, sem perderem as respectivas individualidades, uma *sobriedade* muito apreciavel de linhas.

As influências recebidas por diversos artistas — naturalissimas, aliás, — são de todos os tempos e dariam estudos de investigação curiosissimos. Puvis de Chavannes cuja obra admiravel tem a candura, ingenuidade e beleza das obras dos mestres primitivos, estreou-se, no Salon de 1850, com o quadro *Pieta,* que possue, quer na fórma, quer no espirito dramatico da composição, toda a influência de Delacroix; e Picasso, antes de patentear-nos alguns dos seus arrojados trabalhos futuristas, deleitava-se a desenhar á maneira de Ingres.

Passemos agora a referir-nos ás máscaras.

Entre nós, o artista que mais criteriosamente, com maior saber e verdade, se tem ocupado d'este genero d'arte, é, por certo, Cristiano de Carvalho. Algumas das suas máscaras, como por exemplo as que fez de Antonio Soares dos Reis, João de Deus, Soares de Passos, Julio Cesar Machado, Ernesto da Silva, Antonio Nobre, Guilherme de Azevedo, João de Freitas, Antonio José da Silva (o Judeu), e tantas outras que de momento nos não ocorre mencionar, podem considerar-se belas obras no seu genero. Se ha quem diga que através dos trabalhos artisticos transparece quasi sempre um pouco da feição pessoal dos seus autores, esse parecer pode aplicar-se com justiça aos desenhos de Cristiano de Carvalho, porque, fortes e abertamente sinceros como ele, atraem-nos

pelo predominio vigoroso das linhas, como o artista nos encanta e prende pelo colorido e vigor da sua palavra. Cristiano é um educador e um artista sociologo dos mais eminentes e as suas ilustrações foram das que primeiro lançaram luz fecundante e libertadora no terreno cheio de convencionalismos da arte portuguesa. As suas máscaras impõem-se geralmente por meio de um desenho largo e correcto onde se verifica boa compreensão do claro-escuro. Têm base e possuem semelhança.



MÁSCARA DO GRANDE ESCULTOR SOARES DOS REIS, REPRODUZIDA DA PAG. 174 DA REVISTA «ARTE & VIDA» N.º 4, DE FEVEREIRO DE 1905 — DESENHO DE CRISTIANO DE CARVALHO

Leal da Camara, Carlos Craveiro, Antonio Dias Branco e outros artistas, têm-se tambem ocupado por vezes, embora com menor exito, de tão dificil genero de trabalho. Não é empresa facil, como póde julgar-se, desenhar uma curiosa máscara pessoal por meio de tons uniformes onde não entra o menor auxílio das meias tintas. Quem tal deseje fazer terá primeiramente, para obter bons resultados, de adquirir alguns conhecimentos de desenho e anatomia. A máscara, parecendo á primeira vista um genero de facil e rapida execução, representa, no entanto, sérias dificuldades para se realizar com acêrto, e é, depois de concluida, um espelho fiel onde se retratam nitidamente, quer as qualidades, quer as insuficiencias tecnicas d'um desenhador.

Quando admiramos a conhecida máscara de Camilo, de Cristiano de Carvalho, adivinhamos logo o forte poder de observação de quem a criou. Tracejando-a largamente, o

artista não a destituiu da sua basilar estrutura anatomica; todas as suas linhas, pelo facto de serem impressionistas e vigorosas, não deixam de estar nos seus respectivos lugares. Além d'isso esta máscara tem uma expressão animica notavel.

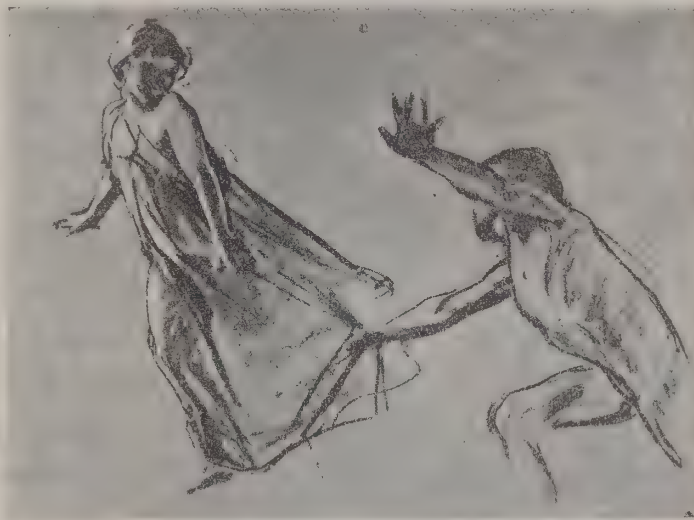
Já na máscara de Camilo, de Antonio Dias Branco, a linha geral é impressionante e cheia de espontaneidade, mas o desenho deixa alguma cousa a desejar. E' vermos, por exemplo, os olhos do escritor, os quais se encontram desproporcionados entre si; e a orelha direita, cuja linha de contôrno não tem uma determinação natural. Estes pequenos defeitos podem aceitar-se um pouco se o artista observou certas figuras *em movimento,* (ha defeitos que passam ás vezes a ser qualidades), mas nunca nas figuras ou expressões *normais* que tivesse observado *em repouso.* Para os artistas que têm a tecnica da sua arte em muito aprêço, um dos ideais a atingir, consiste até em procurar dar ás figuras, que observaram em movimento, *toda a correcção possivel da fórma* sem as destituir das suas qualidades de *temperamento* e de *emoção.* Alguns *espontaneos croquis* de Sorolla dão-nos, do que dizemos, flagrantissimo exemplo. Mas, o que esse grande pintor alcançou, só poderá conseguir-se no fim de muitos anos de observação, trabalho e estudo.

O saudoso pintor modernista Manuel Jardim, que era um artista de real valor e possuia uma educação artistica muito completa, preocupava-se bastante com a *fórma* dos seus desenhos e desejava que eles saissem do seu lapis *muito correctos, simplificados e puros.* Nos desenhos que deixou, — a maioria dos quais representam figuras observadas em atitudes de repouso — encontra-se, aliado á correcção e á pureza da fórma, um impecavel e nobre *estaticismo,* — releve-se-nos o neologismo. Outros interessantes

artistas modernos, como por exemplo Luc-Albert Moreau, não dedicam á fórma uma atenção tão cuidadosa.

A máscara do romancista, de Carlos Craveiro, tem falta de desenho e é demasiadamente recortada, inexpressiva e rigida.

Hipolito Collomb e Antonio Soares esboçaram curiosas máscaras do escritor, de traços originais; e Armando Boaventura desenhou, a nosso pedido, uma boa máscara do autor da *Carlota Angela* onde mais uma vez se patenteiam as suas apreciaveis qualidades de artista.



UM BELO «CROQUIS» DE SOROLLA

Falta-nos ainda mencionar a máscara de Camilo feita por Leal da Camara, caricaturista que soube criar um nome em Paris, e deixou — principalmente nas páginas de *L'assiette au beurre* — alguns *portrait-charges* notaveis. Achamo-la interessante na sua forte simplicidade quasi barbara, embora o traço nos pareça um pouco pesado e violento.

E chamemos agora a atenção dos leitores para a serie notavel de gravuras de madeira que ilustram *O demonio do ouro*, de Camilo, e tambem para a interessantissima gravura popular, que ilustra o folheto do mesmo escritor,

*A praga rogada nas escadas da força.* As primeiras (do hespanhol Severini) ficarão com as que deixaram Manuel Maria Bordalo Pinheiro no *Panorama* e no *Archivo Pittoresco;* João Pedroso no mesmo *Archivo* e n'*A gravura de madeira em Portugal;* Caetano Alberto no *Occidente;* Nogueira da Silva, Leote, Coelho Junior e outros, em várias obras, — a demonstrar o interesse que havia então entre nós por tão curioso genero de arte, o qual devia ressurgir e tomar desenvolvimento.

A segunda é um belo exemplar de gravura popular no gosto das que se encontram nos velhos almanaques, em alguns simpaticos folhetos de cordel e em curiosas folhas onde se relatava o *grande e horrivel crime sucedido á ultima hora...*

Só conseguimos obter uma reprodução razoavel d'este delicioso desenho popular por meio da fotogravura, embora a zincografia seja o processo que preferimos para a reprodução de gravuras em madeira e a talho doce. Porém, nem todos os trabalhos d'esses generos — uns pela excessiva delicadeza que lhes imprimiu um buril delicado, outros, pelas diferentes tonalidades e falhas de tinta que apresentam, ou deficiencias da impressão — podem prestar-se a boas reproduções zincograficas. A prova é que as várias experiencias a que procedemos no sentido de obtermos pela zincografia os retratos de Camilo e de D. Ana Placido, gravados a talho doce pelo Prof. Sousa, não nos deram o mesmo resultado feliz que obtivemos com as reproduções das gravuras em madeira que ilustram *O demonio do ouro.* Mas, para que o leitor, que por estes assuntos manifeste algum interesse, possa avaliar o que seja uma tôsca e adoravel gravura de madeira, em toda a sua encantadora ingenuidade e particular beleza, aqui lhe apresentamos uma excelente redução zincografica do retrato do primeiro Conde das Galveias, que

mantem a verdade e a graça da gravura original. E das gravuras de madeira e a talho doce passemos a referir-nos um pouco a algumas das *curiosidades* da iconografia camiliana.

O retrato de Camilo que fizemos reproduzir d'uma caixa de fosforos cedida pelo snr. coronel Antonio E. d'Azevedo e Silva encontra-se um pouco danificado no ornato que lhe serve de moldura. A citada caixa, colorida. é igual á que possue o nosso amigo Dr. Julio Dias da Costa Este caso do retrato d'um dos nossos maiores homens de letras aparecer estampado numa caixa de fosforos não é unico, pois numa colecção de caixas que possuimos, colorida tambem, a qual nos foi cedida pelo industrial Daniel Marques, figuram, entre outros, os retratos de Oliveira Martins e Guerra Junqueiro.




REPRODUÇÃO D'UMA GRAVURA EM MADEIRA DO RETRATO DE DENIS DE MELO E CASTRO 1.º CONDE DAS GALVEIAS

A fábrica de Eduardo Costa, da Pampulha, quis em tempos homenagear Camilo e consagrou-lhe uma das suas marcas de bolacha. O camilianista Luis Ferreira Lima guarda na sua preciosa colecção de curiosidades camilianas

um dos rótulos das latas onde a tal bolacha se guardava. É colorido e litografado, e possue uma ornamentação ingenua na qual colocaram uma figura com asas e uma cópia, um tanto duvidosa, do retrato de Camilo que havia sido desenhado pelo pintor Condeixa.

E, já que nos referimos ao rótulo da caixa de bolachas, não devemos deixar no esquècimento um outro não menos curioso que serviu (ou esteve para servir, dado o belo estado de conservação em que se encontra) a uma garrafa de vinho do Porto... « Amor de perdição ». Este, porém, é um rótulo de cuidadoso desenho e está muito bem impresso.

Outro exemplar interessante é o que possue o nosso amigo Oldemiro Cesar: representa um sobrescrito modesto, na parte interior do qual figura um retrato de Camilo, colorido, num levissimo tom azulado claro. Na serie de curiosidades podem incluir-se ainda o prato que tem como ornamento alguns pinceis e uma paleta em que se vê um dos retratos menos conhecidos de Camilo; e o cartaz anunciador da edição popular das obras de Camilo, da Parceria Antonio Maria Pereira, com tres retratos do romancista.

*

* *

Alguns dos nossos mais conceituados artistas interpretaram com elevada inteligencia diferentes scenas das obras de Camilo. São particularmente notaveis as ilustrações de José Julio de Sousa Pinto na edição monumental do *Amor de perdição*, as de Manuel de Macedo e Roque Gameiro no romance *A sereia*, e algumas outras de que adiante nos ocuparemos. Sousa Pinto conseguiu realizar uma bela página de arte com a feliz interpretação que deu á scena

do assassinato do ferrador João da Cruz. Sem falsear o scenario, que é bem português, e sem procurar dar-nos, como é tão vulgar, por meio do violento exagêro das atitudes e das expressões, a intensidade da tragedia, ele consegue todavia emocionar-nos, para o que bastou apenas colocar no primeiro plano, junto da casa, o corpo caído do ferrador assassinado, de borco contra a terra, emquanto ao longe, quasi a perder-se na curva da estrada, vai fugindo sôbre um cavalo o assassino...

As ilustrações do romance de Camilo, *A sereia,* compostas e desenhadas por Manuel de Macedo e aguareladas por Gameiro, são das mais belas que têm aparecido em livros portugueses. Macedo foi, inquestionavelmente, o grande mestre dos nossos ilustradores. Os seus vastissimos conhecimentos de indumentaria, a sua erudição tanta vez demonstrada, a sua fantasia, o seu poder visual invulgar e forte, aliado a uma tecnica perfeita que sabia interpretar com facilidade e rapidez os mais variados assuntos, fizeram d'ele um ilustrador privilegiado e, podemos acrescentar, *completo,* no meio em que viveu. Quem, como nós, tenha folheado dezenas de volumes ilustrados por Macedo, ficará surpreendido da qualidade, variedade e quantidade das suas formosissimas ilustrações. Apesar de ser mais conhecido pela maneira amorosa com que tratou uma infinidade de tipos populares portugueses, Manuel de Macedo nem só por essa manifestação de talento tem de ser apreciado. Folheiem-se, por exemplo, os livros da antiga *Biblioteca Alexandre Dumas,* compostos na tipografia do velho *Diario ilustrado,* e neles veremos, admiravelmente interpretadas pelo nosso artista, as figuras de *Athos, Porthos* e *Aramis, Luís XIII, Ketty* e outras, que figuram n*Os Tres Mosqueteiros;* as do *Almirante Coligny, Duque de Guise, Henrique II, Cardeal de Lorraine, Diana de Poitiers,* e mais, que se vêem

n*As duas Dianas*. Abram o romance popular *Os miseraveis de Londres*, de Pedro Zaccone, tradução de F. F. da Silva Vieira, 1876, e verão que, não obstante a má qualidade do papel em que o livro era impresso, d'ele ressaltam as figuras do *Coronel O'Chrane*, *Tompson Dick*, o mesmo sucedendo ás figuras de *Michelette*, *Mac Bell (o Escossez)*, e *Madame Michaud* do romance *Os grilhetas*, do mesmo autor. Outros livros da mesma Biblioteca popular que se intitulava *O romance*, como sejam *Os estroinas de Paris*, 1875, *Os estroinas da provincia*, 1876, e varios que de momento nos não ocorre mencionar, são ilustrados tambem pelo grande Macedo, que em todos eles deixou bem assinalado o seu valor. Como caricaturista distingue-se na notabilissima serie de desenhos que publicou em 1875 no *Album humoristico* impresso na Tipografia de Matos Moreira & C.ª As páginas intituladas *Na rua*, *No jardim d'Italia*, e, sobre tudo, a que denominou *Antes do baile dos pretos*, onde as expressões dos negros têm qualidades magistrais, são obras



O DUQUE DE GUISE — REPRODUÇÃO D'UM DESENHO DE MANUEL DE MACEDO, PUBLICADO NO LIVRO DE ALEXANDRE DUMAS «AS DUAS DIANAS»

de arte caricatural que ficarão vivendo por largos anos. Sente-se a necessidade de inventariar a obra de ilustrador de Manuel de Macedo, á semelhança do que Alvaro Neves fez com a de Bordalo em 1920.

Quando tal se fizer, avultará então melhor o trabalhador incansavel que foi Manuel de Macedo, e tornar-se-hão conhecidas muitas joias de arte que ele espalhou perdulariamente em livros, cujos autores nem sempre estavam á altura das elevadas qualidades do desenhador. Mas na obra *A sereia*, de Camilo, em que o valor do autor do livro se podia equiparar ao do artista que o ilustrou, Macedo sentindo-se mais á vontade e tendo apurado os seus poderosos recursos de tecnica, produz, de colaboração com Roque Gameiro, uma colecção de ilustrações admiraveis, duas das quais publicamos em páginas d'arte d'este *In memoriam* devido á gentileza de Henrique Marques. ¡E que encanto a d'essas formosas ilustrações! Quanta delicadeza, quanto estudo, quanto carinho presidiram á confecção d'esses trabalhos, onde os fidalgos, os populares, as freiras, as fidalgas, e o rigor da indumentaria do seculo XVIII, resplandecem e revivem a nossos olhos!

Das ilustrações de Condeixa, que reproduzimos do romance de Camilo *A queda d'um anjo*, 1887, achamos apreciaveis as das páginas 52 e 212. Na primeira, a figura de homem, que o desenhador representou subindo os degraus d'uma escadaria, tem naturalidade. A cabeça inclina-se bem, um pouco para diante, e a face parece mostrar uma expressão algo apreensiva. O chapeu de chuva está bem colocado debaixo do braço, e a perna esquerda bem apreendida no seu movimento de flexão.

No segundo desenho, a figurinha de mulher, que se vê sentada, tem uma atitude e um ar encantadores. O gesto da mão esquerda, simultaneamente receoso e feliz, é bem

observado. A posição do homem que ajoelha é natural, mas a perna esquerda afigura-se-nos demasiadamente grossa e cilindrica.

No desenho de Ribeiro Cristino para *A doida do Candal,* 1888, que fizemos reproduzir d'este livro de Camilo — a louca tem movimentos e gestos bem estudados, mas o perfil parece-nos avelhentado para representar o d'uma mulher como era Maria de Nazareth, relativamente nova, que acabára de enlouquecer. A figurinha de mulher que ergue as mãos unidas — no segundo plano — tem uma certa beleza de linha, mas já o mesmo não sucede á da velha — tambem do segundo plano, — cuja cabeça, vista ao primeiro relance, lembra a d'um frade de capuz. Ao fundo da composição notam-se arvoredos que possuem alguma riqueza de pormenores.

A figura de Mariana, que, para este *In memoriam* fez expressamente Alfredo de Moraes, o conhecido aguarelista, que é tambem um incansavel trabalhador, é dos melhores trabalhos de ilustração que ele tem produzido. Neste seu leve apontamento de aguarela, despido de maneirismos, Mariana, a pobre mulher cheia de abnegação e de ternura, parece pressentir o doloroso fim de Simão Botelho, e ressalta, da brancura do papel, modesta e pensativa, afogando na alma o seu amor sem esperança.

Além das ilustrações que analisámos, nas quais se interpretaram acertadamente diferentes passos de algumas obras de Camilo, outras conhecemos que nos não pareceram felizes na interpretação de várias scenas descritas pelo Mestre, ou por outros escritores que d'ele se ocuparam. Falaremos apenas de três d'estas produções, já por que o espaço escasseia, já porque os olhos dos leitores distinguirão facilmente todas as que estejam em condições semelhantes.

Voltemos ainda á edição monumental do *Amor de perdição* e contemplemos a página artistica 198, que interpreta os preparativos a bordo do navio para o lançamento ao mar do cadaver de Simão: as figuras não são mal proporcionadas, o desenho é mais ou menos correcto, estão bem distribuidos os planos do claro-escuro e é bem achada a composição no seu aspecto geral. As expressões dos homens, apesar de um tanto ou quanto convencionais, revelam atenção respeitosa, uma saudosa e muda piedade do desgraçado que, dentro em pouco, irá abismar-se na profundeza das aguas. Mas já a expressão e a atitude da pobre Mariana, que eram aquelas em que o artista mais

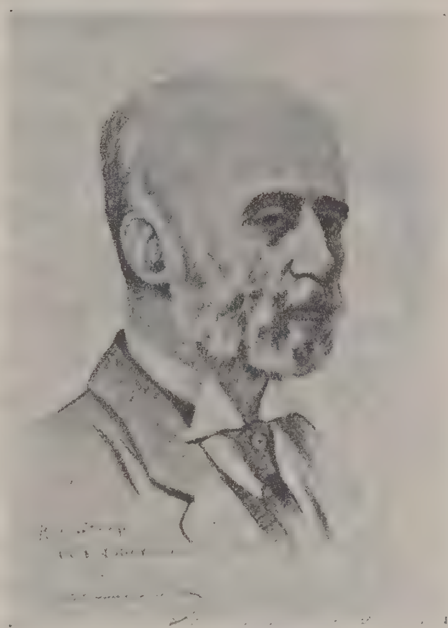


ILUSTRAÇÃO REPRODUZIDA DA PAG. 96 DO 1.º VOLUME DO ROMANCE «O DEMONIO DO OURO», 1873 — DESENHO DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO E GRAVURA EM MADEIRA, DE SEVERINI

devia concentrar as suas qualidades observadoras e sensitivas, não condizem com o resto da scena. Não julgamos provavel que a mulher apaixonada, que dedicava a Simão a maxima ternura e o mais profundo amor, tivesse, naquele momento angustioso, uma expressão trivialissima, parada, indiferente, o rosto sem a menor contracção dolorosa, e o olhar afastado do morto querido. Será dificil descobrir, nesse vulto de mulher, a companheira inseparavel e sublime de Simão Botelho, a criatura cuja dedicação ao condenado era tanta, que iria, momentos depois, acompanhá-lo na morte.

No livro *Rei santo*, cronica do reinado de D. Pedro V, de Rocha Martins, encontra-se, no segundo volume, entre páginas 344 e 345, uma ilustração que representa a scena da visita de D. Pedro V a Camilo Castelo Branco, quando este se encontrava preso na cadeia da Relação do Porto. Tambem nos não parece bem interpretada esta aguarela, que julgamos ter sido feita muito precipitadamente e cuja perspectiva deixa alguma cousa a desejar. As figuras de Camilo e D. Pedro V estão colocadas num plano secundario ao de outra personagem que se vê na composição e que, não obstante, é menor que as primeiras. Além d'isso, os retratos de Camilo (do tempo do carcere) mostram-nos um homem ainda novo e têm uma expressão totalmente diferente da que vemos no Camilo de que nos estamos ocupando, que já não é moço, e cuja expressão tanto póde ser a de um conselheiro como a de um major reformado. O escritor apresenta-se-nos neste trabalho como homem bem constituido, de peito amplo e mãos fortes e papudas. A colocação das figuras não foi bem procurada. Têm as posições um pouco forçadas e recebemos a impressão de que D. Pedro, sobraçando a espada, bate com ela no ventre do romancista.

Porém, muito mais curioso do que isto, é o que se observa numa gravura não assinada da página 3 do volume intitulado *Um livro*, 5.ª edição da Empresa da Historia de Portugal, 1908. Ali nos aparece uma figura que pretende representar Camilo, a qual é bastante caricata, quer na pose, quer, ainda, nas proporções que se não estabelecem devidamente, pois os ante-braços do escritor têm o mesmo tamanho dos pés e d'estes parece-nos maior o que está no segundo plano. O desenho ilustra uns versos de Camilo, e antecedendo os mesmos lemos na página 36 da 1.ª edição d'*O romance do romancista*, onde Alberto Pimentel os transcreveu: — «Na collecção de poesias intitulada *Um livro*, ha uma clara referencia á Samardan, escrita seguramente de longe, como se deprehende do texto:»



O PROF. LEITE DE VASCONCELLOS, UM DOS COLABORADORES DO «IN MEMORIAM DE CAMILO» — CARVÃO DE SAAVEDRA MACHADO

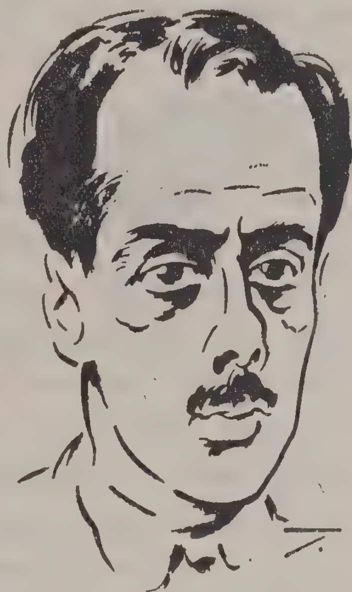
Vivi por agras montanhas
Onde a torva natureza
Não tem galas nem poesia;
Onde é triste a primavera,
Sem aromas nem verdores;
Onde o sol calcina a rocha
E não deixa ao prado flôres;

Onde o inverno se contorce
Em vulcões de ventania,
E, ruindo sobre a espalda
D'aquellas serras cinzentas
Onde a custo alveja o dia,
Com bramido pavoroso,
Genio infernal das tormentas.
Dei uns longes de agonia
Da terra ao nada volvida.
*E vim das margens do Tejo*
*Na aurora da minha vida*
*Desterrado para alli.*

Vê-se claramente, através dos três ultimos versos, o escritor a recordar um periodo da sua juventude, muito possivelmente aquele em que fôra educado na aldeia onde tinha uma irmã casada com um medico, irmão do padre que fôra seu mestre. E, d'esse tempo, escreve Camilo recordando-se de si proprio: «O meu gosto era pascer o rebanho de casa por aquelles saudosos valles. Todavia, minha irmã oppunha-se a este humilde serviço. Dizia-me coisas que eu não percebia ácerca da minha dignidade; reprehendia os meus baixos instinctos; attrahia ao seu voto o marido e o padre, cortava-me o rasteiro vôo escondendo de mim a clavina, o polvorinho, e os salpicões, e a borôa, e a cabacinha da agua-ardente.

«Não obstante eu pedia tudo de emprestimo, e ia com as ovelhas para o monte. Passava lá o dia inteiro, sentado nas espinhas d'aquelles alcantis fragosos, sempre sósinho, scismando sem saber em quê, engolfada a vista nas gargantas dos despenhadeiros. N'este instante, vejo palmo a palmo aquelles sitios».

Depreende-se ainda, do que acabamos de ler, que o escritor se transportava ao passado, ao tempo da sua infancia, e se via, rapazote, desterrado na Samardan. ¿Como poderá, depois de tudo isto, conceber-se um Camilo de bigodes fartos, vivendo entre montanhas e vestindo um *fraque* de abas desmedidas?



MÁSCARA DO PROF. HENRIQUE DE VILHENA, UM DOS COLABORADORES DO «IN MEMORIAM DE CAMILO» — DESENHO DE SAAVEDRA MACHADO

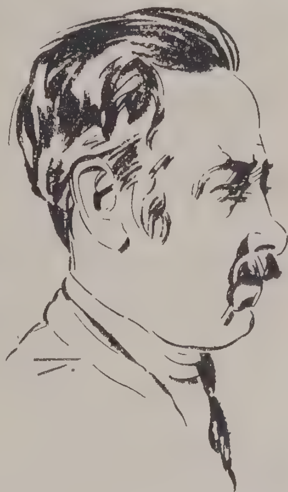
Estamos de ha muito convencidos de que não ha nenhum artista que não seja susceptivel de errar. Todos, dos maiores aos mais modestos, têm nas suas obras algumas falhas e defeitos. Não vamos, em materia de cultura, ao extremo de lhes exigirmos conhecimentos ou preocupações de eruditos. Mas, o que pelo menos julgamos indispensavel é que *leiam sempre com a devida atenção* as obras que sejam encarregados de ilustrar, porque só assim poderão produzir trabalhos conscienciosos. Uma figura que não corresponda à descrição que a solicitou, ou não fique bem colocada no ambiente para que foi criada; a indumentaria que esteja em desacôrdo com os trajos usados em determinados periodos historicos; e, muitas vezes, a simples ausencia de gestos que muito completariam certas expressões, são coisas nas quais uma observação cuidadosa nunca é desnecessaria, pois de contrário o artista cairá facilmente no absurdo.

Analisemos agora os retratos fotograficos do romancista.

Quando reuniamos elementos para a iconografia camiliana, vimos em alguns dos volumes que consultámos diversas fotografias do escritor, cujas datas nos não pareceram devidamente verificadas. Afigura-se-nos que este assunto é deveras melindroso, atendendo às incertezas e confusões de que anda revestido. Uma certa experiencia leva-nos por isso a considerar que nunca devemos aceitar, sem reservas, as datas que se nos deparem sob os retratos do romancista, — mesmo os que apresentem quaisquer bases que nos possam levar *de momento* a hipoteses toleraveis, ou, ainda, os que ele tivesse datado por sua mão. Sabe-se hoje que o escritor errava frequentemente as datas, e sabe-se tambem que não são muitos os fotografos que tenham por hábito datar os seus trabalhos. Sente-se, por isso, a necessidade d'um estudo demorado e consciencioso a respeito dos retratos de Camilo, — estudo que não estamos habilitados a empreender agora. Os breves e desataviados reparos que a seguir fazemos acêrca de algumas fotografias do escritor, visam apenas a chamar para elas a atenção dos camilianistas devotados, incutindo-lhes por ventura o interesse que possa levá-los a dedicarem-se a tão curioso assunto, e a esclarecê-lo na medida das suas forças.

Na conferência de Oldemiro Cesar intitulada *Camilo Castelo Branco (Sua vida e sua obra)*, edição da Imprensa Nacional, 1914, nota-se, a página 21, uma fotografia de Camilo, de 1870 (?). Representa o romancista já envelhecido, embrulhado numa capa de peles. É, certamente, uma reprodução da fotografia que serviu de base para a magnífica sanguinea que o pintor Antonio Carneiro fez em 1908. No entanto, a página 31 da mencionada conferência, vemos um outro retrato fotografico de Camilo apresentado como sendo de 1870 (?), o qual nos não parece pertencer àquela data mas a outra anterior. Este é o retrato

d'um homem *menos idoso,* encasacado e de pé, o braço esquerdo assente sobre uma peanha, por detrás da qual se vê um reposteiro, a mão direita apoiada a uma bengala e a esquerda segurando um chapeu alto. Basta que se faça um simples exame a ambas as fotografias para se receber imediatamente a impressão de que elas pertencem a *periodos diferentes.* ¿Porém, se os nossos olhos nos enganaram, qual dos dois retratos é então realmente o de 1870, — se de facto a esta data pertence algum d'eles?



JULIO PINTO DE OLIVEIRA, CHEFE DA TIPOGRAFIA DA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA E UM DOS MELHORES COOPERADORES DO «IN MEMORIAM» — DESENHO DE SAAVEDRA MACHADO

Convem notar que já por mais d'uma vez temos visto reproduzida a última fotografia de que falamos. Por exemplo, com a data de 1870 no n.º 2 da revista *Sombra e luz*, de Novembro de 1900; com a indicação de inedita, no jornal a *Lucta* de 3 de Dezembro de 1909; sem indicação de data, no *Comercio do Porto* de 1 de Junho de 1924. Como se vê tudo isto é discordante.

Conversando nós uma vez acêrca de Camilo com o Dr. Antonio de Carvalho Dias, disse-nos este que possuia uma fotografia do romancista que herdára d'um parente. Soubemos depois que a fotografia que ele tinha era, por feliz acaso, igual á que nos preocupava a atenção e pedimos-lhe todos os esclarecimentos que a respeito d'ela nos pudesse dar. Da provincia, onde fôra passar umas férias, recebemos do nosso amigo a seguinte carta que passamos a transcrever:

...Saavedra Machado

Pediu-me V. para lhe enviar todas as indicações que conseguisse obter sobre um retrato de Camilo que possuo e a que erradamente anda atribuida a data de 1870. Essa fotografia veio parar ás minhas mãos, trazida pelo acaso das heranças. Pertenceu a um meu Tio-avô, que, de regresso a casa após as Guerras da liberdade e nos ocios da doença e do arado, parece ter lido com entusiasmo Camilo, a julgar pelo numero relativamente grande de obras que dele tinha. Dessas, umas perderam-se, outras vieram enfileirar-se nas minhas estantes.

Meu Tio morreu em 1867 e os seus papeis, entre os quaes se encontrava o retrato referido, passaram para a posse legitima de meus Avós maternos. Só em 1909 me foi entregue o retrato e, alguns anos mais tarde, varios livros de Camilo, restos da antiga biblioteca de meu Tio. Temos, portanto, como ponto assente, que o retrato é, pelo menos, de 1867.

Êsse meu parente fazia frequentes viagens e certamente adquiríu durante elas os livros de Camilo, alguns á medida que se publicavam, pois são primeiras ou segundas edições, e, possivelmente com eles, a fotografia do seu autor.

As datas das edições, que conservo, estão compreendidas entre 1858 e 1864.

— Será o retrato anterior a 1864?

O que posso afirmar-lhe é que a fotografia em questão existia em 1867.

Seu amigo certo que o abraça com estima

*Antonio de Carvalho Dias.*

Parece pois depreender-se, não só dos reparos que fizemos, mas tambem dos esclarecimentos que amavelmente nos prestou o médico nosso amigo, que a fotografia, á qual por mais d'uma vez temos visto atribuida a data de 1870, não é d'essa data.

Uma outra fotografia de Camilo que nos prendeu a

atenção e publicamos na página 95 do *In memoriam*, pertence, como vimos, ao sr. Dr. Fidelino de Figueiredo que, — pelo menos ao tempo em que a cedeu ao editor d'este livro — a supunha inedita. Não o é, porém, porque já foi publicada, que nos lembre agora, entre outros lugares no livro *Camillo desconhecido* de Antonio Cabral, 1918, entre páginas 198 e 199 onde o autor do livro citado no-la dá como de Camilo aos 52 anos; e no n.º 217 da revista *A B C* de 11 de Setembro de 1924.

O mais curioso ainda é que a mesma fotografia — ou uma igual — serviu certamente de base ao retrato desenhado por Manuel de Macedo e gravado em madeira por Caetano Alberto, que na conferência de Oldemiro Cesar se reproduz com a nota: data ignorada! Quem queira dar-se ao trabalho de voltar uma prova d'essa fotografia para a luz, verá, no verso, o retrato na posição em que Macedo o desenhou. É precisamente o mesmo: no rosto comprido, na forma alongada do craneo, nos olhos, na orelha, no bigode farto, no fato, gravata e largo colarinho.

Ignoramos, neste momento, o lugar onde foi pela primeira vez publicado este retrato (supomos que tivesse sido no *Occidente*); fosse porém publicado onde quer que fosse, do que não póde haver dúvida é de que a fotografia era conhecida de Macedo, visto ele a ter utilizado para o seu desenho.

Na página 1 dos n.os 8-9 da *Illustração moderna*, Porto, VI, 1901, observa-se um retrato de Camilo, de 1870(?), o qual tem escrito, na parte inferior, o seguinte: — Ultimo retrato-cliché de Pereira e Ferreira, grav. de Marques Abreu.

Temos de fazer um breve reparo: — O último retrato do escritor — ou aquele que é, até agora, conhecido como tal — não é de 1870, mas de 1882. É o retrato da Antiga Fotografia *União*, da Casa Real, Praça de S.ta Thereza, 47,

Porto, é vem publicado no livro *Cem cartas de Camilo,* de Luís Xavier Barbosa, 1920. O notario Tavares de Carvalho possue uma fotografia igual que reproduzimos no *In memoriam*, no artigo do Dr. Manuel Ramos. Tem, no verso, a seguinte dedicatoria do proprio punho de Camilo a qual o devotado camilianista nos autorizou a transcrever:

Á Ill.^ma^ Ex.^ma^ Senhora D. Eugenia Mendes Viseu tem a honra de offerecer

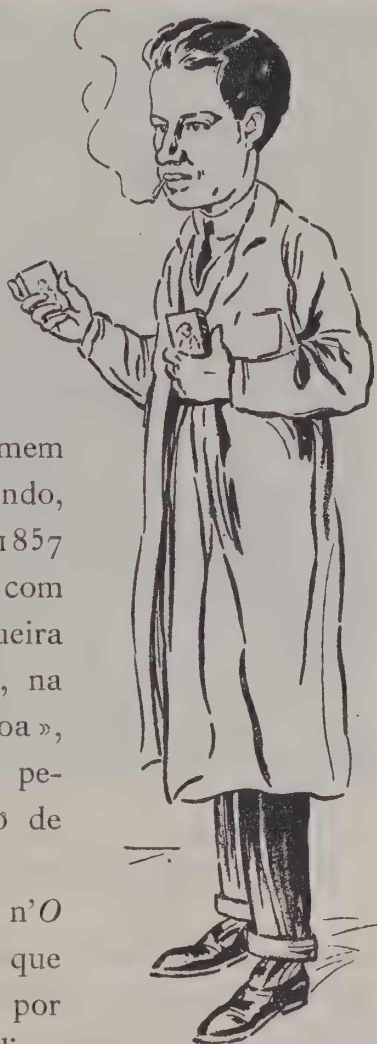
Camillo Castello Branco
S. Miguel de Seide
7 de março de 1882

No livro de Antonio Cabral, *Camillo desconhecido,* 1918, entre páginas 156 e 157 vê-se um retrato do romancista em cuja parte inferior está escrito: — Camillo Castello Branco «offereceu á sua companheira de carcere, a Ex.^ma^ Sr.^a^ D. Anna Augusta Placido, em 2 de agosto de 1861.» *(Retrato existente em Seide).*

Este retrato é o mesmo que vem reproduzido na conferência de Oldemiro Cesar, 1914, página 17, com a data de 1860.

O ilustre escritor Alberto Pimentel publicou uma fotografia muito semelhante com a data de 1852 no seu livro *O romance do romancista*, 1.ª edição, 1890, — êrro de que se justifica mais tarde, em 1899, a pag. 401 do seu livro *Os amores de Camillo,* escrevendo as seguintes notas sob uma aguarela assinada por C. Silva á qual o referido retrato servira de base: «Este retrato é copia de uma photographia de Horacio Aranha, rua do Bomjardim, Porto, e foi o que Vieira de Castro publicou em a 1.ª edição da biografia de Camillo (1861). Eu reproduzi a mesma photographia n'«O romance do romancista» atribuindo-a

ao anno de 1852 porque encontrei esta data a lapis, no verso do cartão, escripto pelo amigo de Camillo que m'a cedera. Um equivoco arrastou outro. Fica restabelecida a verdadeira data: 1860. Vem a proposito lembrar a conveniencia que haveria em os photographos datarem os seus trabalhos, como fazem os pintores.

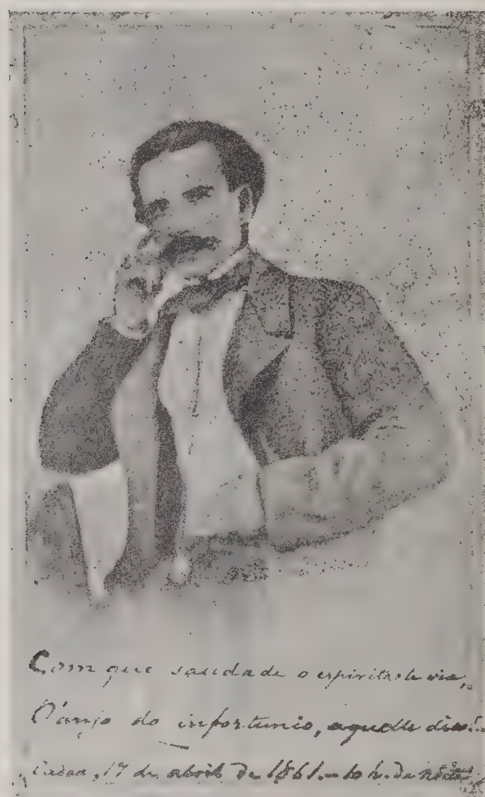


MANUEL BAPTISTA, ENCARREGADO DAS OFICINAS DE GRAVURA DE « A ILUSTRADORA » — « CROQUIS » DE SAAVEDRA MACHADO

« O primeiro retrato de Camillo que appareceu em livro é uma litographia que acompanha a 1.ª edição do romance « Um homem de brios » (Porto 1856). O segundo, tambem em litographia, sahiu em 1857 no drama « Espinhos e flores » com pouca felicidade copiado por Nogueira da Silva, em gravura em madeira, na 2.ª edição dos « Mysterios de Lisboa », 1858. E appareceu em 1883, no periodico « O Camões », como sendo de Eugenio Sue ! »

Do retrato que vem reproduzido n'*O romance do romancista* — retrato a que Alberto Pimentel havia atribuido por engano a data de 1852, — temos a dizer o seguinte: — A' primeira vista parece igual aos que vimos reproduzidos nos livros de Oldemiro Cesar e Antonio Cabral; mas se repararmos nele atentamente concluiremos que *igual precisamente, não é,* porque as posições das mãos e dos dedos são diversas. Nesse retrato o dedo indicador da mão es-

querda está erguido e encostado ao temporal esquerdo de Camilo —, e esse dedo não é visivel na outra fotografia do escritor tambem do *atelier* de Horacio Aranha.



RETRATO INEDITO DE CAMILO
EM PODER DE L. FERREIRA LIMA

O que é de todo presumivel, visto o trajo e a atitude de Camilo se mostrarem muito semelhantes em ambos os retratos, é que o escritor, na ocasião em que se fotografou, tivesse aproveitado uma outra pose pouco diferenciada da primeira.

São muito curiosos estes retratos do tempo do carcere, e á mesma epoca pertence tambem, como póde ver-se, a fotografia inedita de Camilo que está na posse de Luis Ferreira Lima: das outras diverge um tanto na posição; a gravata é substituida em volta do colarinho por um laço. Esta fotografia é valorizada pela letra do proprio romancista, letra desafectada e corredia, esmaecida pelo tempo, mas que recorda ainda um periodo do desventurado amôr de Camilo por D. Ana Placido:

«Com que saudade o espírito te via,
O' anjo do infortunio, aquelle dia!...

Cadea, 17 de abril de 1861 — 10 h. da noite».

Este retrato é uma verdadeira página de psicologia amorosa e de infortunio. Não se olha sem emoção. Ele guarda um pouco da alma torturada de Camilo; guarda uma saudade, uma dor; fixa o recolhimento espiritual de uma hora intensa.

*

* *

Já que falamos um pouco acêrca das especies iconograficas publicadas neste livro, tratemos tambem um pouco de alguns dos seus dedicados cooperadores, colaboradores e devotados camilianistas aos quais ele muito ficou devendo. Se uns nos são pessoalmente desconhecidos, com outros convivemos e trocámos impressões que foram de certa utilidade para o *In memoriam.* Se não os lembrassemos, cometeriamos não só uma falta de cortesia, mas, o que seria peor, uma falta de gratidão.



VENTURA ABRANTES
EDITOR DO «IN MEMORIAM DE CAMILO» — DESENHO DE SAAVEDRA MACHADO

Todos os subsidios, que de algum modo possam concorrer para a historia d'um livro, — ainda que não sejam senão impressionistas como os que temos dado e daremos aqui — podem não ser, talvez, d'uma grande oportunidade para o presente, mas terão, decerto, algum interesse para o futuro, quando d'esta geração que passa não restarem mais do que lembranças muito vagas a diluirem-se na bruma do tempo. Então, através das linhas breves d'um singelo *croquis* ou d'uma simples impres-

são que foi escrita em determinado momento poderá avivar-se e reconstituir-se uma figura ou um facto.

Comecemos por lembrar o nome de Julio Pinto de Oliveira, um dos nossos melhores cooperadores, encarregado do quadro do pessoal tipografico da Biblioteca Nacional de Lisboa. Aqui lhe manifestamos a nossa gratidão e aprêço, pelo zêlo e boa vontade demonstrados durante a impressão d'este livro.

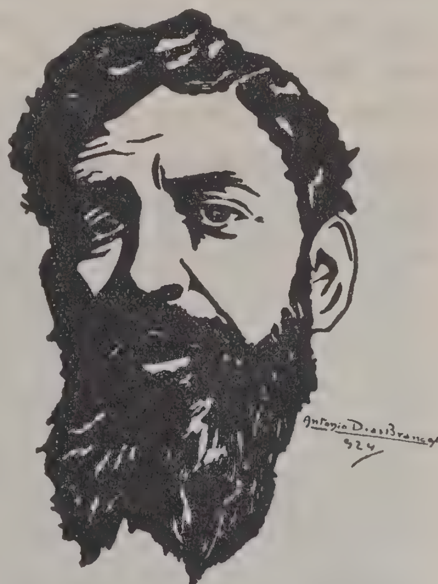
Aos impressores e tipografos endereçamos tambem o nosso agradecimento.

A seguir lembramos o nome de Manuel Baptista, encarregado da oficina de gravura de *A Ilustradora*. Foi ele que, dedicadamente, exerceu uma vigilancia constante nos trabalhos de gravura que vêm reproduzidos no *In memoriam*. Não obstante os seus cuidados, algumas vezes mandámos inutilizar trabalhos que não nos satisfaziam. Recordamo-nos de que d'uma vez se inutilizou a serie completa que reproduzia as ilustrações com que Bordalo ilustrára *O demonio do ouro*. ¡ Na primeira reprodução que nos apresentaram d'uma d'essas gravuras de madeira chegára a desaparecer até a assinatura do artista! Quando nós lhe diziamos: — esta gravura não está capaz ele respondia-nos invariavelmente: — Faz-se outra ou quantas forem necessarias até que fique satisfeito.

E o caso é que, se nem todas nos deixaram contentes, algumas houve que nos agradaram incondicionalmente. Bastará mencionar as que reproduzem os desenhos de Antonio Carneiro, o de Cristiano de Carvalho, as tricromias e alguns trabalhos de Bordalo e de outros artistas. Temos pois, razão para manifestarmos os nossos agradecimentos a Manuel Baptista por ter conseguido que das suas oficinas, deficientemente montadas, saissem muitas das gravuras aceitaveis d'este livro.

# IN MEMORIAM DE CAMILLO

De entre os colaboradores mortos do *In memoriam* lembraremos, o Dr. Teofilo Braga, historiador da literatura portuguesa e professor da Faculdade de Letras; o Dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira, medico e antropologista notavel, director da Casa Pia de Lisboa; o Conde de Sabugosa, erudito autor do valioso livro *Paço de Cintra;* Antonio Sardinha, poeta delicado e prosador versado em assuntos historicos; Mario Pacheco, sonetista inspirado e professor muito distinto.



TEIXEIRA LOPES
MÁSCARA DE A. DIAS BRANCO

Dos colaboradores ainda vivos é-nos grato recordar os nomes dos sabios Professores Leite de Vasconcellos, investigador e filologo dos mais apreciados; Henrique de Vilhena, profundo conhecedor de assuntos anatomicos e crítico d'arte; Egas Monís, escritor e neurologista notavel. Sem serem propriamente camilianistas — o que acontece com tantos outros escritores que colaboram neste livro — nem por isso deixaram de escrever interessantes artigos acêrca de Camilo.

Ao acaso e ao correr da pena vão-nos acudindo os nomes de outros colaboradores do *In memoriam,* como sejam os do Dr. Augusto de Castro, jornalista brilhantissimo e diplomata prestigioso; Antero de Figueiredo, autor de varios livros notaveis de prosa, entre eles *Jornadas em Portugal*, onde evoca a figura tão original do pintor Eugenio Moreira; Raul Brandão, evocador estranho dos pobres;

Manuel de Sousa Pinto, crítico d'arte e primoroso estilista; Aquilino Ribeiro, beirão muito amigo da sua terra e um grande prosador; Albino Forjaz de Sampaio, escritor de merecimento e trabalhador incansavel; Rocha Martins, vulgarizador consagrado; Alcantara Carreira, escritor e conferencista, fervoroso propagandista da literatura e arte portuguesas no Brasil; Alvaro Neves, fundador do *Grupo de Amigos do Museu de Rafael Bordalo* e bibliofilo distinto; Mateus Moreno, poeta e soldado da grande guerra, director da revista *Alma Nova,* que tudo lhe deve; Dr. Guerreiro Murta, professor estudioso e dedicadissimo ao ensino; José Rebelo de Bettencourt, poeta inspirado e cheio de emoção, e tantos, tantos outros que de momento nos não ocorre mencionar.

E em especial lembramos os nomes dos camilianistas Alberto Pimentel, Henrique Marques, Tavares de Carvalho, Dr. Julio Dias da Costa, Cruz Magalhães, Oldemiro Cesar e Luís Ferreira Lima. Sempre que tivemos necessidade de recorrer á sua experiencia e saber no que diz respeito a assuntos camilianos fomos imediatamente atendidos com a maior solicitude e carinho.

E assim como consultámos os camilianistas que acabamos de mencionar e de quem tão bom acolhimento recebemos, estamos certos de que o mesmo nos sucederia com respeito a outros, como o Dr. Ricardo Jorge, Antonio Cabral, Custodio José Vieira, Ludovico de Menezes, etc., se a eles igualmente recorressemos.

Parece-nos estar ainda vendo, no momento em que escrevemos, a figura veneranda do simpatico velhinho Alberto Pimentel, (um dos homens que primeiro e mais dedicadamente se ocuparam de Camilo), pousando na nossa frente, em Queluz, para o pequeno perfil que noutro lugar do livro reproduzimos, enquanto o Dr. Brito Fontes, nosso

companheiro, escutava respeitosamente as recordações do passado do escritor.

Henrique Marques, autor da preciosa *Bibliografia camiliana*, sentado ao balcão da sua livraria — magro, bem provido de modestia e de talento, semblante de velho risonho no qual transparece uma alma cheia de mocidade; Tavares de Carvalho, no pequeno e confortavel gabinete da sua Camiliana — rosto energico, impetuoso, animado, a revelar-nos um homem que fala sempre alto e de cabeça levantada; Julio Dias da Costa, compilador dos «Dispersos de Camilo» e profundo conhecedor da obra do Mestre, — forte, de largos ombros, rosto de poucos amigos mas homem amigo do seu amigo; Cruz Magalhães, escritor dos que mais prezam a memoria de Camilo e o que melhor enalteceu a de Rafael Bordalo fundando e organizando o precioso Museu que tem o nome do grande caricaturista — um insulado cheio de nobres ideais e um dedicado amigo das crianças; Oldemiro Cesar, um dos maiores admiradores do grande romancista e autor da notavel conferência *Camilo Castelo Branco (Sua vida e sua obra)*, — alto, leal, de gestos impetuosos, e um dos nossos jornalistas mais considerados e



ALBERTO PIMENTEL E SAAVEDRA MACHADO
SEGUNDO UMA FOTOGRAFIA DO DR. BRITO FONTES

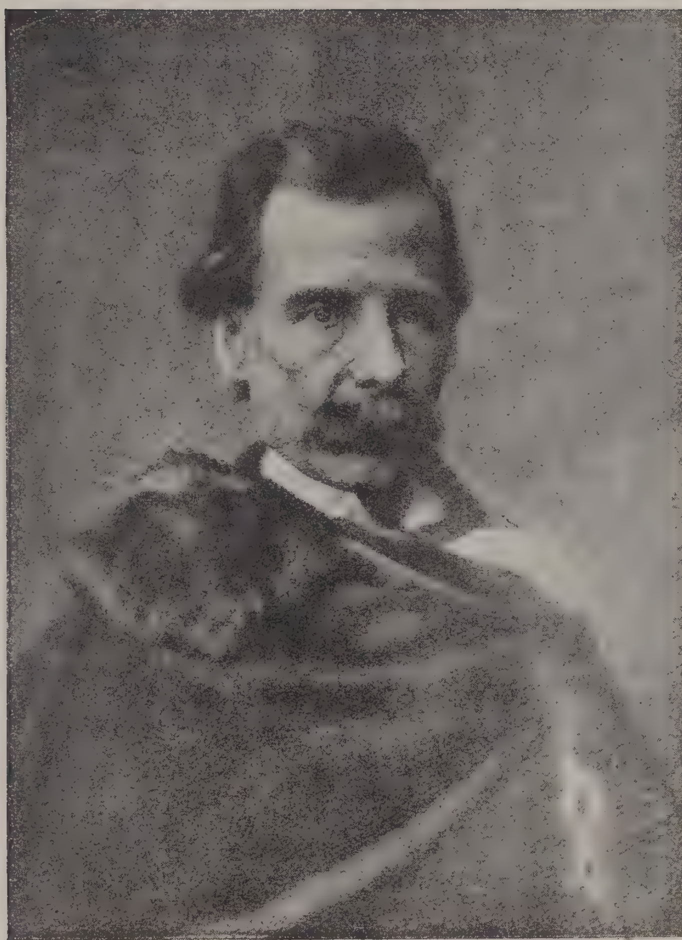
brilhantes; e por último Luís Ferreira Lima, o mais ferrenho coleccionador de tudo quanto diga respeito ao grande romancista, — miope, de barba grisalha, baixo, sossegado e de poucas falas, a indicar-nos um homem de quem o povo diz: *Parece que não quebra um prato*...

¡Pois Luís Ferreira Lima já deixou quebrar um... e então que prato! um que lhe fôra entregue no Porto pelo snr. Carlos Duarte do Amaral para ser vendido, num leilão de Lisboa, a favor da subscrição do monumento de Camilo.

Julgamos não ser indiscretos contando como o caso se passou: — A *scena* deu-se na carruagem d'um comboio em que viajava o simpatico e devotado camilianista. Numa das estações do trajecto, entrára no vagom um passageiro malcriado e vendo ao lado de Luís Lima um pequeno embrulho, o que continha o precioso prato, pregou com ele no chão reduzindo o seu conteúdo a cacos. Foi incalculavel o desgosto de Luís Ferreira Lima, que, arrepelando-se e descompondo o passageiro importuno, lá reuniu, como poude, todos os pedacinhos quebrados. Quando chegou a Lisboa vinha preocupadissimo e só o Ventura Abrantes conseguiu sossegá-lo prometendo-lhe que mandaria restaurar cuidadosamente o prato, o que de facto sucedeu.

Como o *In memoriam de Camilo* deve a Luís Lima os maiores serviços, quisemos, ainda que pobremente, manifestar-lhe a nossa gratidão e uma vez convidámos o admirador do notavel romancista a pousar para lhe desenharmos um pequeno *portrait-charge*. Lima pareceu ter ficado satisfeito e no dia e hora combinados apareceu-nos rigorosamente vestido de negro e com um ar um tanto ou quanto melancolico. É d'esse modo que o apresentamos á curiosidade dos leitores.

Devemos tambem dedicar algumas palavras a Ventura Abrantes editor do presente livro. Sem os seus dotes de trabalho e a sua persistencia — essa fôrça especial de todas



RETRATO DE CAMILO CASTELO BRANCO
— DESENHO DE J. ANTONIO CORRÊA,
1870

as criaturas que são fadadas para triunfar na vida — este *In memoriam* não seria um facto.

Os nossos comerciantes são, por via de regra, medrosos, excessivamente egoistas, e afastam-se de tudo quanto possa representar um melhoramento ou uma inovação. Dá-se o mesmo com os nossos editores e comerciantes de livros. Se estes não obedecerem a determinados formatos e não levarem rateado número de páginas e gravuras; se não tratarem de assuntos facilmente *vendaveis* e não forem manipulados sómente por celebridades consagradas, vêem-nos com indiferença e não os editam.

Ventura Abrantes poderá ter todos os defeitos que lhe queiram apontar, mas quando se tratou de organizar um livro de homenagem á memoria d'um dos maiores escritores portugueses, sacrificou uma boa parte da sua energia e do seu dinheiro. Deviamos-lhe estas palavras de justiça. Se o *In memoriam de Camilo* tem falhas (poucos livros d'esta natureza haverá que não as tenham), não é dificil reconhecer que ele representa, no seu genero e para o nosso meio tão avesso a manifestações de arte, uma tentativa que, subsidiada por um só editor, equivale a um número incalculavel de sacrificios materiais.

*
* *

Não é tarefa das mais faceis, quer nas Escolas ou Sociedades artisticas estabelecidas no país, as quais são ainda hoje — com raras excepções — orientadas por velhos metodos de ensino, quer nas oficinas de gravura e de impressão, com material insuficientissimo e pessoal que, na sua maioria, está longe de possuir uma preparação tecnica aceitavel, — transformar rapidamente os processos de educação plastica, debe-

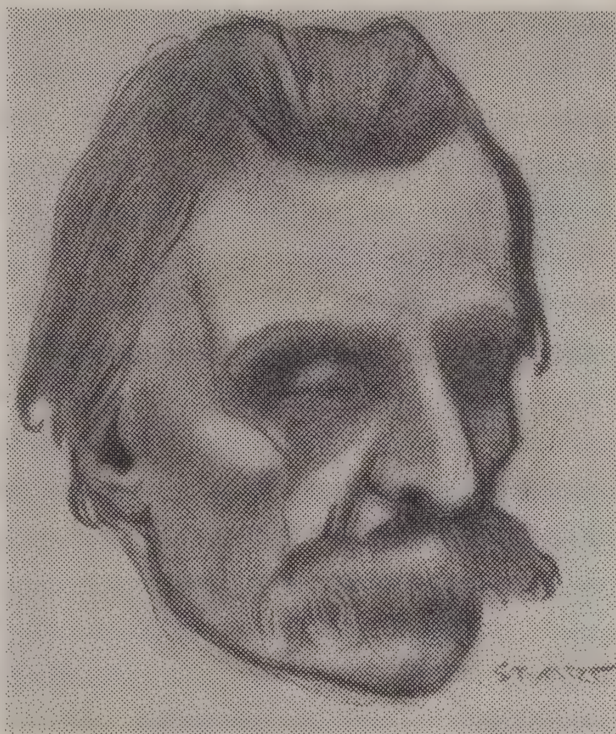
lar ou fazer desaparecer, num momento, um número de males que criaram raizes profundas, porque, tal intento equivale a ferir de chofre, muitos interesses individuais e materiais. As leis e os estatutos pelos quais esses organismos se regem estão ainda bem longe de corresponder a um criterio amplo de liberdade artistica bem compreendida ou de satisfazer as exigencias e aspirações plasticas da hora presente.

Mas essa tarefa de remodelação, terá, — decerto, — de ser levada a efeito serenamente, por meio de sucessivas *etapes* e, sobre tudo, com muita independencia, estudo e correcção por parte das pessoas que pretendam realizá-la e se sintam com fôrças e faculdades para isso. São condenaveis as intransigencias e os egoismos de alguns velhos mestres consagrados que, excessivamente arreigados ao ambiente d'uma visão limitada, e no imobilismo convencional dos seus processos plasticos, olham sem benevolencia nem aprêço para o desabrochar de novos valores que surgem e se afirmam. Parecem esquècer assim que as *transições* são necessarias tanto na vida artistica como na vida social e que a *evolução*, impulsionada por diferentes causas, póde, *momentaneamente,* desviar-se do seu rumo, mas facilmente o retomará e *ninguem* poderá retê-la na sua marcha.

Aos novos compete pois trabalhar para *construir* e não apenas para *demolir*. Ninguem, melhor do que eles, poderá dar exemplos de tolerancia e de liberdade artistica bem compreendida, compenetrando-se de que entre o passado e o presente existe natural correlação e que de um e outro terá o futuro que receber proveitosas lições.

A arte, sem deixar de ser uma deusa irrequieta e livre, costuma ser generosa e bela para todos os seus cultores e cada qual deve ter o direito de interpretá-la como *sinta* ou *queira*, por processos classicos ou modernistas, o que

não quer dizer que todas as produções subordinadas a esses processos sejam obras de valor, e devam ser apreciadas sem reservas. De contrário caíriamos num ambiente de monotonia e servilismo tecnico em que veriamos as mesmas imagens com os mesmos olhos, numa determinada expressão e num determinado conjunto. As ditaduras, venham de onde vierem, ainda que sejam artisticas, são profundamente antipaticas.



CAMILO
DESENHO DE STUART CARVALHAIS, DA CAPA DO LIVRO « ANA PLACIDO », DE ROCHA MARTINS

Em geral o artista, entre nós, não medita no valor social da sua nobre missão nem recebe uma preparação necessaria para a desempenhar condignamente. Divergencias acêrca de preconceitos de escola tomam habitualmente para ele as proporções d'um *mal* que se deve repudiar e combater implacavelmente *por todos os processos.* O nosso artista, que faz parte d'uma familia não muito numerosa, jamais procurou conjugar esforços. Mas hoje, mais do que nunca, dispersa-os. Ao metodo e ao valor da crítica elevada prefere o processo da *blague* e o da violencia. O

colega... é o *inimigo*. E nesta sua errada interpretação dos factos, é claro que jamais pensou tambem, a valer, em cuidar dos seus interesses de classe. Ser desorientado e embebido no culto do seu exagerado *pessoalismo* chegou a esquècer-se da vida e dos males que o rodeiam. E então, ai d'ele se nasceu pobre e desprecavido! Será sacrificado, sem piedade, ao pequeno ambiente em que vive, quasi alheado dos grandes problemas d'arte europeus; sacrificado ás grandes empresas que nem sempre lhe remuneram convenientemente os trabalhos que o encarregam de fazer; sacrificado aos *preconceitos* dos clientes com os quais terá de se defrontar habitualmente; sacrificado a diversos arrazoados escritos que pretendem passar por crítica, e que são, muitas vezes, urdidos pela má fé, ou pelo odio pessoal. E será sacrificado ainda aos desejos e caprichos de inumeraveis criaturas que, a troco d'uma *problematica* amizade, lhe solicitarão, (quantas vezes!) sem rebuço nem intento de recompensa, centenas de desenhos para albuns de familia, ilustrações numerosas para livros de prosa e verso, bustos e manchas de estudo para ornamento de gabinetes de trabalho; milhares de cousas, emfim, que atingem as proporções d'uma *epidemia* — para não dizermos da mais *desaforada exploração!*

*
* *

São poucas as escolas d'arte que possuimos, e essas mesmas têm grandes faltas de material e de instalação condigna que muito as prejudica no desempenho da missão para que foram criadas. Faltam-nos livros e revistas de arte bem impressos pelos quais se possa fazer uma ideia clara das produções dos nossos artistas. As simpaticas tentativas que se têm ensaiado, no genero, sossobram por falta de entendi-

mento ou diferenças de temperamento das pessoas que as dirigem, ou lutam quasi sempre com a falta de capitais amplos, e com a indiferença quasi geral do meio. Quem tenha folheado magnificas publicações estrangeiras e não esteja *familiarizado* com os processos de gravura e de impressão adoptados entre nós, ficará fazendo dos nossos artistas plasticos um juizo pouco lisongeiro. Ha casos edificantes que dariam origem a muitos e variados comentarios. Citá-los aqui é impossivel de tal modo são copiosos.

Inumeros autores de livros, directores de revistas e jornais, editores e empreiteiros de publicações têm, assim, as maiores responsabilidades. Tratam ainda hoje com a maior leviandade de assuntos que exigem, além de cultura artistica, largos anos de estudo, provada competencia e conhecimentos tecnicos especiais. Pegam com a maior naturalidade num trabalho artistico e descuram a sua boa reprodução, quando não chegam a dar-lhe os mais disparatados aspectos. Mutilam-no, ou perdem-no totalmente. Não procuram indagar onde se poderá reproduzir *melhor* mas *peor*, porque para essa gente, — alguma da qual pode dispôr de capital abundante, — *peor* significa apenas *mais barato*. Dispender o menos possivel para obter o maior lucro possivel eis no que consiste o seu deploravel criterio. Prejudicam assim os artistas e o público a quem fornecem trabalhos adulterados, e não animam nem fazem prosperar as oficinas que, em condições mais desafogadas e dirigidas por pessoal competente, poderiam produzir trabalhos magnificos.

São rarissimos entre nós os bons gravadores e impressores a quem verdadeiramente devamos dar esses nomes e possamos entregar trabalhos de responsabilidade. Não exageramos. Os que constituem maioria estão habituados a gravar rótulos grosseiros para várias empresas industriais e comerciais de reconhecido mau gosto, e d'isso vivem.

*
* *

Como entendemos que é de capital importancia o papel desempenhado pela gravura em quaisquer publicações, — principalmente nas que tratem de assuntos de arte e de iconografia, — julgámos de algum interêsse, além das breves considerações pessoais que a propósito do caso bordamos, ouvirmos tambem as pessoas que superintendem nos trabalhos de gravura e para isso fomos procurá-las ás oficinas que dirigem.

Quem primeiro interrogámos foi o nosso antigo condiscipulo e amigo Denis Bordalo Pinheiro, criatura afavel e correcta. Diz-nos que a idea de seu pai, Tomás Bordalo, ao fundar a *Oficina Fotomecanica* de que é gerente, foi destiná-la especialmente à reprodução de trabalhos artisticos. A casa chegou a obter as maiores recompensas (entre elas o premio de honra de Leipzig), e nas suas oficinas têm estado os melhores artistas, tanto estrangeiros, como nacionais, muitos dos quais ali receberam a sua educação profissional. Reunem por isso, ainda hoje, as melhores garantias para a bôa reprodução de trabalhos artisticos.

O ter de dispersar-se o trabalho artistico por várias oficinas que nem sempre oferecem garantias de exito, tem obstado a que as nossas tenham tomado maior desenvolvimento. Por outro lado, a falta de entendimento entre as casas onde são feitos os trabalhos de gravura e os de impressão, tornam estes deficientes. Haveria vantagem em reunir, na mesma casa, o artista, o gravador e o impressor, trabalhando em conjunto, sob uma direcção esclarecida; mas isso é que raramente sucede. Outras causas que têm impedido tambem o desenvolvimento das

oficinas são a desorientação do trabalho que recebem e à *pressa* com que este é quasi sempre exigido. Assim, têm ás vezes de ser feitos, no mesmo dia e na mesma máquina, trabalhos diferentes: — os de traço vulgar e fino, (zincografia), os de meios tons, de rede larga e rede fina (fotogravura), e os de côres (bicromia e tricromia). Nestas condições a confecção d'estes trabalhos não poderá resultar perfeita visto que uns requerem, além de tempo, maiores cuidados do que outros. Denis Bordalo é de opinião que as empresas jornalisticas têm prejudicado grandemente a indústria da gravura em Portugal. Não se encarregando apenas de trabalho que diz respeito ao jornal, abrem as portas das suas oficinas á clientela exterior prejudicando assim, devido á concorrencia, os industriais de fotogravura. Lá fóra, em Londres e noutros grandes meios que visitou, as oficinas dos jornais estão interditas de trabalharem para fóra. É por essa razão que lá se vêem jornais muito bem feitos, visto que o pessoal se dedica exclusivamente ao seu aperfeiçoamento, e que os industriais da gravura podem dedicar-se tambem com amor à sua profissão, tornando-a prospera e util, sem receio da concorrencia d'esses jornais.



DENIS BORDALO PINHEIRO GERENTE DA OFICINA DE GRAVURA FOTOMECANICA — DESENHO DE SAAVEDRA MACHADO

Manuel Baptista, gerente d'*A Ilustradora*, diz-nos que são relativamente poucos os trabalhos artisticos recebidos nas suas oficinas. Só raramente e por mero acaso aparecem. A sua casa, não contando largas tradições, tem, no entanto, quando se lhe apresenta ensejo, produzido al-

guns trabalhos artisticos que bastante a honram. Do que vivem principalmente as suas oficinas é da confecção de gravuras destinadas a alguns jornais e de trabalhos encomendados pelo comércio e pela indústria. Estes são os mais frequentes e pode até dizer-se que abundam; mas estão longe de possuir o menor interesse artistico. Tal qual como Denis Bordalo Pinheiro, Manuel Baptista entende tambem que as empresas jornalisticas, encarregando-se de trabalhos de gravura para o público, prejudicam, pela concorrencia, as restantes oficinas de gravura que exclusivamente á sua indústria se dedicam, e que essa é uma das principais causas, senão a principal, que obstam ao seu desenvolvimento.

Caberia agora a vez de interrogarmos os gerentes de outras oficinas de gravura, incluindo aquelas que pertencem ás empresas jornalisticas, e recolhermos tambem algumas das suas impressões sobre o assunto; mas não o permite o espaço de que dispomos, e já se vae tornando longo o presente artigo.

Estes breves inqueritos com que finalizamos o nosso estudo só corroboram, no entanto, a opinião que ha muito mantemos a respeito da decadencia das nossas principais oficinas de gravura. Se elas não prosperam, é porque o meio, ingrato e acanhado, vivendo na sua quasi totalidade alheio ao culto do belo, não as auxilia.

Aos artistas compete pois, sempre que possam, educar o público despertando-lhe o interesse e o gosto da arte e dos assuntos que com a mesma se relacionem e dos quais depende muita vez o seu prestígio Além d'isso impõe-se a criação dum *curso destinado aos nossos operarios gravadores,* onde, conjuntamente com a aprendizagem do seu ofício lhes sejam ministrados conhecimentos de desenho.

¿ Se essa escola não existe sequer entre nós, que podemos esperar do pessoal tecnico ao qual tenhamos de confiar a reprodução de trabalhos de responsabilidade ?

SAAVEDRA MACHADO






PROJECTO DO MONUMENTO DE CAMILO,
DE ANJOS TEIXEIRA E NORTE JUNIOR,
DESTINADO Á CIDADE DE VILA REAL



# RESENHA BIBLIOGRAFICA DAS OBRAS DE CAMILO CASTELO BRANCO PELA ORDEM CRONOLOGICA DA SUA PUBLICAÇÃO

## I — ORIGINAIS

1 — *Os pundonores desagravados* (Poemeto satírico). — 1845, Porto — Tip. da Revista — In-8.º de 10 pags. = 1916, Lisboa — Separata da Revista Bibliografica Camiliana — In-8.º de 10 pags. = 1916, Lisboa — Edição de Raul Costa Santos — Tip. Henrique Pereira & C.ª — In-8.º de 18 pags. com retrato. = 1916, Lisboa — Reprodução fac-similada da Parceria Antonio Maria Pereira — In-8.º de 10 pags. = Incluido depois nos *Delitos da mocidade.*

2 — *O juizo final e o sonho do inferno* (Poemeto satírico). — 1845, Porto — Tip. da Revista — In-8.º de 60 pags. = Incluido nos citados *Delitos.*

3 — *Agostinho de Ceuta* (Drama em 4 actos). — 1847, Bragança — In-8.º de 80 pags. = 1858, Porto — Tip. de F. Gomes da Fonseca — In-8.º de 64 pags. = 1887, Porto — Cruz Coutinho —

In-8.º de 84 pags. = 1908, Lisboa — Incluido no vol. LXXVI da Colecção da Parc. A. M. Pereira — Teatro I — In-8.º de 225 pags. (Ocupa as 100 primeiras).

4 — *Maria! não me mates que sou tua mãe!* (Narrativa). — 1848, Porto — Tip. do Eco. — In-8.º de 14 pags. = 1848, (?) sem data — Porto — Tip. do Eco — In-32.º de 62 pags. = 1849 — Vida da ré Maria José — Lisboa — Tip. E. J. da Costa Sanches — In-8.º peq. 16 pags. = 1850, (?) s/d — Matricídio sem exemplo — Porto — Tip. Comercial — In-8.º de 16 pags. = 1852 — Historia verdadeira — Porto — Tip. de S. J. Ferreira & F.º — In 8.º de 16 pags. = 1886, (?) — Historia de Maria José — Rio de Janeiro — Tip. da Escola — In-8.º de 31 pags. = 1887 — Maria José — S. Paulo — Impresso na Tip. de Henrique Zeferino, Lisboa — In-8.º de 14 pags. = 1887, (?) s/d — Maria José — Rio de Janeiro — In-8.º de 14 pags. = 1889, (?) — Porto — Tip. de Freitas Junior — In-4.º de 12 pags. Apesar de ter a data de 1849, parece que foi mandado imprimir por Freitas Fortuna em 1889. = 1916, Lisboa — Tip. Comercio e Industria — In-8.º peq. de 32 pags. com retrato. = 1924, Lisboa — Edição da Casa Ventura Abrantes — In-8.º gr. de 13 pags.

5 — *A murraça* (Poemeto satírico). — 1848, Porto — Tip. do Eco Popular — In-8.º de 15 pags. = 1889, (?) — s/d e local — In-8.º de 15 pags. — Reprodução de Freitas Fortuna. = 1916, Figueira da Foz — Imprensa Lusitana — In-8.º de 21 pags. = 1917, Lisbôa. — In-8.º de 15 pags. — Separata da Revista Bibliografica Camiliana. = 1920, Lisboa — Edição da Livraria Academica — In-8.º de 15 pags.

6 — *O marquês de Torres Novas* (Drama em 5 actos e 1 epilogo). — 1849, Porto — Tip. do Nacional — In-8.º de 173 pags. = 1858, Porto — Tip. de Francisco Gomes da Fonseca — In-8.º de 158-2 pags. = 1908, Lisbôa — Parc. A. M. Pereira no vol. Teatro I — In-8.º de pags. 101 a 225.

7 — *O caleche* (Opusculo político). 1849, Porto — Tip. de J. Lourenço de Sousa — In-8.º de 15 pags. = 1889, (?) — s/d e s/l — Reprodução de Freitas Fortuna — In-8.º de 15 pags. = 1890, (?) — s/d e s/l — In-8.º de 15 pags. = 1917, Lisboa — s/l s/d — Separata da Revista Bibliografica Camiliana — In-8.º de 15 pags. = — s/d e s/l — 4 pags. — In-8.º peq. apenas contendo o «O

ultimo ano de um valido». = 1924, Lisboa — Edição da Casa Ventura Abrantes — In-8.º gr. de 15 pags.

8 — *O clero e o sr. Alexandre Herculano* (Opusculo de critica). — 1850, Lisboa — Imp. de Francisco Xavier de Sousa — In-8.º de 19 pags. = 1924, Lisboa, — Edição da Casa Ventura Abrantes. — In-8.º gr. de 14 pags.

9 — *Revista do Porto*. — 1850, s/d e s/l — In-8.º peq. de 7 pags. = 1889, (?) s/d e s/l — Reprodução de Freitas Fortuna — In-8.º peq. de 7 pags.

10 — *Improviso recitado no mosteiro de S. Bento da Ave-Maria*. — 1850 — 1 folha medindo 27cm × 21.

11 — *Soneto oferecido a Columbano Pinto Ribeiro*. — 1850, s/l e s/d — 1 folha, com 22cm × 16.

12 — *Inspirações* (Poesias). — 1851, Porto — Tip. de J. J. Gonçalves Basto — In-8.º de 132-4 pags.

13 — *Anatema* (Romance). — 1850, Lisboa — Imp. Nacional — In-8.º de 208 pags. incompleto. = 1851, Porto — Tip. Faria Guimarães — F. G. da Fonseca — In-8.º de 314-1 pags. = 1858, Porto — Tip. da Revista — Cruz Coutinho — In 8.º de 336 pags. = 1875, Porto — Tip. do Jornal do Porto — Cruz Coutinho — In-8.º de 276 pags. = 1892, Lisboa — Travessa da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 472 pags. = 1902, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 400 pags. = 1911, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 384 pags. = 1918, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 384 pags.

14 — *Salvé-Rei* (Poesia). — 1852, s/d e s/l — 1 folha com 33cm × 22. = 1911, Lisboa — Tip. da Casa Portuguesa — In-8.º gr. de 4 pags. = 1915, Lisboa — A. J. Ferros e Ferros — In-8.º gr. de 4 pags. = 1924, Lisboa — Edição da Casa Ventura Abrantes — In-8.º gr. de 15 pags.

15 — *Revelações* (Opusculo). — 1852, Porto — Tip. de J. J. Gonçalves Basto — In-8.º de 64 pags.

16 — *Hosana!* (Poesias catolicas). — 1852, Porto — Tip. F. P. de Azevedo — In-8.º peq. de 47 pags. = 1916, Lisboa — Reprodução zincografada da Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 47 pags. Incluido na 2.ª ed. e seguintes de *Duas epocas na vida*.

17 — *Um livro* (Poesias e um pequeno romance). — 1854, Porto — Tip. de J. A. de Freitas Jr. — In-8.º de 204 pags. = 1858, Porto

Tip. de F. G. da Fonseca — In-8.º de 214 pags. = 1866, Porto — Tip. Comercial — Viuva Moré — In-8.º de XXXI-235-1 pags. = 1905, Lisboa — Empresa da Historia de Portugal — In-8.º de XXIX-1-207-1 pags. ilustrado. = 1908, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 207-3 pags.

18 — *Duas epocas na vida* (Poesias). — 1854, Porto — Tip. de A. S. Santos — In 8.º de 243-1 pags. = 1865, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — 2 tomos in-8.º de 142-2 pags. o primeiro, e de 148-2 pags. o segundo, com os titulos respectivamente — Preconceitos do Coração e Preconceitos da Consciencia. = 1906, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 302-2 pags. = 1922, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º 302 pags.

19 — *Folhas caídas apanhadas na lama* (Poesias). — 1854, Porto — Tip. de F. G. Fonseca — In-8.º peq. de 62 pags.

20 — *Misterios de Lisboa* (Romance). — 1854, Porto — Tip. de J. J. G. Basto — 3 vols. in-8.º de 285, 298 e 355 pags. respectivamente. = 1858, Porto — Tip. de F. G. da Fonseca — 2 vols. in-8.º de 345 e 371 pags. com retrato. = 1861, Porto — Tip. da Revista — Cruz Coutinho — 2 vols. in-8.º de 279-1 e 304 pags. = 1864, Porto — Tip. do Jornal do Porto — Cruz Coutinho — 2 vols. in-8.º de 255-1 e 279-1 pags. = 1878, Porto — Tip. do Jornal do Porto — Cruz Coutinho — 2 vols. in-8.º de 225-1 e 279-1 pags. = 1890, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — 3 vols. in-8.º peq. de 342-2, 352 e 344 pags. = 1905, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — 3 vols. in-8.º de 265, 268 e 272 pags. = 1917, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — 3 vols. in-8.º de 265-3, 268 e 272 pags. = 1923, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — 3 vols. in-8.º de 265-1, 268 e 272 pags.

21 — *A madame L. G. Geordano* (Hino). — 4 quadras com musica de C. Dubini. — 1854 (?), s/local de impressão nem data.

22 — *A Laura Geordano* (Soneto). — 1854, 1 folha com 22cm×15 s/l e s/d — Este soneto foi impresso com duas cercaduras diferentes indicando a Tip. de Sebastião J. Pereira, um, e Tip. de S. J. Pereira, o outro, e ambos com o titulo — Á signora Laura Geordano.

23 — *Á snr.ª Laura Geordano* (Soneto). — 1854, 1 folha com 25cm×17 s/l — Tip. de G. & F. — Tambem foi impresso com duas cercaduras e em tipos diferentes.

24 — *Á senhora Laura Geordano* (Poesia). — 1854, 1 folha com $32^{cm} \times 23$ — s/l, s/d — Tip. de S. J. Pereira — Impresso com duas tarjas e vinhetas diferentes.

25 — *A' senhora Laura Geordano* (Soneto). — 1854, 1 folha com $24^{cm} \times 16$ — s/d e s/l — Impresso com outra tarja.

26 — *A signora Laura Geordano* (Cinco quadras). — 1854, 1 folha com $24^{cm} \times 16$ — s/d — Tip. de S. J. Pereira — Impresso em dois tipos de cercadura.

27 — *O adeus da cantora* (Poesia). — 1854, 1 folha com $30^{cm} \times 20,5$ s/d — Tip. de S. J. Pereira — Impresso com outra tarja e vinheta.

28 — *A Laura Geordano* (Poesias). — 1917, Lisboa — Centro Tipografico Colonial — In-8.º de 16 pags. (Opusculo em que estão incluidas as seis poesias anteriores).

29 — *A filha do arcediago* (Romance). — 1854, Porto — Tip. de Faria Guimarães — A. J. da S. Teixeira. — In-8.º de 2-251-1 pags. = 1858, Porto — Tip. de Sebastião José Pereira — Cruz Coutinho — In-8.º de 263-1 pags. = 1868, Porto — Tip. do Jornal do Porto — Cruz Coutinho — In-8.º de 220 pags. = 1892, Lisboa — Tr.ª da Queimada — Pedro Correia — In-8.º de 391-1 pags. = 1905, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 296 pags. = 1918 Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 273-1 pags,

30 — *Scenas contemporaneas* (Miscelanea). — 1855, Porto — Tip. de Faria Guimarães — A. J. da S. Teixeira — In-8.º de 320-1 pags. = 1862, Porto — Tip. de Antonio José da Silva Teixeira — Cruz Coutinho — In-8.º de 240-1 pags. = 1892, Lisboa — T. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 296 pags. = 1904, Figueiró dos Vinhos — Tip. Aguiar — In-8.º de 132 pags. = 1907, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 243-1 pags. = 1925, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 249-1 pags.

31 — *Livro negro do padre Denis* (Romance). — 1855, Porto — Tip. de F. G. da Fonseca — In-8.º de 402-1 pags. = 1863, Porto — Tip. de F. G. da Fonseca — In-8.º de 299-1 pags. = 1872, Porto — Imprensa da Livraria Francesa e Nacional — In-8.º de 303-1 pags. = 1880, Lisboa — Tip. Ocidental — Livraria A. M. Pereira — In-8.º gr. de 272 pags. = 1890, Lisboa — Travessa da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de IX-1-458 pags. = 1906, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — 2 vols. in-8.º de 232 e 231

-1 pags. = 1917, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — 2 vols. in-8.º de 232 e 231-1 pags. = 1924, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — 2 vols. in-8.º de 232 e 231-1 pags.

32 — *A neta do arcediago* (Romance). — 1856, Porto — Tip. A. J. da S. Teixeira — In-8.º de 2-229-1 pags. = 1860, Porto — Tip. de Sebastião José Pereira — Cruz Coutinho — In-8.º de 188-2 pags. = 1874, Porto — Tip. do Jornal do Porto — Cruz Coutinho — In-8.º de 178-2 pags. = 1892, Lisboa — T. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 288 pags. = 1905, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 231 pags. = 1918, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 231-1 pags.

33 — *Hino consagrado a S. M. El-rei D. Pedro V* (Poesia). — 1856, Porto — 1 folha com 23×15 cm.

34 — *Onde está a felicidade?* (Romance). — 1856, Porto — Tip. de S. J. Pereira — Cruz Coutinho — In-8.º de 389-1 pags. = 1860, Porto — Tip. de S. J. Pereira — Cruz Coutinho — In-8.º de 294-2 pags. = 1864, Porto — Tip. do Jornal do Porto — Cruz Coutinho — In-8.º de 287-2 pags. = 1878, Porto — Tip. do Jornal do Porto — Cruz Coutinho — In-8.º de 263-1 pags. = 1891, Lisboa — T. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 391-1 pags. = 1905, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 295-1 pags. = 1915, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 295-2 pags. = 1919, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 295-1 pag.

35 — *Um homem de brios* (Romance). — 1856, Porto — Tip. de Rodrigo José de Oliveira Guimarães — In-8.º de 303-1 pags., com retrato. = 1862, Porto — Tip. de Sebastião José Pereira — Cruz Coutinho — In-8.º de 278-2 pags. = 1869, Porto — Tip. do Jornal do Porto — Cruz Coutinho — In-8.º de 251-3 pags. = 1891, Lisboa — T. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 304 pags. = 1905, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 230-2 pags. = 1917, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 250-2 pags. = 1924, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 230 pags.

36 — *Justiça* (Drama em 2 actos). — 1856, Porto — Tip. de A. J. S. Teixeira — Boaventura José Vaz Murta — In-8.º de 79-1 pags. = 1859, Porto — Tip. de Francisco Gomes da Fonseca — In-8.º de 45-1 pags. = 1871, Rio de Janeiro. — Tip. de J. L. Viana — Cruz Coutinho — In-8.º peq. de 56 pags. = 1872, Porto — Imp.

da Liv. Francesa e Nacional — P. Podestá & Ir. — In-8.º de 67-1 pags. = 1874, Porto — Tip. da Liv. de Bartolomeu H. de Morais — P. Podestá — In-8.º de 67-1 pags. = 1908, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — No vol. II — Teatro — In-8.º de pags. 59 a 113.

37 — *Duas horas de leitura* (Miscelanea). — 1857, Porto — Tip. de J. A. Freitas Jr. — Antonio Moutinho de Sousa. — In-8.º de 159-1 pags. = 1858, Porto — Tip. da Revista — Cruz Coutinho — In-8.º de 174 pags. = 1868, Porto — Tip. do Jornal do Porto — Cruz Coutinho — In-8.º de 132 pags. = 1903, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 173-2 pags. = 1914, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 173-2 pags. = 1924, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 173-3 pags.

38 — *Lagrimas abençoadas* (Romance). — 1857, Porto — Tip. de Antonio José da Silva Teixeira — In-8.º de V-1-190 pags. = 1863, Porto — Tip. da Revista — Cruz Coutinho — In-8.º de 192 pags. = 1878, Porto — Tip. do Jornal do Porto — Cruz Coutinho — In-8.º de 162 pags. = 1891, Lisboa — T. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 254-2 pags. = 1906, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 229-3 pags.

39 — *Espinhos e flores* (Drama em 3 quadros). — 1857, Porto — Tip. de J. A. Freitas Junior — A. Moutinho de Sousa — In-8.º de 65-3 pags. com retrato. = 1857, Porto — Tip. da Revista — Cruz Coutinho — In-8.º de 64 pags. = 1864, Porto — Tip. do Jornal do Porto — Cruz Coutinho — In-8.º de 61-3 pags. = 1908, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — No vol. II — Teatro — In-8.º de pags. 115 a 173.

40 — *Purgatorio e paraiso* (Drama em 3 actos). — 1857, Porto — Tip. de Sebastião José Pereira — Cruz Coutinho — In-8.º de 75-1 pags. = 1871, Porto — Tip. do Jornal do Porto — Cruz Coutinho — In-8.º de 63-1 pags. = 1908, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — No vol. II — Teatro — In-8.º de pag. 175 a 250.

41 — *Scenas da Foz* — (Romance). — 1857, Viana do Castelo — Tip. da Aurora do Lima — In-8.º de 297-3 pags. = 1860, Porto — Tip. de Antonio José da Silva Teixeira — Cruz Coutinho — In-8.º de 222-2 pags. = 1873, Porto — Tip. do Jornal do Porto — Cruz Coutinho — In-8.º de 182-2 pags. = 1891, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — In 8.º peq. de 274-2

pags. = 1907, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 246-2 pags. = 1920, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 246 pags.

42 — *Carlota Angela* (Romance). — 1858, Viana do Castelo — Tip. da Aurora do Lima — In-8.º de 260 pags. = 1860, Porto — Tip. de Antonio José da Silva Teixeira — Cruz Coutinho — In-8.º de 191-1 pags. = 1874, Porto — Tip. do Jornal do Porto — A. R. da Cruz Coutinho — In-8.º de 164 pags. = 1891, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 251-1 pags. = 1904, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 232 pags. = 1918, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 228 pags. = 1924, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 228 pags.

43 — *Vingança* (Romance). — 1858, Porto — Tip. de Antonio José da Silva Teixeira — Cruz Coutinho — In-8.º de 6-266-2 pags. = 1863, Porto — Tip. de Antonio José da Silva Teixeira — Cruz Coutinho — In-8.º de 240 pags. = 1890, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 256 pags. = 1907, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 243-1 pags. = 1919, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 243-1 pags.

44 — *O que fazem mulheres* (Romance). — 1858, Porto — Tip. de Antonio José da Silva Teixeira — Cruz Coutinho — In-8.º de 238-2 pags. = 1863, Porto — Tip. do Jornal do Porto — Cruz Coutinho — In-8.º de 209-1 pags. = 1891, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 225-1 pags. = 1919, Lisboa Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 220 pags. = 1907, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 220 pags.

45 — *Beneficencia* (Poesia). — 1859, Lisboa — Tip. Franco Portuguesa — 1 folha de 33cm × 21.

46 — *A madame Adelaide Ristori* (Poesia). — 1860, Porto — (s/l) Tip. do Comercio — 1 folha com 20cm × 13.

47 — *A uma morta.* — 1860, Porto — H. Barreto — Quadra com musica de Salvini.

48 — *Abençoadas lagrimas* — (Drama em 3 actos). — 1861, Lisboa — Tip. de Maria da Madre de Deus — In-8.º de 59-1 pags. = 1866, Lisboa — Tip. de Sousa Neves — Liv. de A. M. Pereira — In-8.º gr. de 56 pags. = 1908, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — No vol. III — Teatro — In-8.º de pags. 209 a 272.

49 — *O morgado de Fafe em Lisboa* (Comedia em 2 actos). — 1861, Lisbôa — Tip. de M. da Madre de Deus — Liv. A. M. Pereira —

In-8.º de 50-2 pags. = 1865, Lisboa — Imprensa de J. G. de Sousa Neves — Liv. A. M. Pereira — In-8.º de 48 pags. = 1908, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — No vol. III — Teatro — In-8.º de pags. 5 a 79.

50 — *Doze casamentos felizes* — (Novelas). — 1861 — Porto — Tip. da Revista — Viuva Moré — In-8.º de 255-1 pags. = 1863, Porto — Tip. de Antonio José da Silva Teixeira — Viuva Moré — In-8.º de 263-1 pags. = 1866, Rio Grande — Tip. do Artista — In-8.º de 338 pags. Folhetins do Artista. = 1896, Lisboa — Tip. e stereotipia moderna — Liv. A. M. Pereira — In-8.º de X-209-1 pags. = 1902, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 4-209-1 pags. = 1907, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 210-2 pags. = 1915, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In.8.º de 210-1 pags. = 1920, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º 210-2 pags.

51 — *Romance de um homem rico* — (Romance). — 1861 — Porto — Tip. da Revista — In-8.º de 263-1 pags. = 1863, Porto — Tip. de A. J. da Silva Teixeira — Viuva Moré — In-8.º de 263-1 pags. = 1890, Porto — Tip. de A. F. Vasconcelos — Liv. Elisio, de Joaq. Elisio Gonçalves — In-8.º de 308 pags. = 1916, Porto — Imp. Moderna — Lelo & Irmão — In-8.º peq. de XXV-1-249 pags. com ilustrações.

52 — *Poesia ou dinheiro?* — (Drama em 2 actos). — 1862, Porto — Tip. de A. J. da S. Teixeira — Cruz Coutinho — In-8.º de 46 pags. = 1908, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — No vol. II — Teatro — In-8.º de pags. 5 a 57.

53 — *As três irmãs* — (Romance). — 1862, Porto — Tip. de A. J. da S. Teixeira — Viuva Moré — In-8.º de 324 pags. = 1862, Rio Grande — Tip. Comercial — 3 vol. in-8.º de 74 — 70 — 64 pags. Extraido do Diario de Pernambuco. = 1866, Porto — Tip. de Sousa Neves — Liv. A. M. Pereira — In-8.º de 299-1 pags. = 1882, Porto — Imprensa Comercial — Cruz Coutinho — In-8.º de 299-1 pags. = 1895, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º do VII-257-3 pags. = 1902, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 269-3 pags. = 1905, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 269-3 pags. = 1912, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 266 pags. = 1917, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 262 pags. = 1922, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º — 266-4 pags.

54 — *O ultimo acto* (Drama em 1 acto). — 1862, Lisboa — Tip. de M. de Madre de Deus — Liv. A. M. Pereira — In-8.º de 24 pags. = 1884, Lisboa — Liv. A. M. Pereira — In-8.º de 24 pags. = 1908, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — No vol. III — Teatro — In-8.º de pags. 183 a 207.

55 — *Amor de perdição* (Romance). — 1862, Porto — Tip. de S. J. Pereira — Viuva Moré — In-8.º de XI-249-1 pags. = 1864, Porto — Tip. de S. J. Pereira — Viuva Moré — In-8.º de XVII-267-1 pags. = 1869, Porto — Imp. Portuguesa — V.ª Moré — In-8.º de 288 pags. = 1872, Madrid — Imprenta de La Nueva España — In-8.º de 214-1-IV pags. — Tradução espanhola. = 1876, Porto — Tip. Central — Francisco da Silva Mengo — In-8.º de 293-1 pags. = 1879, Porto — Tip. de Manuel José Pereira — Liv. Moré — In-8.º de 302 pags. = 1883, Milano — Tip. Pagnoni — A. Brigola & C.ª — In-8.º de 199-1 pags. — Trad. italiana de Daniele Rubbi — « Amore Sfrenato ». = 1887, Porto — Tip. da Emp. Literaria e Tipografica — In-8.º de 302 pags. = 1889, Stockholmo — P. A. Nordstedt & Söners Förlag — In-8.º de IV-169 pags. — Tradução sueca de Johan Vising — « En Kärlekens Martyr ». = 1891, Porto — Alcino Aranha & C.ª — Edição monumental com retrato e gravuras — In-folio de LXXXIV-199-4 pags. = 1893, Porto — Tip. da Emp. Lit. e Tip. — In-8.º de 302-2 pags. = s/d, Porto — Tip. da Emp. Lit. e Tip. — In-8.º de 235 pags. = 1898, Rio de Janeiro — Emp. Democratica Editora — In-8.º de 235 pags. = 1899, Porto — Emp. Lit. e Tip. — In-8.º de LXXXII-217-1 pags. = 1900, S. Paulo — F. A. Brockhaus, Leipzig — In-8.º de 6-277-1 pags. com gravuras. = s/d (1901), Porto — Emp. Lit. Tip. — In-8.º de LXXXII-217-3 pags. = 1901, Pelotas — Liv. Americana — Pintos & C.ª — In-8.º peq. de 218 pags. = s/d, Porto — Emp. Lit. Tip. — In-8.º de LXXXVIII-219-2 pags. com retrato e gravuras. = s/d, Porto — Emp. Lit. Tip. — In-8.º de LXXXVIII-230 pags. com retrato e gravuras. = s/d, Porto — Emp. Lit. Tip. — In-8.º de LXXXIV-229-5 pags. com retrato e gravuras = s/d, Porto — Emp. Lit. Tip. — In-8.º de LXXXIV-229-2 pags. com retrato e gravuras. = s/d, Porto — Emp. Lit. Tip. — Magalhães & Monis — In-8.º de LXXXIV-229-5 pags. com retrato e gravuras. = 1903, Rio de Janeiro — Liv. Azevedo — In-8.º de 200 pags. = s/d (1910), Porto —

Tip. Emp. Lit. — Tip. Magalhães & Monis — In-8.º de LXXXIV -229-5 pags. com retrato e gravuras. = s/d (1910), Lisboa — Imp. da Casa Editorial-Hispano-Americana-Paris — In-8.º de 182-2 pags. = 1911, Porto — Tip. da Emp. Lit. Tip. — Magalhães & Monis — In-8.º de LXXXIV-229-5 pags. com retrato e gravuras. = 1911, Rio de Janeiro — In-8.º de 191-1 pags. = 1911, Porto — Tip. Emp. Lit. Tip. — Magalhães & Monis — In-8.º de LXXXIV-229-5 pags. com retrato e gravuras. = 1912, Rio de Janeiro — In-8.º de 191-1 pags. = 1912, Rio de Janeiro — In-8.º de 191-1 pags. = s/d, Porto — Tip. da Emp. Lit. Tip. — Magalhães & Monis — In-8.º de LXXXIV-229-5 pags. com retrato e gravuras. = s/d, Porto — Tip. da Emp. Lit. e Tip. — Magalhães & Monis — In-8.º de LXXXIV-229-3 pags. com retrato e gravuras. = s/d (1913), S. Paulo — Liv. Teixeira — In-8.º de 178-3 pags. = 1913, Rio de Janeiro — In-8.º de 179 pags. = s/d, Porto — Tip. da Emp. Lit. e Tip. — Comp. Portuguesa Editora — In-8.º de LXXXIV-229-5 pags. com retrato e gravuras. = s/d, Porto Tip. da Emp. Lit. Tip. — Comp. Portuguesa Editora — In-8.º de LXXXIV-229-5 pags. com retrato e gravuras. = 1915, S. Paulo — Oficinas graficas Magâlhães — Liv. Magalhães — In-8.º de 185-7 pags. = 1915, Rio de Janeiro — In-8.º de 191 pags. = 1916, Porto — Tip. da Emp. Lit. Tip. — Comp. Port. Editora — In-8.º de LXXXIV-229-5 pags. com retrato e gravuras. = 1916, S. Paulo — Tip. da Papelaria Venus — In-8.º de 184 pags. = 1916, Porto — Tip. da Emp. Lit. Tip. — In-8.º de XVI-229-1 pags. = s/d (1916), Rio de Janeiro — A. de Azevedo Costa — In-8.º de 191 pags. = 1916, Porto — Tip. Emp. Lit. Tip. — In-8.º de 16-1-229-1 pags. = 1916, Porto — Imp. Civilisação — Comp. Port. Editora — In-8.º de LXXXIV-229-5 pags. com retrato e gravuras. = 1917, Edimburgo — Imprenta Nelson — Tomás Nelson and Sons — In-8.º de 288 pags. — Tradução espanhola. = s/d (1917), Lisboa — Emp. de Edições Ilustradas — In-8.º de 191-1 pags. = 1917, Porto — Comp. Port. Editora In-8.º de LXXXIV-229-2 pags. com retrato e ilustrações. = 1917, Porto — Tip. da Comp. Port. Editora — In-8.º de XVI-2-229-2 pags. = 1918, Porto — Emp. Grafica A Universal — Comp. Port. Editora — In-8.º de 243-1 pags. com retrato. = s/d (1918), Rio de Janeiro — Alberto G. d'Almeida & C.ª —

In-8.º de 191-1 pags. = 1918, Porto — Emp. Graf. A Universal — Comp. Port. Editora — In-8.º de 243-1 pags. com retrato. = 1919, Porto — Emp. Graf. A Universal — Comp. Port. Editora — In-8.º de LXXXIV-229-2 pags. com gravuras. = 1919, Porto — Tip. da Comp. Portuguesa Editora — In-8.º de XVI-2-229-1 pags. = 1919, Porto — Emp. Graf. A Universal — Comp. Port. Editora — In-8.º de 229-2 pags. com gravuras. = 1920, Porto — Tip. da Emp. Lit. e Tip. — Comp. Port. Editora — In-8.º de LXXXIV-229-7 pags. com gravuras. = 1920, Porto — Tip. da Emp. Lit. Tip. — Comp. Port. Editora — In-8.º de LXXXIV-229-7 pags. com gravuras. = 1920, Porto — Tip. da Emp. Lit. e Tipografica — Comp. Port. Editora — In-8.º de LXXXIV-229-7 pags. com gravuras. = 1920, Porto — Tip. da Emp. Lit. e Tip. — Comp. Port. Editora — In-8.º de LXXXIV-229-2 pags. com gravuras. = s/d — Porto — Tip. da Comp. Portuguesa Editora — Comp.ª Portuguesa Editora — In-8.º de XVI-229-1 pags.

56 — *Memorias do carcere* (Narrativas). — 1862, Porto — Tip. de S. J. Pereira — Viuva Moré — 2 vols. In-8.º de L-213-1 e de 197-1 pags. = 1864, Porto — Tip. do Jornal do Porto — Cruz Coutinho — 2 vols. In-8.º de 255-1 e 279-1 pags. = 1881, Porto — Imprensa Comercial — Cruz Coutinho — 2 vols. In-8.º de LV-182 224 pags. = 1891, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — 2 vols. In-8.º peq. de 195-1 e de 239-1 pags. = 1906, Lisboa — Parc. A. M. Pereira, 2 vols. In-8.º de 228 e 212 pags. = 1918, Lisboa — Parc. A. M. Pereira, 2 vols. In-8.º de 228 e 212 pags.

57 — *Coisas espantosas* (Romance) — 1862, Lisboa — Tip. Universal — Liv. A. M. Pereira — In-8.º de 224 pags. = 1864, Lisboa — Imprensa de Sousa Neves — Liv. A. M. Pereira — In-8.º de 254 pags. = 1895, Lisboa — Tip. Universal — Liv. A. M. Pereira — In-8.º de 224 pags. = 1902, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 225-1 pags. = 1904, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 225-1 pags. = 1911, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 238 pags. = 1917, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 238 pags. = 1923, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 238 pags.

58 — *Coração, cabeça e estomago* (Romance) — 1862, Lisboa — Tip. Universal — Liv. A. M. Pereira — In-8.º de 4-226 pags. = 1864, Lisboa — Tip. Universal — Liv. A. M. Pereira. — In-8.º de

XIX-226 pags. = 1907, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º 246-2 pags.

59 — *Estrelas funestas* (Romance) — 1862, Porto — Tip. de A. J. S. Teixeira — Viuva Moré — In-8.º de 274 pags. = 1869, Porto — Imprensa Portuguesa — Viuva Moré — In-8.º de 180 pags. = 1882, Porto — Imp. Portuguesa — Cruz Coutinho — In-8.º de 284 pags. = 1891, Lisboa — T. da Queimada — Pedro Correia. — In-8.º peq. de 236 pags. = 1906, Lisboa — Parc. A. M. Pereira. — In-8.º de 239-1 pags.

60 — *Anos de prosa* (Romance). — 1863, Porto — Tip. de A. J. S. Teixeira — In-8.º de 284 pags. = 1890, Lisboa — Travessa da Queimada — Pedro Correia — In-8.º de 232 pags. = 1904, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8 de 237-2 pags. = 1920, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 219 pags.

61 — *Aventuras de Basilio Fernandes Enxertado* (Romance). — 1863, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — Liv. A. M. Pereira — In-8.º de 235-3 pags. = 1864, Rio Grande do Sul — Tip. Comercial — In-8.º de 171-1 pags. — Extraído do Comercio do Porto, = 1872, Lisboa — Tip. Sousa & F.º — Liv. A. M. Pereira. — In-8.º de 235-3 pags. = 1907, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 238 pags. = 1920, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 238 pags.

62 — *O bem e o mal* (Romance). — 1863, Porto — Tip. do Comercio — In-8.º de 216 pags. = 1870, Pelotas — Tip. de Ant. Joaq. Dias — In-8.º de 242-2 pags. = 1877, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — Liv. de Campos Junior. — In-8.º de 212 pags. = 1889, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 279-1 pags. = 1897, Lisboa — Tip. e Stereotipia Moderna — Liv. A. M. Pereira. — In-8.º de VIII-4-248 pags. = 1902, Lisboa — Parc. A. M. Pereira. — In-8.º de 258 pags. = 1910, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 245-1 pags. = 1917, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 245-1 pags. = 1923, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 245-3 pags.

63 — *Estrelas propicias* (Romance). — 1863, Porto — Tip. de S. J. Pereira — Viuva Moré — In-8.º de 219-1 pags. = 1890, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º de 226-2 pags. = 1904, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 208 pags. = 1919, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 212 pags.

64 — *Memorias de Guilherme do Amaral* (Romance). — 1863, Lisboa. — Campos Junior — In-8.º de 216 pags. = 1866, Lisboa — Campos Junior — In-8.º de 216 pags. = 1891, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 211-1 pags. = 1905, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 200 pags. = 1918, Lisboa. — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 200 pags.

65 — *Noites de Lamego* (Miscelanea). — 1863, Lisboa. — Imp. de Sousa Neves — Liv. A. M. Pereira — In-8.º de 251-5 pags. = 1873, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — Liv. A. M. Pereira — In-8.º de 251-3 pags. = 1908, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 246-2 pags.

66 — *Scenas inocentes da comedia humana* (Miscelanea). — 1863, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — Liv. A. M. Pereira — In-8.º de 241-3 pags. = 1873, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — Liv. A. M. Pereira — In-8.º de 239-1 pags. = 1908, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 246-2 pags. = 1923, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 246-2 pags.

67 — *Agulha em palheiro* (Romance). — 1863, Rio de Janeiro — Tip. do Correio Mercantil — In-8.º de 245-1-6 pags. = 1865, Porto — Tip. de S. J. Pereira — Viuva Moré — In-8.º de 262 pags. = 1866, Rio Grande do Sul — Tip. Comercial — In-8.º de 163 pags. = 1888, Porto — Tip. da Emp. Lit. e Tipografica — In-8.º de 227-1 pags. = 1893, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º de 249-1 pags. = 1904, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 223-1 pags. = 1906, Rio de Janeiro — Liv. Azevedo — In-8.º de 223-1 pags. = 1916, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 214-2 pags. = 1921, Lisboa. Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 214 pags.

68 — *Amor de salvação* (Romance). — 1864, Porto — Tip. de A. J. da S. Teixeira — Viuva Moré — In-8.º de 252 pags. = 1874, Porto — Tip. de Manuel José Pereira — Liv. Moré — In-8.º de 252 pags. = 1887, Porto — Tip. de A. J. da S. Teixeira — Ernesto Chardron — In-8.º de 302 pags. = 1914 (s/d), Porto — Imprensa Moderna — Lelo & Irmão — In-8.º peq. de 4-283-1 pags. com retrato e gravuras.

69 — *A filha do dr. negro* (Romance). — 1864, Porto — Tip. do Comercio — In-8.º de XIV-304 pags. = 1864, Rio Grande — Tip. do Eco do Sul — Pedro B. de Moura — In-8.º de 242-2 pags. = 1870, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — Campos Junior — In-8.º de 252 pags. = 1891, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia

—In-8.º peq. de 311-1 pags.=1904, Lisboa—Parc. A. M. Pereira—In-8.º de 264 pags.=1919, Lisboa—Parc. A. M. Pereira—In-8.º de 257-1 pags.

70—*No Bom Jesus do Monte* (Narrativas).—1864, Porto—Tip. de S. J. Pereira—Viuva Moré—In-8.º de XXII-221-1 pags.=1906, Porto.—Impr. Moderna—Lelo & Ir.—In-8.º peq. de XXIII-251-1 pags. com retrato.=1917, Porto—Lelo & Irmão—In-8.º peq. de XV-176-5 pags. com ilustrações.

71—*Vinte horas de liteira* (Romance).—1864, Porto—Tip. do Comercio—In-8.º de VI-281-3 pags.=1890, Lisboa—Trav. da Queimada—Pedro Correia—In-8.º peq. de 282-2 pags.=1907, Lisboa—Parc. A. M. Pereira—In-8.º de 247-1 pags.=1922, Lisboa—Parc. A. M. Pereira—In-8.º de 247-1 pags.

72—*Divindade de Jesus e tradição apostolica* (Escritos catolicos).—1865, Lisboa—Impr. de Sousa Neves—Campos Jr.—In-8.º de 301-1 pags.=1883, Porto—Impr. Comercial—Cruz Coutinho—In-8.º de XXXVI-171-1 pags.=1903, Lisboa—Parc. A. M. Pereira—In-8.º de 211 pags.=1913, Lisboa—Parc. A. M. Pereira—In-8.º de 206-2 pags.=1920, Lisboa, Parc. A. M. Pereira—In-8.º de 206-2 pags.

73—*Esboços de apreciações literarias* (Estudos críticos).—1865, Porto—Tip. Comercial—Viuva Moré—In-8.º de 292-2 pags.=1902, Lisboa—Empr. da Historia de Portugal—In-8.º de 245-3 pags. com retratos.=1908, Lisboa—Parc. A. M. Pereira—In-8.º de 254-2 pags.

74—*O esqueleto* (Romance).—1865, Porto—Impr. de Sousa Neves—Campos Jr.—In-8.º de 301-1 pags.=1889, Lisboa—Trav. da Queimada—Pedro Correia—In-8.º peq. de 301-3 pags.=1902, Lisboa—Parc. A. M. Pereira—In-8. de 2-276 pags.=1909, Lisboa—Parc. A. M. Pereira—In-8.º de 272 pags.=1916, Lisboa—Parc. A. M. Pereira—In-8.º de 271 pags.=1921, Lisboa—Parc. A. M. Pereira—In-8.º de 271 pags.

75—*Horas de paz* (Escritos catolicos).—1865, Porto—Livr. e Tip. de F. G. da Fonseca—In-8.º de VI-333-1 pags.=1877, Porto—Tip. Ocidental—Paulo Podestá—In-8.º de 347-5 pags.=1903, Lisboa—Parc. A. M. Pereira—2 vols. in-8.º de 206 pags. ambos.=1916, Lisboa—Parc. A. M. Pereira—2 vols. in-8.º de 195-1 e 198 pags.

76 — *Luta de gigantes* (Romance). — 1865, Porto — Tip. do Comercio — In-8.º de XL-240 pags. = 1893, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 277-1 pags. = 1906, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 248 pags.

77 — *O morgado de Fafe amoroso* (Comédia em 3 actos). — 1865, Lisboa — Impr. de Sousa Neves — Livr. A. M. Pereira — In-8.º de 68 pags. = 1908, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — No vol. III — Teatro — In-8.º de pag. 81 a 182.

78 — *A sereia* (Romance). — 1865, Porto — Tip. Comercial, — Viuva Moré — In-8.º de 269-1 pags. — 1887, Porto — Tip. dos Dois Irmãos Unidos, — Manuel Teixeira Maciel — In-8.º de 269-1 pags. = 1900, Lisboa — Emp. da Historia de Portugal — In-8.º gr. ,de 3-327-1 pags. com gravuras. = 1908, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 263-1 pags. = 1920, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 263-1 pags.

79 — *A engeitada* (Romance). — 1866, Porto — Tip. do Comercio — In-8.º de 291-1 pags. = 1878, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — Campos Jr. — In-8.º de 230-2 pags. = 1889, Lisboa — T. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 271-1 pags. = 1896, Lisboa — Tip. e Ster. Moderna — Liv. A. M. Pereira — In-8.º de VIII-IV-258-2 pags. = 1902, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 256 pags. = 1906, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 256 pags. = 1913, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 256 pags. = 1916, Madrid — (La Inclusera, tradução espanhola de Enrique Amado), — Imprentor de Juan Pueyo, Renacimiento — In-8.º de 286-1 pags. = 1917, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 256 pags. = 1922, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º 254-2 pags.

80 — *O judeu* (Romance). — 1866, Porto — Tip. de A. J. S. Teixeira Viuva Moré — 2 vols. in-8.º de 262 e 276 pags. = 1893, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — 2 vols. in-8.º peq. de 245-1 e 261-1 pags. = 1906, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — 2 vols. in-8.º de 243-1 e 254-2 pags. = 1919, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — 2 vols. in-8.º de 243-1 e 254 pags.

81 — *O Olho de vidro* (Romance). — 1866, Lisboa — Imprensa de Sousa Neves — Campos Jr. — In-8.º de 200 pags. = 1866, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — Campos Junior — In-8.º de 196-4 pags. = 1904, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 220-3 pags. — 1917,

Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 211-1 pags. — 1924, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 211-1 pags.

82 — *A queda de um anjo* (Romance). — 1866, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — Campos Jr. — In-8.º de 268-2 pags. = 1866, Rio Grande do Sul — Tip. Comercial — In-8.º de 197 pags. = 1873, Lisboa — Tip. Lisbonense — In-8.º de 306-6 pags. com gravuras. = 1887, Lisboa — Tip. Luso-Brasileira — Campos & C.ª — In-8.º de 288 pags. com ilustrações. = 1891, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 268 pags. = 1907, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 260 pags.

83 — *O santo da montanha* (Romance). — 1866, Porto — Tip. do Comercio — In-8.º de 310 pags. = 1867, Rio Grande do Sul — Tip. do Comercial — In-8.º de 242-1 pags. Extraïdo do Comercio do Porto. = 1891, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 299-1 pags. = 1907, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 264 pags. = 1919, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 264 pags.

84 — *Vaidades irritadas e irritantes* (Critica). — 1866, Porto — Tip. Lusitana — Viuva Moré — In-8.º de 47-1 pags. = 1889, Porto — Imp. Internacional — Lugan & Genelioux — In-8.º de 78 pags.

85 — *A bruxa de Monte Cordova* (Romance). — 1867, Lisboa — Tip. de Sousa de Neves — Campos Jr. — In-8.º de 236 pags. = 1891, Lisboa — T. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 279-1 pags. = 1904, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 220 pags. = 1917, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 220 pags. = 1924, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 238-2 pags.

86 — *A doida do Candal* (Romance). — 1867, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — Campos Jr. — In-8.º de 226-2 pags. = 1867, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — Campos Jr. — In-8.º de 4-226-2 pags. = 1888, Lisboa — Tip. Luso-Brasileira — Campos & C.ª — In-8.º de 294 pags. ilustrado. = 1903, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 231-1 pags. = 1912, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 230-2 pags. = s/d, Barcelona — Casa editorial — Víuda de Luís Tasso — In-8.º de 270 pags. — Trad. espanhola de T. de V. = 1917, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 230 pags. = 1922, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 230 pags.

87 — *Cavar em ruinas* (Miscelanea). — 1867, Lisboa — Imp. de Sousa

Neves — Campos Jr. — In-8.º de 252-2 pags. = 1867, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — Campos Jr. — In-8.º de 252-1 pags. = 1902, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 216 pags. = 1912, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 218 pags. = 1920, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 218 pags.

88 — *Cousas leves e pesadas* (Miscelanea). — 1867, Porto — Tip. A. J. da Silva Teixeira — Luis José de Oliveira — In-8.º de 235-1 pags. = 1908, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 253 pags.

89 — *O senhor do paço de Ninães* (Romance). — 1867, Porto — Tip. do Comercio — In-8.º de 261-1 pags. = 1889, Lisboa — T. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 294-3 pags. = 1897, Lisboa — Tip. e Stereotipia Moderna — Liv. A. M. Pereira — In-8.º de VII-3-229 pags. = 1902, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 235-1 pags. = 1911, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 237-3 pags. = 1919, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 237-1 pags.

90 — *Mosaico e silva de curiosidades historicas, literarias e biograficas* (Miscelanea). — 1868, Porto — Anselmo de Morais — In-8.º de VI-205-1 pags. = 1916, Porto — Imp. Moderna — Lelo & Irmão — In-8.º peq. de 254-2 pags. com gravuras.

91 — *Misterios de Fafe* (Romance). — 1868, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — Campos Jr. — In-8.º de 250-2 pags. = 1877, Lisboa — Tip. de Sousa Neves — Campos Jr. — In-8.º de 239-1 pags. = 1881, Lisboa — Of. Tip. da Emp. Lit. de Lisboa — Viuva Campos Jr. — In-8.º de 239-1 pags. = 1889, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 302-2 pags. = 1906, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 254-2 pags. = 1920, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 254-2 pags.

92 — *O retrato de Ricardina* (Romance). — 1868, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — Campos Jr. — In-8.º de 239-1 pags. = 1887, Lisboa — Tip. Luso Brasileira — Campos & C.ª — In-8.º de 286-2 pags. com retrato e gravura. = 1892, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 279-1 pags. = 1907, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 247-1 pags. = 1916, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 247-1 pags. = 1921, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 248 pags.

93 — *O sangue* (Romance). — 1868, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — Campos Jr. — In-8.º de 255 pags. = 1890, Lisboa — Trav. da

Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 257-2 pags. = 1907, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 254-2 pags. = 1921, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In 8.º de 254 pags.

94 — *As virtudes antigas* (Miscelanea). — 1868, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — Campos Jr. — In-8.º de 223-1 pags. = 1904, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 184 pags. = 1920, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 182 pags.

95 — *Os brilhantes do brazileiro* (Romance). — 1869, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — Campos Jr. — In-8.º de 256-2 pags. = 1872, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — In-8.º de 260-2 pags. = 1890, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 257-2 pags. = 1904, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 248 pags. = 1916, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 215 pags. = 1922, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 215 pags.

96 — *D. Antonio Alves Martins* (Esboço biografico). — 1870, Porto — Tip. de M. J. Pereira — Viuva Moré — In-8.º de 31 pags. = 1889, Porto = Imp. Internacional — Lugan & Genelioux — In-8.º de 36 pags.

97 — *O condenado* (Drama em 3 actos e 4 quadros). — 1870, Porto — Imp. Portuguesa — Viuva Moré — In-8.º de 282-6 pags. Tem junto a peça — «Como os anjos se vingam». = 1871, Rio de Janeiro — Tip. Franco-Americana — Cruz Coutinho — In-8.º de 79-1 pags. = 1882, Porto — Cruz Coutinho — In-8.º de 211-1 pags. = 1908, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — No vol. IV — Teatro, In-8.º de pags. 5 a 135.

98 — *A mulher fatal* (Romance). — 1870, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — Campos Jr. — In-8.º de 228-4 pags. com retrato. = 1870, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — Campos Jr. — In-8.º de 265-2 pags. = 1889, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 242-2 pags. = 1897, Lisboa — Tip. e Stereotipia Moderna — Liv. A. M. Pereira — In-8.º de XVI-198 pags. = 1902, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 212 pags. = 1910, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 212 pags. = s/d, Barcelona — Casa editorial de la Viuda de Luis Tasso — In-8.º de 244-3 pags. Tradução espanhola de T. de V. = 1923, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In 8.º de 212-4 pags.

99 — *Teatro comico — A morgadinha de Val-d'Amores — Entre a*

*flauta e a viola.* (Comedia em 3 actos — Entremêz em 1 acto) — 1871, Porto — Imp. Portuguesa — Viuva Moré — In-8.º de 190-1 pags. = 1908, Lisboa — Parc. A. M. Pereira. A comedia no vol V — Teatro — In-8.º de pags. 117 a 216, e o entremêz no vol. IV — Teatro — In-8.º da pags. 187 a 223.

100 — *Voltareis, ó Cristo?* (Narrativa). — 1871, Porto — Imp. Portuguesa — Viuva Moré — In-8.º de 33-3 pags. = 1889, Porto — Imp. Internacional — Lugan & Genelioux — In-8.º de 31-1 pags. = 1917, Porto — Lelo & Ir. No vol. «No Bom Jesus do Monte», ocupa as pags. 149 até ao final.

101 — *Como os anjos se vingam* (Drama em 1 acto) — 1871, Rio dc Janeiro — Tip. de Joaquim Lobo Viana — Cruz Coutinho — In-8.º peq. de 40 pags.

102 — *A infanta capelista* (Romance incompleto) — 1872, Porto — Tip. de A. J. da S. Teixeira — In-8.º de 128 pags.

103 — *O carrasco de Victor Hugo José Alves* (Romance). — 1872, Porto — Imp. da Liv. Francesa e Nacional — Ernesto Chardron — In-8.º de 252 pags. = 1902, Porto — Imp. Moderna — Lelo & Ir. — In-8.º de 238-2 pags. com retrato. = 1916, Porto — Imp. Moderna — Lelo e Ir. — In-8.º peq. de XII-227 pags. com ilustrações.

104 — *Livro de consolação* (Romance). — 1872, Porto — Imp. Portuguesa — V.ª Moré — In-8.º de 290-1 pags. = 1890, Porto — Imp. Moderna — Lelo & Ir. — In-8.º de 272 pags. = 1901, Aquila — Prem. Tip. Editrice Aternina — In-8.º gr. de 243-1-XXXVI pags. Traducção italiana de Luigi Zuccaro. = 1917, Porto — Imp. Mo- — Lelo & Ir. — In-8.º peq. de 4-240 pags. com ilustrações.

105 — *Quatro horas inocentes* (Miscelanea) — 1872, Lisboa — Imp. de Sousa Neves — Campos Jr. — In-8.º de 236-4 pags. = 1904, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 230-2 pags. = 1919 — Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 230-2 pags.

106 — *A espada de Alexandre* (Opusculo satirico). — 1872, Porto — Tip. da Casa Real — In-8.º de 50 pags. = 1872 — Rio de Janeiro — Tip. Franco-Americana — In-8.º de 70-2 pags.

107 — *O visconde de Ouguela* (Esboço biografico) — 1873, Porto — Tip. Pereira da Silva — In-8.º de 107-3 pags.

108 — *O demonio do ouro* (Romance) — 1873-74, Lisboa — Tip. de Matos Moreira 2 vols. — in-8.º o primeiro (1873) de 211-1 pags., o segundo (1874) de 221-3 pags. com ilustrações de Rafael Bor-

dalo Pinheiro. = 1892, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — 2 vols. in-8.º peq. de 250-2 e de 231-1 pags. = 1905, Lisboa — Parc. A. M. Pereira, 2 vols. in-8.º de 217-3 e de 227-1 pags.

109 — *Ao anoitecer da vida* (Poesias) — 1874, Lisboa — Imp. Literario-comercial — Porto — In-8.º de XXIII—143-2 pags.

110 — *Correspondencia epistolar entre José Cardoso Vieira de Castro e Camilo Castelo Branco* (Cartas e notas) — 1874, Porto — Tip. de A. J. da S. Teixeira — Cruz Coutinho — 2 vols. in-8.º de 304 pags. cada com retratos. = 1903, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — 2 vols. in-8.º de 231-1 e 232 pags. = 1913, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — 2 vols. in-8.º de 231-1 e 232 pags. = 1922, Lisboa — Parc. A. M. Pereira, 2 vols. in-8.º 231-1 e 232 pags.

111 — *Noites de insonia* (Miscelanea). — 1874, Porto — Tip. de A. J. da S. Teixeira — Ernesto Chardron — 12 vols. in-8.º peq. de 100 pags. cada.

112 — *O regicida* (Romance historico). — 1874, Lisboa. — Matos Moreira & C.ª — In-8.º de 232 pags. = 1890, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 264-1 pags. = 1905, Lisboa. — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 217-3 pags.

113 — *A filha do regicida* (Romance historico). — 1875, Lisboa — Matos Moreira & C.ª — In-8.º de 248 pags. = 1890, Lisboa — Trav. da Queimada — Pedro Correia — In-8.º peq. de 261-3 pags. = 1904, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 224 pags. = 1919, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 222 pags.

114 — *A caveira da martir* (Romance historico). — 1875-76, Lisboa — Matos Moreira & C.ª — 3 vols. in-8.º o 1.º (1875) de 224 pags., o 2.º (1875) de 206 pags., o 3.º (1876) de 158 pags. = 1884, (Brasil) — Empr. Noites Romanticas — 3 vols. in-8.º de 255-1, 240 e 176 pags. = 1902, Lisboa — Tip. da Empr. Lit. e Tip. — Tavares Cardoso & Irmão — In-8.º de 4-531-3 pags.

115 — *Novelas do Minho* (Romances). — 1875 a 1877, Lisboa — Matos Moreira & Ir. — 12 vols. in-8.º peq. — Gracejos que matam — 1 vol. de 95 pags. — O comendador — 1 vol. de 84-IV pags. — O cego de Landim — 1 vol. de 80 pags. — A morgada de Romariz — 1 vol. de 87 pags. — O filho natural — 2 vols. de 72 e 71-1 pags. — Maria Moisés — 2 vols. de 74-2 pags. cada. — O degredado — 1 vol. de 76-4 pags. — A viuva do enforcado — 3 vols.

de 84, 80 e 85-4 pags.=1903, Lisboa.—Parc. A. M. Pereira—3 vols. in-8.º de 244, 200 e 218 pags.=1906—Maria Moisés, trad, esp. de P. B. S.—Barcelona—Imp. La Campana y La Esquella—Antonio Lopez—Lib. Española—In-8.º peq. de VIII-183-1 pags.=1915, Lisboa.—Parc. A. M. Pereira—3 vols. in-8.º de 244, 200 e 218 pags.=1919—Dos novelas del Miño (O comendador e A viuva do enforcado), trad. esp. de B. Blanco Suárez—Madrid—Tip. Renovación—Calpe—In-8.º peq. de 215-7 pags.=1921, Lisboa.—Parc. A. M. Pereira—3 vols. in-8.º de 240, 196 e 214 pags.

116—*Curso de literatura portuguesa* (Historia literaria). (Só o 2.º vol.)—1876, Lisboa—Matos Moreira & Ir.—In-8.º de 354-10 pags.

117—*Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros* (Crítica literaria alegre).—1879, Porto—Tip. de A. J. da S. Teixeira—E. Chardron—In-8.º de XIX-548-2 pags.=1887, Porto—Tip. de A. J. da S. Teixeira—Lugan & Genelioux—2 vols. in-8.º de XVI-320 e 328 pags.

118—*Os criticos do «Cancioneiro alegre»* (Polemica).—1879, Porto—Tip. de A. J. de S. Teixeira—E. Chardron—In-8.º de 51-1-17-1 pags.=1879—Resposta a Carlos Lobo de Avila—Rio de Janeiro—Tip. de Evaristo R. da Costa—In-8.º de 8 pags.=1879—Resposta a Mariano Pina e a Gaspar da Silva—Rio de Janeiro—Tip. do E. R. da Costa—In-8.º de 8 pags.=1879 Resposta a Mariano (bis) Pina—Rio de Janeiro—Tip. de E. R. da Costa—In-8.º de 8 pags.=1879—Resposta a Artur Barreiros—Rio de Janeiro—Tip. de E. R. da Costa—In-8.º de 8 pags.

119—*Eusebio Macario* (Historia e romance)—1879, Porto—Tip. de A. J. da S. Teixeira—E. Chardron—In-8.º de 302-3 pags.=1880, Porto—Tip. de A. J. da S. Teixeira—E. Chardron—In-8.º de 320 pags.=1897, Porto—Impr. Moderna—Lelo & Ir.—In-8.º de 286-2 pags.=1914, Porto—Impr. Moderna—Lelo & Ir.—In-8.º peq. de XII-II-270-3 pags., com gravuras.=1915, Porto—Impr. Moderna—Lelo & Ir.—In-8.º peq. de XII-II-270-3 pags., com gravuras.

120—*Suicida* (Narrativa).—1880, Porto—Tip. de A. J. da S. Teixeira—E. Chardron—In-8.º de 31-1 pags.

121—*Luís de Camões* (Esboço biografico).—1880, Porto—Tip. de A. J. da S. Teixeira—E. Chardron—In-8.º peq. de 178 pags.

122—*A corja* (Romance e historia).—1880, Porto—Tip. de A.

J. da S. Teixeira — E. Chardron — In-8.º de XI-I-320 pags. = 1915, Porto — Impr. Moderna — Lelo & Ir. — In-8.º peq. de 316-4 pags. com gravuras.

123 — *Ecos humoristicos do Minho* (Cronicas). — 1880, Porto — Tip. de A. J. da S. Teixeira — E. Chardron — 4 folhetos in-8.º de 16, 13-1, 32 e 23-1 pags.

124 — *A senhora Rattazzi* (Opusculo de critica). — 1880, Porto — Tip. de A. J. da S. Teixeira — E. Chardron — In-8.º de 30 pags. = 1880, Porto — Tip. de A. J. da S. Teixeira — E. Chardron — In-8.º de X-38 pags.

125 — *Perfil do marquês de Pombal* (Historia). — 1882, Porto — Tip. Ocidental — Clavel & C.ª — In-8.º de XVI-316-4 pags. com gravuras. = 1900, Porto — Lopes & C.ª — In-8.º de XVI-316-4 pags. com gravuras.

126 — *Narcoticos* (Diversos). — 1882, Porto — Impr. Internacional — Clavel & C.ª — 2 vols. in-8.º de 299-5 e 335-5 pags. = 1920, Porto Tip. Central — Comp. Port. Editora — 2 vols. in-8.º de 256 e 288 pags.

127 — *A brasileira de Prazins* (Romance). — 1882, Porto — Imp. Internacional — E. Chardron — In-8.º de 392 pags. = 1898, Porto — Imp. Moderna — Lelo & Ir. — In-8.º de 264 pags. = 1915, Porto — Imp. Moderna, Lelo & Ir. — In-8.º peq. de 269-3 pags. com gravuras.

128 — *D. Luis de Portugal* (Historia). — 1883, Porto — Tip. Ocidental — Eduardo da Costa Santos — In-8.º de 192 pags. = 1896, Porto — Imp. Moderna — Lelo & Ir. — In-8.º de 154-2 pags.

129 — *A praga rogada nas escadas da forca* (Novela). — 1883, Porto — Tip. de A. J. Sousa & Ir. — In-8.º peq. de 96 pags. = S/d, (1909) Porto — Liv. de Joaq. Maria da Costa — In-8.º de 32-128 pags.

130 — *Questão da Sebenta* (Polemica). — 5 folhs. in-8.º = Notas a Sebenta do Dr. Avelino Cesar Calisto = 1883, Porto — Tip. de Alexandre da Fonseca Vasconcelos — E. Chardron — 15-1 pags. = 1883, Porto — 2.ª edição na mesma tip. e editor — 15-1 pags. = 1883, Porto — 3.ª edição na mesma tip. e editor — 15-1 pags. = 1891, Porto — 4.ª edição, Tip. de A. F. Vasconcelos — Lugan & Genelioux — 15-1 pags. = Notas ao Folheto do Dr. Avelino Cesar Calisto. = 1883, Porto — Tip. de A. F. Vasconcelos — E. Chardron — 15-1 pags. = 1883, Porto — 2.ª edição na mesma tip. e

editor — 15-1 pags. = 1891, Porto — 3.ª edição na mesma tip. e editor — 16 pags. = A Cavalaria da Sebenta. = 1883, Porto — Tip. de A. F. Vasconcelos — E. Chardron — 23-1 pags. = 1883, Porto — 2.ª edição na mesma tip. e editor — 23-1 pags. = 1891, Porto — 3.ª edição na mesma tip. e editor — 20 pags. = Segunda Carga da Cavalaria = 1883, Porto — Tip. de A. F. Vasconcelos — E. Chardron — 31-1 pags. = Carga Terceira. = 1883, Porto — Tip. de A. F. Vasconcelos — E. Chardron — 30-2 pags.

131 — *O general Carlos Ribeiro* (Memorias). — 1884, Porto — Tip. Elzeviriana — E. da Costa Santos — In-8.º de 71-1 pags. = 1906, Porto — Imp. Moderna — Lelo & Ir. — In-8.º de 79-1 pags.

132 — *O vinho do Porto* (Critica historica). — 1884, Porto — Imp. Civilisação — E. da Costa Santos — In-8.º de 87-1 pags. = 1903, Porto — Imp. Moderna — Liv. Chardron — In-8.º de 99-1 pags.

133 — *Maria da Fonte* (Historia). — 1885, Porto — Tip. Ocidental — E. da Costa Santos — In-8.º de 425-3 pags. = 1901, Porto — Imp. Moderna — Lelo & Ir. — In-8.º de 299-5 pags. = 1917, Porto — Imp. Moderna — Lelo & Ir. — In-8.º peq. de 240 pags. com ilustrações.

134 — *Serões de S. Miguel de Seide* (Miscelanea). — 1885-86, Porto — Tip. de Artur José de Sousa & Ir. — E. da Costa Santos — 6 numeros in-8.º peq., o 1.º (1885) de 75-5 pags., o 2.º (1886) de 69-3 pags., o 3.º de 95-1 pags., o 4.º de 72-8 pags., o 5.º de 99-1 pags. e o 6.º de 76-5 pags.

135 — *A «Lira meridional»* (Critica literaria). — 1886, Porto — Liv. Civilisação de Ed. da Costa Santos — In-8.º de 51-1 pags.

136 — *Boémia do espirito* (Miscelanea). — 1886, Porto — Tip. de A. J. de Sousa & Ir. — Liv. Civilisação — In-8.º gr. de 454-2 pags., com retrato. = 1903, Porto — Imp. Moderna — Lugan & Genelioux — In-8.º de 461-3 pags.

137 — *A difamação dos livreiros sucessores de Ernesto Chardron* (Questão de propriedade literaria). — 1886, Porto — Imp. Civilisação — In-8.º gr. de 32 pags.

138 — *Esboço de critica, Otelo, o mouro de Veneza, de William Shakespeare* (Critica literaria). — 1886, Porto — Tip. de A. J. de Sousa & Ir. — Liv. Civilisação — In-8.º de 80 pags. = 1906, Porto — Imp. Moderna — Lelo & Ir. — In-8.º de 104 pags.

139 — *Vulcões de lama* (Romance). — 1886, Porto — Tip. Ociden-

152 — *Camilo inédito*, Prefacio e notas do Visconde de Vila Moura (Cartas) — 1913, Porto — Tip. Costa Carregal — Renascença Portuguesa — In-8.º de 152-4 pags.

153 — *Segredos de alma* (Versos) — Tavares de Carvalho — 1914, Lisboa — Tip. de Lamas & Franklin — 8 pags. sem numero, com retrato. Foi publicado primeiramente em folta solta s/d.

154 — *Uma carta de Camilo a Tomás de Carvalho* — Dr. Julio Dias da Costa — 1915, Lisboa — Tip. A Editora — In-8.º de 8 pags.

155 — *Cartas de Camilo a Trindade Coelho*, anotadas por Julio Dias da Costa — 1915, Lisboa — Tip. A Editora — In-8.º de 32 pags. com retrato.

156 — *Inéditos de Camilo*, prefacio do Conde de Paçô-Vieira, (Cartas) — 1915, Porto — Imp. Portuguesa — In-8.º de 31-1 pags.

157 — *Notas á margem em varios livros da sua biblioteca* (de Camilo), colecionadas e comentadas por Álvaro Neves — 1916, Lisboa — Parc. A. M. Pereira. — In-8.º de 161-3 pags.

158 — *Cartas de Camilo Castelo Branco*, Introdução de Albino Forjaz de Sampaio — 1916, Lisboa — Tip. de Adolfo de Mendonça — Livr. de Manuel dos Santos. — In-4.º de 30 pags. s/n.

159 — *A bela portuense* — Nova cracoviana (Quadra de Camilo e musica de Jacob Carli) — 1916, Lisboa — A Editora. Foi publicada anteriormente em data desconhecida.

160 — *Reprodução de uma carta autografa de Camilo Castelo Branco* — Ao Dr. José de Castro — 1917, Lisboa — 1 folha in-folio impressa de um lado, com $45^{cm} \times 29$.

161 — *Cartas de Camilo*, Prefacio e notas do Conde de Paçô Vieira — 1917, Porto — Imp. Portuguesa. — In-8.º de 95-1 pags.

162 — *A maior dôr humana* (Soneto) — 1917 — Lisboa, Tip. de H. Pereira & C.ª — In-8.º de 12 pags. s/n. = 1897, Genova — Tip. Sordo-muti — 4 pags. Tradução italiana de Diego Garoglio.

163 — *Três cartas de Camilo*, anotadas por Claudio Basto — 1917, Viana do Castelo — Tip. A Plebe. — In-fol. de 13-3 pags.

164 — *Dicionario francês-português de Domingos de Azevedo* — Prefacio. — 1917, Lisboa — Parc. A. M. Pereira. — Separata da 2.ª edição — In-8.º de VI pags.

165 — *Como Deus castiga e esparsos* (Diversos) — 1918, Lisboa — Casa Ventura Abrantes — In-8.º de 105-7 pags.

166 — *Cartas de Camilo Castelo Branco* — Colectanea de Cardoso Marta — 1918 e 1923, Lisboa — Heitor Antunes — 2 vols. in-8.º o 1.º Centro Tipographico Colonial de XVIII-2-170-2 pags, o 2.º Tip. de Henrique Torres, de 206-2 pags.

167 — *Praticas morais* (Sermões) — 1920, Lisboa — Tip. de Adolfo de Mendonça — Manuel dos Santos. — In-8.º peq. de 24-2 pags.

168 — *Cem cartas de Camilo* — Notas e prefacio de L. Xavier Barbosa — 1920, Lisboa — Portugal-Brasil. — In-8.º gr. de 10-160 pags. com retrato e gravuras.

169 — *Cartas de Camilo Castelo Branco a Tomás Ribeiro* — Prefacio e notas de Branca de Gonta Colaço — 1922, Lisboa — Imp. de Manuel Lucas Torres — Portugalia — In-8.º gr. de 129-3 pags.

170 — *Escritos de Camilo* — Prefacio e anotações de Julio Dias da Costa — Cartas e notas — 1922, Lisboa — Imp. de Man. Lucas Torres — Portugalia. — In-8.º de 288 pags.

171 — *Uma carta de Camilo ao Visconde de Moreira de Rei,* — Notas de Dias da Costa — 1923, Lisboa — In-8.º gr. de 7-1 pags.

172 — *Cartas de Camilo a Eduardo da Costa Santos* — Prefaciadas por Julio Brandão — 1923, Porto — Tip. de A Internacional — Fernando Machado — In-8.º de XXIII-1-165-3 pags.

173 — *Vinte cartas de Camilo Castelo Branco,* a José Caldas, (com prefacio e notas) — 1923, Porto — Comp. Port. Editora — In-8.º de 146-2 pags.

174 — *Joana d'Arc e Inês Sorel* — 1923, Rio de Janeiro — Est. Graf. Arte de Luxo. — Planqueta de 8 pags.

175 — *Uma carta e algumas notas ineditas de Camilo Castelo Branco* — Nicolau da Fonseca — 1923, Coimbra — Coimbra Editora — In-8.º de 51 pags. com retrato.

176 — *As favas negras* (Desforço literario) — 1924, Figueira da Foz — Tip. Popular. — Planqueta de 8 pags.

177 — *O parente de cincoenta e três monarcas* (Estudo genealogico) — 1924, Lisboa — Tip. da Emp. do Diario de Noticias — In-8.º de 18 pags.

178 — *Mad. de Paiva* (Narrativa biografica) — 1924, Lisboa — Casa Ventura Abrantes — In-8.º gr. de 14 pags.

179 — *Castilho e Camilo* — Notas de João Costa. (Corresponden-

tal — Ed. da Costa Santos — In-8.º de 272 pags. = 1898, Porto — Imp. Moderna — Lelo & Ir. — In-8.º de 271-1 pags.

140 — *Nostalgias* (Versos). — 1888, Porto — Tip. de Manuel Luis de Sousa Ferreira — In-8.º gr. de 54 pags.

141 — *Delitos da mocidade* (Miscelanea). — 1889, Porto — Tip. Elzeveriana — Ed. da Costa Santos — In-8.º de XII-4-269-2 pags. = 1905, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 260-4 pags. = 1918, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — In-8.º de 260-4 pags.

142 — *Vida do José do Telhado* (Narrativa). — 1889, Porto — João E. da Cruz Coutinho — In-8.º peq. de 20 pags.

143 — *Nas trevas* (Sonetos). — 1890, Lisboa — Tip. Cristovão — Tavares Cardoso & Ir. — In-8.º peq. de 87-5 pags.

144 — *Cartas de Camilo Castelo Branco a Joaquim de Araujo.* — 1894, Lisboa — Tip. da Academia Real das Sciencias de Lisboa — In-8.º de 11 pags.

145 — *Cartas de Camilo Castelo Branco a Silva Pinto.* — 1895, Lisboa — Tip. Matos Moreira & Pinheiro — Tavares Cardoso & Ir. — In-8.º peq. de XX-162 pags. = 1924, Lisboa — Tip. da Imprensa Portuguesa — Emp. Literaria Fluminense — In-8.º peq. de 160 pags.

146 — *O lubis-homem* (Comedia em 3 actos). — 1900, Lisboa — Imp. de Libanio da Silva — Guimarães, Libanio & C.ª — In-8.º de XXIV-91-3 pags. = 1908, Lisboa — Parc. A. M. Pereira — No vol. V — Teatro — In-8.º de pags. 5 a 116.

147 — *Dos filhos de S. Bento apenas dura...* (Oito versos). — 1900, Porto — Tip. Progresso — Cartão com $10^{cm} \times 6$.

148 — *Cartas de Camilo Castelo Branco a Francisco Martins Sarmento* — (Anotadas por João Meira). — 1905, Porto — Tip. Peninsular — In-4.º de 15-1 pags.

149 — *Tipos nacionais de Aveiro — José Luciano de Castro* — Do jornal Porto e Carta de 1855. «D. Rosaria dos Cogumelos» — (Critica). (1905) S/d e s/l — J. Bernardo — editor — In-8.º de 22 pags.

150 — *Folhetins de Camilo Castelo Branco, publicados na Aurora do Lima* (Miscelanea) — 1911, Viana do Castelo — Tip. Comercial — 2 folhetos in-8.º de 68 e 64 pags.

151 — *Poesias dispersas.* — 1913, Porto — Tip. Peninsular de A. D. e Sousa Reis. — In-8.º de 217-1 pags.

cia) — 1924, Coimbra — Imprensa da Universidade — In-8.º de XIV-2-316-2 pags., com retratos.

180 — *Dispersos de Camilo* — Compilação e notas de Julio Dias da Costa — 1924, Coimbra — Imp. da Universidade, 1.º vol. — In-8.º de XV-589 pags. com ilustrações. — 1.º de uma serie de 5 vols.

181 — *Noites de insonia* — Anotações do autor — Bettencourt Raposo — 1924, Lisboa — Of. graf. do Museu Comercial de Lisboa — J. Rodrigues & C.ª — In-8.º de 11-1 pag.

## II — DE COLABORAÇÃO

1 — *Óbolo ás crianças* (Miscelanea), com F. Martins Sarmento — 1887, Porto — Impr. em 13 tip. — In-8.º gr. de LXXXV-5-174-8 pags.

2 — *Carta de alforria*, n.º 1 do *Mensageiro*, com Tomás Ribeiro — 1889, Lisboa — In-8.º de 35-1 pags.

3 — *Sá de Miranda* (Estudo literario), com Antero de Quental — 1894, Lisboa — Comp. Nac. Editora — In-8.º de 31 pags.

## III — TRADUCÇÕES

1 — *Riquesas do pobre e miserias do rico* — 1858 — 1918, edição ilustrada — 1921, ed. ilust.

2 — *O genio do cristianismo*, de Chateaubriand — 1860 — 1864 — 1874 — 1888 — 1897 — 1910-11 — ed. ilustrada.

3 — *Fanny*, de Ernesto Feydeau — 1861 — 1862 — 1903 — 1914 — 1921.

4 — *Os martires*, de Chateaubriand — 1865 — 1898, ed. ilust. — 1908 — 1924.

5 — *A imortalidade, a morte e a vida*, de Baguenault de Puchesse — 1865 — 1866 — 1867 — 1903.

6 — *Romance de um rapaz pobre*, de Octavio Feuillet — 1865 — 1888, ed. ilust. — 1907 — 1914, ed. ilust. — 1917.

7 — *O inferno*, de A. Callet — 1871.
8 — *Amores do diabo*, de J. Cazotte — 1872 — 1917, ed. ilust. — 1918, ed. ilust.
9 — *A freira no subterraneo*, 1872 — 1875 — 1884 — 1902 — 1918, ed. ilustrada — 1922, ed. ilust.
10 — *Dicionario universal de educação e ensino*, de E. M. Campagne — 1873 — 1886-87.
11 — *Historia de Gabriel Malagrida*, do P.e Paulo Mury — 1875 — 1902.
12 — *A formosa Lusitania*, de Catarina Carlota, Lady Jackson — 1877, ed. ilustrada.
13 — *Scenas da hora final* — 1878.
14 — *O assassino do Macario* — 1886 — 1903.

## IV — OBRAS DE DIVERSOS AUTORES PUBLICADAS POR CAMILO

1 — *Memorias de fr. João de S. Joseph Queiroz, bispo do Grão-Pará* — 1868, Porto.
2 — *Poesias e prosas inéditas* de Fernão Rodrigues Lobo Soropita — 1868, Porto.
3 — *Colonias*, pelo antigo deputado José Cardoso Vieira de Castro — 1871, Porto.
4 — *Carta de guia de casados*, de D. Francisco Manuel de Melo — 1873, Porto.
5 — *Vida de el-rei D. Afonso VI* — 1873, Porto.
6 — *Ratos da inquisição*, de Antonio Serrão de Crasto — 1883, Porto.

## V — CATALOGOS

1 — *Catalogo metodico de livros antigos e modernos* — 1870, Porto.
2 — *Catalogo alfabetico* — Porto.
3 — *Catalogo da preciosa livraria do eminente escritor Camilo Castelo Branco* — 1883, Lisboa.

## VI—JORNAIS E REVISTAS QUE DIRIGIU

1 — *O Porto e Carta* — Porto, 1851-58.
2 — O *Cristianismo* — Porto, 1852.
3 — *O bico de gaz* — Porto, 1854.
4 — *A Cruz* — Porto, 1854-60.
5 — *O mundo elegante* — Lisboa, 1858-63.
6 — *O Ateneu* — Coimbra, 1859-60.
7 — *Gazeta literaria do Porto* — Porto, 1868.
8 — *Bibliografia portuguesa e estrangeira* — Porto, 1879-83.
9 — *Republicas* — Lisboa, 1884-86.

## VII—ESCRITOS ACERCA DE CAMILO, SUA VIDA E OBRA

1 — J. C. Vieira de Castro — *Camilo Castelo Branco* (Noticia sobre a sua vida e obras) — Porto, 1861 e 1862.
2 — Anselmo de Moraes — *Questão da propriedade literaria*, suscitada com a publicação do «Mosaico» — Porto, 1868.
3 — Anselmo de Morais — *Suplemento ao n.º 7 das Insonias* — Porto, 1874.
4 — Madame Rattazzi — *Lettre á M. Camilo Castelo Branco* — Lisboa, 1880.
5 — Historia e sentimentalismo — D. Antonio, Prior do Crato — Eusebio Macario — s/l s/d — In-8.º de 16 pags. (Criticas publicadas por E. Chardron).
6 — Marcelino Mesquita, Jaime Victor e Francisco de Almeida — *Camilos e Alexandres* — 1881.
7 — A D. Pinheiro e Silva — *O marquês de Pombal* (Modestos reparos ao livro de mr. C. Castelo Branco) — Aveiro, 1882.
8 — Alberto Pimentel — *Uma visita ao primeiro romancista português em S. Miguel de Seide* — Porto, 1885.
9 — Lugan & Genelioux — *A defesa dos livreiros* — Porto, 1886.
10 — Lugan & Genelioux — *A propriedade literaria* — Porto, 1886.

11 — Sena Freitas — *Perfil de Camilo Castelo Branco* — S. Paulo, 1887; Porto, 1888.
12 — P.e Almeida e Silva — *Impressões de um perfil ou autopsia de Camilo Castelo Branco* — S. Paulo, 1888.
13 — Freitas Fortuna — *Horas de luta* — Porto, 1889. (No prelo 2.ª edição).
14 — J. P. L. C. (Lima Calheiros) — *Catalogo das obras de Camilo Castelo Branco* — Porto, 1889.
15 — Silva Pinto — *Os contemporaneos — Camilo Castelo Branco* — Lisboa, 1889.
16 — Nuno Castelo Branco — *Protesto contra a suposta filha de Camilo Castelo Branco* — Porto, 1890.
17 — Agostinho Veloso da Silva — *Vida e historia de Camilo Castelo Branco* — Porto, 1890 (?)
18 — José Pedro de Lima Calheiros — *Aditamento e continuação do catalogo de obras de Camilo Castelo Branco* — Porto, 1890.
19 — Alberto Pimentel — *Romance do romancista* — Lisboa, 1890 e 1924.
20 — Barão de Paranapiacaba — *Elogio funebre de Camilo Castelo Branco* — Rio de Janeiro 1891.
21 — João Xavier da Mota — *Camiliana* — Rio de Janeiro, 1891.
22 — Henrique Marques — *Bibliografia camiliana* — Lisboa, 1894.
23 — Joaquim de Araujo — *Sobre o tumulo de Camilo* — Porto, 1890 e 1894. — Trad. italiana de Vittorio Baroncelli — Padova, 1896.
24 — Alberto Pimentel, filho — *Nosografia de Camilo Castelo Branco* — Porto, 1898 (2.ª edição no prelo).
25 — Alberto Pimentel — *Amores de Camilo* — Lisboa, 1899 e 1924.
26 — Alberto Pimentel — *Os netos de Camilo* — Lisboa, 1901.
27 — Cruz Magalhães — *Camilo Castelo Branco e a sua obra — Trechos curiosos* — Lisboa 1902 a 1909. Publicado na «Epoca» e no «Mundo».
28 — Lopes de Oliveira — *Intelectuais — II — Camilo Castelo Branco* — Lisboa, 1903.
29 — Antonio Joaquim (Manuel Francisco Reis) — *Rapsodia camiliana* — Porto, 1905.
30 — F. Tavares Proença — *Camilo Castelo Branco e Gabriel de Mortillet* — Coimbra, 1905.

31 — Paulo Osorio — *Camilo Castelo Branco* — Esboço de critica — Lisboa, 1905.
32 — Paulo Osorio — *Camilo Castelo Branco e o snr. Dr. Bombarda* — Porto, 1905.
33 — F. Tavares Proença Jr. — *Camilo Castelo Branco* — autobiografia — Coimbra, 1905.
34 — Alfredo de Pratt — *Memorias biograficas de Camilo Castelo Branco* — Coimbra, 1906.
35 — Pedro A. de Azevedo — *Antepassados de Camilo* — Lisboa, 1908 (2.ª edição no prelo, Casa Ventura Abrantes).
36 — Paulo Osorio — *Camilo* — a sua vida, o seu genio, a sua obra — Porto, 1908 e 1920.
37 — Jorge Faria — *Criminosos e degenerados em Camilo* — Coimbra, 1910, (2.ª edição no prelo).
38 — Oldemiro Cesar — *Camilo Castelo Branco* — Discurso proferido em S. Miguel de Seide — Porto, 1910.
39 — Silva Pinto — *Camilo Castelo Branco* — Notas e documentos, desagravos — Lisboa, 1910.
40 — Alberto Pimentel — *Memorias do tempo de Camilo* — A. A. — Porto, 1913.
41 — Antonio Cabral — *Camilo de perfil* — Lisboa, 1914 e 1922.
42 — Sergio de Castro — *Camilo Castelo Branco* — Tipos e episodios da sua galeria — 3 vols., Lisboa, 1914.
43 — Oldemiro Cesar — *Camilo Castelo Branco* — sua vida e sua obra — Lisboa, 1914 e 1919.
44 — Alberto Pimentel — *Notas sobre o « Amor de perdição »* — Lisboa, 1915.
45 — Alfredo de Faria — *Camiliana* — Arquivo de materiais para um monumento literario — Porto, 1916.
46 — Alberto Pimentel — *A primeira mulher de Camilo* — Lisboa, 1916.
47 — Camiliana — Separata da descrição bibliografica da colecção que pertenceu ao grande bibliógrafo Dr. Rodrigo Veloso — com uma introdução de Henrique Marques — Porto, 1916.
48 — José dos Santos — *Camiliana* — Lisboa, 1916.
49 — Afonso A. Nunes Branco — *Cartas ineditas da segunda mulher de Camilo Castelo Branco* — Lisboa, 1916.
50 — Teofilo Braga — *Camilo Castelo Branco* Esbôço biografico — — Lisboa, 1916.

51 — Custodio José Vieira — *Uma carta de Camilo na Biblioteca da Ajuda* — Lisboa, 1916.
52 — Claudio Basto — *Uma explicação por causa das tres cartas de Camilo* — Viana do Castelo, 1917.
53 — Archer de Lima — *Paixão e morte de Camilo* — Lisboa, 1917.
54 — Álvaro Neves — *Estudos camilianos* — Lisboa, 1917.
55 — Álvaro Neves — *Notas ao «Perfil do marquês de Pombal»* — Lisboa, 1917.
56 — Alberto Teles — *Camilo Castelo Branco* na cadeia da Relação do Porto — Lisboa, 1917.
57 — R. C. S. (Raul da Costa Santos) — *Noticia de alguns escritos acerca da vida e obras de Camilo Castelo Branco* — Lisboa, 1917.
58 — João Ruim (Paulo Jorge do Amaral Frasão) — *Camilistas* (Cartas a Bento Chumelgas) — Lisboa, 1917.
59 — *Os camilistas e a praga maldita dos livreiros* — Lisboa, 1917.
60 — Frazão de Vasconcelos — *Ascendencia materna do desembargador João de Barros* — Lisboa, 1917.
61 — João Paulo Freire (Mario) — *Entre gigantes* — Lisboa, 1917-1917.
62 — Manuel dos Santos — *Revista bibliografica camiliana* — Lisboa, 1917-23 — 2 vols.
63 — Julio Dias da Costa — *Camilo e o «Óbolo ás creanças»* — Lisboa, 1917.
64 — Visconde de Vila-Moura — *Fanny Owen e Camilo* — Porto, 1917.
65 — Visconde de Vila-Moura — *As cinzas de Camilo* — Porto, 1917.
66 — Oldemiro Cesar e Cruz Magalhães — *Em terra de ingratos* (Campanhas camilianas) — Lisboa, 1917.
67 — João Paulo Freire (Mario) — *Camilo Castelo Branco e as quadrilhas nacionais* — Lisboa, 1917.
68 — João Paulo Freire (Mario) — *Camilo Castelo Branco — a campanha da lapide* — Lisboa, 1917.
69 — João Paulo Freire (Mario) — *Terra Lusa — Camilo Castelo Branco em Vandoma* — Braga, 1917.
70 — Antonio Cabral — *Camilo desconhecido* — Lisboa, 1918.
71 — João Paulo Freire (Mario) — *Camilo Castelo Branco e Silva Pinto* — Lisboa, 1918.

72 — A. Manuel Gamito — *Camilo cego* — Lisboa, 1918.
73 — A. do Prado Coelho — *Camilo* — Lisboa, 1919.
74 — Santos Quintela — *Camilo* — Porto, 1921.
75 — José de Azevedo Menezes — *Camilo homenageado — O escritor da graça. e da beleza* — Famalicão, 1920.
76 — Maximiano Lemos — *Camilo e os medicos* — Porto, 1920.
77 — Branca dos Reis (Antonio Pinto de Sousa Lelo) — *Mulheres e corações* — Porto, 1920.
78 — João Paulo Freire (Mario) — *A casa de Camilo* — Porto, 1921.
79 — Alberto Pimentel — *O torturado de Seide* — Lisboa, 1921.
80 — Campos Monteiro — *Miss Esfinge* — Porto, 1921 e 1924 (3.ª edição no prelo).
81 — J. M. Teixeira de Carvalho — *Dois capitulos sobre Camilo Castelo Branco* — Coimbra, 1922.
82 — Laudelino Freire — *Estante classica da Revista da Lingua Portuguesa* (Camilo Castelo Branco) — Rio de Janeiro, 1922.
83 — Nuno Catarino Cardoso — *Camilo, mulheres e lagrimas* — Lisboa, 1922.
84 — Antonio da Costa Leão — *Camilo e o povo fora dos dicionarios* — Lisboa, 1922.
85 — Luis de Almeida Braga — *O significado nacional na obra de Camilo* — Lisboa, 1923.
86 — Nuno Catarino Cardoso — *Pensamentos de Camilo* — Lisboa, 1923.
87 — Nuno Catarino Cardoso — *Camilo, Fialho e Eça* — Lisboa, 1923.
88 — Castelo Branco Chaves — *A ideia da nobreza em Camilo* — Lisboa, 1923.
89 — Cardoso Marta — *Cartas de J. A. Freitas Fortuna a Ana Augusta Placido e a Camilo Castelo Branco* — Evora, 1924.
90 — José de Azevedo Menezes — *Relatorio do Museu Camilo* — Famalicão, 1924.
91 — Armando de Noronha (Joaquim Silverio Vieira) — *O amor e as mulheres — Mulheres e o amor* — Lisboa, 1924.
92 — *Catalogo do Museu camiliano de S. Miguel de Seide* — Famalicão, 1924.
93 — João Curioso (Conde de Pinheiro Domingues) (?) — *Camilo e as caturrices dos puristas* — Rio de Janeiro, 1924.

94 — Antonio Cabral — *Camilo e Eça de Queiroz* — Coimbra, 1924.
95 — Ludovico de Menezes — *Camilo* (Documentos e factos novos) Lisboa, 1924-25 — 2 vols. — (O 3.º volume no prelo).
96 — Caft — (Tavares de Carvalho) — *A minha casa de Camilo* — Lisboa, 1924.
97 — Artur Lamas — *Em que casa nasceu Simão Botelho?* — Porto, 1924.
98 — Albino Forjaz de Sampaio e Saavedra Machado — (Colecção Patricia. Os escritores) — *Camilo Castelo Branco* — Lisboa, 1924.
99 — Augusto Martins — *Para a historia do monumento a Camilo* — Porto, 1924.
100 — Carlos Babo — *Á beira do centenario de Camilo* — Lisboa, 1924.
101 — Recordação do leilão de livros realisado no Porto em Janeiro de 1925 — Brinde da Liv. Morais — (Dias da Costa) — Lisboa, 1925.
102 — Ramalho Ortigão — *Quatro grandes figuras literarias* (Camões, Garrett, Camilo e Eça — Lisboa, 1925.
103 — Julio Dias da Costa — *Palestras camilianas* — Lisboa, 1925.
104 — Henrique Marques — *Os editores de Camilo* — Lisboa — (No prelo).

## VIII — LIVROS EM RESPOSTA A OBRAS SUAS

1 — Coelho Lousada — *Na consciência* (Resposta ao romance *Onde está a felicidade?)* — Porto, 1857.
2 — J. J. Almeida Braga — *O primeiro acto* (Introdução ao drama *Ultimo acto*) — Braga, 1861.
3 — A. M. Cunha Belem — *Onde está a infelicidade!* (Resposta ao romance *Onde está a felicidade?* — Lisboa, 1865 (?)
4 — Alberto Pimentel — *Cristo não volta* (Resposta a *Voltareis, ó Cristo?)* — Porto, 1873.
5 — *Inferno e purgatorio* (Resposta ao sr. Camilo Castelo Branco, tradutor e prefaciador do *Inferno*, de Callet) — Lisboa, 1874.

6 — Avelino Augusto Cesar Calixto — *O sr. Camilo Castelo Branco e as suas notas á sebenta* — Porto, 1883 (2 edições) e 1891.
7 — José Maria Rodrigues — *Duas palavras ao sr. Camilo Castelo Branco* — Porto, 1883 e 1891.
8 — José Maria Rodrigues — *As evasivas do sr. Camilo Castelo Branco* — Porto, 1883 e 1891.
9 — José Maria Rodrigues — *A réplica do sr. Camilo Castelo Branco* — Porto, 1883 (2 edições) e 1891.

Lisboa, Janeiro de 1925.

LUIS FERREIRA LIMA



# INDICES

# INDICE DOS AUTORES E DOS ARTIGOS

[1] Das « Jornadas em Portugal ». Transcrição autorizada pelo autor.
[2] Das « Poesias escolhidas ». Transcrição autorizada pelo autor.

# INDICE DOS ARTISTAS DE QUE SE REPRODUZIRAM TRABALHOS NESTE «IN MEMORIAM»

# INDICE DAS GRAVURAS[1]

Este indice está dividido em secções, pela seguinte ordem: I. AUTOGRAFOS; II. CARICATURAS; III. CURIOSIDADES; IV. DESENHOS ARTISTICOS; V. ESCULTURAS; VI. FOTOGRAFIAS; VII. GRAVURA; VIII. LITOGRAFIAS; IX. PINTURAS; X. VÁRIA

## I.—AUTOGRAFOS

### *ASSINATURAS*



### *AUTOGRAFOS VARIOS*



### *CARTAS*



[1] Reservados os direitos de reprodução dos ineditos publicados neste «In Memoriam».

## IN MEMORIAM DE CAMILLO



## II.—CARICATURAS

### DE (RAFAEL) BORDALO PINHEIRO

DE (SEBASTIÃO) SANHUDO

DE (FRANCISCO) TEIXEIRA

## III. — CURIOSIDADES

### *CARTAZES, ANUNCIOS, PROGRAMAS E FILMAGENS*

*CERAMICA*



*DESENHOS*



*ROTULOS*

## IV. — DESENHOS ARTISTICOS

*A CARVÃO*

DE (JOÃO) SAAVEDRA MACHADO



*DESENHOS*

DE (RAFAEL) BORDALO PINHEIRO

# IN MEMORIAM DE CAMILLO

Pág.

DE (J.) SAAVEDRA MACHADO



DE (ALBERTO) SOUSA



DE STUART CARVALHAIS



DE AUTOR INDETERMINADO

## IN MEMORIAM DE CAMILLO

# IN MEMORIAM DE CAMILLO



*Observação final:* Há uma cabeça de Camilo, desenhada por Mario Augusto, que figura na 5.ª exposição de Arte, a realizar no Porto, no Atrio da Misericordia, em Março de 1925, por Fernando David, Mario Augusto, Mario Reis, Varela Aldemira, Jorge Segurado e Paulino Montez. Não se reproduziu neste «In Memoriam» por estar já completa a impressão d'este.

## V.—ESCULTURAS

## IN MEMORIAM DE CAMILLO

## VI — FOTOGRAFIAS

## IN MEMORIAM DE CAMILLO

## VII. — GRAVURA

### A AGUA FORTE



### EM MADEIRA

#### DE (FRANCISCO) PASTOR



#### DE (NOGUEIRA DA) SILVA



#### DE AUTOR INDETERMINADO



*Observação:* Ha mais gravuras em madeira que figuram neste livro, mas como assentam em desenhos, incluimo-las na secção de *Desenho*, observando no entanto, nas legendas, que são gravuras em madeira.

Pag.

### GRAVURA PROPRIAMENTE DITA



### A TALHO DOCE

DO PROF. (JOAQUIM PEDRO DE) SOUSA



## VIII. — LITOGRAFIAS

DE (M. CARDOSO) MARTA



DE (M.) PINTO

## IX. — PINTURA

### *A AGUARELA*

De (J.) SAAVEDRA MACHADO



DE SILVA (ass.)



DE (C.) SILVA



DE AUTOR INDETERMINADO

*CASA*

*Observação:* Nesta fotografia, tirada junto da memoria erigida por D. Ana Placido, para comemorar a visita de Castilho, Principe da Lira portuguesa, de Tomás Ribeiro e Eugenio de Castilho, figuram:

Sentados: Rodrigo Terroso, notario, e D. Raquel Castelo Branco, neta do romancista, tendo á sua esquerda seu sobrinho Camilo.

De pé, da direita para a esquerda: Arnaldo da Silva Maia, que serviu de testemunha; Daniel Augusto dos Santos, da Comissão; Antonio José Nogueira, professor em Seide e tambem testemunha; José de Azevedo e Menezes, presidente da Comissão; Camilo e Nuno Castelo Branco, netos de Camilo; D. Maria Barbosa, esposa de Camilo Simão, e Manuel, netos de Camilo; D. Ana Rosa Correia, mãe dos netos de Camilo; Francisco Correia de Mesquita Guimarães, tesoureiro da Comissão; Manuel Pinto de Sousa, secretario; Antonio Castelo Branco, sobrinho de Camilo, e Francisco Maria de Oliveira e Silva, da Comissão.

Nota dada pelo Sr. Henrique Marques.

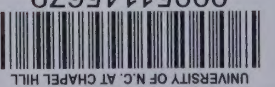
*Observação final:* Na 5.ª exposição de Arte, a realizar no Porto, no Atrio da Misericordia, em Março de 1925, por Fernando David, Mario Augusto, Mario Reis, Varela Aldemira, Jorge Segurado e Paulino Montez, figura um quadro a oleo que representa a casa de Camilo, em S. João de Arga.

# IN MEMORIAM DE CAMILLO

## CORRIGENDA

| Pag. | Linha | Onde se lê | Leia-se |
|---|---|---|---|
| 2 | 15 | *avigoram* | *avigora* |
| 29 | 3 | *equilibados* | *equilibrados* |
| 54 | 6 | *fiziamo-lo* | *faziamo-lo* |
| 58 | 2 | *da* | *do* |
| 68 | 12 | *chichotes* | *chicotes* |
| 74 | 29 | *joelheiros* | *joalheiros* |
| 87 | nota | *livro* | *livre* |
| 87 | » | *ministrade* | *ministrado* |
| 115 | 13 | *l'oppprimé* | *l'opprimé* |
| 115 | 30 | *se* | *si* |
| 118 | 33 | *Side* | *Seide* |
| 119 | 1 | *alienienistas* | *alienistas* |
| 119 | 10 | *febra* | *febre* |
| 121 | 19 | *secumbir* | *sucumbir* |
| 143 | 7 | *insoburdinado* | *insubordinado* |
| 144 | 16 | *genero* | *genro* |
| 145 | 3 | *condescencia* | *condescendencia* |
| 146 | 32 | *enxudiosa* | *enxundiosa* |
| 147 | 15 | *desembedasse* | *desembebedasse* |
| 149 | 29 | *agarrando* | *agarrado* |
| 150 | 10 | *das* | *dos* |
| 154 | 31 | *subiu* | *sahiu* |
| 159 | 30 | *d'ellas* | *d'elles* |
| 161 | 1 | *tano* | *nota* |
| 163 | 16 | *saberania* | *soberania* |
| 175 | 10 | *prantea-lo no* | *prantea-la na* |
| 179 | 28 | *resulta* | *resalta* |
| 183 | 12 | *consagra-lho* | *consagrar-lho* |
| 214 | 20 | *trinunfára* | *triunfára* |

| Pag. | Linha | Onde se lê | Leia-se |
|---|---|---|---|
| 215 | 20 | *erege* | *erige* |
| 243 | 3 | *um* | *uma* |
| 262 | legenda | *segundo* | *segunda* |
| 286 | 26 | *Cabe* | *Cabo* |
| 394 | 2 | *intantes* | *instantes* |
| 432 | 2 | *non* | *nom* |
| 432 | 8 | *espulgar* | *expurgar* |
| 432 | 18 | *on* | *ou* |
| 477 | legenda | *copia* | *capa* |
| 588 | » | *José* | *Ernesto* |
| 611 | 13 | *Maximiniano* | *Maximiano* |
| 619 | legenda | *Severine* | *Severini* |


00051145679
UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL